

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Everaldo dos Santos Mendes

**O ESTADO EM EDITH STEIN:
UMA REFLEXÃO ONTO-TEOLÓGICO-POLÍTICA DA “COMUNIDADE
ESTATAL” NA CONTEMPORANEIDADE**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade.

Rio de Janeiro
Março de 2020



Everaldo dos Santos Mendes

**O ESTADO EM EDITH STEIN:
UMA REFLEXÃO ONTO-TEOLÓGICO-POLÍTICA DA “COMUNIDADE
ESTATAL” NA CONTEMPORANEIDADE**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade
Orientador e Presidente
Departamento de Teologia — PUC-Rio

Profa. Maria Clara Lucchetti Bingemer
Departamento de Teologia — PUC-Rio

Prof. Luiz Fernando Ribeiro Santana
Departamento de Teologia — PUC-Rio

Prof. Luis Carlos de Carvalho Silva
Congregação do Santíssimo Redentor

Profa. Clélia Peretti
PUCPR

Rio de Janeiro, 05 de março de 2020

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Everaldo dos Santos Mendes

Teólogo [latino-americano], natural de Ipirá — Estado da Bahia [Brasil], talhado e esculpido no Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio.

Ficha Catalográfica

Mendes, Everaldo dos Santos

O Estado em Edith Stein: uma reflexão onto-teológico-política da “comunidade estatal” na contemporaneidade / Everaldo dos Santos Mendes; orientador: Paulo Fernando Carneiro de Andrade. — 2020.
614 f.: il. color. ; 30 cm

Tese [doutorado] — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2020.
Inclui bibliografia

1. Teologia — Teses. 2. Edith Stein. 3. Pessoa humana. 4. Experiência cristã de Deus. 5. Vida associativa. 6. Comunidade estatal. I. Andrade, Paulo Fernando Carneiro de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Ao meu pai,
Pedro Ribeiro Mendes [*in memoriam*].

À mamãe,
Eliete Prima dos Santos,
mulher de palavra [e pulso].

À vovó [materna],
Amanda Prima dos Santos.

Aos meus antepassados,
“[...]”, pois é justo e ao mesmo tempo conveniente,
numa ocasião como esta, dar-lhes este lugar de honra rememorando
os seus feitos [...]”.¹

Aos precursores de na
Edith Theresa Hedwing Stein
República Federativa do Brasil: Maria Anna Nabuco e
Manuel Bandeira [*in memoriam*].

À Profa. Dra. Geraldina Porto Witter [*in memoriam*],
que me possibilitou experiências — rigorosas — de ensino, pesquisa e produção
científica em psicologia, educação e letras.

À Profa. Dra. Wilma Magaldi Henriques,
que, na escuta e fala, conduziu-me — sensivelmente — à
psicologia clínica, poética [e mística].

Aos discentes de cursos de graduação e pós-graduação,
que com suas interrogações, por ocasião de nossos encontros — e reencontros —
acadêmico-intelectuais, impulsionaram-se a refletir sobre questões delineadas na
presente investigação do fundamento do Estado em Edith Stein na
contemporaneidade.

Às vítimas de atrocidades do Estado [moderno]
que se abateram sobre o mundo contemporâneo:
Europa [Auschwitz-Birkenau], América Latina e Caribe [*in memoriam*].

Na República Federativa do Brasil,
a cada ser humano — oblato [*oblatus*] —
que teve sua vida ceifada nas seguintes circunstâncias:

Ditadura[s] Militar[es]; Belo Monte [Canudos] — Estado da Bahia;
Casa de Detenção de São Paulo [Carandiru]: “[...] o maior presídio da América
Latina [...]”² — Estado de São Paulo; Hospital Colônia de Barbacena, Barragem
do Fundão de Mariana e Barragem Mina Córrego do Feijão de Brumadino —
Estado de Minas Gerais [*in memoriam*].

Às inúmeras vítimas
do coronavírus [covid-19] —
espalhadas pelo mundo — de modo especial,
os pobres [*in memoriam*].

¹ TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*, Livro II, § 36. In: _____. *História da Guerra do Peloponeso*. Trad. Mário da Gama Kury. 4. ed. Brasília: Universidade de Brasília — UnB, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

² VARELLA, D. *Estação Carandiru*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 22.

Agradecimentos

Expresso
a minha [eterna] gratidão às seguintes *pessoas*:

Santíssima Trindade
— Pai, Filho e Espírito Santo —
por me chamar à existência,
como pessoa humana: um eu consciente e livre,
que possui um corpo vivente, uma psique e um espírito.

Elite Prima dos Santos
— “mãe autêntica” —,
por não ter partido no dia 12 de outubro de 2016,
vítima das atrocidades do Estado.
[Naquele dia, vivi a Pietá. A mãe fui eu].

Amanda Prima dos Santos
— vovó [materna], “mãe suficientemente boa” —,
pela experiência de cuidado [*cura*], de compaixão — amor...

Profa. Jacira Mendes Mascarenhas,
por ter me mostrado as letras — do ABC — e o mundo.

Profa. Maria Bernadete Brandão [*in memoriam*],
Profa. Célia Brandão Bastos,
Profa. Lúcia Brandão Bastos e
Profa. Gilsa Brandão Bastos,
pela experiência de ensino-aprendizagem nos Anos Iniciais
do Ensino Fundamental [Primário] da
Escola Municipal Novo Achado —
Povoado de Coração de Maria [Ipirá — Bahia/Brasil].

Frei Gabriel Hamberg, O. Carm.
— mestre espiritual —,
por ter me introduzido aos estudos em Edith Stein —
Santa Teresa Benedita da Cruz [Breslau, 1891 — Auschwitz, 1942].

Prof. Dr. Paulo Fernando Carneiro de Andrade
— um mestre acadêmico-intelectual [Simão de Cirene] —, por
tudo que me possibilitou *ver* na investigação do Estado em Edith Stein.

Profa. Dra. Maria Clara Lucchetti Bingemer,
por suas sábias palavras, que me endereçaram a
uma *teopoética* em Edith Stein.

Profa. Dra. Clélia Peretti,
pela *presença* no meu itinerário
em Edith Stein.

Prof. Doutorando Marildo de Oliveira Lopes
[Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura — PPGLinC da Universidade
Federal da Bahia — UFBA], por me acudir
em língua e cultura inglesa.

Programa de Pós-graduação em Teologia,
da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio,
por ser um “ambiente de maturação” na reflexão teológica crítica da práxis
histórica do Estado na América Latina e no Caribe.

República Federativa do Brasil,
Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior —
CAPES — Ministério da Educação — MEC,
pela bolsa de estudo, apesar do corte de 2019.

Faculdade Católica de Feira de Santana — FACFS,
Instituição de Ensino Superior — IES mantida pela Arquidiocese de Feira de
Santana [Feira de Santana — Bahia/Brasil],
pela licença [não remunerada] a mim concedida no ano de 2019
como Diretor Geral Acadêmico.

Instituto Edith Theresa Hedwing Stein — ISTEIN,
neste ato representado por Fr. José Roberto Alves Santana,
pela experiência de comunidade [*Gemeinschaft*],
que me deixou mais rico de HUMANIDADE.

Resumo

Mendes, Everaldo dos Santos; Andrade, Paulo Fernando Carneiro de. **O Estado em Edith Stein**: uma reflexão onto-teológico-política da “comunidade estatal” na contemporaneidade. Rio de Janeiro, 2020. 614 p. Tese de Doutorado — Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa reflete sobre a questão do fundamento — onto-teológico-político — do Estado em Edith Stein na contemporaneidade, sob a perspectiva da teologia latino-americana. Partindo do método fenomenológico-historiobiográfico, optamos por realizar uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, que reuniu a história pessoal e os escritos de Edith Stein, em diálogo com seus mestres e estudos histórico-críticos do Estado na contemporaneidade. Para tanto, ordenamos, comparamos e examinamos, com recurso à poética sertaneja. Para Edith Stein, a pessoa humana — o eu consciente e livre — é composta por um corpo vivente [*Leibgestalt*], uma psique [*Seele*] e um espírito [*Geist*]. No seio do mundo, o eu consciente e livre vive de modo particular, mas ligado a uma estrutura universal. Por meio do ato *sui generis* da entropatia [*Einfühlung*], vivencia o “eu”, o “tu” — via de acesso ao “ser eterno” — e o “nós”. Na base do Estado, identificamos três modos de vida associativa: massa, sociedade [*Gesellschaft*] e comunidade [*Gemeinschaft*]. Na visão orgânica do Estado, deparamo-nos com os aspectos espiritual [soberania], psíquico [povo] e corpóreo [território], o que nos fez saber que o Estado necessita de um território do mesmo modo que a pessoa humana carece de um corpo para viver. Para fins do seu fundamento onto-teológico-político, o Estado reclama para si uma comunidade estatal, por ser o único modo de vida associativa capaz de abarcar a pessoa humana na sua totalidade existencial. Nos escritos de Edith Stein, a soberania — *condicio sine qua non* — está para o Estado assim como a liberdade está para a pessoa humana. Intersubjetivamente, a comunidade estatal insere-se na humanidade. Entropicamente, a Igreja pretende ser a comunidade que abarca a comunidade estatal e toda a humanidade.

Palavras-chave

Edith Stein. Pessoa humana; Experiência cristã de Deus; Vida associativa; Comunidade estatal.

Abstract

Mendes, Everaldo dos Santos; Andrade, Paulo Fernando Carneiro de [Advisor]. **The State in Edith Stein**: an onto-theological-political reflection about “state community” in contemporaneity. Rio de Janeiro, 2020. 614 p. Tese de Doutorado — Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research reflects on the issue of the onto-theological-political foundation of the State in Edith Stein in contemporaneity, from the perspective of Latin American theology. Based on the phenomenological-historiobiographical method, we chose to conduct a qualitative bibliographical research that brought together Edith Stein's personal history and writings, in dialogue with her masters and historical-critical studies regarding the State in contemporaneity. For this purpose, we ordered, compared and examined, using poetry [poética sertaneja]. For Edith Stein, the human person — the conscious and free self — is composed of a living body [*Leibgestalt*], a psyche [*Seele*] and a spirit [*Geist*]. We exist in a particular way, but linked to a universal structure. Through the sui generis act of entropathy [*Einfühlung*], you experience the “self”, the “other” — the access way to the “eternal being” — and the “us”. At the base of the State, we identify three associative ways of life: mass, society [*Gesellschaft*], and community [*Gemeinschaft*]. In the organic view of the State, we are faced with the following aspects: spiritual [sovereignty], psychic [people] and corporeal [territory], which made us know that the State needs a territory in the same way that the human person needs for itself a body to live. For the purposes of its onto-theological-political foundation, the State claims for itself a state community for having proved to be the only associative way of life capable of embracing the human person in its existential wholeness. In Edith Stein's writings, sovereignty — *condicio sine qua non* — is to the State as freedom is to the human person. Intersubjectively, the state community fits into humanity. Entropathically, the Church intends to be the community that embraces the state community and all humanity.

Keywords

Edith Stein. Human person; Christian experience of God; Associative life; State community.

Sumário

INTRODUÇÃO	12
PARTE I — A TEOLOGIA DA CRUZ DE EDITH STEIN	51
1 A VIDA INTELECTUAL DE EDITH STEIN	52
1.1 O TEATRO DA VIDA DE EDITH STEIN.....	57
1.2 A BUSCA DA VERDADE DE EDITH STEIN	78
1.2.1 HISTORIOBIOGRAFIA E CARTAS [1916 — 1942].....	86
1.2.2 FENOMENOLOGIA [1915 — 1920]	101
1.2.3 PENSAMENTO CRISTÃO [1921 — 1936]	122
1.2.4 ANTROPOLOGIA E PEDAGOGIA [1926 — 1933].....	128
1.2.5 TEOLOGIA E ESPIRITUALIDADE: MÍSTICA [1933 — 1942].....	139
2 EDITH STEIN NA TERRA DE VERA CRUZ	147
2.1 A DIFUSÃO DO CONHECIMENTO DE EDITH STEIN.....	170
2.1.1 LIVROS E PEÇAS DE TEATRO	1855
2.1.2 FILMES E VÍDEOS	202
2.1.3 TESES E DISSERTAÇÕES	209
2.1.4 INICIAÇÃO CIENTÍFICA, MONOGRAFIAS E ARTIGOS	215
2.2 A QUESTÃO DO ESTADO EM EDITH STEIN	222
2.3 NO MEIO DO CAMINHO, DUAS PEDRAS	227
PARTE II — A VIDA POLÍTICA EM EDITH STEIN	247
3 A ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA DE EDITH STEIN	248
3.1 O QUE É O HOMEM?	253
3.2 A VIVÊNCIA <i>SUI GENERIS</i> DA ENTROPATIA.....	274
3.3 PESSOA HUMANA, <i>DASEIN</i> E ESTADO	306
4 A VIDA ASSOCIATIVA EM EDITH STEIN	323
4.1 MASSA: VÍNCULOS CORPÓREO-PSÍQUICOS	327
4.2 SOCIEDADE [<i>GESELLSCHAFT</i>]	344
4.3 COMUNIDADE [<i>GEMEINSCHAFT</i>].....	353
5 A ESTRUTURA ÔNTICA DO ESTADO EM EDITH STEIN	379
5.1 A COMUNIDADE ESTATAL.....	385
5.1.1 SOBERANIA [<i>CONDITIO SINE QUA NON</i>]	392
5.1.2 POVO	406
5.1.3 TERRITÓRIO	416

5.2 O ESTADO COMO PORTADOR DA HISTÓRIA	428
5.3 ESTADO, EDUCAÇÃO E RELIGIÕES.....	435
5.4 A VIDA ÍNTIMA DE EDITH STEIN	456
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	485
REFERÊNCIAS	560

O herói plurissolerte disse-lhe em resposta:
“Alcínoo insigne, magno soberano, é belo
ouvir cantor da magnitude do aqui
presente, ícone de um deus no tom de voz.
Permito-me dizer não existir prazer
maior que ver o júbilo tomando conta
das gentes, os convivas escutando o bardo
na sala, cada qual na própria sédia, a mesa
plena de pães e viandas, o escanção vertendo
o vinho da cratera sobre a taça: nada
se me afigura à ânlma tão deileável! [...]”³

³ HOMERO. *Odisseia*, IX. In: _____. *Odisseia*. Trad. Trajano Vieira. 3. ed. São Paulo: 34, 2014.

INTRODUÇÃO

No princípio era o Verbo [λόγος]
e o Verbo [λόγος] estava com Deus
e o Verbo [λόγος] era Deus.
No princípio ele estava com Deus.
[...]
E o Verbo [λόγος] se fez carne,
e habitou entre nós;
e nós vimos a sua glória,
glória que ele tem junto ao Pai
como Filho único,
cheio de graça e de verdade.⁴

Historicamente, as teorias do Estado — delineadas em suas mais diversas orientações — partem da ideia de que o Estado é uma forma de *sociedade* [*Gesellschaft*].⁵ Politicamente, reconhece-se como um momento inevitável da estrutura — ôntica — do Estado o fato de que nele vivam sujeitos que exerçam funções inteiramente determinadas em sua construção. Nas reflexões de Edith Stein, “[...] um método possível para analisar essa estrutura seria examinar primeiramente as distintas formas de convivência possíveis dos sujeitos no Estado [...]”⁶.

No início do século XX, Edith Stein compõe *Contribuições à Fundamentação Filosófica da Psicologia e das Ciências do Espírito* [*Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften*], delineado em dois estudos: 1] *Causalidade Psíquica* [*Psychische Kausalität*, 1918]; 2] *Indivíduo e Comunidade* [*Individuum und Gemeinschaft*, 1919].⁷ Partindo da oposição que o sociólogo alemão Ferdinand Tönnies — um dos pioneiros das ciências sociais — faz entre comunidade [*Gemeinschaft*] e sociedade [*Gesellschaft*],

⁴ BÍBLIA, N. T. 1 João. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 1, vers. 1-2, 14.

⁵ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005a.

⁶ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005a, p. 527:

“[...] un método posible para analizar esa estructura sería examinar primeramente las distintas formas de convivencia, que en principio sean posibles, de los sujetos en el Estado [...]”. [Tradução livre].

⁷ STEIN, E. *Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften. Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung*, vol. V, Max Niemeyer Verlag, Tübingen, 1922.

Edith Stein analisa no presente escrito em que sentido os indivíduos se relacionam ou participam destas formas sociais.⁸ Para Ferdinand Tönnies, “[...] a comunidade mesma deve ser entendida a modo de organismo vivo, e a sociedade como agregado e artefato mecânico”.⁹

Nos escritos de Edith Stein, o modo de vida associativa mais elementar é a *massa*, que se caracteriza pelo fato de que os indivíduos que a constituem se influenciam reciprocamente sem saberem nada da influência que exercem ou que experimentam e sem vivenciarem seus comportamentos, que essa influência recíproca pode torná-los *homogêneos, comuns*. Para Edith Stein, a massa existe unicamente enquanto os indivíduos que a compõem encontram-se efetivamente em contato, vindo a dissolver-se quando esse contato cessa.¹⁰

De acordo com Edith Stein, não existe na massa nenhuma organização que persista mais do que estar juntos. Tampouco existe alguma forma de estar juntos que se revele desligada dos indivíduos e que venha a ser objetiva. Para Edith Stein, tais formas objetivas — as instituições estatais em sentido amplo — encontram-se onde quer que falamos de Estados. Na medida em que estão desenhadas pela estrutura do Estado, a massa não pode ser considerada como a forma típica da convivência no Estado. No entanto, isto não exclui que — dentro de um Estado — os indivíduos, frequentemente, agrupem-se para fins de constituição de uma massa. Nem exclui que isto possa ser de importância

⁸ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

⁹ TÖNNIES, F. *Comunidad y sociedad*. Trad. José Rovira Armengol. Buenos Aires: Losada, S. A., 1947, p. 21:

“[...] la comunidad misma deba ser entendida a modo de organismo vivo, y la sociedad como agregado y artefacto mecánico”. [Tradução livre].

¹⁰ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

decisiva enquanto à forma do Estado. Portanto, “[...] não se poderá compreender em modo algum desta maneira a estrutura do Estado”.¹¹

No interior do Programa de Pós-graduação [*Stricto Sensu*] em Teologia: Teologia Sistemático-pastoral — PROGTEO do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio, a problemática vivenciada na Linha de Pesquisa Religião e Modernidade abriu-nos um leque de possibilidades, dentre as quais elegemos uma investigação do Estado como uma pessoa [jurídica] em Edith Stein, que possui soberania [espírito] — *conditio sine qua non* —, povo [psique] e território [corpo]. Na opinião de Edith Stein, “[...] isto parece indicar que temos que buscar seu lugar no reino do espírito [...]”.¹²

Nos escritos de Edith Stein, não escavamos nenhuma função espiritual na massa. Prosseguimos, pois, a nossa “arqueologia”. Na comunidade [*Gemeinschaft*] escavamos um ser especificamente fundado no espírito, caracterizado por aquilo que falta à massa: que os indivíduos vivam nela em comum, uns com os outros no sentido *estricto* do termo; que ninguém permaneça absorvido — como acontece com os indivíduos que vivem na massa — em sua própria vivência, mas que os outros lhe são dados como companheiros de sua vida — e o indivíduo, intersubjetivamente, sente que pertence a uma comunidade que, por sua parte, é o sujeito de uma vida própria.¹³

Para Edith Stein, na vida comunitária

[...] se constituem formas estáveis cuja realização pode ser assumida sucessivamente por diversos indivíduos. Temos, pois,

¹¹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 528:

“[...] no se podrá comprender en modo alguno de esta manera la estructura del Estado”. [Tradução livre].

¹² STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 528:

“[...] y esto parece indicar que tenemos que buscar su lugar en el reino del espíritu [...]”. [Tradução livre].

¹³ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

aquí, uma “organização” distinta dos indivíduos mesmos, a qual parece que nos aproxima da condição do Estado [...].¹⁴

Por conseguinte, identificamos nos escritos de Edith Stein um terceiro tipo — essencial — de vida associada: a sociedade [*Gesellschaft*]. Para Edith Stein, o peculiar da sociedade é que — em contraste com a comunidade [*Gemeinschaft*] — os indivíduos são objetos uns para os outros — e não sujeitos que vivem juntos como na comunidade. Isto tem que ser tomado *cum grano salis*, por não se tratar simplesmente de objetos, mas de sujeitos objetivados — e de onde esta objetivação pressupõe o simples tomar como o sujeito próprio da atitude comunitária.¹⁵

Nos escritos de Edith Stein, a sociedade [*Gesellschaft*] é uma variante racional da comunidade [*Gemeinschaft*]:

[...] o que se produz, “por si mesmo”, na convivência ingênua, isso mesmo é suscitado na vida social por atos deliberados claramente conscientes. Se incrementa a comunidade, a sociedade é instituída. As formas da comunidade se desenvolvem; cria-se as formas de sociedade.¹⁶

Pela excelência das palavras, vale realçar:

[...] quando uma pessoa se situa como *sujeito* frente a outra pessoa como *objeto*, examina-a e “trata-a” de acordo com um plano estabelecido baseado no conhecimento adquirido e obtém dela os efeitos pretendidos, então ambas convivem em *sociedade*. Por outro lado, quando um sujeito aceita um outro *como sujeito* e não só está frente a ele, mas que *vive com ele* e é determinado por seus movimentos vitais, neste caso os dois sujeitos constituem entre si uma *comunidade*.¹⁷

¹⁴ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 528:

[...] se constituyen formas estables cuya realización puede ser asumida sucesivamente por diversos individuos. Tenemos, pues, aquí una “organización” distinta de los individuos mismos, lo cual parece que nos acerca a la condición del Estado [...]. [Tradução livre].

¹⁵ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁶ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 529:

[...] Lo que se produce “por sí mismo” en la convivencia ingenua, eso mismo es suscitado en la vida social por actos deliberados claramente conscientes. Se incrementa la comunidad; la sociedad queda instituida. Las formas de la comunidad se desarrollan; se crean las formas de la sociedad. [Tradução livre].

¹⁷ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920].

No ano de 1925, a preocupação — antropológica e política — de Edith Stein com o ser humano e com a realidade que o envolve levou-a a afrontar diretamente a questão do Estado num escrito fundamental, intitulado *Uma investigação sobre o Estado [Eine Untersuchung über den Staat]*, publicado no Volume VII do Anuário de Husserl: *Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung*.¹⁸

[...] Este ensaio depende, até certo ponto, de conceitos e distinções elaborados com maior profundidade em um texto intitulado “Indivíduo e Comunidade”, que constituiu uma parte de seu trabalho para a *Habilitationsschrift*, mas que também pode ler-se como um trabalho de investigação independente. Trata-se de um texto filosófico, não comprometido com as questões políticas do momento. Parte de seu interesse é que mostra quão longe se encontrava Stein das posições que havia mantido em 1917 [...].¹⁹

Na opinião de Alasdair MacIntyre, pode-se assinalar três pontos essenciais da concepção de Estado de Edith Stein:

Em primeiro lugar, enquanto que em 1917 havia falado do Estado como a forma que toma o *Volk* [povo] quando organiza sua vida, agora, em 1921, distingue claramente *Volk* de Estado [...].

Em segundo lugar, Stein mantém que o Estado não pode compreender-se nem em termos de *Gemeinschaft* [comunidade] nem de *Gesellschaft* [sociedade] [...].

Em terceiro lugar, do ponto de vista de Stein, ser soberano é ter autoridade como poder para elaborar, interpretar e fazer cumprir as leis [...].²⁰

vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 344:

[...] cuando una persona se sitúa como *sujeto* ante otra persona como objeto, la examina y la “trata” según un plan establecido basado en el conocimiento adquirido y obtiene de ella los efectos pretendidos, entonces ambas conviven en *sociedad*. Por el contrario, cuando un sujeto acepta al otro *como sujeto* y no solo está ante él sino que además *vive con él* y es determinado por sus movimientos vitales, en este caso los dos sujetos constituyen entre s una *comunidad*. [Tradução livre].

¹⁸ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos [Etapa fenomenológica: 1915-1920]*. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁹ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*. Trad. Felician Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008, p. 167:

[...] Este ensayo depende, hasta cierto punto, de conceptos y distinciones elaborados con mayor profundidad en un texto titulado “Indivíduo y Comunidad”, que constituyó una parte de su trabajo para la *Habilitationsschrift*, pero que también puede leerse como un trabajo de investigación independiente. Se trata de un texto filosófico, no comprometido con las cuestiones políticas del momento. Parte de su interés es que pone de manifiesto lo lejos que se encontraba Stein de las posiciones que había mantenido en 1917 [...]. [Tradução livre].

²⁰ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*. Trad. Felician Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008, p. 167:

No caso do primeiro ponto, um povo [*volk*] pode sobreviver e florescer independentemente do Estado. Do mesmo modo, um Estado pode sobreviver e florescer como Estado — soberano — para um determinado número de povos, sem carecer de nenhuma homogeneidade étnica e cultural para sujeitar os vínculos políticos e os propósitos comuns fundamentais para a vida de um Estado.²¹

Na interpretação de Edith Stein, os propósitos do Estado não são nem os da comunidade [*Gemeinschaft*] e nem os da sociedade [*Gesellschaft*] que servem a fins externos e procedentes. Para Edith Stein, a situação do cidadão é, agora, diferente. Notadamente, o que distingue o Estado de outras instituições é a soberania — *conditio sine qua non* — e para que o Estado defina-se a si mesmo como soberano os cidadãos devem considerá-lo livremente como soberano.²²

Por sua vez, o Estado deve reconhecer que os cidadãos — indivíduos — são livres, o que significa que o exercício de sua soberania deve ser limitado. No pensamento de Edith Stein, soberania não equivale a autosuficiência. Politicamente, o que se necessita para manter a soberania do Estado é que os cidadãos a reconheçam de forma permanente — um reconhecimento derivado dos acordos compartilhados subjacentes que se expressam em fins comuns compartilhados ou na direção até ditos fins. Existe, pois, uma relação entre a estabilidade política e os valores da comunidade [*Gemeinschaft*], se bem que o tipo de comunidade que se requer não é a do simples povo [*Volk*].²³

[...] O Estado não descansará no acordo, mas no uso da força coercitiva, onde exista pouco ou nada em comum entre, por uma

En primer lugar, mientras que en 1917 había hablado del estado como la forma que toma el *Volk* [pueblo] cuando organiza su vida, ahora, en 1921, distingue claramente entre *Volk* y estado [...].

En segundo lugar, Stein mantiene que el estado no puede comprenderse ni en términos de *Gemeinschaft* [comunidad] ni de *Gesellschaft* [sociedad] [...].

En tercer lugar, desde el punto de vista de Stein, ser soberano es tener autoridad como poder para elaborar, interpretar y hacer cumplir las leyes [...]. [Tradução livre].

²¹ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico*, 1913 — 1922. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008.

²² MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico*, 1913 — 1922. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008.

²³ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico*, 1913 — 1922. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008.

parte, os fins perseguidos e os valores defendidos pelo Estado e, por outra, os fins e os valores que informam a vida comunitária de seus cidadãos.²⁴

No que tange à soberania do Estado, a legislação — do ponto de vista de Edith Stein — tem como fim servir ao bem comum. Temos uma concepção do direito e das normas eternas e imutáveis que o informam que são válidas para todo tempo e lugar. Promulgadas e impostas pelo Estado, as leis positivas variam de um Estado para outro e também variam quão longe estão de coincidirem com os preceitos eternos do direito como tal.²⁵

Na sua obra de relevo — intitulada *Teologia da Libertação: perspectivas* [*Teología de la Liberación*, 1972] —, Gustavo Gutiérrez escreve: “[...] todo falar é marcado por um acento característico [...]”.²⁶ No “Episódio Senhor dos Passos”, expressa-se:

Hoje, dia 29 de dezembro de 2005,
às 19h20min. — espírito do Mistério do Natal —,
ali na Avenida Senhor dos Passos
— imediações da Igreja de Senhor dos Passos —
da Feira de Santana [Bahia/Brasil]
vi o pão partido, não compartilhado: subtraído!

No tabuleiro da baiana, acarajés [abará etc.]!
Na Avenida Senhor dos Passos,
a vida, tal como ela se manifesta!
Na carne, a fome de um homem [jovem]; de pão?
Senhor dos Passos: não só de pão vive o homem [...]!
De pão-acarajé?

— Por favor, dê-me um[a] acarajé!
— R\$6,00 [seis reais], completo!
— Por favor, embale-o para viagem!
Paguei-o, peguei-o; despedi-me...
Segui na Avenida Senhor dos Passos.
Seguiu-me Senhor dos Passos?

Arrebatou-me o pão: o homem faminto?
Pão partido; pão não compartilhado: pão subtraído!
No chão, o pão caído foi devorado!
E exclamou o teólogo: “*fractio panis*”!

²⁴ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico*, 1913 — 1922. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008, p. 168:

[...] El estado no descansará en el acuerdo, sino en el uso de la fuerza coercitiva, allí donde exista poco o nada en común entre, por una parte, los fines perseguidos y los valores defendidos por el estado y, por otra, los fines y los valores que informan la vida comunitaria de sus ciudadanos. [Tradução livre].

²⁵ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico*, 1913 — 1922. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008.

²⁶ GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação: Perspectivas*. Trad. Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva e Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 36.

Hoje, na Avenida Senhor dos Passos,
a humanidade perdeu os passos!²⁷

Nossa pesquisa teológica — inédita no terreno da investigação do Estado em Edith Stein, sob a perspectiva da teologia latino-americana da libertação: “[...] um movimento vasto, presente em diferentes áreas da humanidade [...]”²⁸ — põe a vista no ser humano concreto, com um olhar não enviesado, para levá-lo a que fale ele mesmo. Na história pessoal e nos escritos de Edith Stein escavamos um modo de vida associativa peculiar para o fundamento — onto-teológico-político — do Estado, capaz de abarcar a pessoa humana na sua totalidade existencial. Identificamos que o Estado pode constituir-se sobre a base de uma comunidade estatal: a comunidade dos indivíduos que vivem no Estado.

Para dar o corte necessário à nossa investigação do Estado em Edith Stein, elegemos: I — Objeto material: a questão do fundamento do Estado em Edith Stein; II — Objeto formal: a comunidade estatal como fundamento onto-teológico-político do Estado em Edith Stein.

Na opinião de Edith Stein, por mais que a filosofia e a teologia colaborem para levantar o edifício da metafísica, o modo de proceder de cada uma dessas ciências é essencialmente distinto:

No prólogo de sua *Summa* teológica, santo Tomás expõe a diferença e a justificativa independente de ambas as ciências com perfeita claridade. Distinguem-se por seu objeto como por seu método. O objeto da teologia é Deus, e quando estuda o mundo o faz só em ambos o modo de ser próprio de Deus, como criador e redentor faz-se necessário incluir na exposição a origem das coisas em Deus e seu retorno a Ele. O objeto da filosofia é o mundo criado, e quando estuda Deus o faz só em ambos que detecta que as criaturas remetem a Ele.²⁹

²⁷ MENDES, E. S. Episódio Senhor dos Passos. In: _____. *Psicologia clínica e biblioterapia: a esperança no conto Baleia de Graciliano Ramos*. 2006. 104 f. Monografia [Licenciatura em Letras: Português e Literaturas da Língua Portuguesa]. Faculdade Nossa Senhora de Lourdes — FNSL, Porto Seguro [BA], 2006, p. 9.

²⁸ GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação: Perspectivas*. Trad. Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva e Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 47.

²⁹ STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, pp. 588-589:

En el prólogo de su *Summa* teológica, santo Tomás ha expuesto la diferencia y la justificación independiente de ambas ciencias con perfecta claridad. Se distinguen por su objeto como por su método. El objeto de la teología es Dios, y cuando estudia el mundo lo hace sólo en tanto el modo

Evidentemente, a diferença dos objetos implica a diferença dos meios e métodos de conhecimento:

[...] a teologia bebe da Revelação, servindo-se do entendimento natural para tornar compreensível aos homens, na medida do possível, as verdades de fé [*fides quaerens intellectum*], para ordená-las e para desenvolver suas consequências. A filosofia bebe do conhecimento natural. Tem em conta as verdades de fé como critério que lhe permite submeter à crítica seus próprios resultados: dado que só existe uma verdade, não pode ser verdadeiro nada que contradiga à verdade revelada. Serve também à teologia, por quanto lhe proporciona o aparato conceitual e metodológico que esta precisa para expôr as verdades de fé [...].³⁰

Nas letras de Gustavo Gutiérrez — o mestre da teologia da libertação —, “a teologia como reflexão crítica da práxis histórica à luz da Palavra não só substitui as demais funções da teologia, como sabedoria e como saber racional, mas as sopõe e delas necessita [...]”.³¹ Não se trata de simples justaposição. O que-fazer crítico da teologia leva necessariamente a uma definição das outras duas tarefas. É evidente, pois, que sabedoria e saber racional terão daí em diante, mais explicitamente, como ponto de partida e como contexto a práxis histórica.

[...] Em referência obrigatória a ela é que se deverá elaborar o conhecimento do progresso espiritual a partir da Escritura; nela igualmente a fé recebe as questões que lhe apresenta a razão humana. A relação fé-ciência situar-se-á no contexto da relação fé-sociedade e no da consequente ação libertadora.

Este tipo de teologia que parte da atenção a uma problemática peculiar dar-nos-á, talvez, por caminho modesto, porém sólido e

de ser propio de Dios, como creador y redentor hace necesario incluir en la exposición el origen de las cosas en Dios y su vuelta a Él. El objeto de la filosofía es el mundo creado, y cuando estudia a Dios lo hace sólo en tanto que detecta que las criaturas remiten a Él. [Tradução livre].

³⁰ STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, pp. 588-589:

[...] la teología bebe de la Revelación. Solamente se sirve del entendimiento natural para [27] hacer comprensibles a los hombres, en la medida de lo posible, las verdades de fe [“*fides quaerens intellectum*”], para ordenarlas y para desarrollar sus consecuencias. La filosofía bebe del conocimiento natural. Tiene en cuenta las verdades de fe como criterio que le permite someter a crítica sus propios resultados: dado que sólo existe una verdad, no puede ser verdadero nada que contradiga a la verdad revelada. Sirve también a la teología, por cuanto le proporciona el aparato conceptual y metodológico que ésta precisa para exponer las verdades de fe [...]. [Tradução livre].

³¹ GUTIÉRREZ, G. *Teología da Libertação: perspectivas*. Trad. Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva e Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 71.

permanente, a *teologia em perspectiva latino-americana* que se deseja e se necessita [...].³²

No século XX, Gustavo Gutiérrez — em *Teologia da Libertação: perspectivas* — propõe uma teologia como reflexão crítica da práxis histórica; uma teologia latino-americana libertadora; uma teologia da transformação libertadora da história da humanidade, e da porção dela — reunida em *ecclesia* — que confessa abertamente Jesus Cristo.³³

[...] Trata-se de aprofundar-se na fé em um Deus que se fez um de nós em dado momento da história passada para converter-se em nosso permanente futuro. Essa fé que nos chega por meio da Tradição deve ser refletida, considerando a experiência crente e o compromisso daqueles que acolhem a libertação em Cristo.³⁴

Na sua constituição originária, a teologia latino-americana não se limita a uma reflexão sobre o mundo — como muitos que nos antecederam se preocuparam³⁵ —, mas procura situar-se como um momento do processo por meio do qual o mundo é transformado: abrindo-se — no protesto diante da dignidade da pessoa humana pisoteada por chefes de Estados, dentre estas Edith Stein, na luta contra a espoliação da imensa maioria da humanidade, no amor que liberta, na construção de uma nova comunidade estatal, justa e fraterna — ao dom do Reino de Deus.³⁶

Pranto e silêncio e grito
é a palavra que me enche agora
a boca e o espírito.
Que nunca ainda
eu havia chegado a entender, mãe:
a li-ber-da-de!

[Com todos os que lutaram e morreram
por Ela:
com todos os que a cantaram e a sofreram
e sonharam ...
eu a canto e a sofro
– e a faço, também um pouco –
a livre Liberdade!

³² GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação: perspectivas*. Trad. Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva e Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 72.

³³ GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação: perspectivas*. Trad. Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva e Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2000.

³⁴ GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação: perspectivas*. Trad. Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva e Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2000, pp. 32-33.

³⁵ MARX, K. Teses sobre Feuerbach [1845]. In: MARX, K., ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Moraes, 1984.

³⁶ GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação: perspectivas*. Trad. Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva e Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2000.

Aquela, quero dizer, mãe, total,
com que Cristo nos libertou.]

Se me batizas outra vez, um dia,
com a água dos soluços e da memória,
com o fogo da morte e da Glória ...
diz a Deus e ao mundo
que me puseste
o nome
de Pedro Liberdade!³⁷

Na linha da experiência pessoal, “[...] não me assente o senhor por beócio. Uma coisa é pôr ideias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias... [...]”.³⁸

[...] Os meus livros, em essência, são “anti-intelectuais” — defendem o altíssimo primado de intuição, de revelação, de inspiração sobre o bruxolear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, a megera cartesiana. Quero ficar com o Tao, com os Vedas e Upaxinades, com os Evangelistas e São Paulo, com Platão, com Plotino, com Bergson, com Berdiaeff — com Cristo, principalmente, [...]”.³⁹

Homero — no Canto XIV de *Odisseia* — ensina-nos que, já que ajoelhamos, cumpre-nos rezar:

[...] Ouvi, Eumeu e amigos!
Permito-me narrar um caso, pois me instiga
o vinho ensandecido que até mesmo ao sábio
impõe o canto e o riso irreverente, e o impulsiona
à dança e o faz dizer o que seria bem
melhor calar. Mas comecei, avanço...⁴⁰

Esta pesquisa objetivou, de modo geral, refletir sobre a questão do fundamento — onto-teológico-político — do Estado em Edith Stein na contemporaneidade, sob a perspectiva da teologia latino-americana. Na nossa reflexão teológico-crítica da práxis histórica do Estado consideramos não só o contexto filosófico que originou os escritos de Edith Stein — assim como a pesquisa e produção de científica de seus contemporâneos —, mas principalmente sua história pessoal — Historiobiografia —, circunscrita num contexto sócio-estatal-dramático. Especificamente, escavamos a história pessoal e os escritos de Edith Stein; discutimos a difusão do conhecimento

³⁷ CASALDÁLIGA, P. *Antologia retirante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 189.

³⁸ ROSA, J. G. *Grande sertão: Veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 25.

³⁹ ROSA, J. G.; BIZZARRI, E. *João Guimarães Rosa: Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 90.

⁴⁰ HOMERO. *Odisseia*, XIV. In: _____. *Odisseia*. Trad. Trajano Vieira. 3. ed. São Paulo: 34, 2014.

de Edith Stein no Estado brasileiro, bem como sua contribuição para a constituição histórica da teologia, filosofia, ciências humanas e ciências sociais aplicadas, pondo a vista no cenário político; discutimos a antropologia teológica de Edith Stein; discorremos sobre a vida associativa em Edith Stein e descrevemos a estrutura ôntica do Estado em Edith Stein.

Para a teologia latino-americana, desvelar que a cultura moderna ocidental percorreu um caminho da comunidade [*Gemeinschaft*] à sociedade [*Gesellschaft*], e que o tipo mecânico de vida em comum impregnou e dissolveu o tipo orgânico, revela-se a mais moderna compreensão da nova sociologia e teologia política, entendida como um autoconhecimento genético da humanidade contemporânea. Não nos resta dúvida de que a comunidade é a expressão e o desenvolvimento da vontade original — naturalmente homogênia — condicionada por vínculos, representando a totalidade da pessoa humana. Na vida associativa, a sociedade é a expressão do desejo diferenciado em tirar vantagens, gerado por pensamento isolado da totalidade.⁴¹

“[...] Na perspectiva da história da humanidade, a Europa trilhou um caminho particular, do qual nem de longe se sabe se vai chegar a bom termo”.⁴² Na teologia latino-americana do século XXI, o pesquisador enfrenta “um obscurecimento de Deus e de uma crise de fé ou de Deus”⁴³, no qual se reflete de modo geral a crise da civilização ocidental, e que contribui para a crise da Igreja e do Estado. Walter Kasper destaca que essa não é uma opinião só de teólogos, o que é evidenciado por Friedrich Nietzsche, com a sentença “Deus está morto”⁴⁴; por Martin Heidegger, com a “falta de Deus”⁴⁵; por Martin Buber, com a “eclipse de Deus”⁴⁶.

⁴¹ BUBER, M. *Sobre comunidade*. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1987.

⁴² KASPER, W. *A Igreja Católica: Essência, realidade e missão*. Trad. Nélcio Schneider. São Leopoldo [RS]: UNISINOS, 2012, p. 412.

⁴³ KASPER, W. *A Igreja Católica: Essência, realidade, missão*. Trad. Nélcio Schneider. São Leopoldo [RS]: UNISINOS, 2012, p. 412.

⁴⁴ NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

⁴⁵ HEIDEGGER, M. *Beiträge zur Philosophie [Vom Ereignis]*. 3. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2003.

⁴⁶ BUBER, M. *Eclipse de Dios*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

Nas relações tecidas entre religião e modernidade, vimos que historicamente erros e comportamentos equivocados contribuíram para que se chegasse a esse doloroso ponto. Não obstante, as raízes da questão da crise de Deus e de fé revelam-se mais profundas e remontam a tempos longínquos da história espiritual da Europa.⁴⁷

Nas reflexões de Edmund Husserl, “[...] uma nação, uma humanidade vive e cria na plenitude das forças quando é transportada por uma crença impulsionadora em si mesma e num sentido belo e bom da sua vida de cultura [...]”.⁴⁸ Quando não simplesmente vive, mas antes vive ao encontro de uma grandeza que tem diante dos olhos e encontra satisfação no seu sucesso progressivo, pela realização de valores autênticos cada vez mais elevados. Hoje em dia, ser um membro importante de tal humanidade, colaborar numa cultura e contribuir para os seus valores exaltantes é a ventura de todos as pessoas humanas que são excelentes, a qual as eleva acima das suas preocupações e infortúnios individuais.⁴⁹

Pois está escrito:

Destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei a inteligência dos inteligentes.

Onde está o sábio? Onde está o homem culto?

Onde está o argumentador deste século? Deus não tornou louca a sabedoria deste século? Com efeito, visto que o mundo por meio da sabedoria não reconheceu a Deus na sabedoria de Deus, aprovou a Deus pela loucura da pregação salvar aqueles que crêem. Os judeus pedem sinais, e os gregos andam em busca de sabedoria; nós, porém, anunciamos a Cristo crucificado, que para os judeus, é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus.⁵⁰

No século XXI, a reflexão crítica da práxis histórica do Estado em Edith Stein constitui um desafio novo para o teólogo latino-americano, que busca inspirar sua vida acadêmico-intelectual no “Verbo que se fez carne,

⁴⁷ KASPER, W. *A Igreja Católica: Essência, realidade e missão*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo [RS]: UNISINOS, 2012.

⁴⁸ HUSSERL, E. *Europa: Crise e Renovação — a crise da humanidade europeia e a filosofia*. Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Lisboa: Centro de Filosofia Universitas Olisiponesis, s/d, p. 19.

⁴⁹ HUSSERL, E. *Europa: Crise e Renovação — a crise da humanidade europeia e a filosofia*. Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Lisboa: Centro de Filosofia Universitas Olisiponesis, s/d.

⁵⁰ BÍBLIA, N. T. 1 Coríntios. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 1, vers. 19-24.

e habitou entre nós”.⁵¹ Paulo — no trecho supracitado — usa a erudição da cultura helenística e todo conhecimento que possui das Escrituras Sagradas. No entanto, o que interessa ao Apóstolo é que esses conhecimentos estejam a serviço da sabedoria divina, da edificação da comunidade⁵², “pois fostes nele cumulados de todas as riquezas, todas as da palavra e todas as do conhecimento”.⁵³

No libelo *Elogio da Loucura*, escreve Erasmo de Rotterdam:

Embora os homens costumem ferir a minha reputação e eu saiba muito bem quanto o meu nome soa mal aos ouvidos dos mais tolos, orgulho-me de vos dizer que esta Loucura, sim, esta Loucura que estais vendo é a única capaz de alegrar os deuses e os mortais [...].⁵⁴

Na Modernidade, é notório que personagens como William Shakespeare — “Bardo do Avon” — já sabia do sentido da “loucura”.⁵⁵

Na peça de teatro, intitulada *A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca* [*The Tragedy of Hamlet, Prince of Denmark*], Polônio — aludindo aos desvairados discursos de Hamlet —, diz: “Embora isso seja loucura, possui certo método. Não gostaria, senhor, de buscar abrigo fora do ar?”⁵⁶

Poeticamente, João Guimarães Rosa — do fundo da “alma da alma” dos sertões — expressa, poeticamente:

Hem? Hem? O que mais penso, testo e explico: todo mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas.

Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desendoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de

⁵¹ BÍBLIA, N. T. 1 João. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 1, vers. 14.

⁵² MAZZAROLO, I. *Primeira Carta aos Coríntios: Exegese e Comentário*. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2008.

⁵³ BÍBLIA, N. T. 1 Coríntios. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 1, vers. 5.

⁵⁴ ROTTERDAM, E. de. *Elogio da Loucura*. Trad. Paulo M. de Oliveira. São Paulo: EDIPRO, 2015, p. 55.

⁵⁵ SHAKESPEARE, W. *A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca*. Trad. Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

⁵⁶ SHAKESPEARE, W. Hamlet, Ato II, Cena II. In: _____. *A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca*. Trad. Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015, p. 95.

Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sobrinha me refresca. Mas é só muito provisório. Eu queria rezar – o tempo todo. Muita gente não me aprova, acham que lei de Deus é privilégios, invariável [...].⁵⁷

“Tanto, digo: [...] — um[a] assim deveria ter, precisava? [...]”.⁵⁸ No dia 09 de fevereiro de 1917, Edith Stein escreve para Roman Ingarden:

[...] Nós não nos consumimos como simples células, senão que *podemos* tomar consciência de nossa relação com o todo ao qual pertencemos [inclusive creio que as tendências eficazes do desenvolvimento são experimentáveis] e submetemos livremente. Quanto mais viva e poderosa é esta consciência em um povo, tanto mais se configura em Estado, e esta configuração é uma organização. Estado é um povo consciente de si mesmo, que disciplina suas funções. Dado que, a meu parecer, o fortalecimento da consciência de si está unido a uma ascendente tendência de desenvolvimento, por isso contemplo a organização como um sinal de força interior e o povo [no tocante à sua formação, não, naturalmente, no que se refere às suas “disposições de caráter”] como o mais perfeito, o que geralmente é o Estado. E em uma consideração totalmente objetiva, creio poder dizer que desde Esparta e Roma nunca se deu uma consciência tão poderosa de Estado como na Prússia e no novo *Reich* alemão. Por isso, tenho por impossível que venhamos a sucumbir agora [...].⁵⁹

No dia 6 de julho de 1918, o tom de Edith Stein muda. Naquele momento, escreve à sua irmã Erna Stein:

[...] Envio-lhe um artigo de Rathenau para que vejas que sobre as perspectivas da guerra outras pessoas pensam pouco mais ou menos como eu. Certamente, às vezes, creio que há que se obter a ideia de que não se venha a ver o fim da guerra. Por enquanto não há que desesperar-se. O que há que fazer é não limitar-se unicamente ao bocado de vida que abarca nossa vista, e muito menos àquilo que clarissimamente está na superfície.

⁵⁷ ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 32.

⁵⁸ ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 28.

⁵⁹ STEIN, E. Cartas. In: _____. *Obras completas, I: escritos autobiográficos y cartas*. Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002, pp. 569-570:

[...] nosotros no nos consumimos como simples células, sino que *podemos* tomar consciencia de nuestra relación con el todo, al que pertenecemos [incluso creo que las tendencias eficaces del desarrollo son experimentables] y someternos libremente. Cuanto más viva y poderosa es esta consciencia en un pueblo, tanto más se configura en Estado, y esta configuración es una organización. Estado es un pueblo consciente de sí mismo, que disciplina sus funciones. Dado que, a mi parecer, el fortalecimiento de la consciencia de sí está unido con una ascendente tendencia de desarrollo, por eso contemplo la organización como una señal de fuerza interior y el pueblo (en lo tocante a su formación, no, naturalmente, en lo referente a sus “disposiciones de carácter”) como lo más perfecto, lo que generalmente es el Estado. Y en una consideración totalmente objetiva, creo poder decir que desde Esparta y Roma nunca se há dado una consciencia tan poderosa de Estado como en Prusia y en el nuevo *Reich* alemán. Por eso tengo por imposible que vayamos a sucumbir ahora [...]. [Tradução livre].

Pois, é muito seguro que nos encontramos em um ponto crítico dentro do desenvolvimento do espírito humano, e não há que queixar-se se a crise dura mais do que cada um em particular desejaria. Tudo que agora é tão horrível, e que eu, desde logo, não quero dissimular, é o espírito que deve ser superado. Porém, o novo espírito já está aí, sem lugar a dúvidas, terminará por impor-se [...]. O bem e o mal, o conhecimento e o erro estão mesclados em *todas* as partes, e cada um vê em si mesmo só o positivo e nos demais só o negativo, trate-se de povos como de partidos [...]. Em todo caso, a vida é demasiado complicada como para poder arremeter contra ela com um plano de melhora do mundo, por mais bem pensado que esteja, e como para poder impor dito plano como caminho a seguir, de forma definitiva e inequívoca [...].⁶⁰

Teólogo latino-americano: “[...] levanta-te e vem para o meio [político] [...]”.⁶¹ “O que vos digo às escuras, dizei-o à luz do dia: o que vos é dito aos ouvidos, proclamai-o sobre os telhados”.⁶²

“[...] Já chegou a hora de acordar [...]”.⁶³ Não te esquças de que na *Comédia* chegam os dois poetas à entrada do Inferno, e Dante se assombra com a inscrição severa que lê sobre o seu portal:

VAI-SE POR MIM À CIDADE DOLENTE,
VAI-SE POR MIM À SEMPITERNA DOR,
VAI-SE POR MIM ENTRE A PERDIDA GENTE.

MOVEU JUSTIÇA O MEU ALTO FEITOR,
FEZ-ME A DIVINA POTESTADE, MAIS
O SUPREMO SABER E O PRIMO AMOR.

ANTES DE MIM NÃO FOI CRIADO MAIS
NADA SENÃO ETERNO, E ETERNA EU DURO.

⁶⁰ STEIN, E. Cartas. In: _____. *Obras completas, I: escritos autobiográficos y cartas*. Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002, p. 631:

[...] Te envío un artículo de Rathenau para que veas que sobre las perspectivas de la guerra otras personas piensan poco más o menos como yo. Ciertamente, a veces, creo que hay que hacerse a la idea de que una no va a ver el fin de la guerra. Aún entonces no hay que desesperarse. Lo que hay que hacer es no limitarse únicamente al trocito de vida que abarca nuestra vista, es mucho menos a aquello que clasíamente está em la superficie. Pues es muy seguro que nos encontramos en un punto crítico dentro del desarrollo del espíritu humano, y no hay que quejarse si la crisis dura más de lo que cada uno en particular desearía. Todo lo que ahora es tan horrible, y que yo, desde luego, no quiero disimular, es el espíritu que debe ser superado. Pero, el nuevo espíritu está ya ahí y, sin lugar a dudas, terminará por imponerse [...]. Lo bueno y lo malo, el conocimiento y el error están mezclados en *todas* las partes, y cada uno ve en sí mismo sólo lo positivo y em los demás sólo lo negativo, trátese de pueblos como de partidos [...]. En todo caso, la vida es demasiado complicada como para poder arremeter contra ella con un plan de mejora del mundo, por bien pensado que esté, y como para poder imponer dicho plan como camino a seguir, de forma definitiva e inequívoca [...]. [Tradução livre].

⁶¹ BÍBLIA, N. T. Lucas. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 6, vers. 8.

⁶² BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 10, vers. 27.

⁶³ BÍBLIA, N. T. Romanos. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 13, vers. 11.

DEIXA TODA ESPERANÇA, Ó VÓS QUE ENTRAIS.⁶⁴

Na *Comédia*, Dante — reconfortado por Virgílio — adentra o átrio do Inferno, onde são punidos os ignavos, os que não praticaram o Mal, mas também foram relaxados na escolha do Bem. Estes são picados por nuves de vespas e obrigados a correr sem parada atrás de uma insígnia. Neste primeiro castigo, identificamos a correspondência, que se repetirá nas ocasiões seguintes, entre o pecado e a pena: os que foram tíbios e frouxos em vida carregam sem descanso uma bandeira. Por fim, chegam às margens do rio Aqueronte, onde, num barco a remo, Caronte transporta os pecadores para a outra margem, rumo às suas penas.⁶⁵

Deus não está oculto de nós. Deus está reservado.⁶⁶ “[...] Deus é traiçoeiro! Ah, uma beleza de traiçoeiro — dá gosto! A força dele, quando quer — moço! — me dá medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho [...]”.⁶⁷ Do ponto de vista de Karl Barth, o que e como deveríamos ser em Cristo, e o que e como o mundo será em Cristo é o que não nos é revelado. Isto sim está oculto. Não sabemos o que dizemos quando falamos da volta de Cristo no julgamento e da ressurreição dos mortos, da vida e da morte eternas. Mas que tudo isso estará associado a uma revelação pungente — uma visão comparada à qual toda a nossa visão presente terá sido cegueira [restando-nos, enxergar quando todos perderam a visão⁶⁸] — é demasiado atestado nas Escrituras para que sintamos o dever de nos preparar.⁶⁹

Nós não sabemos o que será revelado quando a última venda for retirada de nossos olhos, de todos os olhos: como contemplaremos uns aos outros — a humanidade de hoje e a humanidade de séculos e milênios atrás, ancestrais e descendentes, maridos e esposas, sábios e tolos,

⁶⁴ ALIGHIERI, D. *A Divina Comédia* — Inferno, III. In: _____. *A Divina Comédia*. Trad. Italo Eugenio Mauro. 4. ed. São Paulo: 34, 2017.

⁶⁵ ALIGHIERI, D. *A Divina Comédia* — Inferno, III. In: _____. *A Divina Comédia*. Trad. Italo Eugenio Mauro. 4. ed. São Paulo: 34, 2017.

⁶⁶ BARTH, K. *God Here and Now*. New York: Routledge, 2003.

⁶⁷ ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 31.

⁶⁸ SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*: romance. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁶⁹ BARTH, K. *God Here and Now*. New York: Routledge, 2003.

opressores e oprimidos traidores e traídos, assassinos e vítimas, Ocidente e Oriente alemães e outros, cristãos, judeus e pagãos, ortodoxos e hereges, católicos e protestantes, luteranos e reformados; sob que divisões e uniões, que confrontos e conexões cruzados os lacres de todos os livros serão abertos; quanta coisa nos parecerá pequena e sem importância; quanta coisa só então parecerá grande e importante; para que surpresas de todos os tipos devemos nos preparar. Tampouco, sabemos o que a Natureza, como cosmos em que vivemos e continuamos a viver aqui e agora, será para nós; por fim, o que as constelações, o mar, os amplos vales e colinas que hoje vemos e conhecemos dirão e significarão.⁷⁰

“[...] Eu só poderia crer num Deus que soubesse dançar [...]”.⁷¹ No século XXI, depois das atrocidades que se abateram sobre o mundo contemporâneo em Auschwitz, no comunismo radical dos Khmer vermelhos no Camboja e na “vitória do capitalismo” [selvagem], numa época de totalitarismo na qual a liberdade do ser humano é violada e a pessoa humana — o eu consciente e livre, que possui um corpo vivente [*Leibgestalt*], psique [*Seele*] e espírito [*Geist*]⁷² — o teólogo se vê diante da questão de como conciliar a existência de Deus com o fato da *Shoá* ou de algum mal excessivo semelhante: “[...] como conciliar a existência de um Deus bom e onipotente ao sofrimento apavorante de milhões de inocentes, como as crianças mortas nas câmaras de gás? [...]”.⁷³

De acordo com Slavoj Žižek, as respostas teológicas formam uma estranha sucessão de tríades hegelianas. Por um lado, aqueles teólogos ocupados em manter intacta a soberania divina, e com isso atribuir a Deus toda a responsabilidade pela *Shoá*, primeiro oferecem: [1] a teoria “legalista” do pecado-e-punição [a *Shoá* tem de ser uma punição pelos

⁷⁰ BARTH, K. *God Here and Now*. New York: Routledge, 2003.

⁷¹ NIETZSCHE, F. Os discursos de Zarathustra — ler e escrever. In: _____. *Assim falou Zarathustra: um livro para todos e para ninguém*. 3. ed. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

⁷² STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser*. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

⁷³ ŽIŽEK, S. Apenas um Deus que sofre pode nos salvar. In: ŽIŽEK, S.; GUNJEVIĆ, B. *O sofrimento de Deus: inversões do Apocalipse*. Trd. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

pecados passados da humanidade — ou dos próprios judeus]; depois passam para [2] a teoria “moralista” do caráter-e-educação [a “Shoá” tem de ser entendida nos termos da história de Jó, como o teste mais radical de nossa fé em Deus — se sobrevivermos a essa provação, nosso caráter manter-se-á firme]; por fim, refugiam-se num tipo de “juízo infinito” que salvará a situação e depois de todo divisor comum entre a *Shoá* e seu significado ruir, apelando para [3] a teoria do mistério divino [na qual fatos como a *Shoá* atestam o intransponível abismo da vontade divina].⁷⁴

Do ponto de vista do lema hegeliano de um “mistério dobrado” — o mistério que Deus é para nós também tem de ser mistério para o próprio Deus —, a verdade desse “juízo infinito” só pode ser negar a plena soberania e onipotência de Deus.⁷⁵

Para Slavoj Žižek, a próxima tríade é proposta por aqueles teólogos que, incapazes de combinar a *Shoá* com a onipotência de Deus, optam por algum modo de limitação divina: [1] Deus é diretamente posto como finito ou, pelo menos, contido, e não onipotente, não onibrangente: Ele se encontra oprimido pela densa inércia de toda sua criação; [2] essa limitação é refletida de volta para Deus como seu ato livre: Deus é autolimitado, ele restringiu voluntariamente o próprio poder para deixar um espaço aberto para a liberdade humana, de modo que nós seres humanos — somos totalmente responsáveis pelo mal do mundo; em suma, fenômeno como a *Shoá* são o preço supremo que pagamos pela dádiva divina da liberdade; [3] por fim, a autolimitação é exteriorizada, os dois momentos são postos como autônomos — Deus é controvertido, há uma força contrária ou princípio do mal demoníaco ativo no mundo [a solução dualista].⁷⁶

Do “Deus soberano” ao “Deus finito”, passamos à terceira posição, que supera as duas primeiras: a de um “Deus que sofre” — não um Deus triunfalista que sempre vence no final da história, embora seus caminhos

⁷⁴ ŽIŽEK, S. Apenas um Deus que sofre pode nos salvar. In: ŽIŽEK, S.; GUNJEVIĆ, B. *O sofrimento de Deus: inversões do Apocalipse*. Trd. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

⁷⁵ ŽIŽEK, S. Apenas um Deus que sofre pode nos salvar. In: ŽIŽEK, S.; GUNJEVIĆ, B. *O sofrimento de Deus: inversões do Apocalipse*. Trd. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

⁷⁶ ŽIŽEK, S. Apenas um Deus que sofre pode nos salvar. In: ŽIŽEK, S.; GUNJEVIĆ, B. *O sofrimento de Deus: inversões do Apocalipse*. Trd. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

sejam misteriosos, uma vez que ele controla tudo em segredo nos bastidores. Tampouco, um Deus que exerce a justiça fria, uma vez que, por definição, ele está sempre certo. Na teologia latino-americana do século XXI, experienciamos Deus na Sua Verdade: Jesus de Nazaré, que sofre na cruz, que está atormentado — um Deus que assume o fardo do sofrimento e da solidariedade à miséria humana.⁷⁷

Quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono de sua glória. E serão reunidas todas as nações e ele separará os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos bodes, e porá as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: 'Vinde, benditos de meu Pai, recebi por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo! Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e vistes ver-me. Então os justos lhe perguntaram: 'Senhor, quando foi que te vimos com fome e te alimentamos, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos forasteiro e te recolhemos ou nú e te vestimos? Quando foi que te vimos doente ou preso e fomos te ver?' Ao que lhes responderá o rei: 'Em verdade vos digo: cada vez que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes'. Em seguida, dirá aos que estiverem à sua esquerda: 'Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos. Porque tive fome e não me destes de comer. Tive sede e não me destes de beber. Fui forasteiro e não me recolhastes. Estive nu e não vestistes, doente e preso, e não me visitastes. Então também esles responderão: 'Senhor, quando é que te vimos com fome ou com sede, forasteiro ou nu, doente ou preso, e não te socorremos?' E ele responderá com estas palavras: 'Em verdade vos digo: todas as vezes que o deixastes de fazer a um desses mais pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer'. E irão estes para o castigo eterno enquanto os justos irão para a vida eterna".⁷⁸

Na América Latina, o sofrimento de Deus revela que Ele está envolvido na história, afeta-se por ela e não é apenas um mestre transcendente que controla tudo lá do céu: o sofrimento de Deus significa que a história da humanidade não é um mero teatro de sombras, mas o lugar de uma luta real — a luta em que o próprio Absoluto está envolvido e em que seu destino é decidido.⁷⁹ Deus — pregado na cruz — permite que

⁷⁷ ŽIŽEK, S. Apenas um Deus que sofre pode nos salvar. In: ŽIŽEK, S.; GUNJEVIĆ, B. *O sofrimento de Deus: inversões do Apocalipse*. Trd. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

⁷⁸ BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 25, vers. 31-46.

⁷⁹ ŽIŽEK, S. Apenas um Deus que sofre pode nos salvar. In: ŽIŽEK, S.; GUNJEVIĆ, B. *O sofrimento de Deus: inversões do Apocalipse*. Trd. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

o expulsem do mundo. Deus é impotente e fraco no mundo — e somente assim Deus está conosco e nos ajuda. No dizer de Dietrich Bonhoeffer, “[...] somente um Deus que sofre pode nos ajudar”⁸⁰ — um complemento perfeito para “apenas um Deus pode nos salvar”, dito por Martin Heidegger em sua última entrevista.⁸¹

É evidente, pois, que estamos a evocar “o Deus crucificado”.⁸²

A oração de Jesus no jardim e sua morte na cruz mostram um Deus silencioso, inativo. A tradição põe, sem inibição, na boca de Jesus o grito: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? [Marcos 15.34]. Então, se Deus estava na cruz de Jesus, não é o Deus em que costumamos pensar. Ou, em outras palavras, ao seu poder na criação, no êxodo, na ressurreição, é preciso acrescentar agora seu silêncio, sua inação, sua impotência na cruz. Isso costuma ser uma surpresa, possivelmente a maior surpresa pela qual passa o ser humano religioso, mas ajuda muito a se aprofundar no mistério de Deus, a não trivializá-lo, a não considerá-lo um dos poderosos “santos” do céu — o maior deles — que pode nos salvar com milagres. Deus não é assim.⁸³

No século XXI, relacionar Deus com o sofrimento, impotência e vulnerabilidade da pessoa humana — abordada empaticamente na sua singularidade — ainda provoca vertigem metafísica. Exige uma visão que ultrapassa o racional e o verificável. Magistralmente, Joh Sobrino diz que mais importante do que as diversas visões teóricas de um problema tão grave é o que pensam os pobres e as vítimas deste mundo sobre isso.⁸⁴

Na medida de nossas possibilidades, devemos interpretar de modo bastante literal a declaração de que o sofrimento inominável de seis milhões de pessoas humanas é a voz do sofrimento de Deus: o próximo excesso desse sofrimento em relação a qualquer medida humana “normal”

⁸⁰ BONHOEFFER, D. *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. Trad. Nélcio Schneider. 2. ed. São Leopoldo [RS]: Sinodal, 2015, p. 40.

⁸¹ HEIDEGGER, M. Only a God Can Save Us. In: WOLIN, R. *The Heidegger Controversy*. acriticalreader. Cambridge, MA: MIT Press, 1993.

⁸² SOBRINO, J. *Onde está Deus? Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia*. Trad. Beatriz Neves da Fontoura. São Leopoldo [RS]: Snodal, 2007.

⁸³ SOBRINO, J. *Onde está Deus? Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia*. Trad. Beatriz Neves da Fontoura. São Leopoldo [RS]: Snodal, 2007, p. 194.

⁸⁴ SOBRINO, J. *Onde está Deus? Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia*. Trad. Beatriz Neves da Fontoura. São Leopoldo [RS]: Snodal, 2007.

o torna divino.⁸⁵ Mesmo a *Shoá* sendo concebida como o maior desafio à teologia do século XXI — se existe um Deus e se ele é bom, como poderia permitir que um horror como esse acontecesse? — é somente a teologia que pode fornecer o quadro que nos permite abordar de algum modo o escopo da catástrofe — o fisco de Deus ainda é o fisco de Deus.⁸⁶

[...]

E somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte Severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de boscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
[de fraqueza e de doença
é que a morte Severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida].

Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.

Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser Severino
que em vossa presença emigra.⁸⁷

Na *Metafísica*, Aristóteles — “[...] o filósofo [...]”⁸⁸, que no que dizia “[...] teria que esconder-se um núcleo de verdade [...]”⁸⁹ — escreve que

⁸⁵ ŽIŽEK, S. Apenas um Deus que sofre pode nos salvar. In: ŽIŽEK, S.; GUNJEVIĆ, B. *O sofrimento de Deus: inversões do Apocalipse*. Trd. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

⁸⁶ ŽIŽEK, S. Apenas um Deus que sofre pode nos salvar. In: ŽIŽEK, S.; GUNJEVIĆ, B. *O sofrimento de Deus: inversões do Apocalipse*. Trd. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

⁸⁷ MELO NETO, J. C. de. *Morte e vida severina e outros poemas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, pp. 92-93.

⁸⁸ STEIN, E. ¿Que és Filosofia? Un Diálogo entre Edmund Husserl y Tomás de Aquino. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 176:

“[...] O filósofo [...]”. [Tradução livre].

⁸⁹ STEIN, E. ¿Que és Filosofia? Un Diálogo entre Edmund Husserl y Tomás de Aquino. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 176:

todos homens têm, por natureza, “[...] desejo de conhecer: uma prova disso é o prazer das sensações, pois, fora até da sua utilidade, elas nos agradam por si mesmas e, mais do que todas as outras, as visuais [...]”.⁹⁰

Por conhecimento, os escritos de Edith Stein — uma suma de humanidade — desvelaram para a nossa consciência: “[...] a captação intelectual de algo [...]”.⁹¹ E, mais adiante, escreve: “[...] quando a pessoa cognoscente conhece a si mesma, então cognoscente e conhecido são o mesmo ente [...]”.⁹² Edith Stein, na sua história pessoal, sabia que “[...] *existe* a plena verdade, há um conhecimento que a abarca totalmente, que não é um processo infinito, mas uma pelitude infinita e que está em repouso: tal é o *conhecimento divino* [...]”.⁹³

[...] Há um Λόγος que impera em tudo quanto existe, e de que a nosso conhecimento lhe é possível ir descobrindo progressivamente e de modo incessante algo desse Λόγος, quando o conhecimento procede de acordo com o princípio da mais estricte honradez intelectual [...].⁹⁴

[...] Tenía que esconderse un núcleo de verdad [...]. [Tradução livre].

⁹⁰ ARISTÓTELES. *Metafísica*, I. In: _____. *Metafísica*: livro I e II. Trad. Vincenzo Cocco. Ética a Nicômaco. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. Poética. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

⁹¹ STEIN, E. Conocimiento, Verdad, Ser. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 560:

“El conocimiento es la captación intelectual de algo [...]”. [Tradução livre].

⁹² STEIN, E. Conocimiento, Verdad, Ser. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 561:

“[...] Cuando la persona cognoscente se conoce a sí misma, entonces cognoscente y conocido son el mismo ente [...]”. [Tradução livre].

⁹³ STEIN, E. ¿Que és Filosofía? Un Diálogo entre Edmund Husserl y Tomás de Aquino. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 170:

“[...] *Existe* la plena verdad, hay un conocimiento que la abarca totalmente, que no es un processo infinito, sino una plenitud infinita y quiescente: tal es el *conocimiento divino* [...]”. [Tradução livre].

⁹⁴ STEIN, E. ¿Que és Filosofía? Un Diálogo entre Edmund Husserl y Tomás de Aquino. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 169:

“[...] Hay un Λόγος que impera en todo cuanto existe, y de que a nuestro conocimiento le es posible ir descubriendo progresivamente y de manera incesante algo de ese Λόγος, cuando el conocimiento procede según el principio de la más estricte honradez intelectual [...]”. [Tradução livre].

Nos fins do século XIX, a psicologia — aqui entendida por estudo da essência da alma⁹⁵ — ocupava um lugar de grande prestígio no terreno das “ciências do espírito” [ciências humanas] e tendia a converter-se na chave de explicação da teoria do conhecimento e da lógica, retirando-os do terreno da filosofia. Edmund Husserl opondo-se a essa orientação, fundou uma ciência nova, com um novo método de pesquisa, em torno da qual gravitaria considerável parcela da filosofia do século XX, cujas influências se estenderam a todas as áreas das ciências do espírito.⁹⁶

“O Senhor... Mire veja [...]”⁹⁷: “Fenomenologia”.⁹⁸

[...] O nome de fenomenologia foi eleito por Husserl para o método filosófico que obteve através de árduos esforços durante um trabalho intelectual de muitos anos, e que em suas Investigações Lógicas saiu à luz pública pela primeira vez de uma forma amplamente eficaz [...].⁹⁹

Para Edith Stein, este fato não deve passar despercebido, pois, um grupo específico de pesquisadores, partindo de ideias afins e intensissimamente influenciado por Edmund Husserl, mas movido também em boa parte por outros impulsos, agrupara-se em torno de Max Scheler e

⁹⁵ STEIN, E. Los Tipos de Psicología y su Significado para la Pedagogía. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933], vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁹⁶ CHAUÍ, M. de S. Vida e Obra. HUSSERL, E. *Investigações Lógicas: Sexta Investigação* [Elementos de uma Elucidação Fenomenológica do Conhecimento]. Trad. Zeljko Loparic e Andréa Maria Altino de Campos Loparic. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

⁹⁷ ROSA, J. G. *Grande sertão: Veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 31.

⁹⁸ Na sua etimologia, a palavra “fenomenologia” está constituída de duas partes, ambas de origem grega: “fenômeno”: *aquilo que se mostra* — não somente aquilo que *aparece* ou *parece* — e “logia”, derivada da palavra “logos”, que para os gregos tinha muitos significados: palavra, pensamento, reflexão. Na linguagem teológica — e filosófica, como no caso da noção de “epifania do rosto do Outro” de Emanuel Lévinas —, utiliza-se a palavra “epifania”, para dizer de algo que *se manifesta*, que *se revela*, que *se mostra* [que *apela*, em se tratando do “rosto do Outro”] — à pessoa humana: corpo-psique-espírito. Na presente pesquisa, optamos por tomar “logos” como “pensamento”, “capacidade de refletir”. Por “fenomenologia”, a reflexão sobre o que se mostra.

⁹⁹ HUSSERL, E. La Significación de la Fenomenología para la Visión del Mundo. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, pp.544-545:

[...] El nombre de fenomenología fue elegido por Husserl para el método filosófico que obtuvo tras arduos esfuerzos durante un trabajo intelectual de muchos años, y que em sus Investigaciones lógicas salió a luz pública por primera vez de una forma amplamente eficaz [...]. [Tradução livre].

causara na opinião pública maior sensação do que a atividade do rigoroso especialista Edmund Husserl.¹⁰⁰ “Deus é mais belo do que eu [...]”.¹⁰¹

Na sua vida acadêmico-intelectual, Edmund Husserl redigiu inúmeras laudas, com publicação de diversos escritos, entre os quais salientam-se *Filosofia da Aritmética* [*Philosophie der Arithmetik*, 1891]¹⁰², *Investigações Lógicas* [*Logische Untersuchungen*, 1901-1902]¹⁰³, *Ideias Relativas a uma Fenomenologia Pura e uma Filosofia Fenomenológica* [*Ideen zu einer reinen Phänomenologie und Phänomenologischen Philosophie*, 1913]¹⁰⁴ e *Meditações Cartesianas* [*Cartesianische Meditationen*, 1929]¹⁰⁵. No ano de 1933, com a tomada do poder pelo partido nazista, Edmund Husserl foi proibido de sair da Alemanha. No ano de sua morte [1938], seus amigos transferiram para Lovaina [Bélgica], inúmeros escritos de sua autoria, que ficaram conhecidos como “Arquivo Husserl”. “[...] Seus livros são resultado de compilações de esboços de aulas ou de suas anotações pessoais. Muito de sua vasta obra, até hoje, não chegou à publicação”.¹⁰⁶

[...] O penetrar no espírito de Husserl requer um estudo continuado durante anos. Porém, a pessoa que, com sentido verdadeiramente filosófico, ler a fundo tão só uma das “Investigações lógicas” ou um capítulo das “Ideias”, essa tal não poderá deduzir-se à impressão de que tem em suas mãos uma daquelas obras clássicas mestras com as quais começa uma nova época na história da filosofia.¹⁰⁷

¹⁰⁰ STEIN, E. ¿Que és Fenomenología? In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

¹⁰¹ PRADO, A. *Poesia reunida*. São Paulo: Sicialiano, 1991. p. 382.

¹⁰² HUSSERL, E. *Philosophie der Arithmetik*. Mit ergänzenden Texten [1890-1901]. Hrsg. von Lothar Eley. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1970.

¹⁰³ HUSSERL, E. *Investigaciones Lógicas*. Trad. M. Garcia Morente e J. Gaos. Madri: Revista de Occidente, 1967.

¹⁰⁴ HUSSERL, E. *Ideias Relativas a una Fenomenología Pura y una Filosofía Fenomenológica*. Trad. José Gaos. 2. ed. México; Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1962.

¹⁰⁵ HUSSERL, E. *Meditações Cartesianas*. Trad. Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.

¹⁰⁶ ALES BELLO, A. *Introdução à Fenomenologia*. Trad. Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006, p. 13.

¹⁰⁷ STEIN, E. ¿Que és Fenomenología? In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 157:

Destarte, “[...] aos fenomenólogos não lhes interessam os ‘fenômenos’ no sentido corrente da palavra, as ‘simples manifestações’, senão que o que lhes interessa precisamente são as últimas e objetivas essencialidades [...]”.¹⁰⁸ Para demonstrar que a filosofia [como fenomenologia transcendental] é uma “ciência rigorosa”, Edmund Husserl apresenta várias distinções. Distingue entre ciências empíricas [dos fatos] e ciências puras [de idealidades “a priori”] como a física e a matemática. Distingue entre ciências exatas e ciências rigorosas. De acordo com Edith Stein, as primeiras ciências vinculam-se ao caráter preciso de suas medições e experimentações; as segundas vinculam-se ao caráter necessário de seus princípios básicos.¹⁰⁹

Edmund Husserl distingue entre “ciências rigorosas” e “ciências absolutamente rigorosas”. As ciências rigorosas possuem princípios fundamentados, mas seus fundamentos não são fornecidos por elas próprias e sim por outras ciências, as absolutamente rigorosas. Estas são aquelas que se autofundamentam. Na concepção de Edmund Husserl: “[...] A filosofia é, em todos os sentidos e de pleno direito, a única ciência absolutamente rigorosa porque fornece a si próprio os seus fundamentos e os de todas as outras ciências, sejam elas puras ou empíricas”.¹¹⁰

[...] El penetrar en el espíritu de Husserl requiere un estudio continuado durante años. Pero lo que, con sentido verdaderamente filosófico, lea a fondo tan sólo una de las “Investigaciones lógicas” o un capítulo de las “Ideas”, ese tal no podrá sustraerse a impresión de que tiene en sus manos una de aquellas obras clásicas maestras con las que comienza una nueva época en la historia de la filosofía. [Tradução livre].

¹⁰⁸ STEIN, E. ¿Que és Fenomenología? In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 153:

“[...] a los fenomenólogos no les interesan los ‘fenómenos’ en el sentido corriente de la palabra, las ‘simples manifestaciones’, sino que lo que les interesa precisamente son las últimas y objetivas esencialidades [...]”. [Tradução livre].

¹⁰⁹ STEIN, E. ¿Que és Fenomenología? In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

¹¹⁰ CHAUI, M. de. S. Vida e Obra. HUSSERL, E. *Investigações Lógicas: Sexta Investigação [Elementos de uma Elucidação Fenomenológica do Conhecimento]*. Trad. Zeljko Loparic e Andréa Maria Altino de Campos Loparic. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

Em vista do exposto, o nosso caminho é o teológico sistemático-pastoral: “[...] retornar às ‘próprias coisas’ [...]”¹¹¹ e ir construindo sobre essa base uma reflexão crítica da questão do fundamento — onto-teológico-político — do Estado em Edith Stein. Naturalmente, elegemos o método fenomenológico-historiobiográfico, que culminou numa pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico. No *em torno à mesa*, reunimos a história pessoal — Historiobiografia — e os escritos de Edith Stein, em diálogo com os seus mestres e os estudos histórico-críticos do Estado, deixando-nos guiar pela narrativa da própria Edith Stein, resguardando-nos de unilateralidades e dispondo-nos de uma certa garantia de que não negligenciamos pontos essenciais da investigação do Estado. Para tanto, ordenamos, comparamos e examinamos, com recurso à poética do sertão.

Por método fenomenológico, referimo-nos ao método que Edmund Husserl elaborou e empregou pela primeira vez no volume II de *Investigações lógicas* [*Logische Untersuchungen*, 1901],¹¹² sobre a qual Edith Stein revela-se convencida de que “[...] já havia sido empregado pelos grandes filósofos de todas as épocas, se bem não de modo exclusivo nem com uma clara reflexão sobre o próprio modo de proceder”.¹¹³

Para Edith Stein:

[...] Um ponto importante para caracterizar a fenomenologia: na concepção de Husserl *não é distinta da filosofia em geral*, dado que proporciona a possibilidade de abordar todas as questões filosóficas; e no campo da *investigação estritamente científica*, no qual está fora de lugar todo arbítrio subjetivo, é um *campo de investigação infinito*, como toda ciência, de modo que um investigador tem que dar a mão a outro, uma geração a outra, para que o necessário trabalho se vá efetuando progressivamente. A tarefa da fenomenologia é colocar sobre um fundamento seguro todo procedimento científico, tal e como

¹¹¹ HUSSERL, E. *Investigações lógicas*: investigação para a fenomenologia e a teoria do conhecimento. Trad. Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015, § 2, p. 5.

¹¹² HUSSERL, E. *Investigações lógicas*: investigação para a fenomenologia e a teoria do conhecimento. Trad. Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

¹¹³ STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, pp. 590:

“[...] ya había sido empleado por los grandes filósofos de todas las épocas, si bien no de modo exclusivo ni con una clara reflexión sobre el propio modo de proceder [...]”. [Tradução livre].

o exercitam as ciências positivas, porém também toda experiência precientífica sobre a qual se erige o procedimento científico, e inclusive toda atividade intelectual que reivindique racionalidade. Pois bem, a experiência precientífica e as ciências positivas trabalham com certos conceitos e princípios fundamentais que põem sem examiná-los. A filosofia tem que fazer objeto de investigação quando em outros lugares se dá por suposto como óbvio.¹¹⁴

No seu percurso acadêmico-intelectual, Edmund Husserl não escreveu uma obra específica sobre o método fenomenológico. Num caminho analítico, a cada obra ele sublinha certo aspecto do percurso integral, partindo de um esquema geral. Nas palavras de Angela Ales Bello: “[...] Passo a passo, ele vai chegando a uma consciência completa das diversas vivências, e continuamente se pergunta: "Qual é o significado do ato que estou operando?" [...] "Qual é a formação que permite tais atos?".¹¹⁵ De acordo com Edith Stein, o objetivo da fenomenologia é a clarificação e, com ela, a fundamentação última de todo conhecimento.¹¹⁶

[...] Para chegar a este objetivo exclui de sua consideração tudo o que é de alguma maneira “dubitável”, o que pode ser eliminado. Primeiro, não faz uso dos resultados de ciência alguma: isto é de sua compreensão, porque uma ciência que quer ser a clarificação última de todo conhecimento científico não pode apoiar-se sobre uma ciência já fundamentada, senão que deve fundar a si mesma [...].¹¹⁷

¹¹⁴ STEIN, E. La Significación de la Fenomenología para la Visión del Mundo. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 547:

[...] Un punto importante para caracterizar la fenomenología: en la concepción de Husserl *no es distinta de la filosofía en general*, dado que proporciona la posibilidad de abordar todas las cuestiones filosóficas, y en el campo de la *investigación estrictamente científica*, en el que está fuera de lugar todo arbitrio subjetivo, es un *campo de investigación infinito*, como toda ciencia, de modo que un investigador tiene que dar la mano a otro, una generación a otra, para que el necesario trabajo se vaya efectuando progresivamente. La tarea de la fenomenología es colocar sobre un fundamento seguro todo procedimiento científico, tal y cómo lo ejercitan las ciencias positivas, pero también toda experiencia precientífica sobre la que se erige el procedimiento científico, y incluso toda actividad intelectual que reivindique racionalidad. Ahora bien, la experiencia precientífica y las ciencias positivas trabajan con ciertos conceptos y principios fundamentales que ponen sin examinarlos. La filosofía tiene que hacer objeto de investigación cuanto en otros lugares se da por supuesto cómo obvio. [Tradução livre].

¹¹⁵ ALES BELLO, A. *Introdução à Fenomenologia*. Trad. Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006, p. 13.

¹¹⁶ STEIN, E. Sobre el Problema de la Empatía. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos [Etapa fenomenológica: 1915-1920]*. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹¹⁷ STEIN, E. Sobre el Problema de la Empatía. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos [Etapa fenomenológica: 1915-1920]*. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 79:

Nos escritos de Edith Stein, identificamos, pois, o princípio mais elementar — essencial — do método fenomenológico: “[...] fixar nossa atenção *nas coisas mesmas* [...]”.¹¹⁸ Não interrogar a teoria das coisas, deixar de fora o quanto seja possível o que se escutou e leu e as composições de lugar que o próprio pesquisador cria, para melhor aproximar-se das coisas — com um olhar que tira de circuito todos os preconceitos que turvam a pura objetividade da investigação — e beber da intuição imediata.¹¹⁹ Para sermos mais exatos: “*Einklammerung*” — “[...] ‘tirar de circuito’, ‘pôr entre parênteses’”.¹²⁰

Posto na orientação natural, o mundo inteiro — encontrado realmente na experiência e tomado inteiramente “sem nenhuma teoria”, tal como é efetivamente experimentado e claramente comprovado no nexo das experiências — não tem agora valor algum para nós:

[...] ele deve ser posto entre parênteses sem nenhum exame, mas também sem nenhuma contestação. Da mesma maneira, não importa quão boa elas sejam, não importa se são fundadas propositivamente ou de algum outro modo: todas as teorias e ciências que se referem a este mundo devem sucumbir ao mesmo destino.¹²¹

[...] Para llegar a este objetivo excluye de su consideración todo lo que es de alguna manera “dubitable”, lo que puede ser eliminado. Ante todo, no hace uso de los resultados de ciencia alguna: esto es de suyo comprensible, porque una ciencia que quiere ser la clarificación última de todo conocimiento científico no puede apoyarse a su vez sobre una ciencia ya fundamentada, sino que se debe fundar en sí misma [...]. [Tradução livre].

¹¹⁸ STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, pp. 590:

“[...] fijar muestra atención *en las cosas mismas* [...]”. [Tradução livre].

¹¹⁹ STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

¹²⁰ HUSSERL, E. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Trad. Márcio Suzuki. 6. ed. Sao Paulo: Ideias & Letras, 2006, p. 78.

¹²¹ HUSSERL, E. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Trad. Márcio Suzuki. 6. ed. Sao Paulo: Ideias & Letras, 2006, p. 82.

Nos escritos de Edith Stein, o segundo princípio reza assim: “[...] dirigir o olhar ao *essencial* [...]”.¹²² Do ponto de vista fenomenológico-existencial, a intuição não é só a percepção sensível de uma coisa determinada e particular. Existe, pois, uma intuição do que a coisa é por essência. Por sua vez, isto pode ter um duplo significado: o que a coisa é por seu *ser próprio* e o que é por sua *essência universal*. Para Edith Stein, o ato no qual se capta a essência é uma *percepção espiritual*, que Edmund Husserl denominou *intuição*.¹²³ Na verdade,

[...] reside em toda experiência particular como um fator que não pode faltar, pois não poderíamos falar de homens, animais e plantas se em cada “isto” que percebemos aqui e agora não captássemos algo universal ao que nos referimos com o nome universal. Não obstante, a intuição também se pode separar dessa experiência particular e ser efetuada por si mesma.¹²⁴

Para a epígrafe de *Ensaio sobre a cegueira*: romance, José Saramago colheu — de modo sábio — no fictício *Livro dos Conselhos*: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”.¹²⁵

Por Historiobiografia, captamos “[...] uma abordagem terapêutico-educativa que tem por intenção a redescoberta do sentido da vida através da compreensão da história pessoal [...]”.¹²⁶ Dulce Critelli — fundadora da

¹²² STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, pp. 591:

“[...] dirigir la mirada a lo *esencial* [...]”. [Tradução livre].

¹²³ STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

¹²⁴ STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, pp. 591:

[...] reside en toda experiencia particular como un factor que no puede faltar, pues no podríamos hablar de hombres, animales y plantas si en cada “esto” que percibimos aquí y ahora no captássemos algo universal a lo que nos referimos con el nombre universal. Pero la intuición también se puede separar de esa experiencia particular y ser efectuada por sí misma. [Tradução livre].

¹²⁵ SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*: romance. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 9.

¹²⁶ CRITELLI, D. *História pessoal e sentido da vida*: historiobiografia. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2016, p. 12.

Historiobiografia — esclarece que “[...] suas raízes se fincam na filosofia, mais especificamente na fenomenologia existencial e no pensamento de Hannah Arendt, com recurso a Heidegger”.¹²⁷

Na investigação do Estado em Edith Stein, elegemos o método fenomenológico-historiobiográfico: uma reflexão fenomenológico-existencial crítica da práxis histórica de um ente [no caso concreto, o Estado], desvelada na história pessoal de um indivíduo concreto [Edith Stein], considerado singularmente — “... o sagrado instinto de não ter teorias...”.¹²⁸ Para Edith Stein, na medida em que a vida pessoal — revelada por meio de manifestações expressivas — pode reclamar para si o direito de ser denominada histórica designar-se-á como material de fonte as correspondentes manifestações expressivas.¹²⁹

“[...] Dei’stá’ [...]”¹³⁰, os místicos são os primeiros “teóricos” da sua própria experiência. Disto resulta que é reconhecendo como autêntico o seu testemunho experiencial e aceitando, em princípio, a interpretação por eles proposta que os estudiosos da mística podem definir o objeto da sua própria investigação. Por sua vez, é necessariamente pluridisciplinar, pois a experiência mística é um fenômeno totalizante, no qual estão integrados todos os aspectos da complexa realidade humana.¹³¹

Partindo do método fenomenológico-historiobiográfico, escolhemos como fontes da investigação do Estado em Edith Stein: a) os testemunhos e/ou produtos da atividade espiritual conservados até o presente; b) os relatos sobre a vida espiritual passada e seus produtos.¹³²

¹²⁷ CRITELLI, D. *História pessoal e sentido da vida: historiobiografia*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2016, p. 12.

¹²⁸ PESSOA, F. *Livro do desassossego*: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 252.

¹²⁹ STEIN, E. Introdução a la Filosofía. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁰ ROSA, J. G. *Grande sertão: Veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 361.

¹³¹ LIMA VAZ, H. C. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

¹³² STEIN, E. Introdução a la Filosofía. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

Por testemunhos e/ou produtos da atividade espiritual conservados até o presente a nossa consciência fenomenológica abarcou obras, instituições, expressões manuscritas de toda índole. Todas essas formas expressivas imediatas entendidas no duplo sentido do termo, em atos simples de entendimento ou de interpretação.¹³³

No caso dos relatos sobre a vida espiritual passada e seus produtos referimo-nos aos relatos imediatos, proporcionados por testemunhas oculares e/ou relatos mediatos que se baseiam em relatos imediatos. Do ponto de vista fenomenológico-historiobiográfico, os relatos — do mesmo modo que os testemunhos — encontram-se presentes antes de nós e são testemunhas, eles mesmos, de uma vida espiritual: mas não da vida que é a que interessa precisamente ao historiador, e sobre a qual os relatos querem narrar. Na concepção de Edith Stein, são expressão da personalidade do informador e descrição das personalidades, dos sucessos *etc.*, que constituem o objeto da investigação.¹³⁴

No palco da vida espiritual, o informador é um observador atual da vida passada, que chega de novo até ela pelo caminho da expressão. Para Edith Stein, todas as fontes, em última análise, são baseadas em manifestações expressivas.¹³⁵

“[...] ‘Dei’stá’ [...]”¹³⁶, “[...] sou escritor e penso em eternidades. [...] Eu penso na ressurreição do homem”.¹³⁷

[...] Compadre meu Quelemém sempre diz que eu posso aquietar meu temer de consciência, que sendo bem-assistido, terríveis bons-espíritos me protegem. Ipe! Com gosto... Como é de são efeito, ajudo com meu querer acreditar. Mas nem sempre posso. O senhor saiba: eu toda a minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente. Eu sou eu mesmo. Divêrjo de todo

¹³³ STEIN, E. Introducción a la Filosofía. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁴ STEIN, E. Introducción a la Filosofía. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁵ STEIN, E. Introducción a la Filosofía. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁶ ROSA, J. G. *Grande sertão: Veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 361.

¹³⁷ BUSSOLOTTI, M. A. F. M. [org.]. *João Guimarães Rosa: Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 78.

... mundo... Eu quase que nada sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre — o senhor solte em minha frente uma ideia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém! Olhe: o que eu devia de haver, era de se reunirem-se os sábios, políticos, constituições gradas, fecharem o definitivo a nação — proclamar por uma vez, artes assembleias, que não tem diabo nenhum, não existe, não pode. Valor de lei! Só assim, davam tranquilidade boa à gente. Por que o Governo não cuida?!¹³⁸

Pessoalmente, pesquisar a questão do fundamento — onto-teológico-político — do Estado em Edith Stein significou “[...] ter uma interrogação e andar em torno dela, em todos os sentidos, sempre buscando todas as suas dimensões e, andar outra vez e outra ainda, buscando mais sentido, mais dimensões, e outra vez [...]”.¹³⁹

Reza a lenda que certa vez um crítico teatral abordou Ariano Suassuna e o inquiriu a respeito de alguns episódios do *Auto da Compadecida*. Disse ele: “Como foi que o senhor teve aquela ideia do gato que defeca dinheiro?” Ariano respondeu: “Eu achei num folheto de cordel.” O crítico: “E a história da bexiga de sangue e da musiquinha que ressuscita a pessoa?” Ariano: “Tirei de um folheto.” O outro: “E o cachorro que morre e deixa dinheiro para fazer o enterro?” Ariano: “Aquilo ali é do folheto, também.” O sujeito impacientou-se e disse: “Agora danou-se mesmo! Então, o que foi que o senhor escreveu?” E Ariano: “Oxente! Escrevi foi a peça!”¹⁴⁰

Tzvetan Todorov diz que na época de Sócrates — o mestre do *daemon* [δαίμων] interior —, o orador costumava perguntar à ágora [ἀγορά] qual o seu modo de expressão: o mito ou a argumentação lógica?¹⁴¹

Nos dias de hoje, a decisão não pode mais ser tomada pelo público.¹⁴² Talhada e esculpida em linguagem poética [sertaneja], “*O Estado em Edith Stein: uma reflexão onto-teológico-política da ‘comunidade estatal’ na contemporaneidade*” não se detém apenas no esclarecimento teórico-conceitual [hegeliano] do Estado em Edith Stein. Por trás dessas reflexões oculta-se — e manifesta-se — o ser humano.

¹³⁸ ROSA, J. G. *Grande sertão: Veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 25.

¹³⁹ MARTINS, *apud* BICUDO, M. A. V. & ESPÓSITO, V. H. C. [org.]. *Pesquisa qualitativa em educação*. 2. ed. Piracicaba, SP: UNIMEP, 1997, p. 24.

¹⁴⁰ TAVARES, B. Tradição popular e recriação no Auto da Compadecida. In: SUASSUNA, A. *Auto da Compadecida*. 36. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, p. 177.

¹⁴¹ TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

¹⁴² TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

Mais próxima do mito do que da argumentação, delineou-se em dois passos fundamentais: a) *redução eidética*, que consistiu na descrição da história pessoal de Edith Stein, sujeito [cognoscente-vivente] que capta o sentido — a “essência” — do Estado; b) *redução transcendental*, que se esteou numa reflexão sobre *como* Edith Stein capta o sentido do Estado.

Porquanto, pensamos como reflete Aristóteles: o *que* [to hoti] é o ponto de partida; e se for suficientemente claro para o leitor, não haverá necessidade de explicar *por que* [to dióti].¹⁴³

Na escrita, a fidelidade à tradição — *tradere* [que, em língua latina, significa *trazer aqui*] — revelou-se tão importante para nós quanto a originalidade individual. Na concepção de Enrique Dussel, a teologia latino-americana é filha da teologia europeia. Não obstante, é diferente — é outra, singular: “[...] é um acesso diferente à mesma tradição porque surge num mundo ‘periférico’ dentro da época moderna mercantil primeiro e depois imperial monopolística [...]”.¹⁴⁴ No século XXI,

[...] fazer teologia na América — particularmente na América do Sul — não é somente uma questão de reflexão abstrata sobre a revelação e a fé, desconectada do contexto em que a Palavra de Deus é ouvida e respondida. Também é uma reflexão sobre a revelação e a fé avançando na história de modo inseparável das considerações do contexto social, político e prático. Utilizando uma palavra de que a teologia latino-americana gosta muito, essa teologia precisa estar enraizada na *realidade* [...].¹⁴⁵

Na linha da experiência pessoal, conscientizamo-nos de que o pesquisador não escreve por si só, mas em *harmonia* com uma comunidade de mestres. Na cultura ocidental, Platão põe em cena o que seu mestre espiritual Sócrates — após ser condenado — disse aos que votaram contra: “[...] quanto não daria qualquer um de vós para estar na companhia de Orfeu, Museu, Hesíodo e Homero? [...]”.¹⁴⁶

¹⁴³ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco; Poética*. Trad. Leonel Vallandro, Gerd Bornheim e Eudoro de Souza. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

¹⁴⁴ DUSSEL, H. *Teologia da Libertação: um panorama de seu Desenvolvimento*. Trad. Francisco da Rocha Filho. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1999, p. 9.

¹⁴⁵ BINGEMER, M. C. *Teologia latino-americana: raízes e ramos*. Trad. Suzana Regina Moreira. Petrópolis [RJ]: Vozes; Rio de Janeiro, RJ: PUC-Rio, 2017, p. 23.

¹⁴⁶ PLATÃO. Apologia de Sócrates, III. In: _____. *Diálogos III: Sócráticos – Fedro [ou o belo]; Eutífron [ou da religiosidade]; Apologia de Sócrates; Críton [ou do dever]; Fédon [ou da alma]*. Trad. Edson Bini. Bauru [SP]: EDIPRO, 2008.

Na dureza da “vida seca” do Nordeste do Brasil, ressoaram — de modo seco e conciso — as palavras de Graciliano Ramos:

Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.¹⁴⁷

Na peça de teatro — *Que é Filosofia?* Um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino — escrita por Edith Stein — filósofa da harmonia — São Tomás de Aquino diz para Edmund Husserl:

[...] a potência chega a converter-se em ato, quando a pessoa se encontra com um filósofo maduro, com um “*mestre*”. Deste modo chegamos mais além de todos os limites do espaço e do tempo. E *assim* foram meus mestres Platão e Aristóteles e Santo Agostinho. Fixe bem: não só Aristóteles, mas *também* Platão e Agostinho. E para mim não havia mais possibilidade que a de filosofar em constante confrontação com eles.¹⁴⁸

“— Caim, o que fizeste do teu Deus?!”.¹⁴⁹ Numa época de crise, o contato do pesquisador com os sábios, gênios, artistas, místicos e profetas nos dá um suplemento de lucidez e de coragem. Por cima e para além das curiosidades interesseiras e dos noticiários medíocres, estende-se o firmamento grandioso da verdadeira história cultural. Para a memória da pessoa humana — e da Humanidade — é um gratuito prazer purificador,

¹⁴⁷ RAMOS, G. *Entrevista de 1942*. Disponível em: <<http://www.graciliano.com.br/entrada.html>>. Acesso em: 14 agosto de 2015.

¹⁴⁸ STEIN, E. *¿Que és Filosofía? Un Diálogo entre Edmund Husserl y Tomás de Aquino*. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 168:

[...] la potencia llega a convertir-se en acto, cuando la persona se encuentra con un filósofo maduro, con un “*maestro*”. De esta manera llegamos más allá de todos los límites del espacio y del tiempo. Y *asi* fueron mis maestros Platón y Aristóteles y San Agostín. Fíjese bien: no sólo Aristóteles, sino *también* Platón y Agostín. Y para mí no hubo más posibilidad que la de filosofar en constante confrontación con ellos. [Tradução livre].

¹⁴⁹ QUINTANA, M. *Apontamentos de história sobrenatural*. 4. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987, p. 64.

que convida a pairar bem no alto, descortinando aspirações e projetos criativos, onde se adivinha uma inspiração profética.¹⁵⁰

É a forte luz de que precisa o mundo para se livrar da ganância do ter, do parecer, do prazer e do dominar, essa enxurrada de mediocridades e baixarias que põem em risco a qualidade da moderna civilização. Pois o utilitarismo a impele a priorizar o divertimento e o espetáculo. E até a beirar a idolatria, comercializando a própria beleza, o mais suave e precioso dos valores humanos.¹⁵¹

Hoje em dia, falar de vocação intelectual é referir-se àquelas pessoas humanas que pretendem fazer do trabalho acadêmico-intelectual sua vida, quer por disporem de todo o seu tempo para dedicar-se aos estudos e às pesquisas, quer por, estando comprometidas com as ocupações profissionais, reservam para si como um feliz complemento e uma recompensa o profundo desenvolvimento do espírito. “[...] Digo profundo para descartar a ideia de tintura superficial. Uma vocação não se satisfaz de modo algum com leituras soltas e trabalhinhos esparsos”.¹⁵²

Na verdade, “[...] o intelectual é um consagrado”.¹⁵³ Trata-se de penetração e de continuidade, de empenho metódico com vistas a uma plenitude que responda ao chamado do Espírito e aos recursos que lhe agradou repassar-nos.¹⁵⁴ No dizer de Edith Stein: “[...] Por muito tempo minha única oração foi a busca da verdade [...]”.¹⁵⁵

Para Antonin-Gilbert Sertillanges, “[...] a verdade só está a serviço de seus escravos”.¹⁵⁶ Na pesquisa e produção teológica em perspectiva

¹⁵⁰ JOSAPHAT, C. *Tomás de Aquino e Paulo Freire: Pioneiros da inteligência, mestres geniais da educação nas viradas da história*. São Paulo: Paulus, 2016.

¹⁵¹ JOSAPHAT, C. *Tomás de Aquino e Paulo Freire: pioneiros da inteligência, mestres geniais da educação nas viradas da história*. São Paulo: Paulus, 2016, p. 17.

¹⁵² SERTILLANGES, A.-D. *A vida intelectual: seu espírito, suas condições, seus métodos*. Trad. Lilia Lendon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2010, p. 21.

¹⁵³ SERTILLANGES, A.-D. *A vida intelectual: seu espírito, suas condições, seus métodos*. Trad. Lilia Lendon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2010, p. 21.

¹⁵⁴ SERTILLANGES, A.-D. *A vida intelectual: seu espírito, suas condições, seus métodos*. Trad. Lilia Lendon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2010.

¹⁵⁵ STEIN, E. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. 4. ed. Trad. Beda Kruse. São Paulo: Loyola, 2004, p. 4.

¹⁵⁶ SERTILLANGES, A.-D. *A vida intelectual: seu espírito, suas condições, seus métodos*. Trad. Lilia Lendon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2010, p. 22.

latino-americana, “[...] tudo é uma questão de ser obediente a Deus e a si mesmo depois de ter-lhes ouvido a voz”.¹⁵⁷

Por esta via, a pesquisa estruturou-se em duas partes: I — *A teologia da cruz de Edith Stein*, que na sua composição origiária traz os dois primeiros capítulos: 1 A vida intelectual de Edith Stein, 2 Edith Stein na Terra de Santa Cruz; II — *A vida política de Edith Stein*, desdobrada nos capítulos 3 A antropologia teológica de Edith Stein, 4 A vida associativa em Edith Stein, 5 A estrutura ôntica do Estado em Edith Stein.

No caso de João Fulgêncio, diz Jorge Amado: “— Para que explicar? Nada desejo explicar. Explicar é limitar [...]”.¹⁵⁸ No plano da experiência pessoal, revela-se impossível limitar “*O Estado em Edith Stein: uma reflexão onto-teológico-política da ‘comunidade estatal’ na contemporaneidade*” — “[...] dissecar sua alma [...]”.¹⁵⁹

Partindo da vida acadêmico-intelectual de Edith Stein, identificada como busca da verdade — selada por uma extrema preocupação antropológica e política com o ser humano [singular] —, delineamos a pesquisa e produção científica steiniana em categorias: a) Historiobiografia e cartas [1916 — 1942]; b) Fenomenologia [1915 — 1920]; c) Pensamento cristão [1921 — 1936]; d) Antropologia e pedagogia [1926 — 1933]; e) Teologia e espiritualidade: mística [1938 — 1942]. No cenário latino-americano, insistimos na importância da tradução dos escritos de Edith Stein em língua e cultura espanhola e portuguesa.

No segundo capítulo, refletimos sobre a difusão dos saberes de Edith Stein no Brasil, desdobrada em livros, peças de teatro, filmes, vídeos, teses de doutorado, dissertações de mestrado, iniciação científica, monografias e artigos. Por conseguinte, discorreremos sobre as pesquisas teológicas brasileiras sobre o Estado em Edith Stein. Historicamente, destacamos dois fatos na República Federativa do Brasil, por incidirem

¹⁵⁷ SERTILLANGES, A.-D. *A vida intelectual: seu espírito, suas condições, seus métodos*. Trad. Lilia Lendon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2010, p. 22.

¹⁵⁸ AMADO, J. *Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 282.

¹⁵⁹ AMADO, J. *Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 282.

diretamente na pesquisa e produção científica do Estado em Edith Stein: a) o golpe de Estado de 31 de março de 1964, que culminou na trágica ditadura militar: 1964 — 1985; b) a constituição da teologia como ciência.

No terceiro capítulo, a nossa reflexão crítica da práxis histórica do Estado debruçou-se sobre a antropologia teológica de Edith Stein. Na pena de Edith Stein, evidenciamos, pois, que o ser humano — “ser finito”, endereçado ao “ser eterno” — é concebido como “pessoa humana”: “[...] um eu consciente e livre [...]”¹⁶⁰, que possui um corpo vivente [*Leibgestalt*], uma psique [*Seele*] e um espírito [*Geist*]. Por meio do ato *sui generis* da entropatia ou empatia [*Einfühlung*], descrevemos a experiência que o *eu* faz do *tu* — via de acesso ao “ser eterno” — e do *nós*, sob a perspectiva de poder, ideias e instituições na América Latina. No que toca à singularidade da pessoa humana, coube recurso às sábias — e humanas — palavras de Desmond Tutu: “*Todos, todos são filhos de Deus*”.¹⁶¹

No quarto capítulo, escavamos três modos de vida associativa nos escritos de Edith Stein: massa, sociedade [*Gesellschaft*] e comunidade [*Gemeinschaft*]. Na massa, identificamos a predominância de vínculos copóreo-psíquicos — impulsos utilizados por projetos alheios. Historicamente, as calamidades que se abateram sobre os Estados no mundo contemporâneo revelam que na massa o indivíduo é arrastado — como uma espécie de “contágio” — por impulsos coletivos. Na sociedade [*Gesellschaft*], o que predomina é o “contrato social”, delineado em torno do seu objeto e de suas cláusulas. Na comunidade [*Gemeinschaft*] — uma união de pessoas consideradas singularmente — o que predomina são os vínculos corpóreos, psíquicos e espirituais. Para Edith Stein — assim como para seu mestre espiritual Edmund Husserl¹⁶² — a organização que respeita a pessoa humana é a comunidade [*Gemeinschaft*].

¹⁶⁰ STEIN, E. *Essere finito e essere eterno*: per una elevazione al senso dell'essere. Trad. Ángela Ales Bello. Roma: Città Nuova, 1999, p. 397:

“[...] Per *persona* abbiamo inteso l'lu cosciente e libero [...]”. [Tradução livre].

¹⁶¹ CTUTU, D. *Deus não é cristão e outras provocações*. Trad. Lilian Jenkino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012, p. 71.

¹⁶² HUSSERL, E. *Meditações cartesianas*. Trad. Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.

No quinto capítulo, debruçamo-nos sobre a estrutura ôntica do Estado em Edith Stein. Na sua estrutura ôntica, o Estado é abordado como uma pessoa [jurídica], que possui soberania [espírito] — *conditio sine qua non* —, povo [psique] e território [corpo]. Posicionando-nos contra as teorias que consideram as associações humanas uma simples agregação de indivíduos — as teorias contratualistas do Estado — mostramos, à luz dos escritos de Edith Stein, que na base do Estado encontra-se-á uma sociedade [*Gesellschaft*] ou comunidade [*Gemeinschaft*]. Por revelar-se capaz de abarcar, singularmente, a pessoa humana nas suas dimensões corpórea-vivente, psíquica e espiritual, advogamos para o fundamento onto-teológico-político do Estado uma “comunidade estatal”: “[...] a comunidade dos indivíduos que vivem no Estado [...]”,¹⁶³ que reclama para si ser inserida no projeto — de Deus — da humanidade.

Por sua história pessoal — Historiobiografia — e seus escritos, Edith Stein [Santa Teresa Benedita da Cruz — patrimônio sócio-histórico-singular da humanidade — é apresentada para a América Latina como “mestra”.

[...] Continuar com a teologia da cruz significa ir além da preocupação pela salvação pessoal e inquirir sobre a libertação do ser humano e sua postura em relação à realidade do círculo vicioso em sua sociedade [...].¹⁶⁴

¹⁶³ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920], vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 530:

“[...] de la comunidad de los individuos que viven en el Estado”. [Tradução livre].

¹⁶⁴ MOLTMANN, J. *O Deus crucificado* — A cruz de Cristo como base e crítica para uma teologia cristã. Trad. Juliano Borges de Melo. Santo André, SP: Academia Cristã, 2014, p. 20.

PARTE I — A TEOLOGIA DA CRUZ DE EDITH STEIN

A VIDA INTELLECTUAL DE EDITH STEIN

— Compadre José, compadre,
que na relva estais deitado:
conversais e não sabeis
que vosso filho é chegado?
Estais aí conversando
em vossa prosa entretida:
não sabeis que vosso filho
saltou para dentro da vida?
Saltou para dentro da vida
ao dar seu primeiro grito;
e estais aí conversando;
pois sabeis que ele é nascido.¹⁶⁵

Então lahweh disse a Moises:
“Escreve isso para memorial num livro [...]”.¹⁶⁶

Este capítulo é uma palavra escrita — escorrida da pena latino-americana da libertação — sob o espírito da “teologia da cruz”.¹⁶⁷

Por tanto amor, por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz, manso ou feroz
Eu, caçador de mim
Preso a canções
Entregue a paixões
Que nunca tiveram fim
Vou me encontrar longe do meu lugar
Eu, caçador de mim

Nada a temer
Senão o correr da luta
Nada a fazer
Senão esquecer o medo
Abrir o peito à força
Numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura

Longe se vai sonhando demais
Mas onde se chega assim
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim

Nada a temer
Senão o correr da luta
Nada a fazer
Senão esquecer o medo

¹⁶⁵ MELO NETO, J. C. de. *Morte e vida severina e outros poemas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p.124.

¹⁶⁶ BÍBLIA, V. T. Êxodo. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 17, vers. 14.

¹⁶⁷ STEIN, E. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

Abrir o peito à força
 Numa procura
 Fugir às armadilhas da mata escura

 Vou descobrir o que me faz sentir
 Eu, caçador de mim¹⁶⁸

Existencialmente, “escrevo para constituir a minha própria identidade [...]”.¹⁶⁹ No livro *Grande sertão: veredas* [1956], João Guimarães Rosa declara: “[...] — ‘[...] um menino nasceu — o mundo tornou a começar!...’ [...]”.¹⁷⁰ Na cidade de Breslávia [Alemanha], no dia 12 de outubro de 1891, Deus — “ser eterno” — chamou à existência um “ser finito”, singularíssimo: Edith Theresa Hedwing Stein — “[...] ilustre filha de Israel e ao mesmo tempo filha do Carmelo, Irmã Teresa Benedita da Cruz [...]”¹⁷¹ — no seio de uma família judia, constituída por Siegfried Stein e de Augusta Courant. Que Edith Stein? Edith Stein. Nada mais, para não nos desviarmos da filosofia, da poesia e do mistério. “[...] Não se buscou explicação, uma história se narra, não se explica”.¹⁷²

Nos escritos de Edith Stein, quando escavamos o termo técnico “teologia da cruz” — “ciência da cruz” — entendemos que

[...] não se trata de uma ciência no sentido comum da palavra, nem somente de uma teoria, ou um simples sistema de asserções verdadeiras. Tampouco de um sistema formal, fruto do pensamento lógico. Ela é, isto sim, uma verdade já aceita, uma teologia da cruz: verdade viva, real e eficaz, comparável a uma semente que, quando lançada na alma, deita raízes, dando-lhe características especiais e determinando-lhe a conduta. Ela brilha e transparece nas atitudes. É neste sentido que se fala em *ciência dos santos* e que falamos em *ciência da cruz*. É das características e energias vitais, latentes nas profundezas da alma, que nascem a concepção da vida e a perspectiva em que são encarados Deus e o universo; podendo dessa maneira ser caracterizadas e sintetizadas numa teoria [...].¹⁷³

¹⁶⁸ MAGRÃO, S.; SÁ, L. C. Caçador de mim. In: NASCIMENTO, M. *Caçador de mim*. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/milton-nascimento/cacador-de-mim.html>>. Acesso em 14 de maio de 2018.

¹⁶⁹ BETTO, F. *Ofício de escrever*. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017, p.

¹⁷⁰ ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 381.

¹⁷¹ JOÃO PAULO II, P. 1ª Homilia — Festa da Beatificação — 1987. In: _____. *Em nome de Deus... Em nome da Igreja... Em nome da Humanidade*. Bauru [SP]: EDUSC, 1998, p. 22.

¹⁷² AMADO, J. *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria — romance baiano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 13.

¹⁷³ STEIN, E. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004, pp. 12-13.

No século XXI, existem sinais naturalmente perceptíveis de que a natureza humana — tal como a conhecemos na política dos Estados da América Latina — encontra-se em estado decaído.¹⁷⁴

Na existência humana de Edith Stein, a nossa consciência fenomenológico-existencial nos possibilitou ver que quando se crê, as verdades da fé e as obras maravilhosas de Deus tornam-se conteúdo da vida, a ponto de as demais coisas perderem importância ou receberem também a marca desse conteúdo.¹⁷⁵

Nos escritos de Edith Stein, este fenômeno é chamado de *objetividade dos santos*, expressão que designa a receptividade interna e primária da alma, renascida pelo Espírito Santo.¹⁷⁶

[...] Tudo quanto se aproximar dessa alma será apropriadamente captado, com profunda sensibilidade. Nela existe uma energia livre, por um lado, de falsas inibições e empecilhos, e dotada, por outro, de sutileza, vitalidade e impressionabilidade suficientes para lhe permitirem ser fácil e prazerosamente plasmada e dirigida por aquilo que acolher. As energias da alma, ao se aproximarem nessas condições das verdades da Fé, chegam à *ciência dos santos*. É o mistério da cruz, ao tornar-se forma interior, converte-se em *ciência da cruz*.¹⁷⁷

Na concepção de Edith Stein, assemelha-se a essa objetividade dos santos a objetividade da criança, que recebe as impressões e a elas corresponde com todo o vigor e naturalidade espontâneos: [...] a alma infantil é terna, delicada, modelável, e o que a penetra poderá se fixar definitivamente, determinando-lhe o rumo da vida [...].¹⁷⁸ Na impressionabilidade vigorosa e genuína, o artista, a criança e o santo muito se assemelham. Mas ao contrário da santa objetividade, trata-se de uma impressionabilidade que vê o mundo à luz de determinada categoria de valores, facilmente em prejuízo de outras: “[...] o artista dá forma ao que

¹⁷⁴ STEIN, E. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

¹⁷⁵ STEIN, E. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

¹⁷⁶ STEIN, E. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

¹⁷⁷ STEIN, E. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004, pp. 11-12.

¹⁷⁸ STEIN, E. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 13.

toca intimamente, transformando-o em imagens interiores que, por sua vez, o impulsionam a exteriorizá-las concretamente [...]”.¹⁷⁹

Nos escritos de Edith Stein, é óbvio que essas imagens não estão restritas ao campo visual ou às artes plásticas. Por *imagem*, entende-se qualquer expressão artística — incluindo a poesia e a música — consistente na representação de alguma coisa na qual o representado é caracterizado e acabado. Dito de outro modo: a representação de um microcosmos. Edith Stein diz que toda obra de arte — independentemente da intenção do artista — é, concomitantemente, um símbolo.¹⁸⁰

Na obra *Um par de botas* [1886] de Vicent Van Gogh, o pensador contemporâneo alemão Martin Heidegger descreve:

Na escura abertura do interior gasto dos sapatos, fita-nos a dificuldade e o cansaço dos passos do trabalhador. Na gravidade rude e sólida dos sapatos está retida a tenacidade do lento caminhar pelos sulcos que se estendem até longe, sempre iguais, pelo campo, sobre o qual sopra um vento agreste. No couro, está a humidade e a fertilidade do solo. Sob as solas, insinua-se a solidão do caminho do campo, pela noite que cai. No apetrecho para calçar impera o apelo calado da terra, a sua muda oferta do trigo que amadurece e a sua inexplicável recusa na desolada improdutividade do campo no Inverno. Por este apetrecho passa o calado temor pela segurança do pão, a silenciosa alegria de vencer uma vez mais a miséria, a angústia do nascimento iminente e o tremor ante a ameaça da morte. Este apetrecho pertence à *terra* e está abrigado no *mundo* da camponesa. É a partir desta abrigada pertença que o próprio produto surge para o seu repousar-em-si-mesmo.¹⁸¹

Na experiência da obra de arte, há um símbolo quando algo da plenitude do sentido das coisas penetra na mente humana e é captado e apresentado de tal modo que a plenitude do sentido — inexaurível para o conhecimento humano — seja misteriosamente insinuada. Toda arte verdadeira é uma espécie de revelação, e a produção artística um mistério sagrado. Não obstante, há em todo pendor artístico um perigo, que não é apenas o da falta de compreensão do caráter sagrado de sua tarefa: o

¹⁷⁹ STEIN, E. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 14.

¹⁸⁰ STEIN, E. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

¹⁸¹ HEIDEGGER, M. *A origem da obra de arte*. Trad. Maria da Conceição Costa. Lisboa: 70, 2000, pp. 25-26.

perigo está em o artista se contentar com a produção artística *em si*, abstraindo de quaisquer outras obrigações provenientes da sua arte.¹⁸²

[...] Deus chamou o homem à existência, dando-lhe a tarefa de ser artífice. Na “criação artística”, mais do que em qualquer outra actividade, o homem revela-se como “imagem de Deus”, e realiza aquela tarefa, em primeiro lugar plasmando a “matéria” estupenda da sua humanidade e depois exercendo um domínio criativo sobre o universo que o circunda. Com amorosa condescendência, o Artista divino transmite uma centelha da sua sabedoria transcendente ao artista humano, chamando-o a partilhar do seu poder criador. Obviamente é uma participação, que deixa intacta a infinita distância entre o Criador e a criatura, como sublinhava o Cardeal Nicolau Cusano: “A arte criativa, que a alma tem a sorte de albergar, não se identifica com aquela arte por essência que é própria de Deus, mas constitui apenas comunicação e participação dela”.¹⁸³

Na história da humanidade, o que foi dito é aplicável à representação da cruz: “[...] dificilmente haverá um artista que não sinta o desejo de reproduzir a imagem de Jesus Cristo, pregado na cruz ou a carregá-la [...]”.¹⁸⁴ Na história pessoal de Edith Stein, o crucificado exigiu da filósofa algo mais do que a simples imagem: a *imitação*. Na experiência cristã de Deus, Edith Stein sentiu-se chamada a transformar-se em Cristo, a ponto de carregar a cruz e de ser — politicamente, assim como o próprio Cristo — nela [câmara de gás] pregada no campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau, no dia 09 de agosto de 1942.¹⁸⁵

Na experiência artística, a obra exterior do artista pode se tornar uma barreira para a sua transformação interior, o que não deve acontecer. Por outra parte, a obra exterior poderá servir à formação interior do artista, pois a imagem interna irá se aperfeiçoando à medida da perfeição da imagem externa. Edith Stein diz, então, que caso não haja nenhuma influência desfavorável, a configuração externa da imagem tornar-se-á configuração interna, norma de conduta que induzirá à imitação de Jesus Cristo. Produto

¹⁸² STEIN, E. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

¹⁸³ JOÃO PAULO II, P. *Carta do Papa João Paulo II aos artistas*, 1. Disponível em: <<http://www.pastoralfamiliarmt.com/vaticano-cartas-enciclicas/>>. Acesso em 27 de dezembro de 2018.

¹⁸⁴ STEIN, E. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 14.

¹⁸⁵ STEIN, E. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

do esforço do próprio artista, a obra externa poderá servir-lhe de estímulo para sua transformação interna — e da comunidade estatal —, à semelhança do Representado.¹⁸⁶

Na vida intelectual de Edith Stein, a objetividade própria da criança, do artista e do santo uniram-se para preparar as condições favoráveis à mensagem da cruz, que se transformaria em *ciência da cruz*.¹⁸⁷ De acordo com Charles Chaplin, cientistas e filósofos são — na vida íntima — grandes românticos que canalizaram noutro rumo as suas paixões.¹⁸⁸

Maria Anna Nabuco, no primeiro livro escrito sobre Edith Stein no Brasil — *Edith Stein: convertida, carmelita, mártir* [1955] — escreve: “Num campo — o da ciência abstrata — distinguiu-se como filósofa, e noutro, o da ascese, elevou-se à santidade”.¹⁸⁹ E, mais adiante, destaca:

Se de fato, a ciência incipiente afastou Edith de Deus, o estudo mais aprofundado da mesma levou-a depois a descobri-lo. E desta descoberta, tirou as últimas consequências; foi até o dom de si mesma, do seu sangue, de sua vida, num amor transcendente e numa interpretação perfeita das palavras do divino Mestre: “Não há maior amor do que doar a vida por seu amigo”.¹⁹⁰

1.1

O TEATRO DA VIDA DE EDITH STEIN

Era esse o canto do ínclito cantor. O herói
se aferra ao manto púrpura com as mãos enérgicas
e o traz à testa, encobre a expressão do rosto:
o pranto defluir dos cílios frente aos faécios
o envergonhava. Quando o aedo para, rosto
enxuto, recolheu o manto da cabeça,
soerguendo a copa de ansas dúplices aos numes.
Assim que o aedo torna ao poema, sob aplausos
de altivos feácios, extasiados com racontos,
o herói volta a chorar e reencobre a testa.
Nenhum dos convidados percebeu seu pranto,

¹⁸⁶ STEIN, E. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

¹⁸⁷ STEIN, E. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

¹⁸⁸ CHAPLIN, C. *Minha vida*. Trad. Rachel de Queiroz, R. Magalhães Júnior e Genolino Amado. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

¹⁸⁹ NABUCO, M. A. *Edith Stein: convertida, carmelita, mártir*. Petrópolis [RJ]/São Paulo: Vozes, 1955, p. 5.

¹⁹⁰ NABUCO, M. A. *Edith Stein: convertida, carmelita, mártir*. Petrópolis [RJ]/São Paulo: Vozes, 1955, p. 5.

tão só Alcínoo, cujo trono não distava
do herói, copiosamente soluçante. Então
o rei falou aos feácios filorremendadores:
“Ouvi-me, hegêmones feácios, conselheiros!
Cambiemos de ambiente, pois que o coração
da ceia e da cítara que aflora afável
no festim se sacia [...]”.¹⁹¹

No seio do mundo, “a vida é acompanhada [...]” — “[...] um acontecimento compartilhado [...]”.¹⁹² Escute-se: a existência é antes humana do que pessoal; é antes plural do que singular. Nós nascemos “lançados” em meio a uma trama de relações já instituída, mas da qual começamos a participar como seus tecelões. Nós vivemos uma história no meio de outra História, entrelaçadas. Esta História — na sua essência — é o que é em razão das histórias particulares. No tear da vida, entender uma pessoa humana reclama para si abrir a teia de relações da qual ela vem participando desde a sua concepção, desabrochada no nascimento¹⁹³ como um caminho — “[...] o que se deixa alcançar [...]”,¹⁹⁴ e entender os fios e os pontos com que colaborou para a continuidade dessa trama fenomenológico-existencial.¹⁹⁵

Historiobiograficamente,

[...] o espaço vivencial da realidade da vida é amiúde demasiado exíguo e restritivo, de modo que o indivíduo pode facilmente perder o seu equilíbrio. No palco, ele poderá reencontrá-lo, devido à metodologia da Liberdade — liberdade em relação às tensões insuportáveis e liberdade de experiência e expressão. O espaço cênico é uma extensão da vida para além dos testes de realidade da própria vida. Realidade e fantasia não estão em conflito; pelo contrário, ambas são funções dentro de uma esfera mais vasta — o mundo psicodramático de objetos, pessoas e eventos [...].¹⁹⁶

¹⁹¹ HOMERO. *Odisseia*, VIII. In: _____. *Odisseia*. Trad. Trajano Vieira. 3. ed. São Paulo: 34, 2014.

¹⁹² CRITELLI, D. *História pessoal e sentido da vida: historiografia*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2016, p. 98.

¹⁹³ CRITELLI, D. *História pessoal e sentido da vida: historiografia*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2016.

¹⁹⁴ HEIDEGGER, M. *A caminho da linguagem*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis [RJ]: Vozes; Bragança Paulista [SP]: USF, 2003, p. 205.

¹⁹⁵ CRITELLI, D. *História pessoal e sentido da vida: historiografia*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2016.

¹⁹⁶ MORENO, J. L. *Psicodrama*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1975, p. 17.

Por este caminho, a saga do dizer [mostrar] é o que — sendo escutado — nos deixa alcançar a fala da linguagem.¹⁹⁷

A história de uma história se revela através da identificação e compreensão de algumas situações, circunstâncias e aspectos paradigmáticos que compõem a trama da vida dos indivíduos e que, portanto, são paragens obrigatórias para a elaboração de uma Historiobiografia [...].¹⁹⁸

No teatro da vida, as histórias que cada pessoa forma e engendra são extremamente exclusivas, porque os indivíduos que fazem parte dela são inexoravelmente criaturas únicas.¹⁹⁹ Para Hannah Arendt, eis a novidade do mundo: “[...] a pluralidade é a condição da ação humana porque somos todos iguais, isto é, humanos, de modo que ninguém jamais é igual a qualquer outro que viveu, vive ou viverá”.²⁰⁰

“[...] Dei’stá [...]”,²⁰¹ todo existir realiza uma história pessoal, da qual o “eu” — consciente e livre — é personagem principal. Na analítica da existência, quando identificamos a história que um “eu” realizou na sua existência e, então, podemos narrá-la, chegamos a uma biografia.²⁰²

Para Dulce Critelli, qual história uma história conta é a questão fundamental da Historiobiografia.²⁰³

[...] Seu intuito é compreender para onde e como alguém se dirige em sua vida, em nome de quê, na companhia de quem. É identificar as convocações, as problemáticas e os desafios que um indivíduo identifica para si — os fins de sua existência. É aprender como esses fins se formaram, como o indivíduo foi afetado por eles, como correspondeu a eles, se ele se sente ou não em dívida para com esses fins.²⁰⁴

¹⁹⁷ HEIDEGGER, M. *A caminho da linguagem*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis [RJ]: Vozes; Bragança Paulista [SP]: USF, 2003.

¹⁹⁸ CRITELLI, D. *História pessoal e sentido da vida: historiografia*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2016, pp. 99-100.

¹⁹⁹ CRITELLI, D. *História pessoal e sentido da vida: historiografia*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2016, pp. 99-100.

²⁰⁰ ARENDT, H. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, pp. 9-10.

²⁰¹ ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 361.

²⁰² CRITELLI, D. *História pessoal e sentido da vida: historiografia*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2016, pp. 99-100.

²⁰³ CRITELLI, D. *História pessoal e sentido da vida: historiografia*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2016, pp. 99-100.

²⁰⁴ CRITELLI, D. *História pessoal e sentido da vida: historiografia*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2016, pp. 99-100.

Dulce Critelli põe em relevo que a intenção da Historiobiografia é descobrir a personagem que um indivíduo realiza, desdobrada no tempo e nas circunstâncias de sua existência — “[...] um desvendamento de um destino em realização [...]”.²⁰⁵ Não se pode esquecer de que é um processo que favorece aos indivíduos aquisição e lucidez e os prepara para a autoria consciente e responsável na existência. Dito em poucas palavras: interessa à Historiografia a recuperação da história da história pessoal através das narrativas nas quais os indivíduos — plurais e singulares — acondicionaram, preservaram, salvaram e projetaram sua existência pessoal e seu destino e na qual escreveram o sentido da vida. Eis, pois, a maior importância das narrativas: “[...] a vida humana é embrulhada de linguagens, é um fenômeno de linguagem [...]”.²⁰⁶

Martin Heidegger chamou a linguagem de “casa do ser”.²⁰⁷ Talvez se possa despertar a experiência de que: a linguagem abriga o que é vigente à medida que o brilho do seu aparecer se mantém confiado ao mostrar apropriante do dizer. De acordo com Martin Heidegger, a linguagem é casa do ser porque — como saga do dizer — ela é o modo do acontecimento apropriador.²⁰⁸ “[...] E o que era para ser. O que era para ser — são as palavras [...]”.²⁰⁹ Franz Hinkelammert — valendo-se de Hugo Ball — relembra-nos algo oposto: a linguagem é a prisão da poesia.²¹⁰

Karl Kraus, na peça dramática *Os últimos dias da humanidade* [*Die letzten Tage der Menschheit*], põe em cena a deterioração da linguagem durante a Primeira Guerra Mundial — transformada em idioma de jargões — e a realidade da guerra como mecanismo de funcionamento com

²⁰⁵ CRITELLI, D. *História pessoal e sentido da vida: historiografia*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2016, p. 101.

²⁰⁶ CRITELLI, D. *História pessoal e sentido da vida: historiografia*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2016, p. 101.

²⁰⁷ HEIDEGGER, M. *Sobre o humanismo*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

²⁰⁸ HEIDEGGER, M. *A caminho da linguagem*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis [RJ]: Vozes; Bragança Paulista [SP]: USF, 2003.

²⁰⁹ ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 51.

²¹⁰ HINKELAMMERT, F. *Mercado versus direitos humanos*. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2014.

pretenções de perfeição.²¹¹ Na verdade, a linguagem se transformou em simples portadora de vazias informações de produção de monstros — um fenômeno que depois irá muito além da guerra. No anverso, a linguagem foi reduzida a simples transmissora de informações em busca de uma linguagem unívoca; no verso, a linguagem pública determinada pela propaganda, principalmente a propaganda comercial.²¹²

Segundo Karl Kraus,

[...] maior do que toda a vergonha da guerra é a vergonha de os homens já nada quererem saber dela, suportando que haja guerra, mas não que tenha havido. Os que sobreviveram ao tempo dela acham que o tempo dela já passou e as máscaras cumprem, é certo, a quarta-feira de cinzas, mas não querem ser recordadas umas das outras [...].²¹³

Escute-se:

[...] *poesia é dizer por meio da linguagem algo que a linguagem não consegue dizer. A poesia atravessa a linguagem. Voltar a adotar uma linguagem poética é retornar à arte em si. É voltar a reconstituir a linguagem humana, agora a partir de um modo de ver e agir sobre a realidade.*²¹⁴

Na sua vida acadêmico-intelectual, Edith Stein — consciente dos perigos eminentes do seu Estado de origem — en-caminha-se, o que “[...] não significa mais colocar algo num caminho já existente, mas fazer o caminho para... e assim ser o caminho [...]”,²¹⁵ sensivelmente, para uma inquieta busca da verdade, rasgada nas últimas consequências em atitudes de cuidado [*cura*] e de práticas sociais empáticas com o ser humano — um ser plural e singular — e engajada na luta por um Estado que possua na

²¹¹ KRAUS, Karl. *Os últimos dias da humanidade*. Trad. António Sousa Ribeiro. Lisboa: Antígona, 2003.

²¹² HINKELAMMERT, F. *Mercado versus direitos humanos*. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2014.

²¹³ KRAUS, K. Prefácio. In: TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO. *Os últimos dias da humanidade: dá a impressão de que um aprendiz de feiticeiro se aproveitou da ausência do mestre. Mas em vez de água, há sangue.* Disponível em: <<http://www.tnsj.pt/home/media/pdf/Manual%20de%20Leitura%20%C3%9Altimos%20Dias%20final.pdf>>. Acesso em 24 de novembro de 2018, p. 13.

²¹⁴ HINKELAMMERT, F. *Mercado versus direitos humanos*. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2014, p. 233.

²¹⁵ HEIDEGGER, M. *A caminho da linguagem*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis [RJ]: Vozes; Bragança Paulista [SP]: USF, 2003, p. 209.

sua base um modo de vida associativa capaz de abarcar a pessoa humana em suas dimensões corpórea-vivente, psíquica e espiritual.

E fiquem, por favor, com os dedos nos lábios.
O tempo está disjunto. Oh, despeito imundo,
Que para endireitá-lo eu tenha vindo ao mundo!
Mas, venha, vamos lá, juntos.²¹⁶

No ano de 1933, Edith Stein — dando-se conta de que o mundo estava fora dos eixos — “caminhadiça”²¹⁷ escreveu:

Os últimos meses roubaram dos judeus alemães a evidência calma da existência. Eles se viram obrigados a meditar sobre si mesmos, sobre sua essência e sobre o seu destino. A questão judaica impôs-se não somente a eles, mas a muitas outras pessoas, para além da pertença a grupos. Nos movimentos de juventude católicos, por exemplo, ela foi discutida com seriedade e com um profundo senso de responsabilidade. Nesses meses, lembrei uma conversa de alguns anos atrás com um sacerdote membro de uma ordem religiosa. Tive a ideia de escrever o que eu, como filha de uma família judia, aprendera sobre a condição judaica, pois observadores externos sabem muito pouco sobre ela. Na época, porém, outras obrigações impediram-me de levar a cabo esse propósito. Ele me voltou ao espírito novamente quando, em março último, com a Revolução Nacional, tomou corpo na Alemanha uma luta contra o judaísmo [...].²¹⁸

No dia 30 de janeiro de 1933, Paul von Hindenburg — presidente do Império Alemão [Reich] — designou Adolf Hitler chanceler do Império, sobre as ruínas da primeira tentativa de democracia na Alemanha: a malfadada República de Weimar. No dia 05 de março de 1933, o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães [Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei — NSPAD], juntamente com outros agrupamentos de direita, alcançou a maioria absoluta. No dia 21 de março de 1933, a sessão solene de abertura do Parlamento havia simbolizado o início do Terceiro Reich [Terceiro Império]. Por fim, no dia 23 de março de 1933, o Parlamento aprovou, com 441 votos contra 94, a “Lei de Plenos Poderes”, que tornou o chanceler do Reich legislador e absoluto ditador.²¹⁹

Na *Constituição de Weimar* [1919], artigo 48, lê-se:

²¹⁶ SHAKESPEARE, W. Hamlet, I, V. In: _____. *A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca*. Trad. Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

²¹⁷ ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

²¹⁸ STEIN, E. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 19.

²¹⁹ EVANS, R. J. *Terceiro Reich no poder*. Trad. Lúcia Brito. São Paulo: Planeta, 2016.

Caso a segurança e a ordem públicas forem seriamente [Erheblich] perturbadas ou feridas no Reich alemão, o presidente do Reich deve tomar as medidas necessárias para restabelecer a segurança e a ordem públicas, com ajuda se necessário das forças armadas. Para este fim, ele deve total ou parcialmente suspender os direitos fundamentais [Grundrechte] definidos nos artigos 114, 115, 117, 118, 123, 124 e 153.²²⁰

Na verdade, Hitler beneficiou-se dessa opção. Na República de Weimar [1919-1933], eliminou-se a oposição em todos os níveis, criando um Estado de um partido único e coordenando todas as principais instituições da sociedade alemã, com exceção do Exército e das igrejas.²²¹

“‘[...] *Eli, Eli, lamá sabachtáni?*’ [...] : ‘Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?’”²²²

[...] “Se ao menos eu conseguisse saber como Hitler chegou a esse terrível ódio contra os judeus!”, dizia uma de minhas amigas numa das conversas em que procurávamos compreender por que tudo aquilo caía sobre nós. Os programas de governo e os discursos dos novos detentores do poder deram a resposta [...].²²³

Historicamente, as origens de ideias nocivas a respeito dos judeus estão embutidas no mais sagrado escrito cristão — a Bíblia —, embora o próprio Jesus tenha sido judeu: “[...] Jesus percorria a Galiléia, não podendo circular pela Judéia, porque os judeus o queriam matar”.²²⁴ Por conseguinte, João diz que os judeus “[...] apanharam pedras para atirar nele; Jesus, porém, ocultou-se e saiu do Templo”.²²⁵

Vós sois do diabo, vosso pai,
e quereis realizar,
os desejos de vosso pai.
Ele foi homicida desde o princípio
e não permaneceu na verdade,

²²⁰ ALEMANHA. *Die Verfassung des Deutschen Reichs* ["Weimarer Reichsverfassung"]. Disponível em: <<http://www.documentarchiv.de/wr/wrv.html>>. Acesso em 14 de agosto de 2018:

Der Reichspräsident kann, wenn im Deutschen Reiche die öffentliche Sicherheit und Ordnung erheblich gestört oder gefährdet wird, die zur Wiederherstellung der öffentlichen Sicherheit und Ordnung nötigen Maßnahmen treffen, erforderlichenfalls mit Hilfe der bewaffneten Macht einschreiten. Zu diesem Zwecke darf er vorübergehend die in den Artikeln 114, 115, 117, 118, 123, 124 und 153 festgesetzten Grundrechte ganz oder zum Teil außer Kraft setzen. [Tradução livre].

²²¹ EVANS, R. J. *Terceiro Reich no poder*. Trad. Lúcia Brito. São Paulo: Planeta, 2016.

²²² BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 27, vers. 46.

²²³ STEIN, E. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 20.

²²⁴ BÍBLIA, N. T. João. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 7, vers. 1.

²²⁵ BÍBLIA, N. T. João. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 8, vers. 59.

porque nele não há verdade:
quando ele mente,
fala do que lhe é próprio,
porque é mentiroso e pai da mentira.²²⁶

No “mundo mundo vasto mundo [...]”,²²⁷ os judeus, dispersos na diáspora — após a destruição do Templo de Jerusalém no ano 70 d. C. — dependeram da proteção das autoridades não judaicas para viver. Na verdade, a emancipação hebraica — ocorrida entre os primeiros anos da Revolução Francesa [1789 — 1799] e o fim da Restauração [1848] não resolveu a questão dos judeus — e nem do antissemitismo. Não obstante, a família judia Rothschild influenciou significativamente a economia e a política de uma Europa aversa aos judeus. Maria Nesselrode — esposa do chanceler russo Karl Nesselrode —, depois de ter jantado com James Rothschild em Paris [França], chamou-o de “Vice-rei da França”. No ano de 1850, o Papa Pio IX, para regressar a Roma — e em outras ocasiões — recorreu à famosa dinastia bancária Rothschild.²²⁸

Na literatura, vimos inúmeros ataques ao povo judeu. No *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* [1853], Joseph Arthur de Gobineau — sem ser especificamente hostil aos judeus — mostrou os perigos de uma decadência da raça ariana se ela não fosse preservada de contaminações e se a nobreza perdesse sua pureza original.²²⁹ Édouard Drumont — no livro intitulado *A França judia* [*La France Juive*, 1888] — mostrou numa crônica escandalosa como os judeus tinham se apoderado dos comandos do poder na França.²³⁰ Houstin Stewart Chamberlain publicou *Os fundamentos do século XIX* [1899], sustentando que a raça superior ariana — descrita por Arthur de Gobineau — era ancestral de todas

²²⁶ BÍBLIA, N. T. João. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 8, vers. 44.

²²⁷ ANDRADE, C. D. de. *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.19.

²²⁸ MARTINA, G. *História da Igreja de Lutero aos nossos dias, III: a era do liberalismo*. Trad. Orlando Soares Moreira. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

²²⁹ GOBINEAU, J. A. *Ensayo sobre la desigualdad de las razas humanas*. Trad. Francisca Susanna. Barcelona: Apolo, 1937.

²³⁰ DRUMONT, E. *La Francia judía*. Disponível em: <<https://archive.org/details/LaFranciaJudiaPdf/page/n51>>. Acesso em 14 de novembro 2018.

as classes superiores europeias e da Ásia e que ela não havia sido extinta, subsistindo em estado puro na Alemanha e no norte da Europa.²³¹

No mesmo espírito, Wilhelm Richard Wagner — sogro de Houstin Stewart Chamberlain — transportou o antissemitismo da época para o campo da cultura, sobretudo para o campo da música. Por esta via, tornou o antissemitismo algo aceitável nos salões da burguesia alemã.

Sua imaginação melódica e suas texturas harmônicas são de um refinamento ao qual é impossível associar imagens como, por exemplo, as dos assassinatos em massa. Há um enorme descompasso quando Goebbels utiliza sua música na propaganda nazista. Na verdade, é uma música revolucionária destinada a entendidos. Mas Goebbels se interessa pelo autor de *O Judaísmo na Música*, a música de um nacionalista que odiava os judeus, porém apenas algumas aberturas e a tal *Cavalgada das Valquírias* serviam aos propósitos propagandistas do regime e não suas vastas e complexas óperas que, em seu contexto, fizeram a efetiva ligação entre a música do século XIX e a moderna. Sua música sempre aparece descontextualizada sob o nazismo [...].²³²

Èugene Sue — na obra intitulada *O judeu errante [Le juif errant, 1844]* — reforçou e difundiu a imagem do povo judeu, expulso de suas moradias por não ter reconhecido Jesus como o Messias, peregrinando por diversas partes do mundo — entre peripécias e perseguições —, mas sempre com suas bolsas cheias.²³³

Por gerações, os sacerdotes cristãos — de ofício católico e protestante — marcaram os judeus como um povo *pérfido*, que quis matar o Senhor Jesus Cristo.²³⁴ No ano de 1543, Martin Lutero — conclamando o populacho a expulsá-los de vez da Alemanha — declarou que os judeus nada mais são do que ladrões e usurpadores, que diariamente não comem bocado e não usam peça de roupa que não tenha furtado e subtraído dos alemães por meio da maldita usura.²³⁵

²³¹ CHAMBERLAIN, H. S. *Foundations of the Nineteenth Century*. New York: Howard Fertig, 1968.

²³² RIBEIRO, M. *Os 200 anos do genial e ainda polêmico Richard Wagner*. Disponível em: <<http://miltonribeiro.sul21.com.br/2013/12/20/os-200-anos-do-genial-e-aindapolemico=richard-wagner/#more-36843>>. Acesso em 14 de agosto de 2018, p. 5.

²³³ SUE, E. *Le juif errant*. Paris: Robert Laffont, 1983.

²³⁴ MARRUS, M. R.; PAXTON, R. O. *Vichy France and the Jews*. Stanford: Stanford University Press, 1995.

²³⁵ LUTHER, M. On the Jews and Their Lies. In: _____. *Luther's Works*: Minneapolis: Fortress Press, 1971.

No Medievo, a perseguição aos judeus era lugar-comum na Europa. Proíbiam-lhes de possuir terras, de praticar certas profissões e de viver onde bem quisessem. Na Europa, os judeus foram obrigados a residir em guetos e a usar uma marca especial de identificação em suas roupas. No século XIII, os judeus de Roma usavam uma insígnia amarela. No mundo cristão, uma das poucas ocupações franqueadas aos judeus era a de agiota, já que os cristãos eram proibidos de praticar a “usura”.²³⁶

Por volta de 1596, William Shakespeare ilustra na peça intitulada *O mercador de Veneza* como o judeu agiota [Shylock] acabou se tornando uma figura de ódio.²³⁷ Numa praça pública de Veneza:

SHYLOCK

Três mil ducados. Bem?

BASSÂNIO

Sim, senhor; por três meses.

SHYLOCK

Por três meses. Bem?

BASSÂNIO

Dos quais, como vos disse, servirá Antônio de fiador.

SHYLOCK

Antônio servirá de fiador. Bem?

BASSÂNIO

Podeis servir-me? Quereis fazer-me esse obséquio?

Posso saber vossa resposta?

SHYLOCK

Três mil ducados, por três meses e Antônio como fiador.²³⁸

No mesmo ato, William Shakespeare põe em cena — sob o terrível pecado da mesa — a culpa do ódio aos judeus, invertida:

BASSÂNIO

Se vos agradar cear conosco.

SHYLOCK

Sim, para sentir o cheiro de porco, para comer da casa de onde vosso profeta, o Nazareno, conjurou o demônio. Poderei comprar e vender convosco, conversar convosco, passear

²³⁶ SHAKESPEARE, W. *O mercador de Veneza*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

²³⁷ SHAKESPEARE, W. *O mercador de Veneza*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

²³⁸ SHAKESPEARE, W. *O mercador de Veneza*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, Ato I, Cena III [p. 26].

convosco, e assim por diante; mas não comerei convosco, nem beberei convosco, nem rezarei convosco [...].²³⁹

Na cena, o judeu agiota — Shylock — é forçado por William Shakespeare a assumir a origem do ódio, sem possibilidade de perdão:

SHYLOCK
 Como parece o falso publicano!
 Por ele ser cristão é que o odeio,
 Mas, acima de tudo, porque em sua
 Simplicidade vil, dinheiro empresta
 Gratuitamente e faz baixar a taxa
 De juros entre nós aqui em Veneza.
 Se em falta alguma vez puder pegá-lo,
 saciado deixarei meu antigo ódio.
 Nossa cansão sagrada ele detesta,
 e, até mesmo no ponto em que costumam
 reunir-se os mercadores, ele insulta-me,
 meus negócios condena e o honesto lucro
 que de interesse chama. Amaldiçoada
 minha tribo, se torne, se o perdoar.²⁴⁰

No ano de 1940, *O Eterno Judeu* traça as diásporas judaicas ao longo dos séculos, comparado-as à migração dos *ratos* pelo mundo — uma decisão cuja estética, reforçada pelas rimas visuais entre os grupos de judeus e bandos de ratos, é desumanizadora:

Paralelo a esta peregrinação judia pelo mundo, temos a migração de um incansável animal: o rato. Os ratos têm sido parasitas da humanidade desde o nosso surgimento. São oriundos da Ásia, de onde migraram em gigantescas hordas sobre a Rússia e dentro da Europa, através dos Balcãs. Em meados do século XVIII, eles já haviam se espalhado por toda a Europa. Pelo final do século XIX, com o crescente tráfego de navios, eles também se apoderaram da América e, eventualmente, África e o extremo Oriente. Onde quer que os ratos apareçam, levam destruição à terra, às mercadorias e alimentos, e espalham pragas e doenças como cólera, desinteira, lepra e febre tifoide. Eles são espertos, covardes e cruéis; geralmente surgem em gigantescas multidões. Eles representam os elementos de dissimulação e destruição subterrânea entre os animais, da mesma maneira que os judeus fazem com a Humanidade.²⁴¹

Na Modernidade, os avanços científicos e políticos — iluministas — possibilitaram que crenças tradicionais sobre os judeus fossem questionadas. No ano de 1781, Christian Wilhelm von Dohm — historiador

²³⁹ SHAKESPEARE, W. *O mercador de Veneza*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, Ato I, Cena III [pp. 27-28].

²⁴⁰ SHAKESPEARE, W. *O mercador de Veneza*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, Ato I, Cena III [p. 28].

²⁴¹ ETERNO Judeu, O. Direção: Fritz Hippler. Terra Film, 1940. [62 min].

alemão — posicionou-se em favor da emancipação dos judeus, destacando que tudo aquilo cuja culpa era atribuída aos judeus era causado pelas condições políticas sob as quais eles viviam.²⁴² Na França, após a Declaração dos Direitos do Homem [1789], os judeus se tornaram cidadãos livres e iguais perante a lei. No século XIX, muitas das proibições que haviam sido impostas aos judeus foram eliminadas na Alemanha, incluindo as que restringiam seu acesso a determinadas profissões.²⁴³

No século XIX, nenhum país da Europa passou por alterações tão rápidas quanto a Alemanha. Na Alemanha, a produção de carvão aumentou de um milhão e meio de toneladas em 1850 para cem milhões de toneladas em 1906.²⁴⁴ Na esteira de todas essas reviravoltas, questionou-se o que significava ser “alemão”?²⁴⁵ Destarte,

os que acreditavam no poder do *Volk* ofereceram uma resposta. Embora seja normalmente traduzido pelo termo “povo”, o conceito por trás de *Volk* não pode ser suficientemente transmitido por uma única palavra. Para os teóricos, *völkisch* significava a conexão quase mística que um grupo de pessoas que fala a mesma língua e compartilha uma herança cultural tem com o solo de sua terra natal. Como reação ao repentino crescimento das cidades e à poluição que aumentava das fábricas recém-contruídas, eles pregavam as glórias da vida rural alemã, e, particularmente, do poder da floresta [...].²⁴⁶

Nos anos vindouros, o conceito de *Volk* adquiriria fundamental importância para Adolf Hitler e para os nazistas.²⁴⁷ No ano de 1936, Joseph Goebbels — ministro da propaganda nazista — lançou um filme, intitulado *Floresta Eterna* [*Ewiger Wald*], que glorificava o poder e a importância da floresta e do agricultor. No release de lançamento do filme dizia-se que os ancestrais dos alemães eram um povo da floresta; seu Deus vivia em bosques sagrados; sua religião cresceu a partir das florestas. Nenhum povo

²⁴² VON DOHM, C. W. Concerning the Amelioration of the Civil Status of the Jews. In: MENDES-FLOHR, P; REINHARZ, J. *The Jews in the Modern World: a documentary history*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

²⁴³ EVANS, R. J. *Terceiro Reich no poder*. Trad. Lúcia Brito. São Paulo: Planeta, 2016.

²⁴⁴ MOSSE, G. L. *The Crisis of German Ideology: intellectual origins of the Third Reich*. Nova York: Howard Fertig, 1998.

²⁴⁵ REES, L. *O holocausto: uma nova história*. Trad. Luis Reys Gil. São Paulo: Vestígio, 2018.

²⁴⁶ REES, L. *O holocausto: uma nova história*. Trad. Luis Reys Gil. São Paulo: Vestígio, 2018, p. 16.

²⁴⁷ REES, L. *O holocausto: uma nova história*. Trad. Luis Reys Gil. São Paulo: Vestígio, 2018.

poderia viver sem a floresta, e as pessoas que são culpadas pelo desflorestamento iriam afundar no esquecimento. Na última fala do narrador de *Floresta Eterna*, reforçava-se esse vínculo entre o *Volk* e a floresta: o povo — como floresta — resistirá sempre.²⁴⁸

Para os judeus alemães, cada novo desenrolar de acontecimentos era um sério problema, por serem excluídos do conceito de *Volk*. De acordo com Laurence Rees, a maior parte dos judeus vivia na cidade e trabalhava em empregos que eram a antítese do ideal de *völkisch*. Na verdade, os judeus não eram pessoas oriundas das florestas.²⁴⁹

[...] Os judeus estavam agora sendo culpados por não terem vínculo com o solo, depois de terem sido proibidos de possuir terras. Essa antipatia crescente por eles era ainda mais notável porque quase não havia judeus vivendo na Alemanha. Menos de um por cento da população era judeu. Muitos alemães jamais haviam tido contato com eles. Mas a ausência de judeus não é obstáculo ao antissemitismo.²⁵⁰

Em todo caso, os arcaicos preconceitos de base cristã contra os judeus alemães não desapareceram à medida que o movimento *völkisch* crescia. Lamentavelmente, eles foram reforçados por pessoas que se arrogavam “atissemitas”. Paralelamente, cresceu outro modo de atacar os judeus: a ideia por trás da conclamação de Hitler em sua carta de setembro de 1919 em favor de um antissemitismo alicerçado na razão. Hitler, apoiando-se em princípios pseudocientíficos para justificar seu ódio aos judeus, argumentava que estes deveriam ser desprezados não por sua religião, mas por sua “raça” [para a teologia latino-americana, um termo confuso e nocivo]. Por três “raças”, distinguam-se os seres humanos: os negros, os amarelos e os brancos.²⁵¹

No topo da hierarquia racial estava a “raça branca”, que possui um notável e extremo amor à liberdade. Historicamente, destacam-se três lições: a] todas as civilizações derivam da “raça branca”; b] nenhuma delas pode existir sem sua ajuda; c] a sociedade é importante e brilhante apenas

²⁴⁸ WELCH, D. *Propaganda and the German Cinema: 1933-1945*. Oxford: Oxford University Press, 1985.

²⁴⁹ REES, L. *O holocausto: uma nova história*. Trad. Luis Reys Gil. São Paulo: Vestígio, 2018.

²⁵⁰ REES, L. *O holocausto: uma nova história*. Trad. Luis Reys Gil. São Paulo: Vestígio, 2018, p. 18.

²⁵¹ REES, L. *O holocausto: uma nova história*. Trad. Luis Reys Gil. São Paulo: Vestígio, 2018.

na medida em que preserva o sangue do grupo nobre que o criou. No caso das civilizações europeias, argumentava-se a sua criação por um grupo chamado de “arianos”, que havia migrado da Índia para a Europa. Na pirâmide das “raças”, o povo amarelo era nitidamente superior ao negro. Não obstante, nenhuma sociedade civilizada poderia ser criada por ele, pela incapacidade de lhe fornecer uma força audaz, ou de pôr em movimento as energias da beleza e da ação. Na parte mais baixa da pirâmide, encontrava-se a variedade negroide, a mais inferior.²⁵²

Na concepção de Houston Stewart Chamberlain, enquanto os arianos representavam o ideal mais fundamental, os judeus representavam justamente o inverso. Para Houston Stewart Chamberlain, embora fosse difícil se distinguir alguns judeus dos arianos, a realidade era que todos os judeus faziam parte de um povo asiático estrangeiro que havia, pelos meios mais vis, adquirido imensa riqueza.²⁵³ No entanto, como apenas os judeus e a raça alemã haviam conseguido se manter “puros”, concluía-se que essas duas raças — a ariana e a judaica — estavam envolvidas em uma intensa luta pela supremacia.²⁵⁴

[...] O antissemitismo tradicional havia se baseado na religião. Se os judeus se convertessem ao cristianismo, ainda teriam uma chance de escapar da perseguição. Mas a ideia de que a “condição de judeu” era algo inerente ao indivíduo — de que estava presente, como os nazistas acabaram acreditando, no sangue — significava que não havia escapatória. Sua “raça”, sobre a qual você não tinha controle, era seu destino. Você podia até ser uma pessoa gentil e generosa possível, mas se sua “raça” fosse avaliada como inferior ou perigosa, então você corria o risco de ser perseguido.²⁵⁵

Por conseguinte, acrescentou-se a essa mistura de “antissemitismo tradicional”, “antissemitismo *völkisch*” e “antissemitismo racial” a emergência do movimento da “eugenia” [“boa raça”].²⁵⁶

Esse instinto que vigora em toda a Natureza, essa tendência à purificação racial, têm por consequência não só levantar uma barreira poderosa entre cada raça e o mundo exterior, como

²⁵² REES, L. *O holocausto: uma nova história*. Trad. Luis Reys Gil. São Paulo: Vestígio, 2018.

²⁵³ CHAMBERLAIN, H. S. *Foundations of the Nineteenth Century*. New York: Howard Fertig, 1968.

²⁵⁴ REES, L. *O holocausto: uma nova história*. Trad. Luis Reys Gil. São Paulo: Vestígio, 2018.

²⁵⁵ REES, L. *O holocausto: uma nova história*. Trad. Luis Reys Gil. São Paulo: Vestígio, 2018, pp. 21-22.

²⁵⁶ REES, L. *O holocausto: uma nova história*. Trad. Luis Reys Gil. São Paulo: Vestígio, 2018.

também uniformizar as disposições naturais. A raposa é sempre raposa, o ganso, ganso, o tigre, tigre etc. [...] Nunca se achará, porém, uma raposa manifestando a um ganso sentimentos humanitários da mesma maneira que não há um gato com inclinação favorável a um rato.²⁵⁷

No Evangelho de Mateus, lê-se: “Ai do mundo por causa dos escândalos! É necessário que haja escândalos, mas ai do homem pelo qual o escândalo vem!”²⁵⁸ Não é de se estranhar que Hitler tenha vivido em Viena [Áustria] entre 1908 e 1913, nutrindo uma enorme admiração pelo prefeito Karl Lueger — um antissemita assumido —, que uma vez afirmava que o poder judeu sobre os jornais e o capital era equivalente ao mais terrível terrorismo, e que desejava libertar o povo cristão da dominação dos judeus: o maior inimigo do povo alemão.²⁵⁹

Na presente pesquisa, deparamo-nos com uma carta de fundamental importância histórica que Adolf Hitler — numa época difícil, em que seu único patrimônio era uma vida cheia de sonhos frustrados [e pesadelos] — escreveu para um colega soldado chamado Adolf Gemlich, datada de 16 de setembro de 1919. Na presente missiva, Adolf Hitler aponta — de modo inequívoco — quem ele julga responsável não só por sua difícil situação pessoal, mas pelo sofrimento de toda a nação alemã. No dizer de Adolf Hitler, existia — vivendo entre o povo alemão — uma raça não alemã, estrangeira, que não se dispunha e não era capaz de abrir mão de suas características; e que mesmo assim desfrutava de todos os direitos políticos que dispunham os cidadãos alemães.²⁶⁰

No documento supracitado, tudo que levava os homens a se esforçarem para obter coisas mais sublimes — a religião, o socialismo e a democracia — era para os judeus apenas um meio para um fim: a

²⁵⁷ HITLER, A. *Minha luta*. Trad. Klaus Von Puschen. São Paulo: Centauro, 2001, p. 212.

²⁵⁸ BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 18, vers. 7.

²⁵⁹ REES, L. *O holocausto: uma nova história*. Trad. Luis Reys Gil. São Paulo: Vestígio, 2018.

²⁶⁰ NOAKES, J.; PRIDHAM, G. *Nazism 1919-1945: The Rise to Power 1919-1934*. Exeter: University of Exeter Press, 1991.

satisfação de sua cobiça por dinheiro e poder. Para Hitler, as atividades dos judeus produziam uma tuberculose racial entre as nações.²⁶¹

O judeu só conhece a união, quando ameaçado por um perigo geral ou tentado por uma filhagem em comum; desaparecendo ambos estes motivos, os sinais característicos do egoísmo mais cru surgem em primeiro plano e o povo, ora unido, de um instante para o outro transforma-se em uma chusma de ratazanas ferozes. Se os judeus fossem os habitantes exclusivos do Mundo, não só morreriam sufocados em sujeira e porcária como tentariam vencer-se e exterminar-se mutuamente, contanto que a indiscutível falta de espírito de sacrifício, expresso na sua covardia, fizesse, aqui também, da luta uma comédia.²⁶²

No Estado alemão, o adversário que Adolf Hitler identificara foi “o judeu”, expressando que o objetivo político final de qualquer governo alemão deveria ser a remorção intrasigente de todos os judeus. Adolf Hitler, na sua autobiografia — intitulada *Minha Luta* [*Mein Kampf*] —, declara odiar os judeus desde a época que trabalhava para se tornar pintor em Viena [Áustria] nos primeiros anos do século XX.²⁶³

[O judeu] é e será sempre o parasita típico, um bicho, que, tal qual um micróbio nocivo, se propaga cada vez mais, assim que se encontra em condições propícias. A sua ação vital igualmente se assemelha à dos parasitas, onde ele aparece. O povo, que o hospeda, vai se exterminando mais ou menos rapidamente.²⁶⁴

Na história da humanidade, os judeus — mais uma vez — tornaram-se um “bode expiatório”:

Os judeus foram acusados não só de tentarem instigar uma revolução comunista na Alemanha. Foram também culpados pela derrota na guerra; pela destruição do velho regime político baseado no Kaiser; por terem concordado com os termos do odiado Tratado de Paz de Versalhes; e por participarem do governo de Weimar, que esteve à frente da hiperinflação do início da década de 1920.²⁶⁵

Hannah Arendt, no livro intitulado *Origens do totalitarismo: anti-semitismo, instrumento de poder* — uma análise estética, escreve:

²⁶¹ NOAKES, J.; PRIDHAM, G. *Nazism 1919-1945: The Rise to Power 1919-1934*. Exeter: University of Exeter Press, 1991.

²⁶² HITLER, A. *Minha luta*. Trad. Klaus Von Puschen. São Paulo: Centauro, 2001, p. 224.

²⁶³ HITLER, A. *Minha luta*. Trad. Klaus Von Puschen. São Paulo: Centauro, 2001.

²⁶⁴ HITLER, A. *Minha luta*. Trad. Klaus Von Puschen. São Paulo: Centauro, 2001, p. 226.

²⁶⁵ REES, L. *O holocausto: uma nova história*. Trad. Luis Reys Gil. São Paulo: Vestígio, 2018, p. 26.

[...] Provavelmente não existe aspecto da história contemporânea mais irritante e mais mistificador do que o fato de, entre tantas questões políticas vitais, ter cabido ao problema judaico, aparentemente insignificante e sem importância, a duvidosa honra de pôr em movimento toda uma máquina infernal. Tais discrepâncias entre a causa e o efeito constituem ultraje ao bom senso a tal ponto, que as tentativas de explanar o anti-semitismo parecem forjadas com o fito de salvar o equilíbrio mental dos que mentem o senso de proporção e a esperança de conservar o juízo.²⁶⁶

Hannah Arendt insiste:

Repito: compreender não significa negar o ultraje, subtrair o inaudito do que tem precedentes, ou explicar fenômenos por meio de analogias e generalidades tais que se deixa de sentir o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa antes examinar e suportar conscientemente o fardo que os acontecimentos colocaram sobre nós — sem negar sua existência nem vergar humildemente a seu peso, como se tudo o que de fato aconteceu não pudesse ter acontecido de outra forma. Compreender significa, em suma, encarar a realidade, espontânea e atentamente, e resistir a ela — qualquer que ela seja, venha a ser ou possa ter sido.²⁶⁷

Zygmunt Bauman — em *Modernidade e Holocausto* — sustenta que o Holocausto foi produto de um choque único de fatores em si mesmo bastante comuns e ordinários. Pela possibilidade de tal choque, poder-se-ia — em grande parte — culpar a emancipação do Estado político, com seu monopólio de meios de violência institucionalizado e suas audaciosas ambições manipuladoras, face ao controle social, pelo resultado do desmantelamento de todas as fontes apolíticas de poder e todas as instituições de autogestão social.²⁶⁸

Nas reflexões de Zygmunt Bauman,

o Holocausto foi um choque único entre as velhas tensões que a modernidade ignorou, negligenciou ou não conseguiu resolver e os poderosos instrumentos de ação racional e efetiva que o próprio desenvolvimento moderno fez surgir. Mesmo que seu choque tenha sido único e exigisse uma rara combinação de circunstâncias, os fatores que se reuniram nesse encontro eram, e ainda são, onipresentes e “normais”. Não se fez suficiente depois do Holocausto para sondar o potencial medonho desses fatores e menos ainda para impedir seus efeitos potencialmente

²⁶⁶ ARENDT, H. *Origens do totalitarismo: anti-semitismo, instrumento de poder — uma análise estética*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Documentário, 1975, p. 21.

²⁶⁷ ARENDT, H. *Origens do totalitarismo: anti-semitismo, instrumento de poder — uma análise estética*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Documentário, 1975, p. 16.

²⁶⁸ BAUMAN, Z. *Modernidade e Holocausto*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

aterradores. Creio que muito mais poder ser feito — e certamente deve ser feito — nos dois sentidos.²⁶⁹

Na práxis teológico-política, o itinerário acadêmico-intelectual de Edith Stein revela que não devemos ter medo do confronto com o Estado, de interpelar as pessoas pelo erro que cometeram: “Serpentes! Raça de víboras! Como haveis de escapar ao julgamento da geena?”²⁷⁰

O holocausto [*shoá*], o maior genocídio de que a história da humanidade tem notícia revelou, entre outras coisas, aquilo de que o ser humano é capaz quando possuído pela *hybris* do poder e da violência. Pensar na *shoá* é voltar-se para a dimensão mais obscura e terrível da existência humana e ver que o ser humano foi capaz de produzir uma tragédia tão grande que nos faltam palavras suficientes para expressar seu horror. O mundo não é mais o mesmo antes e depois da *shoá* [...].²⁷¹

Dietrich Bonhoeffer — no livro intitulado *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão* — escreve-nos:

Creio que Deus pode e quer converter tudo, mesmo o pior mal, em bem. Para isso ele precisa de pessoas que saibam tirar o melhor de todas as coisas. Creio que em toda situação de necessidade ou aflição Deus nos quer dar tanta resistência quanto necessitarmos. Mas ele não a dá antecipadamente, para que não confiemos em nós mesmos, e sim somente nele. Uma fé assim deveria ter superado todo o medo do futuro. Creio que nem mesmo nossas faltas e nossos erros são em vão e que para Deus não é mais difícil lidar com eles do que com nossas supostas boas obras. Creio que Deus não é um destino atemporal, mas que ele espera por orações sinceras e ações responsáveis e responde a elas.²⁷²

Desmond Tutu — teólogo sul-africano da libertação — reflete:

Perdoar não significa fingir que as coisas não são como realmente são. Perdoar significa reconhecer que alguma maldade aconteceu. Perdoar não significa tentar esconder as feridas. Perdoar significa que tanto a vítima quanto o culpado reconhecem que algo aconteceu. Existe, necessariamente, uma medida de confrontação. É comum as pessoas tentarem não encarar as outras. Porém, às vezes você precisa fazer com que a outra parte reconheça que fez algo de errado.²⁷³

²⁶⁹ BAUMAN, Z. *Modernidade e Holocausto*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, pp. 16-17.

²⁷⁰ BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 23, vers. 34.

²⁷¹ BINGEMER, M. C. *Um rosto para Deus?* São Paulo: Paulus, 2005, p. 163.

²⁷² BONHOEFFER, D. *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. Trad. Nélcio Schneider. 2. ed. São Leopoldo [RS]: Sinodal, 2015, pp. 36-37.

²⁷³ TUTU, D. *Deus não é cristão e outras provocações*. Trad. Lilian Jenkino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012, p. 58.

Na perspectiva da teologia latino-americana, pensamos que não é possível uma pesquisa — fidedigna — da vida que experiencia o mundo, juntamente com a práxis que transforma o mundo de acordo com uma direção e um sentido em Edith Stein sem se levar em conta a singularidade do seu semitismo — seu vínculo de pertença ao povo judeu. “[...] Tudo nela vem marcado, do nascimento à morte, pelo pertencimento a este magnífico povo: o povo das promessas de Yahweh”.²⁷⁴ Para fins de compreendermos a fundo o mistério da existência humana do povo judeu, optamos por visitar os escritos de São Paulo, que nos revelam — da parte de Deus — a razão histórico-teológica de ser do povo judeu:

Não quero que ignoreis, irmãos, este mistério, para que não vos *tenhais na conta de sábios*: o endurecimento atingiu uma parte de Israel até que chegue a plenitude das nações, e assim todo Israel será salvo, conforme está escrito:

*De Sião virá o libertador
e afastará as impiedades de Jacó,
e esta será a minha aliança com eles,
quando eu tirar seus pecados.*²⁷⁵

De acordo com Florencio García Muñoz, o raciocínio do Apóstolo Paulo não é chauvinista.²⁷⁶ Trata-se de uma reflexão teológica:

Digo a verdade em Cristo, não minto, e disto me dá testemunho a minha consciência no Espírito Santo: tenho grande tristeza e dor incessante em meu coração. Quisera eu mesmo ser anátema, separado de Cristo, em favor de meus irmãos, de meus parentes segundo a carne, que são os israelitas, aos quais pertencem a adoção filial, a glória, as alianças, a legislação, o culto, as promessas, aos quais pertencem os patriarcas, e dos quais descende o Cristo, segundo a carne, que é, acima de tudo, Deus bendito pelos séculos! Amém.²⁷⁷

Deus fez-se Homem no povo de Israel, elegendo-o para ser o depositário da grande promessa e para que preparasse os caminhos do grande acontecimento da História da Humanidade: a presença salvadora

²⁷⁴ MUÑOZ, F. G. *Beneticta de la Cruz*. Edith Stein, signo de contraticción. Madriz: San Pablo, 2007, p. 25:

“[...] Todo en ella viene marcado desde el nacimiento hasta su muerte por la pertenencia a este magnífico pueblo, el de las promesas de Yavé”. [Tradução livre].

²⁷⁵ BÍBLIA, N. T. Romanos. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 11, vers. 25-27.

²⁷⁶ MUÑOZ, F. G. *Beneticta de la Cruz*. Edith Stein, signo de contraticción. Madriz: San Pablo, 2007.

²⁷⁷ BÍBLIA, N. T. Romanos. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 9, vers. 1-5.

para todo mundo do Verbo Encarnado. Jesus Cristo era judeu. Maria — sua mãe — e seus apóstolos eram judeus. Edith Stein era judia.²⁷⁸ Para circunscrevermos a questão do Estado, optamos por dar a palavra a Edith Stein — numa atitude de sensibilidade —, para que, numa atitude de urgência e de cuidado [*cura*], revele-se o seu o rosto — “epifania viva” — na teologia como reflexão crítica da práxis histórica na América Latina.²⁷⁹ Emmanuel Lévinas pensa que o homem é o único ser que não podemos encontrar sem lhe exprimir este encontro mesmo.²⁸⁰

Pela excelência das palavras, coube-nos destacar o que escreveu a teóloga latino-americana Maria Clara Lucchetti Bingemer:

[...] Edith Stein nos ensina algo nestes tempos em que a inclusão do outro e do diferente parecem ser o caminho necessário por onde passará a paz e a justiça: ensina-nos que a eliminação da alteridade não conduz à vida, mas à morte. E que a vida verdadeira passa pelo assumir sobre si a diferença do outro e redimi-la desde a unidade de Deus, que integra todas as alteridades, fazendo-as superar-se e resultar em vida nova e interminável para muitos.²⁸¹

Do ponto de vista entropático, o encontro distingue-se do conhecimento. Há em toda atitude referente ao humano uma saudação, mesmo nos casos concretos que há recusa de saudar.²⁸²

[...] Este vínculo com outrem que não se reduz à representação de outrem, mas à sua invocação, e onde a invocação não é precedida de compreensão, chamo-a *religião*. A essência do discurso é oração. O que distingue o pensamento que visa a um objeto de um vínculo como uma pessoa é que neste se articula um vocativo: o que é nomeado é, ao mesmo tempo, aquele que é chamado.²⁸³

No teatro da vida de Edith Stein, a nossa consciência fenomenológico-existencial nos possibilitou ver que mesmo o gênio só pode se desenvolver em conflito com o mundo e o âmbito público, embora

²⁷⁸ MUÑOZ, F. G. *Benicta de la Cruz*. Edith Stein, signo de contracción. Madriz: San Pablo, 2007.

²⁷⁹ LÉVINAS, E. *Humanismo do Outro Homem*. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1993.

²⁸⁰ LÉVINAS, E. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Trad. Pergentino Pivatto [Coord.] et al. 2. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2005.

²⁸¹ BINGEMER, M. C. L. Edith Stein, Profetisa do Amor Inclusivo. In: BINGEMER, M. C. L.; YUNES, E. [Orgs]. *Profetas e profecias*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 250.

²⁸² LÉVINAS, E. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Trad. Pergentino Pivatto [Coord.] et al. 2. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2005.

²⁸³ LÉVINAS, E. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Trad. Pergentino Pivatto [Coord.] et al. 2. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2005, p. 29.

encontre sua concordância própria particular como sua platéia. Não obstante, o mundo e as pessoas humanas que nele habitam não são a mesma coisa. Para Hannah Arendt, o mundo está entre os indivíduos, sendo “[...] esse espaço intermediário — muito mais do que os homens, ou mesmo o homem [...] — é hoje o objeto de maior interesse e revolta de mais evidência em quase todos os países do planeta [...]”.²⁸⁴

Na opinião de Hannah Arendt, mesmo onde o mundo está — ou é mantido — mais ou menos em ordem, o âmbito público perdeu o poder iluminador que originalmente fazia parte de sua natureza. Nos Estados do mundo ocidental, o qual encarou, desde o declínio do mundo antigo, a liberdade em relação à política como uma das liberdades básicas, um número cada vez maior de indivíduos utiliza tal liberdade e se retira do mundo e de suas obrigações junto a ele. Hannah Arendt diz, então:

[...] essa retirada do mundo não prejudica necessariamente o indivíduo; ele pode inclusive cultivar grandes talentos ao ponto da genialidade e assim, através de um rodeio, ser novamente útil ao mundo. Mas, a cada uma dessas retiradas, ocorre uma perda quase demonstrável para o mundo; o que se perde é o espaço intermediário específico e geralmente insubstituível que teria se formado entre esse indivíduo e seus companheiros homens.²⁸⁵

Na *Odisseia* [*Οδύσσεια*, século VIII a.C.], Homero narra que por ocasião de um banquete na corte do rei dos feácios, Ulisses — Odisseu — ouviu a sua história contada por um bardo que o homenageou e verteu lágrimas.²⁸⁶ Historicamente, “[...] suas lágrimas indicam que, desse modo, ele teria se reconciliado com a realidade.”²⁸⁷

Para os fins da teologia como reflexão crítica da práxis histórica, um primeiro passo fundamental na escavação da *busca da verdade de Edith Stein* é descobrir a história das etapas pelas quais passaram sua vida e

²⁸⁴ ARENDT, H. *Homens em tempos sombrios*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 14.

²⁸⁵ ARENDT, H. *Homens em tempos sombrios*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 14.

²⁸⁶ HOMERO. *Odisseia*. Trad. Jaime Bruna. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

²⁸⁷ CRITELLI, D. *História pessoal e sentido da vida: historiobiografia*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2016, p. 69.

seu pensamento.²⁸⁸ No teatro da vida — concreta — de Edith Stein, evidenciamos que a última cena permanece *inacabada*, não só devido a sua morte em Auschwitz-Birkenau, mas por ter nos deixado uma série de problemas de índole filosófica e teológica, dentre as quais está a questão do fundamento — onto-teológico-político — do Estado.

1.2

A BUSCA DA VERDADE DE EDITH STEIN

Ordenei que tirassem meu cavalo da estrebaria. O criado não me entendeu. Fui pessoalmente à estrebaria, selei o cavalo e montei-o. Ouvi soar à distância uma trompa, perguntei-lhe o que aquilo significava. Ele não sabia de nada e não havia escutado nada. Perto do portão ele me deteve e perguntou:

— Para onde cavalga, senhor?

— Não sei direito — eu disse — só sei que é para fora daqui, fora daqui. Fora daqui sem parar: só assim posso atingir meu objetivo.

— Conhece então seu objetivo? — perguntou ele.

— Sim — respondi — Eu já disse: “fora-daqui”, é esse o meu objetivo.

— O senhor não leva provisões — disse ele.

— Não preciso de nenhuma — disse eu — A viagem é tão longa que tenho de morrer de fome se não receber nada no caminho. Nenhuma provisão pode me salvar. Por sorte esta viagem é realmente imensa.²⁸⁹

No dia 31 de dezembro de 1938, Edith Stein teve que deixar o Carmelo de Colônia [Alemanha], mudando-se para o Carmelo de Echt [Holanda], por conta das perseguições do nacionalsocialismo aos judeus. Edith Stein levou consigo uma série de livros, manuscritos e trabalhos incompletos, com a intenção de — na medida do possível — concluir seus estudos e pesquisas no Carmelo de Echt. No Carmelo de Colônia, Edith Stein deixou quase toda sua biblioteca e alguns manuscritos. Para os fins do presente estudo, acrescenta-se aos manuscritos levados ao Carmelo de

²⁸⁸ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008.

²⁸⁹ KAFKA, F. A Partida. In: _____. *Narrativas do espólio*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 141.

Echt tudo o que Edith Stein conseguiu escrever até o dia de sua deportação para Auschwitz [dia 02 de agosto de 1942].²⁹⁰

No dia 06 de janeiro de 1945, as monjas do Carmelo de Echt trasladaram os manuscritos de Edith Stein para um pequeno convento em Herkenbosch. Por conseguinte, trasladaram para o Convento de Herkenbosch alguns dos pertences e — em grandes sacos — os escritos de Edith Stein. Não obstante, pouco tempo depois as monjas carmelitas tiveram que fugir do Convento de Herkenbosch, deixando os manuscritos de Edith Stein abandonados no sótão do convento.²⁹¹

Por iniciativa de Frei Avertanus, OCD, prior dos Carmelitas Descalços de Geelen, e de Frei Hermann van Breda, OFM, diretor do Husserls-Archiv da Université Catholique de Louvain — UCL, resgatou-se os manuscritos de Edith Stein. No mês de março de 1945, deu-se a busca dos manuscritos de Edith Stein por esses dois sacerdotes religiosas, que viajaram para Convento de Herkenbosch, com fins de resgatar dos escombros do convento centenas de laudas manuscritas por Edith Stein, salvando-as da total destruição. De imediato, Frei Avertanus, OCD designou o Frei Romaeus Leven, OCD para dedicar-se ao estudo do pensamento de Edith Stein e à reconstrução de seus escritos.²⁹²

Historicamente, o primeiro destino dos escritos de Edith Stein foi o Husserls-Archiv, anexo ao Institut Supérieur de Philosophie da Université Catholique de Louvain — UCL. Na presente instituição de ensino superior — católica —, realizou-se os primeiros trabalhos de compilação, reconstrução, ordem e catalogação dos escritos de Edith Stein, sob os cuidados da Profa. Dra. Lucy Gelber. Por conseguinte, concluídos os trabalhos, Frei Romaeus Leven, OCD foi chamado a Roma e nomeado

²⁹⁰ BEJAS, A.; SPITZLEI, S. Catálogo y descripción de los archivos que guardan y publican las obras de Edith Stein. In: STEIN, E. *Los caminos del silencio interior*. Trad. Andrés Bejas e Sabine Spitzlei. 5. ed. Buenos Aires, 2007.

²⁹¹ BEJAS, A.; SPITZLEI, S. Catálogo y descripción de los archivos que guardan y publican las obras de Edith Stein. In: STEIN, E. *Los caminos del silencio interior*. Trad. Andrés Bejas e Sabine Spitzlei. 5. ed. Buenos Aires, 2007.

²⁹² BEJAS, A.; SPITZLEI, S. Catálogo y descripción de los archivos que guardan y publican las obras de Edith Stein. In: STEIN, E. *Los caminos del silencio interior*. Trad. Andrés Bejas e Sabine Spitzlei. 5. ed. Buenos Aires, 2007.

“censor” dos escritos de Edith Stein, encarregando-o da publicação da obra steiniana. A partir desse momento o Archivum Carmelitanum Edith Stein começou a funcionar como uma instituição independente, com sede definitiva na Bélgica — primeiro em Lovaina e depois em Bruxelas —, com fins de administração e publicação dos manuscritos de Edith Stein.²⁹³

Edith Stein, numa carta endereçada a Petra Brüning — datada de 03 de janeiro de 1939 — escreve que em viagem para a Holanda, teve a oportunidade de passar primeiro pela Rua Schnur e receber a bênção da Rainha da Paz, para onde transladar-se-ia a comunidade carmelita na qual ela recebeu o hábito e fez a profissão religiosa. “[...] Não necessito descrever-lhe o quanto foi dolorosa a despedida da querida família conventual em Lindental, especialmente das boas Madres [...]”.²⁹⁴

No presente convento, encontra-se atualmente instalada a comunidade das monjas carmelitas de Colônia e o Edith-Stein-Archiv, que guarda outra parte dos valiosos manuscritos de Edith Stein.²⁹⁵

Minha irmã Erna [a médica] logo partirá com seus dois filhos para a América. De Berlim, ela acaba de comunicar-me que por fim tudo está pronto. Não sei se voltarei a vê-la alguma outra vez. Teriam pensado em ir a Colônia. Mas aqui só podem vir se utilizam uma linha de transporte holandesa. Tal possibilidade é neste momento uma coisa incerta.

Do outro lado são esperados com grande ansiedade por meu cunhado, e naturalmente, se alegram muito com a possibilidade de reencontro. Não obstante, a despedida de Breslau será muito dura, mais dura ainda para as pessoas que ficam. Por meio da União de São Rafael, Rosa tenta vir à Holanda. Para ela seria a melhor solução. Estou segura de que você com gosto rezará comigo por estas intenções. Grata, de coração, outra vez por tanto amor e bondade.²⁹⁶

²⁹³ BEJAS, A.; SPITZLEI, S. Catálogo y descripción de los archivos que guardan y publican las obras de Edith Stein. In: STEIN, E. *Los caminos del silencio interior*. Trad. Andrés Bejas e Sabine Spitzlei. 5. ed. Buenos Aires, 2007.

²⁹⁴ STEIN, E. Cartas: año 1939 — a Petra Brüning. In: _____. *Obras completas, I: escritos autobiográficos y cartas*. Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002, p. 1298:

“[...] No necesito describirle lo dolorosa que fue la despedida de la querida familia conventual em Lindental, especialmente de las buenas Madres [...]”. [Tradução livre].

²⁹⁵ BEJAS, A.; SPITZLEI, S. Catálogo y descripción de los archivos que guardan y publican las obras de Edith Stein. In: STEIN, E. *Los caminos del silencio interior*. Trad. Andrés Bejas e Sabine Spitzlei. 5. ed. Buenos Aires, 2007.

²⁹⁶ STEIN, E. Cartas: año 1939 — a Petra Brüning. In: _____. *Obras completas, I: escritos autobiográficos y cartas*. Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier

No dia 14 de outubro de 1933, Edith Stein ingressou na comunidade monástica do Carmelo de Colônia, levando consigo uma substancial biblioteca e uma série de trabalhos em fase de produção, dentre esses *Ser finito e ser eterno: ensaio de acesso ao sentido do ser [Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins]*.²⁹⁷ No momento da partida de Edith Stein para Echt [Holanda], instalou-se o problema do destino que deveriam ter os seus livros e manuscritos, bem como o da seleção dos que poderia levar consigo e os que deveria deixá-los no Carmelo de Colônia. Não sabemos exatamente como se realizou essa distribuição e o que pode ter se perdido duante a guerra.²⁹⁸

Depois que Madre Teresa Renata do Espírito Santo, OCD escreveu a biografia de Edith Stein, apareceram outros escritos dispersos, arquivando-se todo material compilado no Carmelo de Colônia. Nos nossos dias, é o arquivo mais completo, no qual podem ser encontradas todos os escritos de Edith Stein, seus manuscritos — em forma original e fotocopiados — e também todas as obras, revistas e artigos que tenham relação com a vida e com os escritos de Edith Stein.²⁹⁹

Edith Stein, até a Páscoa de 1923 atuou como docente no Liceu das Irmãs Dominicanas de Santa Madalena, em Spira. No Convento de Spira, os quase dez anos que Edith Stein viveu lhe proporcionaram uma grande confiança e uma reação muito íntima com diversas irmãs da comunidade

Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002, p. 1298:

Mi hermana Erna [la médica] pronto partirá con sus dos hijos para América. Desde Berlín acaba de comunicarme que por fin todo está puesto. No sé si volveré a verla alguna otra vez. Terían pensado en ir a Colonia. Mas aquí sólo pueden venir si utilizan una línea de transporte holandesa. Tal posibilidad es ahora mismo una cosa incierta.

Desde el otro lado son esperados con gran ansiedad por mi cuñado, y naturalmente, se alegran mucho de volverse a ver. No obstante, la despedida de Breslau será muy dura, más dura aún para las que se quedan. A través de la 'Raphaelsverein', Rosa intenta venir a Holanda. Sería para ella la mejor solución. Estoy segura de que con gusto rezará usted conmigo por estas intenciones. Gracias, de corazón, otra vez por tanto amor y bondad. [Tradução livre].

²⁹⁷ STEIN, E. *Essere finito e essere eterno: per una elevazione al senso dell'essere*. Trad. Ângela Ales Bello. Roma: Città Nuova, 1999.

²⁹⁸ BEJAS, A.; SPITZLEI, S. Catálogo y descripción de los archivos que guardan y publican las obras de Edith Stein. In: STEIN, E. *Los caminos del silencio interior*. Trad. Andrés Bejas e Sabine Spitzlei. 5. ed. Buenos Aires, 2007.

²⁹⁹ BEJAS, A.; SPITZLEI, S. Catálogo y descripción de los archivos que guardan y publican las obras de Edith Stein. In: STEIN, E. *Los caminos del silencio interior*. Trad. Andrés Bejas e Sabine Spitzlei. 5. ed. Buenos Aires, 2007.

religiosa supracitada. Edith Stein, durante a estada na comunidade dominicana, dedicou-se a proferir numerosas conferências sobre a mulher e sobre questões pedagógicas. No Convento de Spira — como documento dessas atividades e de sua atuação pedagógica no Liceu das Irmãs Dominicanas de Santa Madalena — ficaram numerosos manuscritos e originais digitados que se conservam no arquivo conventual.³⁰⁰

No arquivo do Convento de Spira, encontram-se *Quaestiones Disputatae de Veritate* de Santo Tomás de Aquino [Des Hl. Thomas von Aquin Untersuchungen über die Wahrheit], numerosas dedicatórias, breves traduções de hinos e textos litúrgicos e inúmeras cartas que Edith Stein escreveu para as Irmãs Dominicanas de Santa Madalena.³⁰¹

No dia 09 de junho de 1939, Edith Stein, de acordo com a prescrição da “Regra” e das “Constituições” da Ordem Carmelita Descalça — OCD, escreveu o seu Testamento, no qual consta:

Os livros que trago comigo, contando que não sejam de um caráter puramente científico ou de pouco uso para as irmãs, queiram deixá-los naturalmente no convento. Os livros científicos receberiam com gosto nossos Padres Carmelitas, os Trapistas e os Jesuítas.

Peço também que meus manuscritos sejam revisados e, de acordo com um critério reto, ou sejam destruídos, ou se não adicionam à biblioteca, ou bem sejam presenteados como recordação. A história sobre a minha família rogo que não seja publicada até que esteja vivo algum dos meus irmãos e peço também que não lhe seja entregue a eles. Só Rosa poderia ter acesso a ela, e depois da morte de meus outros irmãos, seus filhos. Sobre sua publicação em todo caso deve decidir a Ordem.

Tenho em meu poder também dois manuscritos de uns amigos estrangeiros. Se não forem retirados antes de minha morte, pediria que lhes entregasse aos seus respectivos donos, e algum pequeno manuscrito [meu] como lembrete [...].

[...] Se meu livro *Ser finito e ser eterno* não tiver sido publicado antes de minha morte, rogaria a nosso Reverendo Padre Provincial que se ocupasse amavelmente do término da impressão e de sua publicação. Com este fim, anexo uma cópia do contrato com a editora. Já que este contrato foi realizado pelo Carmelo de Colônia, seria necessário para o definitivo contrato

³⁰⁰ BEJAS, A.; SPITZLEI, S. Catálogo y descripción de los archivos que guardan y publican las obras de Edith Stein. In: STEIN, E. *Los caminos del silencio interior*. Trad. Andrés Bejas e Sabine Spitzlei. 5. ed. Buenos Aires, 2007.

³⁰¹ BEJAS, A.; SPITZLEI, S. Catálogo y descripción de los archivos que guardan y publican las obras de Edith Stein. In: STEIN, E. *Los caminos del silencio interior*. Trad. Andrés Bejas e Sabine Spitzlei. 5. ed. Buenos Aires, 2007.

o acordo do mesmo, assim como o do editor, Otto Borgemeyer, em Breslau, para a realização de um novo.³⁰²

No Carmelo de Echt [Holanda], Edith Stein detalhou — com a devida precisão — o destino de seus bens, inestimáveis em pecúnia. No Archivum Carmelitanum Edith Stein, encontra-se quase todo esse material. No Carmelo de Echt — fechado em 1986 — ficaram uns poucos fragmentos, as últimas cartas de Edith Stein e poucas traduções. Desta-se como documento importante, o Testamento de Edith Stein. Por fim, além das numerosas cartas de Edith Stein — aproximadamente 500 — que temos conhecimento e que se encontram distribuídas por diversos arquivos ou em posse privada há manuscritos de Edith Stein nos arquivos da Universidade Ludwig e Maximilian de Munique — LMU, da Albert-Ludwigs-Universität Freiburg — UNI-Freiburg e da Université Catholique de Louvain — UCL. Na UCL, encontram-se comentários e transcrições das obras de Edmund Husserl, que tinha costume de escrever em estenografia.³⁰³

No século XXI, a teologia latino-americana reclama para si a inclusão [tradução] dos escritos de Edith Stein nas línguas, literaturas e culturas espanhola e portuguesa. Na investigação do Estado, esta questão não pode passar despercebida, pois como escreve Louis Trølle Hjelmlev:

³⁰² STEIN, E. _____. Testamento. In: _____. *Obras completas, I: escritos autobiográficos y cartas*. Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002, pp. 514-515:

Los libros que traje conmigo, mientras que no sean de un carácter puramente científico o de poco uso para las hermanas, quisiera dejalos naturalmente al convento. Los libros científicos los recibirían a gusto nuestros Padres Carmelitas, los Trapenses y los Jesuitas.

Pido también que mis manuscritos sean revisados y, según un criterio recto, o sean destruidos, o se añadan a la biblioteca, o bien sean regalados como recuerdo. La historia sobre my familia ruego que no sea publicada mientras este en vida alguno de mis Hermanos y pido también que no les sea entregada a ellos. Solamente Rosa podría ter acceder a ella, y después de la muerte de mis otros hermanos, sus hijos. Sobre su publicación en todo caso debe decidir la Orden.

Tenho em meu poder também dois manuscritos de uns amigos estrangeiros. Se não forem retirados antes de minha morte, pediria que lhes entregasse aos seus respectivos donos, e algum pequeno manuscrito [meu] como lembrete [...].

[...] Si mi libro *Ser finito y ser eterno* no hubiese sido publicado antes de mi muerte, rogaría a nuestro Reverendo Padre Provincial que se ocupase amablemente del término de la impresión y de su publicación. Con este fim, adjunto una copia del contrato con la editorial. Ya que este contrato fue realizado por el Carmelo de Colônia, sería necesario para el definitivo contrato el acuerdo del mismo, así como el del editor, Otto Borgemeyer, en Breslau, para la realización de uno nuevo. [Tradução livre].

³⁰³ BEJAS, A.; SPITZLEI, S. Catálogo y descripción de los archivos que guardan y publican las obras de Edith Stein. In: STEIN, E. *Los caminos del silencio interior*. Trad. Andrés Bejas e Sabine Spitzlei. 5. ed. Buenos Aires, 2007.

Antes mesmo do primeiro despertar de nossa consciência, as palavras já ressoavam à nossa volta, prontas para envolver os primeiros germes frágeis de nosso pensamento e a nos acompanhar inseparavelmente através da vida, desde as mais humildes ocupações da vida cotidiana até os momentos mais sublimes e mais íntimos dos quais a vida de todos os dias retira, graças às lembranças encarnadas pela linguagem, força e calor. A linguagem não é um simples acompanhante, mas sim um fio profundamente tecido na trama do pensamento; para o indivíduo, é o tesouro da memória e a consciência vigilante transmitida de pai para filho. Para o bem e para o mal, a fala é a marca da personalidade, da terra natal e da nação, o título de nobreza da humanidade. O desenvolvimento da linguagem está tão inextricavelmente ligado ao da personalidade de cada indivíduo, da terra natal, da nação, da humanidade, da própria vida, que é possível indagar-se se ela não passa de um simples reflexo ou se ela não é tudo isso: a própria fonte do desenvolvimento dessas coisas.³⁰⁴

Em vista do exposto, exige-se uma leitura singular dos escritos de Edith Stein. Mikhail Bakhtin, referindo-se à tradução, argumenta que:

Um sistema de signos [ou seja, uma língua], por mais reduzida que seja a coletividade em que repousa sua convenção, sempre pode em princípio ser decifrado, isto é, pode ser traduzido noutra sistema de signos [noutra língua]; por conseguinte, existe uma lógica comum a todos os sistemas de signos, uma língua potencial única, uma língua das línguas [...]. Mas um texto [diferentemente da língua enquanto sistema de recursos] nunca pode ser traduzido até o fim, pois não existe um texto dos textos, potencial e único.³⁰⁵

Neste ofício, o teólogo latino-americano não deve se esquecer do que escreveu Graciliano Ramos: “[...] a palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso, a palavra foi feita para dizer [...]”.³⁰⁶

Na língua e cultura espanhola, publicou-se na Espanha, oficialmente, todos os escritos de Edith Stein — *Obras Completas* — nas editoras Monte Carmelo [Burgos], El Carmen [Vitoria] e Espiritualidad [Madrid], sob a direção de Julen Urquiza e Francisco Javier Sancho: a) *Obras Completas, I: escritos autobiográficos y cartas* [2002]; b) *Obras completas, II: escritos filosóficos — etapa fenomenológica: 1915-1920* [2005]; c) *Obras Completas, III: escritos filosóficos — etapa de pensamiento*

³⁰⁴ HJELMSLEV, L. T. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. José Teixeira Coelho Netto. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985, p. 179.

³⁰⁵ BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Trad. Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 333.

³⁰⁶ RAMOS, G. Entrevista de 1948. In: SILVEIRA, J. *Na fogueira: memórias*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998, p. 285.

cristiano: 1921-1936, [2007]; d] *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933 [2003]; e] *Obras completas, V: escritos espirituales* [2004].

Na língua, literatura e cultura portuguesa — “última flor do Lácio, inculta e bela”³⁰⁷ — a tradução dos escritos de Edith Stein revelou-se ainda incipiente, apesar de algumas iniciativas isoladas. Não obstante, na presente pesquisa, o Brasil revelou-se precursor na difusão da vida e obra de Edith Stein, especialmente no teatro e na literatura.

Para os fins da presente reflexão, delineamos a pesquisa e produção científica de Edith Stein em categorias, a saber: a] Historiobiografia e cartas [1916 — 1942]; b] Fenomenologia [1915 — 1920]; c] Pensamento cristão [1921 — 1936]; d] Antropologia e pedagogia [1926 — 1933]; e] Teologia e espiritualidade: mística [1938 — 1942]. Para tanto, optamos por percorrer a trilha já aberta por Julen Urquiza e Francisco Javier Sancho na direção e publicação das *Obras Completas* [I, II, III, IV e V] de Edith Stein em língua e cultura espanhola, no período de 2002 a 2004. Por este caminho, tocamos nos escritos de Edith Stein — a sábia da harmonia — com o devido cuidado, sem desafinarmos a sua obra, na tentativa de captar em cada escrito o que toca intimamente a questão onto-teológico-política do Estado.

No itinerário acadêmico-intelectual de Edith Stein, “[...] é justo chamar a filosofia de ciência da verdade, porque o fim da ciência teórica é a verdade, enquanto o fim da prática é a ação [...]”.³⁰⁸

Para Edith Stein, deve-se falar de “verdade” quando um espírito cognoscente conhece um ente:

[...] Se o ente é o Absoluto e Infinito, no qual ser, conhecer e conhecimento são uma mesma coisa, então Ser e Verdade são também uma só coisa. [Por isso o Logos pode afirmar: Eu sou a Verdade]. Se o ente é um ente temporal e finito e é considerado como conhecido pelo Espírito divino, então a Verdade é Verdade eterna, a qual precede no tempo ao ser da coisa.³⁰⁹

³⁰⁷ BILAC, O. *Poesia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1959, p. 86.

³⁰⁸ ARISTOTELES. *Metafísica*, 993b 19-21. Trad. Giovanni Reale e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002.

³⁰⁹ STEIN, E. Conocimiento, Verdad e Ser. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo;

QUADRO 1 MARCO HISTÓRICO LATINO-AMERICANO I: ESCRITOS DE EDITH STEIN EM CATEGORIAS

Escritos [1916 — 1942]	Ano[s]	Categoria[s]
	1916 — 1942	HISTORIOBIOGRAFIA E CARTAS
	1915 — 1920	FENOMENOLOGIA
	1921 — 1936	PENSAMENTO CRISTÃO
	1926 — 1933	ANTROPOLOGIA E PEDAGOGIA
	1938 — 1942	TEOLOGIA E ESPIRITUALIDADE: MÍSTICA

1.2.1

HISTORIOBIOGRAFIA E CARTAS [1916 — 1942]

O homem multiversátil, Musa, canta as, as muitas errâncias, destruída Troia, pólis sacra, as muitas urbes que mirou e mentes de homens que escrutinou, as muitas dores amargadas no mar a fim de preservar o próprio alento e a volta aos íscios. Mas seu sobre-empenho não os preservou: pueris, a insensatez vitima-os, pois Hélio Hiperiônio lhes recusa o dia da volta, morto o gado seu que eles comeram. Filha de Zeus, começa o canto de algum ponto!³¹⁰

Esta fração do primeiro capítulo deixa ser lida como um conto. Plena de saber e interesse intelectual unilateral, Edith Stein não é uma filósofa — fenomenóloga — de ontem; é de hoje. Na sua coletânea, reúne obras inéditas de Edith Stein, escritas entre 1914 e 1942: *Vida de uma família judia* [autobiografia]; *Como cheguei ao Carmelo de Colônia*; *Testamento*; *Voto de fazer o mais perfeito*; *Curriculum Vitae*; *Cartas*; *Apêndices*.³¹¹

Pela sua sensibilidade [poética], optamos por recorrer a Rainer Maria Rilke, que — em *Sonetos a Orfeu* — expressa:

Tu, divino, tu, que ressoas até o fim,

Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 565:

[...] Si el ente es lo Absoluto e Infinito, en el cual ser, conocer y conocimiento son una misma cosa, entonces Ser y Verdade son tambien una sola cosa. [Por eso el Logos puede afirmar: Yo soy la Verdad]. Si el ente es un ente temporal y finito y es considerado como conocido por el Espíritu divino, entonces la Verdad es Verdad eterna, la cual precede en el tiempo al ser de la cosa. [Tradução livre].

³¹⁰ HOMERO. *Odisseia*, Canto I. In: _____. *Odisseia*. Trad. Trajano Vieira. 3. ed. São Paulo: 34, 2014.

³¹¹ STEIN, E. *Obras completas, I: escritos autobiográficos y cartas*. Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002.

Quando o enxame das mênadas malvistas te assaltou,
Sufocaste-lhes o grito com o som da harmonia de tua beleza,
e das destruidoras elevou-se, então, um som edificante.

Nenhuma estava lá para te destruir a cabeça e a lira.
Apesar da rapidez, da luta e de todas as pedras
Que, afiadas, arremessaram contra teu coração,
Tornavam-se em ti suavidade e dotadas de escuta.

Por fim, elas te esmagaram, açuladas pela vingança,
Enquanto teu som ainda perdurava nos leões e rochedos,
Nas árvores e pássaros. Lá, agora, tu ainda cantas.

Deus perdido! Tu, vestígio infinito!
Apenas, porque enfim a hostilidade te espedaçou,
É que agora somos os ouvintes e uma boca da natureza.³¹²

Nós somos as únicas criaturas que *ex-istem*, sabem que *ex-istem* e têm consciência de seu *ser finito*. Na experiência de nossa existência, podemos nos distinguir de tudo o que nos rodeia e — o mais extraordinário — podemos nos distinguir de nós mesmos. No mundo da vida, horizontaliza-se a possibilidade de nos percebermos como indivíduos exclusivos e capazes de comunicar nossa singularidade por meio de atos e palavras, faladas e escritas.³¹³ Existimos discursivamente. Na narrativa da história pessoal emerge o sentido da vida; e é juntando história e sentido, que a narrativa enreda os eventos transformando a vida em biografia.³¹⁴

Hannah Arendt sustenta que a biografia definitiva — escrita ao estilo inglês — conta-se entre os gêneros mais admiráveis da historiografia.³¹⁵

[...] Extensa, meticulosamente documentada, densamente anotada e generosamente entremeada de citações, geralmente aparece em dois grandes volumes e conta mais, e mais vividamente sobre o período histórico em questão do que todos os livros de história mais importantes. Pois, ao contrário de outras biografias, a história não é aí tratada como o inevitável pano de fundo do tempo de vida de uma pessoa famosa; é antes como se a luz incolor do tempo histórico fosse atravessada e refratada pelo prisma de um grande caráter, de modo que no espectro resultante se obtém uma unidade completa da vida e do mundo. Talvez por isso tenha se tornado o gênero clássico para as vidas de grandes estadistas, mas permaneceu impróprio para aqueles cujo principal interesse reside na história de vida, ou para as vidas de artistas, escritores e de modo geral, homens

³¹² RILKE, R. M. *Sonetos a Orfeu, Elegias de Duíno*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. 4. ed. USF, 2005, p. 71.

³¹³ CRITELLI, D. *História pessoal e sentido da vida: historiografia*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2016.

³¹⁴ MUCHAIL, S. T. Apresentação. In: CRITELLI, D. *História pessoal e sentido da vida: historiografia*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2016.

³¹⁵ ARENDT, H. Rosa Luxemburgo: 1871-1919. In: _____. *Homens em tempos sombrios*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ou mulheres cujo gênio os obrigou a manter o mundo a uma certa distância, e cuja significação reside principalmente em suas obras, artefatos que acrescentaram ao mundo, e não no papel que nele desempenharam.³¹⁶

Michel Henry, filósofo e romancista francês contemporâneo, que consagrou a sua vida a longos anos de pesquisa para superar a principal deficiência da filosofia intelectualista: a ignorância da vida como todos nós experienciamos, opondo-se ao aparecer ek-stático do mundo, no qual o ver não vê o invisível — a autorrevelação da vida absoluta —, escreve:

[...] É porque a vida se revela originariamente a si em experiência patética, que não deve nada ao mundo, que todo vivente sabe com um saber absoluto — com esse saber da vida que o engendra dando-lhe o experimentar-se a si mesmo e viver — o que é a vida mesmo [...].³¹⁷

No que tange à vida, o pensamento se encontra na mesma situação que o ser vivente — ele não pensa para depois viver. Nunca é ele — partindo de si mesmo de algum modo — que avança para a vida para descobri-la e conhecê-la. Para Michel Henry, “[...] o pensamento não conhece a vida pensando-a [...]”.³¹⁸ Por esta via, conhecer a vida é próprio da vida — e unicamente dela. Michel Henry diz “unicamente” porque a vida vem a si nessa vinda patética a si mesma que precede sempre — que algo como a vinda a si mesmo de uma visão pode cumprir-se — que uma visão é possível, bem como tudo o que ela vê.³¹⁹

No cenário da vida, tal como ela se manifesta na carne [humana],

a inversão da fenomenologia é o movimento do pensamento que compreende o que vem antes dele: essa autodoação da Vida absoluta em que ela advém a si mesma em si. A inversão da fenomenologia pensa a primazia da Vida sobre o pensamento. O pensamento da primazia da vida sobre o pensamento pode perfeitamente ser um fato de o pensamento — deste que nós desenvolvemos agora —, mas só é possível porque, na ordem da realidade e, por conseguinte, da própria reflexão filosófica, a vida doravante se revelou a si. No pensamento da primazia da vida sobre o pensamento é, pois, a vida no seu cumprimento

³¹⁶ ARENDT, H. Rosa Luxemburgo: 1871-1919. In: _____. *Homens em tempos sombrios*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 37.

³¹⁷ HENRY, M. *Encarnação: uma filosofia da carne*. Trad. Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2013, p. 139.

³¹⁸ HENRY, M. *Encarnação: uma filosofia da carne*. Trad. Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2013, p. 139.

³¹⁹ HENRY, M. *Encarnação: uma filosofia da carne*. Trad. Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2013.

fenomenológico efetivo, a vida sempre já cumprida em que esse pensamento é dado a ele mesmo, que permite a esta: 1º ser um pensamento, uma *cogitatio*; 2º ser, eventualmente, esse pensamento particular, ainda que essencial, que procede à inversão, que se mostra capaz de pensar a primazia da vida sobre o pensamento e como a condição interior deste [...].³²⁰

Escute-se: dado ao pensamento na autodoação da vida, o pensamento traz a vida em si como sua própria substância e como aquisição essencial que ele pode representar essa vida, produzir sua imagem ou sua essência.³²¹ Não obstante, “só quando narrada, essa história é capaz de revelar uma biografia”.³²² Do ponto de vista fenomenológico-existencial, a biografia de uma pessoa só pode ser identificada à medida que se descobre a história — singular — que sua história conta, mas à medida que se pode rasgar o véu da História em meio à qual uma história pode acontecer e construir significados.³²³

Em 12 de outubro de 1891, eu, Edith Stein, nasci em Breslau, filha do falecido comerciante Siegfried Stein e de sua mulher Auguste [de nascimento Courant]. Sou cidadã prussiana e judia. De outubro de 1897 à Páscoa de 1906 frequentei a Escola Viktoria [instituto estatal] de Breslau, e da Páscoa de 1908 à Páscoa de 1911, o instituto [sem grego], ao qual estava agregado e no qual realizei depois o exame de bacharelado. Em outubro de 1915 consegui, depois de superar um exame complementar de grego no Instituto São João de Breslau, o título de bacharel de um instituto em humanidades. Da Páscoa de 1911 à Páscoa de 1913 frequentei a Universidade de Breslau. Durante os quatro semestres seguintes estudei filosofia, psicologia, história e germanística na Universidade de Gotinga. Em janeiro de 1915 fui aprovada no exame de estado *pro facultate docendi* em propedêutica filosófica, em história e em alemão, também em Gotinga. No final desse semestre interrompi meus estudos e estive ocupada durante algum tempo no serviço da Cruz Vermelha. De fevereiro até outubro de 1916 substituí no instituto supracitado de Breslau um professor enfermo. Por conseguinte, mudei-me para Friburgo para trabalhar como assistente do professor Husserl. Quisera expressar aqui meu cordial agradecimento a todos aqueles que durante meu tempo de estudo me ofereceram estímulo e proteção; de maneira especial a alguns de meus professores e companheiros de estudo, graças aos quais me foi aberto o passo à filosofia

³²⁰ HENRY, M. *Encarnação: uma filosofia da carne*. Trad. Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2013, pp.139-140.

³²¹ HENRY, M. *Encarnação: uma filosofia da carne*. Trad. Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2013.

³²² CRITELLI, D. *História pessoal e sentido da vida: historiografia*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2016, p. 67.

³²³ MUCHAIL, S. T. Apresentação. In: CRITELLI, D. *História pessoal e sentido da vida: historiografia*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2016.

fenomenológica: professor Husserl, doutor Reinach e a Sociedade Filosófica de Gotinga.

Edith Stein³²⁴

Edith Stein — no livro intitulado *Vida de uma família judia e outros escritos* [*Aus dem Leben einer jüdischen Familie und weitere autobiographische Beiträge*, 1933 — 1939] — escreve: “[...] a casa pequena em que nasci já foi destruída há muito tempo; em seu lugar construíram uma nova e bem maior [...]”.³²⁵ No ambiente familiar [um ambiente facilitador], a influência da “mãe autêntica”³²⁶ steiniana — semelhante à “mãe suficientemente boa” winnicottiana, que, durante os primeiros meses de vida da criança, identifica-se estreitamente com ela, adaptando-se perfeitamente às suas necessidades³²⁷ — destaca-se no desenvolvimento humano e na aprendizagem de Edith Stein, que expressa: “é algo misterioso a relação entre mãe e filho [...]”.³²⁸

³²⁴ STEIN, E. *Obras completas, I: escritos autobiográficos y cartas*. Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002, p. 524:

El 12 de octubre de 1891 nascí yo, Edith Stein, en Breslau, hija del fallecido comerciante Siegfried Stein y de su mujer Auguste [de nacimiento Courant]. Soy ciudadana prusiana y judía. Desde octubre de 1897 a Pascua de 1906 frecuenté la Escuela Viktoria [instituto estatal] de Breslau, y desde Pascua de 1908 a Pascua de 1911, el instituto [sin griego], que le estaba agregado y en el que realicé después el examen de bachiller. En octubre de 1915 logré, después de superar un examen complementario de griego en el Instituto San Juan de Breslau, el título de bachiller de un instituto en humanidades. Desde Pascua de 1911 hasta Pascua de 1913 frecuenté la Universidad de Breslau. Durante los cuatro semestres siguientes estudié filosofía, psicología, historia e germanística en la Universidad de Gotinga. En enero de 1915 aprobé el examen de estado *pro facultate docendi* en propedéutica filosófica, en historia y en alemán, también en Gotinga. A finales de ese semestre interrumpí mis estudios y estuve ocupada durante algún tiempo en el servicio a la Cruz Roja. Desde febrero hasta octubre de 1916 sustituí en el instituto arriba citado de Breslau a un profesor enfermo. A continuación me trasladé a Friburgo para trabajar como asistente del profesor Husserl. Quisiera expresar aquí mi cordial agradecimiento a todos aquellos que durante mi tiempo de estudio me ofrecieron estímulo y protección; de manera especial a algunos de mis profesores y compañeros de estudio, gracias a los cuales me fue abierto el paso a la filosofía fenomenológica: profesor Husserl, doctor Reinach y la Sociedad Filosófica de Gotinga.

Edith Stein. [Tradução livre].

³²⁵ STEIN, E. Memórias de minha mãe. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 41.

³²⁶ STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 375.

³²⁷ WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação*: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Trad. Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, p. 201.

³²⁸ STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD;

[...] Mantivemos na nossa infância costumes moderados, seja na casa, seja na alimentação e nas roupas, mas nunca nos sentimos pobres. Minha mãe trabalhava de manhã até a noite, o que nos inibia de fazer grandes exigências ou manifestar desejos excessivos. Ela sempre foi atenta para que não ficassemos em posição inferior à das outras crianças. Três de nossos irmãos frequentaram a mesma escola, o que permitia não pagar a taxa de matrícula para o terceiro filho, segundo a praxe. Mas minha mãe não aceitou esse dispositivo. Ela o via como uma “assistência social” e não podia aceitá-lo. Ainda hoje ela entende como uma falta de sentimento de honra quando pessoas vivem às custas de assistência social. Ela não permitia que ficassemos fora de uma excursão ou de alguma coleta da escola. Mas economizava com os livros escolares, pois só em caso de necessidade absoluta recebíamos livros novos, uma vez que os emprestavamos de nossos primos e primas. Não era permitido referir-nos aos professores de maneira desrespeitosa, como muitas vezes faziam outros estudantes [...].³²⁹

E, mais adiante, Edith Stein relata:

[...] Quando os dias eram bons, podíamos brincar no depósito de madeira. Era um paraíso para as crianças, e nós nos reuníamos lá quando não estávamos na escola [não somente nós, os filhos, mas também as outras crianças de nossa casa, os amigos de escola e os filhos dos parentes]. Minha mãe dava a regra: “Obedecer e não perturbar! Para além disso, vocês podem fazer o que quiserem!” Com muita alegria, fizeram uma gangorra, colocando uma tábua sobre um cavalete de madeira: uma criança se sentava numa extremidade e rapidamente estava no alto. Ficávamos brincando horas a fio, sem nos cansar dessa brincadeira. Também brincávamos de esconde-esconde entre as numerosas pilhas de tábuas, umas mais baixas e outras mais altas. Dentro do depósito ficavam as tábuas ou pranchas sensíveis às intempéries. Elas eram empilhadas de modo a formar verdadeiros andaimes, o que exigia escadas para alcançar o topo, que era escuro. Nessa penumbra era possível se enconder, sonhar e contar histórias [...].³³⁰

Na sua essência, nunca poderá o entendimento compreender como acontece que um novo organismo se desenvolva no organismo da mãe. No mistério da existência humana, revela-se inexplicável que mesmo depois da separação entre mãe e filho, por ocasião do nascimento, permaneça entre as partes, um laço invisível, uma força que a mãe pode sentir o que

Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 375:

“Es algo misterioso la relación entre madre e hijo [...]”. [Tradução livre].

³²⁹ STEIN, E. Memórias de minha mãe. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 58.

³³⁰ STEIN, E. Memórias de minha mãe. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 61.

necessita a criança, o que a ameaça e o que lhe acontece; uma maravilhosa sagacidade para conseguir o necessário e repelir o nocivo; uma disposição de sacrifício até a morte. No desenvolvimento humano, a mãe é insubstituível, e uma criança de quem se arrebatou a mãe ou cuja mãe não é a “autêntica mãe” não poderá desenvolver-se nunca como aquela que cresce sob a custódia do autêntico amor materno.³³¹

No tear da vida,

[...] se encontramos pessoas que caminham aberta, direta e livremente, e que transmitem luz e calor, então podemos afirmar quase com segurança que tiveram uma infância soleada e que o sol dessa infância foi um são amor materno. Se encontramos pessoas tristes e retraídas ou que mostram desvios ou deformação de caráter, pode-se concluir, com não pouca probabilidade, que em sua juventude faltou ou se perdeu algo, e quase sempre se vê logo que falhou, senão *exclusivamente*, ao menos *também* por parte da mãe [...].³³²

“[...] Minha mãe costumava dizer que, para ela, cada filho era um enigma singular [...]”.³³³ Este é o caminho e a função da mãe:

[...] cada vez mais retrair-se, não querer fazer valer a própria pessoa, senão mirar até a meta: que a criança chegue a ser o que Deus quer dela. No início, se dá à criança tudo em suas mãos, e cada vez mais se lhe emancipa e antes ou depois chega o dia em que exteriormente tem que dar-lhe tudo, quase como um segundo nascimento, uma separação espiritual, que pode ser muito mais doloroso do que o primeiro. Não ajuda em nada por resistência. Quanto mais se engane a mãe em manter o filho para si e retê-lo, com maior segurança e definitivamente o perderá, inclusive ainda que lhe pudesse levar a que exteriormente permanecesse com ela. Quanto mais disposta esteja a devolvê-lo nas mãos de quem lhe deu, tanto mais

³³¹ STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

³³² STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, pp. 374-375:

[...] si encontramos personas que caminan abierta, directa y libremente, y que transmiten luz y calor, entonces podemos afirmar casi con seguridad que tuvieron una infancia soleada y que el sol de esa infancia fue un sano amor materno. Si encontramos a personas tristes y retraídas o que muestran desviaciones o deformaciones del carácter, se puede concluir, con no poca probabilidad, que en su juventud faltó o se perdió algo, y casi siempre se ve luego que se ha fallado, si no *exclusivamente*, al menos *también* por parte de la madre [...]. [Tradução livre].

³³³ STEIN, E. Memórias de minha mãe. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 46.

seguro pode esperar que lhe será novamente ofertado em sentido novo, elevado e santo.³³⁴

Nos pulsos de Edith Stein, o amor à pátria — jorrado politicamente em suas veias — foi herdado de Dona Auguste Courant:

[...] Minha mãe sempre foi uma patriota alemã. Casou-se em 1871, a música de seu casamento foi tirada do texto *Es braust ein Ruf wie Donnerhall* [Estronda um grito como um trovão], e não admitia, nem admite ainda hoje, ser contestada na sua germanidade.³³⁵

Na loja de madeira, Dona Augusta Courant revela uma atitude absolutamente matriarcal com seus operários:

[...] No Natal, ela os presenteava com dinheiro, alimentos e roupas para as crianças. Não dava dinheiro em espécie, evitando que eles o gastassem com bebida. Havia um caderno de contas para cada um, e nele se registrava o que era oferecido. Durante vários anos tivemos um jovem operário, particularmente bem capacitado, a quem minha mãe apreciava bastante. Ele trabalhara antes em outro comércio de madeira e era conhecido de todos pelo nome de Hermann. Vivia sozinho e não tinha ninguém que cuidasse dele. Gostava de beber além da conta e andava meio mal arrumado, um pouco relaxado. Minha mãe esforçava-se para fazer dele alguém mais esmerado. Era um rapaz bonito, aparentava ser forte e ter boa saúde, mas sofria dos pulmões. Teve de ir finalmente para o hospital, mas não queria aceitar sua condição e esperava poder logo retomar o trabalho. Minha mãe foi visitá-lo todos os domingos, levando tudo que ela tinha de melhor para oferecê-lo. Ela chorou muito por ele em sua morte.³³⁶

³³⁴ STEIN, E. *El Arte Materno de la Educación*. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933], vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 386:

Este es el camino y la función de la madre: cada vez más retraerse, no querer hacer valer la propia persona, sino mirar hacia la meta: que el niño llegue a ser lo que Dios quiere de él. Al inicio se le da al niño totalmente en sus manos, y cada vez más se le emancipa y antes o después llega el día en que exteriormente tiene que darlo totalmente, casi como un segundo nacimiento, una separación espiritual, que puede ser mucho más doloroso que el primero. No ayuda para nada el poner resistencia. Cuanto más se engañe la madre en mantener al hijo para sí y retenerlo, con mayor seguridad y definitivamente lo perderá, incluso aunque le pudiese llevar a que exteriormente permaneciese con ella. Cuanto más dispuesta esté a devolverlo en la manos de quien se lo ha dado, tanto más seguro puede esperar que le será nuevamente regalado en un sentido nuevo, elevado y santo. [Tradução livre].

³³⁵ STEIN, E. *Memórias de minha mãe*. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 50.

³³⁶ STEIN, E. *Memórias de minha mãe*. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, pp. 62-63.

Nas relações comerciais, Edith Stein relata que Dona Augusta Courant obedecia sempre aos ditames de seu coração:

[...] Ela dava um desconto mesmo aos “maus pagadores” que se encontravam em dificuldades. O negócio sempre tinha prejuízo, pois minha mãe foi enganada por muitos clientes. Mesmo assim funcionava. Ela atribuía o bom funcionamento à benção vinda do alto. Quando, mais tarde, eu perdi a fé de criança, ela me disse algo que significava para ela a existência de Deus: “Não posso imaginar que tudo o que consegui realizar se deva somente às minhas próprias forças [...]”.³³⁷

No século XX, Edith Stein põe em acontecimento no seu modo de conceber e de fazer filosofia um cuidado [*cura*] singular com o ser humano, delineado em práticas sociais. Na vida monástica, a existência não significa para Edith Stein uma ruptura com o mundo, menos ainda um gesto egoísta de sobrevivência em meio ao horror: Edith Stein era movida a um só tempo por sua vocação monástica e por uma sólida convicção de que permaneceria profundamente unida à sua família, ao povo judeu, à Europa e a toda Humanidade.³³⁸ “[...] Seguir a Cristo no caminho da cruz, participar de sua cruz — eis a vida dos[as] carmelitas[as] descalços[as]”.³³⁹

Numa carta endereçada a Fritz Kaufmann — datada de 14 de maio de 1934 — Edith Stein escreve:

Foi um erro pensar que devia despedir-se de mim. Nossa clausura, desde já, é rigorosa: ninguém deve sair nem entrar, e no locutório há grade dupla. Porém, todos os amigos que têm me visitado asseguram que, passados uns poucos minutos, nem se dão conta dessa grade, porque o espírito passa de um lado a outro sem nenhum tipo de obstáculos. Se alguma vez vim a Colônia experimentará isto que lhe digo, de acordo? Quem entra no Carmelo não se distancia das pessoas, pois sua existência se converte em benefício para elas, uma vez que o papel das carmelitas é permanecer diante de Deus, orando por todos.³⁴⁰

³³⁷ STEIN, E. Memórias de minha mãe. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, pp. 67-68.

³³⁸ SAVIAN FILHO, J. Nota sobre a edição do texto e o seu sentido biográfico. In: STEIN, E. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018.

³³⁹ STEIN, E. *A Ciência da Cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

³⁴⁰ STEIN, E. 415: A Fritz Kaufmann. In: _____. *Obras completas, I: escritos autobiográficos y cartas*. Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002, pp. 1089-1090.

No caso de a *Vida de uma família judia e os escritos autobiográficos*, Edith Stein aproxima-se do estilo antigo de Santo Agostinho — *Confissões* — e menos de narrativas centradas no sujeito individual, típicas da Modernidade e da Contemporaneidade.³⁴¹ Do ponto de vista pessoal, narrar a vida da sua família significou para Edith Stein mais do que produzir uma autobiografia. Na difícil década de 30, Edith Stein mostrou — frente aos muitos preconceitos divulgados pelo nazismo e sofridos pela comunidade judaica — que os judeus eram seres humanos — cidadãos — como todos os outros e partilhavam da mesma vida social, com suas virtudes e defeitos, com suas esperanças e seus projetos, com muito amor pela vida, pela família e pela comunidade humana.³⁴²

[...] Se o nazismo propunha uma caricatura distorcida do povo judeu como um perigo para a sociedade, Edith Stein queria registrar seu testemunho de que, em meio ao povo alemão, os judeus não formavam um grupo separado, mas conviviam regularmente com quaisquer outros membros da mesma sociedade. Com esse testemunho, ela dava também a conhecer a maneira como ela mesma pôde fazer encontrar na sua vida duas experiências culturais e religiosas distintas — a judaica e a cristã — em regime de continuidade, e não de ruptura.³⁴³

Para os fins da presente reflexão, interessa-nos que

[...] a narrativa da *Vida de uma família judia* e outros escritos “autobiográficos” de Edith Stein contém mais do que um simples registro de acontecimentos familiares e pessoais, porque apresentam quadros nos quais se observa a ação no sentido absoluto que Edith Stein havia encontrado no momento em que escrevia e que ela percebia ter agido desde o início de sua vida e da vida de sua família: a Providência Divina ou o ordenamento

Fue un error pensar que debía despedirse de mí. Nuestra clausura, desde luego, es rigurosa: nadie debe salir ni entrar, y en el locutorio hay doble reja. Pero todos los amigos que me han visitado aseguran que, pasados unos pocos minutos, ni se dan cuenta de esta reja, porque el espíritu pasa de un lado a otro sin ningún tipo de obstáculos. Si viene alguna vez a Colonia, experimentará esto que le digo, ¿de acuerdo? Quien entra en el Carmelo no se pierde para los suyos, sino que, a decir verdad, se gana; pues nuestra vocación es interceder por todos ante Dios. [Tradução livre].

³⁴¹ SAVIAN FILHO, J. Nota sobre a edição do texto e o seu sentido biográfico. In: STEIN, E. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018.

³⁴² ALES BELLO, A; GARCIA, J. T. Apresentação da tradução brasileira. In: STEIN, E. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018.

³⁴³ ALES BELLO, A; GARCIA, J. T. Apresentação da tradução brasileira. In: STEIN, E. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 8.

sagrado que faz a História encaminhar-se sempre para o bem, malgrado a presença multifacetada do sofrimento e da dor [...].³⁴⁴

Edith Stein, no seu itinerário acadêmico-intelectual, interrompeu os seus escritos por diversas vezes, para ir cuidar de seres humanos concretos — os “mal-aventurados”³⁴⁵ — vítimas de atrocidades do Estado.

[...] Se em Filosofia Edith Stein procede a um acionamento de estilos clássicos — antigos e medievais — para lançar luz sobre temáticas fenomenológicas, também em seus escritos “autobiográficos” ela procura um tipo clássico de narrativa biográfica em que o verdadeiro sujeito é o universal, e não o particular.³⁴⁶

Edith Stein — “filósofa nata”³⁴⁷ — desvela [*alethéa*] uma experiência singular de pesquisa e práxis em *philosophia perennis*,³⁴⁸ frente às circunstâncias da vida política no seu Estado de origem. No dizer de Edith Stein, “[...] viemos a este mundo para servir à Humanidade; e a melhor maneira de realizar isso é fazer aquilo para o que temos aptidão [...]”.³⁴⁹

Por *philosophia perennis*,

[...] refiro-me ao espírito do autêntico filosofar que vive em todo filósofo autêntico, isto é, em todo aquele que cultiva irresistivelmente uma necessidade interior de indagar o λόγος ou a ratio [como eu costumava traduzir o termo] deste mundo. Este espírito trás consigo a este mundo como *potência* o filósofo nato — porque o verdadeiro filósofo *tem que* ter nascido como filósofo — como eu diria para expressá-lo de acordo com o meu modo de dizer. A potência chega a converter-se em ato, quando a pessoa se encontra com um filósofo maduro, com um “mestre”.

³⁴⁴ SAVIAN FILHO, J. Nota sobre a edição do texto e o seu sentido biográfico. In: STEIN, E. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 14.

³⁴⁵ CANÁRIO, E. *Os mal-aventurados de Belo Monte*. Salvador: ACB, 2005.

³⁴⁶ SAVIAN FILHO, J. Nota sobre a edição do texto e o seu sentido biográfico. In: STEIN, E. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 14.

³⁴⁷ STEIN, E. ¿Que és Filosofía? Un Diálogo entre Edmund Husserl y Tomás de Aquino. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

³⁴⁸ No dia 01 de maio de 1987, na cidade de Colônia [Alemanha] — durante uma visita pastoral —, o Papa João Paulo II declarou Edith Stein “beata” da Igreja católica. Por conseguinte, no dia 11 de outubro de 1998, na Praça de São Pedro [Roma], o Sumo Pontífice apresentou solenemente esta eminente filha de Israel e filha fiel da Igreja como “santa” perante o mundo inteiro, com festa celebrada no dia 09 de agosto.

³⁴⁹ STEIN, E. O desenvolvimento das duas irmãs mais novas. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 215.

Desta maneira, ultrapassamos todos os limites do espaço e do tempo [...].³⁵⁰

Deus — ser potente — é o princípio de agir em outro enquanto é outro. “[...] Deus é o princípio de ser em outras coisas [...]”.³⁵¹ “[...] Disso se manifesta que Deus é potente, e que se lhe atribui convenientemente a potência ativa [...]”.³⁵² Esta potência não está em contradição com o ato. Deve-se distinguir entre potência ativa e passiva. A potência de Deus é ativa. O ato de Deus é ato no mesmo sentido que o ato da criatura. O ato da criatura é ação — atividade que começa e termina — e supõe uma potência passiva como seu princípio [...].³⁵³ Edith Stein escreve que

[...] o agir de Deus não começa nem termina, existe desde a eternidade, e nada há nele que não seja ato, é *actus purus*. Por isso, não se pressupõe para o ato nenhuma potência como princípio; certamente não é nenhuma capacidade passiva, posta de fora em movimento, que tenha que ser “ativada”. Tampouco, a potência ativa que é atribuída a ele existe junto ou fora do ato: sua “capacidade”, seu “poderio” se realiza no ato. E quando até fora — na criação, conservação e direção do mundo criado — não faz tudo o que poderia fazer, para o que tem poder, então quando aqui ter capacidade e realização aparentemente se separam, assim de fato não há mais de potência frente ao ato, não se trata de nenhuma potência inactuada, pois a autolimitação do poder em sua ação até fora ela mesma é ato e é realização do poder [...].³⁵⁴

³⁵⁰ STEIN, E. ¿Que és Filosofía? Un Diálogo entre Edmund Husserl y Tomás de Aquino. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 168:

[...] me refiro al espíritu del auténtico filosofar que vive en todo filósofo auténtico, es decir, en todo aquel que cultiva irresistiblemente una necesidad interna de indagar el λόγος o la ratio [como yo solía traducir el término] de este mundo. Este espíritu lo trae consigo a este mundo como *potencia* el filósofo nato — porque el verdadero filósofo *tiene que* haver nacido como filósofo —, como yo diría para expresarlo según mi manera de hablar. La potencia llega a convertirse en acto, cuando la persona se encuentra con un filósofo maduro, con un “maestro”. De esta manera llegamos más allá de todos los límites del espacio y del tiempo [...]. [Tradução livre].

³⁵¹ TOMÁS DE AQUINO. O princípio da existência das coisas [6 a 38]. In: _____. *Suma contra os gentios, II*, Livro II, Capítulo 7. Trad. Murílio José de Oliveira Camello. Sao Paulo: Loyola, 2015.

³⁵² TOMÁS DE AQUINO. O princípio da existência das coisas [6 a 38]. In: _____. *Suma contra os gentios, II*, Livro II, Capítulo 7. Trad. Murílio José de Oliveira Camello. Sao Paulo: Loyola, 2015.

³⁵³ STEIN, E. _____. Acto y Potencia: Estudios Sobre una Filosofía del Ser. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 245:

Se puede y debe hablar de potencia en Dios, pero esta potencia no está en contradicción con el acto. Se debe distinguir entre potencia activa y pasiva, y la potencia de Dios es activa. El acto de Dios tampoco es acto en el mismo sentido que el acto de la criatura. El acto de la criatura es acción, actividad que empieza y termina, y supone una potencia pasiva como su principio [...]. [Tradução livre].

³⁵⁴ STEIN, E. _____. Acto y Potencia: Estudios Sobre una Filosofía del Ser. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto

Na história da humanidade, a potência de Deus não revela outra coisa senão a sua ação. Para São Tomás de Aquino, uma vez que nada é princípio de si mesmo e como a ação divina outra coisa não é senão sua potência, é manifesto do interiormente dito que a potência não se diz em Deus como princípio da ação, mas como princípio do efeito.³⁵⁵

[...] E porque a potência com relação a outro importa razão de princípio, a potência ativa é *principio do agir em outro*, como o Filósofo deixa claro. É manifesto que a potência se diz em Deus com relação às obras, segundo a verdade da coisa e não com relação à ação, a não ser enquanto modo de entender, conforme nosso intelecto considera uma e outra em diversas concepções, a saber, a potência divina e sua ação. Donde, se convêm a Deus algumas ações, que não passam a alguma obra, mas permanecem no agente, com relação a elas não se dirá potência em Deus, senão segundo o modo de entender, não segundo a verdade da coisa [...].³⁵⁶

Deus é o primeiro ente — perfeitoíssimo — e o sumo bem.³⁵⁷ Na existência humana de Edith Stein, a potência converteu-se em ato no encontro com os seus “mestres”: Augusta Courant [mãe de Edith Stein], Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Pseudo-Dionísio, Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz.³⁵⁸

No dia 1º de maio de 1987, por ocasião da XXXIV Viagem Apóstólica do Papa João Paulo II à República Federal da Alemanha — Festa de

Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 245:

[...] El obrar de Dios no comieza ni termina, existe desde la eternidad, y nada hay en ella que no sea acto, es *actus purus*. Por eso, no se presupone para el acto ninguna potencia como principio; ciertamente no es ninguna capacidad pasiva, puesta de fuera en movimiento, que tenga que ser “activada”. Pero tampoco la potencia activa, que se le atribuye, existe junto o fuera del acto: su “capacidad”, su “poderío” se realiza en el acto. Y cuando hacia fuera — en la creación y la conservación y la dirección del mundo creado — no obra todo lo que podría hacer, para lo que tiene poder, entonces cuando aquí tener capacidad y realización aparentemente se separan, así de hecho no hay más de potencia frente al acto, no se trata de ninguna potencia inactuada, pues la autolimitación del poder en su acción hacia fuera ella misma es acto y es realización del poder [...]. [Tradução livre].

³⁵⁵ TOMÁS DE AQUINO. O princípio da existência das coisas [6 a 38]. In: _____. *Suma contra os gentios, II*. Trad. Murílio José de Oliveira Camello. Sao Paulo: Loyola, 2015.

³⁵⁶ TOMÁS DE AQUINO. O princípio da existência das coisas [6 a 38]. In: _____. *Suma contra os gentios, II*, Livro II, Capítulo 10. Trad. Murílio José de Oliveira Camello. Sao Paulo: Loyola, 2015.

³⁵⁷ TOMÁS DE AQUINO. O princípio da existência das coisas [6 a 38]. In: _____. *Suma contra os gentios, II*. Trad. Murílio José de Oliveira Camello. Sao Paulo: Loyola, 2015.

³⁵⁸ STEIN, E. ¿Que és Filosofia? Un Diálogo entre Edmund Husserl y Tomás de Aquino. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

Beatificação de Irmã Teresa Benedita da Cruz, OCD —, o Santo Padre disse no Estádio de Colônia [Müngersdorf]:

Edith Stein encontrou a “Verdade” através do mistério da Cruz.

[...] Formada na rígida escola da tradição de Israel e caracterizada por uma existência de virtude e de renúncia na vida religiosa, ela demonstrou um ânimo heróico no caminho para o campo de extermínio. Unida a Cristo crucificado, entregou a sua vida “pela paz verdadeira” e “pelo povo”: Edith Stein, judia, filósofa, religiosa, mártir.³⁵⁹

No dizer do Papa João Paulo II, Edith Stein reúne na sua rica vida uma síntese dramática do século XX: a síntese de uma história cheia de feridas profundas, que ainda hoje continuam a fazer sofrer, mas que pessoas humanas concretas com sentido de responsabilidade se esforçam e continuam a esforçar-se por sanar; síntese da verdade plena sobre a pessoa humana, num coração que esteve inquieto e insatisfeito enquanto não encontrou a paz em Deus.³⁶⁰

Dietrich Bonhoeffer diz que o Espírito Santo da comunidade — na condição de vontade pessoal — está direcionado para vontades pessoais:

[...] Ele se dirige a toda pessoa *em sua individualidade e a leva para a “solidão”* {; esta consiste, enquanto o ser humano for *iustus-peccator* [justo-pecador], na solidão da *consciência*, na qual o Espírito Santo é vivenciado *in maiestate sua* [em sua majestade]. Nesse momento, estão em vigor as relações ético-sociais fundamentais [...].³⁶¹

Na Igreja de Santo Egídio, em Roma [Itália] — morada de uma comunidade de pessoas “leigas” devotadas ao cuidado e às práticas sociais com os pobres —, existe um antigo crucifixo que retrata Jesus Cristo sem braços. Desmond Tutu — arcebispo da Igreja Anglicana, consagrado com o Prêmio Nobel da Paz em 1984 por sua luta contra o *Apartheid* na África do Sul —, contemplando-o, indagou os moradores sobre o significado que a imagem — o “Representado”³⁶² — tinha para a comunidade: “[...] me

³⁵⁹ JOÃO PAULO II, P. 1ª Homilia — Festa da Beatificação — 1987. In: _____. *Em nome de Deus... Em nome da Igreja... Em nome da Humanidade*. Bauru [SP]: EDUSC, 1998, p. 9.

³⁶⁰ JOÃO PAULO II, P. 1ª Homilia — Festa da Beatificação — 1987. In: _____. *Em nome de Deus... Em nome da Igreja... Em nome da Humanidade*. Bauru [SP]: EDUSC, 1998.

³⁶¹ BONHOEFFER, D. *A comunhão dos santos: uma investigação dogmática sobre a sociologia da igreja*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo [RS]: Sinodal; EST, 2017, p. 132.

³⁶² STEIN, E. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 14.

disseram que ela serve para mostrar como Deus confia em nós para realizar sua obra no mundo”.³⁶³ Para Dietrich Bonhoeffer,

[...] na medida em que é a *palavra a respeito de Cristo* que realiza no ser humano a predestinação, o indivíduo é visado e eleito sempre só como membro da comunidade. E nesse sentido a ideia da predestinação de fato é fundamento necessário de todo conceito de igreja; Deus vê a comunidade de Cristo e o indivíduo *em um só ato*, vendo, portanto, realmente o indivíduo, e sua eleição de fato se estende até ele [...].³⁶⁴

Na língua, literatura e cultura espanhola, os escritos autobiográficos e as cartas de Edith Stein surgem no ano de 2002, com a publicação de *Obras completas, I: escritos autobiográficos y cartas*, na Espanha [Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo].³⁶⁵

Na língua, literatura e cultura portuguesa, identificamos a *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*, publicada no Estado de São Paulo [Brasil], pela Paulus, em 2018.³⁶⁶ Hannah Arendt — em *Homens em tempos sombrios* — expressa:

QUADRO 2 MARCO HISTÓRICO LATINO-AMERICANO II: EDITH STEIN EM LÍNGUA E CULTURA ESPANHOLA [TRADUÇÕES]

Ano[s]	Título [e subtítulo]
2002	STEIN, E. Vida de una Familia Judia. In: _____. <i>Obras completas, I: escritos autobiográficos y cartas</i> . Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002.
2002	_____. Cómo Llegué al Carmelo de Colonia. In: _____. <i>Obras completas, I: escritos autobiográficos y cartas</i> . Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002.

Edith Theresa Hedwing Stein
[1891 — 1942]

³⁶³ TUTU, D. *Deus não é cristão e outras provocações*. Trad. Lilian Jenkino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012, p. 12.

³⁶⁴ BONHOEFFER, D. *A comunhão dos santos: uma investigação dogmática sobre a sociologia da igreja*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo [RS]: Sinodal; EST, 2017, pp. 134-135.

³⁶⁵ STEIN, E. *Obras completas, I: escritos autobiográficos y cartas*. Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002.

³⁶⁶ STEIN, E. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018.

2002 _____ . Testamento. In: _____. *Obras completas, t: escritos autobiográficos y cartas*. Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002.

2002 _____ . Voto de hacer lo más Perfecto. In: _____. *Obras completas, t: escritos autobiográficos y cartas*. Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002.

2002 _____ . Curriculum Vitae. In: _____. *Obras completas, t: escritos autobiográficos y cartas*. Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002.

2002 _____ . Cartas. In: _____. *Obras completas, t: escritos autobiográficos y cartas*. Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002.

2002 _____ . Apéndices. In: _____. *Obras completas, t: escritos autobiográficos y cartas*. Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002.

1.2.2

FENOMENOLOGIA [1915 — 1920]

[...] O que faz de uma ciência um todo que possui uma unidade interna e coerente, o que a delimita em relação com as demais ciências, é sua relação com certa categoria de objetos, e sua limitação marcada por essa categoria que prescreve as regras que deve seguir-se. Se a ciência deve ser entendida como uma formação que não depende de um só espírito pensante e que não está ligada a ele, pressupõe-se, no entanto, um ente e espírito conhecedor frente a ela, e ainda espíritos formados de tal maneira que possam conhecê-la progressivamente. Se a ciência é entendida desse modo, ainda existe um duplo significado para esse termo, que corresponde à distinção entre *natureza e situação* [...].³⁶⁷

³⁶⁷ STEIN, E. *Essere finito e essere eterno*: per una elevazione al senso dell'essere. Trad. Ângela Ales Bello. Roma: Città Nuova, 1999, p. 52:

[...] Ciò che fa di una scienza un tutto intimamente unitario e coerente e la distingue dalle altre è il suo riferirsi a un determinato settore e l'essere condizionata da questo settore, che prescrive la regola a tutto il suo procedimento. Se la scienza si deve intendere come una struttura indipendente e non

Na pesquisa e produção científica de Edith Stein, os escritos fenomenológicos surgem em sua primeira época de experiência filosófica junto à escola fenomenológica de Edmund Husserl. Historicamente, quase todos os escritos deste período correspondem praticamente aos anos de 1915 — 1920 — um autêntico compêndio de procura da verdade: “[...] sua existência é *verdade vivida* [...]”.³⁶⁸ Na presente investigação, colhemos: *Sobre o problema da empatia; Contribuições à fundamentação filosófica da psicologia e às ciências do espírito [Causalidade psíquica e Indivíduo e comunidade]; Uma investigação sobre o Estado; Introdução à Filosofia, Prólogo; Apêndices*.³⁶⁹ Na etapa fenomenológica, deparamo-nos com escritos de considerável valor filosófico de Edmund Husserl nos quais Edith Stein — de modo muito pessoal — participou, reorganizando e redigindo.³⁷⁰

Na Universidade de Breslávia, iniciou-se a vida acadêmico-intelectual de Edith Stein, no dia 27 de abril de 1911, depois de superar a sua crise de adolescência e decidir-se pela procura da verdade. “No dia seguinte, vi-me diante do famoso ‘quadro de avisos’ [...]”.³⁷¹ Para fins de matrícula, Edith Stein elegeu os seguintes componentes curriculares: História da Constituição Inglesa, História da Prússia na Época de Frederico [o Grande], Língua Indo-europeia, Alemão Antigo e Gramática Moderna do Alemão, História do Teatro Alemão e Grego. Não obstante, o que Edith Stein esperava com mais impaciência era: um curso de Introdução à Psicologia, ministrado em quatro horas semanais pelo Prof. Dr. William

legata a un particolare spirito pensante, essa pressupone però un “essente che sta di fronte” ad individui che possiedono capacità intellettuali, per di piú conformati in un determinato modo, cioè che conoscono attraverso un processo graduale. Se s’intendere la scienza in tal modo, rimane a questotermine ancora sempre un doppio significato, che corrisponde alla distinzione tra *natura* e *situazione* [...]. [Tradução livre].

³⁶⁸ BINGEMER, M. C. L. Edith Stein: profetiza do amor inclusivo. In: BINGEMER, M. C. L.; YUNES, E. [Orgs]. *Profetas e profecias*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 241.

³⁶⁹ STEIN, E. *Obras completas, II: escritos filosóficos [Etapa fenomenológica: 1915-1920]*. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

³⁷⁰ MENDES, E. S. *A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico da vida associada*. Dissertação [Mestrado em Teologia], Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.

³⁷¹ STEIN, E. Os anos de estudos em Breslávia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018.

Stern, e um curso de Filosofia da Natureza, dado em uma hora semanal ministrado pelo Prof. Dr. Richard Höningwald.³⁷²

[...] O curso de psicologia foi o primeiro de todos a que assisti. Isso podia ser um sinal premonitório, pois durante os quatro semestres de meus estudos em Breslávia interessei-me principalmente por Psicologia. Stern dava seu curso de maneira muito simples e acessível. Eu o assistia como se estivesse numa hora de conversa muito agradável e ficava até um pouco decepcionada. Era preciso fazer mais esforço com Höningwald. Sua lucidez penetrante e o rigor com que conduzia sua reflexão me encantavam [...].³⁷³

No curso de Filosofia da Natureza, ministrado pelo Prof. Dr. Richard Höningwald, partidário declarado do criticismo — uma concepção síntese entre o racionalismo e o empirismo —, conhecido na comunidade de filósofos por suas obras sobre Schiller e Herder, exigia-se o domínio do aparato conceitual do modo de conceber e de fazer filosofia de Immanuel Kant, para poder acompanhá-lo nas suas reflexões. Edith Stein relata que “[...] a quem quisesse trazer uma contribuição que não proviesse desse terreno, Höningwald fazia calar, com sua dialética superior e sua ironia mordaz, sem realmente operar por convencimento [...]”.³⁷⁴

Politicamente, a organização didático-pedagógica do ensino superior alemão, no ano letivo de 1911, estruturava-se do seguinte modo:

Não havia para nós nenhum currículo preestabelecido, como era o caso, por exemplo, para os estudantes de Medicina, que têm um programa fixo em cada semestre. Nossa obrigação era o programa fixado pelo Estado para o exame de admissão à docência no Ensino Superior. Consultando esse programa, podíamos averiguar o que seria exigido de nós no final. Comprei esse programa desde o primeiro semestre, por recomendação de uma colega que desde o começo estudava na perspectiva muito clara do Exame de Estado. Essa ótica não era, de modo algum, a minha. Certamente, eu queria fazer o exame “por minha

³⁷² STEIN, E. Os anos de estudos em Breslávia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018.

³⁷³ STEIN, E. Os anos de estudos em Breslávia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 226.

³⁷⁴ STEIN, E. Os anos de estudos em Breslávia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, pp. 226-227.

família”, mas, no momento, eu só tinha em vista a Filosofia por si mesma [...].³⁷⁵

No programa de Estado, Edith Stein descobriu — com alegria — que Propedêutica Filosófica era o componente curricular que ela poderia propor no Exame de Estado, o que ela fez de bom grado. No Exame de Estado, exigia-se como número mínimo de componentes curriculares 1 [um] para o ensino superior e 2 [dois] para o nível intermediário. Edith Stein, dando-se conta de que as línguas clássicas eram mesmo inseparáveis e que o Latim sem o Grego seria como que amputado da sua metade, optou por “[...] sacrificar no altar da Filosofia o estudo do Latim”.³⁷⁶

Pela primeira vez, por meio da concordância dos Evangelhos feita por Taciano — apologeta da primeira época cristã — e da tradução da Bíblia feita por Úfilas — missionário e instrutor dos visigodos —, Edith Stein tomou contato com o Evangelho, exceto pelos trechos que ouvira durante as preces na escola. Não obstante, “[...] na época isso não despertou sentimento religioso em mim [...]”.³⁷⁷ Na condição de universitária, Edith Stein participou de eventos extraordinários, tais como as celebrações do centenário da Universidade Silesiana Friedrich-Wilhelm, no 1º semestre de verão de 1911. Nas andanças pela cidade, “[...] eu jamais entrava nas belas igrejas, principalmente quando acontecia o ofício divino. Eu não tinha nada a buscar ali e teria considerado como falta de tato incomodar outras pessoas em suas orações [...]”.³⁷⁸ Dito por Edith Stein: “[...] Eu considerava realmente a universidade como minha *alma mater* [...]”.³⁷⁹

³⁷⁵ STEIN, E. Os anos de estudos em Breslávia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 228.

³⁷⁶ STEIN, E. Os anos de estudos em Breslávia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 229.

³⁷⁷ STEIN, E. Os anos de estudos em Breslávia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 232.

³⁷⁸ STEIN, E. Os anos de estudos em Breslávia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 255.

³⁷⁹ STEIN, E. Os anos de estudos em Breslávia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 255.

Na vida política, Edith Stein revela-se, de início, fortemente influenciada pelas ideias liberais. Não obstante, os estudos em História realizados por Edith Stein conduziram-a a uma mudança radical no seu modo de posicionar-se perante o Estado. Edith Stein descobre-se, então, amante da História, mas não como um modo puramente romântico de mergulhar no passado. Edith Stein decide participar dos acontecimentos políticos, constituintes da História que se escrevia no seu presente — um fenômeno de uma consciência histórica extrema da responsabilidade social e do sentimento de solidariedade que a une não apenas à Humanidade, mas também às comunidades mais restritas.³⁸⁰

Na experiência política de Edith Stein, por mais que um nacionalismo chauvinista a repugnasse, não deixava de estar firmemente convencida do sentido e da necessidade — natural e histórica — dos Estados particulares e da diversidade dos povos e das nações. Posiciona-se, então:

[...] É por isso que certas concepções socialistas e algumas aspirações ao internacionalismo não exerciam muita influência sobre mim. Eu também me libertava mais e mais das ideias liberais nas quais tinha sido criada e cheguei a uma visão positiva do Estado, próxima de uma visão conservadora, embora eu me afastasse claramente da coloração particular do conservadorismo prussiano.³⁸¹

Nos escritos de Edith Stein, evidenciamos uma profunda gratidão da filósofa — teóloga da cruz — para com o seu Estado de origem [Alemanha], por outorgá-la o direito de acesso a uma educação superior de qualidade [graduação e pós-graduação] e por proporcioná-la o livre acesso ao Patrimônio Histórico da Humanidade — “Tesouro Espiritual”.³⁸²

[...] Eu considerava todos os pequenos privilégios que nossa carteira de estudante nos assegurava — os descontos no teatro e no concerto, entre outras coisas — como sinais da solicitude amorosa que o Estado concedia a seus filhos preferidos, e eles despertavam em mim o desejo de testemunhar mais tarde, na

³⁸⁰ STEIN, E. Os anos de estudos em Breslavia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018.

³⁸¹ STEIN, E. Os anos de estudos em Breslavia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 234.

³⁸² STEIN, E. Os anos de estudos em Breslavia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018.

atividade profissional, minha gratidão para com o povo e o Estado [...].³⁸³

Edith Stein, movida por um forte sentimento de responsabilidade social, engajou-se na política, em favor do direito de voto das mulheres.³⁸⁴ “Emerge desse retrato a figura de mulher Edith Stein capaz de ir além dos papéis ou situações atribuídos culturalmente às mulheres [...]”.³⁸⁵

Por quatro semestres letivos, Edith Stein esteve regularmente matriculada na Universidade de Breslávia. “[...] Tomara parte na vida dessa *alma mater* mais do que a maioria dos estudantes, e era possível crer que eu estivesse tão ligada a ela que não me separaria por minha própria vontade [...]”.³⁸⁶ No decorrer do 4º semestre Edith Stein teve a impressão de que Breslávia não tinha mais nada a lhe oferecer e de que ela precisava de novos estímulos [o que ela confessa que não correspondia à verdade]. Edith Stein relata que havia ainda outras possibilidades não exploradas o suficiente, e ela poderia ter aprendido ainda muito por Breslávia. “[...] Interiormente, porém, eu sentia necessidade de partir [...]”.³⁸⁷

No seminário do Prof. Dr. William Stern, durante o verão de 1912 e o inverno de 1912 — 1913, estudou-se problemas de Psicologia do Pensamento, principalmente relacionados com os trabalhos da escola de Warzbürg [Külpe, Bühler, Messer etc.]. Edith Stein encarregou-se de apresentar um seminário em cada um dos semestres. Nos tratados estudados por Edith Stein, sempre eram mencionadas as *Investigações Lógicas*, de Edmund Husserl. Na comunidade acadêmico-intelectual,

³⁸³ STEIN, E. Os anos de estudos em Breslávia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 234.

³⁸⁴ STEIN, E. Os anos de estudos em Breslávia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018.

³⁸⁵ PERETTI, C. *Edith Stein e as questões de gênero: perspectiva fenomenológica e teológica*. 2009. 304 f. Tese [Doutorado em Teologia]. Escola Superior de Teologia — EST, São Leopoldo, 2009, p. 47.

³⁸⁶ STEIN, E. Os anos de estudos em Breslávia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 270.

³⁸⁷ STEIN, E. Os anos de estudos em Breslávia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 270.

ouviam-se dos filósofos [e matemáticos]: “[...] ‘em Gotinga, não se faz outra coisa senão filosofar, dia e noite, à mesa, na rua, em toda parte. Só se fala de fenômenos’ [...]”.³⁸⁸ Edith Stein escreve que certo dia,

[...] Moskiewicz surpreendeu-me enquanto estava ocupada com os textos do seminário de Psicologia. “Larga essa parafernália”, disse ele, “e leia isto, pois é daqui que partem esses autores todos”. Ele me estendeu um livro volumoso: era o segundo volume de *Investigações Lógicas*, de Husserl [...].³⁸⁹

Edith Stein relata que passou as férias de Natal [1912] estudando as *Investigações Lógicas*, e confessa: “[...] eu já estava convencida de que Husserl era o filósofo da nossa época [...]”.³⁹⁰

No mundo da filosofia — e das “ciências do espírito” — todos estavam absorvidos pela mesma questão:

[...] As *Investigações lógicas* haviam produzido seu impacto, sobretudo porque apareciam como um distanciamento radical do idealismo crítico de inspiração kantiana e neokantiana. Viu-se nelas uma “nova Escolástica”, porque a atenção desviava-se do sujeito para centrar-se nas coisas: o *processo de conhecimento* aparecia de novo como um *ato receptivo* que recebia sua norma das coisas mesmas, e *não* — como no criticismo — uma *escolha determinada* que comunicava sua norma às coisas [...].³⁹¹

Edith Stein decide mudar-se para Gotinga, apesar de considerar excessiva a tristeza da Sra. Auguste Stein [sua mãe] diante da separação. “[...] No mais profundo do meu coração, um tinha um pressentimento secreto — como sem dúvida ela também tinha — de que aquela nossa despedida marcava um corte mais decisivo [...]”.³⁹² Nos seus escritos, Edith Stein relata que para fins de combate daquela sensação quase

³⁸⁸ STEIN, E. Os anos de estudos em Breslávia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 271.

³⁸⁹ STEIN, E. Os anos de estudos em Breslávia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 271.

³⁹⁰ STEIN, E. Os anos de estudos em Breslávia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 273.

³⁹¹ STEIN, E. Os anos de estudos em Gotinga. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 316.

³⁹² STEIN, E. Os anos de estudos em Breslávia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 271.

inconsciente, fez algo para obrigá-la a voltar: dirigiu-se ao Prof. Dr. William Stern para lhe pedir um tema de tese em Psicologia. Prof. Dr. William Stern, propôs-lhe trabalhar sobre o desenvolvimento da criança, com base em experiências-questionamentos. Não obstante,

[...] fora um erro desde o início pensar em fazer um trabalho em Psicologia. Todos os meus estudos em Psicologia me tinham convencido apenas de que essa ciência ainda estava nos primeiros balbucios; faltava-lhe o fundamento indispensável de conceitos de base clarificados, e ela própria não estava em condições de forjar para si tais conceitos. Ao contrário, se me fascinava tanto o que até então eu havia aprendido de Fenomeologia, era porque ela consistia especificamente nesse trabalho de clarificação e porque, nesse campo, se forjavam desde o início as ferramentas intelectuais de que se necessitava. Nos meus começos em Gotinga, a lembrança do meu tema de tese em Psicologia causava-me ainda certo mal-estar, mas em seguida me livrei dele.³⁹³

No dia 17 de abril de 1913, Edith Stein chegou a Gotinga, conduzida por um motivo único: a Fenomenologia e os fenomenólogos. “[...] Em Breslávia, Mos tinha me dado a seguinte informação: ‘Quando se chega a Gotinga, vai-se primeiro ver Reinach; ele cuida do resto’ [...]”.³⁹⁴ Edith Stein seguiu ao pé da letra este judicioso conselho:

[...] Quando pedi para ver o senhor Reinach, uma jovem empregada loura levou-me ao seu escritório e pegou meu cartão de visitas para avisá-lo. Era uma sala bela e espaçosa, com duas janelas altas, carpetes e tons pardos e móveis de carvalho escuro. As duas paredes à esquerda da entrada eram cobertas por estantes com livros quase até o teto. À direita, uma grande porta deslizante com vidros de todas as cores conduzia à sala ao lado. O canto enorme entre essa porta e uma das janelas era ocupado por uma imponente mesa de trabalho, em frente à sua cadeira, confortáveis poltronas haviam sido dispostas para os visitantes. Um espaço acolhedor fora instalado junto ao ângulo das duas paredes cheias de livros: uma mesa, um divã e algumas cadeiras. Na parede, uma grande reprodução da *Criação do homem*, de Michelangelo, fazia face à poltrona da mesa de trabalho [...].³⁹⁵

³⁹³ STEIN, E. Os anos de estudos em Breslávia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 277.

³⁹⁴ STEIN, E. Os anos de estudos em Gotinga. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 312.

³⁹⁵ STEIN, E. Os anos de estudos em Gotinga. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, pp. 313-314.

No 1º semestre de 1913, o estudo de Edith Stein com Edmund Husserl versava sobre *Ideias para a uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica*.³⁹⁶ No quadro de informações, Edmund Husserl havia anunciado uma sessão preliminar de seu seminário de Filosofia.³⁹⁷

[...] Os recém-chegados deviam apresentar-se para serem aceitos. Foi ali, então, que vi pela primeira vez “Husserl em carne e osso”. Seu aspecto exterior não possuía nada que pudesse reter ou impor a atenção. Ele exalava uma distinção natural de professor. Era de altura mediana, bem cuidado, um belo rosto expressivo. Sua maneira de falar revelava imediatamente sua origem austríaca: ele vinha da Morávia e havia estudado em Viena. Sua afabilidade marcada por uma serena alegria possuía também algo da antiga Viena. Tinha acabado de fazer cinquenta e quatro anos.³⁹⁸

De acordo com Edith Stein, Edmund Husserl — depois da sessão preliminar geral — chamou os novatos, um por um:

[...] Quando lhe falei meu nome, ele me disse: — “O senhor Reinach falou-me da senhorita. A senhorita já leu os meus trabalhos?” — “As *investigações lógicas*.” — “*Todas as investigações lógicas?*” — “O segundo volume inteiro.” — “Todo o segundo volume? Essa é realmente uma façanha heroica!”, disse ele sorrindo. Assim, eu fui aceita.³⁹⁹

Na Universidade de Gotinga, Edith Stein destaca que — ao lado da Filosofia — sua pesquisa e produção científica mais importante foi um trabalho de História, realizado com um colega de classe, sob a orientação de Max Lehmann: uma comparação da Constituição Imperial Alemã vigente ao então projeto de Constituição de 1849. “[...] Meu tema era: de que modo os programas dos partidos foram levados em conta pelo projeto de Constituição de 1849? [...]”.⁴⁰⁰

³⁹⁶ HUSSERL, E. *Ideias Relativas a uma Fenomenología Pura y una Filosofía Fenomenológica*. Trad. José Gaos. 2. ed. México; Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1962.

³⁹⁷ STEIN, E. Os anos de estudos em Gotinga. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, pp. 313-314.

³⁹⁸ STEIN, E. Os anos de estudos em Gotinga. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 315.

³⁹⁹ STEIN, E. Os anos de estudos em Gotinga. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, pp. 315-316.

⁴⁰⁰ STEIN, E. Os anos de estudos em Gotinga. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 343.

Edith Stein diz que — com um trabalho de Exame de Estado praticamente pronto — veio, então: “[...] o passo mais importante: fui à casa de Husserl e pedir-lhe um tema de tese. “A senhorita já está tão avançada?”, perguntou-me supreso [...].⁴⁰¹ Na verdade, Edmund Husserl estava acostumado que alguém participasse de suas aulas durante anos antes de se lançar em um trabalho pessoal. Exigiu, então, de Edith Stein que prestasse logo o Exame de Estado deveria fazê-lo, pois, ao contrário, sobrar-lhe-ia pouco tempo para dedicar-se ao Doutorado em Filosofia:

[...] Ele atribuía pessoalmente muita importância a que fizesse também um trabalho em alguma ciência particular. Não bastava fazer somente Filosofia. Para ter bases sólidas, precisava-se também de um conhecimento aprofundado dos métodos das outras ciências [...].⁴⁰²

No curso intitulado “Natureza e espírito”, Edmund Husserl havia dito que um mundo exterior objetivo poderia ser apreendido apenas intersubjetivamente: por uma pluralidade de indivíduos que conhecem e que comunicam entre si. Para tanto, um pressuposto requerido neste fenômeno era ter uma experiência — sensível — dos outros indivíduos. “[...] Husserl chamava essa experiência de *empatia*, em conexão com os trabalhos de Theodor Lipps, mas não explicitava em que ela consistia”.⁴⁰³

Na Fenomenologia de Edmund Husserl, o problema da empatia [*Einfühlung*] era uma lacuna a ser preenchida. Para a sua tese de Doutorado em Filosofia, Edith Stein elegera explorar o que era a empatia, sob a orientação de Edmund Husserl. Não obstante, teve de engolir uma pílula amarga: “[...] ele exigiu que eu conduzisse meu trabalho em confrontação crítica com Theodor Lipps [...]”.⁴⁰⁴

⁴⁰¹ STEIN, E. Os anos de estudos em Gotinga. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 344.

⁴⁰² STEIN, E. Os anos de estudos em Gotinga. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 345.

⁴⁰³ STEIN, E. Os anos de estudos em Gotinga. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 345.

⁴⁰⁴ STEIN, E. Os anos de estudos em Gotinga. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 345.

De uma hora para outra, explodiu — como uma bomba — o assassinato do príncipe herdeiro austro-húngaro por um sérvio:

[...] Todo mundo passou o mês de julho colocando-se essa pergunta: Chegaremos a uma guerra europeia? Tudo deixava pressagiar que uma terrível tempestade se preparava, mas parecia-nos inconcebível que se pudesse chegar verdadeiramente a tanto. Qualquer pessoa que tenha crescido durante ou depois da guerra não pode ter ideia do sentimento de segurança em que vivíamos antes de 1914. A paz, a estabilidade da propriedade e a permanência do estado de coisas a que estávamos acostumados eram como um indestrutível fundamento sobre o qual fora construída a nossa vida. Quando nos percebemos enfim de que a tempestade inevitavelmente se aproximava, tentamos obter uma ideia clara do rumo que as coisas estavam tomando. Era certo que aquela guerra seria completamente diferente de todas as guerras precedentes. A destruição seria tão terrível que não poderia durar muito tempo. Tudo acabaria certamente em poucos meses.⁴⁰⁵

No dia 30 de julho de 1914, por volta das 16h00min., Edith Stein encontrava-se no seu escritório, imersa em *O mundo como vontade e como representação*, de Arthur Schopenhauer.⁴⁰⁶ Bateram-lhe à sua porta: Scharf e Merk, avisando-lhe que a guerra fora declarada e todos os cursos haviam sido suspensos. “[...] Refleti por um instante [...]. Tomei minha decisão. Fechei *O mundo como vontade e representação* e, estranhamente, até hoje nunca mais voltei a lê-lo [...]”.⁴⁰⁷

Edith Stein, encontrando-se num estado de tensão febril, encarava de frente — lúcida e determinada — o que o destino a reservava. No dia seguinte, 1º de agosto de 1914, a Alemanha declarou guerra à Rússia.⁴⁰⁸

[...] “Agora minha vida já não me pertence” — disse-me para mim mesma. “Tenho de investir todas as minhas forças nisso que está acontecendo. Quando a guerra terminar, se ainda estiver viva, poderei voltar a pensar em meus assuntos pessoais”.⁴⁰⁹

⁴⁰⁵ STEIN, E. Os anos de estudos em Gotinga. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, pp. 378-379.

⁴⁰⁶ SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação, I.º tomo*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.

⁴⁰⁷ STEIN, E. Os anos de estudos em Gotinga. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 381.

⁴⁰⁸ STEIN, E. Os anos de estudos em Gotinga. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018.

⁴⁰⁹ STEIN, E. Os anos de estudos em Gotinga. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 384.

No Hospital de Todos os Santos, Edith Stein inicia um curso de socorros de guerra. Por conseguinte, decide servir como enfermeira na Cruz Vermelha. Edith Stein vai à Áustria. No Hospital Militar de Weisskirchen [Morávia], convive com a dor e a morte, atuando no serviço de enfermagem. No cuidado [cura] e nas práticas sociais, depara-se — *tête-à-tête* — como o fenômeno da empatia [*Einfühlung*]:

[...] Quando cheguei certa vez, durante meu plantão, as enfermeiras me deram a notícia de que um agonzante acabara de chegar. Elas o deixaram sob meus cuidados para a noite. Recebi a orientação de dar-lhe uma injeção de cânfora de hora em hora. Terminei por manter viva durante muitas noites a chama de vida que havia nele. Era um homem grande e forte, mas estava totalmente apático e inconsciente. Foi assim que ele chegou à enfermaria. Nenhuma de nós o viu abrir os olhos ou dizer palavra alguma. Na última noite ainda lhe apliquei algumas injeções. No intervalo entre uma e outra, ouvi sua respiração do lugar onde me encontrava — ela havia cessado bruscamente. Fui para seu leito: o coração não batia mais. Agora deveria fazer o que nos fora prescrito em tal caso. Arrumar os objetos pessoais que estavam com ele e enviá-los ao comandante militar [a maior parte de seus pertences já havia sido guardada quando ele chegou]; chamar o médico para dar um atestado de óbito; ir com o atestado até a guarda de entrada e pedir aos soldados para levarem o morto numa maca; por último, dar fim de toda roupa de cama. Enquanto ajuntava os pertences do defunto, caiu do seu caderno de anotação um pequeno bilhete. Nele estava escrita uma pequena oração pedindo para que ele continuasse vivo. Havia sido escrita pela sua mulher. Isso atingiu minha alma profundamente e foi só naquele instante que eu percebi o que a morte daquele homem podia significar no plano humano [...].⁴¹⁰

Nos anos de 1915 — 1916, Edith Stein dedicou-se aos estudos, pesquisas e produção de sua Tese de Doutorado em Filosofia junto à Faculdade de Filosofia da Universidade de Friburgo [Albert-Ludwigs-Universität Freiburg] — que traz como lema “A verdade irá vos libertar” [Die Wahrheit wird euch frei machen] —, intitulada *Sobre o Problema da Empatia* [*Zum Problem der Einfühlung*]⁴¹¹, vindo a defendê-la no dia 03 de agosto de 1916, sob orientação de Edmund Husserl. Edith Stein superou a defesa da Tese supracitada com grande êxito, obtendo a qualificação máxima de *Summa cum laude*, com publicação no ano de 1917.

⁴¹⁰ STEIN, E. Serviço no Hospital Militar em Weisskirchen na Morávia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, pp.438-439.

⁴¹¹ STEIN, E. *Il problema dell'empatia*. Trad. E. Costantini e E. S. Costantini. Roma: Studium, 1985.

Na sua Tese, Edith Stein:

[...] expõe em primeiro lugar [primeira parte], de modo muito erudito, a história do problema da empatia dos estudos de Herder até a atualidade. Mas, o trabalho se centra principalmente nos ensaios sistemáticos [partes segunda a quinta] acerca de uma fenomenologia da empatia e das aplicações da mesma ao esclarecimento das ideias: corpo, alma, indivíduo, personalidade intelectual, comunidade social e estrutura comunitária. Nas duas partes últimas, investiga-se a importância da empatia nas esferas ética e estética e em ordem finalmente a uma análise fenomenológica da empatia estética.⁴¹²

Por conseguinte, entre 1916 — 1917, Edith Stein — na condição de assistente de Edmund Husserl — trabalhou assiduamente na reorganização e redação de *Ideias Relativas a uma Fenomenologia Pura e uma Filosofia Fenomenológica II: estudos fenomenológicos sobre a constituição* [*Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie: Phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution*] e *Ideias Relativas a uma Fenomenologia Pura e uma Filosofia Fenomenológica III: Fenomenologia e as fundações das ciências* [*Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie: Die Phänomenologie und die Fundamente der Wissenschaften*].⁴¹³

No ano de 1917, Edith Stein dedicou-se à Investigação Sexta de *Investigações Lógicas* [*Logische Untersuchungen*].⁴¹⁴ No ano de 1918, participou da reorganização e da redação de *Lições para uma*

⁴¹² HUSSERL, E. Dictamen de Edmund Husserl sobre la tesis de Edith Stein. In: STEIN, E. *Obras completas, I: escritos autobiográficos y cartas*. Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002, p. 1657:

[...] E. Stein expone en primer lugar [primera parte], en forma mui erudita, la historia del problema de la empatía desde los estudios pioneros de Herder hasta la actualidad. Pero el trabajo se centra principalmente en los ensayos sistemáticos [partes segunda a quinta] acerca de una fenomenología de la empatía y de las aplicaciones de la misma al esclarecimiento de las ideas: cuerpo, alma, individuo, personalidad intelectual, comunidad social y estructura comunitaria. En las dos partes últimas se investiga la importancia de la empatía en las esferas ética y estética y en orden finalmente a un análisis fenomenológico de la empatía estética. [Tradução livre].

⁴¹³ HUSSERL, E. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Trad. Márcio Suzuki. 6. ed. Sao Paulo: Ideias & Letras, 2006.

⁴¹⁴ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas: investigação para a fenomenologia e a teoria do conhecimento*. Trad. Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

fenomenologia da consciência interna do tempo [Vorlesugen zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins].⁴¹⁵

Nos anos de 1918 — 1919, Edith Stein escreveu *Contribuições à Fundamentação Filosófica da Psicologia e das Ciências do Espírito* [Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften]: I — *Causalidade Psíquica* [Psychische Kausalität, 1918]; II — *Indivíduo e Comunidade* [Individuum und Gemeinschaft, 1919].⁴¹⁶ No escrito supracitado — publicado no volume V do “Anuário de Filosofia e de Investigação Fenomenológica” [Jahrbuch für Philosophie und Phänomenologische Forschung] de [1921] 1922 —, Edith Stein faz uma interpretação fenomenológica dos conceitos mencionados e uma investigação das condições de possibilidade de abertura do sujeito individual-pessoal à vida em comunidade [Gemeinschaft].

No ano de 1920, preocupada com a pessoa humana [antropologia] e com a realidade que a envolve [política] — optou por afrontar diretamente o tema do Estado [práxis], com a pesquisa e produção científica de *Uma Investigação sobre o Estado* [Eine Untersuchung über den Staat].⁴¹⁷ Neste escrito, de caráter filosófico-social, publicado em 1925 no volume VII do Anuário de Filosofia e de Investigação Fenomenológica de Edmund Husserl — Husserls Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung Bd. VII —, Edith Stein assenta as bases sobre as quais deverão se apoiar a constituição da “comunidade estatal”.

Na França, a revista *Les Études Philosophiques* — em um número dedicado inteiramente a Edith Stein — publicou, em 1956, um estudo de Paulus Lenz-Medoc: *L'idée de l'Etat chez Edith Stein*. Lenz-Medoc diz no

⁴¹⁵ HUSSERL, E. *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*. Trad. Pedro M. S. Alves. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1994.

⁴¹⁶ STEIN, E. *Contribuições à Fundamentação Filosófica da Psicologia e das Ciências do Espírito*. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

⁴¹⁷ STEIN, E. *Una ricerca sullo Stato*. 2. ed. Trad. Ângela Ales Bello. Roma: Città Nuova, 1999.

presente estudo que Edith Stein pode explorar os seguintes temas: I — A estrutura ôntica do Estado; II — O Estado do ponto de vista dos valores.⁴¹⁸

Partindo do método fenomenológico, Edith Stein — considerando os estudos e pesquisas de *Indivíduo e Comunidade* — na primeira parte de *Uma Investigação sobre o Estado — A estrutura ôntica do Estado* — considera o Estado uma comunidade [*Gemeinschaft*].⁴¹⁹

Na existência do Estado, o tema da soberania — *conditio sine qua non* — também preocupa Edith Stein. Para entender-se, o Estado terá que olhar o povo e os indivíduos que o configuram, não como número, mas como pessoas humanas: eus conscientes e livres, que possuem um corpo-vivente [*Leibgestalt*], uma psique [*Seele*] e um espírito [*Geist*].⁴²⁰

No que tange às relações entre Estado e direito, Edith Stein argumenta que o Estado tem sua razão de ser exclusivamente na soberania, radicada no povo e nos indivíduos. Edith Stein rechaça a concepção de que é o Estado que cria a liberdade da pessoa humana.⁴²¹

Edith Stein, na segunda parte de *Uma Investigação sobre o Estado — O Estado do ponto de vista dos valores* — centra-se em questões fenomenológico-existencias. Na concepção de Edith Stein, a função do Estado é proteger e favorecer a liberdade dos indivíduos, facilitando as relações sociais. Nas pessoas humanas — concretas — também reside a moralidade de um Estado, que nunca pode constitui-se na fonte da mesma. Por esta via, a fortaleza e o valor ético de uma sociedade estão condicionados à formação e à atuação dos indivíduos. Do ponto de vista de Edith Stein, a existência do Estado está nas mãos das pessoas humanas — e não o reverso. Não nos resta dúvida de que Edith Stein está se referindo ao Estado Democrático de Direito.⁴²²

⁴¹⁸ LENZ-MÉDOC, P. L'idée de l'Etat chez Edith Stein. In: *Revue Les Études Philosophiques*, n. 11, 1956, pp. 451-457.

⁴¹⁹ STEIN, E. *Una ricerca sullo Stato*. 2. ed. Trad. Ângela Ales Bello. Roma: Città Nuova, 1999.

⁴²⁰ STEIN, E. *Una ricerca sullo Stato*. 2. ed. Trad. Ângela Ales Bello. Roma: Città Nuova, 1999.

⁴²¹ STEIN, E. *Una ricerca sullo Stato*. 2. ed. Trad. Ângela Ales Bello. Roma: Città Nuova, 1999.

⁴²² STEIN, E. *Una ricerca sullo Stato*. 2. ed. Trad. Ângela Ales Bello. Roma: Città Nuova, 1999.

Por fim, Edith Stein debruça-se no escrito supracitado sobre as relações entre Estado e religião. Para Edith Stein, o Estado — contemporâneo — não tem que ser totalmente laico. O Estado não tem nem alma; tampouco é um ente com uma entidade própria, com potencial de amar e de vivenciar sentimentos e valores. Na vida política, o Estado tem a capacidade de servir de motor de tudo o que alude e é fundamental para as pessoas humanas: promoção da cultura, educação, ética e religiões.⁴²³

Por parte de Edith Stein, identificamos como mola propulsora de *Uma Investigação sobre o Estado*: o desejo de um Estado que possua no seu fundamento um modo de vida associativa que abarque a pessoa humana inteira: corpo vivente, psique e espírito.⁴²⁴

Nos anos de 1917 — 1920, Edith Stein trabalhou na pesquisa e produção filosófica — e pedagógica — de *Introdução à Filosofia* [*Einführung in der Philosophie*].⁴²⁵ Na língua e cultura alemã, este escrito só apareceu em público no ano de 1991, com o volume 13 da coleção Edith Stein Werke. Trata-se de uma compilação de textos produzidos por Edith Stein para ministrar aulas de “Introdução à Filosofia Fenomenológica” em Fiburgo, entre 1916 — 1918, e em Breslau, em 1920.

Na pesquisa e práxis pedagógica de Edith Stein, o escrito intitulado *Introdução à Filosofia* enraíza-se na época em que Edith Stein atuava como assistente de Edmund Husserl [1916 — 1918]. Na condição de assistente de Edmund Husserl, uma das atividades de Edith Stein era ministrar aulas de *Introdução à Fenomenologia*. No ano de 1920, depois do fracasso de ascender a uma cátedra universitária, opta por ministrar aulas [particulares] de *Fenomenologia* na sua própria casa.

No que diz respeito à estrutura da obra, *Introdução à Filosofia* delinea-se em duas grandes partes: I — Os problemas da filosofia da natureza; II — Os problemas da subjetividade. Não obstante, antes de

⁴²³ STEIN, E. *Una ricerca sullo Stato*. 2. ed. Trad. Ângela Ales Bello. Roma: Città Nuova, 1999.

⁴²⁴ STEIN, E. *Una ricerca sullo Stato*. 2. ed. Trad. Ângela Ales Bello. Roma: Città Nuova, 1999.

⁴²⁵ STEIN, E. *Introducción a la Filosofía*. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

entrar no discurso filosófico das duas grandes questões que dividem o escrito supracitado, Edith Stein reflete — magistralmente — sobre a tarefa da filosofia e o método fenomenológico.⁴²⁶

Na pesquisa e produção científica steiniana, a amplitude de temas abraçados por *Introdução à Filosofia* revela neste escrito um valor claramente sintético dentro do período fenomenológico. Não nos resta dúvida de que a importância desta obra no contexto de outros escritos de Edith Stein radica-se em dois pontos fundamentais: o desenvolvimento do conceito de pessoa humana, como continuação de seus estudos e pesquisas de Doutorado em Filosofia na Universidade de Friburgo [Albert-Ludwigs-Universität Freiburg] e a apresentação do estado da questão da teoria do conhecimento. No dizer de Edith Stein:

Se o caráter da filosofia como uma ciência da essência tiver sido totalmente compreendido, também será entendido o que primeiro suscitará a objeção de que o método fenomenológico, como o método filosófico em geral, afirma ser o caminho para a solução de todos os problemas filosóficos fundamentais. Se temos bem presente que, de modo geral e inevitável, a cada “noesis” corresponde um “noema”, mais concretamente: que a cada percepção pertence necessariamente uma coisa percebida; a todo querer, uma coisa querida; e, em termos totalmente gerais, que à *consciência* se contrapõe necessariamente um *mundo*, então entenderemos que uma descrição essencial da consciência só pode efetuar-se, quando se realiza conjuntamente a descrição da estrutura do mundo, da constituição essencial de todas as classes de objetos. Concebida de uma perfeição ideal, a fenomenologia deve acolher em si os resultados de todas as ontologias e, às vezes, dilucidando em todas as suas formas a relação existente entre a consciência e os objetos, deve resolver os problemas relativos à teoria do conhecimento ou à crítica da razão.⁴²⁷

⁴²⁶ STEIN, E. Introducción a la filosofía. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

⁴²⁷ STEIN, E. Introducción a la filosofía. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, pp. 686-687:

Si se há compreendido enteramente el carácter de la filosofía como ciencia de la esencia, entonces se comprenderá también qué es lo que primeramente pudiera suscitar la objeción de que el método fenomenológico, como el método filosófico en general, reclame para sí el ser el camino para la solución de todos los problemas filosóficos fundamentales. Si tenemos bien presente que, de manera general e inevitable, a cada “nóesis” le corresponde un “nóema”, más concretamente: que a cada percepción le pertenece necesariamente una cosa percebida; a todo querer, una cosa querida; y, en términos totalmente generales, que a la *conciencia* se le contrapone necesariamente un *mundo*, entonces entenderemos que una descripción esencial de la conciencia solamente puede efectuar-se, cuando se realice conjuntamente la descripción de la estructura del mundo, de la constitución esencial de todas las clases de objetos. Concebida en una perfección ideal, la fenomenología debe acoger en sí los resultados de todas las ontologías, y la vez, dilucidando en todas sus formas la relación

No final do ano de 1917, Adolf Reinach morre na guerra. De sua viúva e de companheiros fenomenólogos surgiu a ideia de preparar uma edição póstuma de seus escritos. Edith Stein encarregou-se de resgatar o pensamento de Adolf Reinach sobre o problema do movimento. No ano de 1918, Edith Stein passou longas temporadas em Gotinga examinando — em parte com Ana Reinach [viúva de Adolf Reinach] — todo o legado filosófico de Adolf Reinach, o que culminou na publicação em 1921 de *Sobre a Essência do Movimento* [*Über das Wesen der Bewegung*].⁴²⁸

Precedido de uma introdução, na qual constam os argumentos de Zenão de Eléia e a postura de Diógenes, o artigo estrutura-se em quatro partes, nas quais — sucessivamente — são abordadas as seguintes questões filosóficas: I — A discussão dos argumentos por Aristóteles; II — A discussão por Henri Bergson; III — A essência do movimento; IV — Descobrimto das dificuldades de Zenão de Eléia.⁴²⁹

No quadro da teologia como reflexão crítica da práxis histórica, esclarecemos que o escrito fenomenológico *Sobre a Essência do Movimento* não é um escrito original de Edith Stein, mas uma reelaboração do pensamento de Adolf Reinach sobre o problema do movimento, que Edith Stein, servindo-se de apontamentos e notas deixadas por Adolf Reinach, preprou como obra póstuma.⁴³⁰

Nas palavras do Papa João Paulo II, por ocasião da 1ª Homilia da Festa da Beatificação de Edith Stein [1987], nos anos dos estudos acadêmico-intelectuais em Psicologia, Filosofia, História e Filologia

existente entre la conciencia y los objetos, debe resolver los problemas relativos a la teoría del conocimiento o a la crítica de la razón. [Tradução livre].

⁴²⁸ STEIN, E. Prólogo [al escrito de Adolf Reinach “Sobre la esencia del movimiento”]. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

⁴²⁹ STEIN, E. Prólogo [al escrito de Adolf Reinach “Sobre la esencia del movimiento”]. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

⁴³⁰ STEIN, E. Prólogo [al escrito de Adolf Reinach “Sobre la esencia del movimiento”]. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

Germânica — Breslávia, Gotinga e Friburgo — Deus não ocupava nenhum lugar na vida de Edith Stein.⁴³¹

E, mais adiante, destaca o Romano Pontífice:

[...] Todavia, professora de um “idealismo ético muito elevado”. De acordo com o seu grande talento intelectual, não quis aceitar nada que não fosse provado, nem sequer a fé de seus pais. Desejava por si mesma ir ao fundamento das coisas. Por isso buscava incansavelmente a verdade. Mais tarde, olhando para essa época de inquietude espiritual, reconheceu esse tempo como uma etapa importante do seu processo de maturação interior, afirmando: “A minha busca da verdade era uma verdadeira e própria oração” — maravilhosa frase de consolo para todos os que têm dificuldade em crer em Deus! A procura da verdade é já no mais íntimo uma busca de Deus.⁴³²

Edith Stein antes de ingressar na Igreja Católica — no dia 01 de janeiro de 1922 — já vivia uma profunda experiência pessoal [mística] do Deus de Jesus Cristo:

[...] Quando fui batizada no Ano Novo de 1922, já pensei que era a preparação para entrar na ordem carmelita. Alguns meses depois, no entanto, encontrei-me de novo com minha querida mãe, depois de meu batismo, e ficou claro para mim que ela não aguentaria esse novo golpe. Ela não morreria por esse fato, mas seria tomada de uma amargura pela qual eu não queria ser responsável. Deveria aguardar com paciência, como me recomendavam os conselheiros espirituais. A experiência foi se tornando penosa para mim. Tornei-me uma estrangeira no mundo [...].⁴³³

Nos escritos de Edith Stein, colhidos do período fenomenológico, a busca da verdade está perpassada por uma profunda preocupação — onto-teológico-política — com a singularidade e com a inclusão da pessoa humana na sociedade contemporânea.

Se ao menos uma vez tudo se aquietasse...

Se se calassem o talvez e o mais-ou-menos
e o riso à minha volta...

Se o barulho que fazem meus sentidos
não perturbasse mais minha vigília...

Então, num pensamento multifário,
poderia eu pensar-te até teus limites

⁴³¹ JOÃO PAULO II, P. 1ª Homilia — Festa da Beatificação — 1987. In: _____. *Em nome de Deus... Em nome da Igreja... Em nome da Humanidade*. Bauru [SP]: EDUSC, 1998.

⁴³² JOÃO PAULO II, P. 1ª Homilia — Festa da Beatificação — 1987. In: _____. *Em nome de Deus... Em nome da Igreja... Em nome da Humanidade*. Bauru [SP]: EDUSC, 1998, p. 15.

⁴³³ STEIN, E. Como cheguei ao Carmelo de Colônia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, pp. 543-544.

e possuir-te [só o tempo de um sorriso]
e oferecer-te a vida inteira,
como um agradecimento.⁴³⁴

Na língua, literatura e cultura espanhola, os escritos fenomenológicos de Edith Stein apareceram pela primeira vez em 1995, com a tradução de sua Tese de Doutorado em Filosofia — *Sobre el problema de la empatía*⁴³⁵ —, publicada pela Universidad Iberoamericana — IBERO, na Cidade do México [México]. Por conseguinte, publicou-se a presente Tese na Espanha, no ano de 2004.⁴³⁶

No ano de 2005, publicou-se na Espanha [Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo] as *Obras completas, II: escritos filosóficos [Etapa fenomenológica: 1915-1920]*.⁴³⁷ Na língua, literatura e cultura portuguesa, não encontramos nenhum escrito de Edith Stein oriundo do período “fenomenológico”. Na presente pesquisa, constatamos que os escritos de Edmund Husserl assistidos por Edith Stein estão traduzidos e publicados em língua portuguesa [Brasil e Portugal].

Nos escritos do período fenomenológico, Edith Stein já revela a base do seu pensamento: a singularidade da pessoa humana. Deparamo-nos aqui com um pensamento — filo-teológico — em construção, vindo a ser enriquecido e ampliado em contato com a filosofia e teologia cristãs, com os místicos e com os místicos da Ordem Carmelita Descalça — OCD. Nos períodos posteriores, Edith Stein não revela uma mudança — virada — de pensamento; amplia-os, em harmonia com os seus mestres: Platão, Aristóteles, São Tomás de Aquino, Edmund Husserl, Pseudo-Dionísio, Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz.

QUADRO 3 MARCO HISTÓRICO LATINO-AMERICANO III: ESCRITOS DE EDMUND HUSSERL ORGANIZADOS POR EDITH STEIN

⁴³⁴ RILKE, R. M. *O livro de horas*. Trad. Geir Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993, p. 21.

⁴³⁵ STEIN, E. *Sobre el problema de la empatía*. Trad. Alberto Pérez Monroy. Ciudad de México: Universidad Iberoamericana, 1995.

⁴³⁶ STEIN, E. *Sobre el problema de la empatía*. Trad. José Luis Caballero Bono. Madrid: Trotta, 2004.

⁴³⁷ STEIN, E. *Obras completas, II: escritos filosóficos [Etapa fenomenológica: 1915-1920]*. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

Edmund Gustav Albrecht Husserl [1916 — 1917]

Ano[s]	Título [e subtítulo]
1916 — 1917	<i>Ideias Relativas a uma Fenomenologia Pura e uma Filosofia Fenomenológica II</i> : Estudos fenomenológicos sobre a constituição [Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie: Phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution]. <i>Ideias Relativas a uma Fenomenologia Pura e uma Filosofia Fenomenológica III</i> : Fenomenologia e as fundações das ciências [Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie: Die Phänomenologie und die Fundamente der Wissenschaften].
1917	<i>Investigação Sexta de Investigações Lógicas</i> [Logische Untersuchungen]. <i>Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo</i> [Vorlesungen zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins].

QUADRO 4 MARCO HISTÓRICO LATINO-AMERICANO IV: EDITH STEIN EM LÍNGUA E CULTURA ESPANHOLA [TRADUÇÕES]

Fenomenologia [1915 — 1920]

Ano[s]	Título [e subtítulo]
1995	STEIN, E. <i>Sobre el problema de la empatía</i> . Trad. Alberto Pérez Monroy. Ciudad de México: Universidad Iberoamericana, 1995.
2004	_____. <i>Sobre el problema de la empatía</i> . Trad. José Luis Caballero Bono. Madrid: Trotta, 2004.
2005	_____. Sobre el Problema de la Empatía. In: _____. <i>Obras completas, II</i> : escritos filosóficos [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.
2005	_____. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. <i>Obras completas, II</i> : escritos filosóficos [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.
2005	_____. Una Investigación Sobre el Estado. In: _____. <i>Obras completas, II</i> : escritos filosóficos [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.
2005	_____. Introducción a la Filosofía. In: _____. <i>Obras completas, II</i> : escritos filosóficos [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.
2005	_____. Prólogo [al escrito de Adolf Reinach "Sobre la esencia del movimiento"]. In: _____. <i>Obras completas, II</i> : escritos filosóficos [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz

Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

2005 _____ . Apêndices. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

1.2.3

PENSAMENTO CRISTÃO [1921 — 1936]

[...] A fé não é para mim, em absoluto, nada irracional, isto é, algo que não tenha nada a ver com a verdade e com a falsidade. Pelo contrário, a fé é um caminho que nos endereça à verdade, e, por certo, um caminho em primeiro lugar até verdades que de outro modo permaneceriam ocultas para nós, e em segundo lugar o caminho *mais seguro* até à verdade, porque não há maior certeza do que a certeza da fé, mais ainda: não existe para o homem que se encontra in statu viae, nenhum conhecimento que possua uma certeza igual à que é própria da fé, ainda que seja uma certeza não intuída [...].⁴³⁸

No período entre 1921 e 1936, identificamos no pensamento cristão de Edith Stein: *Natureza, liberdade e graça; Verdade — Espírito — Palavra; Que é Fenomenologia?; Que é Filosofia?* Um diálogo entre Edmund Husserl e São Tomas de Aquino; *A fenomenologia de Husserl e a Filosofia de Santo Tomás de Aquino*: ensaio de uma confrontação; *Ato e potência*: estudos sobre uma filosofia do ser; *A significação da Fenomenologia para a visão do mundo; Conhecimento, verdade, ser; Prólogos; A Fenomenologia* [reflexões e intervenções de Edith Stein na jornada de estudos da sociedade tomista]; *Ser finito e ser eterno*: ensaio de uma ascensão ao sentido do ser; *Apêndices*.⁴³⁹

⁴³⁸ STEIN, E. ¿Que és Filosofía? Un Diálogo entre Edmund Husserl y Tomás de Aquino. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 172:

[...] La fe no es para mí, en absoluto, nada irracional, es decir, algo que no tenga nada que ver con la verdad y con la falsedad. Todo lo contrario, la fe es un camino hacia la verdad, y, por cierto, un camino en primer lugar hacia verdades que de otra manera quedarían ocultas para nosotros, y en segundo lugar el camino *más seguro* hacia la verdad, porque no hay mayor certeza que la de la fe, más aún: no existe para el hombre que se encontra in statu viae, ningún conocimiento que posea una certeza igual a la que es propia de la fe, aunque es una certeza no intuible [...]. [Tradução livre].

⁴³⁹ STEIN, E. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

Honestamente, Edith Stein não podia fazer de seu intelecto uma “tábula rasa”, pois este já estava marcado com um forte estigma, que não se podia negar. Edith Stein, filósofa — rigorosamente formada pela escola de fenomenologia — foi assistente de Edmund Husserl, participou de cursos ministrados por Max Scheler, tornou-se amiga de Adolf Reinach e esteve muito próxima da filósofa Hedwing Conrad-Martius. Na formação e atuação, Edith Stein debruçou-se sobre problemas diversificados: a mística do Pseudo-Dionísio, de Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz, os problemas do Estado — tão presentes e ameaçadores para ela mesma — e os escritos de São Tomás de Aquino. Para Edith Stein,

[...] o encontro dos dois mundos filosóficos exigia uma confrontação. A primeira expressão desse anseio foi a modesta colaboração na *Homenagem* escrita a Husserl, “A fenomenologia de Husserl e a filosofia de Santo Tomás de Aquino”, que ela escreveu quando ainda trabalhava nas “Investigações sobre a verdade”.⁴⁴⁰

De fundamental importância epistemológica, *Que é Fenomenologia?* [*Was ist Phänomenologie*, 1924] está dividido em duas partes: I — História da origem e desenvolvimento da fenomenologia; II — Particularidade do método fenomenológico: a objetividade do conhecimento, a intuição e o idealismo.⁴⁴¹ Na investigação do Estado, juntamos aos escritos de Edith Stein: *Diário e as Cartas* [1925], do Cardeal John Henry Newman, traduzido por Edith Stein para a língua alemã.⁴⁴²

Nos anos de 1923 a 1931, Edith Stein torna-se educadora no Instituto de Educação de Santa Maria Madalena [Liceu de Spira]. Nos períodos compreendidos entre 1928 a 1932, Edith Stein participou como conferencista de jornadas de estudos pedagógicos em diversos congressos na Alemanha e no exterior — Praga, Viena, Salzbourg, Bâle, Paris etc. — com diversas publicações sobre a questão da mulher. Na época que Edith Stein — como assessora em problemas da formação da

⁴⁴⁰ STEIN, E. Prólogo. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, pp. ix-x.

⁴⁴¹ STEIN, E. ¿Que és Fenomenología? In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

⁴⁴² MUÑOZ, F. G. *Benicta de la Cruz*. Edith Stein, signo de contracción. Madriz: San Pablo, 2007.

mulher — começou a se dedicar ao estudo da psique feminina não existiam estudos e pesquisas em psicologia [e teologia]. Nas *ciências do espírito* — ciências humanas —, Edith Stein está entre os pioneiros que se aprofundaram nas peculiaridades psíquicas da mulher:

[...] a especificidade da mulher consiste essencialmente na particular receptividade para a ação de Deus na alma, e chegar ao seu pleno desenvolvimento se nos abandonamos a esta ação confiadamente e sem resistência.⁴⁴³

Nas reflexões de Maria Clara Lucchetti Bingemer, sentir Deus de outro modo implica pensá-lo e dizê-lo de um jeito diferente.⁴⁴⁴

[...] A mulher, ser “diferente” saído do amor criador e sempre original de Deus, além de “sentir” e “experimental” essa diferença, que é seu drama mas também o seu encanto, pensa e se expressa sobre ela com organizada seriedade, porém não com menos sentimento.⁴⁴⁵

No ano de 1929, por ocasião do septuagésimo aniversário de Edmund Husserl, Edith Stein publicou no número especial do “Anuário de Filosofia e de Investigação Fenomenológica”: *A Fenomenologia de Husserl e a Filosofia de Santo Tomás de Aquino: Ensaio de uma Confrontação [Husserls Phänomenologie und die Philosophie des Hl. Thomas von Aquin: Versuch einer Gegenüberstellung]*.⁴⁴⁶

Poucos anos depois, Edith Stein apresentou ao mundo filosófico alemão uma tradução de *Quaestiones Disputatae de Veritate* de Santo Tomás de Aquino [Des Hl. Thomas von Aquin Untersuchungen über die

⁴⁴³ STEIN, E. El Valor Específico de la Mujer en su Significado para la Vida del Pueblo. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 79:

[...] *La especificidad de la mujer* consiste esencialmente en la particular receptibilidad para la acción de Dios en el alma, y llega a su pleno desarrollo si nos abandonamos a esta acción confiadamente y sin resistencia. [Tradução livre].

⁴⁴⁴ BINGEMER, M. C. L. Prefácio. In: AQUINO, M. P. *Nosso clamor pela vida: teologia latino-americana a partir da perspectiva da mulher*. Tard. Rodrigo Contrera. São Paulo: Paulinas, 1996.

⁴⁴⁵ BINGEMER, M. C. L. Prefácio. In: AQUINO, M. P. *Nosso clamor pela vida: teologia latino-americana a partir da perspectiva da mulher*. Tard. Rodrigo Contrera. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 13.

⁴⁴⁶ STEIN, E. La Fenomenología de Husserl y la Filosofía de Santo Tomás de Aquino: Ensayo de una Confrontación. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

Wahrheit] — uma obra única em seu gênero, que dá a conhecer a doutrina do “Doutor Angélico” com uma linguagem fenomenológica:

[...] Edmund Husserl me formou no pensamento filosófico. Eu fui amadurecendo em sua escola, antes de chegar a conhecer o mundo de ideias de Tomás de Aquino. A tradução das *Quaestiones de veritate* me permitiu assimilar intimamente uma parte tão grande desse mundo de ideias, que chegou a ser inevitável uma confrontação entre ele e a forma fenomenológica do pensar.⁴⁴⁷

Para Edith Stein, a maior abordagem do fim último — dito em linguagem teológica — da existência humana é a mística. Nas relações entre Estado e religião, a experiência mística e a experiência política configuram os dois polos ordenados do complexo e extraordinário universo da experiência humana, traduzindo as duas formas mais altas de autorealização da pessoa humana — singular — na sua abertura para o Absoluto e para o Outro.⁴⁴⁸

Nos escritos de Edith Stein, *Ser finito e ser eterno: ensaio de acesso ao sentido do ser* [*Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins*, 1950]⁴⁴⁹ revela-se como o antecedente onto-teológico do escrito místico — inacabado — *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz* [*Kreuzeswissenschaft*].⁴⁵⁰

[...] Conservou-se o ponto de partida, ou seja, a doutrina tomista do ato e da potência, mas somente como ponto de partida. Focou-se a obra na *questão sobre o ser*. O confronto entre o pensamento tomista e o fenomenológico é resultado da análise objetiva dessa questão. É que essas duas preocupações — a busca do sentido do ser e o esforço de incorporar o pensamento

⁴⁴⁷ STEIN, E. *Ser finito e ser Eterno: ensaio de una ascensión al sentido del ser*. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 590:

[...] Edmund Husserl me formó en el pensamiento filosófico. Yo fui madurando en su escuela, antes de que llegara a conocer el mundo de ideas de Tomás de Aquino. La traducción de las *Quaestiones de veritate* me permitió asimilarme íntimamente una parte tan grande de ese mundo de ideas, que llegó a ser inevitable una confrontación interna entre él y la forma fenomenológica del pensar. [Tradução livre].

⁴⁴⁸ LIMA VAZ, H. C. de. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

⁴⁴⁹ STEIN, E. *Ser finito e ser Eterno: ensaio de una ascensión al sentido del ser*. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

⁴⁵⁰ STEIN, E. *A Ciência da Cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

medieval com o vivo pensamento contemporâneo — não só constituem sua preocupação pessoal, mas domina a vida filosófica e são sentidas por muitos filósofos como uma necessidade própria, por isso a autora considera possível que sua tentativa possa ser útil aos demais, por mais insuficiente que seja. Ela está muito consciente dessa insuficiência [...].⁴⁵¹

Na língua, literatura e cultura espanhola, os escritos filosóficos do pensamento cristão de Edith Stein apareceram pela primeira vez na Cidade do México [México] em 1996, com a tradução de *Ser Finito y Ser Eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser*.⁴⁵²

Na Espanha [Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo], publicou-se as *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*.⁴⁵³ Na língua, literatura e cultura portuguesa, traduziu-se *O Que é Filosofia? — Uma Conversa entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino* [2005], com publicação pela *Scintilla — Revista de Filosofia e Mística Medieval da Faculdade de Filosofia São Boaventura — FFSB, em Curitiba — Estado do Paraná [Brasil]*.⁴⁵⁴

No Estado do Rio de Janeiro [Brasil], a Forense Universitária publicou *Ser finito e ser eterno* [2019].⁴⁵⁵

QUADRO 5 MARCO HISTÓRICO LATINO-AMERICANO V: EDITH STEIN EM LÍNGUA E CULTURA ESPANHOLA [TRADUÇÕES]

Pensamento cristão [1921 — 1936]	Ano[s]	Título [e subtítulo]
	1996	STEIN, E. <i>Ser Finito y Ser Eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser</i> [1935-1936]. Trad. Alberto Pérez Monroy. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.
2007	_____. <i>Naturaleza, Libertad y Gracia</i> [1921]. In: _____. <i>Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936</i> . Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz	

⁴⁵¹ STEIN, E. Prólogo. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, pp. x.

⁴⁵² STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser*. Trad. Alberto Pérez Monroy. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

⁴⁵³ STEIN, E. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

⁴⁵⁴ STEIN, E. *O Que é Filosofia? — Uma Conversa entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino*. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. *Scintilla: Revista de Filosofia e Mística Medieval*. Curitiba: Faculdade de Filosofia São Boaventura, v. 2, n. 2, jul/dez, 2005.

⁴⁵⁵ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

- Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.
- 2007 _____. Verdad — Espíritu — Palabra [1921]. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.
- 2007 _____. ¿Que és Fenomenología? [1924] In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.
- 2007 _____. ¿Que és Filosofía? Un Diálogo entre Edmund Husserl y Tomás de Aquino [1928]. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.
- 2007 _____. La Fenomenología de Husserl y la Filosofía de Santo Tomás de Aquino: Ensayo de una Confrontación [1928]. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.
- 2007 _____. Acto y Potencia: Estudios Sobre una Filosofía del Ser [1931]. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.
- 2007 _____. La Significación de la Fenomenología para la Visión del Mundo [1932]. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.
- 2007 _____. Conocimiento, Verdad e Ser [1932]. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.
- 2007 _____. Prólogos [1931-1932]. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.
- 2007 _____. La Fenomenología [Intervenciones de Edith Stein en la jornada de estudios de la sociedad tomista] [1932]. In: _____. **Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936**. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.
- 2007 _____. Ser Finito e Ser Eterno: Ensayo de una Ascensión al Sentido del Ser [1935-1936]. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD;

José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

2007 _____ . Apéndices [1935-1936]. In: _____ . *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

1.2.4

ANTROPOLOGIA E PEDAGOGIA [1926 — 1933]

[...] O filósofo que começa a ocupar-se da teologia dogmática tropeça em seguida com problemas filosóficos: atrai-lhe a ideia de sondar o caráter científico-teórico dessa curiosa ciência, de indagar a questão das relações entre a razão e a revelação, entre o saber e a fé [...].

Assim que começaremos imediatamente com a questão:

¿Que é o homem?

Esta pergunta tem triplo sentido:

1 ¿Que é o indivíduo, a pessoa individual: esta pessoa ou aquela?

2 ¿Que é o *homem em geral*? Isto é: Qual é a *natureza do homem*, a natureza que é comum a todos os homens?

3 ¿Que é a *totalidade dos homens: a humanidade*?⁴⁵⁶

Pessoalmente, Edith Stein advoga a favor de que a pedagogia — ciência[s] da educação — e a pesquisa e práxis pedagógica devem estar dirigidas e determinadas por uma *concepção de homem*: “[...] se a pedagogia quer ser uma ciência, então uma de suas tarefas mais

⁴⁵⁶ STEIN, E. La imagen del hombre según nossa fe. In: _____ . *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, pp. 767-768:

[...] El filósofo que comienza a ocuparse de la teología dogmática tropieza en seguida con problemas filosóficos: le atrae la idea de sondear el carácter científico-teórico de esa curiosa ciencia, de indagar la cuestión acerca de las relaciones entre la razón y la revelación, entre el saber y la fe [...].

Así que comenzaremos inmediatamente con la cuestión:

¿Que és el hombre?

Esta pregunta tiene triple sentido:

1 ¿Qué es el individuo, la persona individual: esta persona o aquélla?

2 ¿Qué es *el hombre en geral*? Es decir: Cuál es *la naturaleza de hombre*, la naturaleza que es común a todos los hombres?

3 ¿Qué es la *totalidad de los hombres: la humanidad*? [Tradução livre].

essenciais será a de ajustar-se a essa ideia reitora [...]”.⁴⁵⁷ No Instituto Alemão de Pedagogia Científica — Münster de Westfalia [Alemanha] — investigou exaustivamente este problema, sob o enfoque filosófico, por ocasião de suas aulas no semestre de inverno de 1932/1933.⁴⁵⁸

Pessoalmente, deu-se conta de que a antropologia filosófica reclamava para si um complemento teológico:

[...] Aos meus ouvintes lhes disse ver com claridade em diversas ocasiões, pelas exposições dos problemas, que semelhante complementação teológica era necessária. É algo que se deduz já, de um ponto de vista puramente teórico, das *relações entre a filosofia* [o entre a ciência em geral] e a fé, tal como se contempla em nossa Igreja [...].⁴⁵⁹

Isto é de suma importância para a investigação do Estado porque, de acordo com Edith Stein, a fé tem uma dupla significação para a ciência: a) a fé há de ser uma norma pela qual a ciência possa se medir, uma norma que livra e defende a razão dos erros; b) a fé há de servir de complemento, porque proporciona a resposta a algumas questões que são insolúveis para a razão natural. Por conseguinte, Edith Stein diz que na concepção da ciência católica constitui tarefa urgente de todo[a] educador[a] católico[a] ter bem presente, com toda claridade, o que nossa fé ensina sobre o homem,

⁴⁵⁷ STEIN, E. La imagen del hombre según nossa fe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 765:

[...] si la pedagogía quiere ser una ciencia, entonces una de sus tareas más esenciales será la de ajustarse a esa idea rectora [...]. [Tradução livre].

⁴⁵⁸ STEIN, E. La imagen del hombre según nossa fe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁴⁵⁹ STEIN, E. La imagen del hombre según nossa fe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 765:

[...] A mis oyentes les hice ver con claridad en diversas ocasiones, por los planteamientos de los problemas, que semejante complementación teológica era necesaria. Es algo que se deduce ya, desde un punto de vista puramente teórico, de las *relaciones entre la filosofía* [o entre la ciencia en general] y la fe, tal como se contempla en nuestra Iglesia [...]. [Tradução livre].

a fim de examinar, orientado por este critério, suas próprias convicções e as convicções alheias que chegam até ele.⁴⁶⁰

[...] Dada a estreita cooperação entre a filosofia e a teologia, tal como é característica das mais insígnias épocas da ciência eclesial, não se pode estabelecer uma completa separação entre ambas, praticamente elucidando um tema cientificamente, apesar do demarcar que existe por princípio entre a filosofia e a teologia, no que diz respeito aos seus respectivos objetos e métodos científicos.⁴⁶¹

Na existência do Estado, Edith Stein — ave de Minerva — esteve sempre em estado de vigília frente aos últimos acontecimentos, de modo especial no que tange às patologias da vida política. No começo de 1933, quando foi instituído o Terceiro Reich, Edith Stein — numa noite da Quaresma — dá-se conta, diante das notícias de inúmeras atrocidades cometidas contra os judeus, de que mais uma vez Deus pesava sua mão sobre seu povo e que o destino desse povo era também o dela.⁴⁶²

[...] Desde 1928, eu passava a Semana Santa e a Páscoa em completo retiro espiritual. Mas, desta vez, outra razão me movia. Nas últimas semanas, pensei com frequência se não devia tomar alguma iniciativa com respeito à situação dos judeus. Finalmente planejei ir a Roma e solicitar uma audiência particular com o Santo Padre, para que ele escrevesse uma encíclica sobre o tema [...].⁴⁶³

Na verdade, Edith Stein não desejava tomar essa iniciativa sob a sua própria autoridade, pois há alguns anos ela havia professado os “santos

⁴⁶⁰ STEIN, E. La imagen del hombre según nossa fe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁴⁶¹ STEIN, E. La imagen del hombre según nossa fe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 766:

[...] Dada la estrecha cooperación entre la filosofía y la teología, tal como es característica de las más insígnias épocas de la ciencia eclesial, no se puede establecer una completa separación entre ambas, al dilucidar prácticamente un tema científico, a pesar del deslinde que existe por principio entre la filosofía y la teología, en cuanto a sus respectivos objetos y métodos científicos. [Tradução livre].

⁴⁶² STEIN, E. Como cheguei ao Carmelo de Colônia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018.

⁴⁶³ STEIN, E. Como cheguei ao Carmelo de Colônia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 538.

votos” — obediência, pobreza e castidade — privadamente. Por ter encontrado na Abadia de Beuron — da Ordem de São Bento — uma espécie de “pátria monástica”, Edith Stein permitia-se considerar o arquiabade Dom Raphael Walzer, OSB como “seu abade”, submetendo-lhe todas as decisões importantes que ela desejava tomar. “[...] Pus-me a caminho de Bueron [...]”, escreve Edith Stein.⁴⁶⁴

Naqueles dias, em razão da grande afluência de peregrinos em Roma, o Santo Padre — Pio XI — só poderia conceder “uma pequena audiência” [uma audiência com um pequeno grupo]. Edith Stein desistiu da viagem, optando por manifestar por escrito as suas preocupações.⁴⁶⁵

Dom Raphael Walzer, OSB esteve em Roma de 23 a 28 de abril de 1933 e entregou a seguinte carta de Edith Stein a Pio XI, pessoalmente:

[...] É de meu conhecimento que minha carta foi entregue selada ao Santo Padre; aliás, pouco tempo depois, recebi sua bênção para mim e meus familiares. Mais nada aconteceu. Com o passar do tempo me perguntei se essa carta não voltou mais de uma vez à memória do Santo Padre. O que eu havia previsto sobre o futuro dos católicos na Alemanha realizou-se detalhadamente nos anos seguintes.⁴⁶⁶

Por ocasião da abertura ao público de todo o material concernente ao pontificado de Pio XI no Arquivo Secreto do Vaticano — em 15 de fevereiro de 2003 —, a Igreja revelou ao mundo a carta que Edith Stein escreveu ao Papa Pio XI no ano de 1933, com a seguinte redação:

Santo Padre!

Como filha do povo hebreu, que, pela graça de Deus, durante onze anos sou também filha da Igreja católica, atrevo-me a expor perante o Pai da Cristandade o que oprime milhões de alemães.

Durante semanas, vemos suceder acontecimentos na Alemanha que soam como escárnio de toda justiça e humanidade, por não falar do amor ao próximo. Durante anos, os chefes nacional-socialistas vêm pregando o ódio aos hebreus. Depois de tomar o poder governamental em suas mãos

⁴⁶⁴ STEIN, E. Como cheguei ao Carmelo de Colônia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 539.

⁴⁶⁵ STEIN, E. Como cheguei ao Carmelo de Colônia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018.

⁴⁶⁶ STEIN, E. Como cheguei ao Carmelo de Colônia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, pp. 540-541.

e armado seus aliados — entre eles identificados elementos criminais — já apareceram os resultados dessa sementeira do ódio. Recentemente, o próprio Governo admitiu o fato de que houve excessos, porém não podemos ter uma ideia da amplitude destes fatos, porque a opinião pública está amordaçada. Porém, julgando pelo que eu venho saber por informações pessoais, de nenhum modo se trata de casos isolados. Sob a pressão de vocês do estrangeiro, o regime passou a métodos “mais suaves”. Deu-se o slogan de que não se deve “tocar um fio de cabelo de qualquer hebreu”. Porém, com sua declaração de boicote leva muitos hebreus ao desespero; porque com esse boicote rouba dos homens sua mera subsistência econômica, sua honra de cidadãos e sua pátria. Por notícias privadas, eu tomei conhecimento na última semana de cinco casos de suicídio por causa destas perseguições. Estou convencida de que se trata só de uma mostra que trará muito mais sacrifícios. Pretende-se justificar com o lamento de que os infelizes não tem suficiente força para suportar seu destino. Porém, a responsabilidade cai em grande parte sobre os que os levaram tão longe. E também cai sobre aqueles que guardam silêncio acerca disto.

Tudo o que tem acontecido e, todavia, sucede diariamente vem de um regime que se diz “cristão”. Durante semanas, não só os hebreus, senão milhares de autênticos católicos na Alemanha, e creio que no mundo inteiro, esperam e confiam em que a Igreja de Cristo levante a voz para pôr término neste abuso do nome de Cristo. Essa idolatria da raça e do poder do Estado, com a qual dia a dia se esmaga por rádio às massas, acaso não é uma patente heresia? Não é a guerra de extermínio contra o sangue hebreu um insulto à Sacratíssima Humanidade de Nosso Redentor, à Santíssima Virgem e aos apóstolos? Não está tudo isto em absoluta contradição com o comportamento de Nosso Senhor e Salvador, que ainda na Cruz rogou por seus perseguidores? E não é isto uma mancha escura na crônica deste Ano Santo que deveria ser um ano de paz e de reconciliação?

Todos nós os que somos fiéis filhos da Igreja e que consideramos com olhos abertos a situação na Alemanha teremos o pior para a imagem da Igreja se se mantiver o silêncio por mais tempo. Somos também da convicção de que ao longo do tempo esse silêncio de nenhuma maneira poderá obter a paz com o atual regime alemão. A luta contra o catolicismo se levará por um tempo em silêncio, e por agora com formas menos brutais que contra o judaísmo, porém não será menos sistemática. Não falta muito para que logo, na Alemanha, nenhum católico possa ter cargo algum se antes não se entregar incondicionalmente ao novo curso.

Aos pés de Sua Santidade pede a Bênção Apostólica.

Dra. Edith Stein⁴⁶⁷

⁴⁶⁷ STEIN, E. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, pp. 29-31:

¡Santo Padre!

Como hija del pueblo judío, que, por la gracia de Dios, desde hace once años es también hija de la Iglesia católica, me atrevo a exponer ante el Padre de la Cristandad lo que oprime a millones de alemanes.

Hoje em dia, o conteúdo desta carta não só revela que Edith Stein intuiu que, após a violenta perseguição dos judeus — perseguição “[...] à Sacratíssima Humanidade de Nosso Redentor, à Santíssima Virgem e aos apóstolos [...]”⁴⁶⁸ — a Igreja também seria perseguida, mas descortina uma antropologia teológica — entropática — que evidencia a grandeza do ser e da vocação do homem, cuja singularidade é um “tesouro espiritual” que reclama para si atitudes de cuidado [*cura*] diante dos perigos e ameaças das patologias do Estado na sociedade contemporânea. Teólogo latino-americano: “— Não deixe cair a profecia”.⁴⁶⁹

Desde hace semanas vemos sucederse acontecimientos en Alemania que suenan a burla de toda justicia y humanidad, por no hablar del amor al prójimo. Durante años los jefes nacional-socialistas han predicado el odio a los judíos. Después de haber tomado el poder gubernamental en sus manos y armado a sus aliados — entre ellos a señalados elementos criminales — ya han aparecido los resultados de esa siembra del odio. Hace poco el mismo Gobierno ha admitido el hecho de que ha habido excesos, pero no nos podemos hacer una idea de la amplitud de estos hechos, porque la opinión pública está amordazada. Pero a juzgar por lo que he venido a saber por informaciones personales, de ningún modo se trata de casos aislados. Bajo presión de voces del extranjero, el régimen ha pasado a métodos “más suaves”. Ha dado la consigna de que no se debe ‘tocar ni un pelo a ningún judío’. Pero con su declaración de boicot lleva a muchos a la desesperación, porque con ese boicot roba a los hombres su mera subsistencia económica, su honor de ciudadanos y su patria. Por noticias privadas he conocido en la última semana cinco casos de suicidio a causa de estas persecuciones. Estoy convencida de que se trata sólo de una muestra que traerá muchos más sacrificios. Se pretende justificar con el lamento de que los infelices no tienen suficiente fuerza para soportar su destino. Pero la responsabilidad cae en gran medida sobre los que lo llevaron tan lejos. Y también cae sobre aquellos que guardan silencio acerca de esto.

Todo o que ha acontecido y todavía sucede a diario viene de un régimen que se llama “cristiano”. Desde hace semanas, no solamente los judíos, sino miles de auténticos católicos en Alemania, y creo que en el mundo entero, esperan y confían en que la Iglesia de Cristo levante la voz para poner término a este abuso del nombre de Cristo. ¿Esa idolatría de la raza y del poder del Estado, con la que día a día se machaca por radio a las masas, acaso no es una patente herejía? ¿No es la guerra de exterminio contra la sangre judía un insulto a la Sacratísima Humanidad de Nuestro Redentor, a la Santísima Virgen y a los apóstoles? ¿No está todo esto en absoluta contradicción con el comportamiento de Nuestro Señor y Salvador, quien aún en la Cruz rogó por sus perseguidores? ¿Y no es esto una negra mancha en la crónica de este Año Santo que debería ser un año de paz y de reconciliación?

Todos los que somos fieles hijos de la Iglesia y que consideramos con ojos despiertos la situación en Alemania nos tenemos lo peor para la imagen de la Iglesia si se mantiene el silencio por más tiempo. Somos también de la convicción de que a la larga esse silencio de ninguna manera podrá obtener la paz con el actual régimen alemán. La lucha contra el catolicismo se llevará por un tiempo en silencio, y por ahora con formas menos brutales que contra el judaísmo, pero no será menos sistemática. No falta mucho para que pronto, en Alemania, ningún católico pueda tener cargo alguno si antes no se entrega incondicionalmente al nuevo rumbo.

A los pies de Su Santidad pide la Bendición Apostólica.

Dra. Edith Stein. [Traducción libre].

⁴⁶⁸ STEIN, E. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 30:

“[...] a la Sacratísima Humanidad de Nuestro Redentor, a la Santísima Virgen y a los apóstoles [...]”. [Traducción libre].

⁴⁶⁹ BARROS, M. *Dom Helder Câmara: profeta para os nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 20.

Edith Stein — depois de ter encontrado o caminho a Cristo e a sua Igreja — estava ocupada em vivenciar as últimas consequências práticas de sua experiência cristã de Deus. Na pesquisa e práxis político-pedagógica junto ao Instituto de Santa Magdalena [Espira], Edith Stein teve oportunidade de adaptar-se ao mundo católico, despertando nela o desejo de conhecer os princípios conceituais desse mundo. Para delimitar a presente pesquisa, organizamos os escritos antropológicos e pedagógicos de Edith Stein [1926 — 1933], em quatro categorias: conferências, cursos antropológicos, comentários e apêndices.⁴⁷⁰

Nas conferências, colhemos: *Verdade e clareza no ensino e na educação; O valor específico da mulher e sua significação para a vida do povo; Os tipos de psicologia e seu significado para a pedagogia; Sobre a luta pelo mestre católico; A colaboração dos centros conventuais na formação religiosa da juventude; Fundamentos teóricos do labor social de formação; Educação eucarística; O ethos das profissões femininas; Sobre o conceito de formação; Fundamentos da formação da mulher, O intelecto e os intelectuais; O Mistério do Natal; A missão da mulher, Isabel da Hungria: natural e sobrenatural na formação de uma figura santa; Vocação do homem e da mulher segundo a ordem da natureza e da graça; Configuração da vida no espírito de Santa Isabel; Vida cristã da mulher.*⁴⁷¹

Edith Stein proferiu ainda as seguintes conferências: *Mestras da formação universitária e de magistério; Natural e sobrenatural em Fausto de Goethe; A arte materna da educação; Tempos difíceis e formação; Missão da mulher acadêmica católica; Tarefa da mulher como guia da juventude até a Igreja; Formação da juventude à luz da fé católica; Fundamentação teórica da formação da mulher.*⁴⁷²

⁴⁷⁰ STEIN, E. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933].* vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁴⁷¹ STEIN, E. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933].* vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁴⁷² STEIN, E. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933].* vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino

Nos cursos antropológicos, colhemos: *Problemas da formação da mulher, Estrutura da pessoa humana; Que é o homem?* A antropologia da doutrina católica da fé. Por fim, *Comentários; Apêndices*.⁴⁷³

Nos escritos de Edith Stein, encontramos a tradução de *Quaestiones Disputatae de Veritate*. São Tomás de Aquino encontrou em Edith Stein uma discípula respeitosa e de boa vontade.⁴⁷⁴

Na língua, literatura e cultura espanhola, os escritos antropológicos e pedagógicos de Edith Stein surgiram na Espanha [Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo] em 2003 *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933].⁴⁷⁵ Na língua, literatura e cultura portuguesa, a EDUSC publicou *A Mulher: sua missão segundo a natureza e a graça* em 1999.⁴⁷⁶ No ano de 2000, publicou *O Mistério do Natal*.⁴⁷⁷

QUADRO 6 MARCO HISTÓRICO LATINO-AMERICANO VI: EDITH STEIN EM LÍNGUA E CULTURA ESPANHOLA [TRADUÇÕES]

Antropologia e pedagogia [1926 — 1933]	Ano[s]	Título [e subtítulo]
	2003	STEIN, E. Verdad y Claridad en la Enseñanza y en la Educación. In: _____. <i>Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos</i> [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.
2003	_____. El Valor Específico de la Mujer en su Significado para la Vida del Pueblo. In: _____. <i>Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos</i> [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz	

Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁴⁷³ STEIN, E. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁴⁷⁴ STEIN, E. Ser finito e ser Eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

⁴⁷⁵ STEIN, E. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁴⁷⁶ STEIN, E. *A Mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*. Bauru [SP]: EDUSC, 1999.

⁴⁷⁷ STEIN, E. *O Mistério do Natal*. Trad. Hermano José Cürten. Bauru [SP]: EDUSC, 2000.

Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____ . Los Tipos de Psicología y su Significado para la Pedagogía. In: _____ . *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magisterio de vida cristiana, 1926-1933].* vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____ . Sobre la Lucha por el Maestro Católico. In: _____ . *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magisterio de vida cristiana, 1926-1933].* vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____ . La colaboración de los Centros Conventuales en la Formación Religiosa de la Juventud. In: _____ . *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magisterio de vida cristiana, 1926-1933].* vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____ . Fundamentos Teóricos de la Labor Social de Formación. In: _____ . *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magisterio de vida cristiana, 1926-1933].* vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____ . Educación Eucarística. In: _____ . *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magisterio de vida cristiana, 1926-1933].* vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____ . El Ethos de las Profesiones Femininas. In: _____ . *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magisterio de vida cristiana, 1926-1933].* vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____ . Sobre el Concepto de Formación. In: _____ . *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magisterio de vida cristiana, 1926-1933].* vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____ . Fundamentos de la Formación de la Mujer. In: _____ . *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magisterio de vida*

cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____. El Misterio de la Navidad. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____. La Misión de la Mujer. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____. Isabel de Hungría: Natural y sobrenatural en la formación de una figura de santa. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____. Vocación del Hombre y de la Mujer Según el Orden de la Naturaleza y de la Gracia. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____. Configuración de la Vida en el Espíritu de Santa Isabel. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____. Vida Cristiana de la Mujer. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____. Maestras de Formación Universitaria y de Magisterio. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magisterio de vida cristiana, 1926-1933].* vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____. Natural e Sobrenatural en el Fausto de Goethe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magisterio de vida cristiana, 1926-1933].* vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magisterio de vida cristiana, 1926-1933].* vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____. Tiempos Difíciles y Formación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magisterio de vida cristiana, 1926-1933].* vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____. Misión de la Mujer Académica Católica. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magisterio de vida cristiana, 1926-1933].* vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____. Tarea de la Mujer como Guía de la Juventud hacia la Iglesia. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magisterio de vida cristiana, 1926-1933].* vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____. Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magisterio de vida cristiana, 1926-1933].* vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____. Fundamentación Teórica de la Formación de la Mujer. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magisterio de vida cristiana, 1926-1933].* vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz;

Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____ . Problemas de la Formación de la Mujer. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____ . Estructura de la Persona Humana. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____ . ¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____ . Recensiones. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

2003 _____ . Apéndices. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

1.2.5

TEOLOGIA E ESPIRITUALIDADE: MÍSTICA [1933 — 1942]

Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais eu te amei! Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora! Eu, disforme, lançava-me sobre as belas formas das tuas criaturas. Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinha-me longe de ti as tuas criaturas, que não existiriam se em ti não existissem. Tu me chamaste, e teu grito rompeu a minha surdez. Fulguraste e brilhaste e tua luz afugentou a minha cegueira. Espargiste tua fragrância e, respirando-a, suspirei por

ti. Eu te saboreei, e agora tenho fome e sede de ti. Tu me tocaste, e agora estou ardendo no desejo de tua paz.⁴⁷⁸

Por questões didático-metodológicas, optamos por organizar os escritos de teologia e espiritualidade de Edith Stein [1933 — 1942] em seis categorias, a saber: espiritualidade e mística, escritos histórico-doutriniais, meditações, notas necrológicas, peças de teatro e poesias, caderno de notas pessoais e apêndices.⁴⁷⁹

Partimos, então, dos escritos de espiritualidade e mística: *Uma mestra na educação e na formação*: Teresa de Jesus; *O castelo interior*, *A oração da Igreja*; *Caminhos do conhecimento de Deus*; *Ciência da cruz*, *O Mistério do Natal*.⁴⁸⁰

Nos escritos histórico-doutriniais, Edith Stein escreveu: *Amor com amor*: vida e obra de Santa Teresa de Jesus; *Santa Teresa Margariada do Coração de Jesus*; *Sobre a história e o espírito do Carmelo*; *300 anos do Carmelo de Colônia*; *Uma mulher alemã e grande carmelita*: Madre Francisca dos Infinitos Méritos de Jesus, OCD; *Um reformador conventual*: o Padre Andrés de San Romualdo, OCD, 1819 — 1883; *Um instrumento eleito da sabedoria divina*: Ir. Maria Amada de Jesus.⁴⁸¹

Nas meditações de Edith Stein, colhemos: *Felizes os pobres de espírito*; *Amor pela cruz*: alguns pensamentos por ocasião da festa do Santo Padre Juan de la Cruz; *Sancta Discretio*; *Exaltação da cruz*; *Vida escondida e epifania*; *Na ocasião da profissão da Ir. Miriam*; *As bodas do cordeiro*; *Na festa da epifania de 1941*; *Elevação da cruz*, *Os três magos*. Por conseguinte, escavamos as notas necrológicas: *Prelado Joseph Schwind*; *Necrologia da Irmã Inês*. Peças de teatro e poesias: *Peças*

⁴⁷⁸ AGOSTINHO, S. *Confissões*. 11. ed. Trad. de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1992, X, 27.

⁴⁷⁹ STEIN, E. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

⁴⁸⁰ STEIN, E. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

⁴⁸¹ STEIN, E. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

teatrais; Poesias. Por fim, reunimos nos escritos espirituais de Edith Stein *Caderno de notas pessoais: exercícios espirituais, poesias e notas bíblico-litúrgicas e Apêndices*.⁴⁸²

No Carmelo de Colônia, Edith Stein — Ir. Teresa Benedita da Cruz, OCD —, estudou de modo intensivo as obras de Santa Teresa de Ávila e resumiu os frutos de suas investigações em um pequeno tratado intitulado *O Castelo Interior [Seelenburg]*⁴⁸³ e que foi concebido como um apêndice à sua obra filosófica *Ser finito e ser eterno: ensaio de acesso ao sentido do ser*, mas que não foi publicado até o ano de 1962.

No período místico, o “[...] escrito mais maduro e original, inteiramente meditado no próprio íntimo como verdadeiro reflexo de sua vida mística [...]”⁴⁸⁴ de Edith Stein é *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz [Kreuzeswissenschaft]*⁴⁸⁵. Este escrito — um estudo fenomenológico exaustivo dos principais escritos de São João da Cruz — está dividido em três partes, sendo que a terceira ficou incompleta sobre o escritório de Edith Stein no Carmelo de Echt quando ela foi arrastada pela Gestapo, em 02 de agosto de 1942, juntamente com a sua irmã Rosa Stein: I — “A mensagem da Cruz” [*Kreuzesbotschaft*]; II — “A doutrina da Cruz” [*Kreuzeslehre*]; III — “O seguimento da Cruz” [*Kreuzesnachfolge*].

Na parte I — “A mensagem da Cruz” [*Kreuzesbotschaft*] —, escrita a modo de introdução, Edith Stein contempla os aspectos biográficos e as circunstâncias históricas que configuram o entorno das experiências místicas de São João da Cruz e que lhe conduziram à expressão literária de seu caminho de promoção — *Subida do Monte Carmelo* — à união mística com Deus.

⁴⁸² STEIN, E. *Obras completas, V: escritos espirituais* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

⁴⁸³ STEIN, E. *El Castillo Interior*. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

⁴⁸⁴ GARCIA, J. T. *Edith Stein e a formação da pessoa humana*. 2. ed. São Paulo: Loyola, s/d, p. 26.

⁴⁸⁵ STEIN, E. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

Na parte II — “A doutrina da Cruz” [Kreuzeslehre] —, Edith Stein analisa e comenta os temas e obras fundamentais do grande mestre da mística espanhola. Na estrutura interna, são tratados quatro tratados místicos de São João da Cruz: 1] *Subida do Monte Carmelo*;⁴⁸⁶ 2] *Noite Escura*;⁴⁸⁷ 3] *Cântico Espiritual*;⁴⁸⁸ 4] *Chama Viva de Amor*.⁴⁸⁹

Na parte III — “O seguimento da Cruz” [Kreuzesnachfolge], Edith Stein escreveu umas poucas páginas conclusivas de seu escrito místico antes de ser deportada e conseqüentemente assassinada numa câmara de gás em Auschwitz. Nesta última parte, escrita na “sexta sala”, Edith Stein defende a seguinte tese fundamental: a ciência da cruz não se resolve na mera análise teórica do conteúdo teológico e místico da cruz, mas no caráter existencial-pessoal que o acontecimento da Paixão e da Cruz de Cristo terão na vida de toda pessoa humana cristã.⁴⁹⁰

[...]

*Mas, no horizonte
do que é memória
da eternidade,
referve o embate
de antigas horas
de antigos fatos,
de homens antigos.*⁴⁹¹

Na língua, literatura e cultura espanhola, os escritos espirituais de Edith Stein apareceram pela primeira vez na Espanha [Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo], com a tradução de **Obras completas, V: escritos espirituales**, em 2004.⁴⁹²

⁴⁸⁶ JUAN DE LA CRUZ, S. *Subida del Monte Carmelo*. In: _____. *Obras Completas*. Madrid, BAC, 1982.

⁴⁸⁷ JUAN DE LA CRUZ, S. *Noche Oscura*. In: _____. *Obras Completas*. Madrid, BAC, 1982.

⁴⁸⁸ JOÃO DA CRUZ, S. *Cântico Espiritual: resposta às angústias do homem de hoje*. Trad. Ana Paula Coutinho. São Paulo: Paulinas, 1980.

⁴⁸⁹ JOÃO DA CRUZ, S. *Chama Viva de Amor: a festa do Espírito Santo*. São Paulo: Loyola; São Roque, SP: Edições Carmelitanas, 1999.

⁴⁹⁰ STEIN, E. *A Ciência da Cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

⁴⁹¹ MEIRELES, C. *Romanceiro da inconfidência*. São Paulo: Global, 2015, p. 237.

⁴⁹² STEIN, E. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

Na língua, literatura e cultura portuguesa, publicou-se no Estado do Rio de Janeiro [Brasil] *A oração da Igreja* [1958],⁴⁹³ pela Agir; na Vozes, publicou-se *Teu coração deseja mais: reflexões e orações* [2014].⁴⁹⁴ No Estado de São Paulo [Brasil], publicou-se *O mistério do natal* [1999] na EDUSC, e o último escrito místico de Edith Stein: *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz* [2004].⁴⁹⁵

Para fins da teologia como reflexão crítica da práxis histórica, debruçada sobre o Estado, a pesquisa da vida intelectual de Edith Stein nos apontou para os próximos capítulos as palavras do Êxodo: “[...] tira as sandálias dos pés porque o lugar em que estás é uma terra santa’ [...]”.⁴⁹⁶

QUADRO 7 MARCO HISTÓRICO LATINO-AMERICANO VII: EDITH STEIN EM LÍNGUA E CULTURA ESPANHOLA [TRADUÇÕES]

Ano[s]	Título [e subtítulo]
2004	STEIN, E. Una Maestra en la Educación y en la Formación: Teresa de Jesús. In: _____. <i>Obras completas, V: escritos espirituales</i> [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.
2004	_____. El Castillo Interior. In: _____. <i>Obras completas, V: escritos espirituales</i> [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.
2004	_____. La Oración de la Iglesia. In: _____. <i>Obras completas, V: escritos espirituales</i> [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.
2004	_____. Caminos del Conocimiento de Dios. In: _____. <i>Obras completas, V: escritos espirituales</i> [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.
2004	_____. Ciencia de la Cruz. In: _____. Obras completas, V: escritos espirituales [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco

⁴⁹³ STEIN, E. *A oração da Igreja*. Trad. Companhia das Virgens. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

⁴⁹⁴ STEIN, E. *Teu coração deseja mais: reflexões e orações*. Trad. Enio Paulo Giachini. 2. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2014.

⁴⁹⁵ STEIN, E. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

⁴⁹⁶ BÍBLIA, V. T. Êxodo. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 3, vers. 5.

Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. El Misterio de la Natividad. In: _____. *Obras completas*, V: escritos espirituales [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. Amor con Amor: vida e obra de santa Teresa de Jesús. In: _____. *Obras completas*, V: escritos espirituales [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. Santa Teresa Margarita del Corazón de Jesús. In: _____. *Obras completas*, V: escritos espirituales [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. Sobre la Historia y el Espíritu del Carmelo. In: _____. *Obras completas*, V: escritos espirituales [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. 300 años del Carmelo de Colonia. In: _____. *Obras completas*, V: escritos espirituales [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. Una Mujer Alemana y Gran Carmelita: Madre Francisca de los Infinitos Méritos de Jesús, OCD. In: _____. *Obras completas*, V: escritos espirituales [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. Un Refordor Conventual: El P. Andrés de San Romualdo, OCD, 1819 — 1883. In: _____. *Obras completas*, V: escritos espirituales [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. Un Instrumento Elegido de la Sabiduría Divina: Hna. María Amada de Jesús. In: _____. *Obras completas*, V: escritos espirituales [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. Dichosos los Pobres en el Espíritu. In: _____. *Obras completas*, V: escritos espirituales [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. Amor por la Cruz: algunos pensamientos con ocasión de la fiesta del Santo Padre Juan de la Cruz. In: _____. *Obras completas*, V: escritos espirituales [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier

Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. Sancta Discretio. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. Exaltación de la Cruz. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. Vida Escondida y Epifanía. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. En Ocasión de la Profesión de la Hna. Miriam. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. Las Bodas del Cordero. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. En la Fiesta de la Epifanía de 1941. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. Elevación de la Cruz. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. Los Três Reyes Magos. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. Prelado Joshep Schwind. In: _____. ***Obras completas, V: escritos espirituales*** [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. Necrología de la Hermana Inés. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e

Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. Exaltación de la Cruz. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. Piezas Teatrales. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. Poesías. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. Caderno de Notas Personales: ejercicios espirituales, poesías y notas bíblico-litúrgicas. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

2004 _____. Apéndices. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

EDITH STEIN NA TERRA DE VERA CRUZ

Na hora de partir, uma forte tempestade se abateu sobre o mar, deixando hesitantes os capitães dos navios. Então ele [Pompeu], dando um exemplo singular, foi o primeiro a subir a bordo, deu ordens para levantarem a âncora e gritou: 'Navegar é preciso, viver não é preciso'. Tendo conduzido com esta decisão e zelo, encheu, favorecido de sua boa sorte, de trigo os mercados e o mar de embarcações, de modo que ainda aos forasteiros proveio aquela cópia e abundância, vindo a ser como um córrego que, nascendo de uma fonte, alcança a todos.⁴⁹⁷

Historicamente, a assinatura do Tratado de Tordesilhas facilitou a estruturação da Carreira da Índia e possibilitou que Portugal instituisse a sua presença no Novo Mundo, no Brasil. No ano de 1499, depois do regresso de Vasco da Gama da Índia, Dom Manuel organizou nova expedição e, por carta régia, datada de 15 de fevereiro de 1500, nomeou Pedro Álvares cabral como comandante. No dia 22 de abril de 1500 — independentemente de ter sido ou não um ato intencional — avistaram um monte e serras com grandes arvoredos a que o capitão deu o nome de “Monte Pascal” e à terra chamou-lhe “Terra de Vera Cruz”.⁴⁹⁸

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.⁴⁹⁹

⁴⁹⁷ PLUTARCO. *Vidas paralelas*: Agesilao, Pompeyo, Alejandro, Gayo Julio César. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bk000480.pdf>>. Acesso em 04 de agosto de 2018, Pompeyo, L:

[...] Iba a dar la vela para la vuelta a tiempo que soplab a un recio viento contra el mar; y aunque se oponían los pilotos, se embarcó el primero, y dio la orden de levantar el âncora diciendo: “El navegar es necesario, y no es necesario el vivir”; y habiéndose conducido con esta decisión y celo, llenó, favorecido de su buena suerte, de trigo los mercados y el mar de embarcaciones, de manera que aun a los forasteros proveyó aquella copia y abundancia, habiendo venido a ser como un raudal que, naciendo de una fuente, alcanzaba a todos. [Tradução livre].

⁴⁹⁸ MANSO, M. de D. B. *História da Companhia de Jesus em Portugal*: uma obra pioneira e indispensável para a compreensão da importância dos jesuítas na História de Portugal e do mundo. Lisboa: Cais da História, 2016.

⁴⁹⁹ PESSOA, F. Mar português. In: _____. *Quando fui outro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 169.

Na “certidão de nascimento” da Terra de Santa Cruz — uma carta data de 01 de maio de 1500⁵⁰⁰, descoberta pelo pesquisador espanhol J. B. Muños em 1735⁵⁰¹ e publicada em 1817 pelo Padre Manuel Aires Casal no Rio de Janeiro [RJ] — Pêro Vaz de Caminha — escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral — escreve a Dom Manuel, deslumbrado:⁵⁰²

Senhor:

Posto que o capitão-mor desta frota, e assim os outros capitães escreveram a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que ora nesta navegação se achou, não deixarei também de dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que — para o bem contar e falar — o saiba pior que todos fazer.

[...]

Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa.

Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muitos bons ares, assim frio e temperados [...].

Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.

Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.⁵⁰³

Na experiência da teologia como reflexão crítica da práxis histórica do Estado, inquieta-nos a poesia de Fernando Pessoa:

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: "Navegar é preciso; viver não é preciso".

Quero para mim o espírito [d]esta frase, transformada a forma para a casar como eu sou: Viver não é necessário; o que é necessário é criar.

Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso. Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a [minha alma] a lenha desse fogo.

Só quero torná-la de toda a humanidade; ainda que para isso tenha de a perder como minha.

⁵⁰⁰ ARROYO, L. *Pero Vaz de Caminha: Carta a El Rey D. Manuel*. São Paulo: Dominus, 1963.

⁵⁰¹ AGUIAR, N. [org.]. *Mostra do redescobrimento: carta de Pero Vaz de Caminha — letter from Pero Vaz de Caminha*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo/Associação Brasil 500 Anos, 2000.

⁵⁰² CAMINHA, P. V. de. O que nesta vossa terra: de Pero Vaz de Caminha para D. Manuel I. In: RODRIGUES, S. [org.]. *Cartas brasileiras: correspondências históricas, políticas, célebres, hilárias e inesquecíveis que marcaram o país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 98.

⁵⁰³ CAMINHA, P. V. de. O que nesta vossa terra: de Pero Vaz de Caminha para D. Manuel I. In: RODRIGUES, S. [org.]. *Cartas brasileiras: correspondências históricas, políticas, célebres, hilárias e inesquecíveis que marcaram o país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, pp. 82, 96-98.

Cada vez mais assim penso. Cada vez mais ponho da essência anímica do meu sangue o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir para a evolução da humanidade.

É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.⁵⁰⁴

No dia 31 de outubro de 2010, pela decisão soberana do povo, a primeira vez que a faixa presidencial cingiu o ombro de uma mulher na República Federativa do Brasil — Dilma Vina Rousseff — ouviu-se as seguintes palavras no seu discurso de posse no Congresso:

[...] A igualdade de oportunidades para homens e mulheres é um princípio essencial da democracia. Gostaria muito que os pais e as mães de meninas olhassem hoje nos olhos delas e lhes dissessem: “Sim, a mulher pode!”.⁵⁰⁵

No dia 12 de maio de 2016, Dilma Vina Rousseff — *impeachmada*, ao deixar o Palácio do Planalto — dirigiu-se ao público, juntamente com o Ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Rui Falcão e outros[as] que a acompanharam, e pronunciou as seguintes palavras:

[...] Esse processo é um golpe porque é um *impeachment* sem crime. Eu não cometi crime de responsabilidade, estou sendo vítima de uma grande injustiça [...].

Eu fui a primeira mulher eleita presidenta da República. Honrei os votos que as mulheres me deram. Depois do primeiro operário presidente da República. Como qualquer pessoa humana, posso ter cometido erros, mas jamais cometi crimes. Honrei as mulheres deste país. As mulheres que são determinadas, esforçadas, trabalhadoras, que vivem em seu cotidiano desafiando todas as dificuldades. As mulheres mães, que hoje querem sua independência, sua autonomia, o controle de si mesmas. Essas mulheres, tenho a consciência que as honrei. Porque nós mulheres temos algo em comum. Nós mulheres somos dignas. Assim como todas as mulheres eu enfrentei desafios [...].⁵⁰⁶

Historicamente, as mulheres votaram pela primeira vez na Alemanha nas eleições de 1919. Edith Stein — na condição de mulher judia — participou ativamente deste acontecimento histórico-social. Na primeira

⁵⁰⁴ PESSOA, F. Palavras de Pórtico. In: _____. *O Eu profundo e os outros eus*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 15.

⁵⁰⁵ ROUSSEFF, D. V. Leia a íntegra do discurso da vitória de Dilma Rousseff. *ZH Notícias*, 31/10/2010. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2010/10/leia-a-integrado-discurso-da-vitoria-de-dilma-rousseff-3094452.html>>. Acesso em 24 de outubro de 2018.

⁵⁰⁶ ROUSSEFF, D. V. *Impeachment Dilma Rousseff: o pronunciamento de Dilma na íntegra*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/12/politica/1463066147_922654.html>. Acesso em 24 de outubro de 2018.

década do século XX, as expressões de antissemitismo eram menos aceitáveis entre as classes sociais altas e educadas.⁵⁰⁷

[...] De fato, era cada vez maior o desejo de assimilação na comunidade judia [...]. Em 1914 os judeus alemães não se diferenciavam de outros alemães em sua vontade patriótica de realizar sacrifícios pelo Reich. Sem dúvida, em 1918 a necessidade de um bode expiatório a quem culpar da derrota da Alemanha fez que o antissemitismo da direita, até então latente, chegara a tornar-se público de novo, de forma que o antissemitismo e a hostilidade à República de Weimar chegaram a considerar-se intimamente relacionados. Um dos efeitos mais nefastos disto foi o assassinato de Rathenau em 1922, sendo todavia ministro de assuntos exteriores.⁵⁰⁸

Por aquela época, Alasdair MacIntyre identifica que Edith Stein já havia redefinido suas posições políticas.⁵⁰⁹ Notadamente, Edith Stein encontrava-se trabalhando na pesquisa e produção filosófica de um extenso ensaio sobre o Estado, concluído em 1921: *Uma investigação sobre o Estado [Eine Untersuchung über den Staat]*, que veio a ser publicado no Volume VII do Anuário de Husserl: *Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung*, em 1925.⁵¹⁰

Na verdade, este ensaio se entrelaça em conceitos e distinções elaborados com maior profundidade por Edith Stein em *Contribuições à Fundamentação Filosófica da Psicologia e das Ciências do Espírito [Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften, 1922]*, especificamente no estudo segundo: *Indivíduo e Comunidade [Individuum und Gemeinschaft]*.⁵¹¹ Trata-se de um

⁵⁰⁷ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*. Trad. Felician Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008.

⁵⁰⁸ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*. Trad. Felician Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008, p. 166:

[...] De hecho, era cada vez mayor el deseo de asimilación en la comunidad judía [...]. Em 1914 los judíos alemanes no se diferenciaban de otros alemanes en su voluntad patriótica de realizar sacrificios por el Reich. Sin embargo, en 1918 la necesidad de un chivo expiatorio a quien culpar la derrota de Alemania hizo que el antisemitismo de la derecha, hasta entonces latente, llegara a hacerse público de nuevo, de forma que el antisemitismo y la hostilidade a la República de Weimar llegaron a considerarse íntimamente relacionados. Uno de los efectos más nefastos de esto fue el asesinato de Rathenau en 1922, siendo todavía ministro de asuntos exteriores. [Tradução livre].

⁵⁰⁹ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*. Trad. Felician Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008.

⁵¹⁰ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos [Etapa fenomenológica: 1915-1920]*. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

⁵¹¹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos [Etapa fenomenológica: 1915-1920]*.

texto filosófico, não comprometido com as questões políticas do momento. “[...] Parte de seu interesse é que mostra quão longe se encontrava Edith Stein das posições que havia mantido em 1917”.⁵¹²

Na vida política do Brasil, o Estado do Rio Grande do Norte foi o primeiro a permitir que as mulheres votassem. No ano de 1927, a Profa. Celina Guimarães, de Mossoró [RN], tornou-se a primeira mulher brasileira a fazer alistamento eleitoral.⁵¹³

No poema “Mulher eleitora”, Mietta Santiago — mineira, estudante de Direito — é imortalizada pelo poeta Carlos Drummond de Andrade:

Mietta Santiago
loura bacharel
conquista, por sentença de juiz,
direito de votar e ser votada
para vereador, deputado, senador
e até Presidente da República.
Mulher votando?
Mulher, quem sabe, Chefe da Nação?
O escândalo abafa a Mantiqueira,
faz tremerem os trilhos da Central
e acende no Bairro dos Funcionários,
melhor: na cidade inteira funcionária,
a suspeita de que Minas endoidece,
já endoideceu: o mundo acaba.⁵¹⁴

No ano de 1928, Mietta Santiago impetrou um mandado de segurança com fins de obter o direito de votar, sob a alegação de que a proibição ao voto feminino infringia o Artigo 70 da Constituição de 1891, então em vigor, que determinava:

Art. 70. São eleitores os cidadãos maiores de 21 annos, que se alistarem na fôrma da lei.
§ 1º Não podem alistar-se eleitores para as eleições federaes, ou para as dos Estados:
1º Os mendigos
2º Os analphabetos;

vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

⁵¹² MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008, p. 167:

“[...] Parte de su interés es que pone de manifiesto lo lejos que se encontraba Edith Stein de las posiciones que había mantenido em 1917”. [Tradução livre].

⁵¹³ VILALVA, M. & COELHO, M. P. *A questão de gênero hoje em dia: uma visão da situação em Portugal e no Brasil*. Disponível em: <https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Oslo/pt-br/file/09_Cultural/09-10-Mundo_Afora_07.pdf>. Acesso em 02 de julho de 2018.

⁵¹⁴ ANDRADE, C. D. Mulher eleitora. In: _____. *Boitempo: esquecer para lembrar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 261.

3º As praças de pret, exceptuando os alumnos das escolas militares de ensino superior;

4º Os religiosos de ordens monasticas. companhias, congregações, ou comunidades de qualquer denominação, sujeitas a voto de obediencia, regra, ou estatuto, que importe a renuncia da liberdade individual.

§ 2º. São inelegiveis os cidadãos não alistaveis.⁵¹⁵

Mietta Santiago conseguiu votar e ainda votou em si mesma para Deputada Federal, embora não tenha conseguido ser eleita, transformou-se em símbolo da emancipação feminina.⁵¹⁶

No *Código Eleitoral Provisório, de 24 de fevereiro de 1932*, autorizava-se o voto feminino apenas para as mulheres casadas [com autorização do marido], viúvas e solteiras com renda própria. Não obstante, o *Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932*, institui o *Código Eleitoral Brasileiro*, no qual o artigo 2º disciplinava que era eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, alistado na forma do código.⁵¹⁷

Edith Stein — engajada na vida política — defendia nessa mesma época a ativa participação da mulher na existência do Estado:

Munida de forte sentimento de responsabilidade social perante sua comunidade prussiana, membro do movimento feminista, defende decididamente o direito de voto da mulher, lutando por igualdade política. Torna-se membro do grupo pedagógico, que tinha como objetivo suprir a carência didática dos cursos de pedagogia, oferecendo, mediante debates e estudos, uma preparação para o trabalho das futuras professoras. As aulas teóricas de pedagogia eram insuficientes, não preparavam para os grandes problemas pedagógicos e para prática escolástica. O grupo pedagógico influenciará também a reforma da formação de docentes e a fundação da academia pedagógica [...].⁵¹⁸

Para o teólogo latino-americano da libertação, são caras estas palavras de Karl Marx: a vida social é — em sua essência — prática. Na perspectiva marxiana, todos os mistérios que seduzem a teoria para o

⁵¹⁵ BRASIL. *Constituição de 1891*. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1824-1899/constituicao-35081-24-fevereiro-1891-532699-publicacaooriginal-15017-pl.html>>. Acesso em 02 de julho de 2018.

⁵¹⁶ VILALVA, M. & COELHO, M. P. *A questão de gênero hoje em dia: uma visão da situação em Portugal e no Brasil*. Disponível em: <https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Oslo/pt-br/file/09_Cultural/09-10-Mundo_Afora_07.pdf>. Acesso em 02 de julho de 2018.

⁵¹⁷ BRASIL. *Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932*. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21076-24-fevereiro-1932-507583-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 02 de julho de 2018.

⁵¹⁸ PERETTI, C. *Nas trilhas de Edith Stein: gênero em perspectiva fenomenológica e teológica*. Curitiba: Appris, 2019, p. 57.

misticismo encontram a sua solução racional na práxis humana e na compreensão desta práxis”. Pensar o mundo, os filósofos já se propuseram a pensá-lo, interpretando-o de diferentes modos. Não obstante, resta — a nós [teólogos de hoje]? — transformá-lo.⁵¹⁹

Michelle Perrot insiste que — socialmente — as mulheres não são passivas; tampoco submissas: *são diferentes*. Politicamente, as mulheres se afirmam por outras palavras, por outros gestos.⁵²⁰

Na vida política, as mulheres têm outras práticas cotidianas; outros modos concretos de resistência [à hierarquia, à disciplina], que derrotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre seu uso próprio do tempo e do espaço. Existencialmente, elas traçam um novo caminho, que é preciso reencontrar — uma outra história.⁵²¹

No dia 2 de dezembro de 1930, Edith Stein — na conferência intitulada *O intelecto e os intelectuais* [*Der Intellek und die Intellektuellen*], proferida na Universidade de Heidelberg Ruprecht Karl [Alemanha] — disse que nos círculos acadêmico-intelectuais é frequente a ideia de que os intelectuais são os guias autorizados do povo. Não obstante, se se considera os fatos da história, de modo especial, os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial e do pós-guerra, esbarra-se em grandes dúvidas, tanto no que se refere ao fato da condição de líderes dos intelectuais como no que diz respeito a que sejam eles os chamados a serem guias.⁵²²

Para fins de uma reflexão teórica sobre esta questão, Edith Stein parte da velha analogia entre indivíduo e comunidade ou entre personalidade individual e personalidade comunitária:

[...] Pensemos a fábula do Menênio Agripa acerca da disputa entre o estômago e os membros, ou na constituição do Estado

⁵¹⁹ MARX, K. Teses sobre Feuerbach [1845]. In: MARX, K., ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Moraes, 1984.

⁵²⁰ PERROT, M. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Trad. Denise Bottmann. 7. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

⁵²¹ PERROT, M. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Trad. Denise Bottmann. 7. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

⁵²² STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

de Platão: aqui e ali nós temos comparado ao povo com um organismo cujas forças estão representadas por meio de cada categoria ou classe social [...].⁵²³

Na concepção de Edith Stein, trata-se de algo mais do que uma simples imagem. Toda sociedade, desde a mais reduzida, a família, até a mais ampla, a humanidade, é um organismo cujos membros e órgãos formam os indivíduos e os grupos humanos. Para Edith Stein, as forças fundamentais da alma e do corpo são as mesmas em todos os homens; no entanto, encontram-se dispostas e desenvolvidas em diferentes medidas e proporções, e a isto responde a posição que aos indivíduos e aos grupos corresponde o conjunto social e a função que lhes compete. Por conseguinte, de acordo com a respectiva proporção das forças, pode-se distinguir diferentes tipos humanos e avaliar seu significado social.⁵²⁴

Edith Stein, partindo da concepção do ser humano como *microcosmo*, diz que o corpo humano é uma *coisa* com propriedades *materiais* com a dureza, o peso e outras semelhantes, que está sujeito a ações e processos mecânicos. No entanto, seria uma abstração inadequada à realidade considerá-lo e tratá-lo só como tal. Para Edith Stein, o ser humano — como todo ser vivo — se forma e se estrutura a partir de dentro; como todo animal, move-se a partir de dentro e dentro lhe afetam as ações exteriores; reflete uma vida interna — anímica — e é manejado livremente de dentro para fora por uma vontade racional e consciente de sua meta. Para o olhar exterior, o corpo enquanto objeto dos

⁵²³ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, pp. 216-217:

[...] Pensemos en la fábula de Menenio Agripa acerca de la disputa entre el estómago y los miembros, o en la constitución del Estado de Platón: aquí y allá hemos comparado al pueblo con un organismo cuyas fuerzas están representadas por medio de cada categoría o clase social [...]. [Tradução livre].

⁵²⁴ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

sentidos é o primeiro e o espírito o último; visto de dentro para fora, o espírito autoconsciente é o primeiro, e o corpo o mais remoto e último.⁵²⁵

Na concepção de Edith Stein, visto tanto a partir de fora como a partir de dentro, o ser humano não existe como um composto de partes separadas, mas como *unidade*. Na atuação, o espírito se sente um com o corpo que rege. Para o olhar exterior mesmo, na aparição sensorial expressa-se a pessoa espiritual. Nos polos extremos — o espírito que pode considerar e tratar o corpo quase como um objeto estranho, e o corpo que está como uma coisa material dentre outras — há uma zona intermediária que é corporal e anímica: a *sensualidade*. Edith Stein diz que nos estados sensoriais participam a alma e o corpo, umas vezes primariamente a alma e outras vezes o corpo.⁵²⁶ No dizer de Edith Stein:

[...] A psicologia metafísica tradicional distingue na unidade da alma, que aquela concebe como substância simples, uma parte superior e outra inferior: *espírito e sensualidade*. Essa linha fronteira — por assim dizer horizontal — está cortada por uma vertical: tanto a parte superior como a inferior se dividem na faculdade cognoscitiva e na apetitiva. Sobre os sentidos se funda a inteligência, sobre o apetite inferior se levanta a vontade. A inteligência e a vontade, as faculdades espirituais, não estão, segundo São Tomás de Aquino, ligadas a um determinado órgão corporal, ao contrário do que acontece com as potências inferiores. Os espíritos puros conhecem e querem sem base sensorial [...].⁵²⁷

No fenômeno da acontecência do ser humano — um ser sensorial-espiritual e cuja alma se apoia sobre o corpo —, Edith Stein observa que

⁵²⁵ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁵²⁶ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁵²⁷ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 218:

[...] La psicología metafísica tradicional distingue en la unidad del alma, que aquélla concibe como substancia simple, una parte superior y otra inferior; espíritu y sensualidad. Esa línea fronteriza —por así decirlo horizontal— está cortada por una vertical: tanto la parte superior como la inferior se dividen en la facultad cognoscitiva y en la apetitiva. Sobre los sentidos se funda la inteligencia, sobre el apetito inferior se levanta la voluntad. La inteligencia y la voluntad, las facultades espirituales, no están, según Tomás de Aquino, ligadas a un determinado órgano corporal, al contrario de lo que sucede con las potencias inferiores. Los espíritus puros conocen y quieren sin base sensorial [...]. [Tradução livre].

as faculdades superiores trabalham sobre a base do material que lhe oferecem as inferiores. Primeiramente, o mundo exterior desaba nos sentidos; mas a mera afeição sensorial não é conhecimento, é cega. De acordo com Edith Stein, faz-se necessário que a mera afeição sensorial seja iluminada pela luz da inteligência: a inteligência elabora a forma das coisas — suas espécies — e penetra no seu interior, podendo ascender a verdades superiores que não se referem ao mundo sensorial. Por este caminho, possibilita-lhe sua obra de conhecimento por meio do entendimento de verdades que leva originariamente em si, apesar de não ser consciente delas, de antemão: os primeiros princípios — as sementes de todo possível conhecimento humano.⁵²⁸

[...] A inteligência que trabalha, que avança e que conquista o conhecimento, chama-a Tomás de *intellectus agens*; a inteligência que toma em si uma originária possessão cognoscitiva, por estar capacitada para conseguir conhecimentos subsequentes, e que, ademais, os pode conservar os conhecimentos adquiridos como um bem durador, *intellectus possibilis*. A inteligência se concebe em primeiro prazo como potência, como faculdade anímica. Não obstante, seu modo supremo de existência é o *intelligere in actu*, o conhecimento atual. Por isso a inteligência divina é *actus purus*; o caminho da potência se dá só na inteligência criada.⁵²⁹

Existem modos diferentes de conhecimento, dentre eles o movimento cognoscitivo [um processo lógico], que São Tomás de Aquino chama *ratio* [razão]. Pode ser um olhar tranquilo, uma intuição, uma compreensão da verdade com um golpe de olhar. Para Edith Stein, a contemplação espiritual é o modo de conhecimento — capaz de compreender num único olhar toda verdade — próprio dos espíritos puros,

⁵²⁸ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁵²⁹ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, pp. 218-219:

[...] A la inteligencia que trabaja, que avanza y que conquista conocimiento, la llama Tomás *intellectus agens*; a la inteligencia en cuanto lleva en sí una originaria posesión cognoscitiva, por la que está capacitada para conseguir conocimientos ulteriores, y que, además, los conocimientos adquiridos los puede conservar como un bien duradero, *intellectus possibilis*. La inteligencia se concibe en primer término como potencia, como facultad anímica. Sin embargo, su modo supremo de existencia es el *intelligere in actu*, el conocimiento actual. Pero eso la inteligencia divina es *actus purus*; el cambio de la potencia al acto se da sólo en la inteligencia creada. [Tradução livre].

de Deus e dos anjos. Pessoalmente, o modo especificamente humano de conhecimento é o processo racional, um avançar passo a passo. Não obstante, em sua possibilidade máxima a inteligência humana alcança o modo de conhecimento próprio dos espíritos superiores.⁵³⁰

[...] Todo movimiento cognoscitivo tem como objeto a quieta contemplação da verdade, e parte do conhecimento intuitivo dos princípios. Podemos ainda acrescentar que é motivado por um lampejo de verdade, que deve ser buscado e conquistado pela força de trabalho, motivado por uma antecipação momentânea de firme e duradoura contemplação.⁵³¹

Nos escritos de Edith Stein, o movimento cognoscitivo é *atividade e*, como tal, um *fruto da vontade*: a atividade da inteligência está dirigida pela vontade. No entanto, a vontade como tal é cega.⁵³²

De tudo isto surge que

[...] o clarão da verdade que exige atividade da inteligência para que se torne uma posse duradoura. Nesse lampejo, a inteligência recebe algo passivamente, mas o recebe como um motivo que quer colocá-lo em movimento e, com a participação da vontade, coloca-o em movimento afetivamente. Na "atividade e inteligência", como em qualquer "ato de vontade", de qualquer ação, a atuação de ambas as faculdades é tão unitária que a partir daí formamos uma ideia do que significa que em Deus a vontade e a inteligência formam uma unidade perfeita [...].⁵³³

⁵³⁰ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁵³¹ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 219:

[...] Todo movimiento cognoscitivo tiene como objeto la quieta contemplación de la verdad, y parte del conocimiento intuitivo de los principios. Podemos añadir todavía que está motivado por un destello de la verdad, que há de ser buscada y ganada a fuerza de trabajo, motivada por una momentánea anticipación de la firme y duradera contemplación. [Tradução livre].

⁵³² STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁵³³ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, pp. 219-220:

[...] el destello de la verdad que exige una actividad de la inteligencia para que pueda llegar a ser una posesión duradera. En este destello la inteligencia recibe pasivamente algo, pero lo recibe como motivo que la quiere poner en movimiento y que, con la participación de la voluntad, afectivamente la pone en movimiento. En la "actividad e inteligencia" como en todo "acto de voluntad", de cualquier acción, la actuación de ambas faculdades es tan unitaria que de ahí mismo nos formamos una idea

No sujeito cognoscente, permanece a possibilidade de atos separados, embora eles também possam se entrelaçar mutuamente. Por esta via, quando um sujeito é surpreendido — afetado — pelos sentidos dá-se um chamado para fora; incita-se à inteligência para que se dirija a uma coisa ou a um fato externo e para que o incorpore espiritualmente.⁵³⁴

Por meio do conhecimento, o sujeito cognoscente introduz — sobre a base das sensações — em si o mundo externo. Por outra parte, um estímulo sensorial pode ser experimentado também como afeição pessoal: algo que toca a alma em seu próprio ser, enchendo-a de dor e de gozo nos mais diversos graus.⁵³⁵

Na vida política, as sensações que na percepção funcionam como material para compreensão do mundo exterior e os estados afetivos são o material para o conhecimento do mundo dos bens e dos valores. Por outra parte, podem motivar uma tomada de posição do sujeito a favor ou contra o que lhe é apresentado como bom ou mau, algo desejável ou rejeitável, e finalmente — em grau supremo — uma decisão livre da vontade. No ato de *querer*, dá-se um encontro real, apesar de que o conhecimento é uma capacitação puramente espiritual na qual o estado real da realidade conhecida permanece intacto e o cognoscente tampouco experimenta alguma mudança substancial.⁵³⁶ No dizer de Edith Stein,

[...] o que quer, quer apropriar-se de um bem para conseguir prazer, e, com isso assegurar-se um certo [real ou suposto, consciente ou só instintivamente pretendido] aumento de seu ser; ou bem quer que suceda algo no mundo real, que se faça algo que até agora estava só espiritualmente antes de seu olhar. O desejado pode pretender a realização por si mesmo, e assim esta forma suprema de ser — a ação criadora. Também pode

de lo que significa que en Dios la voluntad y la inteligencia forman una unidad perfecta [...]. [Tradução livre].

⁵³⁴ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁵³⁵ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁵³⁶ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

ser que a vontade se dirija de modo puramente objetivo à coisa como o que deve ser real, sem relacionar-se a si mesma como o desejado. No entanto, a disposição a intervir no agir reside logicamente na vontade que se destina à realização. Deste modo, o desejado está no mundo real como realidade entrelaçado nele. Sua conformação e transformação práticas pertencem à consciência do querer mesmo. O manejo prático das coisas do mundo exterior pressupõe o domínio da vontade sobre o corpo, e o correspondente adestramento, a força e a habilidade corporais [...].⁵³⁷

Por este caminho, toda telogia como reflexão crítica da práxis histórica tem de ser iluminada e guiada pela inteligência. De acordo com Edith Stein, faz-se necessário um certo conhecimento das coisas, assim como das interdependências nas quais se encontram ou nas quais se pode chegar; da realização de fins e meios; do ato propriamente criador da inteligência, o projeto da forma futura das coisas. Tudo isto é de competência da inteligência prática, que vincula sua atividade ao querer e ao fazer — um todo concreto.⁵³⁸

Para Edith Stein, a inteligência teórica está concentrada para conhecer o mundo. Pertence a ordem objetivo do ser a lei interna — *ratio* [razão] — que prescreve à inteligência a intelecção, intelecção que a leva ao acordo com o ser objetivo e à verdade. Por ser o mundo não só um mundo de coisas, mas também de bens — e neste existe uma escala objetiva de bens — existe também uma ordem objetiva dos fins da vontade

⁵³⁷ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, pp. 220-221:

[...] el que quiere, quiere apropiarse un bien para conseguir placer, y, con ello asegurarse un cierto [real o supuesto, consciente o sólo instintivamente pretendido] aumento de su ser; o bien quiere que suceda algo en el mundo real, que se haga real algo que hasta ahora estaba sólo espiritualmente ante su mirada. El volente puede pretender la realización por sí mismo, y así esta forma suprema de ser — la acción creadora. También puede ser que la voluntad se dirija de modo puramente objetivo a la cosa como lo que debe ser real, sin relacionarse a sí misma con lo querido. Pero una disposición a intervenir actuando yace lógicamente en la voluntad que pretende la realización. De este modo, el volente está en el mundo real como realiter entrelazado con él. Su conformación y transformación prácticas pertenecen a la consecuencia del querer mismo. El manejo práctico de las cosas del mundo exterior presupone el dominio de la voluntad sobre el cuerpo, y el correspondiente adiestramiento, la fuerza y la habilidad corporales [...]. [Tradução livre].

⁵³⁸ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

e um querer racional ou irracional. No ato de conhecer especificamente humano, toda luz vem à alma pela inteligência; sem ela teríamos só um conglomerado de sensações, de sentimentos e paixões obscuras e cegas. Ela transforma o caos em cosmos.⁵³⁹

Na existência do Estado, a inteligência obscurecida dos teólogos estará sempre em perigo de errar e de converter-se a si também para a vontade em uma luz errônea. Para evitar os erros e estabelecer as forças originárias carece da graça, que lhe infunde a inteligência como uma *luz sobrenatural*, e que não só estabelece a ordem correta, mas que abre concomitantemente a penetração nas realidades sobrenaturais, inaccessíveis para a inteligência natural. Por esta via, oferecem à vontade novo fins; apresenta a relação entre natureza e sobrenatureza e conseqüente ordem do comportamento prático. Nos escritos de Edith Stein, a ordem do comportamento correspondente às leis da sobrenatureza é de *competência da razão superior*, enquanto que a razão inferior tem por objeto só as realidades terrenas.⁵⁴⁰

Na vida do Estado, existem pessoas que se sentem chamadas ao esclarecimento e enriquecimento intelectual; enquanto outras ocupam o espaço mais amplo do animal, a vida sensível e instintiva. Por suposto, possuem uma certa ideia rudimentar do mundo circundante, dispõem de uma inteligência com suas funções inferiores que trabalham espontaneamente, mas não lhes interessam esclarecer, corrigir e enriquecer essa imagem em um trabalho intelectual. Movem-se no mundo impelidas por suas necessidades e desejos, preocupadas com a afirmação de suas existências e com a conquista de possíveis prazeres.⁵⁴¹ Na luta

⁵³⁹ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁵⁴⁰ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁵⁴¹ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

pela vida, utilizam-se da inteligência prática — assim como no caso da inteligência teórica — de um modo rudimentar. Na vida concreta, pretendem conseguir o desejável e anular o temível, mas nunca aspiram à solução de uma questão prática.⁵⁴²

Intersubjetivamente, fragmenta-se a pessoa humana — havendo uma predominância de vínculos corpóreo-psíquicos —, que utiliza seus impulsos em projetos alheios. Edith Stein diagnostica este fenômeno associativo — atípico — como massa:

[...] pessoas juntas sem uma forma especificamente própria. Sua forma é dada por quem consegue se ocupar dela e utilizá-la segundo um projeto. O projeto não é psíquico, mas intelectual, sendo assim pode ser bom ou mau, mas de partida já é viciado quanto à questão da moral [...].⁵⁴³

Do ponto de vista de Edith Stein, da massa dos seres humanos guiados pelos instintos se distinguem os dotados para a prática [ou pelo menos dos interessados na prática]. Não atuam só de modo instintivo, mas que se prefixam um fim e trabalham por ele. Trata-se de um fim global, o de levar a cabo algo prático em um campo determinado e uma série de fins particulares correspondentes. Na vida social, pode acontecer que o fim geral tenda a ser alcançado apenas em conjunto, em cada fim específico correspondente. Todavia, pode ainda — conscientemente — fingir para si mesmo e ordenar o particular.⁵⁴⁴

No caso concreto, vê-se uma vida já livre e espiritual:

[...] Há aí uma imagem ordenada do mundo, embora quicá muito estreita e configurada propriamente no relevo à luz dos fins particulares. E o mundo assim percebido é o campo da atuação consciente e ordenada de acordo com um plano. A isto corresponde a figura da personalidade: formada com uns traços

⁵⁴² STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁵⁴³ ALES BELLO, A. *Introdução à fenomenologia*. Trad. Ir. Aparecida [Jacinta] Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Belo Horizonte: Spes, 2017, p. 70.

⁵⁴⁴ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

precisos, com a vida instintiva sujeita a disciplina, o jogo das forças posto ao serviço da ação dirigida a um fim [...].⁵⁴⁵

Evidentemente, a ordem que rege não é a melhor, perfeitamente racional; mas existe uma ordem. Para Edith Stein, são exemplos desses tipos de pessoas: os camponenses, os artesãos e técnicos, os homens de negócios e as donas de casa. Não são pessoas intelectuais, mas quando são “mestras” em seu campo, entendem sua coisa a partir da raiz: possuem em seu campo a teoria necessária para dominá-lo na prática e a habilidade necessária para transformar a teoria em prática.⁵⁴⁶

Na ótica de Edith Stein, o peculiar do intelectual

[...] é que *vive nos problemas*, que no teórico se sente em sua casa, que a inteligência é seu autêntico campo de atuação. Pode ser que esses problemas sejam práticos, mas o intelectual se contenta com solucioná-los intelectualmente, sua tradução à prática no seu cometido. Os *tipos* intelectuais são tão variados como as funções da inteligência. Existem homens cujo forte é o primeiro encontro com a verdade que brilha fugaz como um relâmpago: os homens das investigações genias. O aproveitamento dessas invenções por meio do *intellectus agens*, o exame minucioso e lógico e o pensar até o fim não é tarefa sua. É dos lógicos metódicos e dos sistemáticos. A intuição genial e a solidez metódica se encontram unidas nos grandes espíritos sintéticos. Outros possuem o dom de repensar os pensamentos alheios e de traduzi-los a uma forma facilmente compreensível, de modo que possam servir ao conhecimento e à divulgação das ideias conquistadas [...].⁵⁴⁷

⁵⁴⁵ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 223:

[...] Hay ahí una imagen ordenada del mundo, aunque quizá muy estrecha y configurada propiamente en relieve a la luz de los fines particulares. Y el mundo así percibido es el campo de la actuación consciente y ordenada según un plan. A esto corresponde la figura de la personalidad: formada con unos trazos precisos, con la vida instintiva sujeta a disciplina, el juego de las fuerzas puesto al servicio de la acción dirigida a un fin [...]. [Tradução livre].

⁵⁴⁶ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁵⁴⁷ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 223:

[...] es que *vive en los problemas*, que en lo teórico se siente en su casa, que la inteligencia es su autêntico campo de actuación. Puede ser que esos problemas sean prácticos, pero el intelectual se conecta con solucionarlos intelectualmente, su traducción a la práctica no es su cometido. Los *tipos* intelectuales son tan variados como las funciones de la inteligencia. Hay hombres cuyo fuerte es el primer encuentro con la verdad que brilla fugaz como un relâmpago: los hombres de las invenciones geniales. El aprovechamiento de esos inventos por medio del *intellectus agens*, el examen minucioso y lógico y el pensar hasta el fin no es tarea suya. Es de los lógicos metódicos y de los sistemáticos.

Pela iluminação sobrenatural, os *profetas* e *místicos* descobrem realidades às quais a inteligência natural não tem acesso: mistérios da fé, acontecimentos futuros, o estado íntimo das almas.⁵⁴⁸

Assim falou lahweh:

Por três crimes de Israel,
e por quatro, não o revogarei!
Porque vendem o justo por dinheiro
e o indigente por um par de sandálias.

Eles esmagam sobre o pó da terra a cabeça dos fracos
e tornam torto o caminho dos pobres;
um homem e seu pai vão à mesa jovem
para profanar o meu santo nome.

Eles se estendem sobre vestes penhoradas,
ao lado de qualquer altar,
e bebem vinho daqueles que estão sujeitos a multas,
na casa de seu deus.⁵⁴⁹

Na existência do Estado, a desigualdade na distribuição das forças e a multiplicidade de tipos que resulta dela condiciona a estrutura do organismo social. Edith Stein reflete que assim como o olho e o ouvido, o coração e o cérebro, o pulmão e o estômago não podem trocar suas funções, senão que cada um exerce o seu papel para a vida do corpo, os representantes dentro da sua tipologia têm também seu posto natural no conjunto social. Na noção de Estado de Platão, Edith Stein identifica três classes: os sábios, os guerreiros e os trabalhadores.⁵⁵⁰

Na perspectiva de Platão, a classe trabalhadora é equiparada aos homens práticos. No Estado ideal platônico, se não se toma em consideração os homens meramente instintivos, senão só quando se ocupa de formas decadentes do autêntico Estado, pode isto justificar-se, pois não são considerados cidadãos. Isto é de fundamental importância para a

La intuición genial y la solidez metódica se encuentran unidas en los grandes espíritus sintéticos. Otros poseen el don de repensar los pensamientos ajenos y de traducirlos a una forma fácilmente comprensible, de modo que pueden servir al conocimiento y a la divulgación de las ideas conquistadas [...]. [Tradução livre].

⁵⁴⁸ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁵⁴⁹ BÍBLIA, V. T. Amós. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 2, vers. 6-8.

⁵⁵⁰ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

investigação — e constituição — da comunidade estatal na contemporaneidade porque enquanto no cidadão individual [singular] não desperte nenhuma vida espiritual, estará à mercê — ao modo da natureza irracional — dos fins do Estado: se lhes deve controlar pelo menos como para que não causem dano.⁵⁵¹

Não obstante, é melhor com a ajuda de seus instintos se lhes induza a prestar um trabalho útil. Nos homens práticos, a contribuição social resulta — espontaneamente — tanto de sua atitude para um trabalho material como da necessidade de que o trabalho de uns e outros se complemente mutuamente. Na vida social, a distribuição das qualidades comporta que uns estejam capacitados e interessados por umas tarefas e outros por outras tarefas.⁵⁵²

Na ótica de Platão, são “sábios” os filósofos — a quem pertence a direção do Estado — e os guerreiros estão em sua mão como instrumento do poder executivo. Todavia, ele não compreende como sábios todos aqueles que, na sociedade contemporânea, podemos chama-los de “intelectuais”. Platão pensa num círculo muito reduzido de seletos que ascende ao grau supremo de humanidade: os que conseguem penetrar nos eternos fundamentos de todo ser e acontecer e desde aí tem uma visão sobre a ordem racional da vida humana. Por sua vez, são, do ponto de vista de Platão, os mais puros moralmente, porque à supremacia intelectual só conduz a purificação de todos os desejos terrenos.⁵⁵³

[...] Se nos perguntamos se a experiência nos mostra que se haja realizado esta imagem ideal e quais de nossos intelectuais entram para isso em consideração, de antemão pensar-se-á nos filósofos sistemáticos, que pretendem o domínio racional de toda a realidade. Porém, se olharmos o número, no fundo pequeno, dos grandes sistemas metafísicos surgidos desde os começos

⁵⁵¹ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁵⁵² STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁵⁵³ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

do pensamento ocidental, vemo-nos obrigados a dizer que são uma base muito vacilante e perigosa para a vida prática, se tomam em consideração só o mundo natural e não também o sobrenatural e, portanto, se consegue iluminação só da inteligência natural e não, por sua vez, da sobrenatural [...].⁵⁵⁴

Na perspectiva de Platão, ao ideal se sábio respondem só um número reduzido de grandes doutores que foram concomitantemente filósofos e “santos”. Todavia, se levamos em conta como nasce um sistema filosófico, percebemos que é o fruto de um trabalho de toda a vida, que na maioria dos casos exige uma consagração total e não permite reservar muito tempo nem força para a atuação prática. Por este lado, perdemos a fé na viabilidade do Estado ideal de Platão. Não obstante, se Platão é entendido não literalmente, mas simbolicamente, algo diferente se apresenta à questão: se se lhe interpreta no sentido de que uma ordenação razoável da vida só é possível sobre uma base teórica correta.⁵⁵⁵

Na condição de filósofa, Edith Stein reflete que as teorias filosóficas exercem uma grandíssima influência sobre a vida, para quem está familiarizado com a história das ideias e da política e examina suas relações. No entanto, o intelectual que observa essas relações mútuas sabe que a eficácia prática das ideias filosóficas é um processo muito lento, que nós hoje estamos envolvidos nas consequências do renascimento e do racionalismo. Precisamente, vê-se de novo que a filosofia e o governo da vida prática, especialmente a direção do Estado, não podem unir-se por regra geral na mesma pessoa. Para Edith Stein, o filósofo cumprirá do melhor modo o seu papel permanecendo fiel à teoria e tratando de cultivá-

⁵⁵⁴ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 225:

[...] Si nos preguntamos si la experiencia nos muestra que se haya realizado esta imagen ideal y cuáles de nuestros intelectuales entran para ello en consideración, ante todo se pensará en los filósofos sistemáticos, que pretenden el dominio racional de toda la realidad. Pero si miramos al número, en el fondo pequeño, de los grandes sistemas metafísicos surgidos desde los comienzos del pensamiento occidental, nos vemos obligados a decir que son una base muy vacilante y peligrosa para la vida práctica, si toman en consideración sólo el mundo natural y no también el sobrenatural, y por lo tanto, si consigue iluminación sólo de la inteligencia natural y no, a la vez, de la sobrenatural [...]. [Tradução livre].

⁵⁵⁵ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

la com todas as suas energias — e “pode confiar em que o progressivo conhecimento dará seus frutos na vida prática”.⁵⁵⁶

Na existência do Estado, a inclinação para o exercício prático será tanto menor quanto mais forte for a vocação investigadora:

[...] o linguístico, matemático, estudioso das ciências naturais, o filólogo etc., cumpre, porém, da melhor maneira sua tarefa quando permanece em sua teoria. E de novo a teoria oferta seus frutos espontaneamente para a vida prática: para a técnica, a medicina, para a compreensão entre os povos etc. Só algumas ciências especiais têm, pelo campo de seu objeto, certa afinidade com o trabalho do estadista: a história, o direito, a economia, por exemplo; aqui se está perto de que o talento teórico se encontre unido aos dotes políticos [...].⁵⁵⁷

Do ponto de vista fenomenológico-existencial, as pessoas de investigações geniais são as impulsoras que oferecem motivos para o trabalho acadêmico-intelectual vasto e fundamental. Para Edith Stein, os comentadores que reinterpretem essas investigações são difusores das intuições conseguidas que tornam possíveis seu aproveitamento prático em círculos amplos. No entanto, Edith Stein vê como perigoso escolher os primeiros como guias para a vida, porque as investigações geniais são uma base demasiado flutuante e insegura. Politicamente, os segundos — escritores populares, jornalistas, oradores periodistas — exercem uma grande influência na configuração da vida prática. No entanto, não se pode chamar de guias, pois não lhes caracteriza uma grande iniciativa, nem teórica e nem prática.⁵⁵⁸

⁵⁵⁶ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 226:

“[...] puede confiar en que el progresivo conocimiento dará sus frutos en la vida práctica”. [Tradução livre].

⁵⁵⁷ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 226:

[...] El lingüista, matemático, estudioso de las ciencias naturales, el filólogo, etc., cumple, sin embargo, de la mejor manera su tarea cuando permanece en su teoría. Y de nuevo la teoría aportar sus frutos espontáneamente para la vida práctica: para la técnica, la medicina, para la comprensión entre pueblos, etc. Sólo algunas ciencias especiales tienen, por el campo de su objeto, cierta afinidad con el trabajo del estadista: la historia, el derecho, la economía, por ejemplo; aquí se está cerca de que el talento teórico se halle unido a las dotes políticas [...]. [Tradução livre].

⁵⁵⁸ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD;

Para exercer uma liderança no Estado, exige-se da pessoa as seguintes qualidades político-intelectuais: capacidade de captar a verdade com um olhar, de reconhecer os aspectos particulares em sua relação com o universal, de perceber a relação de causalidade e de finalidade dos fatos muito distantes entre si — e tudo isto não de um ponto de vista de uma penetração teórica, mas de uma formação prática. No governo do Estado, o autêntico político vê uma ampla situação de conjunto tal como é a realidade: sente a preocupação de como poderia e deveria ser e o modo de chegar ao que deveria ser.⁵⁵⁹

Nos escritos de Edith Stein, a expressão “direção do povo” não significa apenas direção política, mas se elastece ao trabalho de educação e de formação do povo. Edith Stein diz que entre os intelectuais se encontram não só os puros teóricos, mas todos os que baseados em uma formação teórica exercem uma profissão prática: o ministro religioso, o médico, o educador *etc.* Na teologia como reflexão crítica da práxis histórica, deve-se trabalhar para elevar a uma vida espiritual a massa dos seres humanos instintivos — que significa um perigo para o Estado — e para conquistar os demais para que realizem seu trabalho de acordo com os objetivos da comunidade. Para o trabalho no serviço com o povo, Edith Stein recomenda uma formação espiritual superior, sendo que quanto mais livre e amplamente tenha se formado o intelecto tanto maiores são as possibilidades de ser mais eficiente.⁵⁶⁰

José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 226:

“[...] puede confiar en que el progresivo conocimiento dará sus frutos en la vida práctica”. [Tradução livre].

⁵⁵⁹ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 226:

“[...] puede confiar en que el progresivo conocimiento dará sus frutos en la vida práctica”. [Tradução livre].

⁵⁶⁰ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 226:

“[...] puede confiar en que el progresivo conocimiento dará sus frutos en la vida práctica”. [Tradução livre].

[...] Estamos situados entre os homens, a quem devemos ajuda em suas necessidades. Portanto, não devemos nos sentir como seres estranhos que vivem em um mundo inacessível para eles. Temos que pensar, sentir e falar com eles, para eles confiarem em nós. Só assim podemos ajudá-los e, quiçá, ajudá-los inclusive a que saiam da estreiteza da existência que lhes oprime a um mundo espiritual livre. Não nos enganemos: o abismo de separação existe, e apenas podemos imaginá-lo suficientemente largo e profundo, se quisermos afrontar com honestidade e sinceridade os problemas da formação e da direção do povo [...].⁵⁶¹

Na vida política do Estado, o povo tende a se inclinar com maior rapidez a ter por guias pessoas que surgiram de seu meio, que alcançaram um posto alto na sociedade, sem perder no íntimo o sentimento que lhes unem ao povo: confia em quem guarda um coração aberto para o homem do povo e que sabe de onde lhe aperta o sapato. Não obstante, só encontrará o caminho até o povo — e sem isto não pode dirigir-lhe — quando em certo sentido se livre do intelecto. Para Edith Stein, isto não quer dizer que tem que negá-lo e abandoná-lo:

[...] É um dom de Deus que não é necessário, e não só para nós mesmos, mas também e precisamente para aqueles de quem nos reserva. No entanto, o intelectual deve ser consciente de seus limites e aprender assim a ser humilde. Uma atividade intelectual preponderante, quando é exercida natural, costumar chegar a um certo orgulho intelectual. Se sente elevado às alturas da abstração sobre o profanum vulgus, que se encontra cativo nas planícies das comuns necessidades da vida. E precisamente esse orgulho, até quando não se manifeste e quiçá nem sequer seja consciente dele é percebido pelos outros e provoca rejeição [...].⁵⁶²

⁵⁶¹ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Folrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 228:

[...] Estamos situados entre hombres a quienes debemos ayuda en sus necesidades. Por tanto, no debemos sentirnos como seres extraños que viven en un mundo inaccesible para ellos. Tenemos que pensar, sentir y hablar como ellos, si han de confiar en nosotros. Sólo así podemos ayudarles y, quizás, ayudarles incluso a que salgan de la angostura de la existencia que les oprime a un mundo espiritual libre. No nos engañemos: el abismo de separación existe, y apenas podemos imaginarlo suficientemente ancho y profundo, si queremos afrontar con honradez y sinceridad los problemas de la formación y dirección del pueblo [...]. [Tradução livre].

⁵⁶² STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Folrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 229:

[...] Es un don de Dios que nos es necesario, y no sólo para nosotros mismo, sino también y precisamente para aquellos de quienes nos aparta. Pero el intelectual debe ser consciente de sus límites y aprender así a ser humilde. Una actividad intelectual preponderante, cuando es exclusivamente natural, suele llevar a un cierto orgullo intelectual. Se siente elevado a las puras alturas de la abstracción sobre el profanum vulgus, que se encuentra cautivo en las bajuras de las comunes necesidades de la vida. Y precisamente ese orgullo, aun cuando o no se manifieste y quizá

Existencialmente, quando a inteligência usa suas possibilidades extremas, depara-se com seus próprios limites. Por este caminho, dirige-se em busca da suprema e última verdade — e descobre que todo saber especificamente humano é imperfeito. Na presente pesquisa, a problemática do Estado, vivenciada no interior do Programa de Pós-graduação em Teologia — PROGTEO da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio, revelou-nos: Edith Stein — uma filha de Israel que recebeu de Deus uma inteligência extraordinária — viu no seu êxodo acadêmico-intelectual que a inteligência humana não é capaz de desvelar as verdades supremas e últimas. Nas questões mais essenciais — e na configuração prática da vida — uma pessoa humana simples, com uma luz de origem superior, pode superar o maior sábio.⁵⁶³

QUADRO 8 MARCO HISTÓRICO LATINO-AMERICANO VIII: EDITH STEIN EM LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESA [TRADUÇÕES]

Ano[s]	Título [e subtítulo]
1958	STEIN, E. <i>A oração da Igreja</i> . Trad. Companhia das Virgens. Rio de Janeiro: Agir, 1958.
1965	CACHO, G. Edith Stein na câmara de gás . Trad. Manuel Bandeira. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1965.
1999	_____. <i>A Mulher</i> : sua missão segundo a natureza e a graça. Bauru: EDUSC, 1999.
2000	_____. <i>O Mistério do Natal</i> . Trad. Hermano José Cürten. Bauru [SP]: EDUSC, 2000.
2004	_____. <i>A Ciência da Cruz</i> : estudo sobre São João da Cruz. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.
2005	_____. O Que é Filosofia? — Uma Conversa entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. <i>Scintilla</i> : Revista de Filosofia e Mística Medieval. Curitiba: Faculdade de Filosofia São Boaventura, v. 2, n. 2, jul/dez, 2005.

ni siquiera sea uno consciente de él, es percibido por los otros, y provoca el rechazo [...]. [Tradução livre].

⁵⁶³ STEIN, E. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV*: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 226:

“[...] puede confiar en que el progresivo conocimiento dará sus frutos en la vida práctica”. [Tradução livre].

- 2014 _____. *Teu coração deseja mais: reflexões e orações*. Trad. Enio Paulo Giachini. 2. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2014.
- 2018 _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018.
- 2019 _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

2.1

A DIFUSÃO DO CONHECIMENTO DE EDITH STEIN

[...] Todo conhecimento é um ato da pessoa [...].

Em todo conhecimento, o objeto se apresenta como algo que é. Aos distintos atos de conhecimento correspondem distintos objetos, distintas maneiras de doação e distintos modos de ser dos objetos. O objeto da percepção sensível são coisas, qualidades de coisas, processos; seu modo de doação é a manifestação sensível; seu modo de ser é o existir no espaço e no tempo. A visão espiritual pode ser a captação de pessoas espirituais, de qualidades ou de feitos ou de formações espirituais objetivas e individuais, ou a captação de objetos ideais. O modo de doação dos indivíduos espirituais e seus acidentes é a expressão compreensível; o modo de ser da pessoa é o ser-para-si-mesma e estar-aberta-para-outro; o modo de ser das formações espirituais objetivas e individuais é o existir-mediante-pessoas e o existir-para-pessoas. O modo de ser do ideal é o ser real ou possível “em” — em um indivíduo concreto.⁵⁶⁴

Edith Stein é uma filósofa — e teóloga da cruz — pouco lembrada pela História. Alasdair MacIntyre, no prólogo de seu livro intitulado *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*, posiciona-se: Edith Stein não aparece em nenhum dicionário ou enciclopédia filosófica — e se alguém

⁵⁶⁴ STEIN, E. Conocimiento, Verdad e Ser. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 560:

[...] Todo conocimiento es un acto de la persona [...].

Em todo conocimiento, el objeto se presenta como algo que es. A los distintos actos de conocimiento corresponden distintos objetos, distintas maneras de dación y distintos modos de ser de los objetos. El objeto de la percepción sensível son cosas, cualidades de cosas, procesos; su modo de dación es la manifestación sensible; su modo de ser es o existir en el espacio y el tiempo. La visión espiritual puede ser la captación de personas espirituales, de cualidades o de hechuras o de formaciones espirituales objetivas e individuales, o la captación de objetos ideales. El modo de dación de los individuos espirituales y sus accidentes es la expresión comprensible; el modo de ser de la persona es el ser-para-sí-misma y estar-abierta-para-otro; el modo de ser de las formaciones espirituales objetivas e individuales es el existir-mediante-personas y el existir-para-personas. El modo de ser de lo ideal es el ser real o posible “en” — en un individuo concreto. [Tradução livre].

chega a mencioná-la é simplesmente na lista dos discípulos de Edmund Husserl. Para Alasdair MacIntyre, uma das causas mais perceptíveis desta omissão histórica reside no fato de Edith Stein ter ingressado na Ordem das Carmelitas Descalças — OCD.⁵⁶⁵ Recorda-nos Alasdair MacIntyre:

[...] No Dicionário de Filosofia de Oxford não encontramos nenhuma entrada para Edith Stein. Tampouco no Dicionário de Filosofia de Cambridge, nem nos manuais de Filosofia de Oxford nem na Enciclopédia de Filosofia Routledge. No manual Blackwell de Filosofia Continental não aparece mencionado seu nome em nenhuma parte. Realmente, seu pensamento carece tanto de interesse como sugerem esses dados?⁵⁶⁶

De acordo com Alasdair MacIntyre, uma das razões pelas quais os escritos de Edith Stein são desvalorizados reside no fato de que sua relevância só pode ser captada adequadamente à luz de seu contexto filosófico-político: “[...] em primeiro lugar, como uma série de contribuições à investigação fenomenológica e, em segundo lugar, ao tomismo e à neoescolástica [...]”.⁵⁶⁷ Nas primeiras quatro décadas do século XIX, acrescenta-se a isto uma resposta particular à situação da filosofia alemã.⁵⁶⁸

Sergio Sánchez-Migallón, sobre *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*, declarou:

As páginas deste novo livro do fecundo filósofo escocês oferecem mais do que anuncia seu título. Pois não se trata nem de uma mera biografia de Edith Stein nem só de um perfil de sua filosofia, mas de ambas as coisas, por sua vez em frutífero contato. De fato, este é o motivo principal que levou o autor a escrever esta obra: parece-lhe que a figura e a vida de Edith Stein constituem um modelo de união entre a vida e a filosofia professada. Uma união esquecida em não poucos círculos acadêmicos — academicistas, melhor — ou em alguns notáveis

⁵⁶⁵ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*. Trad. Felician Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008.

⁵⁶⁶ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*. Trad. Felician Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008, p. 9:

[...] No Diccionario de Filosofía de Oxford no encontramos ninguna entrada para Edith Stein. Tampouco no Diccionario de Filosofía de Cambridge, ni en los manuales de Filosofía de Oxford ni en la Enciclopedia de Filosofía Routledge. En el manual Blackwell de Filosofía Continental no aparece mencionado su nombre en ninguna parte. ¿Realmente, su pensamiento carece tanto de interés como sugieren estos datos? [Tradução livre].

⁵⁶⁷ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*. Trad. Felician Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008, p. 9:

[...] en primer lugar como una serie de contribuciones a la investigación fenomenológica, e en segundo lugar al tomismo y a la Neoescolástica [...]”. [Tradução livre].

⁵⁶⁸ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*. Trad. Felician Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008.

pensadores [como Heidegger], e que, no entanto, deu origem à nobre tarefa de buscar a verdade de uma vida melhor.⁵⁶⁹

No livro *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*, Alasdair MacIntyre diz que é mais fácil alguém se interessar por Edith Stein do que por Santa Teresa Benedita da Cruz. Não sem uma crítica um tanto irônica ao prejuízo laicista que prevalece na cultura filosófica do nosso tempo, Alasdair MacIntyre mostra a contribuição de Edith Stein na história da cultura ocidental por meio da reconstrução do contexto filosófico-político de sua época e da vida mesma da filósofa contemporânea alemã.⁵⁷⁰

Nas palavras de Dilma Vana Rousseff, “[...] o Brasil é uma terra generosa e sempre devolverá em dobro cada semente que for plantada com mão amorosa e olhar para o futuro”.⁵⁷¹ No caso do plantio das sementes de *ciências do espírito* — ciências humanas — na terra brasileira, especificamente de Filosofia e de Teologia, poder-se-ia indagar:

[...] o ensino? [...] Há domínios de ensino onde é possível a formação do conhecimento sobre a comunidade. Por exemplo: a história. Ela pode ser ensinada não como a história dos Estados: que Estado se levantou contra qual, como se a história fosse a história do sucesso, como se Deus fosse, por assim dizer, o verdadeiro representante do sucesso. Ao contrário, quando se ensinar história, dever-se-ia partir da questão: quantas comunidades, em certa época, foram construídas entre os homens? Como, de que modo, com que dificuldades, sob que resistências estas batalhas subterrâneas — que são expressivamente mais importantes para a humanidade do que as batalhas abertas, visíveis, sobre as quais, aliás se tem falado tanto — aconteceram? Refiro-me à batalha empreendida pela humanidade em se tornar uma comunidade [...].⁵⁷²

⁵⁶⁹ SÁNCHEZ-MIGALLÓN, S. *Alasdair MACINTYRE, Edith Stein. Un prólogo filosófico, 1913-1922*. Trad.: Felician Merino, Nuevo Inicio, Cranada 2008, 328 pp., 22 x 15, ISBN 978-84- 936102-3-4. Disponível em: <<http://dadun.unav.edu/bitstream/10171/11558/4/Edith%20Stein.%20Un%20pro%CC%81logo%20f iloso%CC%81fico%2c%201913-1922.pdf>>. Acesso em 14 de agosto de 2018, pp. 635-636.

Las páginas de este nuevo libro del fecundo filósofo escocés ofrecen más de lo que anuncia su título. Pues no se trata ni de una mera biografía de Edith Stein ni sólo de un perfil de su filosofía, sino de ambas cosas a la vez en fructífero contacto. De hecho, este es el motivo principal que ha llevado al autor a escribir esta obra: le parece que la figura y vida de E. Stein es un modelo de unión entre la vida y la filosofía profesada. Una unión olvidada en no pocos círculos académicos —academicistas, mejor — o en algunos notables pensadores [como Heidegger], y que sin embargo dio origen a la noble tarea de buscar la verdad de una vida mejor. [Tradução livre].

⁵⁷⁰ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*. Trad. Felician Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008.

⁵⁷¹ ROUSSEFF, D. V. Leia a íntegra do discurso da vitória de Dilma Rousseff. *ZH Notícias*, 31/10/2010. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2010/10/leia-a-integrado-discurso-da-vitoria-de-dilma-rousseff-3094452.html>>. Acesso em 24 de outubro de 2018.

⁵⁷² BUBER, M. *Sobre comunidade*. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 98.

No Brasil, desde os tempos coloniais, o ensino de filosofia foi “[...] um luxo de alguns senhores ricos e ilustrados: do colono branco que aqui chegara e que constituíra a classe dominante da colônia, conservando os hábitos aristocráticos da classe dirigente da metrópole.”⁵⁷³

No ano de 1550, o primeiro colégio da Companhia de Jesus foi fundado na Bahia, por Padre Manoel da Nóbrega, SJ. No início, era uma escola onde apenas os jesuítas ensinavam a ler e escrever. No ano de 1553, passou a ensinar as humanidades e acabou chegando, em 1572, aos estudos filosóficos [artes] e teológicos, podendo ser considerada “[...] a primeira Faculdade de Filosofia” do Brasil.⁵⁷⁴ No ano de 1599, a Companhia de Jesus promulgou a *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu*.

Pedagogicamente, a aplicação do Ratio foi coroada, em toda a parte, de um êxito incontestável. Confessam-no todos os escritores desapaixonados, ainda os menos simpáticos aos jesuítas. E se a árvore se conhece pelos frutos, aí estão eles numerosos e sazonados, a atestar-lhe a boa seiva e fecundidade. Não só a obra educativa dos colégios da Companhia foi um dos fatores mais eficientes da contra-reforma católica, senão também que a ela se acha ligada grande parte da aristocracia intelectual dos últimos séculos.⁵⁷⁵

No início do século XVII, existiam em todo o mundo 193 colégios dos jesuítas, sendo que, destes, 38 estavam na América, Índia e Japão.⁵⁷⁶ Entre estes intelectuais saídos de colégios jesuíticos, elencamos: Descartes, Montesquieu, Rousseau, Diderot, Cervantes, Pe. Antônio Vieira, SJ, Castro Alves e Frei Galvão, OFM.

No ano de 1759, a Companhia de Jesus foi expulsa do reino português pelo Marquês de Pombal, sob acusação de reproduzirem a ideologia da Igreja [e no ano de 1767 da América espanhola, por decisão de Carlos III da Casa de Bourbon]. Na interpretação Enrique Dussel, a expulsão dos jesuítas significa um forte golpe para a aspiração dos *criollos* e a implantação de uma certa hegemonia por parte da burguesia comercial monopolista-peninsular. Para Enrique Dussel, desde as guerras dos

⁵⁷³ CARTOLANO, M. T. P. *Filosofia no ensino de 2º grau*. São Paulo: Cortez, 1985, p. 20.

⁵⁷⁴ LEITE, S. *Suma histórica da companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa: Resumo da História, 1965, p. 46.

⁵⁷⁵ FRANCA, L. *O método pedagógico dos jesuítas*. Rio de Janeiro: Agir, 1952, p. 6.

⁵⁷⁶ SCHMITZ, E. *Os jesuítas e a educação: a filosofia educacional da Companhia de Jesus*. São Leopoldo [RS]: UNISINOS, 1994.

comuneros — e seguindo a interrupta tradição desde o século XVI das rebeliões indígenas — na segunda parte do século XVIII surge, explícita, uma nova “teologia da libertação”.⁵⁷⁷

Para este teólogo da libertação, as pessoas que professam essa teologia não eram mais os proféticos missionários espanhóis, mas sim os indígenas e os *criollos*, contra seus antigos mestres de cristianismo: os espanhóis e os portugueses.⁵⁷⁸

No período da Reforma Pombalina, o ensino de filosofia no Brasil deixou de ocupar o espaço doutrinário do catolicismo jesuítico, rompeu vínculos com a visão medieval do *Ratio*, passando a receber influências iluministas, privilegiar os pensadores gregos e a concepção moderna fundada nas ciências naturais. Para Armindo Quillici Neto,

[...] a Educação e a Filosofia se manifestaram de forma frágil e de pouca consistência para a formação de uma cultura essencialmente brasileira. Não se pode dizer que não havia uma Filosofia, a concepção aristotélico-tomista, trazida pelos padres jesuítas, não desapareceu com a expulsão dos “militares da fé católica”. Por sua vez, o projeto iluminista não se vinculou como uma diretriz de mudança e inovação por falta de uma estrutura capaz de atingir as comunidades mais longínquas do território brasileiro. Restaram, no entanto, aos cursos superiores, a tarefa de trabalhar uma nova forma de ver o mundo e atuar para a sua transformação, o que foi insuficiente devido ao pequeno número de estudantes que chegavam aos bancos das escolas superiores.⁵⁷⁹

No Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, que baixou o Estatuto das Universidades Brasileiras, previu-se no artigo 5º os cursos necessários para se constituir uma universidade no Brasil:

Art. 5º A constituição de uma universidade brasileira deverá atender às seguintes exigências:

I — congregar em unidade universitária pelo menos três dos seguintes institutos do ensino superior: Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina, Escola de Engenharia e Faculdade de Educação Ciências e Letras;

⁵⁷⁷ DUSSEL, H. *Teologia da Libertação: um panorama de seu Desenvolvimento*. Trad. Francisco da Rocha Filho. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1999.

⁵⁷⁸ DUSSEL, H. *Teologia da Libertação: um panorama de seu Desenvolvimento*. Trad. Francisco da Rocha Filho. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1999.

⁵⁷⁹ QUILLICI NETO, A. O ensino da filosofia no período da reforma pombalina e suas consequências na formação cultural do homem brasileiro: breve reflexão. In: *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, SP, n.27, p.29 –37, set. 2007, p. 35.

II — dispôr de capacidade didactica, ahi comprehendidos professores, laboratorios e demais condições necessarias ao ensino efficiente;

III — dispôr de recursos financeiros concedidos pelos governos, por instituições privadas e por particulares, que garantam o funcionamento normal dos cursos e a plena efficiencia da actividade universitaria:

IV — submitter-se às normas geraes instituidas neste Estatuto.⁵⁸⁰

Pelo *Decreto nº 19.852, de 11 de abril de 1931*, que dispõe sobre a organização da Universidade do Rio de Janeiro, decreta-se:

Art. 1º Ficam congregados em unidade universitária, constituindo a Universidade do Rio de Janeiro, os institutos de ensino superior abaixo enumerados, acrescidos da Faculdade de Educação, Ciências e Letras, criada pelo presente decreto:

- a] Faculdade de Direito;
- b] Faculdade de Medicina;
- c] Escola Politécnica;
- d] Escola de Minas;
- e] Faculdade de Educação, Ciências e Letras;
- f] Faculdade de Farmácia;
- g] Faculdade de Odontologia;
- h] Escola Nacional de Belas Artes;
- i] Instituto Nacional de Música.⁵⁸¹

Na verdade, apesar do *Decreto nº 19.852, de 11 de abril de 1931*, que reorganizou a Universidade do Rio de Janeiro, ter introduzido a Faculdade de Educação, Ciências e Letras em caráter obrigatório, esse dispositivo legal não se concretizou por haver, da parte do Colégio Pedro II, interesse em que a nova faculdade fosse integrada ao colégio. Por não reconhecer a competência do Colégio Pedro II para assumir tão alta responsabilidade, o ministro adiou a solução do problema.⁵⁸²

⁵⁸⁰ BRASIL. *Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931*. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 24 de outubro de 2018.

⁵⁸¹ BRASIL. *Decreto nº 19.852, de 11 de abril de 1931*. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19852-11-abril-1931-510363-republicacao-85622-pe.html>>. Acesso em 24 de outubro de 2018.

⁵⁸² FÁVERO, M. de L. A. *Universidade e poder*. 2. ed. Brasília: Plano, 2000.

Na Universidade de São Paulo — USP, criada pelo *Decreto nº 6.283, de 25 de janeiro de 1934*,⁵⁸³ a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras destinava-se ao cultivo do saber desinteressado, em que “[...] a ciência pela ciência era a regra e o espírito de pesquisa e investigação seria o princípio norteador de todos os trabalhos”.⁵⁸⁴ Dito de outro modo: destinava-se à formação de uma elite dirigente respaldada nos conhecimentos científicos. Para Dermeval Saviani, tratava-se da preocupação das elites paulistas de recuperar a hegemonia perdida com a revolução de 1930 e consumada com a derrota da Revolução Constitucionalista de 1932.⁵⁸⁵

Por meio do *Decreto Estadual nº 9.269, de 25 de junho de 1938*,⁵⁸⁶ extinguiu-se o Instituto de Educação, que foi absorvido pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras como seção de Educação. Por este caminho, ela aproximou-se da estrutura definida para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que fora prevista pelo *Decreto nº 19.852, de 11 de abril de 1931*,⁵⁸⁷ que reorganizou a Universidade do Rio de Janeiro em três seções: a de Educação, que formaria os professores para as Escolas Normais, e a de Ciências e Letras, que formaria os professores para o ensino secundário. De acordo com Dermeval Savian,

[...] a seção de Ciências compreendia os cursos de matemática, física, química e ciências naturais. E a seção de Letras abrangia os cursos de letras, filosofia, história e geografia, e línguas vivas. De forma semelhante, ao absorver o Instituto de Educação, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP passou a abarcar quatro seções: Filosofia, Ciências, Letras e Educação.⁵⁸⁸

⁵⁸³ SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DA SAÚDE PÚBLICA DE SÃO PAULO. *Decreto nº 6.283, de 25 de janeiro de 1934*. Disponível em: <<http://www.leginf.usp.br/?historica=decreto-n-o-6-283-de-25-de-janeiro-de-1934>>. Acesso em 24 de outubro de 2018.

⁵⁸⁴ FÁVERO, M. de L. A. *Universidade e poder*. 2. ed. Brasília: Plano, 2000, p. 60.

⁵⁸⁵ SAVIANI, D. *Pedagogia no Brasil: história e teoria*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

⁵⁸⁶ SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DA SAÚDE PÚBLICA DE SÃO PAULO. *Decreto Estadual nº 9.269, de 25 de junho de 1938*. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1938/decreto-9403-10.08.1938.html>>. Acesso em 24 de outubro de 2018.

⁵⁸⁷ BRASIL. *Decreto nº 19.852, de 11 de abril de 1931*. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19852-11-abril-1931-510363-republicacao-85622-pe.html>>. Acesso em 24 de outubro de 2018.

⁵⁸⁸ SAVIANI, D. *Pedagogia no Brasil: história e teoria*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012, p. 25.

Destarte, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras não chegou a ser implantada. Não obstante, o modelo por ela preconizado, adotado também na Universidade de São Paulo — USP, veio a ser consagrado na Universidade do Brasil pelo *Decreto-Lei nº 1.190, de 4 de abril de 1939*, que deu organização à Faculdade Nacional de Filosofia.⁵⁸⁹

O mencionado Decreto n. 1.190/39, ao organizar a Faculdade Nacional de Filosofia, estruturou-a em quatro seções: filosofia, ciências, letras e pedagogia, acrescentando, ainda, a de didática, considerada “seção especial”. Enquanto as seções de filosofia, ciências e letras albergavam, cada uma, diferentes cursos, a de pedagogia, assim como a seção especial de didática, era construída de apenas um curso cujo nome era idêntico ao da seção. Está aí a origem do curso de pedagogia.⁵⁹⁰

E, mais adiante, Dermeval Saviani escreve:

Todos os cursos da Faculdade Nacional de Filosofia e, dado o seu caráter de modelo padrão, também das demais faculdades de filosofia, ciências e letras instaladas no país, organizaram-se em duas modalidades: o bacharelado, com duração de três anos, e a licenciatura. O curso de pedagogia foi definido como um curso de bacharelado ao lado de todos os outros cursos das demais seções da faculdade. O diploma de licenciado seria obtido por meio do curso de didática, com duração de um ano, acrescentado ao curso de bacharelado. Está aí a origem do famoso esquema conhecido como “3 + 1”.⁵⁹¹

Para a formação de docentes, o curso de didática compunha-se dos seguintes componentes curriculares: didática geral, didática especial, psicologia educacional, fundamentos biológicos da educação, fundamentos sociológicos da educação e administração escolar. Para obter o título de “licenciando”, exigia-se dos portadores de diploma de “Bacharelado em Pedagogia” que cursassem apenas didática geral e didática especial, uma vez que os demais componentes curriculares já integralizavam a matriz curricular do Curso de Bacharelado em Pedagogia.⁵⁹²

⁵⁸⁹ SAVIANI, D. *Pedagogia no Brasil: história e teoria*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

⁵⁹⁰ SAVIANI, D. *Pedagogia no Brasil: história e teoria*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012, p. 34.

⁵⁹¹ SAVIANI, D. *Pedagogia no Brasil: história e teoria*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012, p. 35.

⁵⁹² SAVIANI, D. *Pedagogia no Brasil: história e teoria*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

Pelo *Decreto nº 5.513, de 4 de abril de 1935*,⁵⁹³ instituiu-se na cidade do Rio de Janeiro a Universidade do Distrito Federal, que teve com fins promover a formação do magistério, em todos os seus graus. Por conseguinte, o *Decreto-Lei nº 1.063, de 20 de janeiro de 1939*,⁵⁹⁴ extinguiu a Universidade do Distrito Federal — “universidade de educação”⁵⁹⁵ —, incorporando seus cursos à Universidade do Brasil, organizada pela *Lei nº 452, de 5 de julho de 1937*.⁵⁹⁶

Na verdade, a Universidade do Brasil resultou da reorganização da Universidade do Rio de Janeiro, vindo a configurar-se como a atual Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ. De acordo com Dermeval Saviani, a estrutura da Universidade do Brasil — pensada como modelo padrão para todo Estado brasileiro — previa a existência de quinze faculdades, todas adjetivadas de “nacional”. Por este caminho, as duas primeiras da lista eram a Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Letras e a Faculdade Nacional de Educação. Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Brasil e da Universidade de São Paulo — USP, acentuou-se sua característica profissionalizante, prevalecendo o espírito utilitário e pragmático que Francisco Campos atribuíra a Faculdade de Educação, Ciências e Letras. Prevista em lei, a Faculdade Nacional de Educação não chegou a ser implantada no Estado brasileiro.⁵⁹⁷

Na *Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961* — primeira Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional — LDB —, a filosofia aparece como componente curricular *optativo* na educação básica.⁵⁹⁸

⁵⁹³ BRASIL. *Decreto nº 5.513, de 4 de abril de 1935*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000083&pid=S0104-5970201200020001700003&lng=pt>. Acesso em 24 de outubro de 2018.

⁵⁹⁴ BRASIL. *Decreto-Lei nº 1.063, de 20 de janeiro de 1939*. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1063-20-janeiro-1939-349215-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 24 de outubro de 2018.

⁵⁹⁵ MENDONÇA, A. W. *Anísio Teixeira e a universidade da educação*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002, p. 35.

⁵⁹⁶ BRASIL. *Lei nº 452, de 5 de julho de 1937*. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-452-5-julho-1937-398060-norma-pl.html>>. Acesso em 24 de outubro de 2018.

⁵⁹⁷ SAVIANI, D. *Pedagogia no Brasil: história e teoria*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

⁵⁹⁸ BRASIL. MEC. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº. 4.024*. Brasília, DF: MEC, 1961.

No dia de 31 de março de 1964, expluiu o golpe de Estado. Paulatinamente, a filosofia foi se extinguindo do currículo da escola secundária, por não atender os objetivos tecnicistas da nova organização de ensino. Na educação básica, os componentes curriculares filosofia, psicologia e sociologia excluídos do currículo. História e geografia foram integradas, tornando-se os estudos sociais. No dizer de Maria Teresa Penteado Cartolano, aniquilou-se a filosofia, substituindo-a por outro componente curricular de caráter mais catequista e ideológico, em nível político: educação moral e cívica.⁵⁹⁹

Na época, a legislação instituída era um reflexo das propostas acordadas entre o Ministério da Educação — MEC e United States Agency for International Development — USAID. Neste cenário, a educação passa a ser tratada como uma questão do desenvolvimento do País e da segurança nacional; a filosofia, não atendendo a tais solicitações tecnoburocráticas e político-ideológicas, já não interessava aos objetivos que se pretendiam instituir na estrutura do ensino do Estado brasileiro.⁶⁰⁰

Na *Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971*, a filosofia não está inserida no núcleo comum do currículo da educação básica, dando lugar aos componentes curriculares “educação moral e cívica” e “organização social e política do Brasil”.⁶⁰¹ Por conseguinte, a *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*, estabelece que ao final do ensino médio, os estudantes devem dominar os conhecimentos de filosofia e sociologia, necessários ao exercício da cidadania.⁶⁰² Por fim, a *Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008*, alterou o art. 36 da *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*, para fins de

⁵⁹⁹ CARTOLANO, M. T. P. *Filosofia no ensino de 2º grau*. São Paulo: Cortez, 1985.

⁶⁰⁰ CARTOLANO, M. T. P. *Filosofia no ensino de 2º grau*. São Paulo: Cortez, 1985.

⁶⁰¹ BRASIL. *Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971*. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em 14 de novembro de 2018.

⁶⁰² BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

incluir a filosofia e a sociologia como componentes obrigatórios em todos os anos do ensino médio.⁶⁰³

No ano de 1941, Dom Sebastião Leme e Padre Leonel Franca, S.J. fundaram a primeira universidade católica do Brasil: a Universidade Católica do Rio de Janeiro, reconhecida oficialmente pelo *Decreto 8.681, de 15 de janeiro de 1946*.⁶⁰⁴ Pelo *Decreto da Congregação dos Seminários, de 20 de janeiro de 1947*, a universidade recebeu o título de Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio.⁶⁰⁵

Em seus primeiros anos, a PUC-Rio não contava com uma faculdade de Teologia capaz de ministrar cursos de graduação e pós-graduação na área, embora em São Paulo existisse, desde 1949, uma faculdade eclesiástica de Teologia reconhecida pela Santa Sé. Foi em 1972, por ocasião das comemorações de trinta anos da constituição da PUC-Rio, que nela se erigiu uma faculdade eclesiástica, apta a conferir os títulos de bacharel, mestre e doutor em Teologia, que, embora não fossem reconhecidos pelo Estado brasileiro, gozavam do reconhecimento da Congregação para a Educação Católica da Santa Sé.⁶⁰⁶

No Estado de São Paulo [Brasil], da fusão da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento [1908] — do Mosteiro de São Bento de São Paulo — com a Faculdade Paulista de Direito, o Cardeal-Arcebispo da Cúria Metropolitana de São Paulo — Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta — fundou, no dia 13 de agosto de 1946 a Universidade Católica de São Paulo, reconhecida pelo *Decreto-Lei nº 9.632, de 22 de agosto de 1946*.⁶⁰⁷ No dia 20 janeiro de 1947, a universidade recebeu do Papa Pio XII o título de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — PUC/SP. Neste

⁶⁰³ BRASIL. *Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm>. Acesso em 14 de novembro de 2018.

⁶⁰⁴ BRASIL. *Decreto 8.681, de 15 de janeiro de 1946*. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8681-15-janeiro-1946-416552-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

⁶⁰⁵ MOURA, L. D. de. *Missão e marco referencial*. Disponível em: <<http://www.puc-rio.br/sobrepuc/historia/>>. Acesso em 14 de novembro de 2018.

⁶⁰⁶ ANDRADE, P. F. C. de. O reconhecimento da teologia como saber universitário: tensões e articulações entre as dimensões confessional e profissional. In: SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D. [orgs.]. *Teologia pública: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 25.

⁶⁰⁷ BRASIL. *Decreto-Lei nº 9.632, de 22 de agosto de 1946*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De19632.htm>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

cenário político-pedagógico, “[...] os católicos movimentaram-se para criar suas próprias instituições de ensino superior [...]”.⁶⁰⁸

No ano de 1967, a Universidade Federal de Juiz de Fora — UFJF protocolou o pedido de reconhecimento do Curso de Bacharelado em Teologia junto ao Conselho Federal de Educação — CNE, dentro de um plano de reestruturação que buscava atender aos novos preceitos da reforma universitária de 1966 — 1967. De acordo com Paulo Fernando Carneiro de Andrade, para indeferir o pedido de reconhecimento do curso supracitado e recomendar a fundação de um Departamento de Ciências da Religião, o *Parecer nº 190, de 15 de março de 1968*, de autoria de Newton Sucupira, apoiado por setores da hierarquia católica, baseava-se no princípio republicano da separação entre Igreja e Estado.⁶⁰⁹

No ano de 1974, retomou-se essa perspectiva no *Parecer nº 2.244/1974*, de B. P. Bittencourt, que versava sobre o estabelecimento de um currículo mínimo para o Curso de Licenciatura Plena em Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora — UFJF. Do ponto de vista de Paulo Fernando Carneiro de Andrade, o *Parecer nº 2.244/1974*, apesar de citar o *Parecer nº 190, de 15 de março de 1968*, revela-se mais restritivo, negando a possibilidade de constituição de um Curso de Licenciatura Plena em Ciências da Religião.⁶¹⁰

[...] Qualquer tentativa de reconhecimento da Teologia, na visão majoritária da hierarquia católica da época, implicaria uma interferência curricular e, conseqüentemente, controle das atividades de ensino teológico, o que significaria uma intervenção do Estado laico em matéria de cunho considerado estritamente religioso [...].⁶¹¹

⁶⁰⁸ SAVIANI, D. *Pedagogia no Brasil: história e teoria*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012, p. 36.

⁶⁰⁹ ANDRADE, P. F. C. de. O reconhecimento da teologia como saber universitário: tensões e articulações entre as dimensões confessional e profissional. In: SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D. [orgs.]. *Teologia pública: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica*. São Paulo: Paulinas, 2011.

⁶¹⁰ ANDRADE, P. F. C. de. O reconhecimento da teologia como saber universitário: tensões e articulações entre as dimensões confessional e profissional. In: SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D. [orgs.]. *Teologia pública: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica*. São Paulo: Paulinas, 2011.

⁶¹¹ ANDRADE, P. F. C. de. O reconhecimento da teologia como saber universitário: tensões e articulações entre as dimensões confessional e profissional. In: SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D.

Para o reconhecimento de diplomas de nível superior, o Estado exigia um currículo mínimo nas diferentes áreas do saber, estabelecendo uma matriz curricular inflexível, com pouco espaço para a oferta de componentes curriculares sobre as diferenças individuais. Neste cenário, a Igreja Católica temia que, por meio do reconhecimento do diploma do Curso de Bacharelado em Teologia, o Estado Militar ditatorial interviesse sobre as instituições de ensino teológico e sobre a formação de seminaristas, religiosos e religiosas. “[...] A Igreja Católica constituía, no Brasil, naquele momento, um espaço fundamental de liberdade e resistência à ditadura militar, assim como de defesa dos direitos humanos”.⁶¹²

No ano de 1977, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES, órgão do Ministério da Educação — MEC, concedeu a qualificação “SC” [sem conceito] ao Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio, repetindo-o em 1978. Na avaliação anual de 1979, avaliou-se o programa supracitado com conceito A.⁶¹³

Na opinião de Paulo Fernando Carneiro de Andrade, revela-se significativo o fato que muitas áreas do conhecimento,

[...] durante muitos anos, não tiveram nenhum programa avaliado como A, o que mostra, já na época, um reconhecimento da maturidade alcançada por essa área no Brasil, sobretudo em termos de atividades de pesquisa e de produção de conhecimento próprio, traduzida em um expressivo número de publicações no Brasil e no exterior, assim como pela ampla participação de docentes em eventos no exterior, sempre como conferencistas ou professores convidados.⁶¹⁴

Não obstante, ser avaliado não significava ser credenciado ou reconhecido pelo Ministério de Educação — MEC. No ano de 1990,

[orgs.]. *Teologia pública: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 26.

⁶¹² ANDRADE, P. F. C. de. O reconhecimento da teologia como saber universitário: tensões e articulações entre as dimensões confessional e profissional. In: SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D. [orgs.]. *Teologia pública: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 26.

⁶¹³ ANDRADE, P. F. C. de. O reconhecimento da teologia como saber universitário: tensões e articulações entre as dimensões confessional e profissional. In: SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D. [orgs.]. *Teologia pública: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica*. São Paulo: Paulinas, 2011.

⁶¹⁴ ANDRADE, P. F. C. de. O reconhecimento da teologia como saber universitário: tensões e articulações entre as dimensões confessional e profissional. In: SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D. [orgs.]. *Teologia pública: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 27.

credenciou-se o Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo — UMESP. Para credenciamento dos programas de pós-graduação em Teologia, aguardou-se a promulgação da *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*,⁶¹⁵ da *Portaria Ministerial 2.264, de 19 de dezembro de 1997*,⁶¹⁶ e da *Portaria 1.418, de 23 de dezembro de 1998*.⁶¹⁷

No ano de 1998, passaram a ter validade civil no Estado brasileiro, os diplomas de mestrado e doutorado em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo — UMESP e

os diplomas dos programas de Teologia da PUC-Rio, Rio de Janeiro [mestrado e doutorado], Escola Superior de Teologia [EST], São Leopoldo, Rio Grande do Sul [mestrado e doutorado], PUC-RS, Rio Grande do Sul [mestrado] e Centro de Ensino Superior [CES], Juiz de Fora, Minas Gerais [mestrado], e os diplomas de Ciências da Religião da UFJF, Juiz de Fora, Minas Gerais [mestrado].⁶¹⁸

Historicamente, o Conselho Nacional de Educação — CNE aprovou o *Parecer CNE/CES nº 241, 15 de março de 1999*,⁶¹⁹ no qual os relatores Eunice R. Durham, Lauro Ribas Zimmer, Jacques Velloso e José Carlos Almeida da Silva — embora reconhecendo a realidade da separação histórica entre Estado e Igreja — votaram no sentido de que:

- a) Os cursos de bacharelado em Teologia sejam de composição curricular livre, a critério de cada instituição, podendo obedecer a diferentes tradições religiosas.
- b) Ressalvada a autonomia das universidades e Centros Universitários para a criação de cursos, os processos de autorização e reconhecimento obedecem a critérios que considerem exclusivamente os requisitos formais relativos ao

⁶¹⁵ BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

⁶¹⁶ BRASIL. *Portaria Ministerial 2.264, de 19 de dezembro de 1997*. Disponível em: <<https://capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/avaliacao-n/2342014-Portaria-MEC-n-2264-1997.pdf>>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

⁶¹⁷ BRASIL. *Portaria 1.418, de 23 de dezembro de 1998*. Disponível em: <<https://capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/avaliacao-n/2342014-PortariaMEC-n-1418-1998.pdf>>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

⁶¹⁸ ANDRADE, P. F. C. de. O reconhecimento da teologia como saber universitário: tensões e articulações entre as dimensões confessional e profissional. In: SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D. [orgs.], *Teologia pública: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 28.

⁶¹⁹ BRASIL. *Parecer CNE/CES nº 241, 15 de março de 1999*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1999/pces241_99.pdf>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

número de horas-aula ministradas, à qualificação do corpo docente e às condições de infra-estrutura oferecidas.

c] O ingresso seja feito através de processo seletivo próprio da instituição, sendo pré-condição necessária para admissão a conclusão do ensino médio ou equivalente.

d] Os cursos de pós-graduação *stricto* ou *lato sensu* obedeçam às normas gerais para este nível de ensino, respeitada a liberdade curricular.⁶²⁰

No Parecer CNE/CES nº 505, de 19 de maio de 1999, lê-se:

[...] O Parecer nº 241/99, de 15/03/99, não obteve ainda a homologação ministerial que o torna eficaz. No entanto, encerra uma deliberação significativa desta Câmara, que sedimenta o presente pronunciamento, versando sobre a viabilidade da autorização e do reconhecimento do bacharelado em Teologia, como curso de graduação, desde que oferecido por instituições que venham a ser regularmente credenciadas, integrando o Sistema Federal de Ensino.

Voto no sentido de que o Ministério da Educação encaminhe à Câmara de Deputados comunicação sobre a deliberação adotada por esta Câmara nos Termos deste Parecer e do Parecer CES nº 241/99, que contemplam a proposição contida na Indicação nº 1.103/98 da autoria do Deputado Aldir Cabral.⁶²¹

Por conseguinte, o Conselho Nacional de Educação — CNE aprovou o Parecer CNE/CES n.º 0063, de 19 de fevereiro de 2004, para fins de aproveitamento de estudos de “cursos livres” ofertados por Seminários Maiores, Faculdades Teológicas.⁶²² O Parecer CNE/CES nº 118/2009, de 6 de maio de 2009,⁶²³ refere-se exclusivamente aos cursos de Bacharelado em Teologia, reexaminado pelo Parecer CNE/CES nº 51, de 9 de março de 2010.⁶²⁴ Por fim, a Resolução CNE/CES nº 4, de 16 de setembro de 2016,

⁶²⁰ BRASIL. Parecer CNE/CES nº 505, de 19 de maio de 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1999/pces241_99.pdf>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

⁶²¹ BRASIL. Parecer CNE/CES nº 505, de 19 de maio de 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1999/pces505_99.pdf>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

⁶²² BRASIL. Parecer CNE/CES n.º 0063, de 19 de fevereiro de 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pces0063_04.pdf>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

⁶²³ BRASIL. Parecer CNE/CES nº 118/2009, de 6 de maio de 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pces118_09.pdf>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

⁶²⁴ BRASIL. Parecer CNE/CES nº 51, de 9 de março de 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5272-pces051-10&category_slug=maio-2010-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais — DCNs para o curso de graduação em Teologia.⁶²⁵ No Estado brasileiro:

Art. 2º A organização de cursos de graduação em Teologia, resguardadas as Diretrizes Curriculares Nacionais e os Pareceres desta Câmara, deverá ser elaborada com claro estabelecimento de componentes curriculares, os quais abrangerão: projeto pedagógico e matriz curricular, linhas de formação, articulação teórico-prática, processos de atualização, carga horária total, trabalhos de conclusão de curso, descrição de competências gerais e específicas, habilidades e perfil desejado para o futuro profissional, conteúdos curriculares, estágio curricular supervisionado, acompanhamento e avaliação, e atividades complementares, sem prejuízo de outros aspectos que tornem consistente o projeto pedagógico.⁶²⁶

Neste cenário religioso-político, desde o ano de 1955, surge um universo multifacetado, em que diversos intelectuais — literatos, artistas, filósofos, teólogos, psicólogos, educadores *etc.* — defrontam-se com os escritos de Edith Stein. Na experiência da teologia como reflexão crítica da práxis histórica do Estado, sabemos que “[...] o sertão é do tamanho do mundo”.⁶²⁷ Por esta via, sabemos de que

o mapa é a certeza de que existe O LUGAR,
o mapa guarda sangue e tesouros.
Deus nos fala no mapa com sua voz geógrafa.⁶²⁸

2.1.1

LIVROS E PEÇAS DE TEATRO

Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.
Não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.
Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,
ela falou comigo:
'Coitado, até essa hora no serviço pesado'.
Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água [quente].

⁶²⁵ BRASIL. *Resolução CNE/CES nº 4, de 16 de setembro de 2016*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=48421-rces004-16-pdf&category_slug=setembro-2016-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

⁶²⁶ BRASIL. *Resolução CNE/CES nº 4, de 16 de setembro de 2016*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=48421-rces004-16-pdf&category_slug=setembro-2016-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

⁶²⁷ ROSA, J. G. *Grande sertão: Veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 71.

⁶²⁸ PRADO, A. Legenda com a palavra mapa. In: _____. *Terra de Santa Cruz*. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 46.

Não me falou em amor.
Essa palavra de luxo.⁶²⁹

Na Terra de Santa Cruz — República Federativa do Brasil —, o primeiro livro publicado sobre Edith Stein saltou da pena de Maria Anna Nabuco: *Edith Stein: convertida, carmelita, mártir* [1955].⁶³⁰ Não obstante, Nilton Campos — médico [neurologista e psiquiatra] — inaugurou a fenomenologia no Estado do Rio de Janeiro em 1945, com a defesa de sua tese de habilitação, sob o título *O Método Fenomenológico na Psicologia*, para exercer a cátedra de Psicologia Geral na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil [Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ], com estudos e pesquisas em Edmund Husserl.⁶³¹

No ano de 1958, a Livraria Agir Editora publicou o primeiro escrito de Edith Stein: *A Oração da Igreja*, traduzido da versão francesa *La prière de l'Eglise* pela Companhia das Virgens. De acordo com uma nota da tradutora, na Holanda, o jornal oficial que publicou em 1950 as listas das vítimas mortas em deportação declarou ter Edith Stein encontrado a morte na câmara de gás em Auschwitz, em 09 de agosto de 1942. Edith Stein,

[...] antes de haver terminado o manuscrito, foi forçada pela polícia alemã a deixar o convento de Echt, a 2 de agosto de 1942. A 6 de agosto, foi reconhecida por uma das suas antigas alunas, na estação de Schifferstadt, junto à janela de um vagão selado. Uma breve palavra foi sua última saudação: “Diga a minhas irmãs que estou a caminho do Leste”. “Ad Orientem!” A última fase do seu calvário começava. Não sabemos quando e onde atingiu o termo. Muitos rumores correram, mesmo o de seu martírio na câmara de gás de Auschwitz. Não houve nenhuma notícia segura.

Já não buscamos na terra, mas junto a Deus que aceitou seu sacrifício, cujo fruto deu Êle ao povo pelo qual ela orou, sofreu e morreu, na plenitude da palavra: BENEDITA DA CRUZ.⁶³²

⁶²⁹ PRADO, A. *Bagagem*. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 118.

⁶³⁰ NABUCO, M. A. *Edith Stein: convertida, carmelita, mártir*. Petrópolis [RJ]/São Paulo: Vozes, 1955.

⁶³¹ CAMPOS, N. *O Método Fenomenológico na Psicologia*. 96f. Tese de Concurso apresentada à Cátedra, Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, 1945.

⁶³² COMPANHIA DA VIRGEM. Edith Stein. In: STEIN, E. *A oração da Igreja*. Trad. Companhia das Virgens. Rio de Janeiro: Agir, 1958, pp. 14-15.

Manuel Bandeira — poeta, crítico literário e de arte, professor de literatura e tradutor brasileiro — traduziu, em 1958, a peça de teatro [tragédia] *Edith Stein na Câmara de Gás*, de Gabriel Cacho [1965].⁶³³

*Edith Stein na Câmara de Gás de Gabriel Cacho é uma obra que, pela sua perfeita estruturação, beleza e simplicidade de linguagem, profundo sentimento religioso, se pode, sem favor, inscrever entre as melhores do repertório teatral moderno [sic erat scriptum].*⁶³⁴

Dina Lisboa, Cacilda Becker, Walmor Chagas, dentre outros atores renomados do teatro brasileiro, encenaram em São Paulo [Brasil] e Rio de Janeiro [Brasil], depois da tradução e publicação.⁶³⁵

No teatro do século XX, Manuel Bandeira endereça a tradução de *Edith Stein na Câmara de Gás*, de Gabriel Cacho, para:

Cacilda Becker, Dina Lisboa, Lélia Abramo, Maria Teresa Vargas, Ludovico Gomes de Castro, Walmor Chagas, Lineu Dias, Antônio Gala, Luiz Carlos Becker Fleury, Guilherme Nievas, Luís Fiochi, Roberto Murúa, Luís Plana e Francisco Veja, com toda amizade.⁶³⁶

No Convento de Santa Teresa, Rio de Janeiro — Estado do Rio de Janeiro [Brasil] —, da Ordem das Carmelitas Descalças — OCD, Madre Maria José de Jesus, OCD [Piora] coordenou a tradução dos escritos de Santa Teresa de Jesus. Manuel Bandeira — primo de Irmã Maria do Carmo Cristo Rei, OCD — desde 1931 passou a ir com frequência ao interlocutório para discutir com Madre Maria José de Jesus as dúvidas que ela e suas colaboradoras tinham sobre ortografia.

No ano de 1955, Manuel Bandeira foi convidado por Zampari e Ziembinski para traduzir *Maria Stuart*, tragédia de Friedrich Schiller. Por saber que a atriz Cacilda Becker faria o papel de Maria Stuart — rainha da Escócia, filha de Jacob V e esposa do rei francês Francisco II —, Manuel

⁶³³ CACHO, G. *Edith Stein na câmara de gás*. Trad. Manuel Bandeira. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1965.

⁶³⁴ BANDEIRA, M. Gabriel Cacho. In: CACHO, G. *Edith Stein na câmara de gás*. Trad. Manuel Bandeira. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1965, p. 7.

⁶³⁵ GOTO, T. A.; GARCIA, J. T. *A presença do pensamento de Edith Stein no Brasil: do começo até os anos de 2012*. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologica/assets/2016/6.pdf>>. Acesso em: 14 de setembro de 2016.

⁶³⁶ BANDEIRA, M. Dedicatória. In: CACHO, G. *Edith Stein na câmara de gás*. Trad. Manuel Bandeira. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1965, p. 5.

Bandeira aceitou a tarefa, executando-a com devoção durante um mês e meio, o que lhe rendeu dinheiro suficiente para permitir-lhe viajar à Europa em 1957. De acordo com Elvira Bezerra, assim que a obra foi publicada Manuel Bandeira enviou um exemplar da peça à Irmã Maria do Carmo Cristo Rei, OCD. Lendo-a pela primeira vez, Irmã Maria do Carmo Cristo Rei, OCD arrepenhou-se; depois, folheando novamente o livro, ela reconheceu imensa piedade e uma moderna representação da missa na cena da confissão da rainha Maria Stuart. No Natal de 1955, as monjas carmelitas descalças encenaram a peça da confissão e comunhão da rainha da Escócia no Convento de Santa Teresa, com a própria Irmã Maria do Carmo Cristo Rei, OCD fazendo o papel do padre, o fiel Melvil.⁶³⁷

“[...] Nas poesias filosóficas de Schiller, encontrei a visão de mundo que buscava [...]”.⁶³⁸ Nos seus escritos, Edith Stein revela que — aos 6 [seis] anos de idade — ouviu a leitura da tragédia de *Maria Stuart*, que sua irmã Frieda Stein precisava de fazer para a escola.

[...] Como se falava da peça em casa havia vários dias, eu ouvi mais do que devia, e, enquanto as duas estava, no teatro, tive uma das minhas alucinações febris e comecei a gritar em um estado de euforia: “Corte então a cabeça de Elisabeth!”. Ainda hoje me recordo como fiquei impressionada com a cena da decapitação. No ano seguinte, quando as aulas começaram e eu pude compreender as letras impressas, busquei na biblioteca da família o volume referente às obras de Schiller. Procurei minha mãe na cozinha, perguntando-lhe se eu podia ler *Maria Stuart* para ela. Com muita seriedade ela me respondeu: “Leia se você quiser”. Não sei mais até ponto da leitura cheguei [...].⁶³⁹

É sabido que Maria Stuart — por determinação de sua prima Elisabeth I — passou a maior parte de seus últimos vinte anos de vida nas prisões da Inglaterra. Maria Stuart teve uma vida singular, o que pode ter saltado aos olhos de Edith Stein: coroada rainha da Escócia aos 6 anos de idade, casou-se e enviuvou-se aos 17 anos de idade e foi até rainha da

⁶³⁷ BEZERRA, E. *A trinca do Curvelo*: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

⁶³⁸ STEIN, E. O desenvolvimento das duas irmãs mais novas. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 206.

⁶³⁹ STEIN, E. História de nossa família: as duas irmãs mais novas. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 85.

França por um período breve. É sabido ainda que Maria Stuart cobiçava o trono da Inglaterra, o que culminou na sua ruína.⁶⁴⁰

“[...] Quarta-feira, às duas horas após meia-noite”⁶⁴¹ do dia 08 de fevereiro de 1587, Maria Stuart — aos 44 anos de idade — escreveu na carta de despedida a Henrique III da França:

Hoje, após o jantar, tomei conhecimento de minha sentença: serei executada como uma criminosa às oito horas da manhã. Não tive tempo para vos fazer um amplo relato de tudo o que aconteceu, mas, se ouvirdes meu médico e outros desolados servidores meus, sabereis a verdade; sabereis que, graças a Deus, eu desprezo a morte e me declaro inocente de todo crime, ainda que deles fosse súdita. A religião católica e a afirmação do direito que me foi dado por Deus a essa coroa são os dois motivos de minha condenação; todavia, não me permitem dizer que é pela religião católica que eu morro, mas pelo temor de mudança de religião deles. Prova disso é que tiraram meu capelão, e, embora ele se encontre neste mesmo edifício, não me consentiram que viesse ouvir-me em confissão e dar-me a extrema-unção; mas insistiram muito para que eu recebesse consolação e ensinamentos do ministro deles, para cá trazido com tal propósito. O portador desta carta e seus companheiros, quase todos vossos súditos, vos falarão de minha conduta nesta hora derradeira. Resta-me suplicar-vos, cristianíssimo soberano, meu cunhado e antigo aliado, que sempre professastes amor a mim, que agora deis prova de vossa virtude em todos esses pontos: primeiro, por caridade, pagando o salário de meus desolados servidores, o que só vós podeis fazer, assim aliviando o peso que trago na consciência; depois, rezando por uma rainha que foi chamada cristianíssima e morreu católica, depositada de todos os seus bens [...].⁶⁴²

Maria Stuart, seis horas depois — como diz a carta supracitada — foi decapitada na presença de trezentas testemunhas. Por sua alma, Maria Stuart pede que Henrique III — irmão de seu primeiro marido — ordene: “[...] parte do que me deveis seja pago e que, por Jesus Cristo, a quem rogarei por vós amanhã, antes de morrer, sobre o bastante para rezar missa em minha memória e dar as esmolas necessárias [...]”.⁶⁴³

⁶⁴⁰ USHER, S. *Cartas extraordinárias: a correspondência inesquecível de pessoas notáveis*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

⁶⁴¹ STUART, M. Carta 004: Serei executada — de Maria Stuart para Henrique III da França, 8. fev. 1587. In: USHER, S. *Cartas extraordinárias: a correspondência inesquecível de pessoas notáveis*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 25.

⁶⁴² STUART, M. Carta 004: Serei executada — de Maria Stuart para Henrique III da França, 8. fev. 1587. In: USHER, S. *Cartas extraordinárias: a correspondência inesquecível de pessoas notáveis*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 25.

⁶⁴³ STUART, M. Carta 004: Serei executada — de Maria Stuart para Henrique III da França, 8. fev. 1587. In: USHER, S. *Cartas extraordinárias: a correspondência inesquecível de pessoas notáveis*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 25.

Por muitos anos Manuel Bandeira visitou o interlocutório do Convento de Santa Teresa. No interlocutório de um Carmelo as conversas são discretas, confidenciais, como se sabe. Manuel Bandeira — o homem que concebia a poesia como a força que atua de modo divino e inapreendido acima e além da consciência — consagrou a sua vida inteira à escuta atenta, que o fez muitas vezes pegar um papel qualquer para escrever os versos que lhe vinham aos borbotões.⁶⁴⁴ No interlocutório do Convento de Santa Teresa, Manuel Bandeira, Madre Maria José de Jesus, OCD e Irmã Maria do Carmo Cristo Rei, OCD teriam conversado sobre Edith Stein?

Do ponto de vista fenomenológico-existencial, o Convento de Santa Teresa não foi só um local de discussão sobre ortografia e poesia para Manuel Bandeira, revela-se uma casa que o poeta pernambucano frequentou pelo prazer da “boa conversa” com a Madre Maria José de Jesus, OCD. Na crônica “Uma santa”, o poeta-cronista revela que, por intermédio de Irmã Maria do Carmo Cristo Rei, OCD, ficara sabendo dos cuidados de Madre Maria José de Jesus, OCD que, no dia do aniversário dele, escrevera — com letra bem grandes — o nome MANUEL BANDEIRA e, colocando-o no meio do coro, pediu que as monjas da comunidade do Convento de Santa Teresa rezassem pelo aniversariante. No dizer de Irmã Maria do Carmo Cristo Rei, OCD, a priora do Convento de Santa Teresa tinha um “soft corner” para Manuel Bandeira.⁶⁴⁵

Nos últimos anos da Ditadura Militar [1964 — 1985], Frei Patrício Sciadini, OCD rompeu o silêncio que pairava sobre Edith Stein na comunidade acadêmico-intelectual do Estado brasileiro, com a apresentação do escrito *Na Força da Cruz*, de Waltraud Herbstrith [1984].⁶⁴⁶ Por conseguinte, Frei Patrício Sciadini, OCD, juntamente com Ir. Jacinta Turolo Garcia, publicou *Edith Stein: Holocausto para seu povo* [1987].⁶⁴⁷ No ano de 1988 — ano de publicação da *Constituição da*

⁶⁴⁴ BEZERRA, E. *A trinca do Curvelo*: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

⁶⁴⁵ BEZERRA, E. *A trinca do Curvelo*: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

⁶⁴⁶ HERBSTTRITH, W. *Na Força da Cruz*. Trad. Hermann Baaken. São Paulo: Nova Cidade, 1984.

⁶⁴⁷ GARCIA, J. T. & SCIADINI, P.. *Edith Stein: Holocausto para seu povo*. São Paulo: Loyola, 1987.

*República Federativa do Brasil*⁶⁴⁸ — Frei Patrício Sciadini, OCD, apresentou o último escrito de Edith Stein: *A Ciência da Cruz*. Estudo sobre São João da Cruz, com tradução de D. Beda Kruse.⁶⁴⁹

No terreno da Filosofia, Ir. Jacinta Turolo Garcia publicou neste mesmo ano a sua Tese de Doutorado, sob o título *Edith Stein e a Formação da Pessoa Humana* [1988], defendida na Pontifícia Universidade Urbaniana [Roma], sob orientação de Batista Mundin.⁶⁵⁰

No Estado do Rio de Janeiro, Maria de Lourdes Ganzarolli Oliveira publicou *Edith Stein e o Sentido da Vida* [1989].⁶⁵¹

No Estado de São Paulo [Brasil], registrou-se um marco de fundamental na difusão do conhecimento de Edith Stein [e da fenomenologia]: a fundação da EDUSC, editora da Universidade Sagrado Coração — USC [Bauru], por Ir. Jacinta Turolo Garcia, que promoveu a publicação de alguns escritos de Edith Stein em língua portuguesa, com as contribuições de Angela Ales Bello [filósofa contemporânea italiana, fundadora e diretora do Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche de Roma e docente de História da Filosofia Contemporânea da Faculdade de Filosofia da Pontifícia Università Lateranense — PUL].⁶⁵²

No ano de 1998, José Alberto Pedra publicou *Edith Stein: uma Santa em Auschwitz*.⁶⁵³ Por ocasião da abertura da 1ª Semana de Filosofia da Universidade Sagrado Coração — USC, Ir. Jacinta Turolo Garcia proferiu uma palestra, intitulada *Santa Edith Stein: da Universidade aos altares*, com publicação pela EDUSC, em 03 de novembro de 1998.⁶⁵⁴

⁶⁴⁸ BRASIL. Constituição Brasileira [1988]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Promulgada em 05 de outubro de 1988. Brasília, DF: Senado, 1988.

⁶⁴⁹ STEIN, E. *A Ciência da Cruz*. Estudo sobre São João da Cruz. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

⁶⁵⁰ GARCIA, J. T. *Edith Stein e a formação da pessoa humana*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1988.

⁶⁵¹ OLIVEIRA, M. L. G. *Edith Stein e o Sentido da Vida*. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

⁶⁵² GARCIA, J. T.; FERNANDES, M. & GOTO, T. A. Sabedoria Repartida. Ciência e arte de uma filósofa educadora. In: BACCARINI, E; D'AMBRA, M.; MANGANARO, P. & PEZZELLA, A. M.. *Persona, Logos, Relazione: Uma fenomenologia plurale*, scritti in onore de Angela Ales Bello. Roma: Città Nuova, 2011.

⁶⁵³ PEDRA, J. A. *Edith Stein: uma Santa em Auschwitz*. Curitiba: Rosário, 1998.

⁶⁵⁴ GARCIA, J. T. *Santa Edith Stein: da Universidade aos altares*. Bauru [SP]: EDUSC, 1998.

Por conseguinte, a EDUSC publicou ainda *Em nome de Deus... Em nome da Igreja... Em nome da Humanidade* [1998], com a 1ª Homilia da Festa da Beatificação [1987] e a 2ª Homilia da Festa da Beatificação de Edith Stein [1998], consagradas pelo do Papa João Paulo II.⁶⁵⁵

Na 1ª Homilia de João Paulo II — Festa da Beatificação — de 01 de maio de 1987, lê-se:

Entre estes homens e mulheres bem-aventurados, saudamos hoje com veneração profunda e santa alegria uma filha do povo de Israel, rica em sabedoria e fortaleza. Formada na rígida escola da tradição de Israel e caracterizada por uma existência de virtude e de renúncia na vida religiosa, ela demonstrou um ânimo heróico no caminho para o extermínio. Unida a Cristo crucificado, entregou a sua vida “pela paz verdadeira” e “pelo povo”: Edith Stein, judia, filósofa, religiosa, mártir.⁶⁵⁶

Na 2ª Homilia — Festa da Canonização — do dia 11 de outubro de 1998, destaca o Sumo Pontífice:

[...] Porque era judia, Edith Stein foi deportada juntamente com a irmã Rosa e muitos outros judeus dos Países Baixos para o campo de concentração de Auschwitz, onde com eles encontrou a morte nas câmaras de gás. Hoje recordamo-nos de todos com profundo respeito. Poucos dias antes da sua deportação, a quem lhe oferecia uma possibilidade de salvar a vida, a religiosa respondera: “Não o façais! Por que eu deveria ser excluída? A justiça não consiste acaso no fato de eu não obter vantagem do meu batismo? Se não posso compartilhar a sorte dos meus irmãos e irmãs, num certo sentido a minha vida é destruída”.⁶⁵⁷

Hannah Arendt — judia como Edith Stein — expressa:

A experiência que o filósofo tem do eterno — experiência que, para Platão, era *arrheton* [“indizível”] e, para Aristóteles, *aneu logou* [“sem palavras”], e que, mais tarde, foi conceitualizada no paradoxal *nunc stans* [“aquilo que é agora”] — só pode ocorrer fora do domínio dos assuntos humanos e fora da pluralidade dos homens [...].⁶⁵⁸

⁶⁵⁵ JOÃO PAULO II, P. *Em nome de Deus... Em nome da Igreja... Em nome da Humanidade*. Bauru [SP]: EDUSC, 1998.

⁶⁵⁶ JOÃO PAULO II, P. 1ª Homilia — Festa da Beatificação — 1987. In: _____. *Em nome de Deus... Em nome da Igreja... Em nome da Humanidade*. Bauru [SP]: EDUSC, 1998, p. 9.

⁶⁵⁷ JOÃO PAULO II, P. 2ª Homilia — Festa da Canonização — 1998. In: _____. *Em nome de Deus... Em nome da Igreja... Em nome da Humanidade*. Bauru [SP]: EDUSC, 1998, pp. 29-30.

⁶⁵⁸ ARENDT, H. *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 24.

Platão, na parábola da Caverna, destaca que o filósofo, depois de se libertar dos grilhões que o prendiam aos seus semelhantes, deixa a caverna em perfeita singularidade⁶⁵⁹ — “[...] nem acompanhado, nem seguindo os outros [...]”.⁶⁶⁰ Do ponto de vista político, se morrer é o mesmo que deixar de estar entre os homens, a “experiência do eterno” é uma espécie de morte, sendo que a única coisa que a separa da morte real é que ela não é definitiva, porque nenhum ser vivente — criatura — pode suportá-la durante muito tempo.⁶⁶¹ “[...] Que morro de não morrer”.⁶⁶² A vida de Edith Stein — tal como se manifesta em circunstâncias concretas do Estado — remete o teólogo dos nossos dias às sábias palavras de Karl Rahner: o cristão do futuro será místico ou não será mais cristão.⁶⁶³

No ano de 1999, a EDUSC publicou dois escritos de Edith Stein: I — *O Mistério do Natal* [1999],⁶⁶⁴ com tradução de Hermano José Cürten. “Neste pequeno texto, a doutora Edith Stein, filósofa, pedagoga e conferencista, cede lugar à mística Teresa Benedita da Cruz [...]”.⁶⁶⁵ II — *A Mulher: Sua missão segundo a natureza e a graça* [1999]⁶⁶⁶, com tradução de Alfred J. Keller. No dizer de Edith Stein, “[...] a maneira peculiar de ser da mulher destina-a a uma missão sublime: desenvolver em si e nos outros a verdadeira humanidade [...]”.⁶⁶⁷

Na Quadrante, Elisabeth Kawa publicou *Edith Stein: A Abençoada pela Cruz* [1999], com tradução de Edson Gil.⁶⁶⁸ Na EDUSC, Frei Patrício

⁶⁵⁹ PLATÃO. *A República*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

⁶⁶⁰ ARENDT, H. *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 24.

⁶⁶¹ ARENDT, H. *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

⁶⁶² TERESA DE JESUS. *Aspirações à Vida Eterna*. In: _____. *Obras Completas: Teresa de Jesus*. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves, Marcos Marcionilo e Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 2002, p. 957.

⁶⁶³ RAHNER, K. *Escritos de teologia VI*. Madrid: Taurus, 1967.

⁶⁶⁴ STEIN, E. *O Mistério do Natal*. Trad. Hermano José Cürten. Bauru [SP]: EDUSC, 2000.

⁶⁶⁵ GARCIA, J. T. Apresentação. In: STEIN, E. *O Mistério do Natal*. Trad. Hermano José Cürten. Bauru [SP]: EDUSC, 2000, p. 9.

⁶⁶⁶ STEIN, E. *A Mulher: Sua missão segundo a natureza e a graça*. Bauru: EDUSC, 1999.

⁶⁶⁷ STEIN, E. *A Mulher: Sua missão segundo a natureza e a graça*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 292.

⁶⁶⁸ KAWA, E. *Edith Stein: A Abençoada pela Cruz*. Trad. Edson Gil. São Paulo: Quadrante, 1999.

Sciadini, OCD publicou *Edith Stein: Perder para ganhar* [1999].⁶⁶⁹ Na Loyola, Frei Patrício Sciadini, OCD publicou *Edith Stein* [1999], com o texto de Proclamação: Co-Padroeira da Europa de Edith Stein — Santa Teresa Benedita da Cruz —, do Papa João Paulo II.⁶⁷⁰ “[...] Nela, tudo indica o tormento da procura e da fadiga da ‘periginação’ existencial [...]”.⁶⁷¹

E, mais adiante, João Paulo II destaca:

Hoje, vemos Teresa Benedita da Cruz reconhecer em seu testemunho de vítima inocente, por um lado, a imitação do Cordeiro imaculado e o protesto levantado contra todas as violações dos direitos fundamentais da pessoa e, por outro, o penhor daquele renovado encontro de judeus e cristãos, que na linha auspiciada pelo Concílio Vaticano II, está conhecendo uma promissora fase de abertura recíproca. Declarar hoje Edith Stein co-Padroeira da Europa significa colocar no horizonte do velho continente um estandarte de respeito, de tolerância e de hospitalidade que convida homens e mulheres a entenderem-se e a aceitarem-se, para além das diferenças étnicas, culturais e religiosas, formando assim uma sociedade verdadeiramente fraterna.⁶⁷²

Para findar o século XX, Juvenal Savian Filho — Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo — UNIFESP — publicou *O toque do inefável: apontamentos sobre a experiência de Deus em Edith Stein* [2000].⁶⁷³ No ano de 2001, Feldeman Christian publicou *Edith Stein: Judia, Ateia e Monja* [2001].⁶⁷⁴ Neste mesmo ano, Elisabeth Miribel publicou *Edith Stein: Como o Ouro Purificado pelo Fogo* [2001].⁶⁷⁵ Nas Edições Loyola, Frei Patrício Sciadini, OCD publicou *Edith Stein Diz...* [2004].⁶⁷⁶

Na Universidade Sagrado Coração — USC, Angela Ales Bello ministrou em 2004, por intermédio da Ir. Jacinta Turolo Garcia, um curso

⁶⁶⁹ SCIADINI, P. *Edith Stein: perder para ganhar*. Fortaleza: Shalom, 1999.

⁶⁷⁰ SCIADINI, P. *Edith Stein*. São Paulo: Loyola, 1999.

⁶⁷¹ JOÃO PAULO II, P. Proclamação: Co-Padroeira da Europa. In: SCIADINI, P. *Edith Stein*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 75.

⁶⁷² JOÃO PAULO II, P. Proclamação: Co-Padroeira da Europa. In: SCIADINI, P. *Edith Stein*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 77.

⁶⁷³ SAVIAN FILHO, J. *O toque do inefável: apontamentos sobre a experiência de Deus em Edith Stein*. Bauru [SP]: EDUSC, 2000.

⁶⁷⁴ CHRISTIAN, F. *Edith Stein: Judia, Ateia e Monja*. Bauru [SP]: EDUSC, 2001.

⁶⁷⁵ MIRIBEL, E. *Edith Stein: Como o Ouro Purificado pelo Fogo*. Aparecida [SP]: Santuário, 2001.

⁶⁷⁶ SCIADINI, P. *Edith Stein Diz...* São Paulo: Loyola, 2004.

que culminou no livro intitulado *Introdução à Fenomenologia*, com publicação em 2006 — EDUSC. Na presente obra, a pessoa humana é chamada a percorrer o inteiro percurso de Edmund Husserl, atenta ao que lhe está à volta e à própria experiência interna.⁶⁷⁷

No dizer de Miguel Mahfoud, docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia — PPG-PSI do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais — UFMG, a experiência vivida e a reflexão sistemática, efetivamente, podem não estar cindidas.⁶⁷⁸

Nós nascemos num contexto interpessoal, perpassado pelos seguintes modos de organização de associação humana:

[...] massa, comunidade, sociedade, povo, nação, Estado. Mas qual dessas organizações respeita a liberdade da pessoa humana, em suas dimensões corpórea, psíquica e espiritual? Edmund Husserl e Edith Stein acreditam que a organização que respeita a liberdade da pessoa humana é a comunidade, que se caracteriza pelo fato de os seus membros assumirem responsabilidades recíprocas. Na comunidade, cada membro considera sua liberdade, assim como também quer a liberdade do outro e, a partir daí, verifica qual é o projeto conjunto. Não podemos esquecer, então, de que o projeto conjunto pode ser útil para a comunidade, mas deve ser útil também para cada membro.⁶⁷⁹

Pela Loyola, Juvenal Savian Filho publicou em 2005 *Fé e razão: uma questão atual?*.⁶⁸⁰ No ano de 2006, José Arvedo Flach publicou *Edith Stein: judia, católica, filósofa* [2006].⁶⁸¹ Por conseguinte, Frei Patrício Sciadini, OCD publicou *Edith Stein: perder para ganhar* [2007];⁶⁸² Dimas Antonio Kunsch publicou *Edith Stein* [2007].

No teatro, o GT Edith Stein — Grupo de Trabalho pioneiro na realização de simpósios steinianos [nacionais e internacionais] — encenou,

⁶⁷⁷ ALES BELLO, A. *Introdução à Fenomenologia*. Trad. Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru [SP]: Edusc, 2006.

⁶⁷⁸ ALES BELLO, A. *Introdução à Fenomenologia*. Trad. Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru [SP]: Edusc, 2006.

⁶⁷⁹ MENDES, E. S. *Introdução à Fenomenologia*. *Revista Pistis Praxis*: Teologia Pastoral, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 307-312, jan./jun. 2013, p. 312.

⁶⁸⁰ SAVIAN FILHO, J. *Fé e razão: uma questão atual?* São Paulo: Loyola, 2005.

⁶⁸¹ FLACH, J. A. *Edith Stein: judia, católica, filósofa*. Canoas, RS: Salles, 2006.

⁶⁸² SCIADINI, P. *Edith Stein: perder para ganhar*. Fortaleza: Shalom, 2007.

magistralmente, a peça “Que é filosofia? Um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino”, por ocasião do “VI Simpósio de Filosofia — Colóquio Filosófico Edith Stein” realizado pela Faculdade Católica de Fortaleza — FCF, em 2010. Na peça, filósofos de diferentes épocas, sentados nas elevadas janelas do auditório da instituição de ensino superior, dialogavam sobre as cabeças dos participantes do simpósio, pondo em harmonia a filosofia, de Platão e Aristóteles até Edith Stein.⁶⁸³

No ano de 2012, Vitória Fabretti publicou o livro intitulado *Edith Stein: uma vida por amor*.⁶⁸⁴ Por conseguinte, Miguel Mahfoud e Marina Massimini publicaram *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa* [2013];⁶⁸⁵ Angela Ales Bello, Juvenal Savian Filho e Cristiano Barreira publicaram *Empatia: Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas* [2014];⁶⁸⁶ Ir. Adair Aparecida Sberga publicou a sua tese de Doutorado em Psicologia [USP] intitulada *A formação da pessoa humana em Edith Stein: um percurso de conhecimento no núcleo interior* [2014];⁶⁸⁷ Marina Bar Kusano publicou *A antropologia de Edith Stein: entre Deus e a filosofia* [2014].⁶⁸⁸

Na Juruá, Angela Ales Bello publicou o livro intitulado *Edith Stein: a paixão pela verdade* [2014];⁶⁸⁹ Francesco Alfieri publicou *Pessoa humana e singularidade em Edith Stein: uma nova fundação da antropologia filosófica, pela Perspectiva* [2014].⁶⁹⁰

⁶⁸³ STEIN, E. ¿Que és Filosofía? Un Diálogo entre Edmund Husserl y Tomás de Aquino. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

⁶⁸⁴ FABRETTI, V. *Edith Stein: uma vida por amor*. Tard. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

⁶⁸⁵ MAHFOUD, M. MASSIMINI, M. [orgs.]. *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013.

⁶⁸⁶ ALES BELO, A.; BARREIRA, C.; SAVIAN FILHO, J. [orgs.]. *Empatia: Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas*. São Paulo: Loyola, 2014.

⁶⁸⁷ SBERGA, A. A. *A formação da pessoa humana em Edith Stein: um percurso de conhecimento no núcleo interior*. São Paulo: Paulus, 2014.

⁶⁸⁸ KUSANO, M. B. *A antropologia de Edith Stein: entre Deus e a filosofia*. São Paulo: Ideia & Letras, 2014.

⁶⁸⁹ ALES BELLO, A. *Edith Stein: A paixão pela verdade*. Trad. José J. Queiroz. Curitiba: Juruá, 2014.

⁶⁹⁰ ALFIERE, F. *Pessoa humana e singularidade em Edith Stein: uma nova fundação da antropologia filosófica*. Trad. Clio Francesca Tricarico. São Paulo: Perspectiva, 2014.

No Estado de Minas Gerais [Brasil] — Belo Horizonte — Angela Ales Bello publicou *Pessoa e comunidade: comentários — psicologia e ciências do espírito*, pela Artesã [2015].⁶⁹¹ No Estado de São Paulo [Brasil], a Perspectiva publicou *A presença de Duns Escoto no pensamento de Edith Stein*, de Francesco Alfieri, com tradução de Juvenal Savian Filho e de Clio Francesca Tricarico, em 2016.⁶⁹²

Maria Clara Lucchetti Bingemer — docente do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC-Rio — e Marcus Reis Pinheiro — professor do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense — UFF organizaram *Narrativas místicas: antologia de textos místicos da história do cristianismo*, com um capítulo dedicado a Edith Stein, de autoria de Ir. Jacinta Turolo Garcia [USC].⁶⁹³ Publicou-se ainda *Edith Stein: a construção do ser pessoa humana* [2016], de Luiz Santana.⁶⁹⁴

Na Paulus, Edith Stein aparece em *Mulheres à frente de seu tempo*, entre vinte e três retratos de santas, escritos por estudiosos e personalidades de enorme prestígio para o jornal “L’Osservatore Romano”, oferecendo um afresco extraordinário e inesperado de coragem, liberdade e autonomia, virtudes modernas que as mulheres dos nossos dolorosos dias buscam praticar em uma análise difícil, mas não impossível, com o amor, o cuidado e a alegria de serem elas mesmas [2017].⁶⁹⁵

Por ocasião do *III Simpósio Internacional Edith Stein* [de 02 a 04 de agosto 2017], Miguel Mahfoud e Juvenal Savian Filho lançaram na Universidade Federal da Paraíba — UFPB o livro intitulado *Diálogos com*

⁶⁹¹ ALES BELLO, A. *Pessoa e comunidade: comentários — psicologia e ciências do espírito*. Trad. Ir. Jacinta Turolo Garcia. Belo Horizonte: Artesã, 2015.

⁶⁹² ALFIERI, F. *A presença de Duns Escoto no pensamento de Edith Stein*. Trad. Juvenal Savian Filho e Clio Francesca Tricarico. São Paulo: Perspectiva, 2016.

⁶⁹³ TUROLO, J. Edith Stein. In: BINGEMER, M. C.; PINHEIRO, M. R. [orgs.]. *Narrativas místicas: antologia de textos místicos da história do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2016.

⁶⁹⁴ SANTANA, L. *Edith Stein: a construção do ser pessoa humana*. São Paulo: Ideia & Letras, São Paulo: Ideia & Letras, 2016.

⁶⁹⁵ VELADIANO, M. Teresa Benedita da Cruz — a judia cristã. In: VV.AA. *Mulheres à frente de seu tempo*. Trad. Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulus, 2017.

Edith Stein: filosofia, psicologia, educação [2017].⁶⁹⁶ No ano de 2018, a Prismas publicou *A arte de educar por uma pedagogia empática em Edith Stein*, de Clélia Peretti e Vera Fátima Dullius.⁶⁹⁷

No Estado do Rio de Janeiro [Brasil], publicou-se em 2019 a obra de relevo de Edith Stein: *Ser finito e ser eterno*, pela Forense Universitária.⁶⁹⁸

No Estado de Minas Gerais [Brasil] — Belo Horizonte —, a Artesã publicou *Edith Stein — João da Cruz: teologia e sociedade*, de autoria do Pe. Luís Carlos de Carvalho Silva.⁶⁹⁹ No Estado do Paraná [Brasil], registramos *Nas trilhas de Edith Stein: gênero em perspectiva fenomenológica e teológica*, de Clélia Peretti.⁷⁰⁰

No ano de 2000, Angela Ales Bello iniciou o seu itinerário acadêmico-intelectual de difusão do conhecimento — filosófico [e teológico] — de Edith Stein no Brasil, ministrando cursos e conferências em renomadas Instituições de Ensino Superior — IES da República Federativa do Brasil, a saber: Universidade de São Paulo — USP, Universidade Federal de São Paulo — UNIFESP, Universidade Católica do Salvador — UCSal, Faculdade de São Bento — FSB, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — PUC/SP, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Universidade Estadual do Ceará — UECE, Faculdade Católica de Fortaleza — FCF, Universidade Federal da Paraíba — UFPB.

⁶⁹⁶ MAHFOUD, M.; SAVIAN FILHO, J. [orgs.]. *Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia, educação*. São Paulo: Paulus, 2017.

⁶⁹⁷ PERETTI, C. e DULLIUS, V. F. *A arte de educar por uma pedagogia empática em Edith Stein*. Curitiba: Prismas, 2018.

⁶⁹⁸ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

⁶⁹⁹ SILVA, L. C. de C. *Edith Stein — João da Cruz: teologia e sociedade*. Belo Horizonte: Artesã, 2019.

⁷⁰⁰ PERETTI, C. *Nas trilhas de Edith Stein: gênero em perspectiva fenomenológica e teológica*. Curitiba: Appris, 2019.

QUADRO 9 MARCO HISTÓRICO LATINO-AMERICANO IX: LIVROS SOBRE EDITH STEIN EM LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESA

Ano[s]	Título [e subtítulo]
1955	NABUCO, M. A. <i>Edith Stein: convertida, carmelita, mártir</i> . Petrópolis [RJ]/São Paulo: Vozes, 1955.
1958	COMPANHIA DA VIRGEM. Edith Stein. In: STEIN, E. <i>A oração da Igreja</i> . Trad. Companhia das Virgens. Rio de Janeiro: Agir, 1958.
1965	CACHO, G. <i>Edith Stein na câmara de gás</i> . Trad. Manuel Bandeira. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1965.
1984	HERBSTTRITH, W. <i>Na Força da Cruz</i> . Trad. Hermann Baaken. São Paulo: Nova Cidade, 1984.
1987	GARCIA, J. T. & SCIADINI, P.. <i>Edith Stein: Holocausto para seu povo</i> . São Paulo: Loyola, 1987.
1988	GARCIA, J. T. <i>Edith Stein e a formação da pessoa humana</i> . 2. ed. São Paulo: Loyola, 1988.
1989	OLIVEIRA, M. L. G. <i>Edith Stein e o Sentido da Vida</i> . Rio de Janeiro: Presença, 1989.
1998	PEDRA, J. A. <i>Edith Stein: Uma Santa em Auschwitz</i> . Curitiba: Rosário, 1998. PEDRA, J. A. <i>Edith Stein: Uma Santa em Auschwitz</i> . Curitiba: Rosário, 1998.
1998	GARCIA, J. T. <i>Santa Edith Stein: Da Universidade aos altares</i> . Bauru [SP]: EDUSC, 1998.
1998	JOÃO PAULO II, P. <i>Em nome de Deus... Em nome da Igreja... Em nome da Humanidade</i> . Bauru [SP]: EDUSC, 1998.
1999	KAWA, E. <i>Edith Stein: a abençoada pela cruz</i> . Trad. Edson Gil. São Paulo: Quadrante, 1999.
1999	SCIADINI, P. <i>Edith Stein: perder para ganhar</i> . Fortaleza: Shalom, 1999.
1999	SCIADINI, P. <i>Edith Stein</i> . São Paulo: Loyola, 1999.
2000	SAVIAN FILHO, J. <i>O toque do inefável: Apontamentos sobre a experiência de Deus em Edith Stein</i> . Bauru [SP]: EDUSC, 2000.
2001	CHRISTIAN, F. <i>Edith Stein: Judia, Ateia e Monja</i> . Bauru [SP]: EDUSC, 2001.
2001	MIRIBEL, E. <i>Edith Stein: Como o Ouro Purificado pelo Fogo</i> . Aparecida [SP]: Santuário, 2001.
2004	SCIADINI, P. <i>Edith Stein Diz...</i> São Paulo: Loyola, 2004.

ÁREA[S] DE CONHECIMENTO: CIÊNCIAS HUMANAS

- 2005 SAVIAN FILHO, J. *Fé e razão: uma questão atual?* São Paulo: Loyola, 2005.
- 2006 ALES BELLO, A. *Introdução à Fenomenologia*. Trad. Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru [SP]: EDUSC, 2006.
- 2006 FLACH, J. A. *Edith Stein: judia, católica, filósofa*. Canoas [RS]: Salles, 2006.
- 2007 SCIADINI, P. *Edith Stein: perder para ganhar*. Fortaleza: Shalom, 2007.
- 2012 FABRETTI, V. *Edith Stein: uma vida por amor*. Tard. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.
- 2012 MAHFOUD, M. MASSIMINI, M. [orgs.]. *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013.
- 2014 ALES BELO, A.; BARREIRA, C.; SAVIAN FILHO, J. [orgs.]. *Empatia: Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas*. São Paulo: Loyola, 2014.
- 2014 SBERGA, A. A. *A formação da pessoa humana em Edith Stein: um percurso de conhecimento no núcleo interior*. São Paulo: Paulus, 2014.
- 2014 KUSANO, M. B. *A antropologia de Edith Stein: entre Deus e a filosofia*. São Paulo: Ideia & Letras, 2014.
- 2014 ALES BELLO, A. *Edith Stein: a paixão pela verdade*. Trad. José J. Queiroz. Curitiba: Juruá Editora, 2014.
- 2014 ALFIERE, F. *Pessoa humana e singularidade em Edith Stein: uma nova fundação da antropologia filosófica*. Trad. Clio Francesca Tricarico. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- 2015 ALES BELLO, A. *Pessoa e comunidade: comentários — psicologia e ciências do espírito*. Trad. Ir. Jacinta Turolo Garcia. Belo Horizonte: Artesã, 2015.
- 2016 ALFIERI, F. *A presença de Duns Escoto no pensamento de Edith Stein*. Trad. Juvenal Savian Filho e Clio Francesca Tricarico. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- 2016 BINGEMER, M. C.; PINHEIRO, M. R. [orgs.]. *Narrativas místicas: antologia de textos místicos da história do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2016.
- 2016 SANTANA, L. *Edith Stein: a construção do ser pessoa humana*. São Paulo: Ideia & Letras, São Paulo: Ideia & Letras, 2016.
- 2017 VELADIANO, M. Teresa Benedita da Cruz — a judia cristã. In: VV.AA. *Mulheres à frente de seu tempo*. Trad. Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulus, 2017.
- 2017 MAHFOUD, M.; SAVIAN FILHO, J. [orgs.]. *Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia, educação*. São Paulo: Paulus, 2017.
- 2018 PERETTI, C. e DULLIUS, V. F. *A arte de educar por uma pedagogia empática em Edith Stein*. Curitiba: Prisms, 2018.

- 2019 PERETTI, C. *Nas trilhas de Edith Stein: gênero em perspectiva fenomenológica e teológica*. Curitiba: Appris, 2019.
- 2019 SILVA, L. C. de C. *Edith Stein — João da Cruz: teologia e sociedade*. Belo Horizonte: Artesã, 2019.

QUADRO 10 MARCO HISTÓRICO LATINO-AMERICANO X: CAPÍTULOS DE LIVROS SOBRE EDITH STEIN EM LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESA

Ano[s]	Título [e subtítulo]
2011	ANTÚNEZ, A. E. A. A corporeidade na fenomenologia de Edith Stein. In: LANGE, E. S. N.; TARDIVO, L. S. P. C. [org.]. <i>Corpo, alteridade e sintoma: diversidade e compreensão</i> . São Paulo: Vetor, 2011.
2002	BINGEMER, M. C. L. Edith Stein: profetisa do amor inclusivo. In: BINGEMER, M. C. L.; YUNES, E. [orgs]. <i>Profetas e profecias</i> . São Paulo: Loyola, 2002.
2013	FERNANDES, M. L. As reflexões de Conrad-Martius e Edith Stein sobre as Ciências Humanas e as Ciências da Natureza. In: SANCHES, M. A. [org.]. <i>Criação e Evolução: Diálogo entre Teologia e Biologia</i> . São Paulo: Ave Maria, 2013.
2002	HÜHNE, L. M. Profetas do amor. In: BINGEMER, M. C. L.; YUNES, E. [orgs]. <i>Profetas e profecias</i> . São Paulo: Loyola, 2002.
2007	MAHFOUD, M. Centro pessoal e núcleo comunitário segundo Edith Stein: indicações para estudo sobre família. In: MOREIRA, L.; CARVALHO, A. M. A. [org.]. <i>Família, subjetividade, vínculos</i> . São Paulo: Paulinas, 2007.
2003	MARTINS, A. H. C. Da monstração fenomenológica à demonstração lógica [apresentando Edith Stein]. In: DREHER, L. H. [org.]. <i>A essência manifesta: a fenomenologia nos estudos interdisciplinares da religião</i> . Juiz de Fora: UFJF, 2003.
2011	MENDES, E. S. <i>A noção de Estado de Edith Stein</i> . In: VV.AA. <i>Direito canônico: coletânea de artigos</i> . Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC Minas, 2011.
2002	MENDONÇA, T. E. Madre Tereza de Calcutá e Edith Stein: duas mulheres, um mesmo amor. In: BINGEMER, M. C. L.; YUNES, E. [orgs]. <i>Profetas e profecias</i> . São Paulo: Loyola, 2002.
2013	MODERNO, J. R. C. Teoria do Estado e Liberdade Econômica em Edith Stein. In: CARVALHO, P. B. <i>Derivação e Positivização no Direito Tributário</i> . São Paulo: Noeses, 2013.
2013	PONZILALACQUA, M. H. P. Intersubjetividade e direito no século XXI: a contribuição de Simone Weil e Edith Stein. In: FURLAN, V. C. P. [org.]. <i>Sujeito no direito: história e perspectivas para o século XXI</i> . Curitiba: CRV, 2013.

- 2009 SILVA, U. R. Intersubjetividade e empatia no olhar de Edith Stein. In: SILVA, U. R. [Et al]. *Gênero, arte e memória: ensaios interdisciplinares*. Pelotas: UFPEL, 2009.
- 2001 SOLON, A. M. Estado, Direito e Religião no Pensamento de Edith Stein. In: VV. AA. *Direito, Ciência e Arte*. Campinas, SP: Edicamp, 2001.

2.1.2

FILMES E VÍDEOS

Quando Nosso Senhor é servido, compadece-se de tudo o que essa alma padece e já padeceu ansiando por Sua presença e amor. Assim, tendo-a já tomado espiritualmente por esposa, antes de consumir o matrimônio sobrenatural, põe-na em Sua morada, que é a sétima.⁷⁰¹

Produzido pela Morgan Film [Itália], sob a direção da roteirista Marta Meszaros, o filme *A sétima morada* põe em cena a vida de Edith Stein, que aparece nas telas do cinema como uma das individualidades mais perturbadoras do século XX, que harmonizou em si dois mundos: o judeu e o cristão, em perfeita coerência com a sua incessante busca da verdade e manteve a sua fé e uma profunda fidelidade à Igreja católica. No Brasil, concedeu-se os direitos de distribuição ao Instituto Alberione, em 2006.⁷⁰²

Marta Meszaros narra que a vida de Edith Stein se revela em três grandes fases. Na primeira fase, acompanhamos Edith Stein desde a sua tenra infância, até a menina altiva, determinada, de inteligência privilegiada e memória prodigiosa. Na segunda fase, a estudante brilhante, a professora exímia e a filósofa famosa, reconhecida internacionalmente, que se posicionou politicamente sobre os perigos que o nazismo representava para o Estado alemão e para a Humanidade. Na última fase, a “convertida” ao catolicismo, seu ingresso no Carmelo de Colônia [Alemanha], da Ordem das Carmelitas Descalças — OCD. Esta última fase é encenada como um período atormentado pela perseguição do regime nazista a seu povo, no

⁷⁰¹ TERESA DE ÁVILA, S. *Moradas do castelo interior*. Trad. Manuel de Lucena. 260. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988, 7 Moradas 1,3.

⁷⁰² A SÉTIMA morada: Santa Edith Stein. Direção: Marta Meszaros. Produção: Paulinas Comep. São Paulo: Paulinas, 2006, 1 DVD.

qual Edith Stein aprofunda a sua mística, alicerçando-se nos seus mestres Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz.⁷⁰³

No itinerário das moradas, Edith Stein chega ao Carmelo de Echt [Holanda]. No dia 02 de agosto de 1942, ela é presa e levada para Auschwitz, juntamente com sua irmã Rosa Stein, onde morreu gaseada, oferecendo a sua vida pela Igreja, pela paz e pela salvação de seu povo.⁷⁰⁴

No documentário *Edith Stein: uma vida polifacética*, colhemos as seguintes palavras de Maria Clara Lucchetti Bingemer:

Desde a infância, Edith Stein — nascida em lar judeu profundamente religioso — sentia uma profunda fome de verdade e tinha uma vida interior. Tornou-se filósofa, discípula de Husserl, com uma formação acadêmica muito séria na Alemanha, durante o período entre guerras. A universidade foi seu lar até que ela experimentou o chamado à conversão ao Cristianismo. Foi batizada e sentiu o chamado à vocação religiosa, entrando no Carmelo.

Edith Stein amava a filosofia e o conhecimento, e esse amor a levou a questionar o modo como teria que se edificar uma ponte entre a maneira como este denso mundo pessoal — subjetivo e marcado fortemente por uma atividade espiritual — percebe o mundo aparente e o modo como este mundo aparente — objetivo e caracterizado pela objetividade corpórea — se apresenta à percepção subjetiva da consciência.

Quando a solução final nazista avançou também sobre os cristãos convertidos do judaísmo e que o apoiaram, Edith Stein viveu o desafio definitivo da entrega de sua vida pelo povo hebreu que nunca deixou de ser o seu.⁷⁰⁵

Para os fins didático-pedagógicos, Maria Clara Lucchetti Bingemer delineou os conteúdos de *Edith Stein: uma vida polifacética* do seguinte modo: a] Uma vida polifacética; b] A filosofia como busca da verdade; c] “Isto é a verdade”; d] Conversão e convocação ao Carmelo; e] A guerra e a pertença ao povo judeu; f] A vida oferecida em expiação por Israel; g]

⁷⁰³ A SÉTIMA morada: Santa Edith Stein. Direção: Marta Meszaros. Produção: Paulinas Comep. São Paulo: Paulinas, 2006, 1 DVD.

⁷⁰⁴ A SÉTIMA morada: Santa Edith Stein. Direção: Marta Meszaros. Produção: Paulinas Comep. São Paulo: Paulinas, 2006, 1 DVD.

⁷⁰⁵ EDITH STEIN: uma vida polifacética. Direção: Maria Clara Lucchetti Bingemer. Produção: Pia Sociedade de São Paulo. São Paulo: Paulus, s/d, 1 DVD. [Coleção Místicos Contemporâneos], contracapa.

Uma só vida e uma fidelidade plural] g] Edith Stein: convergência entre o mistério de Israel e o mistério de Cristo.⁷⁰⁶

Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — PUC/SP, Gilberto Safra produziu DVDs com aulas gravadas no Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET com séries sobre Edith Stein, publicadas pelas Edições Sobornost. Na série *Contribuições dos filósofos para a prática clínica* colhemos as seguintes reflexões: a] Ser finito e ser eterno: a contribuição da fenomenologia de Edith Stein para a clínica contemporânea; b] A fenomenologia de Edith Stein; b] Antropologia e clínica a partir da ética. Na série *Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica* encontramos o DVD intitulado “Edith Stein — a estrutura da pessoa humana: epistemologia.

QUADRO 11 MARCO HISTÓRICO LATINO-AMERICANO XI: FILMES SOBRE EDITH STEIN EM LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESA

Edith Theresa Hedwing Stein [1891 — 1942]	Ano[s]	Título [e subtítulo]
	2006	A SÉTIMA morada: Santa Edith Stein. Direção: Marta Meszaros. Produção: Paulinas Comep. São Paulo: Paulinas, 2006, 1 DVD.

QUADRO 12 MARCO HISTÓRICO LATINO-AMERICANO XII: VÍDEOS SOBRE EDITH STEIN EM LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESA

Edith Theresa Hedwing Stein [1891 — 1942]	Ano[s]	Título [e subtítulo]
	2007	ANTROPOLOGIA e clínica a partir da ética: a dimensão suprapessoal da pessoa — o registro comunitário. Aula 1 — DVD 1 — A vida em comunidade. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2007, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].
2007	ANTROPOLOGIA e clínica a partir da ética: a dimensão suprapessoal da pessoa — o registro comunitário. Aula 1 — DVD 2 — A vida em comunidade. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade	

⁷⁰⁶ EDITH STEIN: uma vida polifacética. Direção: Maria Clara Lucchetti Bingemer. Produção: Pia Sociedade de São Paulo. São Paulo: Paulus, s/d, 1 DVD. [Coleção Místicos Contemporâneos].

— LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2007, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

2007 ANTROPOLOGIA e clínica a partir da ética: a dimensão suprapessoal da pessoa — o registro comunitário. Aula 2 — DVD único — Tipos, comunidade e associação. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2007, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

2007 ANTROPOLOGIA e clínica a partir da ética: a dimensão suprapessoal da pessoa — o registro comunitário. Aula 3 — DVD único — O povo como comunidade. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2007, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

2007 ANTROPOLOGIA e clínica a partir da ética: a dimensão suprapessoal da pessoa — o registro comunitário. Aula 4 — DVD único — Caráter do povo e experiência de valor. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2007, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

2007 ANTROPOLOGIA e clínica a partir da ética: a dimensão suprapessoal da pessoa — o registro comunitário. Aula 5 — DVD 1 — Síntese do percurso de Edith Stein e conclusões. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2007, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

2007 ANTROPOLOGIA e clínica a partir da ética: a dimensão suprapessoal da pessoa — o registro comunitário. Aula 5 — DVD 2 — Síntese do percurso de Edith Stein e conclusões. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2007, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

2007 ANTROPOLOGIA e clínica a partir da ética: a dimensão suprapessoal da pessoa — o registro comunitário. Aula 5 — DVD 2 — Síntese do percurso de Edith Stein e conclusões. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2007, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

2005 A FENOMENOLOGIA de Edith Stein: o Homem como coisa material e o organismo vivo. DVD 2. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005, 2 DVDs. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

2005 A FENOMENOLOGIA de Edith Stein: a alma animal e o homem. DVD único. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

2005 EDITH STEIN — a estrutura da pessoa humana: epistemologia. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET

[PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005, 2 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

2005 EDITH STEIN: uma vida polifacética. Direção: Maria Clara Lucchetti Bingemer. Produção: Pia Sociedade de São Paulo. São Paulo: Paulus, s/d, 1 DVD. [Coleção Místicos Contemporâneos].

2005/2006 ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 1 — DVD duplo — Corpo, Imagem e Hilética — Corporeidade e Transcendência na Clínica Contemporânea. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 2 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

2005/2006 ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 2 — DVD duplo — Uma clínica e uma pedagogia a partir de Edith Stein — Porque estudar Edith Stein. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 2 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

2005/2006 ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 3 — DVD duplo — Uma clínica e uma pedagogia a partir de Edith Stein — Implicações para a prática clínica, pedagógica e para as ciências humanas. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 2 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

2005/2006 ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 4 — DVD duplo — Conhecimento, espírito e amor — os eixos principais da condição humana. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 2 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

2005/2006 ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 5 — DVD duplo — Edith Stein — a estrutura da pessoa humana: epistemologia. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 2 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

2005/2006 ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 6 — DVD tríple — A fenomenologia de Edith Stein: o Homem como coisa material e organismo vivo. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 3 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

2005/2006 ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 7 — DVD tríple — A fenomenologia de Edith Stein: a alma animal e o Homem. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 3 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

2005/2006 ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 8 — DVD tríple — Liberdade: fundamento do humano — Teoria das espécies: a antropologia subjacente. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 3 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

2005/2006 ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 9 — DVD tríple — Liberdade: fundamento do humano — A questão da decisão no Homem. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 3 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

2005/2006 ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 10 — DVD quádruplo — O Ser Humano: corpo, psique e espírito — A alma como forma e como espírito. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 4 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

2005/2006 ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 11 — DVD quádruplo — O Ser Humano: corpo, psique e espírito — O vértice hilético: o sentido contido na materialidade. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 4 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

2005/2006 ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 12 — DVD duplo — Sentidos especificamente humanos — O sentido háptico e o sentido hilético. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 2 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

2005/2006 ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 13 — DVD duplo — A dimensão do espírito no ser humano — Apreensão do sentido originário inerente às coisas e ao Outro. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 2 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

2007 SER FINITO e Ser Eterno: a contribuição da fenomenologia para a clínica contemporânea. Aula 1 — DVD 1 — Edith Stein, sua vida e seu aporte à filosofia, à pedagogia e à clínica. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2007, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

2007 SER FINITO e Ser Eterno: a contribuição da fenomenologia para a clínica contemporânea. Aula 1 — DVD 2 — Edith Stein, sua vida e seu aporte à filosofia, à pedagogia e à clínica. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2007, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

2007 SER FINITO e Ser Eterno: a contribuição da fenomenologia para a clínica contemporânea. Aula 2 — DVD 1 — Experiência vital e essência. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2003, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

2007 SER FINITO e Ser Eterno: a contribuição da fenomenologia para a clínica contemporânea. Aula 2 — DVD 2 — Experiência vital e essência. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2003, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

2007 SER FINITO e Ser Eterno: a contribuição da fenomenologia para a clínica contemporânea. Aula 3 — DVD 1 — Conhecimento pela razão e inteligência. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2007, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

2007 SER FINITO e Ser Eterno: a contribuição da fenomenologia para a clínica contemporânea. Aula 3 — DVD 2 — Conhecimento pela razão e inteligência. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2007, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

2007 SER FINITO e Ser Eterno: a contribuição da fenomenologia para a clínica contemporânea. Aula 4 — DVD 1 — Introdução ao conceito de eu sou. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2003, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

2007 SER FINITO e Ser Eterno: a contribuição da fenomenologia para a clínica contemporânea. Aula 4 — DVD 2 — Introdução ao conceito de eu sou. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2003, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

2007 SER FINITO e Ser Eterno: a contribuição da fenomenologia para a clínica contemporânea. Aula 5 — DVD único — Conceito de hiletica. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2003, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

2007 SER FINITO e Ser Eterno: a contribuição da fenomenologia para a clínica contemporânea. Aula 6 — DVD único — Conceito de pessoa e comunidade. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2003, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

2007 SER FINITO e Ser Eterno: a contribuição da fenomenologia para a clínica contemporânea. Aula 7 — DVD único — O eu sou e o EU SOU. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET

[PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2003, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

2.1.3

TESES E DISSERTAÇÕES

[...] Não pode existir uma honesta pesquisa intelectual — ensinamos Edith Stein — se esta não for o acerto de contas com uma práxis na qual todos, responsabilmente, se envolva em primeira pessoa. A pesquisa, de fato, nos impulsiona não só procurar a Verdade, mas também a torná-la visível para os outros com o testemunho de uma vida ética. A busca da Verdade, fim último de todo pesquisador, não pode abrir mão do comprometimento, porque, caso contrário, corre-se o risco de realizar uma tarefa que, além de não ser capaz de aderir à realidade, pode também criar escolas de pensamento que não conseguem fornecer uma leitura aderente à plena dignidade do ser humano.⁷⁰⁷

Na República Federativa do Brasil, a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES do Ministério da Educação — MEC, criada em 11 de julho de 1951, atua na expansão e consolidação de programas de pós-graduação *stricto sensu* [mestrado e doutorado] no País. No Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, optamos por acessar o acervo por meio das seguintes palavras-chave: Edith Stein. Estado.⁷⁰⁸ Por esta via, colheu-se as seguintes pesquisas:

Na Região Sudeste [Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo] colhemos 9 [nove] Teses de Doutorado em Edith Stein. Na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC Minas encontramos 1 [uma] Tese de Doutorado no Programa de Pós-graduação em Psicologia. Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — PUC/SP extraímos 1 [uma] Tese de Doutorado no Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação.

Na Universidade de São Paulo — USP reunimos 1 [uma] Tese de Doutorado do Programa de Pós-graduação em História Social, 1 [uma] Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica — PSC e 4 [quatro] Teses de Doutorado do Programa de Pós-graduação

⁷⁰⁷ ALFIERI, F. *Pessoa Humana e Singularidade em Edith Stein*. Trad. Clio Tricarico. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 1.

⁷⁰⁸ CAPES. *Catálogo de Teses e Dissertações*. Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>>. Acesso em 14 de novembro de 2018.

em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. No Estado do Rio de Janeiro, encontramos 1 [uma] Tese de Doutorado no Programa de Pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio.

No Estado do Rio de Janeiro, destacam-se na difusão do conhecimento filosófico — e teológico — de Edith Stein as contribuições de Paulo Fernando Carneiro de Andrade e Maria Clara Lucchetti Bingemer, ambos do Programa de Pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio.

No Estado de São Paulo colhemos 2 [duas] Dissertações de Mestrado na Universidade de São Paulo — USP, sendo 1 [uma] do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e 1 [uma] do Programa de Pós-graduação em Psicologia; 1 [uma] no Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Metodista de São Paulo — UMESP; 3 [três] na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — PUC/SP, sendo 1 [uma] do Programa de Pós-graduação em Educação: Psicologia da Educação, 1 [uma] do Programa de Pós-graduação em Teologia; 1 [uma] do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião e 1 [uma] no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo — UNIFESP.

No Estado de Minas Gerais encontramos 1 [uma] Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais — UFMG; 1 [uma] no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia — UFU, 1 [uma] no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora — UFJF e 1 [uma] no Programa de Pós-graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto — UFOP.

Na Região Centro-oeste colhemos apenas 1 [uma] Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Goiás — UFG.

Na Região Sul [Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina], colhemos apenas 1 [uma] Tese de Doutorado no Programa de Pós-graduação em Teologia da Escola Superior de Teologia — EST, São Leopoldo [RS], defendida por Clélia Peretti, uma das pioneiras nos estudos e nas pesquisas em Edith Stein no Brasil.

No Estado do Rio Grande do Sul constatamos 1 [uma] Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria — UFSM; 1 [uma] no Programa de Pós-graduação em Teologia da Escola Superior de Teologia — EST.

No Estado do Paraná 4 [quatro] Dissertações de Mestrado foram encontradas no Programa de Pós-graduação em Teologia — PGT da Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, no qual destacamos as contribuições da Profa. Dra. Clélia Peretti e do Prof. Dr. Pe. Marcio Luiz Fernandes na difusão do conhecimento de Edith Stein no Brasil.

Na Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR escavamos a primeira dissertação de mestrado [brasileira] sobre o Estado em Edith Stein, intitulada *A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico-político da vida associada*, defendida — com distinção e louvor — por Everaldo dos Santos Mendes no Programa de Pós-graduação em Teologia — PPGT em 2013, sob a orientação do Prof. Dr. Pe. Marcio Luiz Fernandes.

Na Região Nordeste [Bahia, Sergipe, Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão] colhemos apenas 2 [duas] Dissertações de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará — UECE. Não obstante, destacamos a difusão do pensamento de Edith Stein promovida pelas seguintes instituições: Universidade do Estado da Bahia — UNEB, Universidade Católica do Salvador — UCSal, Universidade Estadual do Ceará — UECE, Faculdade Católica de Fortaleza — FCF, Faculdade João Calvino — FJC, Faculdade de Santa Cruz da Bahia — FSC, Faculdade

Católica de Feira de Santana — FACFS, Faculdade do Sertão Baiano — FASB e Instituto Edith Theresa Hedwing Stein — ISTEIN.⁷⁰⁹

Na presente pesquisa, não colhemos nenhuma de Tese de Doutorado em Edith Stein na Região Centro-oeste [Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal], Norte [Tocantins, Acre, Pará, Rondônia, Roraima, Amapá e Amazonas]. Nas Regiões Centro-oeste e Norte, a difusão do pensamento de Edith Stein revelou-se incipiente.

QUADRO 13 MARCO HISTÓRICO LATINO-AMERICANO XIII: TESES DE DOUTORADO EM EDITH STEIN [BRASIL]

Região	Título [e subtítulo]
Sudeste	COELHO JUNIOR, A. G. <i>Autenticidade e corporeidade na obra de Edith Stein</i> . 2018. 252 f. Tese [Doutorado em Psicologia]. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo — USP, Ribeirão Preto [SP], 2018.
Sudeste	ALMEIDA, E. <i>Assim como Nossos Pais? Possibilidades de Reinvenção nas Relações de Conjugalidade</i> . 2016. 386 f. Tese [Doutorado em Psicologia]. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC Minas, Belo Horizonte [MG], 2016.
Sudeste	CARDOSO, C. de R. D. <i>A psique entre a natureza e a cultura em Edith Stein e William Stern</i> . 2017. 207 f. Tese [Doutorado em Psicologia]. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo — USP, Ribeirão Preto [SP], 2017.
Sudeste	CARNEIRO, S. F. B. <i>A Formação Humana em Contexto de Violência: Uma Compreensão Clínica a partir da Fenomenologia de Edith Stein</i> . 2016. 318 f. Tese [Doutorado em Psicologia Clínica]. Universidade de São Paulo — USP, São Paulo [SP], 2016.
Sudeste	NOVINSKY, I. W. <i>Edith Stein [1891 – 1942] em busca da verdade em tempos sombrios</i> . 262 f. Tese [Doutorado em História]. Universidade de São Paulo — USP, São Paulo [SP], 2012.
Sudeste	ROCHA, M. C. M. da. <i>O Sentido de Formação em Edith Stein: Fundamento Teórico para uma Educação Integral</i> . 2014. 154 f. Tese [Doutorado em Educação:

⁷⁰⁹ No Estado da Bahia, a Universidade Católica do Salvador — UCSal sediou dois simpósios internacionais em Edith Stein, em Salvador. Na cidade de Senhor do Bonfim — onde há Carmelo [feminino] dedicado a Edith Stein [Santa Teresa Benedita da Cruz] —, a Universidade do Estado da Bahia — UNEB sediou um simpósio internacional em Edith Stein, com a presença da Profa. Dra. Ir. Jacinta Turolo Garcia [USC]. No ano de 2005, Everaldo dos Santos Mendes fundou o Instituto Edith Theresa Hedwing Stein — ISTEIN, em Santaluz [Território de Identidade Sisal]. No ano de 2009, Everaldo dos Santos Mendes fundou a Faculdade de Santa Cruz da Bahia — FSC, com sede em Itaberaba [Território de Identidade Piemonte do Paraguaçu], que tem como patrona Santa Teresa Benedita da Cruz. No Estado do Ceará, surgiu — em Quixadá — o GT Edith Stein, em 2005.

Psicologia da Educação]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — PUC/SP, São Paulo [SP], 2014..

Sudeste SBERGA, A. A. *A formação da pessoa em Edith Stein*: contribuição para a construção de itinerários educativos para crianças, adolescentes e jovens. 2013. 303 f. Tese [Doutorado em Psicologia]. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo — USP, Ribeirão Preto [SP], 2013.

Sudeste SILVA, N. H. L. P. da. *Saúde Mental na Estratégia Saúde da Família*: uma compreensão a partir da fenomenologia de Edith Stein. 2011. 210 p. Tese [Doutorado em Psicologia]. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo — USP, Ribeirão Preto [SP], 2011.

Sudeste SILVA, L. C. de C. *Edith Stein: fé e transformação social na obra "A Ciência da Cruz"*. Rio de Janeiro [RJ], 2018. 420 f. Tese [Doutorado em Teologia]. Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio, Rio de Janeiro [RJ], 2018.

Sul PERETTI, C. *Edith Stein e as Questões de Gênero: Perspectiva Fenomenológica e Teológica*. 2009. 304 p. Tese [Doutorado em Teologia]. Escola Superior de Teologia — EST, São Leopoldo [RS], 2009.

QUADRO 14 MARCO HISTÓRICO LATINO-AMERICANO XIV: DISSERTAÇÕES DE MESTRADO EM EDITH STEIN [BRASIL]

ÁREA[S] DE CONHECIMENTO: CIÊNCIAS HUMANAS

Região	Título [e subtítulo]
Sudeste	CARDOSO, C. de R. D. <i>Contribuições de Edith Stein para a Epistemologia das Ciências e para a Psicologia Científica</i> . 2012. 152 f. Dissertação [Mestrado em Psicologia]. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo — USP, Ribeirão Preto [SP], 2012.
Sudeste	CARNEIRO, S. F. B. <i>A articulação entre escola e comunidade do entorno em um projeto de literatura marginal</i> : um olhar fenomenológico. 2011. 280 f. Dissertação [Mestrado em Educação: Psicologia da Educação]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — PUC/SP, São Paulo [SP], 2011.
Nordeste	COELHO, K. G. da S. <i>A liberdade na relação indivíduo e comunicação segundo Edith Stein</i> . 2012. 109 f. Dissertação [Mestrado em Filosofia]. Universidade Estadual do Ceará — UECE, Fortaleza [CE], 2012.
Sudeste	COELHO JUNIOR, A. G. <i>As especificidades da comunidade religiosa: pessoa e comunidade na Obra de Edith Stein</i> . 2006. 167 f. Dissertação [Mestrado em Psicologia]. Universidade Federal de Minas Gerais — UFMG, Belo Horizonte [MG], 2006.
Sudeste	DALABENETA, E. <i>O Pensamento Litúrgico de Edith Stein: Contexto — Conceito — Contribuição</i> . 2013. 121 f. Dissertação [Mestrado em Teologia]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — PUC/SP, São Paulo [SP], 2013.

Sudeste	DEMARCHI, L. <i>A Concepção sobre Ser Humano para o Discente do Curso de Administração: Aproximações com a Fenomenologia de Edith Stein</i> . 2013. 123 f. Dissertação [Mestrado em Administração]. Universidade Metodista de São Paulo — UMESP, São Bernardo do Campo [SP], 2013.
Nordeste	FARIAS, M. R. <i>A Empatia como Condição de Possibilidade para o Agir Ético</i> . 2013. 97 f. Dissertação [Mestrado em Filosofia]. Universidade Estadual do Ceará — UECE, Fortaleza [CE], 2013.
Sudeste	FERREIRA, D. S. <i>Empatia: uma história intelectual de Edith Stein 1891-1942</i> . 2018. 154 f. Dissertação [Mestrado em História]. Instituto Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto — UFOP, Ouro Preto [MG], 2018.
Sudeste	KUSANO, M. B. <i>A Antropologia de Edith Stein: Entre Deus e a Filosofia</i> . 2009. 120 f. Dissertação [Mestrado em Ciências da Religião]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — PUC/SP, São Paulo [SP], 2009.
Sul	LAUFER, A. <i>A Experiência Religiosa do Ser Humano: evidências em Carl Gustav Jung e Edith Stein</i> . 2013. 160 f. Dissertação [Mestrado em Teologia]. Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.
Sul	MENDES, E. S. <i>A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico da vida associada</i> . 2013. 227 f. Dissertação [Mestrado em Teologia], Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.
Sudeste	MORAES, M. A. B. de. <i>O problema mente-corpo na Psicologia Fenomenológica de Edith Stein: implicações para uma fundamentação da ciência psicológica</i> . 2016. 213 f. Dissertação [Mestrado em Psicologia]. Universidade Federal de Uberlândia — UFU, Uberlândia [MG], 2016.
Sudeste	OLIVEIRA, A. L. de. <i>O cuidado como uma ética: contribuições de Edith Stein e Donald Winnicott</i> . 2014. 107 f. Dissertação [Mestrado em Psicologia Clínica]. Universidade de São Paulo — USP, São Paulo [SP], 2014.
Sudeste	PARISE, M. C. I. <i>As Colorações da Alma na Análise da Pessoa Humana Segundo Edith Stein</i> . 2014. 234 f. Dissertação [Mestrado em Filosofia]. Universidade Federal de São Paulo — UNIFESP, Guarulhos [SP], 2014.
Sul	RICORDI, A. A. D. <i>Experiência Mística em Edith Stein: da fenomenologia à ciência da cruz</i> . Curitiba [PR], 2016. 104 f. Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2016.
Sul	ROSSI, D. A. <i>Corporeidade na Especificidade Humana em Edith Stein</i> . 2016. 100 f. Dissertação [Mestrado em Teologia]. Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2016.
Centro-oeste	ROCHA, R. C. <i>Método e Metafísica em Edith Stein: via agostiniana e via aristotélica no procedimento investigativo de ascensão ao sentido do ser</i> . 2016. 90 f. Dissertação [Mestrado em Filosofia]. Universidade Federal de Goiás — UFG, Goiânia [GO], 2016.
Sul	SILVA, A. M. B. da. <i>O Sentido da Pessoaalidade da Mulher em Edith Stein</i> . 2014. 86 f. Dissertação [Mestrado Profissional em Teologia]. Escola Superior de Teologia — EST, Leopoldo [RS], 2014.

Sudeste SILVA, L. C. de C. *A empatia e o diálogo judaico-cristão em Edith Stein*. 2013. 205 f. Mestrado em Ciência da Religião. Universidade Federal de Juiz de Fora — UFJF, Juiz de Fora [MG], 2013.

2.1.4

INICIAÇÃO CIENTÍFICA, MONOGRAFIAS E ARTIGOS

Nós somos instigadores!
Mas os passos do tempo,
Considerai insignificantes
Entre o que sempre permanece.

Toda pressa
Já terá passado.
Pois só o que perdura
Nos incita.

Jovens, não jogueis
A coragem na velocidade
Ou nas experiências de vôo.

Tudo repousa:
Escuridão e claridade,
Flor e livro.⁷¹⁰

Na colheita de trabalhos de iniciação científica e de Trabalhos de Conclusão de Curso — TCCs [Monografias] contamos com os estudos e as pesquisas de Instituições de Ensino Superior — IES disponíveis em repositórios institucionais próprios, acessíveis pela internet.

QUADRO 15 MARCO HISTÓRICO LATINO-AMERICANO XV: INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM EDITH STEIN [BRASIL]

ÁREA[S] DE CONHECIMENTO: CIÊNCIAS HUMANAS, CIÊNCIAS DA SAÚDE E LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES	IES	Título [e subtítulo]
	PUC-Rio	FAUSTINO, N. G. <i>Santidade e humanização: contribuições de Edith Stein para a compreensão e vivência da santidade cristã hoje</i> . Iniciação científica. Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio, Rio de Janeiro [RJ], 2009.
	FNSL	MENDES, E. S. <i>A experiência poética de Edith Stein</i> . Iniciação científica. Faculdade Nossa Senhora de Lourdes — FNSL, Porto Seguro [BA], 2005.
	FNSL	MENDES, E. S. <i>O velamento e o des-velamento de Deus em Edith Stein: um estudo do período fenomenológico [1915 — 1920]</i> . Iniciação científica. Faculdade Nossa Senhora de Lourdes — FNSL, Porto Seguro [BA], 2006.
	FJC	MENDES, E. S. <i>Teoria e método fenomenológico em Edith Stein</i> . Iniciação científica. Faculdade João Calvino — FJC, Barreiras [BA], 2008.

⁷¹⁰ RILKE, R. M. *Sonetos a Orfeu; Elegias de Duíno*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. 4. ed. USF, 2005, p. 63.

FJC MENDES, E. S. *O problema do Estado em Edith Stein*. Iniciação científica. Faculdade João Calvino — FJC, Barreiras [BA], 2009.

FJC MENDES, E. S. *O problema do Estado em Edith Stein*. Iniciação científica. Faculdade João Calvino — FJC, Barreiras [BA], 2009.

USP NUNES, I. P. *A fenomenologia da corporeidade em Edith Stein*: buscando contribuições para a educação física. Iniciação científica. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo — USP, Ribeirão Preto [SP], 2010.

USP OTTONI, G. P. *Uma análise ontológica da experiência de dor em atletas lesionados*: contribuições da fenomenologia de Edith Stein à psicologia. Iniciação científica. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo — USP, Ribeirão Preto [SP], 2013.

PUC-Rio PIORNO, Y. *A mística na contemporaneidade*: Edith Stein. Iniciação científica. Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio, Rio de Janeiro [RJ], 2010.

UFSJ PONTES, D. C. *A constituição do ser humano no pensamento fenomenológico de Edith Stein*. Iniciação científica. Departamento de Filosofia, Universidade Federal de São João Del Rey — UFSJ, São João Del Rey [MG], 2012.

UFSJ PONTES, D. C. *A empatia como condição e possibilidade de conhecimento do sujeito psicofísico em Edith Stein*. Iniciação científica. Departamento de Filosofia, Universidade Federal de São João Del Rey — UFSJ, São João Del Rey [MG], 2013.

UFG ROCHA, R. C. *A questão do ser individual em Tomás de Aquino e Edith Stein*. Iniciação científica. Departamento de Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia [GO], 2013.

UNIFESP SILVA, D. P. *Uma leitura da obra "O problema da empatia" de Edith Stein*. Iniciação científica. Departamento de Filosofia, Universidade Federal de São Paulo — USP, Guarulhos [SP], 2012.

No Estado da Bahia, desvelam-se — dignas de nota — as contribuições de Edith Stein para o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica — PARFOR, delineadas em duas monografias produzidas no âmbito da formação e práxis pedagógica de professores-pesquisadores da Rede Municipal de Ensino de Queimadas no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Departamento de Educação do Campus XIV — Conceição do Coité — da Universidade do Estado da Bahia — UNEB, sob a orientação de Everaldo dos Santos Mendes: *A formação da pessoa humana em Edith Stein* [2014], de Anastácio Reis da

Silva, Jamara Mary Sobrinho da Silva e Vinebalda Santos Carmo⁷¹¹ e *A mulher em Edith Stein* [2014], de Mara Núbia Pereira Bispo dos Santos.⁷¹²

QUADRO 16 MARCO HISTÓRICO LATINO-AMERICANO XVI: MONOGRAFIAS EM EDITH STEIN [BRASIL]

Região	Título [e subtítulo]
Sul	AZEREDO, J. <i>A concepção de ser finito e ser eterno de Edith Stein</i> . Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Centro Universitário de Brusque — UNIFEBE, Brusque [SC], 2005.
Sudeste	BARCELOS, D. A. <i>Edith Stein: da fenomenologia à mística</i> . Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Universidade Federal de São João Del Rey — UFSJ, São João Del Rey [MG], 2009.
Sul	BARRETO, L. <i>O conhecimento da cruz em Edith Stein</i> . Trabalho de Conclusão de Curso, Departamento de Filosofia, Faculdade São Luiz, Brusque [SC], 2003.
Sudeste	BASTOS, D. M. <i>O pensamento filosófico de Edith Stein: a presença da mulher na filosofia</i> . Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Centro Universitário Salesiano — UNISAL, Lorena [SP], 2009.
Sul	BAVARESCO, G. <i>A concepção de espírito em Edith Stein: um estudo a partir da obra Der Aufbau der menschlichen Person</i> . Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Universidade de Caxias do Sul — UCS, Caxias do Sul [RS], 2013.
Sudeste	CARMO, J. R. <i>A empatia em Edith Stein como fundamento de uma ética da vida coletiva</i> . Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Universidade Católica de Petrópolis — UCP, Petrópolis [RJ], 2013.
Sudeste	CARVALHO, R. S. T. de. <i>Análise sobre a visão de Edith Stein e Paulo Freire sobre a mulher educadora</i> . Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Pedagogia, Faculdade Bandeirantes — FABAN, Ribeirão Preto [SP], 2010.
Sul	DALABENETA, E. <i>Ontologia Teorrelacional: fundamentos da experiência de Deus na relação com o mundo e com o outro na vida de Edith Stein</i> . Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Faculdade São Luiz, Brusque [SC], 2002.
Sul	DALDOCE JÚNIOR, D. O. <i>O problema da empatia em Edith Stein</i> . Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Faculdade São Luiz, Brusque [SC], 2008.
Sudeste	FAUSTINO, N. G. <i>Santidade cristã hoje: uma reflexão teológica e o testemunho de Edith Stein</i> . Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de

⁷¹¹ SILVA, A. R. da; SILVA, J. M. S. da; CARMO, V. S. *A formação da pessoa humana em Edith Stein*. 2014. 59 f. Monografia [Licenciatura em Pedagogia]. Departamento de Educação — Campus XIV — Universidade do Estado da Bahia — UNEB, Conceição do Coité [BA], 2014.

⁷¹² SANTOS, M. N. P. B. dos. *A mulher em Edith Stein*. 2014. 45 f. Monografia [Licenciatura em Pedagogia]. Departamento de Educação — Campus XIV — Universidade do Estado da Bahia — UNEB, Conceição do Coité [BA], 2014.

	Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio, Rio de Janeiro [RJ], 2010.
Sudeste	FURIATTI FILHO, M. A. <i>Concepção de homem em Edith Stein</i> . Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC Minas, Belo Horizonte [MG], 2000.
Sul	GIBELATO, R. E. <i>A abertura do ser humano à transcendência segundo Edith Stein</i> . Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Faculdade São Luiz, Brusque [SC], 2010.
Sudeste	GOTO, N. B. G. <i>O sentido da escola na formação humana: legado pedagógico de Edith Stein</i> . Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC Minas, Belo Horizonte [MG], 2009.
Sudeste	LEITE, C. <i>A vida e a obra de Edith Stein — Santa Teresa Benedita da Cruz — à luz de Sören Kierkegaard</i> . Monografia [Especialização]. Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro — IFEN, Rio de Janeiro [RJ], 2008.
Sudeste	MENDES, A. R. P. <i>Edith Stein e a busca pelo sentido do ser: o itinerário da existência rumo ao ser eterno</i> . Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Instituto São Tomás de Aquino — ISTA, Belo Horizonte [MG], 2013.
Sudeste	MENDES, E. S. <i>A noção de Estado de Edith Stein</i> . Monografia [Especialização]. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC Minas, Belo Horizonte [MG], 2010.
Sudeste	MENDES, E. S. <i>A questão do Estado como portador do acontecer histórico em Edith Stein</i> . Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Universidade Iguazu — UNIG, Nova Iguaçu [RJ], 2013.
Centro-oeste	MENDES, E. S. <i>Que é isto — o Estado em Edith Stein?</i> Monografia [Licenciatura em Filosofia]. Faculdade Católica de Anápolis — FCA, Anápolis [GO], 2014.
Sudeste	MENDES, E. S. <i>A comunidade estatal em Edith Stein</i> . Monografia [Bacharelado em Teologia]. Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio, Rio de Janeiro [RJ], 2014.
Sudeste	MORAES, J. C. <i>A cruz em Edith Stein</i> . Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Teologia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia — FAJE, Belo Horizonte [MG], 2010.
Sul	RABELO, A. A. <i>A concepção de Deus na obra “Ser finito e ser eterno” de Edith Stein</i> . Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Universidade de Caxias do Sul — UCS, Caxias do Sul [RS], 2013.
Sul	SAMUEL, P. S. <i>A formação da mulher na filosofia de Edith Stein</i> . Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2012.
Sul	SANTANA, T. V. <i>A concepção de corporeidade em Edith Stein</i> . Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Faculdade São Luiz, Brusque [SC], 2008.
Nordeste	SANTOS, M. N. P. B. dos. <i>A mulher em Edith Stein</i> . 2014. 45 f. Monografia [Licenciatura em Pedagogia]. Departamento de Educação — Campus XIV — Universidade do Estado da Bahia — UNEB, Conceição do Coité [BA], 2014.

- Nordeste SILVA, A. R. da; SILVA; J. M. S. da; CARMO, V. S. *A formação da pessoa humana em Edith Stein*. 2014. 59 f. Monografia [Licenciatura em Pedagogia]. Departamento de Educação — Campus XIV — Universidade do Estado da Bahia — UNEB, Conceição do Coité [BA], 2014.
- Nordeste SILVA, E. E. *Edith Stein: a formação humana e o significado do trabalho*. Monografia [Especialização]. Departamento de Filosofia, Universidade Federal de Pernambuco — UFPE, Recife [PE], 2010.
- Sudeste SILVA, J. C. da. *A especificação da antropologia: entre Deus e a filosofia na obra de Edith Stein*. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Ciências da Religião, Faculdades Integradas Claretianas, Rio Claro [SP], 2008.
- Sudeste TAVARES, S. *O problema da empatia em Edith Stein*. Monografia [Especialização]. Departamento de Filosofia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro — UERJ, Rio de Janeiro [RJ], 2010.
- Sudeste VIEIRA, F. R. F. *O desenrolar do pensamento filosófico de Edith Stein da universidade ao carmelo*. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Centro Universitário Assunção — UNIFAI, São Paulo [SP], 2001.
- Nordeste VIEIRA, M. S. *Investigações fenomenológicas em Edith Stein*. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Faculdade de São Bento da Bahia — FSBB, Salvador [BA], 2011.
- Sudeste XAVIER, B. *A antropologia de Edith Stein*. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC Minas, Belo Horizonte [MG], 2001.
- Sudeste ZANINI, F. E. *A filosofia feminista de Edith Stein*. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Universidade Metodista de Piracicaba — UNIMEP, Piracicaba [SP], 2001.

Na Scientific Electronic Library Online — SciELO, acessamos a opção pesquisa artigos: a] Método: integrada; b] Entre com uma ou mais palavras onde: Edith Stein; c] País: Brasil.

QUADRO 17 MARCO HISTÓRICO LATINO-AMERICANO XVII: ARTIGOS EM EDITH STEIN [BRASIL]

Biblioteca	Título [e subtítulo]
SciELO	ALVES, V. H. [Et al]. <i>Cuidado ético do outro: contribuições de Edith Stein e Max Scheler</i> . Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/ean/v22n2/pt_1414-8145-ean-22-02-e20170382.pdf >. Acesso em 04 de novembro de 2018.
SciELO	ARAYA GOMEZ, G. <i>Crónica del I Simposio sobre Edith Stein "Hacia la pregunta por la mujer"</i> . Disponível em: < https://scielo.conicyt.cl/pdf/tv/v51n1-2/art12.pdf >. Acesso em 04 de novembro de 2018.
SciELO	BERRÍOS, F. Eucaristía y praxis cristiana : reflexiones en diálogo con Edith Stein. Disponível em: < https://scielo.conicyt.cl/pdf/tv/v59n3/0717-6295-tv-59-03-0329.pdf >. Acesso em 04 de novembro de 2018.
SciELO	BERRÍOS, F. <i>Iglesia, sacramento y celebración pública a la luz de la teoría del Estado de Edith Stein</i> . Disponível em: < https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0049-34492017000300339&lang=pt >. Acesso em 04 de novembro de 2018.

- SciELO BERRÍOS, F. *El yo como "espíritu" [Geist] en la antropología de Edith Stein y de Karl Rahner*. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/tv/v58n1/art05.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO BERRIOS, F.; CALCAGNO, C. *Edith Stein: Women, Social-political philosophy, Theology, Metaphysics and Public History. New Approaches and Applications*. Boston Studies in Philosophy, Religion and Public Life, Volume 4, Springer, Heidelberg-New York-Dordrecht-London 2016. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/tv/v57n3/art05.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO BICUDO, M. A. V. *Edith Stein e a psicologia — teoria e pesquisa*. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicodrama/v22n1/n1a15.pdf>>. Acesso em: 22 de novembro de 2018.
- SciELO BOTERO, Á. U. *Palabrerío y empatía*. sobre memoria por correspondencia de Emma Reyes. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/ef/n54/0121-3628-ef-54-00009.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO CABALLERO BONO, J. L. *En torno a la hermenéutica blanca de Ser y Tiempo en Edith Stein*. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/veritas/n27/art05.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO CABALLERO BONO, J. L. *Ejes transversales del pensamiento de Edith Stein*. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/tv/v51n1-2/art03.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO CARDOSO, C. L.; SILVA, N. H. L. P. da. *Contribuições da fenomenologia de Edith Stein para a atuação do psicólogo nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família [NASF]*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v16n2/05.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO COELHO JÚNIOR, A. G.; BARREIRA, C. R. A. *Formação da personalidade autêntica e corporeidade à luz de Edith Stein*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v29n3/1678-5177-pusp-29-03-345.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO CRESPO, M. *Aspectos fundamentales del método de Edith Stein*. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/tv/v51n1-2/art04.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO DI PIERRO, E. G. *Mis derechos y los derechos del otro*. Réplica a Luis Niel. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/rfoi/v8n13/2395-8936-rfoi-8-13-00033.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO DIAZ L., M. P. *La mujer nace y se hace: una interpretación de la propuesta de Edith Stein*. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0049-34492006000200014&lang=pt>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO DIAZ L., M. P. *La mujer, expresión de humanidad*. Una propuesta de identidad en el pensamiento de Edith Stein. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/tv/v45n1/art04.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO DONOSO-SABANDO, C. A. *La empatía en la relación médico-paciente como manifestación del respeto por la dignidad de la persona*. Una aportación de Edith Stein. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/pebi/v18n2/v18n2a08.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO INFANTE DEL ROSAL, F. *Ficción en la idea de empatía de Edith Stein*. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/idval/v62n153/v62n153a07.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

- SciELO MAHFOUD, M. *Unidade da pessoa segundo Edith Stein: contribuições à educação para a nutrição*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v19n4/v19n4a03.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO MAZA, L. M. de la. *Sobre el espíritu en Hegel y Edith Stein*. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0049-34492015000200006&lang=pt>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO MEANA, D. I. R. *Alasdair MacIntyre: Edith Stein. A philosophical prologue [1913-1922]*. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/trf/n31/0188-6649-trf-31-175.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO MEIS, A. *La experiencia originaria del ser humano en el mundo y su relevancia para el quehacer científico, según Causalidad Psíquica de Edith Stein*. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/veritas/n40/0718-9273-veritas-40-00161.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO MEIS, A. *La certeza simple de ser y su relevancia hoy según Edith Stein*. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-36492017000100113&lang=pt>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO MEIS, A. *Investigaciones en curso: La certeza de ser: Acercamiento histórico-sistemático a la encrucijada entre Tomás y Agustín en Edith Stein, «Potenz und Akt»*. Proyecto Fondecyt Regular 2015-2016. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/tv/v57n3/art08.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO MEIS, A. *Gracia desbordante y teología práctica, según Edith Stein, Die Seelenburg*. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/tv/v54n1/art05.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO MEIS, A. *Edith Stein y Tomás de Aquino: repercusión sobre la cuestión de la mujer*. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/tv/v51n1-2/art02.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO MEIS, A. *La cuestión de la especialidad de la mujer en Edith Stein [1891-1942]*. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/tv/v50n4/art04.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO MOOMAL, H. [Et al]. *Perceived discrimination and mental health disorders: The South African Stress and Health study*. Disponível em: <<http://www.scielo.org.za/pdf/samj/v99n5/a28v99n5.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO PALUMBO, C. A. de; BERTOLINI, A. *Logos y poesía como acontecimientos del mundo y de la carne: Edith Stein y Christophe Lebreton*. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/frcn/v58n165/v58n165a07.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO PALUMBO, C. A. de; BERTOLINI, A. *La alegría como signo de la nupcialidad en tensión escatológica: Christophe Lebreton - Edith Stein*. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/veritas/n32/art02.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO PÉREZ, E. V. M. *El concepto de empatía [Einfühlung] en Max Scheler y Edith Stein. Sus alcances religiosos y políticos*. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/veritas/n38/0718-9273-veritas-38-00077.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

- SciELO SUÁREZ, L. G. *La presencia de Dios en el castillo interior*: en torno a la complementariedad de la antropología mística de Santa Teresa de Jesús y la antropología fenomenológica de Edith Stein. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/valencia/v11n21/2007-2538-valencia-11-21-127.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.
- SciELO SZALAY, M. *Edith Stein, Patron of Europe*. Meditation on Philosophy as Testimony. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/rfoi/v5n7/v5n7a8.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

2.2

A QUESTÃO DO ESTADO EM EDITH STEIN

[...] A vida em comum se torna possível apenas quando há uma maioria que é mais forte que qualquer indivíduo e se conserva diante de qualquer indivíduo. Então o poder dessa comunidade se estabelece como “Direito”, em oposição ao poder do indivíduo, condenado como “força bruta”. Tal substituição do poder do indivíduo pelo poder da comunidade é o passo cultural decisivo. Sua essência está em que os membros da comunidade se limitam quanto às possibilidades de gratificação, ao passo que o indivíduo não conhecia tal limite. Portanto, a exigência cultural seguinte é a da justiça, isto é, a garantia de que a ordem legal que uma vez se colocou não será violada em prol de um indivíduo [...].⁷¹³

Historicamente, registrou-se a primeira dissertação de mestrado sobre a existência do Estado em Edith Stein no Programa de Pós-graduação em Teologia — PPGT [Área de Concentração: Teologia Sistemático-pastoral [Linha de Pesquisa: Teologia e Sociedade] — da Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, intitulada “*A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico da vida associada*”, defendida com “distinção e louvor” pelo teólogo latino-americano Everaldo dos Santos Mendes, sob orientação de Pe. Marcio Luiz Fernandes, em 2013.⁷¹⁴

Na pesquisa supracitada, o objeto de estudo foi o exame das análises realizadas por Edith Stein sobre as estruturas essenciais do Estado como forma associativa e a sua relação com os laços

⁷¹³ FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Pinguin Classics Companhia das Letras, 2011, p. 40.

⁷¹⁴ MENDES, E. S. *A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico da vida associada*. Dissertação [Mestrado em Teologia], Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.

comunitários.⁷¹⁵ No processo metodológico, realizou-se uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, fazendo uma leitura das principais obras de Edith Stein, juntamente com os comentários críticos de Angela Ales Bello, Alasdair MacIntyre e as pesquisas atuais sobre o Estado. Para tanto, ordenou-se, comparou-se e examinou-se os escritos de Edith Stein.⁷¹⁶

Para dar o corte teológico à reflexão crítica do Estado, o pesquisador parte da questão fundamental do sentido do ser em Edith Stein. Nos escritos de Edith Stein, a busca do sentido do ser reconduziu-o ao “primeiro ser”: o ser em pessoa, e mais do que isto: em Três pessoas — a Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo — o ser eterno. Nesta pesquisa, o ser humano é abordado como pessoa [ser finito]: o eu consciente e livre, que possui um corpo vivente [*Leibgestalt*], uma psique [*Seele*] e um espírito [*Geist*]. Por esta via, Everaldo dos Santos Mendes sobrepõe ao sujeito isolado — “líquido”⁷¹⁷ —, criado *in vitro* pelo projeto da Modernidade, um ser humano que não sua essência é *relação*.⁷¹⁸

Posicionando-se sobre a noção de *Dasein* [ser-aí] do filósofo contemporâneo alemão Martin Heidegger, declara-se que em Edith Stein o ser finito é um ser singularmente criado à imagem e semelhança de Deus, que não constitui fundamento de si mesmo — e não um mero ser lançado no mundo, que não se pergunta por quem o lançou. Por meio do ato *sui generis* da “entropatia” [*Einfühlung*], descreve-se as relações entre o “eu”, o “outro” — via de acesso ao “Outro”: *mysterium tremendum* — e o “nós”.⁷¹⁹

⁷¹⁵ MENDES, E. S. *A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico da vida associada*. Dissertação [Mestrado em Teologia], Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.

⁷¹⁶ MENDES, E. S. *A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico da vida associada*. Dissertação [Mestrado em Teologia]. Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.

⁷¹⁷ BAUMAN, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

⁷¹⁸ MENDES, E. S. *A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico da vida associada*. 2013. 227 f. Dissertação [Mestrado em Teologia]. Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.

⁷¹⁹ MENDES, E. S. *A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico da vida associada*. Dissertação [Mestrado em Teologia]. Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.

No fenômeno da vida associada, a comunidade [*Gemeinschaft*] aparece como a morada da pessoa humana, um ser que sozinho não consegue realizar-se plenamente — ser feliz. Na visão orgânica do Estado — pessoa jurídica —, o pesquisador identifica os aspectos espiritual [soberania], psíquico [povo] e corpóreo [território], sustentando que o Estado necessita de um solo do mesmo modo que uma pessoa humana carece de um corpo para viver.⁷²⁰

Na reflexão teológica sobre a existência do Estado, realizada no Programa de Pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Everaldo dos Santos Mendes expressa do seguinte modo a sua tese: **“Nos escritos de Edith Stein, deparamo-nos, então, com três possibilidades de vida associada, que — nos dias de hoje — podem ser encontradas na base do Estado: massa, sociedade e comunidade”**.⁷²¹ Por conseguinte, evidencia o autor que nos escritos de Edith Stein o “contrato social” não se sustenta como fundamento do Estado — como proclamou o Estado moderno, culminando nas grandes calamidades que se abateram sobre o mundo contemporâneo.

Para o século XXI, propõe uma reflexão crítica da questão do fundamento — onto-teológico-político — do Estado em Edith Stein, sob a perspectiva latino-americana. No seu modo conceber e de fazer teologia política, junta-se a Edith Stein na defesa da sagrada singularidade da pessoa humana, reclamando para a base do Estado um modo de vida associativa capaz de abarcar a pessoa humana em suas dimensões corpórea, psíquica e espiritual. Toda pessoa humana é inestimável. Na existência do Estado, advoga que a soberania — *condicio sine qua non* — está para o Estado assim como a liberdade está para a pessoa humana.⁷²²

⁷²⁰ MENDES, E. S. *A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico da vida associada*. Dissertação [Mestrado em Teologia]. Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.

⁷²¹ MENDES, E. S. *A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico da vida associada*. Dissertação [Mestrado em Teologia]. Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013, p. 206.

⁷²² MENDES, E. S. *A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico da vida associada*. Dissertação [Mestrado em Teologia]. Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.

Na perspectiva onto-teológico-política, a concepção steiniana — Trinitária — da pessoa humana tem um papel fundamental nos estudos e nas pesquisas do Estado de Everaldo dos Santos Mendes. Trata-se de uma antropologia cristocêntrica, que apreende a complexidade do ser humano tanto no sentido subjetivo quanto no intersubjetivo. Para a reflexão teológica do Estado no século XXI, este teólogo latino-americano argumenta que a história pessoal de Edith Stein mostra — ou melhor, confirma — uma extraordinária visão de conjunto, capaz de levar em conta o particular sempre orientado ao universal.⁷²³

Para a teologia como reflexão crítica da práxis histórica, se todos os seres humanos são filhos de Deus, criados — ontologicamente — à sua imagem e semelhança, logo todos são, por natureza, iguais — em dignidade e direitos — e se devem mútuo amor fraterno.⁷²⁴

[...] Daí resultam cristãos os dísticos da Revolução Francesa: *Egalité, Liberté, Fraternité*. Mais: se todos são fundamentalmente iguais, então ninguém é, por direito nativo, senhor do outro. Caso houver algum poder entre os homens [e não vemos porque não haja], esse poder deve ser interpretado e vivido como serviço.⁷²⁵

Poder os seres humanos possuem — exclusivamente — sobre os objetos e sobre o mundo; jamais sobre pessoas humanas, a quem devem prestar serviços.⁷²⁶ Para a teologia latino-americana da libertação,

[...] Deus é aquele que está mais alto e nada existe acima dele, ele não pode olhar para além de si. Também não pode olhar para os lados, porque ninguém é igual a ele. Por isso precisa olhar fatalmente para si mesmo e para baixo. Quanto mais baixo alguém está, tanto melhor Deus o enxerga.⁷²⁷

⁷²³ MENDES, E. S. *A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico da vida associada*. Dissertação [Mestrado em Teologia]. Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.

⁷²⁴ BOFF, L. *O destino do homem e do mundo: ensaio sobre a vocação humana*. 6. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1982.

⁷²⁵ BOFF, L. *O destino do homem e do mundo: ensaio sobre a vocação humana*. 6. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1982, p. 53.

⁷²⁶ BOFF, L. *O destino do homem e do mundo: ensaio sobre a vocação humana*. 6. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1982.

⁷²⁷ LUTERO, M. *Magnificat: o louvor de Maria*. Aparecida [SP]: Santuário; São Leopoldo [RS]: Sinodal, 2015, p. 13.

QUADRO 18 MARCO HISTÓRICO LATINO-AMERICANO XVIII: ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O ESTADO EM EDITH STEIN [BRASIL]

Região	Título [e subtítulo]
Sul	MENDES, E. S. <i>A existência do Estado em Edith Stein</i> : um estudo ontológico da vida associada. 2013. 227 f. Dissertação [Mestrado em Teologia]. Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.
Sudeste	_____. <i>A noção de Estado de Edith Stein</i> . Belo Horizonte [MG], 2010. Monografia [Pós-Graduação em Direito Canônico]. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC Minas, Belo Horizonte [MG], 2010.
Sudeste	_____. A noção de Estado de Edith Stein. In: VV.AA. <i>Direito Canônico: Coletânea de Artigos</i> . Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC Minas, 2011.
Sudeste	_____. <i>A noção de Estado de Edith Stein</i> . Disponível em: < http://www.infosbc.org.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=1569:tcc-de-direito-canonical-&catid=43:noticias&Itemid=60 >. Acesso em: 02 de agosto de 2017.
Sudeste	_____. <i>A questão do Estado como portador do acontecer histórico em Edith Stein</i> . Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Universidade Iguazu — UNIG, Nova Iguazu [RJ], 2013.
Sudeste	_____. <i>A comunidade estatal em Edith Stein</i> . 2013. 65 f. Monografia [Bacharelado em Teologia], Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio, Rio de Janeiro [RJ], 2014.
Sul	_____. Que é isto — A “comunidade estatal” em Edith Stein? Um estudo em Teologia e Direitos Humanos. In: <i>Revista Pistis & Praxis</i> , Teologia Pastoral, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 909-928, set./dez. 2014.
Nordeste	_____. <i>O problema do Estado em Edith Stein</i> . Iniciação científica. Faculdade João Calvino — FJC, Barreiras [BA], 2009.
Nordeste	MAGALHÃES, F. L. <i>A concepção de Estado no pensamento de Edith Stein</i> . Disponível em: < http://www.catholicadefortaleza.edu.br/wp-content/uploads/2013/12/10-Francisco-Lisboa-A-Concep%C3%A7%C3%A3o-de-Estado-no-Pensamento-de-Edith-Stein-ok-pags.-306-a-322.pdf >. Acesso em: 09 de agosto de 2017.
Sudeste	MANGANARO, P. <i>Edith Stein e o nazismo</i> . Disponível em: < http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a09/manganaro04.pdf >. Acesso em: 09 de agosto de 2017.
Centro-oeste	MODERNO, J. R. C. Edith Stein : Teoria Filosófica do Estado. Carta Mensal. Brasília, v. 703, 2013.

Sudeste _____. Teoria do Estado e Liberdade Econômica em Edith Stein. In: CARVALHO, P. B. *Derivação e Positivização no Direito Tributário*. São Paulo: Noeses, 2013.

Sul PONZILALACQUA, M. H. P. Intersubjetividade e direito no século XXI: a contribuição de Simone Weil e Edith Stein. In: FURLAN, V. C. P. [org.]. *Sujeito no direito: história e perspectivas para o século XXI*. Curitiba: CRV, 2013.

Sudeste QUADROS, E. M.; BARBOSA, I. G. S. *Soberania, Estado e direito na fenomenologia de Edith Stein*. Disponível em: <<https://eticaefilosofia.ufjf.emnuvens.com.br/eticaefilosofia/article/view/6>>. Acesso em 04 de dezembro de 2018.

Sudeste SOLON, A. M. A Fenomenologia do Estado, Direito e Religião Segundo Edith Stein. *Ciências da Religião: História e Sociedade*. São Paulo, v. 4, n. 1, 2006.

Sudeste _____. A fenomenologia do Estado, direito e religião segundo Edith Stein. *Ciências da Religião: História e Sociedade*. Disponível em: <http://www.sfjp.ifcs.ufrj.br/revista/downloads/a_fenomenologia_do_direito_d_e_edith_stein.pdf>. Acesso em: 04 de agosto de 2016.

Sudeste _____. Estado, Direito e Religião no Pensamento de Edith Stein. In: VV. AA. *Direito, Ciência e Arte*. Campinas, SP: Edicamp, 2001.

2.3

NO MEIO DO CAMINHO, DUAS PEDRAS

No meio do caminho tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 tinha uma pedra
 no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
 na vida de minhas retinas tão fatigadas.
 Nunca me esquecerei que no meio do caminho
 tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 no meio do caminho tinha uma pedra.⁷²⁸

Historicamente, os primeiros anos da década de 1960 foram de uma efervescência política no sentido da modernização da sociedade brasileira, na perspectiva de caminharmos para uma “sociedade aberta”, jamais vista até então no país, apesar da renúncia do presidente Jânio Quadros. Politicamente, o ex-presidente — cujo símbolo era a vassoura para varrer a corrupção e a falta de moral nos costumes nacionais — tomou essa

⁷²⁸ ANDRADE, C. D. de. *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 237.

decisão dramática, de consequência funesta para o país, porque se sentia acuado pelas “forças externas ocultas” como presidente da República, que o impediam de fazer um governo nacionalista e pelo seu gosto autoritário que queria que prevalecesse absoluto no seu governo no país.⁷²⁹

Pela excelência das palavras ditas, vale realçar a reflexão de Ana Maria de Araújo Freire:

Possivelmente, tomou sua decisão jogando com duas hipóteses: ou a ditadura — procurou, imediatamente ao ato de renúncia, a Força Aérea Brasileira, em São Paulo, para que o levasse de volta a Brasília —, ou a renúncia, que, sem o endosso desses militares que não lhe deram apoio, se consumou de fato.⁷³⁰

No Brasil, o século XX ficou marcado por muitos fatos que deixaram marcas indelévels na existência do Estado. Politicamente, não podemos deixar passar despercebido o golpe de Estado de 31 de março de 1964, que culminou na trágica ditadura militar: 1964 — 1985.

Os vários governos do período compreendido entre 1964 e 1985, ainda nos dias de hoje, dão a conhecer o seu legado nas pequenas e grandes coisas do nosso dia a dia. Promessas, planos, discursos, golpe de Estado, demonstrações de eficiência, propaganda, atos antissociais, crimes, cadáveres, tudo isso tem sido apresentado ao povo brasileiro, sem trazer esperança e liberdade, sequer melhorando sua existência.⁷³¹

Para fins de ilustrar o exposto, elegemos a militância de uma das figuras mais trágicas da resistência à ditadura militar: Frei Tito de Alencar Lima, OP, frade dominicano cearense, preso e torturado, juntamente com outros religiosos que deram apoio logístico à Ação Libertadora Nacional — ALN, de Carlos Marighella.⁷³² Frei Xavier Plassat, OP, relata:

Segundo suas próprias palavras, registradas pelos companheiros de sua cela: Quiseram-me deixar dependurado toda noite no pau de arara. Mas o capitão Albernaz objetou: “Não é preciso, vamos ficar com ele aqui mais dias. Se não falar, será quebrado por dentro, pois sabemos fazer as coisas sem deixar

⁷²⁹ FREIRE, A. M. A. *Paulo Freire: uma história de vida*. 2. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2017.

⁷³⁰ FREIRE, A. M. A. *Paulo Freire: uma história de vida*. 2. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2017, p. 125.

⁷³¹ VIEIRA, E. *A ditadura militar: 1964 — 1985 — momentos da República brasileira*. São Paulo: Cortez, 2014, p. 11.

⁷³² DUARTE-PLON, L.; MEIRELES, C. *Um homem torturado: nos passos de frei Tito de Alencar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

marcas visíveis. Se sobreviver, jamais esquecerá o preço de sua valentia”.⁷³³

No dia 10 de agosto de 1974, no Convento Sainte-Marie de La Tourette, — Éveux [França], Frei Tito de Alencar Lima, OP, quebrado psicologicamente, resolveu livrar-se definitivamente de uma existência transformada em um inferno de delírios e alucinações.⁷³⁴

“Melhor morrer que perder a vida. Opção 1: corda [suicídio, Bejuba]. Opção 2: tortura prolongada, Bacuri”, estas foram as últimas palavras que Tito rabiscou no papelão que usava como marca-página e que encontrei dias depois.⁷³⁵

No livro *O avesso e o direito*, Abert Camus escreve:

[...] Na ilusão da vida, eis o homem que encontra suas verdades e que as perde na terra da morte, para voltar, através das guerras, dos gritos, da loucura de justiça e de amor, enfim, da dor, para esta pátria tranquila, em que a própria morte é um silêncio feliz. Eis ainda... Sim, nada impede que se sonhe, na própria hora do exílio, já que pelo menos isso eu sei, com toda certeza, que uma obra de homem nada mais é do que esse longo caminho para reencontrar, pelos desvios da arte, as duas ou três imagens simples e grandes, às quais o coração se abriu uma primeira vez [...].⁷³⁶

Nas primeiras de linhas de *O mito de Sísifo*, Albert Camus escreve: “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio [...]”.⁷³⁷ Por esta via, Fernando Pessoa — o homem que tinha urgência de viver — questiona-se: “Devo tomar qualquer coisa ou suicidar-me? Não: vou existir. Arre! Vou existir. E-xis-tir. E--xis--tir...”⁷³⁸

Na existência concreta do Estado, a história de Frei Tito de Alencar Lima, OP, revela uma das representações mais bem-acabadas do engajamento da esquerda católica na luta contra as atrocidades das

⁷³³ PLASSAT, X. Honrar com justiça as vozes abafadas. In: DUARTE-PLON, L.; MEIRELES, C. *Um homem torturado: nos passos de frei Tito de Alencar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 16.

⁷³⁴ SAFATLE, V. Prefácio. In: DUARTE-PLON, L.; MEIRELES, C. *Um homem torturado: nos passos de frei Tito de Alencar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

⁷³⁵ PLASSAT, X. Honrar com justiça as vozes abafadas. In: DUARTE-PLON, L.; MEIRELES, C. *Um homem torturado: nos passos de frei Tito de Alencar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 16.

⁷³⁶ CAMUS, A. *O avesso e o direito*. Trad. Valerie Rumjanek. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018, p. 25.

⁷³⁷ CAMUS, A. *O mito de Sísifo*. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2004, p. 17.

⁷³⁸ PESSOA, F. *Quando fui outro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 3.

ditaduras latino-americanas, engajamento este que foi apenas um capítulo da longa história da Igreja Católica em sua aliança com os movimentos operários e comunistas no século XX. Na América Latina — terra-mãe da Teologia da Libertação — tal aliança chegou a levar religiosos, como o colombiano Camilo Torres, a entrar diretamente na luta armada.⁷³⁹ No dizer de Dom Paulo Evaristo Arns, “[...] a tortura, além de desumana, é o meio mais inadequado para levar-nos a descobrir a verdade e chegar à paz”.⁷⁴⁰

No século XXI, o Código Penal do Estado brasileiro, em vigência por meio do *Drecreto-lei n.º 2.848, de 7 de dezembro de 1940* — decreto-lei este que só uma ditadura pode publicar, como a ditadura Vargas —, ainda é aplicado, contendo, à guisa de exemplos, o artigo 331 e prescrevendo:

Art. 331. Desacatar funcionário público no exercício da função ou em razão dela:

Pena — detenção, de seis meses a dois anos, ou multa.⁷⁴¹

Que é isto — o desacato? No caso de funcionário público, não basta o artigo 147, do *Código Penal*, que descreve o crime de ameaça:

Art. 147 — Ameaçar alguém, por palavra, escrito ou gesto, ou qualquer outro meio simbólico, de causar-lhe mal injusto e grave:

Pena — detenção, de um a seis meses, ou multa.

Parágrafo único — Somente se procede mediante representação.⁷⁴²

No *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, o “desacato” desaba sobre a existência da pobre Carolina Maria de Jesus:

[...] Eu hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconsciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. Passei o dia escrevendo. Sobrou macarrão, eu vou esquentar para os meninos. Cosinhei as batatas, eles comeram. Tem uns metais e um pouco de ferro que eu vou vender no Seu Manuel. Quando o João chegou da escola eu mandei ele vender os ferros. Recebeu

⁷³⁹ SAFATLE, V. Prefácio. In: DUARTE-PLON, L.; MEIRELES, C. *Um homem torturado*: nos passos de frei Tito de Alencar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

⁷⁴⁰ ARNS, P. E. Prefácio do Cardeal-arcebispo de São Paulo. In: ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Brasil: nunca mais*. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2011, p. 11.

⁷⁴¹ BRASIL. *Drecreto-lei n.º 2.848, de 7 de dezembro de 1940*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm>. Acesso em 18 de novembro de 2018.

⁷⁴² BRASIL. *Drecreto-lei n.º 2.848, de 7 de dezembro de 1940*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm>. Acesso em 18 de novembro de 2018.

13 cruzeiros. Comprou um copo de água mineral, 2 cruzeiros. Zanguei com ele. Onde já se viu favelado com estas finezas?

... Os meninos comem muito pão. Eles gostam de pão mole. Mas quando não tem eles comem pão duro.

Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado.

Oh! São Paulo rainha que ostenta vaidosa a tua coroa de ouro que são os arranha-céus. Que veste viludo e seda e calça meias de algodão que é a favela.

... O dinheiro não deu para comprar carne, eu fiz um macarrão com cenoura. Não tinha gordura, ficou horrível. A Vera é a única que reclama e pede mais. E pede:

— Mamãe, vende eu para Dona Julieta, porque lá tem comida gostosa.

Eu sei que existe brasileiros aqui dentro de São Paulo que sofre mais do que eu. Em junho de 1957 eu fiquei doente e percorri as sedes do Serviço Social. Devido eu carregar muito ferro fiquei com dor nos rins. Para não ver os meus filhos passar fome fui pedir auxílio ao propalado Serviço Social. Foi lá que eu vi as lágrimas deslizar dos olhos dos pobres. Como é pungente ver os dramas que ali se desenrola. A ironia com que são tratados os pobres. A única coisa que eles querem saber são os nomes e os endereços dos pobres.

Fui no Palacio, o Palacio mandou-me para a sede na Av. Brigadeiro Luís Antonio. Avenida Brigadeiro me enviou para o Serviço Social da Santa Casa. Falei com Dona Maria Aparecida que ouviu-me e respondeu-me a tantas coisas e não disse nada. Resolvi ir no Palacio e entrei na fila. Falei com o senhor Alcides. Um homem que não é nipônico, mas é amarelo como manteiga derretida. Falei com o senhor Alcides:

— Eu vim aqui pedir um auxílio porque estou doente. O senhor mandou eu ir na Avenida Brigadeiro Luis Antonio, eu fui. Avenida Brigadeiro mandou-me ir na Santa Casa. E eu gastei o unico dinheiro que eu tinha com as conduções.

— Prenda ela!

Não me deixaram sair. É um soldado pois a baioneta no meu peito. Olhei o soldado nos olhos e percebi que ele estava com dó de mim. Disse-lhe:

— Eu sou pobre, porisso é que vim aqui.

Surgiu o Dr. Osvaldo de Barros, o falso filantropico de São Paulo que está fantasiado de São Vicente de Paula. E disse:

— Chama um carro de preso!⁷⁴³

Destarte, só pode ser o autoritarismo, pelo qual o Estado arroga o seu poder sobre indivíduo — condenado a manter a cabeça baixa — que o sustenta, protegendo o funcionário público em muitas situações de flagrante negligência, emperícia e imprudência para a população brasileira,

⁷⁴³ JESUS, C. M. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014, pp. 41-42.

zombando dela ao ser fixado nas paredes das repartições públicas.⁷⁴⁴ No “Sermão de Santo Antônio [aos peixes]”, Padre Antônio Vieira prega:

[...] Os arrogantes, e soberbos tomam-se como Deus; e quem se toma como Deus, sempre fica debaixo [...]. Duas coisas há nos homens, que os costumam fazer roncadores, porque ambas incham: o saber, e o poder. Caifás roncava de saber: *Vos nescitis quidquam*. Pilatos roncava de poder: *Nescis quia potestatem habeo?* E ambos contra Cristo [...].⁷⁴⁵

Nos escritos de Edith Stein, não se comporta deste modo a legislação penal de um Estado que possui no seu fundamento onto-teológico-político uma comunidade estatal. Para Edith Stein, a teologia começa no ouvido [e segue para a boca]: “Ouve, ó Israel: lahweh nosso Deus é o único lahweh! [...]”.⁷⁴⁶

[...] Hitler pensava que tinha muito poder. Onde está Hitler agora? Mussolini achava que tinha muito poder. Onde ele está hoje? Franco acreditava que tinha muito poder. Somoza... Bom, vou passar à África. Vamos cruzar o oceano e passar à África. Idi Amin pensava que tinha muito poder. Onde ele está hoje? Poderíamos continuar com essa lista. Mas dizemos: “Este é o mundo de Deus, e Deus é que comanda este mundo”.⁷⁴⁷

No dia 25 de agosto de 1961, Jânio Quadros demitiu-se da presidência da República. Na presente data, João Belchior Marques Goulart — vice-presidente da República — estava em viagem na China Comunista, cumprindo determinação governamental.⁷⁴⁸

Ano, 1961. Local: Cingapura, a bordo de um avião. Vinha da China, aonde fui em visita oficial como vice-presidente da República, quando recebi, lá, a notícia de que o presidente Jânio Quadros havia renunciado e, portanto, me cumpria assumir imediatamente o governo constitucional do Brasil. Colocado do outro lado do mundo, capacitei-me das responsabilidades que, desde aquela hora, assumia. Veio-me à memória a figura de Getúlio Vargas, o grande líder político que tanta influência exerceu em minha formação. Eu o via morto, após o suicídio, e

⁷⁴⁴ VIEIRA, E. *A ditadura militar*. 1964 — 1985 — momentos da República brasileira. São Paulo: Cortez, 2014, p. 11.

⁷⁴⁵ VIEIRA, A. Sermão de Santo Antônio, V. In: _____. *Sermões*: Padre Antônio Vieira. São Paulo: Hedra, 2014.

⁷⁴⁶ BÍBLIA, V. T. Deuteronômio. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 6, vers. 4.

⁷⁴⁷ TUTU, D. *Deus não é cristão e outras provocações*. Trad. Lilian Jenkino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012, pp. 97-98.

⁷⁴⁸ VIEIRA, E. *A ditadura militar*. 1964 — 1985 — momentos da República brasileira. São Paulo: Cortez, 2014.

recordava a carta-testamento que ele havia me confiado horas antes, num envelope fechado.⁷⁴⁹

Para os fins da presente pesquisa, registramos que o tiro que o presidente Getúlio Vargas deu no seu próprio coração — na madrugada de 24 de agosto de 1954 — revela-se cuidadosamente premeditado, como pode ser constatado nas suas duas cartas-testamento. Manuscrita, a primeira carta-testamento — datada de 13 de agosto de 1954 — foi divulgada muitos anos depois da data da morte do presidente Getúlio Vargas. Datilografada, em três vias, a segunda carta-testamento — datada de 24 de agosto de 1954 — foi lida pelo então deputado João Goulart no enterro do presidente Getúlio Vargas em São Borja — Estado do Rio Grande do Sul [Brasil] —, cidade natal de ambos.⁷⁵⁰

De acordo com João Goulart, na sua mente voltaram as seguintes palavras da carta-testamento de Getúlio Vargas, de 24 de agosto de 1954:

[...] as forças que os interesses contra o povo coordenam novamente se desencadeiam sobre mim.

Não me acusam, me insultam; não me combatem, caluniam [...]. Precisam sufocar minha voz e impedir minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes.

Sigo o destino que me é imposto [...]. A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho [...].

[...] Os lucros das empresas estrangeiras alcançavam até 500% ao ano. Nas declarações dos valores do que importávamos existiam fraudes constatadas de mais de cem milhões de dólares por ano [...].

[...] Meu sacrifício nos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta.

[...] E aos que pensam que me derrotaram, respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo de quem fui escravo não mais será escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço de seu resgate.

[...] Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, a infâmia, a

⁷⁴⁹ GOULART, J. Entrevista concedida à Repúblika — Zagreb, 28 de abril de 1967. In: GOULART, J. V. *Jango e eu: memórias de um exílio sem volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, pp. 324-325.

⁷⁵⁰ RODRIGUES, S. *Cartas brasileiras: correspondências históricas, políticas célebres, hilárias e inesquecíveis que marcaram o país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte [...].⁷⁵¹

Interinamente, Ranieri Mazzilli — presidente da Câmara dos Deputados — exerceu o governo federal, enquanto João Goulart não retornou ao país.⁷⁵²

Mazzilli logo se apressou em opinar sobre a posse de Goulart, assegurando que os chefes das Forças Armadas, com base na segurança nacional, não queriam o regresso ao Brasil do vice-presidente João Goulart. Ele chegou, portanto, à presidência da República através da pressão exercida por certos deputados e senadores, pelo apoio sindical de São Paulo, pela manifestação da Igreja Católica em Porto Alegre e em São Paulo e pela mobilização dirigida pelo governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola. Outros pronunciamentos vieram em seu favor, como o de Juscelino Kubitschek e o de Carvalho Pinto, na época governador do Estado de São Paulo. Goulart, afirmando sua confiança nas Forças Armadas brasileiras, acabou encontrando sustentação militar no III Exército.⁷⁵³

No dia 07 de setembro de 1961, João Goulart tomou posse na capital federal como presidente da República, na presença do Congresso Nacional, indicando Tancredo Neves como primeiro-ministro.⁷⁵⁴

Neste 7 de setembro do Sesquicentenário, lembro-me com emoção que foi também em 7 de setembro, em 1961, que fui convocado a assumir a chefia do Estado brasileiro, na véspera do regresso de uma viagem oficial à China continental e à União Soviética. Minha posse ocorreu sob um regime parlamentarista votado às pressas, como saída de emergência para a grave crise em que se debatia o país, gerado pelo então presidente da República.⁷⁵⁵

Na existência do Estado brasileiro, todos os malabarismos jurídicos e políticos foram feitos, em agosto de 1961, para que o vice-presidente eleito João Goulart tomasse posse da presidência, inaugurando um tempo de grandes conflitos no país, que a sociedade política não pôde — ou não quis — evitar. Num populismo sem definições mais precisas, políticas e

⁷⁵¹ VARGAS, G. Saio da vida para entrar na História — de Getúlio Vargas, ago. 1954. In: RODRIGUES, S. *Cartas brasileiras: correspondências históricas, políticas célebres, hilárias e inesquecíveis que marcaram o país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 180.

⁷⁵² VIEIRA, E. *A ditadura militar: 1964 — 1985 — momentos da República brasileira*. São Paulo: Cortez, 2014.

⁷⁵³ VIEIRA, E. *A ditadura militar: 1964 — 1985 — momentos da República brasileira*. São Paulo: Cortez, 2014, p. 22.

⁷⁵⁴ VIEIRA, E. *A ditadura militar: 1964 — 1985 — momentos da República brasileira*. São Paulo: Cortez, 2014.

⁷⁵⁵ GOULART, J. Carta 2 — Ao Jornal do Brasil. In: GOULART, J. V. *Jango e eu: memórias de um exílio sem volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 337.

ideológicas, suas ações governamentais oscilavam entre o que exigia a esquerda e o que impunha a direita. Politicamente, João Goulart — de partido político diferente daquele do presidente que renunciara — não conseguiu, para se manter no poder, nem o empenho e nem o sustentáculo de nenhum desses segmentos político-ideológicos.⁷⁵⁶

Para Ana Maria de Araújo Freire,

Juscelino Kubitschek tinha incompatibilizado o modelo político do nacional-desenvolvimentismo populista, instaurado por Vargas, com o modelo econômico nacionalista, desde que permaneceu com o mesmo modelo político, mas aceitou — na verdade procurou — o capital externo. Jânio e João Goulart não conseguiram compatibilizar novamente os modelos econômicos e políticos. Jango foi deposto. O “filho político de Vargas não teve nem a força de poder suficiente e necessária para conter as iras dos militares de alta patente e da elite, que estavam atreladas aos interesses dos Estados Unidos, nem as da esquerda, as quais oscilavam entre acreditar e, ao mesmo tempo, considerá-lo um homem muito pouco confiável.”⁷⁵⁷

Pensamos que essa submissão dos Estados e dos governos à vontade das burocracias privadas transnacionais decreta a soberania desses poderes econômicos privados, a qual substitui a soberania popular na medida em que esses poderes privados conseguem essa submissão. Para impô-la, eles lançam mão de alavancas eficientes. Na América Latina, a dívida externa foi uma alavanca muito importante para alcançar esse objetivo, mas também é preciso reconhecer uma segunda: o domínio das burocracias privadas sobre os meios de comunicação. Para Franz Hinkelammert, esse aspecto faz parte da política pública: os Estados concebem uma política de dissolução dos meios de comunicação públicos, e ao implantá-la, as burocracias privadas, através do financiamento privado, conseguem determinar em grande parte as eleições.⁷⁵⁸

Étienne de La Boétie indaga:

[...] Que pena, que martírio é esse, meu Deus? Ocupar-se noite e dia em agradar a uma única pessoa e mesmo assim teme-la mais que qualquer outro homem no mundo; ter sempre os olhos vigilantes, os ouvidos atentos, para prever de onde virá o golpe, descobrir as armadilhas, intuir a ruína de seus companheiros,

⁷⁵⁶ FREIRE, A. M. A. *Paulo Freire: uma história de vida*. 2. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2017.

⁷⁵⁷ FREIRE, A. M. A. *Paulo Freire: uma história de vida*. 2. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2017, p. 126.

⁷⁵⁸ HINKELAMMERT, F. *Mercado versus direitos humanos*. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2014.

denunciar traidores, sorrir para todos e, ainda assim, teme-los, não ter um inimigo explícito nem um amigo confiável; ter sempre o rosto risonho e o coração apreensivo, não poder ser alegre e não ousar ser triste!⁷⁵⁹

Na existência do Estado brasileiro, o sistema parlamentarista de governo perdurou até 06 de janeiro de 1963, quando o plebiscito trouxe de volta o presidencialismo. Na concepção de João Goulart, a nação — como comunidade humana individualizada por sua história comum e por suas aspirações compartilhadas — é um quadro dentro do qual um povo vive seu destino. Seus papéis fundamentais são:

— integrar seu povo num Estado soberano em face de todos os demais e definir um projeto próprio de desenvolvimento que o coloque na vanguarda do progresso humano;

— unificar seu povo numa cultura nacional autêntica que reflita sua experiência do passado e o motive à plena realização de suas potencialidades;

— tornar toda a sua população capaz de fazer herdeira do patrimônio intelectual, científico e artístico da humanidade para enriquecê-lo com sua própria criatividade.⁷⁶⁰

Na presente pesquisa, observamos que desde sua posse, a pregação do presidente João Goulart foi sempre a mesma, independentemente das condições políticas e sociais. Mencionou sempre a ação de Getúlio Vargas, a força dos trabalhadores, o grande valor da legalidade, das liberdades públicas, da democracia, da Constituição de 1946 e, acima de tudo, a urgência das reformas de base.⁷⁶¹

Depois de 10 de abril de 1964, o comando revolucionário cassou deputados, senadores, governadores, prefeitos, militares, desembargadores, embaixadores e outros ocupantes de funções públicas. Outra vez, o presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzilli, voltou à presidência da República, que havia sido declarada vaga. Foi Mazzilli quem entregou o cargo ao general Castelo Branco, eleito pelo Congresso Nacional em 11 de abril de 1964, ficando como vice-presidente José Maria Alkmim, líder do PSD. Submetido pelo peso da cassação de mandatos e da suspensão de direitos políticos, o Congresso se manteve principalmente com os representantes

⁷⁵⁹ LA BOÉTIE, E. de. *Discurso sobre a servidão voluntária*. Trad. Evelyn Tesche. São Paulo: Edipro, 2017, pp. 77-78.

⁷⁶⁰ GOULART, J. Entrevista concedida à República — Zagreb, 28 de abril de 1967. In: GOULART, J. V. *Jango e eu: memórias de um exílio sem volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 324.

⁷⁶¹ VIEIRA, E. *A ditadura militar. 1964 — 1985 — momentos da República brasileira*. São Paulo: Cortez, 2014.

civis que inventaram, ajudaram ou comemoraram de qualquer forma o golpe de Estado [...].⁷⁶²

No dia 31 de março de 1964, os rumores do possível golpe se faziam cada vez mais presentes nos corredores da Granja do Torto. Dito por João Vicente Goulart: “[...] Minha mãe falava sem parar ao telefone; os funcionários estavam agitados e parecia que todos tentavam ser mais atenciosos com Denize e comigo que o habitual”.⁷⁶³

No cair da tarde de 31 de março de 1964, percebia-se algo no ar, mais pesado do que o de costume na capital federal:

[...] os telefonemas eram cada vez mais alarmantes, como viam a saber depois. Darcy Ribeiro, amigo fiel e ministro-chefe do gabinete civil de João Goulart, avisou minha mãe, Maria Thereza, de que meu pai estava no Rio de Janeiro e que a situação política era complicada, mas disse que a manteria informada.⁷⁶⁴

Por conseguinte, João Vicente Goulart relata:

Saímos meio apressados, meio desconfiados, pois o avião da FAB que nos esperava no aeroporto não era aquele em que sempre viajávamos. Haviam conseguido outro às pressas para nos levar a Porto Alegre, talvez de alguma unidade que ainda se mantinha fiel ao presidente — ou melhor, que ainda estava na expectativa se o golpe iria se consumir ou não. Ao sairmos da Granja do Torto, segundo minha mãe, estávamos deixando para trás pertences pessoais que nunca foram devolvidos — tais como quadros, lembranças, joias de minha mãe, que naquele momento não dispunha das chaves do cofre, bem como os carros particulares, dela e de meu pai, além de documentos privados e públicos [...].⁷⁶⁵

Na opinião de João Vicente Goulart, a grande dificuldade de refazer o acervo de João Goulart é que todos os documentos públicos e privados ficaram na capital federal. Na história política do Estado brasileiro, observamos que o governo de João Goulart foi o único que não preparou sua saída do poder, deixando à disposição dos golpistas toda a documentação, “Ímpida como o céu do Rio Grande do Sul”, como disse

⁷⁶² VIEIRA, E. *A ditadura militar. 1964 — 1985 — momentos da República brasileira*. São Paulo: Cortez, 2014, p. 30.

⁷⁶³ GOULART, J. V. *Jango e eu: memórias de um exílio sem volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 19.

⁷⁶⁴ GOULART, J. V. *Jango e eu: memórias de um exílio sem volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 19.

⁷⁶⁵ GOULART, J. V. *Jango e eu: memórias de um exílio sem volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 20.

João Goulart já do exílio quando os militares nada apuraram e tiveram que lhe devolver o patrimônio que havia sido bloqueado.⁷⁶⁶

[...] Não descemos do avião, algumas pessoas entraram e disseram que meu pai estava em Brasília, já a caminho do Rio Grande do Sul.

“Então por que não viemos todos juntos? Por que saímos antes de Brasília?” Tudo se confundia naquelas horas. Meu pai ordenava que seguíssemos viagem até São Borja naquele mesmo dia. “Para que viemos a Porto Alegre, então? Poderíamos ter ido direto para São Borja, terra natal da família”. No avião estavam minha mãe, Denize, Virgílio, um cabeleireiro amigo de minha mãe, nossa babá, a Etelvina, e a tripulação da FAB.

Viajávamos em um DC-3, que conseguiu pousar na fazenda do Rancho Grande, no fim da tarde daquele 1º de abril de 1964.⁷⁶⁷

No dia 02 de abril de 1964, Denize Goulart e João Vicente Goulart souberam que um jipe militar havia chegado à sede do Rancho Grande:

[...] Denize e eu soubemos que um jipe militar havia chegado à sede do Rancho Grande. Minha mãe disse que, embora Amalio tenha tentado impedir, os quatro militares conseguiram passar com o veículo pela porteira e levavam instruções do Comando determinando que nos retirássemos em 24 horas. Minha mãe interpretou aquela mensagem como um desafio, sem saber ainda que a democracia brasileira, naquele dia, iria ruir com o golpe que atingiu o Brasil e suas futuras gerações no engodo do servilismo, do entreguismo de nossas riquezas ao capital internacional, promovido pelos Estados Unidos e por nossas elites.⁷⁶⁸

Por volta de meio-dia,

[...] Maneco, nosso piloto particular, pousou na pista gramada do Rancho Grande, levando ordens de meu pai, que estava em Porto Alegre avaliando a situação e tentando resistir. Ele disse para minha mãe:

— Dona Maria Thereza, dr. Jango está em Porto Alegre e não poderá vir para o Rancho Grande. Ele me instruiu a levar a senhora e as crianças para o Uruguai. Disse que a senhora não deve se preocupar, porque em breve ele também estará lá.⁷⁶⁹

De acordo com João Vicente Goulart,

⁷⁶⁶ GOULART, J. V. *Jango e eu: memórias de um exílio sem volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

⁷⁶⁷ GOULART, J. V. *Jango e eu: memórias de um exílio sem volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, pp. 20-21.

⁷⁶⁸ GOULART, J. V. *Jango e eu: memórias de um exílio sem volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 22.

⁷⁶⁹ GOULART, J. V. *Jango e eu: memórias de um exílio sem volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 22.

enquanto o presidente João Goulart voava do Rio de Janeiro em direção a Brasília, as tropas do general Olímpio Mourão Filho saíam de Juiz de Fora, com a complacência do governador Magalhães Pinto, para derrubar o governo constitucional brasileiro e rasgar a Constituição, pensando que seriam os líderes civis do golpe em andamento. Ledo engano: todos esses pseudolegalistas, com exceção de Magalhães Pinto, governador de Minas gerais, foram cassados: Adhemar de Barros, governador de São Paulo; Carlos Lacerda, governador da Guanabara, atual Rio de Janeiro.⁷⁷⁰

Juscelino Kubistschek manteve-se em silêncio, iludindo-se a si próprio ao apoiar Castelo Branco. Juscelino Kubistschek esperava que Castelo Branco convocasse eleições presidenciais no ano de 1965. Para derrubar um governo legítimo, os golpistas aliaram-se aos agentes americanos, traindo a própria pátria.⁷⁷¹

[...] Prevendo resistência, a quarta frota americana estava posicionada na costa brasileira com fuzileiros navais, petroleiros, submarinos e porta-aviões de última geração carregando a bordo armas atômicas. O plano era criar um segundo Vietnã. Aquelas horas, o golpe estava praticamente consolidado. Lyndon Johnson comunicava ao seu embaixador, Lincoln Gordon, que horas depois já iria reconhecer o novo governo. O apoio externo era total. Jango sabia disso e não jogaria seu povo numa resistência fratricida em nome do poder. Sua atitude preservou a paz da nação brasileira, e, principalmente, nosso território.

Dali ele seguiria para o exílio, mas não sem antes passar em sua terra, São Borja, no dia 2 de abril de 1964. Foi lá, tendo que se esconder de fazenda em fazenda, que Jango esperou até que outro presidente fosse empossado, caracterizando o golpe de Estado.⁷⁷²

Historicamente, “[...] em 1964, perdemos uma batalha contra as forças que lucram com o atraso do Brasil [...]”.⁷⁷³ No cenário político, o golpe de Estado de 31 de março de 1964 decorreu da grave situação político-militar, empurrando o presidente João Goulart para o exílio no Uruguai.⁷⁷⁴

⁷⁷⁰ GOULART, J. V. *Jango e eu: memórias de um exílio sem volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, pp. 23-24.

⁷⁷¹ GOULART, J. V. *Jango e eu: memórias de um exílio sem volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

⁷⁷² GOULART, J. V. *Jango e eu: memórias de um exílio sem volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, pp. 27-28.

⁷⁷³ GOULART, J. Entrevista concedida à Repúblka — Zagreb, 28 de abril de 1967. In: GOULART, J. V. *Jango e eu: memórias de um exílio sem volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 326.

⁷⁷⁴ VIEIRA, E. *A ditadura militar. 1964 — 1985 — momentos da República brasileira*. São Paulo: Cortez, 2014.

Naquele voo, ninguém imaginava que a saída do Brasil nos traria tristeza, solidão, ingratidão e traições; mas também daria a todos nós, sobreviventes, a têmpera do orgulho, da dignidade e da certeza de que o destino quis o melhor para Jango: a morte no exílio.⁷⁷⁵

E, mais adiante, João Vicente Goulart relata:

Minha mãe estava nervosa, pois não sabia nem onde ficaríamos aquele dia. Dom Mintegui estaria lá para nos receber. Antes de chegarmos, perguntei novamente:

— Mãe, para onde estamos indo?

— Para o Uruguai, João Vicente — respondeu ela.

— Uruguai, mãe? Onde é isso?

— É outro país, meu filho.

Segundo ela, fiquei longos segundos pensativos antes de disparar:

— Mãe, de que cor é o Uruguai?

Ainda sonolenta, minha irmã perguntou com fome:

— Tem banana no Uruguai, mãe?

Foi naquele momento que minha mãe se deu conta da distância a ser percorrida, dos dias na presidência, de seu casamento em São Borja, de sua infância. Pensou profundamente no que diria para aquela criança. Olhou para o céu aberto e profundo de um dia claro. Era possível ouvir o barulho das hélices. As lágrimas caíram no seu rosto, mas, sem se perturbar, ela se virou para mim e falou:

— O Uruguai é azul, João Vicente. É azul.⁷⁷⁶

Na vida política do Estado, o Congresso Nacional deu nova direção à sociedade brasileira, com o auxílio de várias organizações civis, gestadas, nascidas e alimentadas pela classe detentora do poder. Para Evaldo Vieira, embora esta nova direção tenha utilizado militares e tecnocratas, suas origens derivam de profundos interesses — nacionais e internacionais — do sistema de produção capitalista.⁷⁷⁷ Não obstante,

nenhuma nação é grande — pouco importa os números estáticos — enquanto a maioria do povo padece na doença, no analfabetismo, na penúria, na fome. O desenvolvimento, nos nossos dias, com a tecnologia do nosso século, se mede, sobretudo, pelos padrões de bem-estar da população, pelo consumo de bens essenciais à vida e ao trabalho, e não dos

⁷⁷⁵ GOULART, J. V. *Jango e eu: memórias de um exílio sem volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 29.

⁷⁷⁶ GOULART, J. V. *Jango e eu: memórias de um exílio sem volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 29.

⁷⁷⁷ VIEIRA, E. *A ditadura militar. 1964 — 1985 — momentos da República brasileira*. São Paulo: Cortez, 2014.

bens supérfluos e sofisticados acessíveis, apenas, às minorias.⁷⁷⁸

É, então, de uma honestidade elementar enfatizar que

[...] o censo de 1960 já nos revelava um grau de desigualdade social no Brasil que nos era humilhante e, ademais, incompatível com o sentimento cristão de justiça social e com o próprio desenvolvimento econômico em longo prazo [...].⁷⁷⁹

Na existência do Estado, diagnosticamos os seguintes fantasmas do golpe de Estado de 31 de março de 1964: o comunismo, Cuba, a União Soviética e os sindicalistas.⁷⁸⁰ Numa carta de outubro de 1962, João Goulart escreve ao presidente Kennedy:

No discurso que tive a honra de pronunciar perante o Congresso norte-americano em 4 de abril de 1962, procurei resumir e anunciar com clareza os aspectos dominantes de nossa posição nos seguintes termos:

A ação internacional do Brasil não responde a outro objetivo senão o de favorecer, por todos os meios ao nosso alcance, a preservação e o fortalecimento da paz. Acreditamos que o conflito ideológico entre o Ocidente e o Oriente não poderá ser resolvido militarmente, pois de uma guerra nuclear, se salvássemos nossa vida, não lograríamos salvar, quer vencêssemos, quer fôssemos vencidos, nossa razão de viver. O fim da perigosa emulação armamentista tem de ser encontrado através da convivência e da negociação. O Brasil entende que a convivência entre o mundo democrático e o mundo socialista poderá ser benéfico ao conhecimento e à integração das experiências comuns, e temos a esperança de que esses contatos evidenciem que a democracia representativa é a mais perfeita das formas de governo e a mais compatível com a proteção ao homem e à preservação de sua liberdade.⁷⁸¹

“No Brasil de 1964, o engodo foi denominado de “revolução”. Nenhum golpista admite que se denomine sua ação em português claro: golpe de Estado [...]”.⁷⁸² Por conseguinte, os jornais e as emissoras de TV

⁷⁷⁸ GOULART, J. Carta 1 — De Jango ao Jornal do Brasil. In: GOULART, J. V. *Jango e eu: memórias de um exílio sem volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 334.

⁷⁷⁹ GOULART, J. Carta 1 — De Jango ao Jornal do Brasil. In: GOULART, J. V. *Jango e eu: memórias de um exílio sem volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 335.

⁷⁸⁰ LOPES, M. As quatro famílias que decidiram derrubar um governo democrático. In: JINKINGS, I. [Et al]. [Org]. *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 122.

⁷⁸¹ GOULART, J. Carta 3 — De Jango ao presidente Kennedy em razão da crise dos mísseis. In: GOULART, J. V. *Jango e eu: memórias de um exílio sem volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, pp. 344-345.

⁷⁸² JINKINGS, I. Apresentação: o golpe que tem vergonha de ser chamado de golpe. In: JINKINGS, I. [Et al]. [Org]. *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 11.

e rádio — das famílias Marinho [Organizações Globo] e Mesquita [Grupo Estado] — referiam-se ao golpe militar como “revolução” ou “restauração democrática” e negavam a existência de um golpe.⁷⁸³ Para Karl Kraus, o que há de surpreendente é que a mentira, com suas pernas curtas, seja forçada a correr pelo mundo — e que o consiga.⁷⁸⁴

E que ao mundo que o ignora eu possa dizer
 Como isso aconteceu. E vão ouvir de ações
 Carnais, sanguinolentas, antinaturais,
 De juízos fortuitos, matanças causais,
 De mortes maquinadas por coações e ardis
 E, enfim, sobre planos baldados que se voltam
 Contra o próprio inventor. Sim, tudo isso posso
 Relatar com vigor.⁷⁸⁵

Para os fins da presente reflexão, colhemos na vida carmelitana uma experiência singular, desabrochada na práxis de teologia e comunicação social: o frade carmelitano, beato Frei Tito Brandsma — jornalista delegado dos bispos da Holanda, caracterizado como um sujeito “muito perigoso”, cérebro da propaganda nazista —, quando Adolf Hitler começou a divulgar suas teorias estranhas e racistas na década de 1930, percorreu todas as redações dos jornais católicos para animá-los a não cederem em nada à ideologia nazista.⁷⁸⁶

No interrogatório, o comandante Hardegen indaga-lhe sobre que finalidade tinham as suas viagens ao visitar as redações dos diários católicos. Frei Tito Brandsma, O. Carm., responde-lhe:

[...] Os redatores deviam ser verbalmente informados de que se chegou ao limite do permissível e que, a partir de agora, por razões de princípios, devem resistir. Mais ainda: essas visitas deviam servir para fazer uma sondagem sobre o pensamento e estado de ânimo dos redatores católicos. Igualmente havia a

⁷⁸³ LOPES, M. As quatro famílias que decidiram derrubar um governo democrático. In: JINKINGS, I. [Et al]. [Org]. *Por que gritamos golpe?* Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

⁷⁸⁴ KRAUS, K. *Aforismos*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: Arquipélago, 2010.

⁷⁸⁵ SHAKESPEARE, W. Hamlet, Ato V, Cena II, 400-405. In: _____. *A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca*. Trad. Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015, pp. 193-194.

⁷⁸⁶ MESTERS, C. Apresentação. In: DÖLLE, C. *O caminho e Tito Brandsma: prisioneiro no tempo de Hitler*. Trad. Gabriel Haamberg. Belo Horizonte: O Lutador, 2014.

intenção de obter informações para os bispos tirarem suas conclusões.⁷⁸⁷

Nos anos de 1960, a contranarrativa do golpe do Estado brasileiro foi sustentada por um único e combativo jornal: o “Última Hora”. No mesmo dia da deposição de João Goulart, as sedes do jornal no Rio de Janeiro e Recife foram invadidas e depredadas. No ano de 1971, o jornalista Samuel Wainer — proprietário do jornal — exilou-se no Chile e acabou sendo abrigado a vendê-lo para a família dos Frias.⁷⁸⁸

Para fins da teologia como reflexão crítica da práxis histórica, o que se revela importante para a existência do Estado em Edith Stein é a recuperação da democracia, confiando que a opção preferencial pelos pobres não desapareça. Na sociedade contemporânea, a defesa do Estado Democrático de Direito descortina-se como algo básico para uma teologia latino-americana, mas vinculada à crítica tradicional da lei, uma lei vista a partir da opção preferencial pelos pobres, a partir da vida humana, de uma vida digna para todos, incluindo a natureza. Para Franz Hinkelammert, é discernimento da lei, mas não sua abolição, e menos ainda a substituição da lei pela vontade de poder, que hoje é a posição do império. “[...] Este é o ambiente que a Teologia da Libertação teria de operar nos dias atuais. Insistir teimosamente na questão das linguagens anteriores leva a um fundamentalismo de libertação [...]”.⁷⁸⁹

Nos nossos dias, o direito do pobre carece de ser definido em termos do Estado Democrático de Direito, da democracia. Deve ser assim precisamente porque não se pode conviver de modo sustentável — humano — sem respeitar a opção preferencial pelos pobres. Na reflexão de Franz Hinkelammert, faz-se necessário pôr o Estado Democrático de Direito a serviço da justiça social.⁷⁹⁰ Nas palavras de Paulo de Tarso: “[...]”

⁷⁸⁷ BRANDSMA, T. Interrogatório. In: DÖLLE, C. *O caminho e Tito Brandsma: prisioneiro no tempo de Hitler*. Trad. Gabriel Haamberg. Belo Horizonte: O Lutador, 2014, p. 62.

⁷⁸⁸ LOPES, M. As quatro famílias que decidiram derrubar um governo democrático. In: JINKINGS, I. [Et al]. [Org]. *Por que gritamos golpe?* Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

⁷⁸⁹ HINKELAMMERT, F. *Mercado versus direitos humanos*. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2014, p. 144.

⁷⁹⁰ HINKELAMMERT, F. *Mercado versus direitos humanos*. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2014.

e, o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é [...]”.⁷⁹¹

Para nós, teólogos latino-americanos, conceber e fazer a teologia é uma questão fenomenológico-existencial. Não obstante, no período entre 1965 e 1984 houve um esquecimento [*léthe*] de Edith Stein no Brasil. “[...] ‘Dei’stá’ [...]”, o pobre teólogo — “deitado eternamente em berço esplêndido”⁷⁹² — “[...] depois de ter revistado todas as arcas da divindade, é obrigado a comer favas e a viver em uma eterna guerra com os insetos nojentos.”⁷⁹³ Na escuridão ampla e envolvente,

descobre-se de joelhos e suas mãos não mais alcançam a última mancha, mas a sua cor rubra está ali, esmaecida ou por fenecer, completa e uniforme — para os que saberão vê-la e senti-la: o esforço dos homens, o seu tributo.

O sangue escapa-lhe das veias como uma pequena torrente — uma poça se forma no chão, no pé do muro, e tenta se lembrar quando gritou pela última vez por sua mãe.

Ouve alguns murmúrios — a luz intensa do pátio se dilui, o barulho do tanque já é uma coisa longínqua.

— Tragam a maca.

Quem disse que a única desculpa para Deus é a de que não existe? — ainda consegue um sorriso: lembra-se das cenas repetidas, as macas, o sangue, a água generosa, um desfilar contínuo de homens que haviam escolhido o próprio destino.⁷⁹⁴

Pelo extremo da solidão e da escuridão na qual a sua existência se descortina, o prisioneiro solitário vai perdendo as suas referências existenciais. Na acontecência humana, as ideias e lembranças que lhe ocorrem vão se embrulhando com o tempo, e ele não distingue mais entre o que é memória e o que é delírio [e alucinação]. Não consegue mais saber se os rostos e os nomes das pessoas que lhe aparecem são reais ou imaginários. Por fim, perde a noção de espaço e tempo e, aos poucos, a

⁷⁹¹ BÍBLIA, N. T. 1 Coríntios. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 1, vers. 28.

⁷⁹² ESTRADA, J. O. D. *Hino Nacional do Brasil*. Lei dos Símbolos Nacionais n.º 5.700, de 10/09/71, D. O. U. de 02/09/71. Disponível em: <<http://www.funarte.gov.br/wp-content/uploads/2013/10/1-Hino-Nacional-partitura.pdf>>. Acesso em 14 de novembro de 2018, II.

⁷⁹³ ROTTERDAM, E. *Elogio da Loucura*. Trad. Paulo M. de Oliveira. São Paulo: EDIPRO, 2015, p. 91.

⁷⁹⁴ BRASIL, A. *Os que bebem como os cães*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1975, pp. 139-140.

capacidade de articular palavras ou de ter alguma reação. “[...] Perde a memória. Tudo perdido, o personagem perde a si mesmo”.⁷⁹⁵

Na África do Sul, na escuridão da repressão — nos piores momentos do *apartheid* —, Nelson Mandela todos os dias fazia um sinal na parede da cela para estruturar o tempo. Este pequeno gesto foi de fundamental importância para sua saúde mental. Pela excelência das palavras, realçamos o que escreveu Franz Hinkelammert:

Assustei-me quando li que as celas em Guantánamo são construídas com paredes de aço para que os presos não possam fazer nenhum sinal. Não se pode deixar rastros em Guantánamo, e o preso não pode acompanhar a passagem do tempo. Mandela conseguia identificar o dia de Natal, por exemplo. Em Guantánamo, não há como fazer isso, a menos que o prisioneiro seja informado. O próprio Mandela tem um livro contra a tortura que no fim acaba sendo útil aos torturadores, já que ao conhecer a memória do torturado, fica-se sabendo o que deve ser feito para que ele não consiga fazer memória. Por exemplo, construir celas com paredes de aço que não possibilitem registrar nenhuma memória.⁷⁹⁶

Levanta-te e anda, teólogo latino-americano! Na existência do Estado, “vós sois o sal da terra [...]”.⁷⁹⁷

[...] E chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra, o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os Pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os Pregadores dizem uma coisa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazem o que dizem; ou é porque o sal não salga, e os Pregadores se pregam a si, e não a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? [...].⁷⁹⁸

QUADRO 19 MARCO HISTÓRICO LATINO-AMERICANO XIX: GOVERNOS DA DITADURA MILITAR: 1964 — 1985 [BRASIL]

⁷⁹⁵ CRITELLI, D. *História pessoal e sentido da vida: historiobiografia*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2016, p. 66.

⁷⁹⁶ HINKELAMMERT, F. *Mercado versus direitos humanos*. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2014, pp. 61-62.

⁷⁹⁷ BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 5, vers. 13.

⁷⁹⁸ VIEIRA, A. Sermão de Santo Antônio. In: _____. *Sermões: Padre Antônio Vieira*. São Paulo: Hedra, 2014, I [p. 317].

GOVERNOS DA DITADURA
MILITAR: 1964 — 1985

Período[s]	Presidente[s]
1964 — 1967	Marechal Castelo Branco
1967 — 1969	General Costa e Silva
1969 — 1974	General Garrastazu Médice
1974 — 1979	General Ernesto Geisel
1979 — 1985	General João Baptista Figueiredo

PARTE II — A VIDA POLÍTICA EM EDITH STEIN

A ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA DE EDITH STEIN

Deus criou o homem à sua imagem,
à imagem de Deus ele o criou,
homem e mulher ele os criou.⁷⁹⁹

No tempo em que lahweh Deus fez a terra e o céu, não havia ainda nenhum arbusto dos campos sobre a terra e nenhuma erva dos campos tinha ainda crescido, porque lahweh Deus não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para cultivar o solo. Entretanto, um manancial subia da terra e regava toda a superfície do solo. Então lahweh Deus modelou o homem com argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente.⁸⁰⁰

lahweh Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda”. lahweh Deus modelou então, do solo, todas as feras selvagens e todas as aves do céu e as conduziu ao homem para ver como ele as chamaria: cada qual deveria levar o nome que o homem lhe desse. O homem deu nome a todos os animais, às aves do céu e a todas as feras selvagens, mas, para o homem, não encontrou a auxiliar que lhe correspondesse [...].⁸⁰¹

“Mal raiou a filha da manhã, Aurora de róseos dedos, o dileto filho de Odisseu saltou da cama, vestiu a roupa, [...] atou nos delicados pés bonitas sandálias e passou para fora da alcova [...]”.⁸⁰² Nas cenas de arte rupestre, nos mitos, na filosofia, na teologia *etc.*, indagou-se: o que[quem] é o homem? No templo de Apolo — em Delfos — estava escrito o epigrama: “Conhece-te a ti mesmo!”. Da pena de Homero, salta: “[...] seu semblante era o de um deus [...]”.⁸⁰³ Na cultura ocidental, desde os poemas do “poeta soberano”⁸⁰⁴ — *Ilíada*⁸⁰⁵ e *Odisseia*⁸⁰⁶ —, eis o canto entoado nos encontros dos “efêmeros mortais”: *Quem és tu? De qual terra tu vieste?*

⁷⁹⁹ BÍBLIA, V. T. Gênese. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 1, vers. 27.

⁸⁰⁰ BÍBLIA, V. T. Gênese. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 2, vers. 4b-7.

⁸⁰¹ BÍBLIA, V. T. Gênese. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 2, vers. 18-20.

⁸⁰² HOMERO. *Odisseia*, II. In: _____. *Odisseia*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2013.

⁸⁰³ HOMERO. *Odisseia*, II. In: _____. *Odisseia*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2013.

⁸⁰⁴ ALIGHIERI, D. *A Divina Comédia* — Inferno, Canto IV, 88. Trad. Italo Eugenio Mauro. 4. ed. São Paulo: 34, 2017.

⁸⁰⁵ HOMERO. *Ilíada*. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

⁸⁰⁶ HOMERO. *Odisseia*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2013.

Musa, narra-me as aventuras do herói engenhoso, que, após saquear a sagrada fortaleza de Troia, errou por tantíssimos lugares vendo as cidades e conhecendo o pensamento de tantos povos e, no mar, sofreu tantas angústias no coração, tentando preservar a sua vida e o repatriamento de seus companheiros, sem, contudo, salvá-los, mau grado seu; eles perderam-se por seu próprio desatino; imbecis, devoraram as vacas de Hélio, filho de Hipérion, e ele os privou do dia do regresso. Começa por onde te apraz, deusa, filha de Zeus, e conta-as a nós também.⁸⁰⁷

Pierre Teilhard de Chardin diz que, no pleno sentido moderno da palavra, a Ciência é irmã gêmea da humanidade. Nascidas juntamente, as duas ideias [ou sonhos] cresceram juntas, até atingirem valor quase religioso no decorrer do século XX. Para este jesuíta francês, ambas conheceram em seguida os mesmos infortúnios; o que não as impede de representarem ainda — apoiadas uma na outra — as forças ideais sobre as quais recai nossa imaginação toda vez que ela procura materializar sob forma terrestre suas razões de crer e de esperar.⁸⁰⁸

Na *República*, Platão coloca o seu mestre Sócrates — “parteiro das mentes” — em situação de diálogo com o interlocutor Gláucon:

Sócrates — Agora imagina a maneira como segue o estado da nossa natureza relativamente à instrução e à ignorância. Imagina homens numa morada subterrânea, em forma de caverna, com uma entrada aberta à luz; esses homens estão aí desde a infância, de pernas e pescoço acorrentados, de modo que não podem mexer-se nem ver senão o que está diante deles, pois as correntes os impedem de voltar a cabeça; a luz chega-lhes de uma fogueira acesa numa colina que se ergue por detrás deles; entre o fogo e os prisioneiros passa uma estrada ascendente. Imagina que ao longo dessa estrada está construído um pequeno muro, semelhante às divisórias que os apresentadores de títeres armam diante de si e por cima das quais exibem as suas maravilhas.

Glauco — Estou vendo.

Sócrates — Imagina agora, ao longo desse pequeno muro, homens que transportam objetos de toda espécie, que o transportam: estatuetas de homens e animais, de pedra, madeira e toda espécie de matéria; naturalmente, entre esses transportadores, uns falam e outros seguem em silêncio.

Glauco — Um quadro estranho e estranhos prisioneiros.

Sócrates — Assemelham-se a nós. E, para começar, achas que, numa tal condição, eles tenham alguma vez visto, de si mesmos e dos seus companheiros, mais do que as sombras projetadas pelo fogo na parede da caverna que lhes fica defronte?

⁸⁰⁷ HOMERO. *Odisséia*, I. In: _____. *Odisséia*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2013.

⁸⁰⁸ CHARDIN, P. T. de. *O fenômeno humano*. Trad. José Luiz Archanjo. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 280.

Glauco — Como, se são obrigados a ficar de cabeça imóvel durante toda a vida?⁸⁰⁹

Na *Apologia*, Platão põe as seguintes palavras na boca do seu mestre, Sócrates: “[...] que a vida sem exame não é digna de ser vivida [...]”.⁸¹⁰ “És tu aquele Virgílio, aquela fonte que expande do dizer tão vasto flume?” [...]. “Tu és meu mestre [...]”.⁸¹¹

Nas *Confissões*, Aurélio Agostinho — “[...] primeiro filósofo cristão [...]”⁸¹² e o único filósofo que os romanos jamais tiveram —, levanta pela primeira vez a chamada questão antropológica na filosofia, estabelecendo uma diferença fundamental entre as perguntas “Tu quem és?”⁸¹³ “Que sou então, meu Deus?”⁸¹⁴. Agostinho — por sua indubitável riqueza — foi objeto de vários estudos em antropologia teológica na cultura ocidental.

[...] Tocaste-me o coração com a tua palavra e comecei a amar-te [...].

[...] Perguntei à terra, e esta me respondeu: “Não sou eu”. E o que nela existe me respondeu a mesma coisa. Interroguei o mar, os abismos e os seres vivos, e todos me responderam: “Não somos o teu Deus; buscai-o acima de nós”. Perguntei aos ventos que sopram, e toda a atmosfera com seus habitantes me responderam: “Anaxímenes está enganado; não somos o teu Deus”. Interroguei o céu, o sol, a lua e as estrelas: “Nós também não somos o Deus que procuras”. Pedi a todos os seres que rodeiam o corpo: “Falai-me do meu Deus, já que não sois meu Deus; dizei-me ao menos alguma coisa sobre ele”. E exclamaram em alta voz: “Foi ele que nos criou”. Para interrogá-lo, eu os contemplava, e sua resposta era a sua beleza. Dirigi-me, então, a mim mesmo e me perguntei: “Tu, quem és?”. E respondi: “Um homem” [...].⁸¹⁵

⁸⁰⁹ PLATÃO. *A República*, VII. In: _____. *A República*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

⁸¹⁰ PLATÃO. *Apologia de Sócrates*, 38a. In: _____. *Diálogos III: Socráticos – Fedro [ou o belo]; Eutífron [ou da religiosidade]; Apologia de Sócrates; Críton [ou do dever]; Fédon [ou da alma]*. Trad. Edson Bini. Bauru [SP]: EDIPRO, 2008.

⁸¹¹ ALIGHIERI, D. *A Divina Comédia — Inferno*, Canto I, 85. In: _____. *A Divina Comédia*. Trad. Italo Eugenio Mauro. 4. ed. São Paulo: 34, 2017.

⁸¹² ARENDT, H. *A vida do espírito*. Trad. Cesar Augusto de Almeida, Antônio Abranches e Helena Martins. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

⁸¹³ AGOSTINHO, S. *Confissões*, X, 6. In: _____. *Confissões*. 11. ed. Trad. de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1992.

⁸¹⁴ AGOSTINHO, S. *Confissões*, X, 17. In: _____. *Confissões*. 11. ed. Trad. de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1992.

⁸¹⁵ AGOSTINHO, S. *Confissões*, X, 6. In: _____. *Confissões*. 11. ed. Trad. de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1992.

[...] Que sou eu, então, ó meu Deus? Qual a minha natureza?
[...].⁸¹⁶

“Moveu-se então, e eu o acompanhei”.⁸¹⁷ Edmund Husserl, no escrito intitulado *Europa: crise e renovação* — a crise da humanidade europeia e a filosofia, escreveu: “[...] renovação é o grito de chamada geral no nosso doloroso presente, e é-o no domínio de conjunto da cultura europeia [...]”.⁸¹⁸ Nas palavras de Santo Agostinho: “[...] o homem é realmente um grande mistério [...]”.⁸¹⁹

De acordo com Santo Agostinho, no grande mistério, no *grande profundum* que é o homem⁸²⁰, há algo do homem [*aliquid hominis*] que o próprio espírito do homem que nele está não sabe. Mas tu, Senhor, que o fizeste [*feciste eum*], tudo sabes a seu respeito [*eius omnia*].⁸²¹ Nas letras sacras de Santo Agostinho, a resposta à pergunta “Quem sou?” é simplesmente: tu és um homem [seja isso o que for]; e a resposta às perguntas “[...] Que sou eu, então, ó meu Deus? Qual a minha natureza? [...]”⁸²² só pode ser dada por Deus que criou o homem. Nas reflexões de Hannah Arendt, “[...] a questão da natureza do homem é tanto uma questão teológica tanto quanto a questão da natureza de Deus; ambas só podem ser resolvidas dentro da estrutura de uma resposta devidamente revelada”.⁸²³ Deus não é um problema. Deus é mistério.⁸²⁴

⁸¹⁶ AGOSTINHO, S. *Confissões*, X, 17. In: _____. *Confissões*. 11. ed. Trad. de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1992.

⁸¹⁷ ALIGHIERI, D. *A Divina Comédia* — Inferno, Canto I, 136. In: _____. *A Divina Comédia*. Trad. Italo Eugenio Mauro. 4. ed. São Paulo: 34, 2017.

⁸¹⁸ HUSSERL, E. *Europa: crise e renovação* — a crise da humanidade europeia e a filosofia. Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Lisboa: Centro de Filosofia Universitas Olisiponesis, s/d, p. 19.

⁸¹⁹ AGOSTINHO, S. *Confissões*, IV, 14. In: _____. *Confissões*. 11. ed. Trad. de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1992.

⁸²⁰ AGOSTINHO, S. *Confissões*, IV, 14. In: _____. *Confissões*. 11. ed. Trad. de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1992.

⁸²¹ AGOSTINHO, S. *Confissões*, X, 5. In: _____. *Confissões*. 11. ed. Trad. de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1992.

⁸²² AGOSTINHO, S. *Confissões*, X, 17. In: _____. *Confissões*. 11. ed. Trad. de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1992.

⁸²³ ARENDT, H. *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 12.

⁸²⁴ MARCEL, G. *Être et avoir*. Paris: Aubier-Montaigne, 1935.

No mito do cuidado, de Gaius Julius Hyginus — descrito por Martin Heidegger em *Ser e Tempo* [*Sein und Zeit*, 1927] — está escrito:

*Cura cum fluvium transiret, videt cretosum lutum
sustulitque cogitabunda atque coepit fingere.
dum deliberat quid iam fecisset, Jovis intervenit.
rogat eum Cura ut det illi spiriturn, et facile impetrat.
cui cum vellet Cura nomen ex sese ipsa imponere,
Jovis prohibuit suumque nomen ei dandum esse dicitat.
dum Cura et Jovis disceptant, Tellus surrexit simul
suumque nomen esse volt cui corpus praebuerit suum.
sumpserrunt Saturnum iudicem, is sic aecus iudicat:
'tu Jovis quia spiritum dedisti, in morte spiritum,
tuque Tellus, quia dedisti corpus, corpus recipito,
Cura enim quia prima finxit, teneat quamdiu viserit.
sed quae nunc de nomine eius vobis controversia est,
homo vocetur, quia videtur esse factus ex humo'.*

“Um dia em ‘Preocupação’ atravessava um rio, vê um lodo argiloso: pensativa, pega um tanto e começa a modelá-lo. Enquanto reflete sobre o que fizera, Júpiter intervém. ‘Preocupação’ lhe pede que empreste espírito ao modelo, no que Júpiter consente de bom grado. Mas, quando ‘Preocupação’ quis impor-he seu próprio nome, Júpiter a proíbe e exige que seu nome lhe deveria ser dado. Enquanto ‘Preocupação’ e Júpiter discutiam sobre o nome, a Terra [Tellus] surge também a pedir que seu nome fosse dado a quem ela dera seu corpo. Os querelantes tomam, então, Saturno para juiz, o qual profere a seguinte decisão equitativa: ‘Tu, Júpiter, porque deste o espírito, deves recebê-lo na sua morte; tu, Terra, porque o presenteaste com o corpo, deves receber o corpo. Mas, porque ‘Preocupação’ foi quem primeiro o formou, que ela então o possua enquanto ele viver. Mas, porque persiste a controvérsia sobre o nome, ele pode se chamar homo, pois é feito de húmus [terra]’.”⁸²⁵

Portanto, “[...] O que sou? — o que faço, que quero, muito curial. E em cara de todos faço, executado. Eu? — não tresmalho [...]”.⁸²⁶

No dizer de Karl Rahner, o ser humano — quer que o afirme expressamente ou não o afirme, quer reprima esta verdade ou a deixe aflorar à superfície — encontrar-se-á sempre exposto, em sua existência espiritual, a um Mistério Sagrado, que constitui o *sentido último da existência humana*. Este Mistério é o mais primitivo e evidente, mas o mais oculto e ignorado — um Mistério que se diz enquanto guarda silêncio, que “está aí” enquanto que, ausente, reduz nossas próprias fronteiras. Tudo isto porque — como horizonte inexprimível e inexpressado — este Mistério

⁸²⁵ HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas, SP: UNICAMP; Petrópolis [RJ]: Vozes, 2012, pp. 551-553.

⁸²⁶ ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 26.

abrange e sustenta, sem cessar, o pequeno círculo da experiência cotidiana, cognitiva e ativa, o conhecimento da realidade e o ato da liberdade. No século XXI, a teologia latino-americana revela-se consciente de que “[...] este mistério único pode plenamente fazer-se entender pelo homem, caso este se entenda a si mesmo como alguém que está orientado e remetido ao mistério a que chamamos Deus”.⁸²⁷

3.1

O QUE É O HOMEM?

O espírito do homem se ama a si mesmo. Para poder amar-se, tem que conhecer-se. O conhecimento e o amor estão no espírito; são, portanto, uma só coisa com ele, são sua vida. E, sem dúvida, são distinguíveis dele e entre si. O conhecimento nasce do espírito, e do espírito que conhece procede o amor. Desta maneira, pode-se considerar o espírito, o conhecimento e o amor como imagem do Pai, do Filho e do Espírito Santo. E isto não é uma mera comparação, senão que tem um significado bem real. O homem é só por Deus, e é *o que* é por Deus. Porque é espírito, e porque o espírito está dotado da luz da razão, isto é, da imagem do logos divino. Ao ser vontade, o espírito se sente atraído pela bondade [...], e ama e pode unir-se à vontade divina, para só assim encontrar a verdadeira liberdade. Conformar a própria vontade à divina: tal é o caminho que conduz à perfeição do homem na glória.⁸²⁸

Historicamente, a partir de 30 de janeiro de 1933 — data em que Adolf Hitler tornou-se Chanceler do Reich — a situação social para alguns grupos tornou-se cada vez mais dolorosa. No dia 1 de abril de 1933 houve um boicote de negócios e estabelecimentos judeus. No dia 7 de maio de 1933, Edith Stein — preocupada — escreve para Elly Dursy, OCD: “[...]”

⁸²⁷ RAHNER, K. *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. Trad. Alberto Costa. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008, pp. 23-24.

⁸²⁸ STEIN, E. Estructura de la persona humana. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 569:

El espíritu del hombre se ama a sí mismo. Para poder amarse, tiene que conocerse. El conocimiento y el amor están en el espíritu; son por tanto una sola cosa con él, son su vida. Y, sin embargo, son distinguibles de él y entre sí. El conocimiento nace del espíritu, y del espíritu que conoce procede el amor. De esta manera, se puede considerar al espíritu, al conocimiento y al amor como imagen del Padre, del Hijo e del Espíritu Santo. Y esto no es una mera comparación, sino que tiene un significado bien real. El hombre es sólo por Dios, y es *lo que* es por Dios. Porque es espíritu, y porque en tanto que espíritu está dotado de la luz de la razón, es decir, de la imagen del logos divino. Al ser voluntad, es espíritu se siente atraído por la bondade [...], y ama y puede unirse a la voluntad divina, para sólo así encontrar la verdadera libertad. Conformar la propia voluntad a la divina: tal es el camino que conduce a la perfección del hombre en la gloria. [Tradução livre].

Nosso Instituto [Instituto de Pedagogia Científica de Münster] foi também arrastado pela crise. Neste semestre não pude ministrar aulas [por causa de minha procedência judia] [...]”.⁸²⁹

Neste cenário, Edith Stein produziu o escrito intitulado *Que é o Homem? A antropologia da doutrina católica da fé* [*Was ist der Mensch? Die Anthropologie der Katholischen Glaubenslehre*], para fins de desenvolvimento de uma antropologia teológica que descrevesse a vida íntima do “ser finito” de modo subjetivo e intersubjetivo. Para tanto, dialogou com os seus mestres, a saber: Platão, Aristóteles, São Tomás de Aquino, Edmund Husserl, Teresa de Jesus — “a Santa Madre” — e São João da Cruz, sob a estreita observância das Sagradas Escrituras e da antropologia da doutrina católica da fé.⁸³⁰ Para Edith Stein:

[...] Expor o conteúdo da fé é tarefa da teologia *dogmática*. O filósofo que começa a ocupar-se da teologia dogmática tropeça em seguida com problemas filosóficos: atrai-lhe a ideia de sondar o caráter científico-teórico dessa curiosa ciência, de indagar a questão acerca das relações entre a razão e a revelação, entre o saber e a fé [...].⁸³¹

Por esta via, Edith Stein questiona:

Que é o homem?

Esta pergunta tem triplo sentido:

1. Que é o indivíduo, a pessoa individual: esta pessoa ou aquela?
2. Que é o *homem em geral*? Isto é: Qual é a *natureza do homem*, a natureza que é comum a todos os homens?

⁸²⁹ STEIN, E. Cartas. In: _____. *Obras completas, I: escritos autobiográficos y cartas*. Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002, pp.1019-1020:

“[...] Nuestro Instituto ha sido también arrastrado a la crisis. Este semestre no puedo dar clases [a causa de mi procedencia judía] [...]”. [Tradução livre].

⁸³⁰ MENDES, E. S. *A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico da vida associada*. 2013. 227f. Dissertação [Mestrado em Teologia], Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.

⁸³¹ STEIN, E. ¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 767:

[...] Exponer el contenido de la fe es tarea de la teología *dogmática*. El filósofo que comienza a ocuparse de la teología dogmática tropieza en seguida con problemas filosóficos: le atrae la idea de sondear el carácter científico-teórico de esa curiosa ciencia, de indagar la cuestión acerca de las relaciones entre la razón y la revelación, entre el saber y la fe [...]. [Tradução livre].

3. Que é a *totalidade dos homens: a humanidade?*⁸³²

Partindo do *Sílabo de Pio IX*, de 08 de dezembro de 1864, Edith Stein designa como um dos principais erros de sua época a afirmação da unidade entre Deus e a natureza — monismo — e a afirmação, derivada do monismo, da unidade de substância entre Deus e o homem. Na concepção de Edith Stein, o homem — como revela o Concílio Vaticano do ano de 1870 — é “criatura de Deus”, assim como toda criação foi obra do Deus único e verdadeiro, e por certo o homem foi criado como “unidade de corpo e alma”, que devem ser entendidas como duas substâncias distintas e como distintas de Deus. Diz-se, ademais, dessa unidade:

[...] que a *alma racional ou intelectual* [anima rationalis sive intellectiva] é a *forma do corpo humano* [declaração do Concílio de Viena, de 1311/1312, contra Pedro Juan Olivi, do Concílio V de Latrão, de 1513, contra os “neo-aristotélicos” e de Leão XIII, em 1887, contra Rosmini].⁸³³

Edith Stein designa o conceito escolástico de “forma” como o princípio de um agir ou de uma atividade, como o que subjaz a um agir de uma determinada classe. Para poder irradiar calor, uma coisa tem que estar quente. Portanto, o calor é uma forma no sentido geral supradefinido. De modo concreto, designa-se como “forma accidental” algo que se adiciona ao ser da coisa e que fundamenta um determinado modo de agir. Destas formas accidentais, que têm seu ser em uma coisa, das quais a cada coisa lhe correspondem várias, e que chegam a ela e se vão, faz-se necessário

⁸³² STEIN, E. ¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 768:

¿Qué és el hombre?

Esta pregunta tiene triple sentido:

1. ¿Qué és el individuo, la persona individual: esta persona o aquélla?
2. ¿Qué és el hombre em general? Es decir: ¿Cuál es la naturaleza del hombre, la naturaleza que es común a todos los hombres?
3. ¿Qué es la totalidad de los hombres: la humanidad? [Tradução livre].

⁸³³ STEIN, E. ¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, pp. 768-769:

[...] que el *alma racional o intelectual* [anima rationalis sive intellectiva] es la *forma del cuerpo humano* [declaración del Concilio de Vienne, de 1311/1312, contra Pedro Juan Olivi, del Concilio V de Latrán, de 1513, contra los “neo-aristotélicos” y de León XIII, en 1887, contra Rosmini]. [Tradução livre].

distinguir a “forma substancial”, que constitui o fundamento de todo o agir da coisa, porque essa forma é o que torna possível o ser da coisa, o que a determina como o que ela é, o que a faz que seja esse uno — um ente distinto de qualquer outro.⁸³⁴

Posto que a forma substancial é a que determina a unidade da coisa, nenhuma coisa poderá ter mais de uma só forma substancial. Sob uma primeira olhada, há coisas que se parecem umas com as outras quanto à sua determinação formal, mas que se distinguem entre si numericamente e nós a reconhecemos como distintas, porque se encontram em diversos lugares no espaço. Por outra parte, há a transformação de umas coisas em outras, uma mudança quanto à determinação formal. Isto nos obriga a atribuir às coisas não só a forma, mas também algo distinto, algo em si indeterminado, mas que é determinável.⁸³⁵

Por conseguinte, Edith Stein diz que ao que aqui e ali está igualmente determinado, ou ao que agora está determinado de tal modo e logo após está de outro modo, denomina-se “matéria”. Para Edith Stein:

[...] Os *corpos* são matéria formada [ou determinada pela forma] que preenchem o espaço. A matéria, enquanto é informe e, portanto, não está plenamente determinada pela forma, não tem nenhum ser. A matéria adquire o ser e a determinação por meio da forma. As coisas que se acham no espaço e cuja ação é um determinado acontecer no espaço, têm formas, cujo ser está ligado a uma matéria espacial. Não possuem nenhum ser fora da matéria a que elas mesmas dão o ser e a determinação. Por isso são denominadas *formas materiais*, ainda que elas mesmas não sejam materiais. Posto que elas não podem existir por si, senão unicamente em sua matéria, não podemos atribuir-lhes nenhuma subsistência [...].⁸³⁶

⁸³⁴ STEIN, E. ¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁸³⁵ STEIN, E. ¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁸³⁶ STEIN, E. ¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 770:

Evidenciamos, então, que a totalidade — composta de forma e de matéria — é a substância, que é a que subsiste.⁸³⁷ Para Edith Stein, outra coisa acontece com as formas que fundamentam um espiritual ser e agir. Deus e os “espíritos puros” criados não têm seu ser em uma matéria espacial, mas em si mesmos: subsistem. Neles são também por si mesmos, como estas formas determinadas que são, numericamente, distintos: são “indivíduos”; e o que eles são, são imediatamente: uma forma não pode transformar-se em outra. Posto que seu ser e agir é espiritual, essas formas subsistentes são pessoas. Nestes casos, a subsistência e a personalidade são próprias da forma mesma; são separáveis por abstração, como forma vazia da forma substancial.⁸³⁸

Do ponto de vista de Edith Stein, o homem não é nem forma puramente espiritual nem simples corpo:

[...] O corpo humano é um corpo material, porém um corpo de índole espacial: um ser vivo e que sente, e o corpo humano, como corpo, como ser vivo e ser dotado de sentidos, é especificamente distinto de todos os demais corpos, seres vivos e dotados de sentidos [...].⁸³⁹

[...] Los *cuerpos* son materia formada formada [o determinada por la forma] que llenan el espacio. La materia, em cuanto es informe y, por tanto, no está plenamente determinada por la forma, no tiene ningún ser. La materia adquiere el ser y la determinación por medio de la forma. Las cosas que se hallan en el espacio y cuya acción es un determinado acontecer em el espacio, tiene formas, cuyo ser está ligado a la una materia espacial. No poseen ningún ser fuera de la materia, a la que ellas mismas dane l ser y la determinación. Por eso se denominam *formas materiales*, aunque ellas mismas no sean materiales. Posto que ellas no pueden existir por sí, sino únicamente en su materia, no podemos atribuirles ninguna subsistencia [...]. [Tradução livre].

⁸³⁷ STEIN, E. ¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁸³⁸ STEIN, E. ¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁸³⁹ STEIN, E. ¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, pp. 770-771:

[...] El cuerpo humano es un cuerpo material, pero un cuerpo de índole espacial: un ser vivo y que siente, y el cuerpo humano, como cuerpo, como ser vivo y ser dotado de sentidos, es especificamente distinto de todos los demás cuerpos, seres vivos y dotados de sentidos [...]. [Tradução livre].

Pelo exposto até aqui, sabemos que esta determinação específica se deve à sua forma substancial. Todavia, o ser da alma não se esgota — como o dos princípios vitais dos vegetais e dos animais — em dar forma ao corpo e em atuar nele e com ele. Para Edith Stein, o conhecer e o querer da alma humana revelam-se uma atividade puramente espiritual.⁸⁴⁰

Por este motivo, seu ser — do qual brota a atividade — revela-se também espiritual. A alma humana não pertence às formas materiais. Não pertence aos espíritos puros, por ser essencialmente forma do corpo e dele carece para implantar sua plena atividade — a qual é, mesmo que não só, uma atividade corporal e sensível. Por ser uma substância espiritual, revela-se uma forma subsistente, porém por sua ordenação ao corpo mostra-se uma substância necessitada de complementação, que não se encontra completa a não ser pelo corpo. Segundo Edith Stein, assim o homem inteiro é um indivíduo completo.⁸⁴¹

Edith Stein diz, então, que “[...] Tomás de Aquino estabeleceu em muitas passagens para as coisas materiais o seguinte princípio: *individuum de ratione materiae [...]*”.⁸⁴² Edith Stein explica que a *matéria signata* — a matéria determinada quantitativamente e espacialmente — que entra na coisa, converte-a em uma coisa numericamente distinta de qualquer outra. São Tomás de Aquino aplicou este princípio também no homem.⁸⁴³

⁸⁴⁰ STEIN, E. ¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁸⁴¹ STEIN, E. ¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁸⁴² STEIN, E. ¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 771:

“[...] Tomás de Aquino estableció en muchos pasajes para las cosas materiales el siguiente principio: *individuum de ratione materiae [...]*”. [Tradução livre].

⁸⁴³ STEIN, E. ¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido;

De acordo com Edith Stein, uma série de encíclicas do Papa Leão XIII reflete, com afinco, sobre as teorias individualistas e socialistas acerca do Estado e da sociedade, afirmando que os homens, por natureza, “são nascidos para a sociedade”. Na existência do Estado, o contrato social revela-se pura ficção, não sendo capaz de otorgar ao poder civil tanta força, dignidade e firmeza quanto requer a tutela do Estado e o bem comum dos cidadãos. Tão só se a autoridade estatal emana de Deus, então a autoridade humana terá suficiente poder e prestígio. Por esta via, poder-se-á unicamente falar de uma “igualdade dos homens” enquanto todos possuem a mesma “natureza humana”, todos são chamados à mesma finalidade de ser filhos de Deus e todos serão julgados de acordo com a lei para receber recompensa ou castigo.⁸⁴⁴

Edith Stein delinea, então, a questão antropológica — Que é o homem? — conforme um triplo aspecto: a] a natureza que corresponde a cada um em particular; b] a “natureza do indivíduo”; c] a “natureza da humanidade”. Na resposta da primeira pergunta, encontramos referências que nos remetem às outras duas: a “desigualdade” dos homens — reconhecida dogmaticamente — reconduziu-nos à pergunta acerca da individualidade. O destino social de cada um faz referência à humanidade.⁸⁴⁵

De acordo com Edith Stein, a doutrina da fé não traz nenhuma teoria acerca da individualidade. Tampouco, ocupa-se de todos os indivíduos humanos no que diz respeito ao que é próprio deles como “indivíduos”. Não obstante, trata de determinados indivíduos, cujo posto na humanidade é tal que, sem eles, a humanidade e sua história não se compreenderia: Adão e

Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁸⁴⁴ STEIN, E. ¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁸⁴⁵ STEIN, E. ¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

Cristo, Eva e Maria.⁸⁴⁶ No livro de Gênese, lê-se: “[...] Deus originalmente criou o Homem [*adam*] — ‘ele’, e não ‘eles’, de modo que a multidão dos seres humanos vem a ser o resultado da multiplicação [...]”.⁸⁴⁷

Estão equivocados os teólogos
quando descrevem Deus em seus tratados.
Esperai por mim que vou ser apontada
como aquela que fez o irreparável.
Deus vai nascer de novo para me resgatar.
Me mata, Jonathan, com sua faca,
me livra do cativo do tempo.
Quero entender suas unhas,
o plano não se fixa, sua cara desaparece.
Eu amo o tempo porque amo este inferno,
este amor doloroso que precisa do corpo,
da proteção de Deus para dizer-se
nesta tarde infestada de pedestres.
Ter um corpo é como fazer poemas,
pisar margem de abismos, eu te amo.
Seu relógio, incongruente como meus
sapatos,
uma cruz gozosa, ó Félix Culpa!⁸⁴⁸

No Gênesis, o Homem — [macho e fêmea] — revela-se um ser con-
vivente.⁸⁴⁹ Nas origens do mundo e da humanidade, “[...] o eu humano não
encontrou em nenhum ser da natureza alguém que lhe pudesse dizer *tu*”.⁸⁵⁰

Então lahweh Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele
dormiu. Tomou uma de suas costelas e fez crescer carne em seu
lugar. Depois, da costela que tirara do homem, lahweh Deus
modelou uma mulher e a trouxe ao homem.⁸⁵¹

“Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou,
homem e mulher ele os criou”.⁸⁵² De acordo com Edith Stein:

⁸⁴⁶ STEIN, E. ¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

⁸⁴⁷ ARENDT, H. *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 9.

⁸⁴⁸ PRADO, A. *Poesia reunida*. São Paulo: Sicialiano, 1991, p. 392.

⁸⁴⁹ BÍBLIA, V. T. Gênese. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 1, vers. 2.

⁸⁵⁰ BOFF, L. *O Destino do Homem e do Mundo: Ensaio sobre a vocação humana*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

⁸⁵¹ BÍBLIA, V. T. Gênese. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 2, vers. 21-22.

⁸⁵² BÍBLIA, V. T. Gênese. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 1, vers. 27.

Quando designamos o homem dizendo que é *criatura*, e com isso enunciamos algo que se aplica sem distinção a todos os homens, então temos dito já alguma coisa sobre a *origem* do homem. Temos afirmado com isso que pertence à natureza do homem o ter um começo em sua existência, e esse começo de sua existência se explica por meio de um ato divino. Agora bem, se perguntamos acerca do como da criação do homem, então recebemos uma resposta distinta para cada um dos seres humanos insignes que acabamos de mencionar, e que é distinta também do que se dá para cada um dos demais seres humanos. Com o modo da criação, encontra-se intimamente relacionado ao *estado* no qual o homem é situado por sua criação [...].⁸⁵³

Na busca da verdade — “[...] quando um espírito cognoscente conhece um ente [...]”⁸⁵⁴ — a investigação do sentido do ser reconduziu Edith Stein ao ser que é o autor e a imagem [arquetipo] de todo ser finito, que se revela a nós como o ser em pessoa e, mais do que isto, como ser em três pessoas.⁸⁵⁵ Historicamente, as tentativas para captar conceitualmente a doutrina revelada da Santíssima Trindade deram lugar à formação dos conceitos filosóficos de “hipóstase” e “pessoa”. Para Edith Stein, graças a esses conceitos, conseguiu-se algo essencial não só para a compreensão da revelação de Deus em três pessoas, mas também para compreensão do ser humano e, em uma palavra: o “real-côisico”.⁸⁵⁶

O ser não pode ser conceituado, porque é algo que se presuppõe em toda definição, porque é algo que se contem em cada palavra e em cada sentido de uma palavra. Capta-se com tudo o que é

⁸⁵³ STEIN, E. ¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 778:

Quando designamos al hombre diciendo que es *criatura*, y con ello enunciamos algo que se aplica sin distinción a todos los hombres, entonces hemos dicho ya alguna cosa acerca del *origen* del hombre. Hemos afirmado con ello que pertenece a la naturaleza del hombre el tener un comienzo en su existencia, y ese comienzo de su existencia se explica por medio de un acto divino. Ahora bien, si preguntamos acerca del cómo de la creación del hombre, entonces recibimos una respuesta distinta para cada uno de los seres humanos insignes que acabamos de mencionar, y que es distinta también de la que se da para cada uno de los demás seres humanos. Con la manera de la creación se halla íntimamente relacionado el *estado* en el que el hombre es situado por su creación [...]. [Tradução livre].

⁸⁵⁴ STEIN, E. Conocimiento, Verdad e Ser. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

⁸⁵⁵ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

⁸⁵⁶ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

captado, e está contido no captar mesmo. Podem-se indicar unicamente diferença do ser e do ente.⁸⁵⁷

Para fins de conhecimento — “[...] captação intelectual de algo [...]”⁸⁵⁸ — do ser finito, Edith Stein elege *A Trindade [De Trinitate]*, de Santo Agostinho, como o fundamento de toda a doutrina ulterior. Nos quinze livros do escrito supracitado, Santo Agostinho — fiel à Revelação e à Tradição — esforça-se por elaborar de modo claro o conteúdo da doutrina revelada e apontar um caminho para a compreensão do entendimento.⁸⁵⁹

“[...] Tu a vês, a Trindade, se vês a caridade [...]”.⁸⁶⁰ Partindo da análise de *A Trindade [De Trinitate]*, Edith Stein expõe que a doutrina da fé assinala a unidade da *substância* [essência] nas três pessoas: elas são absolutamente iguais e são uma só. Diferenciam-se pelas relações: o Pai gera o Filho, o Espírito *procede* do Pai e do Filho. Nas suas exposições, Edith Stein acrescenta a diferença na aparição temporal da segunda e da terceira pessoa: “[...] só o Filho nasceu da Virgem, foi crucificado, morreu e foi sepultado; só o Espírito Santo apareceu sob as formas de pomba e de línguas [...]”.⁸⁶¹ No entanto, esses fenômenos não devem ser identificados com as próprias pessoas, nem suas diferenças considerar-se como diferenças das pessoas, mas indicam como “signos” sua diferenciação.⁸⁶²

Todos os comentadores católicos dos Livros divinos do Antigo e do Novo Testamento, que tive oportunidade de ler e que me

⁸⁵⁷ STEIN, E. Conocimiento, Verdad e Ser. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 561:

El ser no puede definirse, porque es algo que se presupone en toda definición, porque es algo que se contiene en cada palabra y en cada sentido de una palabra. Se capta con todo lo que es captado, y está contenido en el captar mismo. Se pueden indicar únicamente diferencias del ser y del ente. [Tradução livre].

⁸⁵⁸ STEIN, E. Conocimiento, Verdad e Ser. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 560:

“[...] captación intelectual de algo [...]”. [Tradução livre].

⁸⁵⁹ AGOSTINHO, S. *A Trindade*. Trad. Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1995.

⁸⁶⁰ AGOSTINHO, S. VIII, 8, 12. In: _____. *A Trindade*. Trad. Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1995.

⁸⁶¹ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 380.

⁸⁶² STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

precederam com seus escritos sobre a Trindade, que é Deus, expuseram sua doutrina conforme às Escrituras nestes termos: o Pai, o Filho e o Espírito Santo perfazem uma unidade divina pela inseparável igualdade de uma única e mesma substância. Não são, portanto, três deuses, mas um só Deus, embora o Pai tenha gerado o Filho, e assim, o Pai não é o que o Filho é. E o Espírito Santo não é o Pai nem o Filho, mas somente o Espírito do Pai e do Filho, igual ao Pai e ao Filho e pertencente à unidade da Trindade.

Contudo, a Trindade não nasceu da Virgem Maria, nem foi crucificada sob Pôncio Pilatos, nem ressuscitou ao terceiro dia, nem subiu aos céus; mas somente o Filho. A trindade não desceu sob a forma de pomba sobre Jesus [Mt 3, 16], nem no dia de Pentecostes depois da ascensão do Senhor, vindo do céu como um ruído semelhante ao soprar de impetuoso vendaval e, em línguas de fogo, que vieram pousar sobre cada um deles, mas somente o Espírito Santo [At 2, 2-4]. A Trindade não fez ouvir do céu: Tu és meu Filho [Mc 1, 11] quando Cristo foi batizado por João e no monte quando com ele estavam três discípulos [Mt 17, 5], nem quando soou a voz que dizia: Eu glorifiquei e glorificarei novamente [Jo 12, 28]; mas somente a voz do Pai foi dirigida ao Filho, se bem que o Pai e o Filho e o Espírito Santo, como são inseparáveis em si, são também inseparáveis em suas operações.⁸⁶³

Para Edith Stein, se colocamos a diferença das pessoas nas *relações*, convém pensar que essa palavra não tem o mesmo significado das coisas finitas. Na Trindade, as relações não são nem substância e nem acidentes. Não são substanciais, porque tudo o que se disse de Deus substancialmente — como pertencente à sua essência — vale para as três pessoas e para cada uma sem consideração das outras.⁸⁶⁴

Na Trindade,

[...] as relações não podem ser acidentais, posto que não são mutáveis como toda coisa finita, coisa própria dos acidentes enquanto tais. Assim, faz-se necessário distinguir da substância [aqui οὐσία = *essentia*] a hipóstase enquanto seu suporte. A unidade da substância se opõe a uma trindade de suporta. Se os chamamos de pessoas, é apenas uma maneira de expressar em palavras humanas o inefável. Tudo o que chamamos geralmente *pessoa* — os homens e os anjos — é *rationalis naturae individua substantia* [seres particulares de uma natureza dotada de razão] no sentido em que contém em seu *quid* algo de *inmediato* que não compartilha com outro [...].⁸⁶⁵

⁸⁶³ AGOSTINHO, S. I, 4, 7. In: _____. *A Trindade*. Trad. Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1995.

⁸⁶⁴ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

⁸⁶⁵ STEIN, E. *Ser Finito y Ser Eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser*. Trad. Alberto Pérez Monroy. México: Fondo de Cultura Económica, 1996, p. 372:

No século XIII, São Tomás de Aquino — na *Suma teológica* [*Somme théologique*] — resolveu essa questão:

[...] Pessoa significa o que há de mais perfeito na natureza, a saber, o que subsiste em uma natureza racional. Ora, tudo o que diz perfeição deve ser atribuído a Deus, pois sua essência contém em si toda perfeição. Convém, portanto, atribuir a Deus esse nome pessoa. Não, porém, da mesma maneira como se atribui às criaturas [...].⁸⁶⁶

Edith Stein mostra que se trata do emprego de uma analogia. No sentido original da palavra, diz-se “pessoa” como o significado dos diversos papéis numa peça de teatro. Na etimologia da palavra, o nome “pessoa” não convém a Deus, senão com relação ao que deve expressar.⁸⁶⁷

[...] Boécio diz: “O termo ‘pessoa’ parece derivar das máscaras que representavam personagens humanas nas comédias ou tragédias: pessoa, com efeito, vem de *per-sonare*, ressoar, porque necessitava-se de uma concavidade para que o som se tornasse mais forte. Os gregos chamam estas máscaras *prósopa*, porque colocam-nas sobre a face e diante dos olhos para esconder o rosto”. Ora, tal termo não pode convir a Deus, a não ser por metáfora. Logo, só por metáfora o nome *pessoa* se diz de Deus.⁸⁶⁸

Por conseguinte, São Tomás de Aquino expõe:

[...] Toda pessoa é hipóstase. Ora, o termo “hipóstase” não parece convir a Deus, pois, segundo Boécio, ele designa o sujeito dos acidentes, mas estes não existem em Deus. Jerônimo também diz que, “neste termo, hipóstase, um veneno se esconde sob o mel”. Logo, o nome pessoa, não se deve dizer de Deus.⁸⁶⁹

[...] Las relaciones no pueden ser accidentales, puesto que no son mutables como toda cosa finita, cosa própria de los accidentes en cuanto tales. Así, es necesario distinguir de la sustancia [aquí oúσία = *essentia*] la hipóstasis en cuanto su soporte. A la unidad de la sustancia se opone una trinidad de soportes. Si los llamamos *personas*, es solamente una manera de expresar en palabras humanas lo inefable. Todo lo que llamamos generalmente *persona* — los homens y los anjos — es *rationalis naturae individua substantia* [seres particulares de una naturaleza dotada de razón] en el sentido en que contiene en su *quid* algo de *inmediato* que no comparte con otro [...]. [Tradução livre].

⁸⁶⁶ TOMÁS DE AQUINO, S. S. th., I, q. 29, a. 3, corp. In: _____. *Suma teológica*: teologia, Deus, trindade [Questões 1-43]. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2016.

⁸⁶⁷ STEIN, E. *Ser finito y ser eterno*: ensayo de una ascensión al sentido del ser. Trad. Alberto Pérez Monroy. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

⁸⁶⁸ TOMÁS DE AQUINO, S. S. th., I, q. 29, a. 3 ad. 2, corp. In: _____. *Suma teológica*: teologia, Deus, trindade [Questões 1-43]. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2016.

⁸⁶⁹ TOMÁS DE AQUINO, S. S. th., I, q. 29, a. 3 ad. 3, corp. In: _____. *Suma teológica*: teologia, Deus, trindade [Questões 1-43]. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2016.

Por “pessoa humana”, Edith Stein concebe “[...] o eu consciente e livre [...]”⁸⁷⁰ — “livre”, por ser dono de seus atos, porque determina por si mesmo sua vida sob a forma de atos livres — que possui um corpo vivente [*Leibgestalt*], uma *psique* [*Seele*] e um espírito [*Geist*]⁸⁷¹, como já havia dito seu mestre espiritual Aristóteles⁸⁷² — e não *Dasein* [*ser-aí*], como proclamou o filósofo contemporâneo alemão Martin Heidegger em *Ser e Tempo* [*Sein und Zeit*, 1927].⁸⁷³

Para Edith Stein, sob o título de *Dasein* [*ser-aí*] Martin Heidegger quer captar o *ser do homem* — e o *homem*, pois o *Dasein* é denominado com muita frequência um *ente*, sem que o ente como algo que é ou que se manifesta possa ser confrontado com o ser.⁸⁷⁴

Por *ser*, é preciso entender no modo de conceber e de fazer filosofia de Martin Heidegger a raiz fundamental e a fonte de toas as coisas, por oposição ao *ente* com o qual foi confundido, que é quanto a ele um ser concreto, particularíssimo, que existe na sua realidade empírica.⁸⁷⁵ De modo algum, o ser pode ser identificado com o *Dasein*. Na perspectiva heideggeriana, *filo-sofar* só é possível se se abandonar a confusão que vela a questão do ser fazendo-nos tomar o *que é* por um *há*. O ser é o que é susceptível de ser interrogado, aquilo sobre o qual temos que fazer-nos perguntas, ele não deve, sobretudo, ser tomado pela própria existência.⁸⁷⁶

[...] Esta distinção é fundamental; ela é o que distingue dos existencialistas no sentido estrito do termo: contrariamente a estes últimos, que consideram que o homem é um ser [livre], cuja existência precede a essência, o autor de *Ser e Tempo* não

⁸⁷⁰ STEIN, E. *Essere finito e essere eterno: per una elevazione al senso dell'essere*. Trad. Ângela Ales Bello. Roma: Città Nuova, 1999, p. 397:

“[...] Per *persona* abbiamo inteso l'lu cosciente e libero [...]”. [Tradução livre].

⁸⁷¹ STEIN, E. *Essere finito e essere eterno: per una elevazione al senso dell'essere*. Trad. Ângela Ales Bello. Roma: Città Nuova, 1999.

⁸⁷² ARISTÓTELES. *De Anima*: Livros I, II e III. Trad. Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: 34, 2006.

⁸⁷³ HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas, SP: UNICAMP; Petrópolis [RJ]: Vozes, 2012.

⁸⁷⁴ STEIN, E. *Essere finito e essere eterno: per una elevazione al senso dell'essere*. Trad. Ângela Ales Bello. Roma: Città Nuova, 1999.

⁸⁷⁵ HUISMAN, D. *História do existencialismo*. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru [SP]: EDUSC, 2001.

⁸⁷⁶ HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas, SP: UNICAMP; Petrópolis [RJ]: Vozes, 2012.

parou de repetir que o homem não é o ser, mas aquele que o interroga. Dito de outro modo, o homem é para si mesmo um “ente”, ou seja, uma existência concreta que tem a faculdade e o privilégio de *questionar o ser*. Confundir o próprio ato de questionamento com aquilo que é questionado, tomar o questionante pelo questionado, é o erro fatal [mas não irreversível] que teriam cometido todos os predecessores de Heidegger [...].⁸⁷⁷

De acordo com Martin Heidegger, a *essência* do homem é a *existência*.⁸⁷⁸ Edith Stein diz, então, que isso não significa senão que se reivindica para o homem algo que segundo a *philosophia perennis* está reservado só a Deus: a coincidência de essência e ser.⁸⁷⁹

[...] Por “*Dasein*” não se compreende o ser simplesmente, mas um especial modo de ser frente ao que estão outros modos de ser: o ser do que há e o ser algo que está à mão, também outra coisa mais, à qual ocasionalmente se alude de forma fugaz, mas que não se expõe com mais detalhe. O homem sim é concebido como um pequeno Deus na medida em que o ser do homem se reivindica como um ser destacado em relação a qualquer outro e como o único ser do que cabe esperar esclarecimento sobre o sentimento do ser [...].⁸⁸⁰

Nas reflexões de Martin Heidegger, o homem não chega a ocupar o *lugar de Deus*. Não obstante, de Deus Martin Heidegger só fala ocasionalmente, em observações marginais e de modo excludente: “[...] o ser divino como algo que poderia ter algum tido de importância para esclarecer o sentido do ser se deixa completamente de lado.”⁸⁸¹

Na concepção de Edith Stein, o ser humano é um ser corporal vivo-anímico-espiritual. Por sua própria essência, enquanto o homem é espírito [*Geist*], sai de si mesmo com sua “vida espiritual” e entra em um mundo que se abre a ele, sem perder nada de si mesmo.⁸⁸²

⁸⁷⁷ HUISMAN, D. *História do existencialismo*. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru [SP]: EDUSC, 2001, p. 100.

⁸⁷⁸ HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas, SP: UNICAMP; Petrópolis [RJ]: Vozes, 2012.

⁸⁷⁹ STEIN, E. *Essere finito e essere eterno: per una elevazione al senso dell'essere*. Trad. Ângela Ales Bello. Roma: Città Nuova, 1999.

⁸⁸⁰ STEIN, E. Apêndice II — A filosofia existencial de Martin Heidegger. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, pp. 594-595.

⁸⁸¹ STEIN, E. Apêndice II — A filosofia existencial de Martin Heidegger. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 595.

⁸⁸² STEIN, E. Ser finito y ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto

Projetando-se, existencialmente:

[...] “Exala” não só sua essência — como todo produto real — de uma maneira espiritual, expressando-se ele mesmo de modo inconsciente: atua pessoal e espiritualmente. A alma humana *enquanto* espírito se eleva em sua vida espiritual acima de si mesma. Porém, o espírito humano está condicionado pelo que lhe é superior e inferior: está imerso em um produto material que o anima e forma em vista de sua configuração de corpo vivo [*Leibgestalt*]. A pessoa humana leva e abarca “seu” corpo vivente e “sua” alma, porém é ao mesmo tempo suportada e abarcada por eles. Sua vida espiritual se eleva de um fundo escuro, sobe como uma chama de círio brilhante, porém nutrida por um material que não brilha. E ela brilha sem ser absolutamente luz: o espírito humano é visível para si mesmo, porém não é de todo transparente; pode iluminar outra coisa sem atravessá-la inteiramente [...].⁸⁸³

De Anima, de Aristóteles — “a inteligência” — revela que não há caso em que a alma possa atuar ou ser atuada sem o corpo; verifiquem-se os exemplos de cólera, coragem, apetite e sensao em geral. [Estar vivo é envolver o corpo] parece ser antes uma atividade do espírito [*noein*]. Mas se o espírito [*noein*] é também uma espécie de imaginação [*phantasia*], ou não é possível sem a imaginação, ele [*noein*] também não poderá ser sem o corpo. Nada é evidente sobre o espírito [*nous*] e a faculdade teórica, mas ele parece ser um tipo diferente de alma, e só esse tipo pode ser separado [do corpo], como o eterno é separável do perecível.⁸⁸⁴

“O Deus da paz vos conceda santidade perfeita; e que o vosso ser inteiro, o espírito, a alma e o corpo sejam guardados de modo irrepreensível

Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

⁸⁸³ STEIN, E. Ser finito y ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser. In: _____. *Obras completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, pp. 959-960:

[...] “Exhala” no sólo su esencia — como toda hechura real — de una manera espiritual expresándose él mismo de modo inconsciente: además actúa personal y espiritualmente. El alma humana *en cuanto* espíritu se eleva en su vida espiritual por encima de sí misma. Pero El espíritu humano está condicionado por lo que le es superior e inferior: está inmerso en un producto material que él anima y forma en vista de su configuración de cuerpo vivo [*Leibgestalt*]. La persona humana lleva y abarca “su” cuerpo vivo y “su” alma, pero es al mismo tiempo soportada y abarcada por ellos. Su vida espiritual se eleva de un fondo oscuro, sube como una llama de cirio brillante pero nutrida por un material que él mismo no brilla. Y brilla ella sin ser absolutamente luz: el espíritu humano es visible para si mismo, pero no es del todo transparente; puede iluminar otra cosa sin atravesarla enteramente [...]. [Tradução livre].

⁸⁸⁴ ARISTÓTELES. *De Anima*: Livros I, II e III. In: _____. *De Anima*. Trad. Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: 34, 2006.

para o dia da Vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”.⁸⁸⁵ Para Edith Stein, o nome graças ao qual cada pessoa humana — singularmente — designa-se a si mesma enquanto tal é “eu”. Do ponto de vista fenomenológico-existencial, “[...] só pode chamar-se ‘eu’ um ente que em seu ser é consciente de seu próprio ser e, ao mesmo tempo, de seu ser diferente, distinto de todo outro ente [...]”.⁸⁸⁶ Edith Stein diz, então, que cada “eu” é um ser único e possui uma coisa que não compartilha com nenhum outro ente: um algo “incomunicável”. No entanto, isto não quer dizer que é “único” em sua espécie: que “o que” é não compartilhe com nenhum outro.⁸⁸⁷

De acordo com Edith Stein, no nome “eu” reside um sentido geral que se realiza sempre que é aplicado justamente. O “incomunicável” forma parte de cada “eu” enquanto tal, e constitui uma “particularidade do ser”: a cada “eu”, seu ser, que chamamos de vida, brota-lhe de instante em instante, e se realiza em um ente fechado em si mesmo.⁸⁸⁸

Existencialmente, cada “eu” ao seu modo de ser um “para-si”: não existe para outro ente e não existe para ele outro ente. No seio da humanidade, cada homem é “um eu”, que começa uma vez a chamar-se “eu” — o que implica que o “ser do eu” tem um começo.⁸⁸⁹

Na existência humana, é possível que o ser humano pronuncie a palavra “eu” antes mesmo de compreender seu sentido, mas é possível

⁸⁸⁵ BÍBLIA, N. T. 1 Tessalonicenses. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 5, vers. 23.

⁸⁸⁶ STEIN, E. Ser finito y ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser. In: _____. *Obras completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, pp. 959-960:

“[...] Sólo puede llamarse ‘yo’ un ente que en su ser es interior a la vez a su ser propiamente dicho y a su ser diferente, distinto de todo otro ente [...]”. [Tradução livre].

⁸⁸⁷ STEIN, E. Ser finito y ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser. In: _____. *Obras completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

⁸⁸⁸ STEIN, E. Ser finito y ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser. In: _____. *Obras completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

⁸⁸⁹ STEIN, E. Ser finito y ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser. In: _____. *Obras completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

também que seu significado já se lhe tenha revelado, antes mesmo do emprego da palavra. Para Edith Stein, pequenas divergências entre a vida espiritual e sua expressão natural na palavra se fundam na particularidade da língua, que constitui um meio de expressão humana condicionado pelo corpo e carece de aprendizagem. Não suprime a importância essencial da expressão linguística, *sendo que o emprego prévio da palavra “eu” é o signo da vida consciente do “eu”*.⁸⁹⁰

Nas reflexões de Edith Stein, a vida do “eu” é seu ser. No entanto, não se identifica com o ser do homem e o princípio da vida consciente não equivale ao princípio da existência humana. No ser característico do “eu”, Edith Stein reconhece — com relação aos conteúdos que o realizam — um duplo privilégio de ser: sua vida está presente [atual] a cada instante, enquanto que os conteúdos não alcançam o nível do presente mais que por um instante. O “eu” constitui o “suporte” dos conteúdos da experiência; recebem dele seu ser vivente e chegam nele e por ele à unidade. Não obstante, apesar desses privilégios, seu ser está na indigência. Por si mesmo não é nada: está vazio, quando não está cheio de conteúdos.⁸⁹¹

No dizer de Edith Stein, tais conteúdos são recebidos de dois mundos situados “mais além” de seu próprio âmbito:

[...] do mundo “exterior” e do mundo “interior”. E sua própria vida vem da obscuridade e volta à obscuridade. Há nele lacunas que não se pode preencher e é conservado de um instante a outro. Uma distância infinita claramente o distingue do ser divino; e, no entanto, é mais semelhante a ele que qualquer outra coisa que tome parte do campo de nossa experiência: precisamente porque é um eu, uma pessoa [...].⁸⁹²

Nos encontros — e re-encontros — dos seres humanos, quando duas pessoas se olham, mutuamente, um “eu” encontra-se — no plano

⁸⁹⁰ STEIN, E. Ser finito y ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser. In: _____. *Obras completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

⁸⁹¹ STEIN, E. Ser finito y ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser. In: _____. *Obras completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

⁸⁹² STEIN, E. *Ser finito y ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, pp. 366-367.

exterior ou interior — com um outro “eu”. Intersubjetivamente, quando o encontro realiza-se no interior, o outro “eu” revela-se um “tu”.⁸⁹³

“Esta, sim, é osso de meus ossos
e carne de minha carne!
Ela será chamada ‘mulher’,
porque foi tirada do homem!”⁸⁹⁴

Edith Stein apreende o ser humano como “pessoa”, sendo que o fator que a define é a vida do “eu”.⁸⁹⁵ Edward Schillebeeckx diz que a pessoa humana constitui o foco de um espaço amplo.⁸⁹⁶

Na África do Sul, *Ubuntu* é a nossa maneira de compreender mundo. A palavra significa literalmente “humanidade”. É a filosofia e a crença de que uma pessoa só é uma pessoa através das demais. Em outras palavras, somos humanos apenas em relação aos outros humanos. Nossa humanidade é tecida por nossa interconexão, e qualquer rasgão no tecido dessa interconexão deve ser reparado para que voltemos a ser inteiros. Essa interconexão é a raiz do que somos.⁸⁹⁷

“Não há EU em si, mas apenas o EU da palavra-princípio EU-TU e o EU da palavra-princípio EU-ISSO”.⁸⁹⁸ Particularmente, o homem é imagem da Trindade — relação — pela iluminação que o Ver opera ao criá-lo e pela participação original do Espírito. Na concepção de Bruno Forte, por força desta imagem, a unidade trinitária vive no mundo e a criatura espelha harmonicamente o criador.⁸⁹⁹

“[...] Não desprezeis nenhum desses pequeninos, porque eu vos digo que os seus anjos nos céus vêm continuamente a face de meu Pai que está nos céus [...]”.⁹⁰⁰ Na personagem de Míchkin, Fiódor Dostoiévski desvela o grau supremo da evolução do indivíduo, quando ele é capaz de

⁸⁹³ STEIN, E. *La Struttura della Persona Umana*. Trad. Michele D’Ambra. Roma: Città Nuova, 2000.

⁸⁹⁴ BÍBLIA, V. T. Gênese. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 2, vers. 23.

⁸⁹⁵ STEIN, E. *La Struttura della Persona Umana*. Trad. Michele D’Ambra. Roma: Città Nuova, 2000.

⁸⁹⁶ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus: a história de um vivente*. Trad. Frederico Stein. São Paulo: Paulus, 2008.

⁸⁹⁷ TUTU, D. *O livro do perdão: para curarmos a nós mesmos e o nosso mundo*. Trad. Heloísa Leal. Rio de Janeiro: Valentina, 2014, p. 16.

⁸⁹⁸ BUBER, M. *Eu e tu*. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Cortez & Moraes, 1977, p. 4.

⁸⁹⁹ FORTE, B. *Nos caminhos do Uno: metafísica e teologia*. Trad. Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2005.

⁹⁰⁰ BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 18, vers. 10-[11].

sacrificar-se em benefício de todos.⁹⁰¹ No dizer de Edith Stein, quando o eu particular dá lugar a um outro de modo que venha a dizer “nós”.⁹⁰² Dito por Martin Buber, “[...] um ser para o qual eu estou aqui, do mesmo modo que ele está aqui para mim [...]”.⁹⁰³ Na parábola do Bom Pastor, Jesus diz que “[...] se consegue achá-la, em verdade vos digo, terá maior alegria com ela do que com as noventa e nove que não se extraviaram [...]”.⁹⁰⁴

Nas reflexões de Fiódor Dostoiévski, o ser humano deveria estar isento de individualismo e de egoísmo; ser capaz de abdicar do “eu para mim” em prol do “eu para os outros”, para a coletividade: de realizar o supremo ideal ético do próprio Fiódor Dostoiévski, que este só considerava possível em Jesus Cristo, e que pode ser resumido no mais alto emprego que a pessoa humana pode fazer de sua personalidade, da plenitude de seu desenvolvimento do seu eu, é como que eliminar esse eu, consagrá-lo inteiramente a todos e a cada um, sem reservas e com abnegação.⁹⁰⁵

[...] Que vos parece? Se um homem possui cem ovelhas e uma delas se extravia, não deixa ele as noventa e nove nos montes para ir à procura da extraviada?.⁹⁰⁶

De tudo isto surge Míchkin com sua utopia do amor-compaixão por todos, por Marie e pelas crianças, por Hippolit, por Keller, por Liébediev, predominantemente por Nastácia Filíppovna, personagem complexa e mais uma integrante da galeria de humilhados e ofendidos tão cara ao romancista. Na concepção de Dostoiévski, essa é uma questão filosófica de importância transcendental, pois sem a superação do egoísmo burguês pode-se inviabilizar a vida da pessoa humana na face da terra.⁹⁰⁷

⁹⁰¹ DOSTOIÉVSKI, F. *O idiota*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: 34, 2015.

⁹⁰² STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

⁹⁰³ BUBER, M. *Eu e tu*. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Cortez & Moraes, 1977, p. 88.

⁹⁰⁴ BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 18, vers. 13.

⁹⁰⁵ DOSTOIÉVSKI, F. *O idiota*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: 34, 2015.

⁹⁰⁶ BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 18, vers. 12.

⁹⁰⁷ DOSTOIÉVSKI, F. *O idiota*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: 34, 2015.

Na perspectiva de Edith Stein, a pessoa humana — “o eu consciente e livre” — não constitui o fundamento de si mesmo.⁹⁰⁸

Meu próprio ser, tal como o conheço e tal como me conheço nele, é nulo; eu não existo por mim mesma e por mim mesma nada sou; em cada momento me encontro frente a este nada e, momento após momento, preciso de ser reinvestida com o dom do ser. E, sem dúvida, este ser vazio ou nulo é *ser*, e por isso em todos os momentos estou em contato com a plenitude do ser. Como dissemos antes, a nulidade e a fugacidade, tal como as encontramos em nós mesmos, nos revelam a *ideia* do ser verdadeiro, do ser eterno e imutável [...].

[...] A futilidade e a fugacidade de seu próprio ser se manifestam ao eu quando este se apropria do seu próprio ser *refletindo* e quando procura encontrar seu fundamento. Alcança-o antes de todo pensamento e análise retrospectiva de sua vida pela *angústia*, que acompanha o homem não redimido ao longo da vida por meio de diferentes disfarces, como o medo frente a isto ou aquilo, mas, no fim das contas, a angústia que experimenta diante de seu próprio não-ser “o coloca diante do nada”.

Então, em meu ser eu me encontro com outro ser que não é o meu, senão que é o sustento e o fundamento de meu ser que não possui em si mesmo fundamento. Posso chegar por duas vias a esse fundamento que encontro dentro de mim mesmo com fins de conhecer o *ser eterno*. A primeira é a *da fé*: se Deus se revela como “o ente”, como “criador” e como “conservador”, e se o Salvador disse: “Aquele que crer no Filho tem a vida eterna”, estas são respostas claras à questão enigmática que concerne ao meu próprio ser. E se Deus me disse pela boca do profeta que me é mais fiel do que meu pai e minha mãe e que Ele é o amor mesmo, reconheço quão “razoável” é minha confiança no braço que me sustenta e como toda angústia de cair no nada é insensata, enquanto eu não me desprenda por mi mesmo do braço do protetor.⁹⁰⁹

⁹⁰⁸ STEIN, E. Ser finito y ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser. In: _____. *Obras completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

⁹⁰⁹ STEIN, E. Ser finito y ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser. In: _____. *Obras completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, pp. 664-666:

Mi ser, tal como yo lo encuentro y tal como yo me encuentro en él, es un ser nulo; yo no existo por mí mismo y por mí mismo nada soy, me encuentro a cada instante ante la nada y tengo que recibir el don del ser momento tras momento. Y sin embargo, este ser vano o nulo es *ser* y por eso toco a cada instante la plenitud del ser. Hemos dicho antes que el devenir y el pasar, tal como lo encontramos em nosotros, nos revelan la *idea* del ser verdadero, del ser eterno e inmutable [...].

[...] La futilidad y la fugacidad de su propio ser se le manifiestan al yo cuando se apodera de su propio ser reflexionando y cuando trata de llegar al fundamento. Lo alcanza antes de toda consideración y análisis retrospectivos de su vida por la *angustia* que acompaña a través de la vida al hombre no librado bajo diferentes disfarces, como el miedo ante esto o aquello, pero, a fin de cuentas, la angustia que experimenta delante de su propio no-ser “lo coloca delante de la nada”.

En mi ser yo no me encuentro entonces con otro ser que no es el mío, sino que es el sostén y el fundamento de mi ser que no posee en sí mismo ni sostén ni fundamento. Puedo llegar por dos vías a ese fundamento que encuentro dentro de mí mismo a fin de conocer al *ser eterno*. La primera es la *de la fe*: si Dios se revela como “el ente”, como “creador” y “conservador”, y si el Salvador dice:

Martin Buber diz que a comunidade é uma união de homens em nome de Deus numa instância viva de sua realização. Tal união pode efetivar-se somente quando homens se aproximam uns dos outros e se encontram de modo imediato, na imediaticidade de seu dar e de seu receber. Esta imediaticidade existe entre os homens quando são retirados os véus de uma conceitualidade ditada pela procura de proveitos, véus que não permitem ao indivíduo manifestar-se como pessoa, mas como membro de uma espécie, como cidadão, como membro de uma classe. Existe imediaticidade quando eles se encontram como únicos e responsáveis por tudo. Só então pode haver abertura, participação, ajuda”. Na existência do Estado, “[...] a comunidade pode, a partir da relação entre duas ou algumas pessoas, tornar-se o fundamento da vida em comum de muitas pessoas”.⁹¹⁰

“Palavras gastas de Morte e de Amor”.⁹¹¹ Nas letras de Edith Stein, “a humanidade é um grande todo: procede de uma mesma raiz, dirige-se a um mesmo fim, está implicada em um mesmo destino”.⁹¹²

“O nome de Deus é hoje novamente desconhecido e selado. Somente a ação pode desvendá-lo”.⁹¹³ No espírito desta reflexão, Hannah Arendt, em *A condição humana*, designa três atividades humanas fundamentais: trabalho, obra e ação. Para Hannah Arendt, a condição humana do trabalho é a própria vida; a condição humana da obra é a mundanidade [*worldliness*]; a condição humana da ação é a pluralidade,

“Aquel que cree en el hijo tiene la vida eterna”, éstas son respuestas claras a la cuestión enigmática que concierne a mi propio ser. Y si Dios me dice por la boca del profeta que me es más fiel que mi padre y mi madre y que Él es el amor mismo, reconozco cuán “razonable” es mi confianza en el brazo que me sostiene y como toda angustia de caer en la nada es insensata, mientras yo no me desprenda por mí mismo del brazo protector. [Tradução livre].

⁹¹⁰ BUBER, M. *Sobre comunidade*. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 47.

⁹¹¹ MEIRELES, C. *Solombra*. 2. ed. São Paulo: Global, 2013, p. 47.

⁹¹² STEIN, E. Ser finito y ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser. In: _____. *Obras completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p.19:

“La humanidad es un gran todo: procede de una misma raíz, se dirige a un mismo fin, está implicada en un mismo destino”. [Tradução livre].

⁹¹³ BUBER, M. *Sobre comunidade*. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 49.

pois somos todos iguais: humanos, de um modo tal que ninguém jamais é igual a qualquer outro que viveu, vive ou viverá.⁹¹⁴

Todas as três atividades e suas condições correspondentes estão intimamente relacionadas com a condição mais geral da existência humana: o nascimento e a morte, a natalidade e a mortalidade. O trabalho assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a vida da espécie. A obra e seu produto, o artefato humano, conferem uma medida de permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao caráter efêmero do tempo humano. A ação, na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos, cria a condição para a lembrança [*remembrance*], ou seja, para a história. O trabalho e a obra, bem como a ação, estão também enraizados na natalidade, na medida em que têm a tarefa de promover e preservar o mundo para o constante influxo de recém-chegados que nascem no mundo como estranhos, além de prevê-los e leva-los em conta. Entretanto, das três atividades, a ação tem a relação mais estreita com a condição humana da natalidade; o novo começo inerente ao nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir [...].⁹¹⁵

Na concepção de Hannah Arendt, os homens são seres condicionados, porque tudo aquilo com que eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência.⁹¹⁶

3.2

A VIVÊNCIA *SUI GENERIS* DA ENTROPATIA

lahweh Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda”. lahweh Deus modelou então, do solo, todas as feras selvagens e todas as aves do céu e as conduziu ao homem para ver como ele as chamaria: cada qual deveria levar o nome que o homem lhe desse. O homem deu nome a todos os animais, às aves do céu e a todas as feras selvagens, mas, para o homem, não encontrou a auxiliar que lhe correspondesse. Então lahweh Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou uma de suas costelas e fez crescer carne em seu lugar. Depois, da costela que tirara do homem, lahweh Deus modelou a mulher a trouxe ao homem.

Então o homem exclamou:
 “Esta, sim, é osso de meus ossos
 e carne de minha carne!
 Ela será chamada ‘mulher’,

⁹¹⁴ ARENDT, H. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

⁹¹⁵ ARENDT, H. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 10.

⁹¹⁶ ARENDT, H. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 10.

porque foi tirada do homem!”⁹¹⁷

O homem chamou sua mulher “Eva”, por ser a mãe de todos os viventes.⁹¹⁸

Historicamente, entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX — no cenário pós-positivista que ia se espalhando na Europa — configuraram-se as ciências do espírito [ciências humanas] com fins de subtrair a investigação do ser humano do terreno da filosofia, por considerá-la insuficiente para a compreensão do mundo social.⁹¹⁹ De acordo com Angela Ales Bello, a *fenomenologia* — de Edmund Husserl — já se tinha inserido no debate, pró e contra, um tal empreendimento,

[...] reafirmando por um lado a autonomia daquelas ciências a respeito do modelo representando pela investigação físico-matemática — e nesta operação concordava com alguns filósofos, quais W. Dilthey, M. Weber, G. Simmel e, em geral, com expoentes do neokantismo — e, por outro lado, reivindicando a prioridade da pesquisa filosófica, em particular aquela de impositação fenomenológica, na abordagem do ser humano na sua individualidade e dimensão comunitária.⁹²⁰

No início do século XX, Edmund Husserl descobriu — dentre as vivências presentes no fluxo de consciência — uma modalidade peculiar de abordagem do outro: a entropatia [*Einfühlung*].⁹²¹

Para designar o ato da entropatia — vivência *sui generis* — Edmund Husserl utilizava a palavra *Einfühlung*, composta por três partes:

[...] o núcleo *fühl* significa “sentir”. Há na língua grega uma palavra que poderia corresponder a *fühl* [e a *feeling*, derivada da língua latina]: *pathos*, que significa “sofrer” e “estar perto”. A palavra *empatia* é uma tentativa de tradução desse sentir em termos linguísticos espontâneos do ser humano, para sentir o outro. Uma outra tradução poderia ser *entropatia* [...].⁹²²

⁹¹⁷ BÍBLIA, V. T. Gênese. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 2, vers. 18-23.

⁹¹⁸ BÍBLIA, V. T. Gênese. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 3, vers. 20.

⁹¹⁹ ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000.

⁹²⁰ ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000, p. 159.

⁹²¹ ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000.

⁹²² ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000, p. 63.

Na psicologia, o termo empatia é frequentemente utilizado — de modo equivocado — como “sentir o outro”, no sentido de simpatia:

[...] Eu posso encontrar uma pessoa, e ter um reconhecimento súbito de que é um ser humano, imediatamente o vejo como indivíduo e identificado como alguém semelhante a mim. Assim, enquanto eu o vejo, ao mesmo tempo, percepção e entropatia, ou seja, a percepção e apreensão de que é um ser humano. Porém, o que me acontece no nível psíquico? Existe uma reação de atração ou repulsão, a simpatia ou a antipatia. É verdade que sempre ativamos a antipatia ou a simpatia, porém, o primeiro movimento não é nem de antipatia e nem de simpatia, mas de captar que se trata de um ser humano [...].⁹²³

Nos escritos de Edith Stein, evidenciamos que a entropatia [*Einfühlung*] é um *ato específico*, que não pode ser confundido com a reação psíquica da simpatia.⁹²⁴

Nos encontros humanos, toda pessoa humana realiza o mesmo ato. Por meio da vivência da entropatia, captamos — imediatamente — que estamos diante de seres *viventes como nós*.⁹²⁵

Na poesia, diz[-nos] Manuel Bandeira:

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato, Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.⁹²⁶

Do ponto de vista da teologia como reflexão crítica da práxis histórica, o elemento “vivente” é de suma importância para a investigação do Estado em Edith Stein, por existir dentro dele uma vida, que não é mera

⁹²³ ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000, p. 63.

⁹²⁴ STEIN, E. Sobre el Problema de la Empatía. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920], vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

⁹²⁵ ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000.

⁹²⁶ BANDEIRA, M. O bicho. In: _____. *Belo belo*. São Paulo: Global, 2014, p. 63.

percepção externa: é uma percepção acompanhada da *consciência*. Estamos diante de um *tu que vive, que vive como eu*.⁹²⁷

[...] Por que temos que dizer “como eu”? Porque podemos estar diante de uma cadhorro que vive também, mas não vive como eu. Isso nós percebemos imediatamente, no entanto, podemos estabelecer com o gato ou como o cachorro uma relação também entropática. Sabemos que ele vive em nível psíquico, que nós também temos. Se o gato mia, percebemos que ele está pedindo alguma coisa, que tem fome ou sente alguma dor. Este captar é entropatia, pois também possuímos o nível psíquico, mais do que isso, fazemos um grande esforço com os animais domésticos, falando e tentando interpretá-los. O mesmo esforço fazemos com a criança pequenina que ainda não pode falar, tentamos captar o que possa estar sentindo, o que está acontecendo com ela.⁹²⁸

Para a teologia latino-americana — e suas interfaces com a fenomenologia —, analisar a diferença entre a pessoa humana e o animal é de suma importância, porque em relação ao ser humano, captamos — imediatamente — que ele vive, tem vida corpórea, psíquica e espiritual.⁹²⁹

No dizer de Angela Ales Bello, não foi por acaso que Edith Stein, no momento de escolher o tema de sua Tese de Doutorado em Filosofia,

[...] se orientasse para tratar deste tema, isto é, para a descrição fenomenológica da forma em que os sujeitos humanos se reconhecem mutuamente tais, isto é, precisamente sujeitos e não objetos, como as coisas do mundo físico ou os produtos manufaturados, bem como diferentes dos animais [...].⁹³⁰

Edith Stein, com o objetivo de ilustrar a essência do ato *sui generis* da entropatia, escreve nas primeiras laudas de *Sobre o Problema da Empatia [Zum Problem der Einfühlung]*⁹³¹: “Na base de toda controvérsia

⁹²⁷ ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000.

⁹²⁸ ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000.

⁹²⁹ ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000.

⁹³⁰ ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000, p. 160.

⁹³¹ STEIN, E. Sobre el Problema de la Empatía. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos [Etapa fenomenológica: 1915-1920]*. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

sobre a entropatia subjaz um pressuposto tácito: estão dados a nós sujeitos alheios em suas vivências [...]”.⁹³²

Para ilustrar a essência do ato empático, dá um exemplo clássico:

[...] Um amigo vem até mim e me conta que perdeu o seu irmão, e eu noto a sua dor. Que é este notar? Sobre o que se baseia o de onde conluo a dor, sobre isso não quero tratar aqui. Quiçá está sua cara pálida e assustada, sua voz afônica e comprimida, quiçá também da expressão à sua dor com palavras. Tudo isso são, evidentemente, temas de investigação, porém isso não me importa aqui. O que quero saber é isto: o que o notar mesmo é, não por qual caminho chego a ele.⁹³³

Edith Stein, mais adiante, destaca: “[...] eu não tenho nenhuma percepção extena da dor [...]”.⁹³⁴ Destarte, a empatia não tem o caráter de percepção externa.⁹³⁵ O sujeito das vivências é o “eu puro”.⁹³⁶

Por meio do ato empático, o indivíduo apreende a vida anímica do seu próximo. Desmond Tutu — na obra *Deus não é cristão e outras provocações* [*God is not a Christian: and other provocations*, 2011] — diz:

Em nosso *weltanschauung* africano, nossa visão de mundo, temos algo chamado *ubuntu*. Em *xhosa*, dizemos: “Umntu ngumtu ngabantu”. É muito difícil passar essa expressão para outras línguas, mas poderíamos traduzi-la dizendo: “Uma pessoa é uma pessoa por intermédio de outras pessoas.” Precisamos de outros seres humanos para aprendermos a ser

⁹³² STEIN, E. Sobre el Problema de la Empatía. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 82:

“En la base de toda controversia sobre la empatía subyace un presupuesto tácito: nos están dados sujetos ajenos y sus vivencias [...]”. [Tradução livre].

⁹³³ STEIN, E. Sobre el Problema de la Empatía. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 82:

[...] Un amigo viene hacia mí y me cuenta que ha perdido a su hermano, y yo noto su dolor. ¿Qué es este notar? Sobre lo que se basa, el de dónde conluo el dolor, sobre eso no quiero tratar aquí. Quizá está su cara pálida y asustada, su voz afónica y comprimida, quizá también da expresión a su dolor con palabras. Todos éstos son, por supuesto, temas de investigación, pero eso no me importa aquí. Lo que quiero saber es esto, lo que el notar mismo es, no por qué camino llego a él. [Tradução livre].

⁹³⁴ STEIN, E. Sobre el Problema de la Empatía. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 83:

“[...] Yo no tengo ninguna percepción externa del dolor [...]”. [Tradução livre].

⁹³⁵ STEIN, E. Sobre el Problema de la Empatía. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

⁹³⁶ STEIN, E. *La Struttura della Persona Umana*. Trad. Michele D’Ambra. Roma: Città Nuova, 2000.

humanos, pois ninguém vem ao mundo totalmente formado [...].⁹³⁷

Perguntamos, então: “[...] ‘quem é meu próximo?’”.⁹³⁸

“[...] Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se, deixando-o semimorto. Casualmente, descia por esse caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. Igualmente, um levita, atravessando esse lugar, viu-o e prosseguiu. Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-o de compaixão. Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados. No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: ‘Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei’”.⁹³⁹

Não é notável que Jesus — na parábola do Bom Samaritano — não dá uma resposta direta à pergunta: “[...] ‘E quem é meu próximo?’”.⁹⁴⁰

Decerto, Jesus poderia ter compilado uma lista de pessoas a quem o escriba poderia amar como a ele mesmo, assim como exigia a lei. Mas Jesus não fez isto. Ele contou uma história.⁹⁴¹

“[...] Que me importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte? — O que eu vejo é o beco”.⁹⁴² Na existência do Estado, é como se Jesus quisesse — dentre outras coisas — ressaltar que a vida é um pouco mais complexa do que nos damos conta. Para Desmond Tutu, estamos ficando mais pobres em diversidade no campo das etnias, dos credos religiosos, nos pontos de vista políticos e ideológicos.⁹⁴³

“[...] É Helena de Teodecto 11 que exclama: ‘De uma raça de deuses descendente, quem de escrava ousaria chamar-me?’ [...]”.⁹⁴⁴ Na teologia

⁹³⁷ TUTU, D. *Deus não é cristão e outras provocações*. Trad. Lilian Jenkino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012, p. 41.

⁹³⁸ BÍBLIA, N. T. Lucas. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 10, vers. 29.

⁹³⁹ BÍBLIA, N. T. Lucas. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 10, vers. 30-35.

⁹⁴⁰ BÍBLIA, N. T. Lucas. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 10, vers. 29.

⁹⁴¹ TUTU, D. *Deus não é cristão e outras provocações*. Trad. Lilian Jenkino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012.

⁹⁴² BANDEIRA, M. *Testamento de Pasárgada*. São Paulo: Global, 2014, p. 153.

⁹⁴³ TUTU, D. *Deus não é cristão e outras provocações*. Trad. Lilian Jenkino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012.

⁹⁴⁴ ARISTÓTELES. A Política, Livro I, II, § 19. _____. *A Política*. Trad. Nestor Silveira. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.

do século XXI, Desmond Tutu diagnostica uma nostalgia que clama por uma segurança ventral de uma igualdade segura, de modo que deixamos de fora o que é estranho e diferente: “[...] Há um anseio pela homogeneidade e uma alergia ao outro, ao diferente”.⁹⁴⁵

Historicamente, o processo de colonização apoiou-se em, pelo menos, dois pilares fundamentais. Primeiro, a ideia — oriunda do modo de conceber e de fazer filosofia dos gregos — de que somente os seres humanos do Ocidente eram, por natureza, dotados de *Logos* [Λόγος], “[...] sendo assim a única e autêntica personificação da famosa afirmação aristotélica ‘o homem é um animal racional’ [...]”.⁹⁴⁶

Na **Política** [Πολιτικά], Aristóteles escreve:

[...] A razão de ser o homem um animal sociável em grau mais elevado que as abelhas e todos os outros animais que vivem reunidos. A natureza, dizemos, nada faz em vão. O homem só, entre todos os animais, tem o dom da palavra; a voz é o sinal da dor e do prazer, e é por isso que ela foi também concedida aos outros animais. Estes chegam a experimentar sensações de dor e de prazer, e a se fazer compreender uns aos outros. A palavra, porém, tem por fim fazer compreender o que é útil ou prejudicial, e, em consequência, o que é justo ou injusto. O que distingue o homem de um modo específico é que ele sabe discernir o bem do mal, o justo do injusto, e assim todos os sentimentos da mesma ordem cuja comunicação constitui precisamente a família do Estado.⁹⁴⁷

E, mais adiante, destaca:

Há na espécie humana indivíduos tão inferiores a outros como o corpo o é em relação à alma, ou a fera ao homem; são os homens nos quais o emprego da força física é o melhor que deles se obtém. Partindo dos nossos princípios, tais indivíduos são destinados, por natureza, à escravidão; porque, para eles, nada é mais fácil que obedecer. Tal é o escravo por instinto: pode pertencer a outrem [também lhe pertence ele de fato], e não possui razão além do necessário para dela experimentar um sentimento vago; não possui a plenitude da razão. Os outros animais dela desprovidos seguem as impressões exteriores. Há na espécie humana indivíduos tão inferiores a outros como o corpo o é em relação à alma, ou a fera ao homem; são os

⁹⁴⁵ TUTU, D. *Deus não é cristão e outras provocações*. Trad. Lilian Jenkino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012, p. 24.

⁹⁴⁶ RAMOSE, M. B. *Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana*. Trad. Dirce Eleonora Nigro Solis, Rafael Medina Lopes e Roberta Ribeiro Cassiano. Disponível em: <http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE_MB.pdf>. Acesso em 14 de março de 2018.

⁹⁴⁷ ARISTÓTELES. *A Política*, Livro I, II, § 10. In: _____. *A Política*. Trad. Nestor Silveira. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.

homens nos quais o emprego da força física é o melhor que deles se obtém. Partindo dos nossos princípios, tais indivíduos são destinados, por natureza, à escravidão; porque, para eles, nada é mais fácil que obedecer. Tal é o escravo por instinto: pode pertencer a outrem [também lhe pertence ele de fato], e não possui razão além do necessário para dela experimentar um sentimento vago; não possui a plenitude da razão. Os outros animais dela desprovidos seguem as impressões exteriores.⁹⁴⁸

Para a teologia latino-americana, interessa que essa posição filosófica sobre o ser humano contrariava a decisão de cristianizar, já que o cristianismo era direcionado apenas a seres humanos.⁹⁴⁹

Na teoria, o Papa Paulo III resolve a contradição com Bula *Sublimis Deus*, de 02 de junho de 1537, que declarava expressamente que "os índios eram verdadeiros homens e [...] não eram capazes de entender a fé católica, mas, de acordo com as nossas informações, desejam ardentemente recebê-la".⁹⁵⁰ Na prática,

[...] a declaração não eliminou a falácia psicológica solidificada na convicção de que "o homem é um animal racional" não se referia aos africanos, aos ameríndios, aos australasianos e, muito menos, às mulheres [...].

Passemos, então, para o segundo pilar: o pilar da religião [católica], a inspiração e a crença em que a fé no Deus — de Abraão, de Isaac e de Jacó — de Jesus Cristo demandava que cada ser humano no planeta Terra deveria ser cristianizado, mesmo contra a sua vontade.⁹⁵¹

Para dar o corte necessário à nossa investigação do Estado em Edith Stein na contemporaneidade, elegemos três pontos fundamentais para a teologia como reflexão crítica da práxis histórica: "[...] o ponto de vista do pobre, o que-fazer teológico e o anúncio do Reino de vida".⁹⁵²

⁹⁴⁸ RISTÓTELES. *A Política*, Livro I, II, § 13. In: _____. *A Política*. Trad. Nestor Silveira. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.

⁹⁴⁹ RAMOSE, M. B. *Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana*. Trad. Dirce Eleonora Nigro Solis, Rafael Medina Lopes e Roberta Ribeiro Cassiano. Disponível em: <http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE_MB.pdf>. Acesso em 14 de março de 2018.

⁹⁵⁰ PAULO III, P. *Sublimis Deus*, 1537. Disponível em: <www.papalencyclicals.net/Paul03/p3subli.htm>. Acesso em 14 de março de 2018.

⁹⁵¹ WILLIAMS, R. A. *The American Indian in western legal thought*. Oxford: Oxford University Press, 1990.

⁹⁵² GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação: perspectivas*. Trad. Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva e Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 15.

Tzvetan Todorov, no escrito intitulado *A conquista da América: a questão do outro*, escreve:

[...] Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um *eu* também, sujeito como eu. Somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão *lá* e eu estou só *aqui*, pode realmente separá-los e distingui-los de mim. Posso conceber os outros como uma abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo indivíduo, como o Outro, outro ou outrem em relação a *mim*. Ou então como um grupo social concreto ao qual *nós* não pertencemos. Este grupo, por sua vez, pode estar contido numa sociedade: as mulheres para os homens, os ricos para os pobres, os loucos para os “normais”. Ou pode ser exterior a ela, uma outra sociedade que, dependendo do caso, será próxima ou longínqua: seres que em tudo se aproximam de nós, no plano cultural, moral e histórico, ou desconhecidos, estrangeiros cuja língua e costumes não compreendo, tão estrangeiros que chego a hesitar em reconhecer que pertencemos a uma mesma espécie [...].⁹⁵³

No século XIV, relata Cristóvão Colombo:

[...] essa gente é muito simples em matéria de armas, como verão Vossas Majestades pelos sete que mandei capturar para levar à vossa presença, aprender a nossa língua, e trazê-los de volta, a menos que Vossas Majestades prefiram mantê-los em Castela ou conservá-los cativos na própria Ilha, porque bastam cinquenta homens, para subjugar todos e mandá-los fazer tudo o que quiser [...].

Não me consta que professem alguma religião e acho que bem depressa se converteriam em cristãos, pois tem muito boa compreensão.

[...] E estes índios são dóceis e bons para receber ordens e fazê-los trabalhar, semear e tudo o mais que for preciso, e para construir povoados, e aprender a andar vestidos e a seguir nossos costumes [...].⁹⁵⁴

No famoso sermão do quarto domingo do Advento — dia 21 de dezembro de 1511 —, a comunidade, cujo prior era o jovem e valoroso Frei Pedro de Córdoba, encarrega Frei Antônio de Montesinos de ser o porta-voz da Ordem dos Frades Pregadores e de Jesus Cristo na América. Na igreja catedral, diante das autoridades, do governador e de toda a população reunida, Frei Antônio de Montesinos proclama que todos os colonizadores estão cometendo um grande pecado coletivo, escravizando

⁹⁵³ TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, pp. 3-4.

⁹⁵⁴ COLOMBO, C. *Documento 9*, Diários da primeira viagem à América, outubro a dezembro de 1492].

e oprimindo os “índios”: “Estes não são seres humanos?” “E não tem os direitos humanos a ser respeitados? E não devem ser amados como irmãos?”.⁹⁵⁵ Esta é — em seu modo lapidar — a primeira proclamação dos direitos humanos na América Latina e no mundo.⁹⁵⁶

No começo de 1514, Frei Bartolomeu de Las Casas — o primeiro padre [rico fazendeiro: símbolo dessa cristandade que se dava por evangelizadora mesmo na medida em que se fazia conquistadora] da América —, preparando a missa e a homilia de Pentecostes, em Espírito Santo [Cuba], esbarra-se com um texto do Livro de Eclesiástico: “como o que imola o filho na presença de seu pai, assim é o que oferece um sacrifício com os bens dos pobres”.⁹⁵⁷ Frei Bartolomeu de Las Casas vê desmascarada e denunciada a injustiça social de que é cúmplice e mesmo protagonista culpado. Deus é o Pai que se identifica com o pobre e o oprimido, que os ama como “filhos” e que se sente atingido pelo que se faz contra a vida e a liberdade da pessoa humana.⁹⁵⁸

No centro de Cuba, Frei Bartolomeu de Las Casas — consciente de seu pecado social — decide: os frades dominicanos têm razão; as condenações que eles lançam contra o processo colonizador são inspiradas pelos profetas e pelo Evangelho; são veredictos de um juiz implacável, pois é um Pai infinitamente amoroso.⁹⁵⁹

No Perú, José María Arguedas escreve:

[...] Nunca quis ajudar nas missas das festas principais da comunidade. O vigário de um distrito vizinho que vinha celebrá-las pediu-lhe que fosse sacristão muitas vezes, chegou até a exigir-lhe, pois o sacristão de Lahuaymarca era índio.

— Acontece que ele não sabe, repete as palavras como um papagaio, não entende e quase não é cristão — disse-lhe o vigário na véspera de uma grande festa. — Tu és mestiço, és

⁹⁵⁵ JOSAPHAT, C. *Bartolomeu de Las Casas: espiritualidade contemplativa e militante*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 24.

⁹⁵⁶ JOSAPHAT, C. *Bartolomeu de Las Casas: espiritualidade contemplativa e militante*. São Paulo: Paulinas, 2008.

⁹⁵⁷ BÍBLIA, N. T. Eclesiástico. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 34, vers. 24.

⁹⁵⁸ JOSAPHAT, C. *Bartolomeu de Las Casas: espiritualidade contemplativa e militante*. São Paulo: Paulinas, 2008.

⁹⁵⁹ JOSAPHAT, C. *Bartolomeu de Las Casas: espiritualidade contemplativa e militante*. São Paulo: Paulinas, 2008.

organista e sabes responder em latim. A missa ficará mais bonita contigo.

— Isto me ofende, padre. Minha Igreja está dentro de meu peito; o senhor me ofende. Como é que vou cantar? Gertrudes, sim, canta como um anjo.

— Gertrudes não pensa em Deus; ela canta triste porque é muito feia.

— Padrezinho, o senhor não entende a alma dos índios. Gertrudes, mesmo não conhecendo Deus, é de Deus. Quem, senão Deus, lhe deu aquela voz que limpa o pecado? Consola o triste, faz pensar em coisas alegres, limpa qualquer sujeira.

— Está bem, teimoso. Não te posso obrigar. Essa **Kurku** tem **algo** estranho, que faz dó.

— É Deus, padrezinho! Ela sofreu entre os senhores. O Deus dos senhores não é o mesmo. Faz sofrer sem consolo.

[...]

[...] Chegou amarelo, roto, sem tanga. Voltou igualzinho em sua roupa, porém em seus olhos havia Deus...

— Que Deus? Como é que sabes?

— Deus é esperança. Deus alegria. Deus coragem. Ele chegou **pronto**, doente, agachado. Saiu teso, firme, fortão. Não era mais moço. Existe Deus aqui, em Lahuaymarca. Foi-se de São Pedro, creio que para sempre.

— Tu tampouco és sacristão verdadeiro, filho. Tantos anos de sacristão! e pensas como um bruxo... Deus está em toda parte, em toda parte...

O velho sacristão de San Pedro movia negativamente a cabeça.

Estaria Deus no coração dos que rasgam o corpo do inocente mestre Bellido? Estaria Ele no corpo dos engenheiros que estão matando “La Esmeralda”? No coração da autoridade que tirou de seus donos aquele milharal onde, em cada colheita, brincava a Virgem com seu Filhinho? Não me faça chorar, padrezinho. Eu também ando como morto. Seu Demétrio tem Deus, na *Kurku* está Deus, cantando; em seu Bruno Deus peleja com o demônio. Mas para mim não há consolo, de ninguém.⁹⁶⁰

⁹⁶⁰ ARGUEDAS, J. M. *Todas las Sangres*: novela. 2. ed. Buenos Aires: Losada, 1968, pp. 404-405:

[...] Nunca quiso ayudar a la misa en las fiestas principales de la comunidad. El cura de um distrito vecino que venía a celebrarlas le pidió que hiciera de sacristán, le exigió muchas veces. Lahuaymarca tenía un sacristá índio.

— Ése no sabe. Repite las palabras como loro, no entiende; casi no es cristiano. Tú eres mestizo, organista, contestas en latín. La misa será más grande contigo — le dijo el cura en la vispera de una fiesta gande.

— Quemado yo, padre. Mi iglesia dentro de mi pecho, quemado. ¿Como voi a cantar? La Gertrudis igual que ángel canta. El sacristán contesta.

— Gertrudis no piensa en Dios; canta triste, sí, porque es deforme.

— Padrecito: tú no entiendes el alma de índios. Le Gertrudis, aunque no conociendo a Dios, de Dios es. ¿Quién, si no, le dio esa voz que limpia el pecado? Consuela la triste, hace pensar al alegre; quita de la sangre cualquier suciedad.

— Bueno, terco. No puedo obligarte. Esa **Kurku** tiene **algo**, algo extraño; duele.

Na Terra de Santa Cruz, magistralmente, mostra-nos Roberto Gambine que os jesuítas, descrevendo os índios e seus supostos vícios — em cartas e sermões — projetam sobre eles “[...] a sombra do cristianismo, que nunca foram capazes de reconhecer como apenas sua [...]”.⁹⁶¹

Pe. Manuel da Nóbrega, S. J. — jesuíta chefe da missão —, ao desembarcar em Salvador [Bahia], juntamente com o primeiro governador-geral — Tomé de Souza —, apontado pela Coroa portuguesa para dar início a um processo de colonização que perdurou por quase três séculos, relatou o seguinte sobre os primitivos habitantes americanos [“índios”] em sua carta inaugural:

Entre eles não há amor nem lealdade. [...] Não têm a quem obedeçam senão suas próprias vontades, e é por isso que fazem tudo quanto lhes apraz, inclinando-se com isso a vícios sujíssimos e tão torpes, que tenho por silenciá-los do que escrevendo descobrir maldades tão enormes.⁹⁶²

[...] Esse gentio não adora coisa alguma, nem conhece a Deus, somente aos trovões que chamam de Tupã, que é como dizem coisa divina. E assim não temos outro vocábulo mais conveniente para os trazer ao conhecimento de Deus, que chamar-lhe Pai Tupã.⁹⁶³

Mas é muito de espantar tão boa terra ter sido dada há tanto tempo a gente tão inculta e que tão pouco o [Deus] conhece,

— El Dios, pues, padrecito. Ella ha sufrido entre los señores. Dios de los señores no es igual. Hace sufrir sin consuelo.

[...]

— [...] Há llegado amarillo, roto, sin chullu siquiera. Ha regressado igual de su ropa, pero en su ojo había Dios...

— ¿Qué Dios? ¿Como sabes?

— Dios es esperanza, Dios alegría. Dios ánimo. Llegó **unpu**, enjuermo, agachadito. Salió tieso, juirme, águila. Era mozo no más. Dios hay aquí, en Lahuaymarca. De San Pedro se ha ido, creo para siempre.

— Tú tampoco eres cristiano verdadero, hijo. ¡Tantos años sacristán! Y piensas como brujo. Dios está en todas as partes, en todas as partes...

El viejo sacristá de San Pedro movía negativamente la cabeza.

¿Había Dios en el pecho de los que rompieron el cuerpo del inocente maestro Bellido? ¿Dios está en el cuerpo de los ingenieros que están matando “La Esmeralda”? ¿De señor autoridad que quitó a sus dueños ese maizal donde jugaba la Virgen con su Hijito, cada cosecha? No me hagas llorar, padrecito. Yo también como muerto ando. Don Demetrio tiene Dios, en la *Kurku* está Dios, cantando; en don Bruno pelea Dios con el demonio; para mí no hay consuelo, de nadies. [Tradução livre].

⁹⁶¹ GAMBINI, R. Alma na pedra. CALLIA, M.; OLIVEIRA, M, F. de. [orgs.]. *Terra Brasilis: pré-história e arqueologia da psique*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 236.

⁹⁶² GAMBINI, R. *Espelho Índio — a formação da alma brasileira*. São Paulo: Axis Mundi/Terceiro Nome, 2000, p. 93.

⁹⁶³ GAMBINI, R. *Espelho Índio — a formação da alma brasileira*. São Paulo: Axis Mundi/Terceiro Nome, 2000, p. 100.

porque nenhum deus têm certo, e o que quer que se lhes diga, nisso crêem.⁹⁶⁴

No ano de 1950, o religioso jesuíta, Ir. Leonardo Nunes, S. J. endereçou uma carta aos padres e confrades de Coimbra [Portugal], na qual desvela a imagem escatológica que trazia na mente, projetada de imediato sobre os primitivos habitantes americanos [“índios”]:

E por certo pareciam diabos. Todos andavam nus, como é de costume de todos, alguns pintados de preto, outros de vermelho, e outros cobertos de penas, e não cessavam de atirar flechas com grande gritaria, e outros agitavam chocalhos com que fazem alarde em suas guerras, que parecia o próprio inferno.⁹⁶⁵

Pe. José de Anchieta, S. J. — jesuíta pedagogo — em carta endereçada a Inácio de Loyola, datada de 1555, expõe a formulação cabal do problema da conversão que resumir-se-ia a uma escolha entre Evangelho e escravidão, esperando que o monarca português resolvesse:

[...] mandar para aqui uma força armada e numerosos exércitos, que dêem cabo de todos os malvados que resistem à pregação do Evangelho e os sujeitem ao jugo da escravidão; e honrem aos que se aproximarem de Cristo. Nosso Senhor dê completa execução a esta nossa esperança.⁹⁶⁶

Pe. Manuel da Nóbrega, S. J. continua seu relato em 1556, dizendo que os “índios” são piores do que porcos, por não demonstrarem gratidão pelos ensinamentos religiosos que recebem, estando

[...] mais esquecidos da criação que os brutos animais, e mais ingratos que os filhos das víboras que comem suas mães, nenhum respeito têm ao amor da criação que neles se faz.⁹⁶⁷

No ano de 1557, Pe. Antonio Blázquez, S. J. — missionário jesuíta [mestre de meninos] — escreveu diretamente para Inácio de Loyola, apresentado uma descrição altamente projetiva das moradias dos “índios”:

Suas casas são escuras, fedorentas e afumadas, em meio das quais estão uns cântaros como meias tinas que figuram as caldeiras do inferno. Em um mesmo tempo estão rindo uns e

⁹⁶⁴ GAMBINI, R. *Espelho Índio* — a formação da alma brasileira. São Paulo: Axis Mundi/Terceiro Nome, 2000, p. 101.

⁹⁶⁵ GAMBINI, R. *Espelho Índio* — a formação da alma brasileira. São Paulo: Axis Mundi/Terceiro Nome, 2000, p. 123.

⁹⁶⁶ GAMBINI, R. *Espelho Índio* — a formação da alma brasileira. São Paulo: Axis Mundi/Terceiro Nome, 2000, p. 156.

⁹⁶⁷ GAMBINI, R. *Espelho Índio* — a formação da alma brasileira. São Paulo: Axis Mundi/Terceiro Nome, 2000, p. 103.

outros chorando tão devagar que se lhes passa uma noite em isto sem lhes ir ninguém à mão. Suas camas são umas redes podres com a urina, porque são tão preguiçosos que ao que demanda a natureza se não querem levantar. E dado caso que isso bastara para imaginar o inferno.⁹⁶⁸

No “Sermão do Espírito Santo”, Pe. António Vieira, S. J. — pregado na Igreja da Companhia de Jesus de São Luís do Maranhão, na ocasião que partia ao rio Amazonas uma grande missão dos jesuítas —, entre curvas e sofismas e volteios da oratória barroca da qual foi o grande mestre, expõe suas admoestações aos catequistas nos seguintes termos:

[...] o modo de converter feras em homens, é matando-as e comendo-as: e não há coisa mais parecida ao ensinar e doutrinar, que o matar e o comer. Para uma fera se converter em homem, há de deixar de ser o que era, e começar a ser o que não era; e tudo isto se faz matando-a e comendo-a; matando-a, deixa de ser o que era, porque morta já não é fera: comendo-a, começa a ser o que não era, porque, comida, já é homem. E porque Deus queria que S. Pedro convertesse em homens e homens fiéis todas aquelas feras que lhe mostrava, por isso a voz do Céu lhe dizia que as matasse e as comesse; *Occide, et manduca*. Querendo-lhe dizer que as ensinasse e doutrinasse; porque o ensinar e doutrinar havia de fazer nela os mesmos efeitos, que o matar e o comer. Ouvi a S. Gregório Papa: *Primo Pastori dicitur, macta, et manduca: quod mactatur quippe a vita occiditur: id vero quod comeditur; in comedentis corpore commutatur: macta ergo, et manduca, dicitur, idest, a piccato eos, qui vivunt, interfice, et a se ipsis illos in tua membra convertere*. Querendo Deus que S. Pedro ensinasse a Fé àqueles Gentios, diz-lhe que os mate e que os coma; porque o que se mata, deixa de ser o que é, e o que se come, converte-se na substância e nos membros de quem come. E ambos estes feitos havia de obrar a doutrina de S. Pedro naqueles Gentios feros e bárbaros. Primeiro haviam de morrer, porque haviam de deixar de ser Gentios; e logo haviam de ser comidos e convertidos em membros de S. Pedro, porque haviam de ficar Cristãos e membros da Igreja de que S. Pedro é a cabeça. De maneira que, assim como a natureza faz de feras homens, matando e comendo, assim também a graça faz de feras homens, doutrinando e ensinando. Ensinastes o Gentio bárbaro e rude: e que cuidais que faz aquela doutrina? Mata nele a fereza, e introduz a humanidade; mata a ignorância e introduz o conhecimento; mata a bruteza e introduz a razão; mata a infidelidade e introduz a Fé: e deste modo por uma conversão admirável, o que era fera fica homem, o que era Gentio fica Cristão, o que era despojo do pecado fica membro de Cristo e de S. Pedro: *Occide, et manduca*. E como a graça do Espírito Santo por meio da doutrina da Fé, melhor que a arte, e melhor que a natureza, de pedras e de animais sabe fazer homens, ainda que os destas Conquistas fossem verdadeiramente, ou tão irracionais como brutos, ou tão insensíveis como as pedras, não

⁹⁶⁸ GAMBINI, R. *Espelho Índio* — a formação da alma brasileira. São Paulo: Axis Mundi/Terceiro Nome, 2000, p. 124.

era bastante dificuldade esta, nem para desculpar o descuido, nem para tirar a obrigação de os ensinar: *Ille vos docebit*.⁹⁶⁹

“Não houve instituição mais duradoura, mais persistente e mais conservadora do que a escravidão no Brasil, o último país do mundo a extingui-la — atravessou incólume quatro séculos da história brasileira [...].⁹⁷⁰ De acordo com Lilia Ferreira Lobo, onipresente no território nacional, iniciou pelos primitivos habitantes americanos [indígenas] e pouco depois pelos povos africanos.⁹⁷¹ No Brasil, o número de cativeiros introduzidos entre a segunda metade do século XVI e 1850 — data da abolição da escravatura — foi avaliado entre de 3.500.000 e 3.600.000, números esses que se apoiam em dados incompletos, mas que, atualmente, revelam unanimidade dos que analisaram a questão.⁹⁷²

De acordo com Katia M. de Queirós Mattoso, o Brasil importou desde então 38% dos escravos trazidos da África para o Novo Mundo.⁹⁷³

[...] A não ser por fugas, suicídios, quilombos e revoltas dos próprios escravos, ela teve proporcionalmente poucos detratores entre os homens brancos, mesmo no século XIX, apesar das pressões econômicas da Inglaterra e das doutrinas humanitárias internacionais. Sendo o braço escravo a verdadeira máquina do sistema colonial que, no Brasil, perdeu mesmo após a Independência, a Inglaterra se via impossibilitada de obter mercado de escoamento de sua produção industrial [implantar máquinas e produtos que substituíssem o escravo] em países onde a escravidão permanecia.⁹⁷⁴

Na perspectiva econômica, a Royal African Company inglesa estendeu sua ação sobre o litoral da Guiné — da atual Gana —, do Daomé, de modo que no século XVIII os negreiros ingleses detinham 70% do tráfico para as Antilhas e a América do Norte. Segundo Katia M. de Queirós Mattoso, 101 navios estavam inscritos no Porto de Liverpool. No entanto,

⁹⁶⁹ VIEIRA, A. Sermão do Espírito Santo, VI. *Sermões*: Padre Antônio Vieira. São Paulo: Hedra, 2014.

⁹⁷⁰ LOBO, L. F. *Os infames da história*: pobres, escravos e deficientes no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p. 121.

⁹⁷¹ LOBO, L. F. *Os infames da história*: pobres, escravos e deficientes no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

⁹⁷² MATTOSO, K. M. de Q. *Ser escravo no Brasil*: séculos XVI-XIX. Trad. Sonia Furhmann. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2016.

⁹⁷³ MATTOSO, K. M. de Q. *Ser escravo no Brasil*: séculos XVI-XIX. Trad. Sonia Furhmann. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2016.

⁹⁷⁴ LOBO, L. F. *Os infames da história*: pobres, escravos e deficientes no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p. 121.

foi dessa Inglaterra — enriquecida com o tráfico de escravos — que partiria no século XIX a luta antiescravista.⁹⁷⁵

[...] À exceção dos índios, a própria Igreja Católica jamais empreendeu qualquer missão antiescravista, a não ser por alguns poucos padres gatos-pingados. Conventos e mosteiros sobreviviam à custa do trabalho escravo.⁹⁷⁶

Na Bahia — Engenho de Santana —, os jesuítas eram senhores de escravos. Historicamente, a Companhia de Jesus — que sempre se manifestou tão combativa contra a escravidão dos índios — nunca usou de seu poderoso prestígio para minorar os sofrimentos dos pobres negros em cujo favor nunca pronunciou uma palavra.⁹⁷⁷

No Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, escravizava-se só homens brancos. Mas esta ordem antecipou-se à Abolição e alforriou seus últimos escravos no ano de 1873.⁹⁷⁸

Envolvida na política do Reino, a Igreja não assume uma posição intransigente em face da escravização do negro. Ao contrário, a bula *Romanus Pontifex*, de Nicolau V [1454], faz o elogio do apresamento de negros e tem esses feitos como títulos de glória para a Coroa de Portugal. Alguns atos da Igreja no século XVI referem-se à legitimidade do jugo dos infiéis à escravidão.⁹⁷⁹

Na década de 1850, nem mesmo a proibição do tráfico — que praticamente decretou sua extinção gradual — ou a Lei do Ventre Livre — que em 1871 libertou os recém-nascidos de mães escravas — foram sinais ou efeitos de algum movimento abolicionista importante e radical. No máximo, as leis tiveram o apoio de uma oposição emancipacionista, ainda assim tímida perante a dominação feroz dos escravistas.⁹⁸⁰ No Brasil, as leis sempre determinaram que filho de mãe escrava seria escravo — não

⁹⁷⁵ MATTOSO, K. M. de Q. *Ser escravo no Brasil: séculos XVI-XIX*. Trad. Sonia Furhmann. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2016.

⁹⁷⁶ LOBO, L. F. *Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p. 121.

⁹⁷⁷ COARACY, V. *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.

⁹⁷⁸ COARACY, V. *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.

⁹⁷⁹ RENAULT, D. *Indústria, escravidão, sociedade: uma pesquisa historiográfica no Rio de Janeiro no século XIX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 81.

⁹⁸⁰ LOBO, L. F. *Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

importando se o pai fosse livre. Na história da escravidão no Brasil, registra-se casos de muitos senhores que venderam seus próprios filhos que tiveram com suas escravas. Por outra parte, a Lei do Ventre Livre evitava a libertação dos menores — os “ingênuos” — até que atingissem 21 anos de idade, o que significava que o filho da escrava não perdia inteiramente seu valor de mão de obra variável, de acordo com a idade.⁹⁸¹

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

[...]

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélago profundo!
Mas é infâmia demais!... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha as porta dos teus mares!⁹⁸²

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?...⁹⁸³

Enrique Dussel destaca que na Europa latina ou germânica, ou na eslava [incluindo a Rússia ou a Polônia], a América Latina revela-se a grande desconhecida. No começo, e para o tão celebrado “des-cobrimento”

⁹⁸¹ MATTOSO, K. M. de Q. *Ser escravo no Brasil: séculos XVI-XIX*. Trad. Sonia Furhmann. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2016.

⁹⁸² ALVES, C. O Navio Negreiro. In: _____. *O navio negreiro e vozes d'África*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2013, pp. 22; 25.

⁹⁸³ ALVES, C. Vozes d'África. In: _____. *O Navio Negreiro e Vozes d'África*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2013, p. 29.

— que na realidade foi conquista, epistemicídio, violência e morte dos ameríndios — os “pobres” foram os primitivos habitantes americanos; depois a vítimas foram os *criollos* ante os “europeus intrusos” [como os denominava o grande herói rebelde cristão Túpac Amaru] e nos nossos dolorosos dias são as “massas populares” — manipuladas por chefes de Estados — de operários, camponeses, etnias, marginais, o bloco social dos explorados pelo capitalismo nacional e transnacional.⁹⁸⁴

[...] Diante dessas três opressões históricas — que sucedem no tempo e que possuem o mesmo sujeito histórico: o povo latino-americano — e quando se produz objetivamente uma *práxis de libertação* do mencionado povo, já surgiram três ocasiões da teologia da libertação [...].⁹⁸⁵

“[...] Se aqueles que desejam condenar-nos sem conhecer a nossa realidade se debruçassem com mais atenção sobre a nossa história, é possível que não recaíssem em erros passados [...]”.⁹⁸⁶ No dia 30 de janeiro de 1816, Pio VII concedeu emancipação americana contra a Espanha, por meio da encíclica *Etsi longíssimo*.⁹⁸⁷ Não obstante, Leão XII deu um passo para trás na história com a publicação da encíclica *Etsi iam Diu*⁹⁸⁸, de 24 de setembro de 1824, que voltou a condenar as lutas da emancipação, prescrevendo a obediência ao Rei da Espanha, no qual o Sumo Pontífice observa “sublime e sólida virtude” [sendo que na realidade fugiu covardemente deixando a defesa da pátria contra a invasão napoleônica nas mãos do próprio povo espanhol].⁹⁸⁹

⁹⁸⁴ DUSSEL, H. *Teologia da Libertação: um panorama de seu desenvolvimento*. Trad. Francisco da Rocha Filho. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1999.

⁹⁸⁵ DUSSEL, H. *Teologia da Libertação: um panorama de seu desenvolvimento*. Trad. Francisco da Rocha Filho. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1999, p. 7.

⁹⁸⁶ DUSSEL, H. *Teologia da Libertação: um panorama de seu desenvolvimento*. Trad. Francisco da Rocha Filho. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1999, p. 7.

⁹⁸⁷ PIO VII, P. *Encíclica Etsi longíssimo*. Disponível em: <<https://w2.vatican.va/content/pius-vii/it/documents/breve-etsi-longissimo-30-gennaio-1816.html>>. Acesso em: 14 de agosto de 2016.

⁹⁸⁸ LEONE XII, P. *Encíclica Etsi iam Diu*. Disponível em: <<https://w2.vatican.va/content/leo-xii/it/documents/breve-etsi-iam-diu-24-settembre-1824.html>>. Acesso em: 14 de agosto de 2016.

⁹⁸⁹ DUSSEL, H. *Teologia da Libertação: um panorama de seu desenvolvimento*. Trad. Francisco da Rocha Filho. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1999.

De acordo com Eric Hobsbawm, haviam apenas três critérios que permitiam a um povo ser firmemente classificado como nação, sempre que fosse suficientemente grande para passar da entrada:

O primeiro destes critérios era sua associação histórica com um Estado existente ou com um Estado de passado recente e razoavelmente durável [...].

O segundo critério era dado pela existência de uma elite cultural longamente estabelecida, que possuísse um vernáculo administrativo e literário escrito [...].

O terceiro critério, que infelizmente precisa ser dito, era dado por uma provada capacidade para a conquista. Não há nada como um povo imperial para tornar uma população consciente de sua existência coletiva como povo, como bem sabia Friedrich List. Além disso, no século XIX, a conquista dava a prova darwiniana do sucesso evolucionista enquanto espécies sociais.⁹⁹⁰

“[...] ‘Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem [...]’.⁹⁹¹ No dia 09 de março do ano de 2000, Eduardo Haro Tecglen, articulista do jornal espanhol *El País*, disse:

Se o Vaticano fosse consciente de tudo o que fez nos últimos 2.000 anos, deveria dissolver-se [...] estou falando da Espanha, martelo de Trento, no qual a Igreja foi fiel servidora dos mais absurdos, loucos e miseráveis tiranos egrégios [fora e acima do rebanho] e dos mais ferozes caudilhos, aos que tinham consagrado salvadores da pátria. Já não penso nisto, senão [pela atualidade] em Pinochet ladeado pelo clero de todas as classes; ou deste Papa destruindo a teologia da libertação na América Latina ao mesmo tempo que os soldados do tirano, disfarçados, assassinavam os seus pregadores [...]. É minha maneira de julgar esse pedido de perdão. O que me ocorre responder é: Está bem, está bem, tranquilizem-se vocês, que não terão castigos aqui nem se quer juízo final nem no-mais-além. Porém, por favor, não perturbem, não aborreçam. Deixem-nos viver em paz, com nossos corpos que são o que nos produzem o conhecimento. Não nos queimem, nem nos castrem, nem nos fuzilem, por favor.⁹⁹²

⁹⁹⁰ HOBBSAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo: desde 1780*. Trad. Marcia Cella Pacil e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. pp. 49-50.

⁹⁹¹ BÍBLIA, N. T. Lucas. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 23, vers. 34.

⁹⁹² TECGLEN, E. H. No fastidien más. *El país digital*, 9 mar., 2000, p. 1406:

Si el Vaticano fuese consciente de todo lo que ha hecho en los últimos 2.000 años, debería disolverse [...] estoy hablando de España, martillo de Trento, donde la Iglesia ha sido fiel servidora de los más absurdos, locos y miserables tiranos egregios [fuera y por cima de la grey] y de los más feroces caudillos, a los que ha consagrado salvadores de la patria. Yo no pienso en esto, sino [por la actualidad] en Pinochet flanqueado de clero de todas clases; o de este Papa destruyendo la teología de la liberación en América al mismo tiempo que los soldados del tirano, disfrazados, asesinaban a sus predicadores [...]. Es mi manera de juzgar esa petición de perdón. Lo que se me ocurre responder es: Está bien, está bien, tranquilicense ustedes, que no van a tener castigos aquí ni juicio final en el no-más-alla. Pero, por favor, no molesten, no fastidien. Déjenos vivir en paz, con nuestros cuerpos que son los que nos producen el conocimiento. No nos quemem, ni nos castren, ni nos fuzilen, por favor. [Tradução livre].

“E agora, José? [...]”.⁹⁹³

Se não fora abusar da paciência divina
 Eu mandaria rezar missa pelos meus poemas que não
 [conseguiram ir além da terceira ou quarta linha,
 Vítimas dessa mortalidade infantil que, por ignorância
 [dos pais,
 Dizima as mais inocentes criaturinhas, as pobres...
 Que tinham tanto azul nos olhos,
 Tanto que dar ao mundo!
 Eu mandaria rezar o réquiem mais profundo
 Não só pelos meus
 Mas por todos os poemas inválidos que se arrastam
 [pelo mundo
 E cuja comovedora beleza ultrapassa a dos outros
 Porque está, antes e depois de tudo,
 No seu inatingível anseio de beleza!⁹⁹⁴

“Dei'stá' [...]”⁹⁹⁵, o Ocidente “é” — desde os “poemas homéricos” —
 o que insiste em nos ensinar a história [positivista] dos vencedores: uma
 elite religiosa [eleita], intelectual, financeira e “política”. “[Pensar é estar
 doente dos olhos]”.⁹⁹⁶ Nos estudos e nas pesquisas de teologia em
 perspectiva latino-americana do século XXI, o que não se pode mais deixar
 passar despercebido é a “[...] descoberta que o *eu* faz do *outro* [...]”.⁹⁹⁷
 “[...] Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...”.⁹⁹⁸

Ó mar salgado, quanto do teu sal
 São lágrimas de Portugal!
 Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
 Quantos filhos em vão rezaram!
 Quantas noivas ficaram por casar
 Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
 Se a alma não é pequena.
 Quem quer passar além do Bojador
 Tem que passar além da dor.
 Deus ao mar o perigo e o abismo deu,

⁹⁹³ ANDRADE, C. D. de. José. In: _____. *Poesia Completa & Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977, p. 130.

⁹⁹⁴ QUINTANA, M. Baú de espantos. In: *Antologia poética*. Porto Alegre: L&PM, 2001, p. 92.

⁹⁹⁵ ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 361.

⁹⁹⁶ PESSOA, F. *Poemas Completos de Alberto Caeiro*. Disponível em: <<https://www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/06/Poemas-de-Alberto-Caeiro.pdf>>. Acesso em: 04 de março de 2017, p. 11.

⁹⁹⁷ TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p. 3.

⁹⁹⁸ PESSOA, F. *Poemas Completos de Alberto Caeiro*. Disponível em: <<https://www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/06/Poemas-de-Alberto-Caeiro.pdf>>. Acesso em 04 de março de 2017, p. 11.

Mas nele é que espelhou o céu.⁹⁹⁹

Na região Nordeste do Brasil, Antônio Vicente Mendes Maciel [1830 — 1897] diz para um amigo de infância de Quixeramobim [Ceará/Brasil] que depois de pagar uma promessa a São Francisco em Canindé [Ceará/Brasil]: “[...] *seguirei para onde me chamam os mal-aventurados*”¹⁰⁰⁰ — Belo Monte: uma terra onde as montanhas são de cuscuz e os rios de leite de cabra. Dito por Antônio Conselheiro: “minha ocupação é apanhar pedras pelas estradas para edificar igrejas”.¹⁰⁰¹

Numa de suas prédicas — editadas por Ataliba Nogueira —, o místico sertanejo [“de olhos abertos”] fala com entusiasmo sobre a construção do templo de Salomão: “70.000 operários carregadores de material e 80.000 a cortar pedra nos montes e 3.600 feitores a inspecionar as obras, e 2.000 israelitas a andar pelo Líbano, cortando cedro e faias”.¹⁰⁰² Eis, pois, o sonho que alimenta Antônio Conselheiro, mais do que o cuscuz e a cuia de leite de cabra: trabalhar com muita gente na construção de uma igreja — reflexo terrestre do mundo divino.¹⁰⁰³

No Belo Monte, a igreja torna o conturbado mundo inteligível no centro do mundo. Pedras cristalizadas de atividades celestes. Torre elevada até a habitação de Deus. Na comunidade do Belo Monte, Antônio Conselheiro sonha com imensos espaços sagrados, imagina-se marchando em direção ao indizível através de uma geometria traçada por suas próprias mãos. É evidente, pois, que o templo de Salomão é modelo de um mundo geométrico que o Beato atravessa em seus sonhos. A tosca

⁹⁹⁹ PESSOA, F. *Quando fui outro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 169.

¹⁰⁰⁰ BENÍCIO, M. *O Rei dos Jagunços*: crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos, documentada e comentada por Manuel Benício, ex-correspondente do Jornal do Commercio junto às forças legais contra Antônio Conselheiro. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1899, p. 59.

¹⁰⁰¹ VALENTE, W. *Misticismo e religião*: aspectos do sebastianismo nordestino. Recife: Instituto Joaquim Nabuco, 1963, p. 93.

¹⁰⁰² NOGUEIRA, A. *Antônio Conselheiro e Canudos*. São Paulo: Nacional, 1978, pp. 169-170.

¹⁰⁰³ NOGUEIRA, A. *Antônio Conselheiro e Canudos*. São Paulo: Nacional, 1978.

igreja de pedra é a “cidade de Deus” da qual os cristãos são as “pedras”.
Dito em poucas palavras: “[...] A igreja define o mundo”.¹⁰⁰⁴

Em 1895 vieram para cá uns frades e falaram com o Bom Jesus. Este os recebeu com brandura. Pois não é que os homens pagaram a hospitalidade indo pregar ao povo contra o Conselheiro? Aí o povo danou-se e se não fosse o Conselheiro a coisa tinha pegado fogo. Os padres foram expulsos e quase que não voltam à terra deles, donde vieram para mexer com quem estava quieto.¹⁰⁰⁵

Nas palavras “oficiais” — delineadas com todos f[s] e r[s] na teoria dos dois Brasis — de Euclides da Cunha:

A sertanejo é antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, tordo. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou travar ligeira conversa com um amigo, cai logo — cai é o termo — de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável.

É um homem permanentemente fatigado.

Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadência langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude.¹⁰⁰⁶

¹⁰⁰⁴ HOORNAERT, E. *Os anjos de Canudos: Uma revisão histórica*. 3. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1998, pp. 16-17.

¹⁰⁰⁵ TAVARES, O. *Canudos, cinquenta anos depois*. Salvador: Conselho Estadual de Cultura, 1993, p. 43.

¹⁰⁰⁶ CUNHA, E. da. *Os Sertões: Campanha de Canudos — Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão*. São Paulo: Ática, 1998, p. 105.

“[...] ‘Dei’stá’ [...]”.¹⁰⁰⁷ Esta aparência de cansaço ilude. De tudo isto nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer, de improviso, diante das circunstâncias de qualquer incidente lhe exigindo o desencadear das energias adormidas. No Belo Monte, o homem sertanejo, num piscar de olhos, transfigura-se. O sertanejo não é um degenerado, e sim um retrógado, arcaizante no convívio social, na economia, na moral e na religião. Não fala português, e sim o mais puro vernáculo do século XVI, contemporâneo de Gil Vicente e de Camões. O sertanejo nascia, crescia e vivia limitado pelo mais severo isolamento, organizando o poder por sua conta e risco, longe dos centros oficiais de administração, polícia e justiça.¹⁰⁰⁸ “[...] Sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedacinho de metal [...]”.¹⁰⁰⁹ “[...] O senhor sabe: o perigo que é viver... [...]”.¹⁰¹⁰ “[...] Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo [...]”.¹⁰¹¹

Por fim, escreve Euclides da Cunha:

Fechemos este livro.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.¹⁰¹²

É que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades ...¹⁰¹³

Na História do Brasil — por ocasião dos 100 anos de um dos monumentos mais cultuados da cultura brasileira: *Os Sertões*, de Euclides da Cunha —, bem disse Ariano Suassuna: “o que houve em Canudos e

¹⁰⁰⁷ ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 361.

¹⁰⁰⁸ CUNHA, E. da. *Os Sertões: Campanha de Canudos — edição crítica de Walnice Nogueira Galvão*. São Paulo: Ática, 1998.

¹⁰⁰⁹ ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 28.

¹⁰¹⁰ ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 28.

¹⁰¹¹ ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 136.

¹⁰¹² CUNHA, E. da. *Os Sertões: Campanha de Canudos — edição crítica de Walnice Nogueira Galvão*. São Paulo: Ática, 1998, p. 497.

¹⁰¹³ CUNHA, E. da. *Os Sertões: Campanha de Canudos — edição crítica de Walnice Nogueira Galvão*. São Paulo: Ática, 1998, p. 499.

continua a acontecer hoje, no campo como nas grandes cidades brasileiras, foi o choque do Brasil “oficial e mais claro” contra o Brasil “real e mais escuro” [...].¹⁰¹⁴ Na opinião de João de Régis, este "choque" poderia ser evitado “com uma conversa”. Não obstante, "con-versar" reclama para si uma vivência específica: a "empatia".

“[...] O Nordeste quase sempre não é o Nordeste tal como ele é, mas é o Nordeste tal como foi nordestinizado”.¹⁰¹⁵ Na História da Bahia, Canudos tornou-se memorial do ocultamento da “epifania do rosto do outro”¹⁰¹⁶: um crime contra a Humanidade, delineado nas atrocidades oficiais cometidas pelo Estado, com a bênção e contribuição efetiva da Santa Mãe Igreja. “Des-cobriu-se” o Belo Monte, mas não se captou a experiência alheia de seres viventes: Antônio Conselheiro e seu povo. No êxodo, "esperava" Antônio Conselheiro e os “mal-aventurados” serem felizes numa terra com "montanhas de cuscuz" e "rios de leite de cabra": Belo Monte. Antônio Conselheiro — diferentemente de Moisés — chegou à "Terra Prometida", com sua "gente". Mas, mas... a "matadeira" [canhão]... e Maria nunca mais ouviu o tiro do bacamarte de Jerônimo. Jock Young reflete que o desejo de demonizar os outros se baseia nas incertezas ontológicas dos de dentro.¹⁰¹⁷

No Belo Monte, o grosso da população trabalhava na indústria da pele de cabra. No morro, as pessoas buscavam a casca da favela [árvore típica das caatingas e carrascais do sertão do Nordeste]. Por extensão de sentido, aplica-se ao morro o nome dessa árvore ali abundante e cuja casca tem bom emprego na indústria de curtume.¹⁰¹⁸

“O Nordeste, na verdade, está em toda parte desta região, do país, e em lugar nenhum, porque ele é uma cristalização de estereótipos que são

¹⁰¹⁴ SUASSUNA, A. Euclides da Cunha, Canudos e o Exército. In: _____. FERNANDES, R. de. [org.]. *O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões*. São Paulo: Geração, 2002, p. 21.

¹⁰¹⁵ ALBUQUERQUE JR, D. M. de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4. ed. Recife: FJN; Massangana; São Paulo: Cortez, 2009, p. 311.

¹⁰¹⁶ LÉVINAS, E. *Totalidade e Infinito: ensaio sobre a exterioridade*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.

¹⁰¹⁷ YOUNG, J. *The Exclusive Society*. Londres: Sage, 1999.

¹⁰¹⁸ NOGUEIRA, A. *Antônio Conselheiro e Canudos*. São Paulo: Nacional, 1978.

subjetivados como característicos do ser nordestino e do Nordeste”.¹⁰¹⁹ Na cidade do Rio de Janeiro [Rio de Janeiro — Brasil] — após a Guerra de Canudos —, passaram a denominar “favela” a toda e qualquer casaria paupérrima situada no dorso dos morros — “Morro da Favela”.¹⁰²⁰ “[...] O Nordeste, assim como o Brasil, não são recortes naturais, políticos ou econômicos apenas, mas, principalmente, construções imagético-discursivas, constelações de sentido”.¹⁰²¹

“[...] A pior coisa do mundo é a fome.”¹⁰²² Na periferia da cidade de São Paulo [São Paulo — Brasil], Carolina Maria de Jesus — escritora da fome — registrou o grito de dor “Tenho fome!” de uma mulher pobre, negra, “mãe solteira” nas páginas amarelas [amareladas quando a fome atingia o limite do suportável] de pedaços de papel colhidos no lixo:

[...] Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que ele ficou de mal comigo?”.¹⁰²³

Na opinião de Carolina Maria de Jesus, “[...] o Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo e nas crianças [...]”.¹⁰²⁴

No século XXI, interessa à teologia latino-americana da libertação que a grande maioria dos seres humanos vivos na terra é afetada, de algum modo, pelos movimentos totalitários de massa dos nossos dias. Para Eric Voegelin, o que nenhum fundador de religião, nenhum filósofo, nenhum conquistador imperial do passado conseguiu — criar uma comunidade humana pela criação de uma preocupação comum a todos os homens —

¹⁰¹⁹ ALBUQUERQUE JR, D. M. de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4. ed. Recife: FJN; Massangana; São Paulo: Cortez, 2009, p. 307.

¹⁰²⁰ NOGUEIRA, A. *Antônio Conselheiro e Canudos*. São Paulo: Nacional, 1978.

¹⁰²¹ ALBUQUERQUE JR, D. M. de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4. ed. Recife: FJN; Massangana; São Paulo: Cortez, 2009, p. 307.

¹⁰²² JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014, p. 191.

¹⁰²³ JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014, p. 174.

¹⁰²⁴ JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014, p. 29.

foi agora conseguido por meio da comunidade de sofrimento, sob a expansão terrena da tolice ocidental.¹⁰²⁵

Hitler e os Alemães... não é um assunto do passado porque a consciência humana vive na tensão permanente entre o tempo e os valores espirituais eternos. E o que está eternamente vivo tem que ser preservado e defendido no presente.

[...] Talvez, por isso, todo alemão culto conheça a frase escrita pelo poeta Heinrich Heine em 1821: “Onde se queima livros, acabam por queimar pessoas”.¹⁰²⁶

“Talvez, por isso, todo alemão culto conheça a frase escrita pelo poeta Heinrich Heine em 1821: ‘Onde queimam livros, acabam por queimar pessoas’ [...]”.¹⁰²⁷ Na existência do Estado, o totalitarismo — nas suas origens — revela-se uma negação do político, pois substitui as leis positivas que dão um quadro estável à liberdade de agir da pessoa humana organizando um mundo comum, pelas leis históricas ou naturais que se realizam independentemente de toda ação e vontade humanas.¹⁰²⁸

Primo Levi — em *É isto um homem?* [1947] — expressa num poema em prosa o que era a vida em Auschwitz. Na escrita, salta — em ordem de urgência e cuidado — a questão de sobreviver psicologicamente à experiência de morte em vida a que fora submetido.¹⁰²⁹

Vocês que vivem seguros
em suas cálidas casas,
vocês que, voltando à noite,
encontram comida quente e rostos amigos,

pensem bem se isto é um homem
que trabalha no meio do barro,
que não conhece paz,
que luta por um pedaço de pão,
que morre por um sim ou por um não.
Pensem bem se isto é uma mulher,
sem cabelos e sem nome,
sem mais força para lembrar,
vazios os olhos, frio o ventre,
como um sapo no inverno.

¹⁰²⁵ VOEGELIN, E. The Origins of Totalitarianism. *The Review of Politics*, 15, n. 1, 1953.

¹⁰²⁶ HENRIQUES, M. C. Prefácio: Hitler e os Alemães — Uma breve meditação. In: VOEGELIN, E. *Hitler e os Alemães*. Trad. Elpídio Mário Dantas Fonseca. São Paulo: É Realizações, 2008, pp. 9-10.

¹⁰²⁷ HENRIQUES, M. C. Prefácio: Hitler e os Alemães — Uma breve meditação. In: VOEGELIN, E. *Hitler e os Alemães*. Trad. Elpídio Mário Dantas Fonseca. São Paulo: É Realizações, 2008, p. 10.

¹⁰²⁸ ARENDT, H. *Origens do Totalitarismo: Anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

¹⁰²⁹ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi Dei Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

Pensem que isto aconteceu:
 eu lhes mando estas palavras.
 Gravem-na em seus corações,
 estando em casa, andando na rua,
 ao deitar, ao levantar;
 repitam-nas a seus filhos.
 Ou, senão, desmorone-se a sua casa,
 a doença os torne inválidos,
 os seus filhos virem o rosto para não vê-los.¹⁰³⁰

No século XX, os campos de extermínio — laboratórios da dominação total — representam para o poder totalitário uma instituição capital. Nesses espaços de rostos velados, o poder totalitário pode experimentar seu ideal — a dominação total — destruindo a espontaneidade dos seres humanos, transformando-os em "espécimes da espécie humana", de reações previsíveis e controláveis. No Estado, três etapas permitem fabricar esses "cadáveres vivos": I — Mata-se no indivíduo a pessoa jurídica, privando-a de seus direitos; II — Mata-se a pessoa moral, tornando sua morte anônima e sua consciência inútil; III — Mata-se a identidade única da pessoa humana, torturando-a.¹⁰³¹

Se os homens não fossem indiferentes uns aos outros, Auschwitz não teria sido possível, os homens não o teriam tolerado. Os homens, sem exceção, sentem-se hoje pouco amados porque todos amam demasiado pouco. A incapacidade de identificação foi, sem dúvida, a condição psicológica mais importante para que pudesse suceder algo como Auschwitz entre homens de certa forma educados e inofensivos.¹⁰³²

Na Alemanha dos anos 30, descortina-se uma profunda deficiência espiritual, intelectual e moral no Estado. Hermann Broch escreveu que existia uma misteriosa cumplicidade no mal dos que não pareciam ser maus.¹⁰³³ Dito por Hannah Arendt, havia falta de humanidade, "estupidez radical", "falta de reflexão".¹⁰³⁴ Na ausência de fins transcendentais para a existência, o apocalipse intramundano tomou conta do povo alemão —

¹⁰³⁰ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi Dei Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p. 9.

¹⁰³¹ ARENDT, H. *Origens do Totalitarismo: Anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo.* Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

¹⁰³² ADORNO, T. W. *Educação e Emancipação.* Trad. Wolfgang Leo Maar. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 137.

¹⁰³³ BROCH, H. *The guiltless.* Trad. Ralph Manheim. Londres: Quartet, 1990.

¹⁰³⁴ ARENDT, H. *The Life of Mind.* Nova York: Harcourt; Brace; Jovanovich, 1978, pp. 4-6.

como sucedera na revolução russa — e a “humanidade transformou-se em sinônimo de um campo de concentração apocalíptico”.¹⁰³⁵

[...] Quando olhamos de perto para um pensador como Emmanuel Lévinas, o que mais se evidenciou foi o quanto sua filosofia de tanta elevação e fineza se enraizava na rude e densa experiência de sua vida, de sua família, de seu povo paciente e sofrido. Sua fenomenologia não se fiava de conceitos e abstrações, mas tentava penetrar os segredos de dorsos curvados, de mãos, de pés, de rostos terrivelmente machucados senão condenados a desaparecer no indizível abismo escuro ou afogado do inferno totalitário. Deus é reconhecido não em sublimes faces angélicas, mas nesses rostos que o horror desfigura.¹⁰³⁶

Dito por Hannah Arendt:

[...] O extermínio de milhões foi planejado para funcionar como uma máquina: os prisioneiros chegando de toda Europa; as seleções na rampa, e as seleções subsequentes entre aqueles que tinham sido robustos na chegada; a divisão em categorias [todos os idosos, crianças e mães com filhos deviam ser gaseados imediatamente]; os experimentos humanos; o sistema dos “prisioneiros de confiança”, os capos e os comandos de prisioneiros que manejavam as instalações de extermínio e detinham posições privilegiadas. Tudo parecia previsto e assim previsível — dia após dia, mês após mês, ano após ano. E, ainda assim, o que resultou dos cálculos burocráticos foi o exato oposto da previsibilidade [...].¹⁰³⁷

No Estado de Minas Gerais [Brasil], pelo menos 60.000 pessoas morreram entre os muros do Hospital Psiquiátrico de Barbacena.

[...] 70% não tinham diagnóstico de doença mental. Eram epiléticos, alcoolistas, homossexuais, prostitutas, gente que se rebelava, gente que se tornara incômoda para alguém com mais poder. Eram meninas grávidas, violentadas por seus patrões, eram esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante, eram filhas de fazendeiros as quais perderam a virgindade antes do casamento. Eram homens e mulheres que haviam extraviado seus documentos. Alguns eram apenas tímidos. Pelo menos trinta e três eram crianças.¹⁰³⁸

No Hospício de Barbacena, durante décadas, milhares de pacientes foram internados à força, sem diagnóstico de doença mental. É

¹⁰³⁵ VOEGELIN, E. World Empire and the Unity of Mankind. *International Affairs* 38, n. 2, 1962, pp. 170-188, 186.

¹⁰³⁶ JOSAPHAT, C. Deus na fala e no sertão de Guimarães Rosa. In: _____. *Falar de Deus e com Deus: caminhos e descaminhos das religiões hoje*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 211.

¹⁰³⁷ ARENDT, H. *Responsabilidade e julgamento*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 319-320.

¹⁰³⁸ ARBEX, D. *Holocausto Brasileiro: Genocídio — 60 mil mortos no maior hospício do Brasil*. São Paulo: Geração, 2013, p. 14.

necessário não esquecer de que ali foram torturados, violentados e mortos sem que ninguém se importasse com seu destino: epiléticos, alcoolistas, homossexuais, prostitutas, meninas grávidas pelos patrões, mulheres confinadas pelos maridos, moçam que haviam perdido a virgindade antes do casamento¹⁰³⁹ — “os desafortunados”.¹⁰⁴⁰

No Estado — e na Igreja — não se ouviu os seus gritos.¹⁰⁴¹ Tampouco, o toque fúnebre dos sinos. Lúcida, Sueli — interna que compôs a letra da música que se tornou hino do Colônia — grita:

Ô seu Manoel, tenha compaixão
Tira nós tudo desta prisão
Estamos todos de azulão
Lavando o pátio de pé no chão
Lá vem a boia do pessoal
Arroz cru e feijão sem sal
E mais atrás vem o macarrão
Parece cola de colar balão
Depois vem a sobremesa
Banana podre em cima da mesa
E logo atrás vêm as funcionárias
Que são as putas mais ordinárias.¹⁰⁴²

No dizer de Daniela Arbex, a história de Sueli — tecida no seio do Hospital Psiquiátrico de Barbacena — foi pintada com cores fortes:

[...] Ela devolveu com violência toda a crueldade que sofreu. Agiu sem piedade consigo mesma e com os outros. Arrancou orelha de muitos pacientes, Elzinha foi uma de suas vítimas, e se mutilou. Usou grampos para ferir os pulsos, enfiou cabo de vassoura na vagina, arrancou o próprio dente. A cada sessão de choque que tomava, espalhava o mesmo terror que lhe havia sido imposto. O comportamento dela rendeu muita represália. Foi espancada várias vezes, inclusive pelas colegas de pavilhão, e colocada nua na cela, apesar do frio que cortava a pele.¹⁰⁴³

Nos anos 60 e 70, fizeram reportagens denunciando os maus tratos. Nenhum deles — como fez a jornalista mineira Daniela Arbex — conseguiu contar a história no seu modo de ser mais próprio. Do ponto de vista de

¹⁰³⁹ BASAGLIA, F. Um pungente retrato de abandono e horror. In: ARBEX, D. *Holocausto Brasileiro: Genocídio — 60 mil mortos no maior hospício do Brasil*. São Paulo: Geração, 2013.

¹⁰⁴⁰ CONSELHEIRO, A. V. M. M. *O santo evangelho de Jesus Cristo segundo São Matheus [e outro manuscritos]*. Belo Monte: 24 de maio de 1895.

¹⁰⁴¹ BASAGLIA, F. Um pungente retrato de abandono e horror. In: ARBEX, D. *Holocausto Brasileiro: Genocídio — 60 mil mortos no maior hospício do Brasil*. São Paulo: Geração, 2013.

¹⁰⁴² REZENDE, S. Ô seu Manoel, tenha compaixão. In: _____. ARBEX, D. *Holocausto Brasileiro: Genocídio — 60 mil mortos no maior hospício do Brasil*. São Paulo: Geração, 2013, p. 126.

¹⁰⁴³ ARBEX, D. *Holocausto Brasileiro: Genocídio — 60 mil mortos no maior hospício do Brasil*. São Paulo: Geração, 2013, p. 124.

Frando Basaglia, o que se praticou no Hospício de Barbacena foi um genocídio, com 60 mil mortes: Um holocausto praticado pelo Estado, com a conveniência de médicos, funcionários e da sociedade. — “Estive hoje num campo de concentração nazista. Em nenhum lugar do mundo presenciei uma tragédia como essa”, destaca Franco Basaglia.¹⁰⁴⁴

No Estado do Ceará [Brasil], revela a poesia sertaneja do agricultor “mais afortunado de todos fios de Adão”¹⁰⁴⁵ — Patativa do Assaré:

Tudo o que procura acho.
Eu pude vê neste crima,
Que tem o Brasi de Baxo
E tem o Brasi de Cima.
O Brasi de Baxo, coitado!
É um pobre abandonado;
O de Cima tem cartaz,
Um do ôtro é bem diferente:
Brasi de Cima é pra frente,
Brasi de Baxo é pra trás.¹⁰⁴⁶

Na alocução de 11 de setembro de 1962, João XXIII disse: “[...] diante dos países subdesenvolvidos, a Igreja apresenta-se tal como é e quer ser, a Igreja de todos e particularmente a Igreja dos pobres”.¹⁰⁴⁷

“Entre mãos tristes, vê-se a harpa imóvel”.¹⁰⁴⁸ Edmund Husserl — em *Ideias Relativas a uma Fenomenología Pura e uma Filosofia Fenomenológica* — escreve que se suprimirmos a consciência, então suprimimos o mundo.¹⁰⁴⁹

No século XXI, a “nova época histórica”¹⁰⁵⁰ de que fala Medellín reclama para si o enfrentamento de um trágico problema: o fundamento do

¹⁰⁴⁴ BASAGLIA, F. Um pungente retrato de abandono e horror. In: ARBEX, D. *Holocausto Brasileiro: Genocídio — 60 mil mortos no maior hospício do Brasil*. São Paulo: Geração, 2013.

¹⁰⁴⁵ ASSARÉ, P. do. *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*. 17. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2014, p. 38.

¹⁰⁴⁶ ASSARÉ, P. do. *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*. 17. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2014, p. 272.

¹⁰⁴⁷ JOÃO XXIII, P. Mensagem de 11 de setembro de 1962. In: ALBERIGO, A. G. *Giovanni XXIII: profetia nella fedeltà*. Queriniana: Brescia, 1978.

¹⁰⁴⁸ MEIRELES, C. *Solombra*. 2. ed. São Paulo: Global, 2013, p. 19.

¹⁰⁴⁹ HUSSERL, E. *Ideias Relativas a una Fenomenología Pura y una Filosofía Fenomenológica*. Trad. José Gaos. 2. ed. México; Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1962.

¹⁰⁵⁰ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Medellín. In: _____. *Conferencias Generales del Episcopado Latinoamericano*: Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo. Santafé de Bogotá: CELAM, 1994.

Estado Moderno — contrato social — não abarca a pessoa humana em suas dimensões corpóreo-vivente, psíquica e espiritual — o que culminou nas grandes calamidades que se abateram sobre a América Latina.

Desde que nasceu, a Ciência tem crescido sobretudo sob o incentivo de algum problema da Vida a resolver: e suas mais sublimes teorias teriam flutuado sempre sem raízes sobre o Pensamento humano se não se tivessem imediatamente transformado, ou incorporado, em algum meio de domar o Mundo [...].¹⁰⁵¹

Nos sertões do Estado da Bahia, o pacato Zé do Burro — homem de plalavra e fé — para cumprir uma promessa, divide o seu sítio com os lavradores pobres e carrega uma cruz no percurso de sete léguas, com o objetivo de depositá-la no interior de uma igreja de Santa Bárbara. Por se tratar de uma promessa feita a lansã — figura de credence popular, Santa Bárbara [sincretismo religioso], que não participa exatamente da hagiografia cristã — Padre Olavo não lhe permite o ingresso no templo, depois de longos dias de espera. Não obstante, Zé do Burro obstina-se em permanecer diante da porta, na esperança de que se convençam de seus propósitos santificados: agradecer a cura de Nicolau — um burro, seu companheiro dileto, que não o largava hora nenhuma do dia ou da noite.¹⁰⁵²

Me deixe, Rosa! Não venha pra cá!

Zé do Burro, de faca em punho, recua em direção à igreja. Sobe um ou dois degraus, de costas. O Padre vem por trás e dá uma pancada em seu braço, fazendo com que a faca vá cair no meio da praça. Zé do Burro corre e abaixa-se para apanhá-la. Os policiais aproveitam e caem sobre ele para subjugá-lo. E os capoeiras caem sobre os policiais para defendê-lo. Zé do Burro desaparece na onda humana. Ouve-se um tiro. A multidão se dispersa como num estouro de boiada. Fica apenas Zé do Burro no meio da praça, com as mãos sobre o ventre. Ele dá ainda um passo em direção à igreja e cai morto.¹⁰⁵³

Por conseguinte, o Padre Olavo desce os degraus da igreja, em direção ao corpo de Zé do Burro: “Quería encomendar a alma dele...”¹⁰⁵⁴

Encomendar a quem? Ao Demônio?

¹⁰⁵¹ CHARDIN, P. T. de. *O fenômeno humano*. Trad. José Luiz Archanjo. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 281.

¹⁰⁵² MAGALDI, S. Prólogo. In: GOMES, D. *O pagador de promessas*. 63. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

¹⁰⁵³ GOMES, D. *O pagador de promessas*. 63. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017, p. 153.

¹⁰⁵⁴ GOMES, D. *O pagador de promessas*. 63. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017, p. 153.

O Padre baixa a cabeça e volta ao alto da escada. Bonitão surge na ladeira. Mestre Coca consulta os companheiros com o olhar. Todos compreendem a sua intenção e respondem afirmativamente com a cabeça. Mestre Coca inclina-se diante de Zé do Burro, segurando-o pelos braços, os outros capoeiras se aproximam também e ajudam a carregar o corpo. Colocam-no sobre a cruz, de costas, com os braços estendidos, como um crucificado. Carregam-no assim, como numa padiola, e avançam para a igreja. Bonitão segura Rosa por um braço, tentando levá-la dali. Mas Rosa o repele com um safanão e seguem os capoeiras. Bonitão dá de ombros e sobe a ladeira. Intimidados, o Padre e o Sacristão recuam, a Beata foge e os capoeiras entram na igreja com a cruz, sobre ela o corpo de Zé do Burro. O Galego, Dedé e Rosa fecham o cortejo. Só Minha Tia permanece em cena. Quando uma trovoadá tremenda desaba sobre a praça.¹⁰⁵⁵

Na nossa *Via Crucis*, cada um de nós — como o indefeso Zé do Burro, desamparado e só num mundo governado por forças que lhe são superiores — tem as suas promessas a pagar — os seus "absurdos" —, vindo a esbarrar pela frente com o seu "Padre Olavo". Na peça, "Padre Olavo" não se revela um símbolo de intolerância religiosa, mas de intolerância universal. Nas palavras de Dias Gomes, "Padre Olavo"

[...] veste batina, podia vestir farda ou toga. É padre, podia ser dono de um truste. E Zé do Burro, crente do interior da Bahia, podia ter nascido em qualquer parte do mundo, muito embora o sincretismo religioso e o atraso social, que provocam o conflito ético, sejam problemas locais, façam parte de uma realidade brasileira. *O Pagador de Promessas* não é uma peça anticlerical — espero que isso seja entendido [...].¹⁰⁵⁶

No Estado da Bahia, Zé do Burro é trucidado não pela Igreja, mas por toda uma organização social, na qual somente o povo das ruas consegue sentir com Zé do Burro e — numa atitude de cuidado [cura] — ao seu lado se coloca, inicialmente por entropatia [Einfühlung] e depois pela conscientização produzida pelo impacto emocional da morte de Zé do Burro. Nos escritos de Edith Stein, a empatia — uma vivência *sui generis* — não é mera percepção externa; a sua peculiaridade reside na experiência de um "eu" que sente — imediatamente — que está diante de um "tu", de tal modo que possa dizer "nós".¹⁰⁵⁷

¹⁰⁵⁵ GOMES, D. *O pagador de promessas*. 63. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017, p. 153.

¹⁰⁵⁶ GOMES, D. *O pagador de promessas*. 63. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017, pp. 15-16.

¹⁰⁵⁷ STEIN, E. Sobre el Problema de la Empatía. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

Na peça, a invasão do espaço litúrgico — católico — revela um nítido sentido de vitória popular e destruição de uma engrenagem social da qual a Igreja faz parte na América Latina.¹⁰⁵⁸

“[...] Zé do Burro, por definição, é um homem livre. Por definição, apenas [...]”.¹⁰⁵⁹ O Estado é soberano — uso legítimo da força — e a Igreja, às vezes, anuncia o Evangelho e não denuncia as injustiças sociais. “[...] E assim a consciência faz de todos nós covardes [...]”.¹⁰⁶⁰ No diálogo *Teeteto*, Platão põe a seguinte anedota na boca de Sócrates:

Sócrates: Ora, considera o caso de Tales, Teodoro. Enquanto estudava os astros e olhava para cima, caiu num poço. E uma divertida e espirituosa serva trácia zombou dele — dizem — porque mostrava-se tão ansioso por conhecer as coisas do céu que não conseguia ver o que se encontrava ali diante de si sob seus próprios pés [...].¹⁰⁶¹

Na América Latina, aplica-se a mesma pilhéria a todas as pessoas que passam suas vidas devotando-se à teologia.

Na confissão de Dias Gomes:

O *Pagador de Promessas* nasceu, principalmente, dessa consciência que tenho de ser explorado e impotente para fazer uso da liberdade que, em princípio, me é concedida. Da luta que travo com a sociedade, quando desejo fazer valer o meu direito de escolha, para seguir o meu próprio caminho e não aquele que ela me impõe. Do conflito interior em que me debato permanentemente, sabendo que o preço da minha sobrevivência é a prostituição total ou parcial. Zé do Burro faz aquilo que eu desejaria fazer — morre para não conceder. Não se prostitui. E sua morte não é inútil, não é um gesto de afirmação individualista, porque dá consciência ao povo, que carrega seu cadáver como bandeira.¹⁰⁶²

3.3

PESSOA HUMANA, *DASEIN* E ESTADO

[...] “Pois é manifesto que estais de há muito familiarizados com o que pretendes propriamente significar empregando a

¹⁰⁵⁸ GOMES, D. *O pagador de promessas*. 63. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

¹⁰⁵⁹ GOMES, D. *O pagador de promessas*. 63. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017, p. 16.

¹⁰⁶⁰ SHAKESPEARE, W. *Hamlet*, Ato III, Cena I. In: _____. *A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca*. Trad. Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

¹⁰⁶¹ PLATÃO. *Teeteto* [ou do conhecimento], 174a. In: _____. *Diálogos I: Teeteto* [ou do conhecimento], *Sofista* [ou do ser], *Protágoras* [ou sofistas]. Trad. Edson Bini. Bauru [SP]: EDIPRO, 2007.

¹⁰⁶² GOMES, D. *O pagador de promessas*. 63. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017, pp. 16-17.

expressão ‘ente’ que outrora acreditávamos certamente entender mas que agora nos deixa perplexos”. Temos hoje uma resposta à pergunta sobre o que pretendemos significar propriamente com a palavra “ente”? De modo algum. Assim, é preciso, pois, refazer a *pergunta pelo sentido de ser*. Estamos hoje ao menos perplexos por não entender a expressão “ser”? De modo algum. Então, antes do mais, cumpre despertar de novo um entendimento para o sentido dessa pergunta. A elaboração concreta da pergunta pelo sentido de “ser” é o objetivo do tratado que se segue. A interpretação do *tempo* como horizonte possível de todo entendimento-do-ser em geral é sua meta provisória.¹⁰⁶³

Edith Stein, no Apêndice II — *A filosofia existencial de Martin Heidegger — de Ser Finito e Ser Eterno: ensaio de uma ascensão ao sentido do ser [Endliches und Ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins, 1936]*, escreve:

Não é possível dar ideia em poucas páginas da riqueza e da força das investigações, com frequência verdadeiramente iluminadoras, que estão contidas na grande imagem de Heidegger *Ser e Tempo*. Nos últimos dez anos, talvez nenhum outro livro tenha influído tanto como esse no pensamento filosófico atual, ainda que, muitas vezes, tenhamos a impressão de que só se receberam as palavras de novo cunho, sem que se tenha reconhecido seu sentido radical e sua incompatibilidade com o restante do equipamento conceitual que se emprega, ao mesmo tempo despreocupadamente.¹⁰⁶⁴

Historicamente, Martin Heidegger expõe — em *Ser e Tempo [Sein und Zeit, 1927]* — que a grande pergunta da *metafísica* é a que versa sobre a questão do *ser*. Esta pergunta caiu no — trágico — esquecimento, embora em nosso tempo se arrogue o progresso de uma reafirmação da “metafísica”.¹⁰⁶⁵ Proclama, então, que de Platão e Aristóteles até Hegel, a metafísica se extraviou: ela não atingiu a questão fundamental da filosofia — a *questão do ser*.¹⁰⁶⁶ “[...] Toda a ontologia antiga viu uma determinada forma de ser — o ser do que há — como o ser por antonomásia [...]”.¹⁰⁶⁷

¹⁰⁶³ HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas, SP: UNICAMP; Petrópolis [RJ]: Vozes, 2012, p. 31.

¹⁰⁶⁴ STEIN, E. Apêndice II — A filosofia existencial de Martin Heidegger. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 573.

¹⁰⁶⁵ HEIDEGGER, M. _____. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge Eduardo Rivera Cruchaga. 2. ed. Madrid: Trotta, 2009.

¹⁰⁶⁶ HEIDEGGER, M. _____. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge Eduardo Rivera Cruchaga. 2. ed. Madrid: Trotta, 2009.

¹⁰⁶⁷ STEIN, E. Apêndice II — A filosofia existencial de Martin Heidegger. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 574.

[...] Esta pergunta não é uma questão qualquer. Ela deu fôlego às pesquisas de Platão e Aristóteles, para depois emudecer — *como pergunta temática de uma investigação*. O que eles alcançaram manteve-se, em muitas distorções e “recauchutagens”, até a *Lógica* de Hegel. E o que outrora, num supremo esforço de pensar, arrancou-se aos fenômenos, converteu-se desde muito tempo em uma trivialidade [...].¹⁰⁶⁸

Não só no Medievo, mas também nas tentativas mais influentes da Modernidade: René Descartes e Immanuel Kant.¹⁰⁶⁹ Para Martin Heidegger, esse trágico esquecimento do ser é responsável pelo devir histórico da Europa e por todas as calamidades que se abateram sobre o mundo contemporâneo.¹⁰⁷⁰ Martin Heidegger viu-se, então, obrigado a restituir-nos um autêntico pensamento — que pensa o *impensado* do modo tradicional de conceber e de fazer filosofia — do *ser*. Jean-Louis Dumas expressa do seguinte modo a tarefa à qual Martin Heidegger consagrou a vida inteira: desconstruir uma certa tradição metafísica tocando na questão do ser, com fins de instaurar uma nova metafísica na qual o homem [*Da-sein*] — abandonado por Deus — esclarece por si mesmo *o que é o ser*.¹⁰⁷¹

Para Edith Stein, o ser não pode ser definido,

[...] porque é algo que se pressupõe em toda definição, porque é algo que se contém em cada palavra e em cada sentido de uma palavra. Capta-se com tudo que é captado, e está contido no captar mesmo. Podem-se indicar unicamente diferenças do ser e do ente.¹⁰⁷²

¹⁰⁶⁸ HEIDEGGER, M. _____. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge Eduardo Rivera Cruchaga. 2. ed. Madrid: Trotta, 2009, p. 23.

[...] Esta pregunta no es una pregunta cualquiera. Ella mantuvo en vilo la investigación de Platón y Aristóteles, aunque para emudecer desde entonces — *como pregunta temática de una efectiva investigación*. Lo que ellos alcanzaron se mantuvo, a través de múltiples modificaciones y “retoques”, hasta la *Lógica* de Hegel. Y lo que, en el supremo esfuerzo del pensar, le fuera antaño arrebatado a los fenómenos, si bien fragmentaria e incipientemente, se há convertido desde hace tiempo en una trivialidad. [Tradução livre].

¹⁰⁶⁹ HEIDEGGER, M. _____. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge Eduardo Rivera Cruchaga. 2. ed. Madrid: Trotta, 2009.

¹⁰⁷⁰ HUISMAN, D. *História do existencialismo*. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru [SP]: EDUSC, 2001.

¹⁰⁷¹ DUMAS, J.-L. *Histoire de la pensée: philosophies et philosophes*. Paris: Tallandier, 1990.

¹⁰⁷² STEIN, E. Conocimiento, Verdad e Ser. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 560:

[...] porque es algo que se presupone en toda definición, porque es algo que se contiene en cada palabra y en cada sentido de una palabra. Se capta con todo que es captado, y está contenido en el captar mismo. Se pueden indicar únicamente diferencias del ser y del ente. [Tradução livre].

Nas reflexões de Martin Heidegger, para fins de obtenção da resposta à pergunta fundamental pelo sentido do ser, deve-se perguntar ao ente — e não a um ente qualquer —, mas a um ente privilegiado, a *cujo ser pertence perguntar pelo sentido do ser e certa compreensão provisória [“pré-ontológica”] do ser*. Martin Heidegger chama esse ente — que somos um de nós — de “*Dasein*”, por pensar que a determinação da essência desse ente não pode efetuar-se mediante a indicação de um *quid* dotado de conteúdo, mas sua essência reside, antes de mais nada, em que cada um tem que ser seu ser como seu próprio ser”.¹⁰⁷³

[...] Porque sua compreensão do ser se estende não só a seu próprio ser [ao qual se denomina *existência*], mas também ao ente que não é como *Dasein*, “deve-se buscar a ontologia fundamental, da qual hão de surgir todas as demais, na *análise existencial do Dasein*” [...].¹⁰⁷⁴

No século XVII, o infinitivo era substantivado como [*das*] *Dasein*, originalmente no sentido de presença. No século XVIII, *Dasein* passou a ser usada pelos filósofos como uma alternativa para a palavra derivada da língua latina *Existenz* e os poetas a utilizavam no sentido de vida. Nos escritos de Martin Heidegger, “*Dasein*” designa ora o homem [“quem” ou “si mesmo”], ora o ser do homem [“ser do *Dasein*”].¹⁰⁷⁵

Por esta via, Martin Heidegger insiste na necessidade de uma repetição explícita da pergunta pelo sentido do ser, destacando três prejuízos: a) o “ser” é o conceito “mais universal”; b) o conceito de ser é indefinível; c) o “ser” é um conceito evidente por si mesmo.¹⁰⁷⁶

De acordo com Martin Heidegger, “a pergunta pelo sentido do ser deve ser *feita* [...]”.¹⁰⁷⁷ Por se tratar de uma pergunta fundamental — ou até mesmo *da* pergunta fundamental —, este questionamento reclama para si

¹⁰⁷³ STEIN, E. Apêndice II — A filosofia existencial de Martin Heidegger. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁰⁷⁴ STEIN, E. Apêndice II — A filosofia existencial de Martin Heidegger. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, pp. 574-575.

¹⁰⁷⁵ STEIN, E. Apêndice II — A filosofia existencial de Martin Heidegger. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁰⁷⁶ HEIDEGGER, M. _____. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge Eduardo Rivera Cruchaga. 2. ed. Madrid: Trotta, 2009.

¹⁰⁷⁷ HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas, SP: UNICAMP; Petrópolis [RJ]: Vozes, 2012, p. 39.

ser feito de modo transparente na forma devida. Por este motivo, faz-se necessário, então, explicar, brevemente, o que pertence a toda pergunta em geral, para poder compreender a partir daí o caráter *particularíssimo* da pergunta pelo sentido do ser.¹⁰⁷⁸ No dizer de Martin Heidegger:

Todo perguntar é um buscar. Toda busca tem sua direção prévia a partir do buscado. Perguntar é buscar conhecer o ente em seu ser-que e me seu ser-assim. O buscar que conhece pode se tornar “investigar” como determinação que põe em liberdade aquilo por que se faz a pergunta. O perguntar como perguntar por ... tem seu *aquilo de que se pergunta*. Todo perguntar é perguntar por... é, de algum modo, um perguntar a... Afora aquilo de que se pergunta, ao perguntar pertence um *aquilo a que se pergunta*. Na investigação, isto é, na pergunta especificamente teórica, *aquilo a que se pergunta* deve ser determinado e conceituado. Em aquilo de que se pergunta reside, pois, como aquilo para que propriamente se tende, aquilo que se pergunta, no qual o perguntar atinge sua meta [...].¹⁰⁷⁹

Na questão do sentido do ser, *aquilo de que se pergunta* [o *questionado*] é o ser, o que determina o ente como ente, como o ente já é sempre compreendido, em qualquer reflexão que seja. Por conseguinte, aquilo que se pergunta [o *perguntado*], o sentido do ser, requer uma conceituação própria, a qual de novo se contrapõe essencialmente aos conceitos em que o ente alcança a determinidade de seu significado. Na medida em que o ser constitui o perguntado — e ser significa ser de ente — resulta que *aquilo a que se pergunta* [o *interrogado*] na questão-do-ser é o próprio ente. Este é como que interrogado em seu ser.¹⁰⁸⁰

Martin Heidegger inicia *Ser e Tempo* [*Sein und Zeit*, 1927] com uma análise preparatória do *Dasein*. Na segunda seção, propõe-se a mostrar como sentido do ente ao qual denominamos *Dasein* a *temporalidade*; e porque ao ser desse ente pertence a compreensão do ser, pensa ser necessário trazer à luz e conceber genuinamente o *tempo como horizonte da compreensão do ser desde a temporalidade em qualidade de ser do Dasein que compreende o ser*. Na terceira seção, Martin Heidegger trataria

¹⁰⁷⁸ HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas, SP: UNICAMP; Petrópolis [RJ]: Vozes, 2012.

¹⁰⁷⁹ HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas, SP: UNICAMP; Petrópolis [RJ]: Vozes, 2012, p. 41.

¹⁰⁸⁰ HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas, SP: UNICAMP; Petrópolis [RJ]: Vozes, 2012.

de *tempo ser*, concretamente no sentido de que não só procede compreender o *Dasein* como temporal, mas que o *ser* como tal se deve conceber a partir do tempo.¹⁰⁸¹ Não obstante,

[...] parece que essa seção foi elaborada junto com as duas precedentes [remete-se com frequência a ela, indicando os parágrafos], mas não foi publicada. Igualmente, toda a segunda parte — uma “destruição da história da ontologia” [Kant – Descartes — Aristóteles] exigida como necessária fazendo referência à historicidade do *Dasein* e de sua compreensão do — ser só foi anunciada.¹⁰⁸²

Nas reflexões de Edith Stein, a pergunta pelo sentido do ser não vem suscitada por nossa própria existência.¹⁰⁸³ Na sua existência cotidiana, o homem — *Dasein* — está rodeado de todo tipo de preocupações e anseios. Existe no mundo e trata de assegurar seu posto nele mesmo. Move-se nas formas tradicionais da vida social. No seio do mundo, o homem entra em relação com outros seres humanos, e fala, pensa e sente como “se” fala, “se” pensa e “se” sente. No entanto, todo este mundo — firmemente estabelecido — no qual o homem se encontra e para o qual contribui e toda a sua atarefada atuação não são, senão, uma grande sombra que oculta duas perguntas fundamentais: Que sou eu? Que é o ser?¹⁰⁸⁴

Dasein “[...] vive preocupado com isto e aquilo, preocupado com seu próprio ser [...]”.¹⁰⁸⁵ Não obstante, um estado de espírito surge na

¹⁰⁸¹ STEIN, E. Apêndice II — A filosofia existencial de Martin Heidegger. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁰⁸² STEIN, E. Apêndice II — A filosofia existencial de Martin Heidegger. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 575.

¹⁰⁸³ STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

¹⁰⁸⁴ STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

¹⁰⁸⁵ STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 567:

“[...] vive preocupado por esto y aquello, preocupado por su propio ser [...]”. [Tradução livre].

quotidianidade, para reconduzi-lo ao seu próprio ser [ser autêntico]: a angústia — o motor da existência humana.¹⁰⁸⁶

Por não ter um objeto específico [ao qual dirige-se], a angústia — existencial ou ontológica — difere-se do medo:

[...] Enquanto o temor sempre está dirigido a algo ameaçador do mundo, a angústia nem sempre é medo de algo intramundano, mas do próprio ser no mundo. E mais, a angústia é o primeiro que torna visível o “mundo” como tal. É angústia diante do estar só no mundo [como “*solus ipse*”], ou seja, diante de um ser autêntico de que *Dasein*, em seu decair, foge do mundo e do ser. Precisamente a partir desse afastamento, cabe distinguir a angústia olhando para trás. Aquilo *por que o Dasein* se angústia é seu poder ser no mundo. O decair é um afastar-se das próprias possibilidades livres de ser para o ser no mundo e para o si mesmo do ser. Nas possibilidades, o *Dasein* “se antecipa a si mesmo” desde o princípio, e isso pertence ao estar lançado; seu antecipar-se se designa com o termo “preocupação” e é a base para todo preocupar-se com algo, por algo ou alguém, para todo desejar e querer, para toda tendência e impulso.¹⁰⁸⁷

No dizer de Martin Heidegger:

[...] É na disposição da angústia que o estar-lançado na morte se desentranha para a pre-sença de modo mais originário e penetrante. A angústia com a morte é angústia “com” o poder-ser mais próprio, irremissível e insuperável. O próprio ser-no-mundo é aquilo com que ela se angustia. Não se deve confundir a angústia com a morte com o temor de deixar de viver. Enquanto disposição fundamental da pre-sença, a angústia não é um humor “fraco”, arbitrário e casual de um indivíduo singular, mas sim a abertura do fato de que, como ser-lançado, a pre-sença existe para seu fim [...].¹⁰⁸⁸

Na angústia, manifesta-se ao homem o que é sua existência. Tão logo se coloca a pergunta, oferece-lhe a resposta, pois o ser resulta patente para quem opta por querer vê-lo. Do ponto de vista fenomenológico-existencial, o fato de que o homem trata de desviar-se é que está “lançado” [sem um “lançamento”] no mundo — Quem o lançou? — para existir.¹⁰⁸⁹

¹⁰⁸⁶ MENDES, E. S. *A analítica do Dasein em Martin Heidegger*. Monografia [Pós-Graduação em Filosofia], Universidade Federal de Ouro Preto — UFOP, Ouro Preto [MG], 2007.

¹⁰⁸⁷ STEIN, E. Apêndice II — A filosofia existencial de Martin Heidegger. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 580.

¹⁰⁸⁸ HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Parte II. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 10. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes; Bragança Paulista [SP]: USF, 2002, p. 33.

¹⁰⁸⁹ STEIN, E. Apêndice II — A filosofia existencial de Martin Heidegger. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

Na perspectiva de Martin Heidegger, a existência humana descortina-se em possibilidades, dentre as quais está a última das possibilidades: a morte — “[...] o final do *Dasein* [...]”¹⁰⁹⁰ — um fenômeno, a ser compreendido ontologicamente.¹⁰⁹¹

Martin Heidegger, no prelineamento da estrutura ontológico-existencial da morte — desenvolvido em seu escrito fundamental, intitulado *Ser e Tempo* [*Sein und Zeit*, 1927] —, expõe que a morte é uma possibilidade ontológica que o próprio *Dasein* tem de assumir:

[...] Com a morte, a própria pre-sença é impendente em seu poder-ser *mais próprio*. Nessa possibilidade, o que está em jogo para a pre-sença é pura e simplesmente seu ser-no-mundo. Sua morte é a possibilidade de poder não mais estar pre-sente. Se, enquanto essa possibilidade, a pre-sença é, para si mesma, impendente, é porque depende *plenamente* de seu poder-ser mais próprio. Sendo impendente para si, nela se desfazem todas as remissões para outra pre-sença. Essa possibilidade mais própria e irremissível é, ao mesmo tempo, a extrema. Enquanto poder-ser, a pre-sença não é capaz de superar a possibilidade da morte. A morte é, em última instância, a possibilidade da impossibilidade absoluta de pre-sença. Desse modo, a *morte* desentranha-se como a possibilidade *mais própria, irremissível e insuperável* [...].¹⁰⁹²

Na analítica existencial do *Dasein*, de Martin Heidegger: “[...] o homem vem do nada e a ele dirige-se, sem poder deter-se [...]”.¹⁰⁹³ No entanto, quem opta por viver de modo autêntico deve suportar olhar cara a cara o nada, sem fugir dele até o autoesquecimento ou outros modos de enganosa segurança. Por esta via, a vida profunda é para Martin Heidegger uma vida do *espírito*. No descortinar da existência, o homem revela-se *livre*, no sentido de que pode decidir-se por ser próprio [autêntico] ou ser

¹⁰⁹⁰ STEIN, E. Apêndice II — A filosofia existencial de Martin Heidegger. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 604.

¹⁰⁹¹ MENDES, E. S. *A analítica do Dasein em Martin Heidegger*. Monografia [Pós-Graduação em Filosofia], Universidade Federal de Ouro Preto — UFOP, Ouro Preto [MG], 2007.

¹⁰⁹² HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Parte II. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 10. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes; Bragança Paulista [SP]: USF, 2002, p. 32.

¹⁰⁹³ STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 567:

“[...] el hombre viene de la nada y a ella se dirige, sin poder detenerse [...]”. [Tradução livre].

impróprio [inautêntico]. “[...] Porém não assinala nenhum outro fim que ser ele mesmo e perseverar no nada de seu ser”.¹⁰⁹⁴

“[...] Mas a vida não é entendível [...]”.¹⁰⁹⁵ Sobre a noção de *Dasein* de Martin Heidegger, Padre Mac Dowel comenta que Edith Stein

[...] vê com alguma razão certa ambiguidade no uso do termo que ora significa simplesmente “o ser humano”, i.e., “quem” é no mundo ou o “si-mesmo” [*Selbst*], ora o modo próprio de ser do ser humano, que Heidegger designa por “existência”. O termo *ser-aí* é escolhido por Heidegger, diz ela, porque ao ser do ser humano pertence o “aí”, i.e. ele está sempre orientado para um “lá” no mundo. Considera, porém, inaceitável que o filósofo despreze a definição tradicional do ser humano como composto de corpo e alma, ao recusar o conceito de “alma”, na verdade não em sentido materialista, reconhece ela, mas como eu substancial. Mais estranha lhe parece a conhecida afirmação de Heidegger segundo a qual a “essência do ser humano é a sua existência”, identidade, que só vale de Deus, afirma Stein, segundo o ensinamento de Tomás de Aquino.¹⁰⁹⁶

Na *Estrutura da pessoa humana* [*Der Aufbau der menschlichen Person*, 1994], Edith Stein — “[...] um ente que chegou à plena posse de seu ser [...]”¹⁰⁹⁷ — posiciona-se, do ponto de vista da práxis pedagógica, sobre a existência humana em Martin Heidegger:

Heidegger não edificou teoria pedagógica alguma. Tampouco pode ser tarefa nossa examinar até que ponto sua metafísica repercute em sua praxis pedagógica, ou em que medida se dá nesta uma saudável inconsequência. Devemos considerar tão só a que consequências pedagógicas conduz esta ideia de homem ter sido chamado ao verdadeiro ser [haverá que perguntar-se, contudo, que sentido pode ter essa chamada quando se dirige a uma existência que procede do nada e marcha para o nada], a missão do educador frente aos jovens será a de defender essa chamada e destruir ídolos e formas enganosos. Agora bem, como poderá entregar-se a tão triste tarefa, e quem poderia dedicar-se a ela com boa consciência? Pois, quem estaria seguro de que a outra pessoa teria a capacidade de mirar cara a cara essa existência e o nada, e de

¹⁰⁹⁴ STEIN, E. *Estructura de la Persona Humana*. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 568:

“[...] Pero no le ha sido señalado ningún otro fin [...] que sser él mismo y perseverar en la nada de su ser [...]”. [Tradução livre].

¹⁰⁹⁵ ROSA, J. G. *Grande sertão: Veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 124.

¹⁰⁹⁶ MAC DOWELL, J. A. O confronto de Edith Stein com o pensamento do primeiro Heidegger. In: MAHFOUD, M.; SAVIAN FILHO, J. [Orgs.]. *Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia, educação*. São Paulo: Paulus, 2017, p. 18.

¹⁰⁹⁷ STEIN, E. Apêndice II — A filosofia existencial de Martin Heidegger. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 613.

que não preferiria melhor inverter o mundo, ou inclusive distanciar-se da existência para refugiar-se no nada?¹⁰⁹⁸

Para Edith Stein, a analítica do *Dasein* de Martin Heidegger revela o homem em sua finitude — “ser-para-a-morte” — e em nada em sua existência. Martin Heidegger considera unicamente o que o homem *não é*, desviando o olhar do que *é* — assim como do Absoluto que comparece por detrás deste ser condicionado.¹⁰⁹⁹ No dizer de Edith Stein,

[...] a posição central do “ser-aí” [*Dasein*], a ênfase na “preocupação” como pertencente essencialmente ao mesmo, na morte e no nada, assim como certas formulações extremas, apontam uma imagem do mundo sem Deus, é mais decididamente niilista. Porém, também há manifestações que fazem que pareça possível que algum dia tenha lugar a mudança ao contrário e que o ser-aí [*Dasein*] nulo em si encontre sua sustentação em um fundamento absoluto do ser.¹¹⁰⁰

No seu percurso acadêmico-intelectual, Martin Heidegger — educado em pleno coração da Floresta Negra — foi professor não-titular da Universidade de Marburgo [1923-1928], antes de ser nomeado para a cátedra da Universidade de Friburgo após Edmund Husserl, conforme o desejo de seu mestre espiritual. No ano de 1933, eleito reitor da

¹⁰⁹⁸ STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 568:

Heidegger no ha edificado teoría pedagógica alguna. Tampoco puede ser tarea nuestra examinar hasta qué punto su metafísica repercute en su praxis pedagógica, o en qué medida se da en ésta una saludable inconsecuencia. Debemos considerar tan sólo a qué consecuencias pedagógicas conduce esta idea del hombre ha sido llamado al verdadero ser [habrá que preguntarse, con todo, qué sentido puede tener esa llamada cuando se dirige a una existencia que procede de la nada y marcha hacia la nada], la misión del educador de cara a los jóvenes será la de defender esa llamada y destruir ídolos y formas engañosos. Ahora bien, ¿cómo podrá entregarse a tan triste tarea, y quién podría dedicarse a ella con buena conciencia? Pues ¿quién estaría seguro de que la otra persona tendría la capacidad de mirar cara a cara a esa existencia y a la nada, y de que no preferiría más bien volver al mundo, o incluso huir de la existencia para refugiarse en la nada? [Tradução livre].

¹⁰⁹⁹ STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

¹¹⁰⁰ STEIN, E. La Significación de la Fenomenología para la Visión del Mundo. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 553:

[...] La posición central del “ser ahí”, el énfasis en la “preocupación” como perteniente esencialmente al mismo, en la muerte y en la nada, así como ciertas formulaciones extremas, apuntan una imagen del mundo sin Dios, es más, decididamente nihilista. Pero, también hay manifestaciones que hacen que parezca posible que algún día tenga lugar el cambio a lo contrario y que el ser ahí nulo en sí encuentre su sósten en un fundamento absoluto del ser. [Tradução livre].

Universidade de Friburgo por um período de um ano, Martin Heidegger reconheceu na ascensão ao poder dos nazistas *a possibilidade de um novo começo*¹¹⁰¹ — *uma regeneração do clima intelectual*. Para Denis Huisman, a adesão — silenciosa — de Martin Heidegger ao partido nacional-socialista [1933-1935] chocou profundamente seus contemporâneos — e continua a alimentar debates até os nossos dias.¹¹⁰² Portanto,

o estudo da filosofia do ser de Heidegger, além da questão — hoje em dia estéril — de se perguntar se o filósofo foi ou não nazista, exige que se faça o esforço de determinar se sua filosofia carrega ou não a marca de um pensamento nazista [...].¹¹⁰³

Martin Heidegger — politicamente acusado por inúmeros contemporâneos, dentre eles Victor Farias, de ter desposado a causa dos nacional-socialistas,¹¹⁰⁴ ou "reabilitado" por outros em razão de uma adesão só parcial e provisória que não deve desacreditar a filosofia — manteve-se em silêncio diante das acusações de *nazista*, estimando-se, anos mais tarde, caluniado por adversários mal-intencionados. Por fim, Martin Heidegger aceitou conversar com R. Augstein, com a condição de que a entrevista fosse publicada postumamente — tão consciente estava do caráter ambíguo de sua atitude para seu passado político.¹¹⁰⁵

Heidegger entusiasmou-se pelo nacional-socialismo no decurso de seus alguns meses de reitorado na Universidade de Friburgo, em 1933, ano da tomada do poder por Hitler. Foi nesse mesmo ano que o filósofo se inscreveu no partido nazista. É verdade que, quando era professor em Friburgo, recusou-se a submeter-se à ordem que lhe foi dada de retirar da biblioteca universitária, pela qual era responsável, os livros de autores judeus. Se essa recusa o levou a demitir-se da reitoria desde 1934, as autoridades alemãs não deixaram de vigiar seus cursos e de inquietá-lo, chegando mesmo a retirar suas obras do comércio.

¹¹⁰¹ COTTEN, J.-P. *Dictionnaire des philosophes*. Paris: PUF, 1984.

¹¹⁰² HUISMAN, D. *História do existencialismo*. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru [SP]: EDUSC, 2001.

¹¹⁰³ HUISMAN, D. *História do existencialismo*. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru [SP]: EDUSC, 2001, p. 97.

¹¹⁰⁴ FARIAS, V. *Heidegger e o nazismo: moral e política*. Trad. Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

¹¹⁰⁵ HUISMAN, D. *História do existencialismo*. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru [SP]: EDUSC, 2001.

Proibido de ensinar de 1945 a 1951, Heidegger encerrou-se no silêncio [...].¹¹⁰⁶

É sabido que Martin Heidegger — “[...] cego pela esperança de renascimento que teria projetado sobre o chancelar do *Reich* e pelo ‘carisma’ deste último, reconheceu tardiamente sua ‘desilusão’ [...]”¹¹⁰⁷ — viu no *nazismo* uma espécie de acontecimento metafísico, susceptível de *salvar o povo alemão* de seus inimigos.¹¹⁰⁸ Martin Heidegger chegou a afirmar que o próprio *Führer* — e somente ele — *era o presente e o futuro da realidade alemã e sua lei*.¹¹⁰⁹

Por iniciativa do *Führer* da Associação dos Professores Nacional-socialistas [NSLB] da Saxônia, o *Gauobmann* Arthur Göpfert, sediou-se em Leipzig [Alemanha], em novembro de 1933, um colóquio como um apoio da ciência — dos mais renomados cientistas alemães — ao governo de Adolf Hitler, que foi chamado de “Manifestação da Ciência Alemã”.¹¹¹⁰

Na verdade, o incêndio de Reichstag, ocorrido no dia 27 de fevereiro de 1933, favoreceu politicamente a Adolf Hitler um pretexto para a promulgação de um decreto que suspendeu todos os direitos constitucionais, dando-lhe o controle direto de todas as províncias do *Reich*. Mas, a questão é: as eleições de março — mesmo com todo aparato das forças nazistas — deram a Adolf Hitler apenas 44% dos votos. Adolf Hitler — apesar de ter nomeado os *Reichs statthalter* para controle das províncias — precisava de consolidar seu poder.¹¹¹¹

Por este motivo, Adolf Hitler convocou um plebiscito, para o dia 12 de novembro de 1933. Victor Farias expõe que o Partido Nazista mobilizou todas as suas forças, dentre as quais está a Universidade. Participaram da

¹¹⁰⁶ HUISMAN, D. *História do existencialismo*. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru [SP]: EDUSC, 2001, p. 98.

¹¹⁰⁷ HUISMAN, D. *História do existencialismo*. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru [SP]: EDUSC, 2001, p. 98.

¹¹⁰⁸ COTTEN, J.-P. *Dictionnaire des phislosophes*. Paris: PUF, 1984.

¹¹⁰⁹ FROMENT-MEURICE, M. *Sartre et l'existentialisme*. Paris: Les Intégrales de Philo, 1984.

¹¹¹⁰ FARIAS, V. *Heidegger e o nazismo: moral e política*. Trad. Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

¹¹¹¹ FARIAS, V. *Heidegger e o nazismo: moral e política*. Trad. Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

manifestação solene — organizada por Arthur Göpfert — o reitor da Universidade de Berlim, catedrático Eugen Fischer; o reitor da Universidade de Leipzig, catedrático Arthur Golf; o reitor da Universidade de Göttingen, Friedrich Neumann; o reitor da Universidade de Hamburgo, Eberhard Schmidt; o reitor da Universidade de Friburgo, Martin Heidegger. No presente evento, registrou-se ainda a presença dos catedráticos Hirsch, Pinder [Munique] e Sauerbruh [Berlim].¹¹¹²

No colóquio “Manifestação da Ciência Alemã” — ao governo de Adolf Hitler — Martin Heidegger discursou:

Docentes e camaradas alemães!

Compatriotas alemães!

O povo alemão é chamado a votar no guia [*Führer*]. Mas o *Führer* não solicita nada do povo, antes dá ao povo a possibilidade mais imediata da mais elevada decisão livre: [saber] se o povo como um todo quer sua própria existência [*Dasein*], ou se não a quer. O povo elege amanhã nada menos que o seu futuro.

É simplesmente impossível comparar esse escrutínio com o conjunto dos processos eleitorais que tiveram lugar até o momento. O que há de novo nessa votação é a grandeza simples da decisão [*Entscheidung*] que deve ser tomada. O caráter implacável do simples e do derradeiro não tolera que se divida nem que se hesite. Essa decisão última atinge os limites extremos da existência [*Dasein*] de nosso povo. E qual é essa fronteira? Ela consiste nessa exigência original [*Uforderung*] de todo Ser, a preservação e o cuidado de sua própria essência. Assim, uma barreira é erguida entre o que se pode e o que não se pode esperar de um povo. Por essa lei fundamental da honra, o povo alemão conserva a dignidade e a determinação de sua vida. A vontade de assumir a responsabilidade por si mesmo não é apenas a lei fundamental [*Grundgesetz*] da implementação [*Erwirkung*] de seu Estado nacional-socialista. A partir dessa vontade de assumir suas próprias responsabilidades, o trabalho de cada camada social [*Stand*], nas grandes ou nas pequenas coisas, se situa no lugar e na posição condizente com sua determinação, cuja necessidade é para todos igual. Os trabalhos dos corpos de ofício — camadas sociais [*Stände*] apóia e consolida o edifício [*Gefüge*] vivo do Estado; é o trabalho que reconquista para o povo sua vinculação ao solo [*Bodenständigkeit*], o trabalho situa esse Estado, enquanto realidade do povo, no terreno de ação de todas as forças essenciais da existência humana.¹¹¹³

¹¹¹² FARIAS, V. *Heidegger e o nazismo: moral e política*. Trad. Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

¹¹¹³ HEIDEGGER, M. *apud* FARIAS, V. *Heidegger e o nazismo: moral e política*. Trad. Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, pp. 210-211.

Para analisar a relação povo-*Führer*, Martin Heidegger lança mão dos conceitos fundamentais de **Ser e Tempo** [*Sein und Zeit*, 1927]. Não obstante, em lugar de apreender o fenômeno da “resolução decidida” a partir da existência individual, é o povo que é colocado diante de si mesmo e deve tomar partido: escolher-se ou negar-se.¹¹¹⁴

Nas palavras de Victor Farias:

[...] Mas para Heidegger, como para todas as formas filosóficas e políticas que o facismo assume, essa possibilidade de escolher não se origina no próprio povo, e sim na mediação transcendental e constitutiva que é aqui o *Führer*. Com certeza, para Martin Heidegger o “povo” é tanto mais “sagrado” por ser dessa instância e dessa origem que emerge a figura do *Führer*, mas é apenas dando à luz seu guia que o povo tem a possibilidade objetiva de se reconhecer nele e de alcançar sua própria identidade; ou então — possibilidade igualmente essencial — a de não reconhecer esse *Führer*, assim a negando. Entretanto, o povo nunca pode ser, por si só, uma causa “suficiente” de sua própria realidade [...].¹¹¹⁵

No caso concreto, é só — e somente só — graças ao *Führer* — e nele — que o povo alemão pode ser o que deve ser, um *sujeito* ativo no processo de sua realização. Transformado por Martin Heidegger em sujeito absoluto, o *Führer* não pede, outorga possibilidades: a possibilidade de alcançar uma existência autêntica, enraizada na possibilidade de escolher um modo autônomo de existir, além das convenções. No artigo de 3 de novembro de 1933, Martin Heidegger propunha aos estudantes a substituição das ideias e princípios pelo vigor da vontade do *Führer*.¹¹¹⁶

No dizer de Victor Farias, a ideia completa-se agora:

[...] o *Führer* não é somente o “critério” da escola, mas ainda o agente da própria possibilidade histórica. Depois de votar a favor do *Führer*, quando o “povo” tiver optado por si mesmo na pessoa de Hitler, inaugura-se para ele a possibilidade de desenvolvido no Estado do *Führer*.¹¹¹⁷

¹¹¹⁴ FARIAS, V. *Heidegger e o nazismo: moral e política*. Trad. Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

¹¹¹⁵ FARIAS, V. *Heidegger e o nazismo: moral e política*. Trad. Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 211.

¹¹¹⁶ FARIAS, V. *Heidegger e o nazismo: moral e política*. Trad. Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

¹¹¹⁷ FARIAS, V. *Heidegger e o nazismo: moral e política*. Trad. Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 212.

Martin Heidegger ultrapassa o que poderia ser o modelo de uma simples ditadura, desvelando o que é ser — essencialmente — nazista: a organização do conjunto dos trabalhadores em corporações. Dito por Victor Farias: “[...] O trabalho das corporações é, para Heidegger, o suporte da estrutura viva do Estado — o suporte, e não o sujeito”.¹¹¹⁸

Evidentemente, a crença no advento da técnica pelo nazismo não inocenta Martin Heidegger, por ter enganado-se — concomitantemente — sobre suas esperanças e Adolf Hitler; resta igualmente que sua não prontidão a desculpar-se em vida permanece enigmática.¹¹¹⁹

Para Denis Huisman:

[...] Não foi com efeito senão após sua morte que o público teve direito a uma resposta escrita de Heidegger às interrogações que os contemporâneos não haviam cessado de alimentar acerca de suas motivações políticas passadas. A questão de saber se se tratava da atitude lúcida de um filósofo pré-julgando a incredulidade do público, ou do efeito de um profundo embaraço, permanece problemática.¹¹²⁰

Nos *Seminários de Zollikon* [1987] — conduzidos por Martin Heidegger para estudantes e assistentes de psiquiatria —, lê-se:

Exige-se do pesquisador, justamente isto, o mais difícil, a passagem do projeto do homem como ente vivo dotado de razão para ser homem como *Dasein* [...]. O “deixar” [*Lassen*], isto é aceitar [*Zulassen*] o ente, assim como ele se mostra, só se tornará um deixar-ser apropriado se este ser, o *Dasein*, ficar antes e constantemente à vista.¹¹²¹

Historicamente, Martin Heidegger revela-se um caso extremo, tanto no que diz respeito à participação política como pela complexidade da tentativa de distanciar-se da dita *participação*. Por si só, Alasdair MacIntyre diz que isto levanta duas interrogações:

[...] O que aconteceu no período da vida alemã em que Heidegger cresceu, aprendeu filosofia e se tornou o filósofo alemão mais influente do século XX, como se tivesse vivido de

¹¹¹⁸ FARIAS, V. *Heidegger e o nazismo: moral e política*. Trad. Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 212.

¹¹¹⁹ HUISMAN, D. *História do existencialismo*. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru [SP]: EDUSC, 2001, p. 99.

¹¹²⁰ HUISMAN, D. *História do existencialismo*. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru [SP]: EDUSC, 2001, p. 99.

¹¹²¹ HEIDEGGER, M., & BOSS, M. [org.]. *Seminários de Zollikon*. Petrópolis [RJ]: Vozes; Bragança Paulista [SP]: Universitária São Francisco, 2009, p. 263.

maneira tão diferente como filósofo? O que aconteceu para que as consequências da própria pesquisa filosófica para a vida fora da filosofia fossem levadas tão a sério quanto as consequências de outras atividades para a própria filosofia? [...].¹¹²²

Na conferência de 13 de novembro de 1935 — *A origem da obra de arte* [*Der Ursprung des Kunstwerkes*] — Martin Heidegger expõe:

[...] O artista é a origem da obra. A obra é a origem do artista. Nenhum é sem o outro. E, todavia, nenhum dos dois se sustenta isoladamente. Artista e obra são, em si mesmos, e na sua relação recíproca, graças a um terceiro, o qual é o primeiro, a saber, graças àquilo a que o artista e obra de arte vão buscar o seu nome: graças à arte.¹¹²³

Indaguemos, então, Martin Heidegger: no caso da filosofia, é possível uma tricotomia [separativa]: filósofo-obra-filosofia? Pela via steiniana, isto revela-se *impossível*. Dito pelo próprio Martin Heidegger: “[...] Na obra, o acontecimento da verdade está em obra [...]”.¹¹²⁴

Na vida pessoal — Historiobiografia — e nos escritos de Edith Stein encontramos uma resposta para esta questão, como fenomenóloga que se dirigiu à ontologia do tomismo, ao invés de distanciar-se dela como comportou-se Heidegger Martin. Para Alasdair MacIntyre:

Não se trata só de que a história de desenvolvimento filosófico de Stein dos seus estudos iniciais às obras que realizou como monja carmelita não se puede contar de forma inteligível se se abstrae de sua vida como um todo, senão que os acontecimentos mais importantes de sua vida só podem ser compreendidos à luz de seu desenvolvimento filosófico [...].¹¹²⁵

¹¹²² MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008, p. 24:

[...] ¿qué sucedía en el período de la vida alemana en el que Heidegger creció, aprendió filosofía y se convirtió en el filósofo alemán más influyente del siglo XX, como para haber vivido de forma tan distinta como filósofo? ¿Qué ocurrió para que se tomase tan en serio tanto las consecuencias de las propias investigaciones filosóficas para la vida fuera de la filosofía como las consecuencias de otras actividades para la propia filosofía? [...]. [Tradução livre].

¹¹²³ HEIDEGGER, M. *A origem da obra de arte*. Trad. Maria da Conceição Costa. Lisboa: 70, 2000, p. 11.

¹¹²⁴ HEIDEGGER, M. *A origem da obra de arte*. Trad. Maria da Conceição Costa. Lisboa: 70, 2000, p. 46.

¹¹²⁵ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008, pp. 24-25:

No se trata solamente de que la historia del desarrollo filosófico de Stein desde sus estudios iniciales a las obras que realizó siendo monja carmelita no se pueda contar de forma inteligible si se abstrae de su vida como un todo, sino que los acontecimientos más importantes de su vida sólo pueden comprenderse a la luz de su desarrollo filosófico [...]. [Tradução livre].

Edith Stein — na busca da verdade — fez com que o seu pensamento filosófico estivesse intrinsecamente relacionado com as práticas da vida quotidiana e as experiências proporcionadas por tais práticas para formular problemas filosóficos e chegar a rigorosas conclusões. Pode ser que isto seja menos evidente entre os anos 1913 e 1922 do que nos últimos anos de sua vida. Não obstante, neste período a direção da vida de Edith Stein só se dá à compreensão à luz de seu modo de conceber e de fazer filosofia — e inclusive antes disso, seus posicionamentos filosóficos estão influenciados de modo significativo por suas experiências vitais. Em vista do exposto, o contraste entre a história pessoal de Edith Stein e a de Martin Heidegger é instrutivo, do ponto de vista filosófico [e teológico].¹¹²⁶

Na vida de Edith Stein, “a busca do sentido do ser nos levou até o primeiro ser: ao ‘ser em pessoa’, e também em três pessoas [...]”.¹¹²⁷ Para os fins de investigação do Estado, prosseguiremos, pois, a nossa escavação da vida pessoal e dos escritos de Edith Stein, insistindo em encontrar um modo de vida associativa para a base do Estado, capaz de abarcar a pessoa humana — “ser finito” — em sua totalidade existencial: corpo vivente [*Leibgestalt*], psique [*Seele*] e espírito [*Geist*].

¹¹²⁶ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008.

¹¹²⁷ STEIN, E. Apêndice II — A filosofia existencial de Martin Heidegger. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 384.

A VIDA ASSOCIATIVA EM EDITH STEIN

É evidente, pois, que a cidade faz parte das coisas da natureza, que o homem é naturalmente um animal político, destinado a viver em sociedade, e que aquele que, por instinto, e não porque qualquer circunstância o inibe, deixa de fazer parte de uma cidade, é um ser vil ou superior ao homem. Tal indivíduo merece, como disse Homero, a censura cruel de ser um sem família, sem leis, sem lar. Porque ele é ávido de combates, e, como as aves de rapina, incapaz de se submeter a qualquer obediência.¹¹²⁸

Historicamente, o universo inteiro de nossa cultura — e tudo aquilo que a mão do homem construiu — todos os utensílios todas as obras de artesanato, da técnica e da arte são correlação do espírito que se tornou realidade. Do ponto de vista de Edith Stein, é desse modo que se deve abordar as questões das ciências do espírito [ciências humanas]. Nas reflexões de Edith Stein, elas se fundam não em uma explicação causal, mas na compreensão pós-vivencial. Na verdade, é somente no nível espiritual que se configura a pessoa, tanto no que diz respeito ao indivíduo como também à comunidade [*Gemeinschaft*], que pode ser considerada análoga a uma personalidade individual.¹¹²⁹

Nos escritos de Edith Stein, as reflexões sobre as estruturas da vida associada foram desenvolvidas no Estudo Segundo do ensaio *Contribuições à Fundamentação Filosófica da Psicologia e das Ciências do Espírito* [*Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften*, 1922] — intitulado *Indivíduo e Comunidade* [*Individuum und Gemeinschaft*] — e completada por uma rigorosa investigação sobre o Estado: *Um Estudo sobre o Estado* [*Eine Untersuchung über den Staat*, 1925]. “[...] Stein preferiu introduzir sua explicação acerca da comunidade com uma análise acerca da psicologia

¹¹²⁸ ARISTÓTELES. I, I, § 9. In: _____. *A política*. Trad. Nestor Silveira Chaves. 2. ed. Bauru [SP]: EDIPRO, 2009.

¹¹²⁹ STEIN, E. Sobre el Problema de la Empatía. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

do indivíduo, presidida por inquietudes que se acham explícitas só no segundo ensaio [...]”.¹¹³⁰

Para tanto, Edith Stein parte das ideias de *comunidade* [*Gemeinschaft*] desveladas em *Comunidade e Sociedade* [*Gemeinschaft und Gesellschaft*, 1887] de Ferdinand Tönnies. Na sua obra clássica Ferdinand Tönnies distingue dois tipos de associação: 1] Comunidade [*Gemeinschaft*]; 2] Sociedade [*Gesellschaft*].¹¹³¹

[...] Imaginemos dois sujeitos que se encontram com as atividades de alguma comunidade atual. Um deles acaba ficando emaranhado. Agora se sente revitalizado fazendo dos fins da comunidade seus próprios fins e encontrando boas razões para identificar-se com ditos fins. Compartilha das esperanças da comunidade para sua prosperidade futura e quando a comunidade se sente preocupada ou triste pelos contratemplos, também ele se encontra preocupado ou triste. Pelo contrário, a outra pessoa permanece impassível nos seus encontros com a comunidade. Estabelece relações com alguns sujeitos que por casualidade são membros da comunidade, sendo este fato irrelevante em suas ações mútuas. De nenhum modo converte-se em parte da comunidade.¹¹³²

De acordo com Ferdinand Tönnies, as relações sociais na comunidade [*Gemeinschaft*] são relações nas quais a pessoa humana descobre a si mesma direcionada aos fins da comunidade [*Gemeinschaft*]. Por outra parte, as relações na sociedade [*Gesellschaft*] são relações nas

¹¹³⁰ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico*, 1913 — 1922. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008, p. 189:

“[...] Stein preferió introducir su explicación acerca de la comunidad con un análisis acerca de la psicología del individuo, presidida por inquietudes que se hacen explícitas sólo en el segundo ensayo [...]. [Tradução livre].

¹¹³¹ TÖNNIES, F. *Comunidad y sociedad*. Trad. José Rovira Armengol. Buenos Aires: Losada, S. A., 1947.

¹¹³² MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico*, 1913 — 1922. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008, pp. 189-190:

[...] Imaginemos dos sujetos que se encuentran con las actividades de alguna comunidad actual. Uno de ellos acaba enredándose. Ahora se siente revitalizado haciendo de los fines de la comunidad sus propios fines y encontrando buenas razones para identificarse con dichos fines. Comparte las esperanzas de la comunidad para su prosperidad futura y cuando la comunidad se siente preocupada o triste por los contratemplos, también él se encuentra preocupado o triste. Por el contrario, la otra persona permanece impassible ante sus encuentros con la comunidad. Establece relaciones con algunos sujetos que por casualidad son miembros de la comunidad, siendo este hecho irrelevante en sus acciones mutuas. De ninguna manera se convierte en parte de la comunidad. [Tradução livre].

quais a pessoa humana participa de modo que pode favorecer seus próprios fins favorecendo os fins da sociedade [*Gesellschaft*].¹¹³³

Segundo Alasdair MacIntyre,

[...] as relações na *Gemeinschaft* são, a pequena escala, locais e cara a cara, e as estruturas normalmente estão rígidas pelo costume. Pelo contrário, as relações na *Gesellschaft* têm um caráter contratual, nas quais participam indivíduos que podem diferir muito nas crenças, enquanto reconhecem que necessitam da ajuda de outros indivíduos para alcançar seus propósitos [...].¹¹³⁴

Do ponto de vista de Ferdinand Tönnies, relações da sociedade [*Gesellschaft*] são próprias das instituições burocráticas — públicas e privadas — da Modernidade e da economia de mercado, que proporciona o entorno social a ditas instituições. No século XXI, a história da mudança social do projeto da Modernidade insiste em desvelar-se num movimento de formas institucionalizadas da comunidade [*Gemeinschaft*] para a sociedade [*Gesellschaft*] — tal e qual observa Ferdinand Tönnies em *Comunidade e Sociedade* [*Gemeinschaft und Gesellschaft*, 1887].¹¹³⁵

Nas reflexões de Edith Stein, as relações da sociedade [*Gesellschaft*] são tecidas de modo que cada indivíduo se dirige a um outro como *objeto*, como alguém de quem é importante obter respostas que sejam um meio para alcançar seus próprios fins. Por outro lado, na comunidade [*Gemeinschaft*], cada indivíduo é igualmente um sujeito em solidariedade com outros numa vida em comum, que é uma vida cujos fins são compartilhados, existencialmente.¹¹³⁶ Nos seus escritos, Edith Stein

¹¹³³ TÖNNIES, F. *Comunidad y sociedad*. Trad. José Rovira Armengol. Buenos Aires: Losada, S. A., 1947.

¹¹³⁴ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008, pp. 205-206:

[...] Las relaciones en la *Gemeinschaft* son a pequeña escala, locales y cara a cara y las estructuras normalmente están rígidas por la costumbre. Por el contrario, las relaciones en la *Gesellschaft* tienen un carácter contractual, en las que participan individuos que pueden diferir mucho en las creencias, aunque reconocen que necesitan la ayuda de otros individuos para lograr sus propósitos [...]. [Tradução livre].

¹¹³⁵ TÖNNIES, F. *Comunidad y sociedad*. Trad. José Rovira Armengol. Buenos Aires: Losada, S. A., 1947.

¹¹³⁶ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

não se distancia das pesquisas realizadas por Ferdinand Tönnies, reconhecendo que muitas relações incluem elementos tanto da *Gemeinschaft* como da *Gesellschaft* o que ilustra comparando duas classes de políticos: o demagogo e o *Volksmann*.¹¹³⁷

Na verdade, o demagogo reclama para si uma multidão, uma massa desorganizada, dirigida a servir aos seus fins individuais. Para atingi-los com êxito, usa a linguagem da comunidade [*Gemeinschaft*] e fomenta sentimentos comuns, a serem canalizados na direção que ele deseja. Pelo contrário, o *Volksmann* que de forma genuína deseja consolidar os vínculos comunitários pode necessitar de construir organizações cujas formas são as da sociedade [*Gesellschaft*], por meio das quais pode fazer progredir a política da comunidade [*Gemeinschaft*].¹¹³⁸

Na vida do Estado, dedicar-se às relações comunitárias carece de guias que subordinem seus próprios fins aos desejos, necessidades e interesses do *Volk* ao que aspiram a servir. Na opinião de Alasdair MacIntyre, ter ambição de poder numa sociedade de massas pode requer de alguém que porte a máscara da comunidade [*Gemeinschaft*].¹¹³⁹

Os parágrafos da introdução do segundo ensaio nos quais Stein compara o demagogo com o *Volksmann* têm sido interpretados por alguns leitores como uma antecipação profética de alguns traços da política da República de Weimar. Stein já havia compreendido que os alemães se haviam convertido em “multidão” em sua vida pública, uma massa de indivíduos esperando por alguém que dirigisse e organizasse suas relações políticas. Compreendia que poderia ter sido Walter Rathenau, um verdadeiro *Volksmann*, o que poderia ter chegado a ser — como de fato foi — alguém que até agora só era uma sombra esperando entre bastidores sua oportunidade demagógica.¹¹⁴⁰

¹¹³⁷ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico*, 1913 — 1922. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008.

¹¹³⁸ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹¹³⁹ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico*, 1913 — 1922. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008.

¹¹⁴⁰ [...] Stein ya había comprendido que los alemanes se habían convertido en “multitud” en su vida pública, una masa de individuos esperando a alguien que dirigiera y organizara sus relaciones políticas. Comprendía que podría haber sido Walter Rathenau, un verdadero *Volksmann*, o que podría haber llegado a ser — como de hecho lo fue — alguien que hasta ahora sólo era una sombra esperando entre bastidores su oportunidad demagógica. [Tradução livre].

Por fim, Edith Stein distingue três formas de relações sociais: 1] Massa, que forma os membros de uma multidão; 2] Sociedade [*Gesellschaft*]; 3] Comunidade [*Gemeinschaft*].¹¹⁴¹ Para fins de nossa investigação do Estado, debruçar-nos-emos sobre cada um desses modos de vida associativa nas próximas laudas, sob a perspectiva da teologia como reflexão crítica da práxis histórica [América Latina].

É evidente, pois, que

[...] o Estado está na ordem da natureza e antes do indivíduo; porque, se cada indivíduo isolado não se basta a si mesmo, assim também se dará com as partes em relação ao todo. Ora, aquele que não pode viver em sociedade, ou que nada precisa por bastar-se a si próprio, não faz parte do Estado; é um bruto ou um deus. A natureza compele assim todos os homens a se associarem [...].¹¹⁴²

4.1

MASSA: VÍNCULOS CORPÓREO-PSÍQUICOS

A dor da gente é dor de menino acanhado.
Menino-bezerro pisado no curral do mundo a penar.
Que salta aos olhos igual a um gemido calado.
A sombra do mal-assombrado e a dor de nem poder chorar.

Moinho de homens que nem jerimuns amassados.
Mansos meninos domados, massa de medos iguais.
Amassando a massa a mão que amassa a comida.
Esculpe, modela e castiga a massa dos homens normais.

Quando eu lembro da massa da mandioca mãe, da massa.
When I remember of 'massa' of manioc.
Nunca mais me fizeram aquela presença, mãe.
Da massa que planta a mandioca, mãe.
A massa que eu falo é a que passa fome, mãe.
A massa que planta a mandioca, mãe.
Quand je rappele de la masse du manioc, mère.
Quando eu lembro da massa da mandioca.

Lelé meu amor lelé no cabo da minha enxada não conheço
'coroné'.
Eu quero mas não quero [camarão]. Minha mulher na função
[camarão].
Que está livre de um abraço, mas não está de um beliscão.
Torna a repetir meu amor: ai, ai, ai!
É que o guarda civil não quer a roupa no quarador.
Meu Deus onde vai parar, parar essa massa.

¹¹⁴¹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920], vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹¹⁴² ARISTÓTELES. I, I, § 11. In: _____. *A política*. Trad. Nestor Silveira Chaves. 2. ed. Bauru [SP]: EDIPRO, 2009.

Meu Deus onde vai rolar, rolar essa massa.¹¹⁴³

Nas reflexões de Edith Stein, a *massa* é mencionada como uma unidade social de índole própria reveladora do *meramente psíquico* em detrimento do mundo espiritual.¹¹⁴⁴ “[...] Examinando uma associação humana, que se detém nesse nível corpóreo-psíquico, percebemos que nela somos arrastados por impulsos psíquicos coletivos [...]”.¹¹⁴⁵ Max Scheler diz que a massa está constituída pelo denominado contágio sem compreensão e pela imitação involuntária.¹¹⁴⁶ No interior da massa domina uma atitude completamente diferente — se é que aqui podemos dizer *atitude* — da que existe na sociedade e na comunidade.¹¹⁴⁷

Por *massa*, Edith Stein concebe “[...] um conjunto de indivíduos que se comportam uniformemente [...]”.¹¹⁴⁸ Na massa, os indivíduos que estão juntos não adotam uma *atitude* uns frente aos outros, não se consideram mutuamente como objetos — um fenômeno característico da sociedade — e não se entregam reciprocamente como sujeitos que vivem comunitariamente. Não realizam atos sobre o pano de fundo de uma possível unidade de compreensão. Na verdade, a “[...] vida psíquica acontece só uniformemente com a dos demais que estão vinculados com

¹¹⁴³ SODRE, R. PORTUGAL, J. *A massa*. Disponível em: <<http://clipvinil.blogspot.com/2011/07/raimundo-sodre-massa.html>>. Acesso em 14 de maio de 2018.

¹¹⁴⁴ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹¹⁴⁵ ALES BELLO, A. *Introdução à fenomenologia*. Trad. Ir. Aparecida [Jacinta] Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Belo Horizonte: Spes, 2017, p. 69.

¹¹⁴⁶ SCHELER, M. *Der Formalismus in der Ethik und die materielle Wertethik*. Gesammelte Werke; Band 2. Bonn: Bouvier, 2000.

¹¹⁴⁷ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹¹⁴⁸ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 451:

“[...] un conjunto de individuos que se comportam uniformemente [...]”. [Tradução livre].

eles em unidade por contato espacial [...]”.¹¹⁴⁹ Para Edith Stein, falta-lhes uma unidade interior da que vivera a totalidade.¹¹⁵⁰

Por este motivo, Edith Stein não concebe uma psique da massa. Tampuco, uma qualidade de massas. Não há qualidades que sejam características de uma determinada massa e que a diferenciem de outras massas ou dos elementos que compõem a massa mesma.¹¹⁵¹ Isto é de suma importância para a nossa investigação do Estado em Edith Stein porque a massa não revela um caráter próprio; uma massa não pode distinguir-se de uma outra. No dizer de Angela Ales Bello, “[...] a massa é um conjunto de indivíduos em que todos se comportam do mesmo modo, sem uma unidade interna e uma vida em comum [...]”.¹¹⁵²

[...] Suponhamos um mundo de indivíduos psíquicos sem vida espiritual, que, por conseguinte, não realizaram nenhum ato e que não teriam captado nenhum objeto. Não existiria um para o outro e não poderia adotar nenhuma atitude um a respeito do outro. Na forma da massa existiria também aqui, em certo sentido, uma realidade psíquica que vem do topo: o acontecer causal, dentro de um indivíduo, dependeria da conexão causal dos demais indivíduos. Se dúvida, tratar-se-ia, em todo caso, de conexões *separadas*; não produzir-se-ia um único “mecanismo”. Também, as fontes da vida que estiveram à disposição desta estrutura social seriam muito reduzidas em comparação com as que fluem de uma comunidade de pessoas espirituais. Nada poderia fluir do mundo dos objetos [...].¹¹⁵³

¹¹⁴⁹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 451:

“[...] vida psíquica acontece sólo *uniformemente* con la de los demais que están vinculados con ellos en unidad por contacto espacial [...]”. [Tradução livre].

¹¹⁵⁰ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹¹⁵¹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹¹⁵² ALES BELLO, A. *A fenomenología do ser humano*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000, p. 69.

¹¹⁵³ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 452:

[...] Supongamos un mundo de individuos psíquicos sin vida espiritual, que, por conseguinte, no realizaran ningunos actos y que no hubieran captado ningunos objetos. No existirían un para el otro y no podría adoptar ninguna actitud los unos a los outros. En la forma de la masa existiría también aquí, en cierto sentido, una realidad psíquica que vine encima: el acontecer causal, dentro de un

De acordo com Edith Stein, faltaria o manancial que cada pessoa tem em sua alma; do qual ela, principalmente em virtude de suas atitudes positivas, pode nutrir as demais.¹¹⁵⁴ Por conseguinte, Edith Stein põe em relevo o caráter particular da realidade psíquica:

[...] Não foi causal o que pudemos estudá-la observando um indivíduo psíquico em completo isolamento. Semelhante isolamento desliga unicamente das conexões nas quais um indivíduo *pode* por princípio entrar, porém nas que não *há de* entreverar-se necessariamente, porque do contrário, quebrar-se-ia a essência da realidade psíquica. Enquanto que, quando de fala de uma coisa, há que considerar conjuntamente a conexão causal que rege toda natureza material, se queremos sondar o que é essa coisa mesma, vemos que para o indivíduo psíquico, por princípio, existe sempre tão só a possibilidade de entrar em uma única conexão causal psíquica mais ampla, e existe ademais a possibilidade de liberar-se novamente de tal conexão. Se se trata de uma *pessoa*, vemos que ela pode liberar-se em qualquer momento de tal conexão por meio de um ato livre, e que pode fechar-se contra as influências psíquicas externas. Enquanto não se faz uso dessa liberdade, vemos que a inserção ou a exclusão se verifica unicamente por meio da “causalidade” do encontro. E o segundo caso, isto é, além de onde a inserção e a exclusão não são uma função espiritual, não se trata propriamente de uma inserção em uma série maior de acontecimentos, senão de um chegar a depender de outras séries de acontecimentos.¹¹⁵⁵

individuo, dependería de la conexión causal de los demás individuos. Sin embargo, se trataría, en todo caso de conexiones *separadas*; no se produciría un único “mecanismo”. Además, las fuentes de la vida que estuvieran a disposición de sta estructura social, serían muy reducidas en compración com las que fluyen de una comunidad de personas espirituales. Nada podría afluir del mundo de los objetos [...]. [Tradução livre].

¹¹⁵⁴ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹¹⁵⁵ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 452:

[...] No fue causal el que pudiéramos estudiarla observando a un individuo psíquico en completo aislamiento. Semejante aislamiento desliga unicamente de las conexiones en las que un individuo *puede* por principio entrar, pero en las que no *ha de* entreverarse necesariamente, porque de lo contrario se quebrantaría la esencia de la realidad psíquica. Mientras que, cuando se habla de una cosa, hay que considerar conjuntamente la conexión causal que rige toda la naturaleza material, se queremos sondear que és esa cosa misma, vemos que para el individuo psíquico, por principio, existe siempre tan sólo la posibilidad de entrar en una conexión causal psíquica más amplia, y existe además la posibilidad de liberarse nuevamente de tal conexión. Si se trata de una *persona*, vemos que ella puede liberarse en cualquier momento de tal conexión por medio de un acto libre, y que puede cerrarse contra las influencias psíquicas externas. En cuanto no se hace uso de esa libertad, vemos que la inserción o la exclusión se verifica únicamente por medio de la “causalidad” del encuentro. Y en el segundo caso, es decir, allá donde la inserción y la exclusión no son una función espiritual, no se trata propriamente de una inserción en una serie mayor de acontecimientos, sino de un llegar a depender de otras series de acontecimientos. [Tradução livre].

No século XX, o Estado nazista revelou este fenômeno — de modo trágico.¹¹⁵⁶ No interior da massa, um indivíduo se encontra sob a influência dos estados vitais do outro — vivendo um projeto alheio — o que revela que a massa não possui uma vida espiritual, mas sim uma vida meramente psíquica. Por este motivo, entre os indivíduos que compõem uma massa desenvolve-se uma espécie de “contágio”, que pode predominar também na sua dimensão espiritual e subjugar-la. Na vida do Estado, a massa reclama para si um “guia” — o que fez Adolf Hitler — e, por vezes, pode também ser arrastada por uma ideologia, sendo que o guia é exterior a ela e a ideologia não nasce do seu interior. Não encontramos na massa uma motivação e uma tomada de posição consciente.¹¹⁵⁷

Na existência do Estado, a ideologia — sob uma primeira olhada — mostra-se “boa”, “útil”. Não obstante, engrena a organização para seguir os interesses de quem a propõe.¹¹⁵⁸ “Por debaixo do pano”,¹¹⁵⁹ configura-se a massa: pessoas juntas sem um modo especificamente próprio. Evidenciamos, então, que sua forma é dada por quem consegue se ocupar dela e utilizá-la de acordo com um projeto. Na concepção de Angela Ales Bello, o projeto não é psíquico, mas intelectual. Por ser assim, pode ser “bom” ou “mau”, mas, de partida, revela-se viciado quanto à questão da moral. Politicamente, “[...] alguém que utiliza a massa para um fim moral, faz algo negativo, pois não respeita a liberdade do ser humano”.¹¹⁶⁰

É debaixo dos panos
Que a gente esconde tudo
E não se fica mudo
De tudo quer fazer
É debaixo dos panos
Que a gente comete um engano

¹¹⁵⁶ MENDES, E. S. *A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico da vida associada*. 2013. 227 f. Dissertação [Mestrado em Teologia], Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.

¹¹⁵⁷ ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000.

¹¹⁵⁸ MENDES, E. S. *A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico da vida associada*. 2013. 227 f. Dissertação [Mestrado em Teologia], Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.

¹¹⁵⁹ SILVA, A. B. & CECÉU. *Por debaixo dos panos*. Disponível em: <<http://clipvinil.blogspot.com/2011/07/raimundo-sodre-massa.html>>. Acesso em 14 de maio de 2018.

¹¹⁶⁰ ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000, p. 72.

Sem ninguém saber
 É debaixo dos panos
 Que a gente entra pelo cano
 Sem ninguém ver
 É debaixo dos panos
 Que a gente entra pelo cano
 Sem ninguém ver.¹¹⁶¹

Nas reflexões de Edith Stein, evidenciamos que no comportamento da massa, a uniformidade — que confere a esta o caráter de uma “objetualidade coletiva” — fundamenta-se na “estimulabilidade” da psique individual pela via psíquica alheia e em sua relação com um comportamento igual. Tudo isto trata de sujeitos espirituais, mas entre eles não tem lugar nenhum intercâmbio espiritual. Para Edith Stein, pode acontecer que não exista nenhuma vida espiritual; que os indivíduos sejam *puramente* psíquicos; que não saiam de si, permanecendo inteiramente fechados em si mesmos.¹¹⁶² Na massa, cada indivíduo

[...] leva sua própria vida e, embora se encontre influenciado pelos demais, não existe vida *comum* que brote da energia vital como *única* fonte, e em consonância não existe tampouco nenhum “caráter” que pudera atribuir-se à massa de indivíduos psíquicos, em vez de fazê-lo às pessoas particulares.¹¹⁶³

Na existência do Estado, deparamo-nos com uma espécie de “contágio de massas”, que corresponde — em seu funcionamento — ao contágio de doenças do corpo.¹¹⁶⁴ No dizer de Edith Stein:

[...] Em primeiro lugar, é surpreendente que os processos dos quais se trata nele predominantemente, não pertençam ao

¹¹⁶¹ SILVA, A. B. & CECÉU. *Por debaixo dos panos*. Disponível em: <<http://clipvinil.blogspot.com/2011/07/raimundo-sodre-massa.html>>. Acesso em 14 de maio de 2018.

¹¹⁶² STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹¹⁶³ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 453:

[...] lleva su propia vida y, aunque se halle infuido por los demás, no existe vida *comun* que brote de la energía vital como *única* fuente, y en consonancia no existe tampoco ningún “caráter” que pudiera atribuirse a la masa de individuos psíquicos, en vez de hacerlo a las personas particulares. [Tradução livre].

¹¹⁶⁴ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

âmbito que nós temos considerado em sentido estrito como o terreno do contágio por excelência. A infecção não se estende só aos estados psíquicos “inferiores” e os movimentos impulsivos, mas desenvolvem-se na esfera *espiritual*.¹¹⁶⁵

Edith Stein, refletindo sobre o *bolchevismo* — “[...] os únicos fiéis guardiões das doutrinas de Marx [...]”¹¹⁶⁶ —, designa-o como uma “doença psíquica contagiosa”, que transmite as suas ideias de um indivíduo para outro — como um agente patógeno —, instalando-se “por sugestão”. Na época de Edith Stein, a concepção dominante acerca da “sugestão” era a de que se trata da “implantação” de “representações” que têm a peculiaridade de possuir uma viva intuitividade sensorial e de gerar um intenso impulso direcionado à atividade. Por “implantação”, a consciência fenomenológica de Edith Stein capta o aceitamento da “representação”, sem fundamentação lógica alguma.¹¹⁶⁷

Nos escritos de Edith Stein, o sentido original do termo “representação” é: “[...] a sensação de que ao sujeito algo se faz *presente*; que o sujeito tem *diante de si* algo [...]”.¹¹⁶⁸ Para Edith Stein, sendo que este algo se encontre fisicamente presente diante de alguém ou seja apresentado diante dele ou também que esse fazer presente seja algo intuitivo ou algo vazio, ou o que, finalmente, trate-se de uma representação

¹¹⁶⁵ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 453:

[...] En primer lugar, es sorprendente que los procesos de los que se trata em él predominantemente, no pertenezcan al ámbito que nosotros hemos considerado en sentido estrito como el terreno del contagio por excelencia. La infección no se extiende sólo a los estados psíquicos “inferiores” y a los movimientos impulsivos, sino que se desarrolla em la esfera *espiritual* [...]. [Tradução livre].

¹¹⁶⁶ TÖNNIES, F. *Desarrollo de la cuestión social*. Trad. Manuel Reventós. 2. ed. Barcelona — Buenos Aires: Labor S.A., 1933, p. 173:

[...] los únicos fieles guardianes de las doctrinas de Marx [...]”. [Tradução livre].

¹¹⁶⁷ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹¹⁶⁸ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 454:

[...] el sentido de que al sujeto se le hace *presente* algo; que el sujeto tiene *ante sí* algo[...]. [Tradução livre].

puramente mental ou conceitual, veremos que em qualquer um desses casos trata-se do sujeito e do objeto que se esbarram *tête-à-tête*: *algo está diante do espírito*. Por este motivo, a “aceitação” de uma “representação” é também um ato espiritual.¹¹⁶⁹ Não obstante, na “aceitação” um indivíduo “subtrai” do mundo do outro indivíduo *algo* para levá-lo como seu.¹¹⁷⁰

Para Edith Stein, a possibilidade de fazer isto funda-se no fato de que o que é representado possui um significado universalmente compreensível e acessível, e de que os indivíduos se encontrem em entendimento mútuo. Por sua vez, a aceitação mesma não é, senão, um ato de relação recíproca: um ato de vida comunitária. Todavia, em tal aceitação não está compreendido nada do “contágio”.¹¹⁷¹

Por conseguinte, Edith Stein expõe: “[...] para que o falar do ‘contágio’ conserve uma razão de ser neste contexto, é preciso encontrar, todavia, outro significado para a expressão ‘representação’ ou para a expressão ‘aceitação’ ou para ambas as expressões”.¹¹⁷² Partindo das pesquisas de M. Friedmann, Edith Stein expõe que no caso da “sugestão”, aceita-se “representação” sem fundamentação lógica. Não obstante, nem tudo e qualquer coisa pode encontra-se no contexto de uma fundamentação lógica: “[...] são objetualidades inteiramente *determinadas*

¹¹⁶⁹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹¹⁷⁰ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹¹⁷¹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹¹⁷² STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 454:

“[...] para que el hablar del ‘contagio’ conserve una razón de ser en este contexto, es preciso hallar todavía otro significado para la expresión ‘representación’ o para la expresión ‘aceptación’ o para ambas expresiones”. [Tradução livre].

as que podem estar em tais conexões, a saber, as que definimos como *feitos* ou *estados de coisas* [...]”.¹¹⁷³ Por exemplo:

[...] Uma árvore ou uma casa ou um triângulo não podem nem “estar fundamentados” nem fundamentar algo. Mas, *que* uma árvore ou uma casa *exista* ou *que* um triângulo seja equilátero — isso pode fundamentar-se ou pode fazer que se deduzam daí conclusões [...].¹¹⁷⁴

Partindo deste pressuposto, evidenciamos: na psique de um indivíduo “fazem-se presentes” estados de coisas que não são diretamente acessíveis por ele. Este “fazer-se presente” tem um significado especial: encontrar-se como um ser independente e autônomo diante do espírito. Por parte do sujeito, a isto corresponde a *convicção*. Para Edith Stein, com a sugestão suscitam-se convicções, o que, por sua vez, confirma: tão só um estado de coisas pode ser o objeto de uma convicção. Nas reflexões de Edith Stein, sugerir algo a alguém significa suscitar nele a convicção da existência de um determinado estado de coisas.¹¹⁷⁵

No dizer de Edith Stein,

[...] falamos de uma convicção bem fundada quando esta baseia-se na intuição imediata do correspondente estado de coisas ou na intelecção da conexão fundamentacional da qual se segue logicamente sua existência. Se considerarmos o “acervo” de convicções que dispõe um indivíduo particular, então vemos que estas se baseiam só em pequena parte em uma intuição *própria* ou em uma intelecção própria. Mas se quiséssemos descartar como *carente de fundamento* tudo aquilo que *não* se baseia em tal fundamento, então cairia por terra toda a nossa experiência e nossa ciência. Porque o que nós *mesmos* experimentamos e

¹¹⁷³ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 454:

“[...] son objetualidades enteramente *determinadas* las que pueden estar en tales conexiones, a saber, las que definimos como *hechos* o *estados de cosas* [...]. [Tradução livre].

¹¹⁷⁴ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 455:

[...] Un árbol o una casa o un triángulo no pueden ni “estar fundamentados” ni fundamentar algo. Pero, *el que* un árbol o una casa *exista* o *el que* un triángulo sea equilátero — eso puede fundamentar-se o pode hacer que se deduzcan de ahí conclusiones [...]. [Tradução livre].

¹¹⁷⁵ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

sondamos [...] baseia-se no que *outros* já experimentaram e sondaram [...].¹¹⁷⁶

De acordo com Edith Stein, se no intercâmbio intersubjetivo de experiências e de saber aceitamos “convicções”, então essa aceitação implica a “convicção” de que outros tenham visto ou intuído a realidade correspondente de que essa aceitação tem fundamentos objetivos, mas tais fundamentos não são acessíveis precisamente para nós: fundamos nossas “convicções” em uma intuição de experiências alheias, o que consiste numa fundamentação racional.¹¹⁷⁷

Na investigação do Estado, cumpre-nos mencionar outro fator a mais que se inclui na aceitação de “convicções alheias”, enquanto esta deva considerar-se como fundamentada racionalmente: a fé na credibilidade das pessoas alheias. Tudo isso não se trata de motivações explícitas: não se deduz da credibilidade dos demais e da realidade de que isto tenha conhecido certos estados de coisas ou que um possa apropriar-se das correspondentes convicções; e que tal convicção não nasça dos outros em um processo articulado, mas os motivos encontram-se implícitos na “aceitação” e são explicitáveis.¹¹⁷⁸ Edith Stein expõe, então:

[...] junto às motivações fundamentadas racionalmente [as adquiridas por um mesmo e as recebidas] se acham as motivações fundamentais *insuficientemente* e as *não fundamentadas*. Por exemplo, uma motivação está fundamentada insuficientemente quando se tem por certa a existência de um estado de coisas, enquanto que semelhante

¹¹⁷⁶ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, pp. 455-456:

[...] hablamos de ua convicción bien fundada, cuando ésta se base em la intuición inmediata del correspondiente estado de cosas o em la intelección de la conexión fundamental de la cual se sigue lógicamente su existencia. Si consideramos el “acirvo” de convicciones del que dispone un individuo particular, entonces vemos que éstas se basan sólo en pequeña parte en una intuición *propria* o en una intelección *propria*. Pero si quiséramos descartar como *carente de fundamento* todo aquello que *no* se basa en tal fundamento, entonces se vendría abajo casi toda nuestra experiencia y nuestra ciencia. Porque lo que nosotros *mismos* experimentamos y sondeamos [...] se basa em lo que *otros* han experimentado y sondeado [...]. [Tradução livre].

¹¹⁷⁷ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹¹⁷⁸ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

estado se tenha feito unicamente provável pelas conexões de fundamentação das que o temos deduzido. Se acha também insuficientemente fundamentada uma convicção científica que antecipa “instintivamente” [como geralmente se diz] um resultado e que motiva por si mesmo a investigação das razões que puderam apoiá-lo. Não está fundamentada uma convicção quando não se baseia nem na própria intuição ou intelecção nem na alheia [...].¹¹⁷⁹

Na opinião de Edith Stein, não se deve confundir a falta de fundamento de uma convicção com a sua carência de motivos. Portanto, se estamos convencidos de que um sucesso desejado será realizado, ainda que não exista nenhuma razão que fale a favor disso, o desejo pode ser o pai do pensamento: acreditamo-lo porque assim o desejo. Tais casos são concebidos por Edith Stein como “autosugestão”. Nós evidenciamos que o infundado da convicção penetra na realidade da sugestão.¹¹⁸⁰

Na “sugestão alheia”, o informado consistiria em que a convicção da credibilidade de indivíduos alheios e a confiança em sua visão e experiência — fatores implícitos fundamentais — desapreceram da vivência da aceitação. Edith Stein assinala que também pode haver *motivos* para a convicção ou para a aceitação: “[...] por exemplo, o agradável que resulta aquilo de que um se deixa convencer [...]”.¹¹⁸¹ Por conseguinte, Edith Stein expõe — à luz das pesquisas de M. Friedmann — que há

¹¹⁷⁹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 456:

[...] junto a las motivaciones fundamentadas racionalmente (las adquiridas por uno mismo y las recibidas) se hallan las motivaciones fundamentadas *insuficientemente* y las *no fundamentadas*. Por ejemplo, una motivación está fundamentada insuficientemente, cuando se tiene por cierta la existencia de un estado de cosas, mientras que semejante estado se há hecho únicamente probable por las conexiones de fundamentación de las que lo hemos deducido. Se halla también insuficientemente fundamentada una convicción científica que anticipa “instintivamente” (como suele decirse) un resultado y que motiva por sí mismo la investigación de las razones que pudieran apoyarlo. No está fundamentada una convicción, cuando no se basa ni en la propia intucción o intelecção ni en la ajena [...]. [Tradução livre].

¹¹⁸⁰ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹¹⁸¹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 457:

[...] por ejemplo, lo agradable que resulta aquello de lo que uno se deja convencer [...]. [Tradução livre].

convicções que surgem por um *habituar-se* a uma “ideia”, e ainda que se equivoque o pensar que qualquer convicção tenha surgido desse modo, não se pode negar que algo parecido aconteça. Para Edith Stein, quando um submerge em um “pensamento”, familiarizando-se verdadeiramente com ele, então este adota imprevistamente “caráter de realidade”.¹¹⁸²

[...] Por exemplo, represento-me [no sentido de uma representação “pura” e “simples”, sem que lhe dê crédito] que eu tenha cometido uma maldade, e ao repetir-se incessantemente esta representação, vai crescendo em mim, paulatinamente, a convicção de que eu tenho me comportado efetivamente assim. Na verdade, nem se quer neste caso se pode falar de uma total ausência de motivos [...].¹¹⁸³

Nós evidenciamos nos escritos de Edith Stein que a representação que retorna — mais exatamente a repetida representação do correspondente estado de coisas — tem aquele colorido que é próprio de todo vivenciar passado. Na perspectiva de Edith Stein, a representação originária situa-se como uma realidade passada; este caráter de realidade transfere-se, erroneamente, para o representado, que, originalmente, carece de estar situado como real ou existente. Dar-se, então, com isto o motivo para uma convicção.¹¹⁸⁴

Edith Stein vê como errôneo o pensar que uma convicção possa surgir por via “mecânica”, quando a correspondente “representação” apropria-se da energia psíquica. Para Edith Stein, assim como uma fantasia não pode converter-se simplesmente em percepção, pelo fato de que o objeto fantasiado encontra-se especialmente intuitivo em virtude de uma

¹¹⁸² STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹¹⁸³ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 457:

[...] Por ejemplo, me represento [em el sentido de una representación “pura” y “simples”, sin que le dé crédito] que yo he cometido una fechoría, y al repetirse incesantemente esta representación, va creciendo en mí, paulatinamente, la convicción de que yo me he comportado efectivamente así. En verdad, ni siquiera en este caso se puede hablar de una total ausencia de motivos [...]. [Tradução livre].

¹¹⁸⁴ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

concentração da energia psíquica, do mesmo modo a representação de um estado de coisas não pode converter-se em convicção mediante a intensificação de sua viveza. Portanto, a posição de uma convicção é sempre um algo novo, que nasce de um motivo.¹¹⁸⁵

Na perspectiva de Edith Stein,

[...] a convicção — como *adoção de uma atitude* — exige certa quantidade de energia para ser vivenciada, e por meio da intensificação da energia pode ser intensificada ela mesma. Não se converte com isso em uma convicção mais forte, mas em uma convicção mais fortemente *sentida*. “Razoavelmente”, a *força* da convicção vai crescendo só com o fato de estar bem fundada, enquanto que sua viveza pode acrescentar-se independentemente dele [...].¹¹⁸⁶

Por sua parte, é possível que a viveza se tome, erroneamente, por força, vindo a contribuir com o fortalecimento da convicção. Nós, em virtude de um caráter de recordação transferido erroneamente adquirimos a convicção de que somos atores de um delito, à guisa de exemplo. Por influência do estado de excitação no qual nos encontramos, a convicção pode chegar a ser muito viva; essa viveza pode tomar-se como critério da retidão da convicção e pode seguir “consolidando-a” ainda mais.¹¹⁸⁷

Nos escritos de Edith Stein, não escavamos nenhuma convicção que não seja *convicção de algo*. Não obstante, assim como existe um estado de ânimo alegre e uma disposição natural para explodir em qualquer ocasião numa manifestação de viva alegria, assim também existe certa

¹¹⁸⁵ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹¹⁸⁶ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 458:

[...] la convicción — como *adopción de una actitud* — exige cierta cantidad de energía para ser vivenciada, y por medio de la intensificación de la energía puede ser intensificada ella misma. No se convierte con ello en una convicción más fuerte, pero sí en una convicción más fuertemente *sentida*. “Razonablemente”, la *fuerza* de la convicción va creciendo sólo con el hecho de estar bien fundada, mientras que su viveza puede acrecentarse independientemente de ello [...]. [Tradução livre].

¹¹⁸⁷ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

disposição para a convicção.¹¹⁸⁸ Na vida associativa, há pessoas — ativas em seu ideal — que estão “carregadas de convicções” e captam qualquer realidade que lhe ofereça, na qual se encontre inerente uma convicção. No caso concreto, Edith Stein recomenda uma separação entre a posição da convicção e a captação da realidade efetiva a que ela se refere.¹¹⁸⁹

Não obstante, nessa realidade efetiva não necessita haver nada mais do que possa considerar-se como motivo da convicção. Deve-se descobrir uma fonte da qual essa convicção brote: a necessidade de preencher-se de uma convicção. Para Edith Stein, esse “estado de ânimo” e “disposição” é uma faceta daquela realidade à qual designa-se com o nome de “sugestabilidade”: esta “dispõe” não só para a autossugestão, mas também para a sugestão procedente de uma pessoa alheia.¹¹⁹⁰

Por este motivo, Edith Stein escreve:

Não se pode falar de genuíno contágio no caso em que, em virtude de tal sugestibilidade, se aceite com convicção um determinado estado de coisas que se ofereça a nós. Em efeito, não é preciso em absoluto que a convicção seja aqui “aceita” — eu não me convenço de um estado de coisas porque a outra pessoa está convencida dele — senão que essa convicção pode nascer em mim de maneira totalmente independente. Não obstante, temos tocado aqui o ponto em que pode ser tido em consideração o contágio [...]. No momento, temos de acentuar que pode dar-se a realidade da sugestão, sem que o contágio desempenhe papel algum. Em um indivíduo pode ser suscitada por outros a convicção infundada acerca de um estado de coisas [ou — no caso da autossugestão — sem intenção alheia de suscitá-la nele], ao apresentar ante ele esse estado de coisas, sem que seja transferida a convicção por parte dos demais indivíduos. Existe ademais a possibilidade de que, ademais da disposição interna, a convicção dos demais, ao ser apreendida, desempenhe conjuntamente o papel de motivo para o nascimento da própria convicção. Então a convicção pode

¹¹⁸⁸ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹¹⁸⁹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹¹⁹⁰ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

designar-se como *recebida*, porém não se pode falar, todavía, de contágio.¹¹⁹¹

Nos escritos de Edith Stein, constatamos que existe um genuíno ser contagiado por convicções. Para esta filósofa — *teóloga nata* — contemporânea, a convicção pode ser “vislumbrada” e pode propagar-se mediante esse vislumbre de um indivíduo para outro. Para Edith Stein, em tais casos não desempenham absolutamente nenhum papel a credibilidade e nem a capacidade julgadora do indivíduo de quem eu aceito a convicção. Sensivelmente, o tom seguro da convicção é que atua em mim.¹¹⁹²

Nos escritos de Edith Stein, vimos que pertence à realidade mesma do contágio que um indivíduo não saiba nada de tal contágio, senão que considera a convicção aceita como uma convicção original e genuína: a outra pessoa e sua constituição psíquica não é objeto algum para quem se submete ao contágio. Para o processo do contágio não se requer nenhuma função espiritual. Indubitavelmente, o contágio, juntamente com as atitudes adotadas diante de um objeto, pressupõe uma vida espiritual. Nenhuma apreensão de um objeto, nenhuma representação neste sentido amplo é possível sem a realização de um ato próprio — ainda que seja uma reprodução posterior e as ideias não podem ser adquiridas por contágio.¹¹⁹³

¹¹⁹¹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 459:

[...] No se puede hablar de genuino contagio en el caso en que, en virtud de tal sugestibilidad, se acepte con convicción un determinado estado de cosas que se nos ofrezca. Em efecto, no es preciso en absoluto que la convicción sea aquí “aceptada” — yo no me convenzo de un estado de cosas, porque la otra persona esté convencida de él — sino que esa convicción puede nacer en mí de manera totalmente independiente. No obstante, hemos rozado aquí el punto en el que puede ser tenido en consideración el contagio [...]. De momento hemos de acentuar que puede darse la realidad de la sugestión, sin que el contagio desempeñe papel alguno. En un individuo puede ser suscitada por otros la convicción infundada acerca de un estado de cosas [o — en el caso de la autosugestión — sin intención ajena de suscitara en él], al presentar ante él ese estado de cosas, sin que sea trasferida la convicción por parte de los demais individuos. Existe además la posibilidad de que, además de la disposición interna, la convicción de los demás, al ser aprehendida, desempeñe conjuntamente el papel de motivo para al nacimiento de la propia convicción. Entonces la convicción puede designarse, sí, como *recebida*, pero no se puede hablar todavía de contagio. [Tradução livre].

¹¹⁹² STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹¹⁹³ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

Por conseguinte, escavamos nos escritos de Edith Stein dois processos que se constróem um sobre o outro: o aceitar um estado de coisas procedentes do “mundo de ideias” de outra pessoa — uma ação espiritual — e um ser possuído que deve ser considerado como um processo de contágio.¹¹⁹⁴

Na realidade da sugestão, este processo de contágio pode substituir o fator que nós temos conseguido como o reagir com uma convicção própria em virtude da sugestabilidade; essa sugestabilidade e a sugestabilidade entendida no sentido de “excitabilidade” diante de estados psíquicos alheios podem encontrar-se intercaladas. Promiscuamente, quando se utilizam as expressões de “sugestão de massas” e de “contágio de massas”, expressa-se que na difusão de ideias em uma massa considera o fator de contágio como decisivo.¹¹⁹⁵

Edith Stein, debruçando-se sobre a noção de massa do filósofo e sociólogo alemão Georg Simmel, deduz:

[...] 1] A estimulabilidade [= a sugestionabilidade entendida em seu significado segundo], na coexistência de muitos indivíduos dentro de uma massa, conduz a inúmeras processos de contágio. 2] A utilização da energia a causa dessas múltiplas excitações determina uma eliminação das atividades superiores de espírito [reflexão, meditação etc.]. 3] Mediante essa eliminação do entendimento crítico e da mobilidade espiritual livre geral surge um estado que dispõe para a convicção [= a sugestionabilidade entendida no primeiro sentido], porque os motivos contrários que puderam conduzir até o caminho de uma convicção reflexiva não entram em absoluto no campo de visão do indivíduo. E essa disposição para a convicção, juntamente com a estimulabilidade pode chegar a ser constitutiva para a massa: pode conduzir, na esfera espiritual, àquela uniformidade do comportamento sem que exista um estado interior de comunidade. E tal uniformidade, no âmbito dos estados de formas de comportamento “não-espirituais” do indivíduo psíquico se alcança por meio do contágio e da imitação.¹¹⁹⁶

¹¹⁹⁴ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹¹⁹⁵ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹¹⁹⁶ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920].

Na existência do Estado, uma massa de indivíduos espirituais carece de uma direção, por meio da qual se lhe aportem diretrizes — e necessita de um líder, que não pertença ele mesmo à massa e não se veja paralisado em sua produtividade espiritual por sua pertença à massa. Para Edith Stein, entre o indivíduo dirigente e a massa tem que haver sempre um entendimento recíproco — um vínculo de comunhão.¹¹⁹⁷

Max Scheler diz que a massa é regida, exatamente, pelas mesmas leis que regem os rebanhos de animais:

[...] O contágio emotivo dos comportamentos do cabeça do rebanho sob o efeito de um estímulo sensível, a imitação involuntária dentro das leis da associação, criam na massa uma alma inconsistente, que só dura um instante e arrebatada a todos: é a alma da massa. Empurrada por ela, a massa pode fazer, em determinadas circunstâncias, coisas que nenhum de seus elementos, sozinho, poderia, querer ou teria vontade de fazer. Na massa em estado puro, a pessoa voltaria a ser simples animal; mesmo assim, as massas e os rebanhos não-organizados têm seus líderes.¹¹⁹⁸

Edith Stein nos alerta que uma massa que esteja dirigida por uma liderança uniforme e consciente de um fim, pode comportar-se de tal modo que — exteriormente — pode ser confundida com uma comunidade.¹¹⁹⁹

vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 461:

[...] 1] La estimulabilidad [= la sugestionabilidad entendida en su significado segundo], en la coexistencia de muchos individuos dentro de una masa, conduce a innumerables procesos de contagio. 2] La utilización de la energía a causa de esas múltiples excitaciones determina una eliminación de las actividades superiores del espíritu [reflexión, meditación, etc.]. 3] Mediante esa eliminación del entedimiento crítico y de la movilidad espiritual libre en geral, surge un estado que dispone para la convicción [= la sugestionabilidad entendida en el primero sentido], porque los motivos contrarios que pudieran conducir hacia el camino de una convicción reflexiva, no entran en absoluto en el campo de visión del individuo. Y esta disposición para la convicción, juntamente com la estimulabilidad, puede llegar a ser constitutiva para la massa: puede conducir, en la esfera espiritual, a aquella uniformidad del comportamiento sin que exista un estado interior de comunidad. Y tal uniformidad, en el ámbito de los estados y formas de comportamiento “no-espirituales” de un individuo psíquico, se alcanza por medio del contagio y de la imitación. [Tradução livre].

¹¹⁹⁷ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹¹⁹⁸ SCHELER, M. *Modelos e líderes*. Trad. Ireneu Martin. Curitiba: Champagnat, 1998, p. 33.

¹¹⁹⁹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

4.2

SOCIEDADE [GESELLSCHAFT]

[...] Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início desde existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto, idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade ao qual tem de subordinar sua vontade [...].¹²⁰⁰

Nos escritos de Edith Stein, a investigação do fenômeno da vida associativa nos conduziu a uma união espiritual e pessoal: a sociedade [Gesellschaft], que — contrapondo-se à massa — caracteriza-se pela reunião de indivíduos para a consecução de um *fin* [comum].¹²⁰¹

Para Ferdinand Tönnies, a teoria da sociedade constrói um círculo de homens que — como na comunidade — convivem pacificamente, mas não estão essencialmente unidos, mas essencialmente separados.¹²⁰²

[...] E enquanto na comunidade permanecem unidos, apesar de todas as separações, na sociedade permanecem separados apesar de todas as uniões. Por conseguinte, não tem lugar nela atividades que possam deduzir-se a priori e de modo necessário de uma unidade existente, e que, em consequência, também enquanto se operam por meio do indivíduo, expressem nele a vontade e espírito desta unidade, ou seja, que tanto se levam a cabo para ele mesmo como para os que com ele estão unidos.

¹²⁰⁰ MARX, K. *O capital*. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988, pp. 142-143.

¹²⁰¹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁰² TÖNNIES, F. *Comunidad y sociedad*. Trad. José Rovira Armengol. Buenos Aires: Losada, S. A., 1947, p. 65:

[...] y mientras en la comunidad permanecen unidos a pesar de todas las separaciones, en la sociedad permanecen separadas a pesar de todas las uniones. Por consiguiente, no tienen lugar en ella actividades que puedan deducirse a priori y de modo necesario de una unidad existente, y que, en consecuencia, también en cuanto se operan por medio del individuo, expresen en él la voluntad y espíritu de esta unidad, o sea, que tanto se llevan a cabo para él mismo como para los que con él están unidos. Todo lo contrario: en ella cada cual está para sí solo, y en estado de tensión contra todos los demás [...]. [Tradução livre].

Todo o contrário: nela cada qual está para si só, e em estado de tensão contra todos os demais [...].¹²⁰³

Historicamente, as sociedades originam-se em atos arbitrários de pessoas particulares, por quem tais sociedades são “fundadas”. Para Edith Stein, com o “ato de fundação” começa existência da sociedade.¹²⁰⁴

[...] O número de seus membros não se limita ao de seus sócios fundadores; podem ingressar novos sócios, e sócios antigos podem sair dela; e a sociedade não deixa de existir, quando por algum tempo não conta com nenhum dos seus membros. A sociedade chega a um fim natural quando se alcança a meta para a qual foi fundada. Não obstante, faz-se necessário um novo ato arbitrário para “dissolvê-la”. Entre o começo e o fim se acha a “vida” da sociedade ou “desenvolvimento” da mesma, os quais devem distinguir-se plenamente da vida e do desenvolvimento dos indivíduos que pertencem a ela, enquanto exista uma conexão entre ambos fatores [...].¹²⁰⁵

Para os fins da presente reflexão, cumpre-nos esclarecer que a “vida” da sociedade é a atividade dirigida à meta a ser alcançada, que pode ser uma atividade dividida em uma série de atividades parciais de índole diversa, distribuídas entre os distintos membros ou entre determinados grupos de membros. Por “desenvolvimento” da sociedade, captamos nas reflexões de Edith Stein as etapas de aproximação da meta e por uma etapa na qual se consegue a configuração requerida para a realização da meta e que está determinada pela dita realização, como o aumento de

¹²⁰³ TÖNNIES, F. *Comunidad y sociedad*. Trad. José Rovira Armengol. Buenos Aires: Losada, S. A., 1947, p. 65:

[...] y mientras en la comunidad permanecen unidos a pesar de todas las separaciones, en la sociedad permanecen separadas a pesar de todas las uniones. Por consiguiente, no tienen lugar en ella actividades que puedan deducirse a priori y de modo necesario de una unidad existente, y que, en consecuencia, también en cuanto se operan por medio del individuo, expresen en él la voluntad y espíritu de esta unidad, o sea, que tanto se llevan a cabo para él mismo como para los que con él están unidos. Todo lo contrario: en ella cada cual está para sí solo, y en estado de tensión contra todos los demás [...]. [Tradução livre].

¹²⁰⁴ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁰⁵ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, pp. 463-464:

[...] El número de sus miembros no se limita al de sus socios fundadores; pueden ingresar nuevos socios, y socios antiguos pueden salir de ella; y la sociedad no deja de existir, cuando por algún tiempo no cuenta con ningunos miembros. La sociedad llega a un fin natural, cuando se há alcanzado la meta para la que fue fundada. Pero entonces es necesario un nuevo acto arbitrario para “disolverla”. Entre el comienzo y el final se halla la “vida” de la sociedad o el “desarrollo” de la misma, los cuales deben distinguirse plenamente de la vida y del desarrollo de los individuos que pertenecen a ella, aunque exista una conexión entre ambos factores [...]. [Tradução livre].

membros e a divisão dos mesmos em grupos para a realização de determinadas funções.¹²⁰⁶

Pensando deste modo,

[...] as funções se estabelecem com miras às necessidades requeridas para alcançar a meta. E com esta finalidade se realiza a cooperação entre as diversas funções ou entre os indivíduos que devem desempenhá-las. Essas pessoas devem possuir certas capacidades, a fim de poderem adaptar-se a um determinado posto da sociedade. O mesmo que o começo e o final, cada passo que se dá no desenvolvimento da sociedade se deve a um ato arbitrário. A sociedade não nasce como um organismo, senão que lembra uma máquina, que “se inventa” e “se constrói” para um determinado fim e que se vai ajustando mediante a progressiva melhora lograda modificando suas partes ou inserindo partes novas.¹²⁰⁷

Nas reflexões de Edith Stein, a “vida” da sociedade consiste na atividade exigida a seus membros para que se possa alcançar os fins da mesma. Precisamente, não é essencial que tais indivíduos determinados efetuem o correspondente trabalho e cada um deles pode ser substituído por outros a qualquer momento. Por outro lado, a vida como membro da sociedade não coincide com a vida total dos diversos indivíduos, senão que constitui unicamente uma pequena porção da mesma. Por sua vez, à medida que os indivíduos se inserem na estrutura de uma sociedade — ou realizam as funções que lhes correspondem — convertem-se em representantes de determinados grupos.¹²⁰⁸

¹²⁰⁶ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁰⁷ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 464:

[...] las funciones se establecen con miras a las necesidades requeridas para alcanzar la meta. Y con esta finalidad se realiza la cooperación entre las diversas funciones o entre los individuos que deben desempeñarlas. Estas personas deben poseer ciertas capacidades, a fin de poder adaptarse a un determinado puesto en la estructura de la sociedad. Lo mismo que el comienzo y el final, cada paso que se da en el desarrollo de la sociedad se debe a un acto arbitrario. La sociedad no nace como un organismo, sino que recuerda a una máquina, que “se inventa” y “se construye” para un determinado fin y que se va ajustando a él mediante la progresiva mejora lograda modificando sus partes o insertando partes nuevas. [Tradução livre].

¹²⁰⁸ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

Na vida associativa, a estrutura da sociedade está determinada por seus *fins comuns* — e não pela índole dos indivíduos. Na perspectiva de Edith Stein, o fato mesmo de fixar uma finalidade é o ato de uma pessoa ou de uma pluralidade de pessoas; esse ato brota da índole pessoal.¹²⁰⁹

Nós evidenciamos que a esta origem deve a sociedade um determinado caráter que se manifesta em sua relação com o “mundo circundante” e na sua “vida anterior”. Do ponto de vista de Edith Stein, a sociedade que se encontra a serviço da sua própria finalidade comporta-se como um “sujeito individual”, que com uma cooperação unitária de suas diversas capacidades psíquicas atua frente a seu “mundo circundante”, o qual umas vezes fomenta tais atividades e outras vezes as obstaculariza, pelo qual ditas circunstâncias poderão ser correspondentemente utilizadas ou combatidas. Na vida associativa, conforme seja a natureza da sociedade, o caráter da mesma poderá ser nobre ou rasteiro, e segundo seja sua compatibilidade com as circunstâncias existentes poderá ser um caráter pacífico ou combativo.¹²¹⁰

Nas reflexões de Edith Stein, estas circunstâncias determinam até que ponto a vida da sociedade intervém na vida de seus membros, e até que ponto esta vida exige uma subordinação das demais atividades vitais à atividade final comum. Precisamente, determina qual terá de ser o comportamento de uns membros com outros: o grau de coesão exigido frente às circunstâncias comuns e o modo de segregação. Tudo isto exige uma determinada condição dos indivíduos — ou tem nela sua origem — de tal modo que ao caráter da sociedade lhe corresponde em cada caso um tipo de indivíduos que pertence a ela. Podemos dizer, finalmente, que à

¹²⁰⁹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²¹⁰ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

sociedade lhe corresponde um tipo geral de pessoas e cada tipo especial de sociedade lhe corresponde uma formação especial deste tipo.¹²¹¹

Na opinião de Edith Stein, não pode existir uma sociedade pura que não seja também até certo grau uma comunidade [*Gemeinschaft*]. Para Edith Stein, é próprio da atitude social que cada indivíduo considera o outro como objeto — o que concorda com o caráter mecânico da sociedade e com a índole puramente racional de sua origem e de seu aperfeiçoamento.¹²¹²

Na sociedade, cada indivíduo considerar-se-ia a si mesmo e consideraria o outro como um instrumento para realização da meta a cujo serviço se acha a sociedade por inteiro, sendo que cada um situar-se-ia planificadamente naquele posto ou deixar-se-ia que lhe situassem nele. Dito em poucas palavras: cada indivíduo assumiria aquela função social na qual poderia contribuir do melhor modo possível com a realização dos fins da sociedade. Para sondar-se a si mesmo e sondar os demais, afim de observar qual é a capacitação pessoal para tal ou qual função social, pressupõe-se uma vida espontânea e uma convivência. Para tanto, exige-se que se considere o outro como sujeito, a fim de poder converter a subjetividade do mesmo em objetividade.¹²¹³

Para se fundar uma sociedade, os indivíduos que, espontaneamente, uniram-se para a realização de uma meta devem reunir-se como companheiros, com um mesmo modo de sentir — e que contemple em comum o fim desejado. No seio da vida associada, o plano de fundar uma sociedade pode brotar da mente de um só indivíduo. Perante o seu olhar, encontra-se a meta com um fim apetível que pudera alcançar-se

¹²¹¹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²¹² STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²¹³ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

mediante a criação de uma sociedade. De acordo com Edith Stein, tal indivíduo projeta o plano total de organização que lhe parece ser o mais adequado para a realização dos fins.¹²¹⁴

Não é de se estranhar que um indivíduo funde uma sociedade diferenciada em todas as formas funcionais concebíveis, por exemplo: uma máquina de fazer cálculos, construída em seus mais delicados detalhes. Então, ele procederia a pô-la em marcha, buscando os indivíduos que pudessem servir para preencher as formas vazias. Na vida associativa, isto pode acontecer de diversos modos: o fundador pode dar a conhecer o seu plano e atrair para si companheiros que compartilhem dos seus mesmos sentimentos. Todavia, o anúncio se baseia na espontânea antecipação da possibilidade de existência de quaisquer companheiros — não conhecidos pessoalmente — que compartilhem de seu modo de sentir.¹²¹⁵

Não é por acaso que o fundador, na elaboração de seu plano, não se sente como um indivíduo isolado, mas como membro de um agrupamento social a ser convertido em realidade.¹²¹⁶

[...] E se os outros membros deste agrupamento seguem seu chamamento, então isto se deve a uma reação espontânea, iniciando-se já a vida comunitária. Quando uma associação recém-fundada dá a conhecer seus fins, e a continuação eu decido aderir-me a ela, então a declaração de adesão é um ato social. Mas, a condição de sua possibilidade é que a notificação ressoa em meu interior como expressão de uma subjetividade alheia e que desperta em mim um eco. Mas, estes são fenômenos típicos de uma vida comunitária.¹²¹⁷

¹²¹⁴ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²¹⁵ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²¹⁶ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²¹⁷ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, pp. 466-467:

[...] Y si los otros miembros de esta agrupación seguen su llamamiento, entonces eso se debe a una reacción espontánea, y se há iniciado ya la vida comunitaria. Cuando una asociación recién fundada da a conocer sus fines, y a continuación yo decido adherirme a ella, entonces la declaración de

Na vida associativa, outro método para por em marcha um mecanismo social concebido é o de atribuir aos indivíduos formas de função dos mesmos, sem obter deles uma adesão específica à realização do objeto da totalidade. Neste caso, os indivíduos aparecem em grau muito maior como “objetos” e como “simples meios para realização do fim” que quando por próprio impulso cooperam para a realização desse fim.¹²¹⁸

Para o fundador, estes indivíduos são como objetos que ele utiliza, sem cooperar com os mesmos. Mas a questão, fundamental, é: para utilizá-los como objetos, o fundador tem que atraí-los de algum modo; tem que movê-los a assumirem o trabalho: rogando, prometendo ou ameaçando, mas, em todo caso, como um ser humano que trata outros seres humanos, com atitude espontânea que um sujeito se põe em contato com outro sujeito, fazendo com que os motivos de um ressoem no outro e de modo que ambos convivam.¹²¹⁹

Na sociedade fundada, se pensamos no modo como os indivíduos cumprem suas funções sociais, como os trabalhadores estendem a mão uns aos outros, como o superior dá ordens e o súditos obedecem *etc.*, identificamos que há uma textura das mais diversas motivações, *as quais não poderiam transcender sem uma consideração do outro simplesmente como objeto e não como sujeito*. Não é indiscutível que a cooperação que cria o sentido da vida social chegaria constantemente a paralisar-se se fora uma simples vida social. Destarte, uma sociedade que não fora mais do que uma sociedade seria um mecanismo que não poderia funcionar.¹²²⁰

adhesión es un acto social. Pero la condición de su posibilidad es que la notificación resuene en mi interior como expresión de una subjetividad ajena y que despierta en mí un eco. Pero éstos son fenómenos típicos de una vida comunitaria. [Tradução livre].

¹²¹⁸ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²¹⁹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²²⁰ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

Nos escritos de Edith Stein, as reflexões sobre a estrutura da sociedade aproximam-se — em alguns pontos importantes — da concepção de Max Scheler, que afirma que a sociedade, em contraposição a outros aglomerados sociais, carece de duração. Max Scheler sustenta que a sociedade abarca sempre unicamente as pessoas que vivem no mesmo momento histórico.¹²²¹

Posiciona-se, então, Edith Stein:

[...] as sociedades se encontram no que diz respeito ao tempo em situação diferente das estruturas orgânicas. Mas, *no tempo* são também elas uma espécie particular de objetos temporais. *Não crescem* durante um determinado período de tempo, e não é necessário que durante o período de sua existência experimentem uma transformação, como sucede com um organismo que se desenvolve. Por princípio, é possível que comecem a existir estando já “consumadas”, e que desde o princípio se encontrem tão perfeitamente adaptadas a seu fim, que não necessitem de modificação alguma. Mas também é verdade que começam a existir em um determinado instante de tempo e deixam de existir a partir de um determinado instante de tempo [...].¹²²²

Nas reflexões de Edith Stein, o *tipo* de sociedade — e de todas as possíveis instituições sociais — é atemporal, mas não são as sociedades que existem no mundo. Pertencem à classe de objetos temporais, que Adolf Reinach exibiu em *Os fundamentos apriorísticos do direito civil* [*Die apriorischen Grundlagen des bürgerlichen Rechts*], de acordo com o exemplo de determinadas estruturas jurídicas: assim como um direito nasce por meio do ato de uma promessa e desaparece de novo por meio

¹²²¹ SCHELER, M. *Der Formalismus in der Ethik und die materielle Wertethik*. Gesammelte Werke; Band 2. Bonn: Bouvier, 2000.

¹²²² STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 468:

[...] las sociedades se hallan con respecto al tiempo en situación diferente al de las estructuras orgánicas. Pero *en el tiempo* son también ellas una especie particular de objetos temporales. *No crecen* durante un determinado período de tiempo, y no es necesario que durante el período de su existencia experimenten una transformación, como sucede con un organismo que se desarrolla. Por principio, es posible que comiencen a existir estando ya “consumadas”, y que desde un principio se hallen tan perfectamente adaptadas a su fin, que no necesiten modificación alguna. Pero también es verdad que comienzan a existir en un determinado instante de tiempo y dejan de existir a partir de un determinado instante de tiempo [...]. [Tradução livre].

de uma renúncia, do mesmo modo a sociedade cria-se e desfaz-se por meio dos atos espontâneos de fundar e dissolver.¹²²³

Edith Stein examina, então, a questão de se a sociedade — como pensa Max Scheler — limita-se a abarcar sempre pessoas que vivem no mesmo momento, e escreve: “[...] esta afirmação me parece que é correta em certo sentido, porém sem que se fale em favor da atemporalidade da sociedade [...]”.¹²²⁴ Para a sociedade, o que de fato importa é que suas formas de função se realizem de algum modo.¹²²⁵

No caso concreto de saída de algum indivíduo do “contrato social”, resta substituí-lo [sem nenhuma significação social]. Na sociedade não identificamos nenhuma “tradição” em virtude da qual as gerações passadas puderam exercer influências no presente. Pertencem à sociedade, unicamente, os indivíduos que nela vivem na mesma época.¹²²⁶

Edith Stein discorda da afirmação de Max Scheler de que *a atividade fundamental da sociedade é uma infundada e primária desconfiança de todos para com todos*.¹²²⁷

Na sociedade não há desconfiança como tal, como tampouco confiança; ambas são atitudes “ingênuas” — como só as conhece o indivíduo que vive na comunidade. De tudo isto surge que dentro de um

¹²²³ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²²⁴ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 468:

“[...] esta afirmación me parece a mí que es correcta en cierto sentido, pero sin que hable en favor de la atemporalidad de la sociedad [...]”. [Tradução livre].

¹²²⁵ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²²⁶ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²²⁷ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

agrupamento social que tenha mais caráter social do que comunitário, a desconfiança tenha sido o *motivo* para a transição à atitude social. Por desconfiança do entorno social, uma pessoa feche-se — em vez de abrir-se — às influências do ambiente.¹²²⁸

Todo criar, formar e trabalhar dos homens é algo como uma arte e a modo de atividade orgânica, em virtude da qual a vontade humana flui à matéria estranha dando-lhe forma; e quando serve para a conservação, assistência ou regozijo de uma comunidade, como ocorre nas situações naturais e originárias, é compreensível como função dessa comunidade, isto é, como se esta, expressada por tal indivíduo [ou grupo] levava a cabo estas operações [...].¹²²⁹

Teólogos de todo o mundo, “[...] *uni-vos!*”.¹²³⁰ Por muito mais organizada que seja, uma sociedade [*Gesellschaft*] que não seja mais do que uma sociedade [*Gesellschaft*] — resultado de suas normas e de seus valores — não pode funcionar.¹²³¹

4.3

COMUNIDADE [*GEMEINSCHAFT*]

O homem é a criatura na qual a imagem divina da existência universal é realizada não simplesmente como sonho, do mesmo modo que em outras criaturas, mas como dons naturais que ele ambiciona desenvolver. A forma pela qual é capaz de desenvolver em si mesmo a existência universal é o vínculo total. A imagem, a “filialidade” se efetivam no homem que realiza em sua essência e em sua vida o vínculo total; este homem se tornou “filho de Deus”. Todos os homens são iguais nesta possibilidade que se abre, sem cessar, por ocasião de cada

¹²²⁸ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²²⁹ TÖNNIES, F. *Comunidad y sociedad*. Trad. José Rovira Armengol. Buenos Aires: Losada, S. A., 1947, pp. 84-85:

Todo crear, formar y obrar de los hombres es algo como un arte y a modo de actividad orgánica, en virtud de la cual la voluntad humana afluje a la materia extraña dándole forma; y cuando sirve para la conservación, asistencia o regocijo de una comunidad, como ocurre en las situaciones naturales y originarias, es comprensible como función de esa comunidad, es decir, como si ésta, expresada por tal individuo [o grupo] llevara a cabo estas operaciones [...]. [Tradução livre].

¹²³⁰ MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista: o tratado político mais influente da história*. Trad. Petê Rissatti. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 112.

¹²³¹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

nascimento humano; eles são livres na sua realização. O elemento materno do vínculo total é a terra; a forma espiritual de sua atuação é a ajuda; sua fala, o espírito; sua construção, a comunidade.¹²³²

Historicamente, a *questão da comunidade* [*Gemeinschaft*] tem se mostrado cara na pesquisa e produção científica de renomados pensadores de língua e cultura alemã: Georg Wilhelm Hegel, Edmund Husserl, Ferdinand Tönnies, Max Scheler, Martin Buber e Edith Stein.¹²³³

Edith Stein, do ponto de vista de Alasdair MacIntyre, “[...] se sente devedora das ideias sobre a comunidade que aparecem na clássica obra de Ferdinand Tönnies de 1887, *Gemeinschaft und Gesellschaft* [...]”.¹²³⁴

[...] Ferdinand Tönnies, como membro de uma sociedade rural tradicional, em Schleswig-Holstein, Tönnies descobre ao seu redor dois tipos de mundo: de um lado, um mundo agrário, enraizado em antigas tradições medievais, solidamente ligado à terra e, de outro, o mundo do comércio, dos centros urbanos, em constante mudança, um mundo cuja principal preocupação é o lucro. Não é difícil imaginar como um filho daquele mundo, constatando que fora substituído por este, faz uma idealização do mundo perdido, e procura as razões da expulsão do homem de seu Paraíso [...].¹²³⁵

Destarte, Ferdinand Tönnies — sob a influência das novas ideias “científicas” a segunda metade do século XIX — sente-se insatisfeito com a explicação teológica corrente. Decide, então, investigar mais precisamente a estrutura de dois tipos de vida associativa: comunidade [*Gemeinschaft*] e sociedade [*Gesellschaft*], com fins de terminar o processo histórico real que conduz de um tipo de vida a outro.¹²³⁶

Na sua obra de relevo, intitulada *Comunidade e Sociedade* [*Gemeinschaft und Gesellschaft*, 1887], Ferdinand Tönnies escreve:

¹²³² BUBER, M. *Sobre comunidade*. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 45.

¹²³³ MENDES, E. S. *A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico da vida associada*. 2013. 227 f. Dissertação [Mestrado em Teologia], Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.

¹²³⁴ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008, p. 204:

“[...] Stein se siente deudora de las ideas sobre la comunidad que aparecen en la clásica obra de Ferdinand Tönnies de 1887, *Gemeinschaft und Gesellschaft* [...]”. [Tradução livre].

¹²³⁵ BUBER, M. *Sobre comunidade*. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 15.

¹²³⁶ BUBER, M. *Sobre comunidade*. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1987.

As vontades humanas se acham entre si em múltiplas relações; cada uma delas é uma ação recíproca, que, enquanto feita ou dada por um lado é sofrida ou recebida pelas demais. Não obstante, estas ações são de tal índole ou bem tendem à conservação ou bem à destruição de outra vontade ou corpo: afirmativas ou negativas. Esta teoria se dirige às relações de afirmação recíproca como objetos exclusivos de sua investigação. Cada uma destas relações constitui uma unidade na pluralidade ou uma pluralidade na unidade. Consta de assistências, facilidades e prestações, que vão e vêm, e são consideradas como expressões da vontade e de suas forças. O grupo formado por esta relação positiva, concebido como coisa ou ente que atua de um modo unitário de dentro para fora, chama-se *união*. A relação mesma, e também a união, concebe-se, bem como vida real e orgânica — e então é a essência da *comunidade* —, bem como formação ideal e mecânica — e então é o conceito de sociedade [...].¹²³⁷

No plano de Comunidade e Sociedade [*Gemeinschaft und Gesellschaft*], a comunidade [*Gemeinschaft*] é — em oposição à sociedade [*Gesellschaft*] — o grupo humano que se funda na solidariedade orgânica, profunda e instintiva; que não depende da reflexão ou da razão pessoal, senão do peso difuso e assimilado por todos de elementos como o meio natural, os costumes, as tradições, os laços de sangue *etc.*, que configuram o grupo e dão sentido.¹²³⁸ Por outra parte, a sociedade encarna o agrupamento humano edificado sobre uma base contratual, que depende de escolhas individuais racionais, da formulação de fins por realizar, de tarefas por cumprir. De tudo isto surge que o próprio da comunidade são as relações afetivas diretas e interpessoais, enquanto que na sociedade se impõem as relaciones sociais propriamente ditas: a estruturação e a organização da sociabilidade primária e espontânea.¹²³⁹

¹²³⁷ TÖNNIES, F. *Comunidad y sociedad*. Trad. José Rovira Armengol. Buenos Aires: Losada, S. A., 1947, p. 19:

Las voluntades humanas se hallan entre sí en múltiples relaciones; cada una de ellas es una acción recíproca, que, en cuanto hecha o dada por un lado, es sufrida o recibida por las demás. Pero estas acciones son de tal índole que o bien tienden a la conservación o bien a la destrucción de otra voluntad o cuerpo: afirmativas o negativas. Esta teoría se dirige a las relaciones de afirmación recíproca como objetos exclusivos de su investigación. Cada una de estas relaciones constituye una unidad en la pluralidad o una pluralidad en la unidad. Consta de asistencias, facilidades y prestaciones, que van y vienen, y son consideradas como expresiones de la voluntad y sus fuerzas. El grupo formado por esta relación positiva, concebido como cosa o ente que actúa de un modo unitario hacia adentro y hacia afuera, se llama una unión. La relación misma, y también la unión, se concibe, bien como vida real y orgánica ---y entonces es la esencia de la comunidad ---, bien como formación ideal y mecánica --- y entonces es el concepto de sociedad. [Tradução livre].

¹²³⁸ TÖNNIES, F. *Comunidad y sociedad*. Trad. J. Rovira Armengol. Buenos Aires: Losada, 1947.

¹²³⁹ TÖNNIES, F. *Comunidad y sociedad*. Trad. J. Rovira Armengol. Buenos Aires: Losada, 1947.

Dito por Ferdinand Tönnies: “[...] comunidade é o antigo e sociedade o novo, como coisa e nome [...]”.¹²⁴⁰ Para sermos mais exatos, comunidade é a vida em comum [*Zusammenleben*] duradoura e autêntica, sociedade é só uma vida em comum passageira e aparente. Por esta razão, a comunidade deve ser entendida como organismo vivo; a sociedade, como agregado e artefato mecânico. Na verdade, a sociedade é uma forma associativa mecânica e racional — um conjunto de indivíduos — na qual cada um se opõe como sujeito aos outros, entendidos como objeto.¹²⁴¹

Por outra parte, a comunidade é uma forma orgânica natural e viva, na qual todos se reconhecem como sujeitos, e de onde a relação se fundamenta na solidariedade.¹²⁴² Martin Mordechai Buber expõe que

[...] comunidade é aquilo que se tornou comum, é onde o homem nasce, aquilo que, por assim dizer, se relaciona com seu subconsciente. Não é resultado de sua escolha e decisão conscientes; Schmalembach denomina, a meu ver adequadamente, de “aliança aquilo que em vez de conduzir a formação de sociedade, conduz a autentica união orgânica [de homens], a formação de um verdadeiro currículos de homens.”¹²⁴³

Na investigação do Estado, evidenciamos que na Alemanha da época de Martin Mordechai Buber — por onde se espalharam diversos tipos de aliança — a história revelou que ela se diferenciou em algo essencial. Para Martin Mordechai Buber, Herman Schmalembach não compreendeu que a sociedade moderna não se levantou contra a comunidade primitiva e que, de outra parte, não contém o tipo de comunitariedade [*Gemeinschaftlichkeit*] que pode ser concebido e aspirado pela vida moderna e ultrapassa os limites da comunidade primitiva.¹²⁴⁴

Martin Mordechai Buber entende ser a aliança algo que não engloba toda a vida orgânica do homem — e isso não por mera causalidade, mas

¹²⁴⁰ TÖNNIES, F. *Comunidad y sociedad*. Trad. José Rovira Armengol. Buenos Aires: Losada, S. A., 1947, p. 21:

“[...] comunidad es lo antiguo y sociedad lo nuevo, como cosa y nombre [...]”. [Tradução livre].

¹²⁴¹ TÖNNIES, F. *Comunidad y sociedad*. Trad. J. Rovira Armengol. Buenos Aires: Losada, 1947.

¹²⁴² TÖNNIES, F. *Comunidad y sociedad*. Trad. J. Rovira Armengol. Buenos Aires: Losada, 1947.

¹²⁴³ BUBER, M. *Sobre comunidade*. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 84.

¹²⁴⁴ BUBER, M. *Sobre comunidade*. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1987.

pela sua própria essência. Mas é algo que acompanha a vida orgânica natural do homem ou enfatiza somente uma dimensão dela. Se a aliança é de caráter político, inclui homens que aspiram por alguma mudança. Se é de caráter religioso — não uma parte da vida, no sentido moderno de religioso — ela é um tipo de consagração de algumas horas que seria separada da vida e que assim transcenderia a vida cotidiana.¹²⁴⁵

[...] Entendo que comunidade que se erige ao lado da vida não é comunidade. Com isso não quero prejudicar, de algum modo, a existência das alianças, mas sinto e devo dizer que todas são somente pressentimento ou antecipação de alianças. As alianças realizam-se na separação da vida, o que não pode ser realizado aqui e agora na plenitude e no trabalho da vida, ou que é considerado irrealizável. Esta resignação ou este conhecimento, esta renúncia, este elemento negativo se encontra no fundamento da “aliança”. Esta constrói um plano sobre o qual será realizado aquilo que não pode ser realizado no plano da vida. A aliança apresenta um modo consolador para se sair da impossibilidade de realização na plenitude da vida vivida, criando experiência de comunidade. Esta experiência de comunidade, porém, não entra na vida vivida, não preenche todas as fendas e poros, não se estende por toda parte, para, tão-somente, erigir-se como vida, mas é um pacto negativo firmado, um muro erigido: ela é reconhecida como: “até aqui e não mais adiante”. E este “até aqui”, se observa atentamente, é o início da verdadeira não patética, da autêntica vida.¹²⁴⁶

Não é indiscutível que “[...] a aliança é algo que não engloba a quotidianidade e a regularidade da vida. Ela pretende organizar as maiores aspirações do homem — tomando-se isso não pejorativamente”.¹²⁴⁷ Isto é de fundamental importância para a investigação do Estado na contemporaneidade porque a comunidade [*Gemeinschaft*] abrange toda a vida, toda existência natural do homem, não excluindo nada dela. Para Martin Mordechai Buber, a comunidade é isso, ou, então, deve-se renunciar à ideia da existência de uma comunidade autêntica. No que diz à questão de que a comunidade possa ser realizada ou não, depende muito da possibilidade dessa união total.¹²⁴⁸

¹²⁴⁵ BUBER, M. *Sobre comunidade*. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1987.

¹²⁴⁶ BUBER, M. *Sobre comunidade*. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 85.

¹²⁴⁷ BUBER, M. *Sobre comunidade*. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1987, pp. 84-85.

¹²⁴⁸ BUBER, M. *Sobre comunidade*. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1987.

“[...] Com isso coincide o que a comunidade mesma deva ser entendida a modo de organismo vivo, e sociedade como agregado e artefato mecânico.¹²⁴⁹ Toda vida em conjunto — íntima, interior e exclusiva — é concebida por Ferdinand Tönnies como vida em comunidade. Para Ferdinand Tönnies, “[...] a sociedade é o público, o mundo [...]”.¹²⁵⁰

Escute-se:

[...] Tönnies opõe sociedade à comunidade quando afirma que a sociedade é uma associação de homens unidos por determinado propósito, que possuem interesses comuns e se congregam a fim de servirem a estes interesses comuns e atingirem a este fim. Trata-se, então, de uma convenção fundada sobre uma decisão. Por outro lado, comunidade é a união de homens ligados pela própria essência e pela vontade essencial, uma união que é o resultado de um processo natural e não algo imposto; é algo baseado em sua origem comum, costumes, propriedades etc. De fato, o homem nasce na comunidade. Ela é sua condição, ele vive, respira nela, ela o sustenta. A sociedade é algo que, por assim dizer, ele reconhece sem cessar e aceita como algo essencial para a orientação de sua vida, para os fins que ele se propõe e deseja atingir. Por isso ele se insere na sociedade.¹²⁵¹

Pela excelência das palavras, vale realçar um trecho de Alasdair MacIntyre sobre o interesse de Edith Stein pela questão da comunidade:

Ingarden atribuiu o interesse de Stein por esta noção e outros conceitos relacionados às suas pessoais características psicológicas. “O que mais preocupou Stein foi definir a possibilidade da mútua comunicação entre seres humanos, dito em outras palavras, a forma na qual se estabelece uma comunidade. Isto era para ela mais do que uma preocupação teórica. Pertencer a uma comunidade era uma necessidade pessoal, algo que afetava vitalmente sua identidade”. Ingarden insiste no efeito que produziu nela a experiência de vida de uma comunidade filosófica tão unida como a de Göttingen, afirmando que ela também “necessitava pertencer a uma comunidade natural” fazendo referência a seu patriotismo em tempo de guerra [...].¹²⁵²

¹²⁴⁹ TÖNNIES, F. *Comunidad y sociedad*. Trad. José Rovira Armengol. Buenos Aires: Losada, S. A., 1947, p. 21:

[...] Com ello coincide el que la comunidad misma deba ser entendida a modo de organismo vivo, y la sociedad como agregado y artefacto mecánico. [Tradução livre].

¹²⁵⁰ TÖNNIES, F. *Comunidad y sociedad*. Trad. José Rovira Armengol. Buenos Aires: Losada, S. A., 1947, p. 21:

[...] La sociedad es lo público, el mundo [...]. [Tradução livre].

¹²⁵¹ BUBER, M. *Sobre comunidade*. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 83.

¹²⁵² MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008, p. 171:

No estudo de 1922, *Contribuições à Fundamentação Filosófica da Psicologia e das Ciências do Espírito* [*Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften*], especificamente no segundo ensaio, intitulado *Indivíduo e Comunidade* [*Individuum und Gemeinschaft*], Edith Stein indaga a fundo a peculiaridade da comunidade [*Gemeinschaft*], antes de investigar a conexão deste modo de vida associativa com outras classes de agrupamentos sociais que ele condiciona ou deixa-se condicionar.¹²⁵³ Para tanto, “[...] Stein preferiu introduzir sua explicação acerca da comunidade com uma análise acerca da psicologia do indivíduo, presidida por inquietudes que se fazem explícitas só no segundo ensaio [...]”.¹²⁵⁴

Edith Stein compreende a distinção de Ferdinand Tönnies no seguinte sentido: nas relações da comunidade, cada indivíduo trata o outro como objeto, como alguém de quem é importante obter respostas que sejam um meio para conseguir os fins próprios. Por outra parte, nas relações da sociedade, cada indivíduo é igualmente um sujeito em solidariedade com os outros em uma vida em comum — uma vida cujos fins são compartilhados. Nos seus escritos, Edith Stein — do mesmo modo que Ferdinand Tönnies — reconhece que as relações sociais incluem elementos tanto da comunidade como da sociedade, ilustrando este

Ingarden atribuyó el interés de Stein por esta noción y otros conceptos relacionados a sus personales características psicológicas. “Lo que más preocupó Stein fue definir la posibilidad de la mutua comunicación entre seres humanos, en otras palabras, la forma en que se establece una comunidad. Esto era para ella más bien una preocupación teórica. Pertener a una comunidad era más bien una necesidad personal, algo que afectaba vitalmente a su identidad”. Ingarden insiste en el efecto que produjo en ella la experiencia de vida de una comunidad filosófica tan unida como la de Göttingen, afirmando que ella también “necesitaba pertenecer a una comunidad natural” haciendo referencia a su patriotismo en tiempo de guerra [...]. [Tradução livre].

¹²⁵³ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915 - 1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁵⁴ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008, p. 189:

“[...] Stein preferió introducir su explicación acerca de la comunidad con una análisis acerca de la psicología del individuo, presidida por inquietudes que se hacen explícitas sólo en el segundo ensayo [...]. [Tradução livre].

fenômeno por meio da compração de duas classes de políticos: o “demagogo” e o “homem do povo” [*Volksmann*].¹²⁵⁵

Nas reflexões de Edith Stein, o “demagogo” — que reclama para si uma multidão [massa desorganizada], dirigida a servir a seus fins individuais — contrapõe-se ao genuíno “homem do povo”, que, por inclinação natural, põe-se a serviço do povo. De acordo com Edith Stein, o “homem do povo” carece da atitude social como meio para atingir os objetivos de sua comunidade. Para ele são decisivos os desejos, as necessidades e os interesses do povo, que ele — como “homem comunitário” — faz que influenciem imediatamente sobre si.¹²⁵⁶

Na verdade, a impressão que o “homem do povo” causa e que lhe proporciona a função de dirigente não é uma impressão pretendida. Quando ele é consciente de sua função como líder da comunidade encontra-se também na situação de ter que estudar o povo para poder dirigi-lo retamente.¹²⁵⁷ Para Edith Stein, a comunidade sem a sociedade é possível, mas não é possível a sociedade sem a comunidade.¹²⁵⁸

No dizer de Alasdair MacIntyre,

[...] o que Stein proporciona no primeiro dos longos ensaios é um catálogo de tais traços e poderes em ambos que se revelam à consciência fenomenológica, à consciência de um “eu” consciente que se reflete sobre aquilo que lhe é apresentado [...].¹²⁵⁹

¹²⁵⁵ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915 - 1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁵⁶ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915 - 1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁵⁷ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008.

¹²⁵⁸ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁵⁹ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008, p. 189:

[...] lo que Stein proporciona em el primero de los largos ensayos es un catálogo de tales rasgos y poderes en tanto que se revelan a la consciencia fenomenológica, a la

Nas análises fenomenológicas de Edith Stein, existe a pressuposição de que o “eu” puro — o sujeito — habita em um mundo natural e social que lhe afeta de múltiplos modos.¹²⁶⁰

No início de *Indivíduo e Comunidade* [*Individuum und Gemeinschaft*], Edith Stein menciona que o que no primeiro ensaio — *Causalidade Psíquica* [*Psychische Kausalität*] — havia começado como uma investigação da *psique* individual — como se fora um mundo em si — teve que ter em conta, desde o primeiro momento, aspectos de dita consciência da *psique* que só conseguia entender como resultado de impactos e influências externas. Por esta via, uma descrição da *psique* reclama para si situar-se no contexto de fatos naturais e sociais.¹²⁶¹

Edith Stein distingue no segundo ensaio — *Indivíduo e Comunidade* [*Individuum und Gemeinschaft*] — três modos de vida associativa: a que forma os membros de uma multidão [massa], a da comunidade [*Gemeinschaft*] e a da sociedade [*Gesellschaft*] — ainda que no centro das relações humanas situe a comunidade.¹²⁶²

No prefácio de *Edith Stein: comunità e mondo della vita* — *società, diritto, religione*, Angela Ales Bello e Anna Maria Pezzella escrevem:

Se descobriremos através da experiência de que somos corpo, corpo vivente, animado pela psique, mas também possuímos uma atividade espiritual, a associação humana, que podemos formar, corresponde ao modo como nos relacionamos uns com os outros. Se a relação se estabelece somente em nível psíquico, então se constitui a massa; se em nível espiritual, o que significa intelectual e voluntário, há duas possibilidades: organizar-se de modo coletivo, mas impessoal, e em tal modo se constitui a sociedade, ou estabelecer relações humanas e pessoais que envolvam a esfera afetiva, intelectual e voluntária,

consciencia de un “yo” consciente que se refleja sobre aquello que se le presenta [...]. [Tradução livre].

¹²⁶⁰ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁶¹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁶² STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

portanto, a dimensão ética: agora, estamos no caso da comunidade.¹²⁶³

Edith Stein, referindo-se à natureza orgânica da comunidade, menciona que é característico deste modo de vida associativa — em contraste com a sociedade — o não ser gerada nem destruída por atos arbitrários da vontade, mas que a comunidade cresce e morre como um ser vivente. Tampouco, a comunidade não está a serviço — como no caso da sociedade — de uma finalidade externa, mas que — como um organismo — não tem mais finalidade do que a finalidade imanente a ela da própria formação, do desenvolvimento de sua disposição originária. De tudo isto surge que a comunidade se fundamenta na peculiaridade dos indivíduos que ingressam nela, e todos os órgãos e funções que ela forma estão determinados por este fato.¹²⁶⁴ Dito por Edith Stein:

[...] Não podemos criar formas de função às quais depois lhes falte o cumprimento apropriado — o que acontece com os ofícios na sociedade — pois, unicamente, formam-se órgãos enquanto existe o material necessário para a realização de um fim, sendo que alguns desses órgãos são substituíveis; podem sair indivíduos e podem ingressar novos indivíduos, sem que a comunidade deixe de existir. Tais mudanças, eventualmente, podem modificar o caráter da comunidade; certos órgãos morrem e se formam novos órgãos. Se todos os membros saem, então a comunidade morre [...].¹²⁶⁵

¹²⁶³ ALES BELLO, A. & PEZZELLA, A. M. *Edith Stein: comunità e mondo della vita — società, diritto, religione*. Città del Vaticano: Lateran University Press, 2008, p. 8:

Se scopriamo attraverso le esperienze vissute che siamo corpi, anzi corpi viventi, animati dalla psiche, ma anche possedenti un'attività spirituale, le associazioni umane, che possiamo formare, corrispondendo alle modalità con le quali reciprocamente ci relazioniamo. Se la relazione si stabilisce solo a livello psichico, allora si costituisce la massa; se a livello spirituale, che vuol dire intellettuale e volontario, si aprono due possibilità: organizzarci in modo collettivo, ma impersonale, e in tal modo si costituisce la società, oppure stabilire rapporti umani e personali che coinvolgono la sfera affettiva, e quella intellettuale e volontaria, quindi, la dimensione etica: allora, siamo nel caso della comunità. [Tradução livre].

¹²⁶⁴ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁶⁵ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 470:

[...] No se pueden “crear” formas de función a las que después les falte el cumplimiento apropiado [como los “oficios” en una sociedad], porque únicamente se forman órganos en cuanto existe el material necesario para la consecución de un fin. Algunos de esos órganos son sustituibles; pueden salir individuos y pueden ingresar nuevos individuos, sin que la comunidad deje de existir. Con tales cambios la comunidad puede modificar eventualmente su carácter; ciertos órganos mueren [las funciones cesan] y se forman nuevos órganos. Si todos los miembros se marchan, entonces la comunidad ha muerto [...]. [Tradução livre].

Para Edith Stein, da organização da comunidade distingue-se o caráter da mesma em sua correspondente etapa de desenvolvimento:

[...] Aquí aparece una concordância entre comunidade e sociedade, por enquanto em ambas o caráter se encontra enraizado na peculiaridade das pessoas individuais. Porém, enquanto que ao caráter da sociedade lhe corresponde um fator que se fundamenta no caráter dos indivíduos, e que lhes pertence ainda fora da comunidade, percebeu que com isso não se esgota o caráter e o tipo da comunidade.¹²⁶⁶

Nos escritos de Edith Stein, o caráter de uma comunidade distingue-se inteiramente do caráter dos indivíduos que pertencem a este modo de vida associativa, e também da condição típica que os caracteriza como pertencentes à comunidade: o “caráter popular” [caráter típico dos concidadãos] e o “caráter do povo” [como totalidade] não coincidem inteiramente. Tal como se mostra aos olhos do historiador que escreve a sua história, um povo é uma unidade análoga à de uma pessoa individual. Tem seu entorno nos povos que permanecem dentro de seu horizonte, e manifesta sua peculiaridade na relação com esse entorno e também em sua “vida interior”, em suas vivências e criações religiosas, científicas e estéticas, na organização de suas relações políticas, econômicas *etc.*¹²⁶⁷

Na vida associativa, à medida que o comportamento de cada um dos concidadãos seja típico, nessa mesma medida manifestar-se-á sua pertença ao povo, sendo que também o caráter do povo se revela no comportamento dos indivíduos. No entanto, ambas as coisas não coincidem entre si. Para Edith Stein, o tipo comunitário se estende à totalidade dos possíveis modos de comportamento, inclusive ao comportamento da vida individual. Existe um modo tipicamente alemão de

¹²⁶⁶ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, pp. 470-471:

[...] Aquí aparece una concordancia entre comunidad y sociedad, por cuanto en ambas el carácter se halla enraizado en la peculiaridad de las personas individuales. Pero mientras que al carácter de la sociedad le corresponde un factor que se fundamenta en el carácter de los individuos, y que les pertenece aun fuera de la comunidad, vemos que con ello no se agota el carácter y el tipo de la comunidad. [Tradução livre].

¹²⁶⁷ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

manter a amizade, de celebrar festas *etc.*. Não obstante, o indivíduo, nestas circunstâncias, é ativo não em qualidade de membro da comunidade.¹²⁶⁸

No caráter do povo como “pessoa” unitária não se encontra marcada previamente a índole do comportamento dos indivíduos entre si, ainda que esta não careça de conexão com aquele.¹²⁶⁹ Para Edith Stein:

[...] O comportamento típico de pessoas individuais até aos pertencentes de outros povos pode ser um comportamento inteiramente distinto do modo pelo qual essas pessoas, *como* representantes de seu povo, situam-se frente a outros povos e frente aos representantes dos mesmos como tais. O indivíduo não permanece realmente absorvido pela vida da comunidade, e tão só enquanto vive *como* membro da comunidade, expressa-se em seu comportamento o caráter da comunidade. Mas até que ponto o indivíduo se entrega à comunidade, isso pode estabelecer-se de novo mediante uma característica *típica* [...].
1270

Historicamente, Edith Stein argumenta que é típico do cidadão da antiga Roma consagrar por completo suas energias à República. Do ponto de vista do cidadão romano, o Estado era o bem supremo, sendo que essa valorização do Estado e da comunidade estabelecida nele se fundamentava na dureza com que a comunidade e os indivíduos que pertenciam a ela defendiam sua existência e sua prosperidade contra os ataques exteriores. Na vida associada, há representantes mais ou menos típicos da comunidade, e pode também haver indivíduos nos quais não se aprecie para nada sua pertença a tal ou qual comunidade, que se revelem estranhos em sua própria família ou em seu próprio povo. Não obstante,

¹²⁶⁸ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁶⁹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁷⁰ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 471:

[...] El comportamiento típico de personas individuales hacia los pertenecientes a otros pueblos puede ser un comportamiento enteramente distinto de la manera en que esas personas, *como* representantes de su pueblo, se sitúan ante otros pueblos y ante los representantes de los mismos como tales. El individuo no queda realmente absorbido por la vida de la comunidad, y tan sólo en cuanto él vive *como* miembro de la comunidad, se expresa en su comportamiento el carácter de la comunidad. Pero hasta qué punto el individuo se entregue a la comunidad, eso puede establecerse de nuevo mediante una característica *típica* [...]. [Tradução livre].

ainda no caso de que a pessoa seja a expressão mais pura do tipo comunitário, o ser de tal pessoa não se esgota nessa modalidade.¹²⁷¹

Nas reflexões de Edith Stein, evidenciamos que a análise da personalidade individual revela que pertence precisamente à essência da pessoa humana o não ser uma simples soma de qualidades típicas, mas que possui um núcleo individual que confere um selo individual incluído a todo traço típico de seu caráter. Na opinião de Edith Stein, àquele que em seu modo de ser fora tipicamente alemão e nada mais, faltar-lhe-ia uma personalidade genuína; mais ainda, diríamos que os traços tipicamente alemães que essa pessoa revelara não poderiam ser genuínos. Pois o ser genuíno da comunidade tem sua origem na peculiaridade pessoal dos indivíduos. Se tivesse unicamente representantes típicos, então seria impossível o desenvolvimento contínuo do espírito comunitário, e não poderia formar-se em absoluto um espírito comunitário. Tão só a convivência de pessoas individuais pode desenvolver-se um tipo comunitário, em cujas formas podem integrar-se logo as pessoas a quem lhes falte uma marcada peculiaridade pessoal.¹²⁷²

Nos escritos de Edith Stein, identificamos uma dependência recíproca entre o indivíduo e a comunidade, que nos remeteram a uma gênese originária da comunidade:

[...] existem diversas relações entre o indivíduo e a comunidade. O caráter da comunidade demonstra ser dependente, em primeiro lugar, da peculiaridade individual de seus membros, e ademais de sua estrutura típica. Por outro lado, vemos que o indivíduo, em seu caráter, está condicionado pela comunidade, enquanto o indivíduo é representante de um tipo, em um sentido inteiramente novo que unicamente se compreende a partir da vida comunitária [...].¹²⁷³

¹²⁷¹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁷² STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁷³ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, pp. 472-473:

Do que acabamos de dizer, segue-se que pertence à essência da comunidade um caráter comunitário de vida, de tal modo que um indivíduo não se depara frente ao outro como o sujeito frente ao objeto, mas convive com ele, é impulsionado por seus motivos *etc.*. Para Edith Stein, semelhante caráter comunitário de vida torna-se possível unicamente em virtude de uma disposição originária comum — e tão só enquanto alcance esse caráter comunitário da disposição, do tipo.¹²⁷⁴

Na vivência intersubjetiva, as associações pessoais são condições necessárias para levar uma vida comunitária, em cujo transcurso pode surgir então a genuína comunidade como unidade de vida de estrutura amplamente análoga à de uma personalidade individual. Por conseguinte, Edith Stein debruça-se sobre a peculiaridade dessa vida levada em comum, objetivando entender como pode desenvolver-se sobre esse terreno uma genuína comunidade, e quiçá como deva suprimir, necessariamente, tal comunidade, não com ordem a leis da natureza física, mas de acordo com as leis estruturais apriorísticas de mundo espiritual. No contato entre duas pessoas, encontram-se e unem-se duas correntes vitais, sem que permaneça por isso a separação entre os sujeitos. Para Edith Stein, cada pessoa experimenta com isso uma ampliação da vida de seu “eu”, uma afluência de novas experiências, de motivos intelectuais, de valorações, de determinações do querer, e experimenta, às vezes, uma explicação do âmbito em que chegam a ser eficazes seus impulsos.¹²⁷⁵

[...] existen diversas relaciones entre el individuo y la comunidad. El carácter de la comunidad demuestra ser dependiente, en primer lugar, de la peculiaridad individual de sus miembros, y además de su estructura típica. Por otro lado, vemos que el individuo, en su carácter, está condicionado por la comunidad, en cuanto el individuo es representante de un tipo, en un sentido enteramente nuevo que únicamente se comprende a partir de la vida comunitaria [...]. [Tradução livre].

¹²⁷⁴ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁷⁵ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

Não obstante, nesta ampliação do âmbito das vivências não se esgota a influência da vivência com outras pessoas. Por semelhante convivência, efetuam-se atos que não se produzem na vida solitária da alma, atos nos quais um sujeito se encontra frente a um outro sujeito e dirige-se até ele: perguntando, rogando, dando ordens etc..¹²⁷⁶

De acordo com Edith Stein, a este âmbito pertencem os atos da experiência, nos quais uma pessoa chega a ser um dado para outras pessoas; as atitudes do ânimo que uma pessoa desencadeia na outra: do mesmo modo acontece com a avaliação moral e a acusação do caráter de outra pessoa, de seus sentimentos e de suas ações. Para Edith Stein, a este âmbito pertence ainda, especialmente, o personalíssimo “ver-se tocado” pela índole pessoal de outro indivíduo, sobre o qual se baseia a atitude frente à pessoa alheia, algo que deve diferenciar-se completamente da avaliação de suas qualidades pessoais e experiências vitais: a simpatia e a antipatia não são sentimentos que eu experimento frente a uma pessoa em virtude de um ato ou de uma qualidade qualquer, mas que são uma atração ou uma repulsão, que suscita em mim qualquer simples qualidade dessa pessoa, seu modo pessoal de ser.¹²⁷⁷

Por esta via, para além da atração e da repulsão, decorrentes da característica pessoal de um indivíduo, o contato com essa característica pessoal exerce uma influência ulterior sobre o vivenciar do indivíduo com outras pessoas: uma peculiar transformação de todo seu modo de agir, de comportar-se. Posto que os estados de uma pessoa influenciam no desenvolvimento de suas qualidades, vemos que as demais pessoas, ao desencadearem estados naquelas, cooperam, às vezes, na formação do caráter de dita pessoa.¹²⁷⁸ Para Edith Stein,

¹²⁷⁶ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁷⁷ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁷⁸ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920].

[...] assim como há atitudes que seriam impossíveis na vida da alma isolada, assim também há qualidades que unicamente podem desenvolver-se na agrupação das pessoas: a humildade e o orgulho, a submissão e a obstinação, o despotismo e a afabilidade, a camaradaria e a servicialidade, em uma palavra: todas as virtudes e vícios “sociais”.¹²⁷⁹

Na vida associativa, a convivência com outras pessoas e os estados que com ela se desencadeiam atua primeiramente como causas ocasionais para a formação das disposições originárias de uma pessoa.¹²⁸⁰

Para Edith Stein, o que venha a desenvolver-se dependerá do ambiente em que vive essa pessoa. Não obstante, a influência do entorno chega mais além. Na vivência intersubjetiva, as atitudes de uma pessoa têm a peculiaridade de atuar contagiando, de transmitir de uma pessoa a outra. Em vez de assentir a um juízo escutado e de fazê-lo por ter penetrado no assunto, podemos aceitar esse juízo cegamente, dar-lhe pleno crédito, mas sem formá-lo nós por si mesmo. Do mesmo modo, podemos nos sentir contagiados pela cólera e pela irritação, pelo amor e pelo ódio existente em nosso entorno, podemos experimentá-lo sem que brote de nosso eu pessoal. Nestes casos de sentimentos imaginários, geralmente falam de enganos próprios ou inclusive de hipocrisia.¹²⁸¹

Na realidade, os sentimentos transferidos existem, com a mesma intensidade com que o sujeito pensa sentí-los e manifestá-los. Trata-se de sentimentos não genuínos, que brotam do eu pessoal — como os sentimentos genuínos — não tem suas raízes nele. Para Edith Stein, se

vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁷⁹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 475:

[...] así como hay actitudes que serían imposibles en la vida del alma aislada, así también hay cualidades que únicamente pueden desarrollarse en la agrupación de personas: la humildad y el orgullo, la sumisión y la obstinación, el despotismo y la afabilidad, la camaradería y la servicialidad, en una palabra: todas las virtudes y vicios “socialis”. [Tradução livre].

¹²⁸⁰ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁸¹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

indagamos sua origem, encontraremos neles comportamento de uma pessoa alheia, da qual partiu o contágio e que é — em si mesmo — um comportamento autêntico.¹²⁸²

Na existência humana, os sentimentos não-genuínos — do mesmo modo que os sentimentos genuínos — podem conduzir à formação de qualidades pessoais, mas que levam igualmente em si mesmas o selo da inautenticidade. Para sermos mais exatos, estas qualidades não se enraizam no núcleo da pessoa humana, e podem achar-se inclusive em direta oposição a ele. No pensamento de Edith Stein, os sentimentos e qualidades não-genuínos — prescindindo de que rompem a unidade da personalidade — possuem uma curiosa vaziedade e caducidade internas que os distingue dos genuínos. Podem ser desmascarados e destruídos, quando chega a fazer irrupção o correspondente substrato pessoal, ou quando se faz patente a carência dos mesmos.¹²⁸³

Pode acontecer ainda que o caráter não-genuíno se mantenha, porque às genuínas disposições do caráter lhes faltam as condições favoráveis para o desenvolvimento ou porque o indivíduo psíquico não vive desde o interior de sua alma.¹²⁸⁴

Na perspectiva de Edith Stein, quando não se dão tais circunstâncias, todo o caráter deixa de possuir uma nota pessoal, não temos uma individualidade no sentido de uma singularidade qualitativa, senão que achamos unicamente o exemplar de um tipo. Pelo contrário, quando o desenvolvimento das disposições originárias está impedido tão só pelas circunstâncias externas, então as qualidades internas da alma terão que manifestar-se também em inautênticos modos de comportamento

¹²⁸² STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁸³ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁸⁴ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

e em pseudoqualidades, ainda que estejam em contradição com as qualidades internas.¹²⁸⁵ No dizer de Edith Stein:

Além da influência que o desenvolvimento de uma pessoa experimenta pela excitação de estados existentes nela, existe também outra classe de influência que já havíamos indicado anteriormente: o efeito que se produz a consequência do contato com a índole pessoal do outro ser humano. Com efeito, este contato condiciona certa atitude recíproca entre as pessoas. Seu interior se abre mutuamente, enquanto o interior de uma pessoa é acessível ao interior da outra, enquanto que as demais facetas de seu ser se fecham. Se vivo permanentemente em um ambiente no qual tão só pode desenvolver-se uma parte de minhas posições, então as demais correm perigo de atrofiar-se e, por outra parte, existe a possibilidade de que o contato com outra pessoa desperte em mim algo que até então estava adormecido e tenha que se desenvolver traços inteiramente novos de minha personalidade. Também neste caso existe a possibilidade de uma pseudoformação: pode impor-se a mim com força sugestiva sobre alguns traços essenciais de uma personalidade que não encontra apoio no núcleo de minha própria pessoa. Isto sucederá sempre que uma pessoa com intensas características individuais se encontre frente a uma personalidade muito pouco marcada.¹²⁸⁶

Do ponto de vista de Edith Stein, a pessoa individual não se encontra — completamente impotente — à mercê das influências exteriores, mas que possui, dentro de certos limites, a liberdade de deixá-las que influenciem em seu desenvolvimento ou de subtrair-se a ditas influências. Para Edith Stein, a pessoa individual tem [até certo ponto] a possibilidade de escolher, ela mesma, seu ambiente pessoal e de

¹²⁸⁵ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁸⁶ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, pp. 476-477.

Además de la influencia que el desarrollo de una persona experimenta por la excitación de estados existentes en ella, existe también otra clase de influencia que habíamos indica ya con anterioridad: el efecto que se produce a consecuencia del contacto con la índole personal de otro ser humano. En efecto, este contacto condiciona cierta "actitude" recíproca entre las personas. Su interior "se abre" mutuamente, en cuanto el interior de una persona es accesible al interior de la otra, mientras que las demás facetas de su ser se cierran [a sea "automáticamente" en el mero contacto, o bien cuando la inaccesibilidad para la otra persona se ha puesto de manifiesto al efectuarse un intento de entendimiento]. Si vivo permanentemente en un ambiente en el que tan sólo puede desarrollarse una parte de mis disposiciones, entonces las demás corren peligro de atrofiarse, y, por otro lado, existe la posibilidad de que el contacto con otra persona desperte en mí algo que hasta entonces había estado dormido y haga que se desarrollen rasgos enteramente nuevos de mi personalidad. También en este caso existe la posibilidad de una pseudo-formación: pueden imponerse con fuerza sugestiva algunos rasgos esenciales de una personalidad que no encuentran apoyo en el núcleo de mi propia persona. Esto sucederá siempre que una persona con intensas características individuales se encuentre ante una "personalidad muy poco marcada". [Tradução livre].

determinar assim as condições de seu entorno. Possui a liberdade de sufocar em seu nascimento algumas moções anímicas que são desencadeadas nela, e não só as moções puramente transmitidas, mas também as que estão suficientemente motivadas.¹²⁸⁷

Na vida associativa, a pessoa humana pode atuar contra os efeitos que o ambiente causa no desenvolvimento de suas próprias qualidades e, eventualmente, eliminar por completo tais influências. Pode subtrair-se à influência da índole pessoal de outros indivíduos: apesar do fechar-se automático, pode manter aberto seu interior, conservá-lo desperto e opor-se à penetração sugestiva do modo alheio de ser, aferrando-se para isso voluntariamente à própria maneira de ser. Não é preciso acentuar que essas possibilidades não existem para qualquer indivíduo psíquico, mas unicamente para pessoas humanas no pleno sentido da palavra. Para elas existe uma liberdade da vontade frente à influência do mundo circundante, como existe também frente às disposições naturais. Por efeito das próprias disposições naturais, a responsabilidade da pessoa não permanecerá suprimida nem por motivo de dita influência.¹²⁸⁸

Portanto, a medida em que a liberdade da pessoa humana intervém na determinação de seu desenvolvimento, nessa mesma medida a liberdade dos outros indivíduos permanece limitada enquanto a sua influência em tal desenvolvimento.¹²⁸⁹ Para Edith Stein,

[...] esses indivíduos podem evocar certos estados naquela pessoa e tratar com isso de influenciar na formação de correspondentes qualidades; assim mesmo, pondo em relevo sua própria peculiaridade, podem tratar de exercer uma

¹²⁸⁷ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁸⁸ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁸⁹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

influência sugestiva, porém não tem o poder de obstaculizar a oposição da pessoa.¹²⁹⁰

Nos escritos de Edith Stein, um “tipo” social pode formar-se na vida comunitária de uma pluralidade de indivíduos; um tipo que os indivíduos não aportam a essa vida, mas que o vão adquirindo no transcurso da mesma. Para Edith Stein, a simpatia e a antipatia — apesar de sua índole absolutamente específica — possuem uma essência que pode ser captada de modo geral, e à que corresponde no objeto do ato, da correspondente pessoa humana, uma forma universal na qual ela se insere: “[...] é precisamente o que denominamos ‘tipo’ — em primeiro sentido — por exemplo o tipo de “amigo” ou de “inimigo”, de “senhor” e de “criado”, de “companheiro”, etc. [...]”.¹²⁹¹ Não se refere ao modo de ser das pessoas, mas são formas que podem ser preenchidas por pessoas.¹²⁹²

Para Edith Stein, a personalidade forte marca sua impressão sobre quem convive com a mesma; os demais inserem-se em seu tipo, despregando suas próprias disposições por meio da convivência ou também desenvolvendo traços de caráter falso. Isto é de suma importância para o presente estudo porque — do ponto de vista de Edith Stein — se um indivíduo se marca com especial vivacidade tal traço de caráter e no outro indivíduo tal outro traço de caráter, e se lhe impõe ao outro, então pode nascer na convivência entre ambos os indivíduos um tipo que seja uma

¹²⁹⁰ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 478:

[...] esos individuos pueden evocar ciertos estados en aquella persona y tratar con ello de influir en la formación de correspondientes cualidades; asimismo, poniendo de relieve su propia peculiaridad, pueden tratar de ejercer una influencia sugestiva, pero no tienen el poder de obstaculizar la oposición de la persona. [Tradução livre].

¹²⁹¹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 478:

“[...] es precisamente lo que denominamos “tipo” — en primer sentido — por ejemplo el tipo de “amigo” o de “enemigo”, de “señor” y de “criado”, de “compañero”, etc. [...]”. [Tradução livre].

¹²⁹² STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

coisa nova e singular no que diz respeito a todos os caracteres que haviam ingressado na vida comunitária.¹²⁹³

Não obstante, com isto temos sempre a comunidade como uma mera forma de convivência, dentro da qual os indivíduos adotam uma estrutura típica comum — e não uma unidade de vida de caráter próprio e uma vida própria, distinta da vida dos indivíduos. No fenômeno da vida associativa, este fator essencial faz-se visível, unicamente, quando não só temos em conta as influências de uns indivíduos em outros, mas que vamos seguindo a direção da vida comunitária. Nas reflexões de Edith Stein, evidenciamos, pois, que a essência da vida comunitária consiste, precisamente, em que os sujeitos não estão dirigidos uns até os outros, mas em que estão voltados em comum até algo objetivo.¹²⁹⁴

Por este motivo, Edith Stein sublinha nos seus escritos determinadas modalidades de voltar-se uns aos outros, que podem fundamentar, profundamente, a vida comunitária:

[...] as pessoas, quando entram em contato mútuo geram umas nas outras, por meio de sua peculiaridade individual, certas atitudes que têm o caráter de uma estimacão positiva ou negativa dos valores e que têm, às vezes, o caráter de atração ou repulsão. Este ser atraído, que distinguimos da avaliação positiva mesma, é um impulso para a entrega à pessoa alheia, para a união com ela, impulso que em sua máxima intensidade — no caso do amor — tende para uma completa unificação, para uma comunidade de vida e para uma comunidade de estado existencial [...].¹²⁹⁵

¹²⁹³ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁹⁴ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁹⁵ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, pp. 478-479:

[...] las personas, cuando entran en contacto mutuo, geram unas en otras, por meio de su peculiaridad individual, ciertas actitudes que tienen el carácter de una estimación positiva o negativa de los valores y que tienen a las vez el carácter de atracción o repulsión. Este ser atraído, que distinguimos de la valoración positiva misma, es un impulso hacia a la entrega a la persona ajena, hacia la unión con ella, impulso que en su máxima intensidad — em el caso del amor — tiende hacia una completa unificación, hacia una comunidad de vida y hacia una comunidad de estado existencial [...]. [Tradução livre].

No pensamento de Edith Stein, a avidez de união revela diversas formas, a depender do grau e da classe da “inclinação”, subordinadas à peculiaridade dos indivíduos interessados: um pode colocar-se à disposição do outro, mas conservando o próprio caráter; outro pode entregar-se a um outro indivíduo, tal como ele é, dar-se a si mesmo em propriedade, com o qual esse indivíduo pode contar em qualquer momento, e igualmente apropriar-se dele. Não obstante, a tendência à união pode conduzir a um abandono mais ou menos extenso da própria personalidade: quer seja em favor do modo de ser da pessoa alheia, quer seja de um novo modo de ser que nasça da união das duas correntes vitais.¹²⁹⁶

Na vida associativa, depara-nos-emos com esse fenômeno especialmente quando duas personalidades não forem “sensivelmente” compatíveis entre si, quando determinados traços do caráter obstaculizarem a tendência à união. Edith Stein assinala, então: se, apesar de tudo, chega-se à meta, exige-se uma mudança do caráter de um ou de outro. Na verdade, o amor dirigido a uma pessoa tem a energia suficiente para sufocar em sua mesma raiz os movimentos que o impede e, conseqüentemente, para fazer com que desapareçam também os correspondentes traços do caráter.¹²⁹⁷

Nos escritos de Edith Stein, evidenciamos que existe uma certa conexão entre a avidez de união e a “atitude” diante de outra pessoa: o fechar-se ou o abrir-se da própria interioridade.¹²⁹⁸

[...] é muito possível que um [indivíduo] se sinta atraído por outra pessoa, cujo interior esteja fechado [ao menos, em parte] para ele. Ordinariamente, a avidez da união será então “parcial”, relacionar-se-á unicamente com a parte da vida pessoal na qual exista uma possibilidade de acesso [e, precisamente por isso, a possibilidade de união]. Não obstante, pode acontecer também

¹²⁹⁶ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁹⁷ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹²⁹⁸ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

que a avidez de união se refira à pessoa inteira, em contradição com a separação essencial [...].¹²⁹⁹

Provindo do mistério da existência humana, todo o jogo do desdobrar-se, do afirmar-se e do transformar-se — suposto como um jogo livre e sem coações — converte-se em objeto de luta. De modo violento, um indivíduo forçará as portas do interior de outra pessoa, que querem fechar-se automaticamente. Poderá esforçar-se, convulsamente, por penetrar no interior alheio, para o qual lhe faltam as chaves, sem que se possa alcançar a meta apetecida. Na concepção de Edith Stein, uma união só é possível sobre a base de uma comunhão interior originária.¹³⁰⁰

Para um ente que chegou à plena posse de seu ser, a peculiaridade individual encontra sua fronteira na formação de uma comunidade. No modo de conceber e de fazer filosofia — e teologia — de Edith Stein, um impedimento das possibilidades do desenvolvimento, fundadas nas características individuais, é possível por meio da repressão dos correspondentes movimentos. No entanto, não é possível a nova formação de traços do caráter, para os quais a pessoa carece de raízes. Edith Stein observa nesses casos, unicamente, pseudoformações, sendo que as comunidades originárias de tais fundamentos, são tampouco “autênticas” como o são as personalidades que essas comunidades unem.¹³⁰¹

¹²⁹⁹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 479:

[...] es muy posible que uno se sienta atraído por otra persona, cuyo interior esté cerrado [al menos, en parte] para él. De ordinario, el afán de la unión será entonces “parcial”, se relacionará únicamente con la parte de la vida personal en la que exista una posibilidad de acceso [y, precisamente por ello, la posibilidad de unión]. Pero puede suceder también que el afán de unión se refiera a la persona entera, en contradicción con la separación esencial [...]. [Tradução livre].

¹³⁰⁰ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁰¹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

No caso concreto do Estado, podemos falar de comunidade [*Gemeinschaft*] hoje em dia — e, quiçá, de comunidade estatal — não só quando existe uma dedicação recíproca entre os indivíduos, mas

[...] quando eles [os indivíduos] conseguem expressar um para o outro o que de verdade constitui o elo de comunhão entre eles. Essa dedicação aberta e espontânea de um sujeito para com o outro está na origem da comunidade que vem nutrida e movida por motivos comuns [...].¹³⁰²

Nos escritos de Edith Stein, a união que brota de sentimentos positivos transforma os indivíduos unidos. Para a constituição do Estado, o novo e singular destas uniões é que se encontram enraizadas no núcleo das pessoas individuais. No pensamento de Edith Stein, evidenciamos que “[...] os sentimentos aos quais nos referimos brotam da alma e se dirigem até a alma, até o ser mais íntimo da pessoa; o objetivo de tais uniões é substancialmente uma vida *anímica* comum [...]”.¹³⁰³

Para Edith Stein, o caráter das comunidades procede dos indivíduos que participam das atividades comutárias. Precisamente, os indivíduos são quem são graças à vida das comunidades das quais participam. Pensando deste modo, os tipos de comunidade que não permitem que os seus membros se desenvolvam como sujeitos conscientes livres tornam-os insensíveis aos valores éticos, estéticos e religiosos.¹³⁰⁴

Hoje em dia, os indivíduos que insistem na ilusão moderna da autossuficiência, evitando reconhecer que dependem da esfera das comunidades, privam-se a si mesmos e as suas comunidades de recursos

¹³⁰² FERNANDES, M. L. *As vivências de imigrantes e de seus descendentes: análise fenomenológica das cartas*. 2007. 200 f. Tese [Doutorado em Psicologia]. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo — USP, Ribeirão Preto [SP], 2007, p. 148.

¹³⁰³ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 480:

“[...] los sentimientos a que nosotros nos referimos, brotan del alma y se dirigen hacia el alma, hacia el ser más íntimo de la persona; o objetivo de tales uniones es sustancialmente una vida *anímica* común [...]”. [Tradução livre].

¹³⁰⁴ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

fundamentais, convertendo-se em vítimas de relações sociais que, pouco a pouco, debilitam-se e tornam-se inúteis.¹³⁰⁵

No século XX, pensadores como Ferdinand Tönnies e Edith Stein chegaram a ser — invulgarmente — conscientes tanto das limitações do individualismo, próprio das relações sociais da sociedade [*Gesellschaft*], como dos perigos que a massa [multidão] poderiam penetrar na mentalidade coletiva. Na existência do Estado, Edith Stein — do mesmo modo que Ferdinand Tönnies — teve meios para reconhecer as potencialidades e os perigos do nazismo.¹³⁰⁶

No escrito de 1922, intitulado *Contribuições à fundamentação filosófica da psicologia e das ciências do espírito* [*Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften*], Edith Stein — angustiada, mas profundamente tocada pela imagem concreta de autêntica vida cristã em testemunhos eloquentes [de místicos espanhóis do Carmelo] — escreve no primeiro ensaio — *Causalidade Psíquica* [*Psychische Kausalität*]:

[...] Existe um estado de repouso em Deus, de completa cessação de toda atividade espiritual, no qual não se faz nenhuma classe de planos, não se adotam resoluções, e menos ainda se atua, senão que todo o futuro se deposita nas mãos da vontade divina, um “se abandonar” por completo “ao destino”. Este estado se me concede, por exemplo, quando uma vivência que ultrapassa minhas energias, consumiu por completo minha energia vital espiritual e me arrebatou de toda atividade. Este repouso em Deus, frente ao fracasso da atividade por carência de energia vital, é algo completamente novo e singularíssimo. Aquele era silêncio próprio dos mortos. Em lugar dele aparece agora o sentimento de ser protegido, de estar liberado de toda preocupação e responsabilidade e obrigação de atuar. E quando eu me entrego a este sentimento, começa a preencher pouco a pouco nova vida e de volta a impulsionar-me — sem tensão alguma da vontade — a nova atividade. Esta vivificadora afluência aparece como um jorrar de uma atividade e de uma energia que não são minhas, e que atuam em mim sem impor exigências às minhas [...].¹³⁰⁷

¹³⁰⁵ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico*, 1913 — 1922. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008.

¹³⁰⁶ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico*, 1913 — 1922. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008.

¹³⁰⁷ STEIN, E. *Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu*. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 298:

No segundo ensaio do escrito supracitado — *Indivíduo e Comunidade [Individuum und Gemeinschaft]* —, os parágrafos nos quais Edith Stein compara o demago como o *Volksmann* tem sido interpretado por pesquisadores como uma antecipação profética de alguns traços da “política” da República de Weimar:

[...] Stein já havia compreendido que os alemães haviam se convertido em “multidão” em sua vida pública, uma massa de indivíduos esperando alguém para dirigir e organizar suas relações políticas. Compreendia que poderia ter sido Walter Rathenau, um verdadeiro *Volksmann*, o que poderia haver chegado a ser — como de fato o foi — alguém que até então só era uma sombra esperando entre bastidores sua oportunidade demagógica.¹³⁰⁸

[...] Existe un estado de reposo en Dios, de completa relajación de toda actividad espiritual, en el que no se hace ninguna clase de planes, no se adoptan resoluciones, y menos aún se actúa, sino que todo lo futuro se deposita en manos de la voluntad divina, uno “se abandona” por completo “al destino”. Este estado se me concede, por ejemplo, cuando una vivencia que sobrepasaba mis energías, ha consumido por completo mi energía vital espiritual y me ha arrebatado toda actividad. El descansar en Dios, frente al fracaso de la actividad por carencia de energía vital, es algo completamente nuevo y singularísimo. Aquel era silencio propio de muertos. En lugar de él aparece ahora el sentimiento de hallarse acogido, de estar liberado de toda preocupación y responsabilidad y obligación de actuar. Y cuando yo me entrego a este sentimiento, comienza a llenarme poco a poco nueva vida y vuelve a impulsarme — sin tensión alguna de la voluntad — a nueva actividad. Esta vivificadora afluencia aparece como un efluvio de una actividad y de una energía que no son mías, y que actúan en mí sin imponer exigencias a las mías [...]. [Tradução livre].

¹³⁰⁸ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008, p. 206:

[...] Stein ya había comprendido que los alemanes habían convertido en “multitud” en su vida pública, una masa de individuos esperando a alguien que dirigiera y organizara sus relaciones políticas. Compreendía que podría haber sido Walter Rathenau, un verdadero *Volksmann*, o que podría haber llegado a ser — como de hecho lo fue — alguien que hasta ahora sólo era una sombra esperando entre bastidores su oportunidad demagógica. [Tradução livre].

A ESTRUTURA ÔNTICA DO ESTADO EM EDITH STEIN

Na estrutura do Estado, a soberania desempenha um papel análogo ao da liberdade na estrutura da pessoa humana. Uma pessoa é livre na medida em que realiza atos espontâneos e governa a si mesma. E esta liberdade é inseparável da personalidade. No mesmo sentido, a soberania é liberdade, com uma só diferença de que o que se governa a si mesmo é aqui um todo social, e cujos atos são modificados conseqüentemente. Quando um Estado é privado de sua soberania e é submetido às disposições e ordens de outro Estado, então perde seu caráter de Estado, do mesmo modo que um indivíduo que, privado de sua espontaneidade, é acorrentado à vontade de outro, perde a sua personalidade.¹³⁰⁹

Nos escritos de Edith Stein, o Estado revela-se uma formação social na qual se integram pessoas humanas — eus conscientes e livres — de tal modo que uma ou várias delas — e em casos limites, todas — dominem sobre as outras em nome de todo o conjunto. Nos casos limites, o âmbito de domínio está constituído pelas pessoas mesmas que exercem também o domínio, mas só enquanto não têm função de representação. No âmbito de autoridade do Estado, além das pessoas que estão integradas nele, pertencem todas as objetualidades que desempenham uma função social na vida do Estado, na medida em que estas sejam vulneráveis por meio de atos livres. Para Edith Stein, a atividade governamental do Estado é exercida por meio de ordens, mediante as quais ele obriga que atuem as pessoas sobre as quais tem autoridade, e de disposições que determinam o que deve ser considerado legal.¹³¹⁰

De acordo com Edith Stein, essa atividade é só autoritativa. Politicamente, o Estado só é um Estado — senhor de si mesmo — na medida em que tem seu ponto de origem no seguinte: “[...] o Estado não

¹³⁰⁹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³¹⁰ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

pode estar submetido a nenhuma outra autoridade, pois que tem de ser soberano”.¹³¹¹

Do ponto de vista ôntico, a vida do Estado não se esgota em sua atividade autoritativa. Edith Stein insiste no fato de que a realização e a existência de um Estado concreto reclamam para si pessoas humanas que assumam a representação do mesmo. Do mesmo modo, as pessoas solicitadas pelo Estado para a governança devem ser reconhecidas. Todavia, tudo isto não diz sobre o conteúdo da atividade autoritativa, sobre o que o Estado ordena e determina. Trata-se de saber em que medida esse conteúdo pode estar predeterminado pelo sentido próprio do Estado. Para Edith Stein, “[...] se a relação de autoridade constitui a substância do Estado, então o mantimento dessa relação é o único critério que lhe vem dado por seu próprio sentido [...]”.¹³¹²

Na concepção de Edith Stein, o Estado tem que determinar e ordenar o que é necessário para este fim, para que não haja obstáculos neste caminho — e que nada possa impedir a realização deste fim. Frente a esta terceira categoria — as ordenações e determinações que permanecem excluídas pelo sentido do Estado — encontram-se também todas aquelas cujo conteúdo implica o risco de por em perigo de reconhecimento da relação de autoridade: as que podem incitar os cidadãos a negarem a obediência do Estado, as que podem provocar a um poder estrangeiro a atentar contra a soberania do Estado [ordens cujo conteúdo suscite indignação moral nas pessoas humanas, proponham exigências

¹³¹¹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 593:

“[...] el Estado no puede estar sometido a ninguna otra autoridad, sino que ha de ser soberano”. [Tradução livre].

¹³¹² STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 594:

“[...] si la relación de autoridad constituye [66] la substancia del Estado, entonces el mantenimiento de esa relación es el único criterio que el viene dado por su propio sentido [...]”. [Tradução livre].

excessivas à ação dos cidadãos e levantem dúvidas sobre a firmeza e constância da vontade do soberano].¹³¹³

Edith Stein cita, entre os atos obrigados, o castigo de toda rebelião contra a autoridade do Estado, a defesa do território nacional contra qualquer ataque *etc.*. De acordo com Edith Stein, o que propriamente cria problemas é a terceira esfera: o âmbito do que está permitido pelo sentido do Estado. Politicamente, o que de ordinário as teorias apresentam como a “finalidade” ou a “missão” do Estado — construir um reino ético, velar pelo livre desenvolvimento da nação, preocupar-se com o bem-estar social *etc.* — não pode ter mais lugar do que este, se é que tem algum lugar. Nada obriga o Estado — de acordo com o seu sentido próprio — a pôr-se a serviço da lei moral, a ser um reino ético. Dito por Edith Stein:

[...] O reino de Satanás pode ser tão perfeitamente um Estado como o reino de Deus. A única questão é saber como este ou aquele espírito pode apoderar-se do conteúdo das disposições do Estado, e imprimir assim seu selo característico no conjunto da formação estatal concreta, se o Estado, enquanto tal, não o prescreve ou não possui absolutamente nenhum órgão para isso.¹³¹⁴

Nos escritos de Edith Stein, o Estado, por permanecer na esfera da liberdade, revelou-se inacabado em si mesmo — um projeto, assim como a pessoa humana — e deve receber de outras partes os motivos que o orientem para sua atividade. Edith Stein diz, então, que a motivação efetua-se nas pessoas que representam o Estado. Do ponto de vista fenomenológico-existencial, o que as pessoas fazem em virtude dos motivos experimentados por elas — e não pelo Estado mesmo — deve considerar-se como atividade do Estado, se se ajusta ao sentido do Estado.

¹³¹³ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³¹⁴ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 594:

[...] El reino de Satanás puede ser tan perfectamente un Estado como el reino de Dios. La única cuestión es saber cómo este o aquel “espíritu” puede apoderarse del contenido de las disposiciones del Estado, e imprimir así su sello característico en el conjunto de la formación estatal concreta, si el Estado, en cuanto tal, no lo prescribe o no posee absolutamente ningún órgano para ello. [Tradução livre].

Não obstante, se é contrário ao sentido do Estado não se trata, senão, de aparência de um ato do Estado.¹³¹⁵

Na existência do Estado, podem ocorrer casos nos quais os representantes do Estado realizarem — eventualmente de boa fé — um ato de representação para o qual não estão autorizados — o que significa sempre um perigo para o Estado. Para Edith Stein, “[...] é, em primeiro lugar, um *sintoma* de que no Estado há algo que não vai bem; e isso pode ser, concomitantemente, a causa de ulteriores transtornos [...]”.¹³¹⁶

Na vida concreta de cada Estado, revela-se comum este fato, e cada Estado pode suportar toda uma série de tais sacudidas. No entanto, se estas se acumulam, então terminam por minar a existência do Estado. Evidentemente, isto não se aplica só no caso dos atos que designamos permitidos pelo sentido do Estado. Contudo, isto não significa que devemos reconhecê-los como atos autenticamente estatais.¹³¹⁷

De acordo com Edith Stein, quando um governo, em matéria de educação, adota medidas que não estão a serviço do Estado — nem na realidade e nem na aparência — sem que, não obstante, sejam-lhe prejudiciais, então vemos que tal governo se utiliza do Estado para fins que lhes são estranhos; e assistimos, mais uma vez, a uma aplicação do direito de representação que vai mais além do âmbito ao qual esse direito deve aplicar-se correspondentemente. Por não ser vulnerado por isso, o Estado pode aceitar que se utilize deste modo, ainda que com respeito ao Estado não sejam atos seus no sentido *stricto* da palavra.¹³¹⁸

¹³¹⁵ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³¹⁶ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 595:

“[...] Es, en primer lugar, un síntoma de que en el Estado hay algo que no va bien; y eso puede ser al mismo tiempo la causa de ulteriores transtornos [...]”. [Tradução livre].

¹³¹⁷ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³¹⁸ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

No presente estudo, vimos que esta restrição dos atos ao que prescreve o sentido do Estado não contradiz o que temos estabelecido anteriormente: que o Estado pode fazer-se cargo, por princípio, da direção de todas as empresas que se desenvolvem em seu âmbito. Pois, nenhuma ação permanece excluída, por princípio, da categoria dos atos que se ajustam ao sentido do Estado. Pode redundar em interesse do Estado o que a juventude se adeque, de certo modo, por exemplo, para que aprenda a se inserir corretamente na comunidade estatal. Na sua práxis, o Estado pode velar pelo bem-estar material dos cidadãos para reforçar a tendência dos mesmos a submeterem-se à autoridade estatal, ou também com miras à própria independência econômica do Estado.¹³¹⁹

Partindo deste ponto de vista, o espírito pode apoderar-se do conteúdo dos atos estatais de acordo com o sentido do Estado, que sua política respire certo espírito — que pareça obedecer a certo tipo de motivação. Este espírito corresponderá sempre ao *ethos* do povo que constitui o âmbito da autoridade do Estado, pois governar contra esse *ethos* equivale a cortar as raízes da existência do Estado.¹³²⁰

[...] Quando a política se distancia do que prescreve o sentido do Estado — isto é, quando se compõe de atos pseudoestatais —, então dessa política fala-se unicamente do Espírito que anima os representantes do Estado. De fato, ao exercer sua influência sobre *eles*, então um de fora do Estado pode utilizar também o Estado para colocá-lo a serviço de seus fins, e este pode ser tanto Deus como Satanás.¹³²¹

Em vista do exposto, quando Edith Stein diz que a Divina Providência confere ao Estado uma missão particular na história da humanidade, isso não exclui, em absoluto, que essa missão tenha sido

¹³¹⁹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³²⁰ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³²¹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 596:

[...] Al ejercer su influencia sobre *ellos*, entonces uno de fuera del Estado puede utilizar también al Estado para ponerlo al servicio de sus propios fines, y éste puede ser tanto Dios como Satanás [...]. [Tradução livre].

inscrita por Deus na ideia do Estado. Para Edith Stein, é possível, unicamente, que Deus encontre que o Estado, tal como este se ajuste à sua ideia, possa servir para realizar os designios divinos, politicamente. Por este motivo, Deus pode agir de modo que no mundo se criem e atuem Estados que respondam a suas intenções divinas.¹³²²

Nos escritos de Edith Stein, são dois os modos pelos quais o Estado se encontra a serviço dos desígnos da Providência:

[...] Sempre que o Estado atua de acordo com seu próprio sentido favorece igualmente os fins divinos, e *deve* favorecê-los para manter a si mesmo [...]. Outra possibilidade seria a de que os representantes do Estado utilizem sua posição dominante para impor os mandamentos divinos no âmbito de sua autoridade. Então, não seria o Estado mesmo que estivera a serviço dos fins divinos; mas, que dar-se-ia, unicamente, o fato de que o Estado existe, e de que alguém poder servir-se da autoridade do Estado para realizar fins extra-estatais.¹³²³

Por fim, Edith Stein escreve:

[...] saber se o Estado possui tal missão e *de que modo* a cumpre, isso não é mais do que uma pura questão de fatos, e para ela uma teoria sobre os princípios do Estado não tem resposta. Essa teoria pode, unicamente, fazer constar que nada disso se encontra prefigurado na ideia de Estado, porém que, tampouco, há nada que o exclua.¹³²⁴

Por este motivo, Edith Stein rechaça a fundamentação da doutrina do Estado na “ideia do reino moral”, tal como o filósofo do direito Friedrich Julius Stahl considera necessário em sua obra clássica sobre a política

¹³²² STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³²³ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 596:

[...] Siempre que el Estado actúa según su propio sentido, favorece igualmente a los fines divinos, y debe favorecerlos para mantenerse él mismo [...]. Otra posibilidad sería la de que los representantes del Estado utilicen su posición dominante para imponer los mandamientos divinos en el ámbito de su autoridad. Entonces no sería el Estado mismo el que estuviera al servicio de los fines divinos, sino que se daría únicamente el hecho de que el Estado existe, y de que uno puede servirse de su autoridad para realizar fines extraestatales. [Tradução livre].

¹³²⁴ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 596:

[...] En cuanto a saber si el Estado tiene tal misión y de qué manera la cumple, eso no es más que una pura cuestión de hechos, y para ella una teoría acerca de los principios del Estado no tiene respuesta. Esa teoría puede únicamente hacer constar que nada de ello se encuentra prefigurado en la idea del Estado, pero que tampoco hay nada que lo excluya [...]. [Tradução livre].

conservadora intitulada *A filosofia do direito em perspectiva histórica* [*Die Philosophie des Rechts nach geschichtlicher Ansicht*] e seu segundo volume *Doutrina do direito e do Estado fundada na concepção cristã do mundo* [*Rechts — und Staatslehre auf die Grundlage christlicher Weltanschauung*], por entender que incorre em erro o pensar que tais razões são derivadas da ideia do Estado.¹³²⁵

5.1

A COMUNIDADE ESTATAL

Viver em comunidade com homens quer dizer, em boa medida, vê-los atuar e atuar com eles. Viver entre obras do homem quer dizer vê-las aparecer e desaparecer, ser formado por elas e ajudar a que outros se formem por elas: a vida do homem é *vida cultural*. O mundo do homem é um mundo espiritual pluriforme, constituído por pessoas individuais e por comunidades, por formas sociais e por obras do espírito. Nele está o homem, nele vive, dentro dele olha, nele lhe sai ao encontro a existência e a condição humana.¹³²⁶

Aristóteles — o “mestre dos que sabem”¹³²⁷ — escreve, em *Ética a Nicômaco*: “[...] toda arte e toda investigação, assim como toda ação e toda escolha, têm em mira um bem qualquer; e por isso foi dito, com muito acerto, que o bem é aquilo a que todas as coisas tendem [...]”.¹³²⁸

[...] Se, pois, para as coisas que fazemos existe um fim que desejamos por ele mesmo e tudo o mais é desejado no interesse desse fim; e se é verdade que toda coisa que desejamos com vistas a outra [porque, então, o processo se repetiria ao infinito,

¹³²⁵ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³²⁶ STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Föllrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, pp. 593-594:

Vivir en comunidad con hombres quiere decir, en buena medida, verlos actuar y actuar con ellos. Vivir entre obras del hombre quiere decir verlas aparecer y desaparecer, ser formado por ellas y ayudar a que otros se formen por ellas: la vida del hombre es *vida cultural*. El mundo del hombre es un mundo espiritual pluriforme, constituído por personas individuales y por comunidades, por formas sociales y por obras del espíritu. En él está el hombre, en él vive, dentro de él mira, en él le salen al encuentro la existencia y la condición humanas. [Tradução livre].

¹³²⁷ ALIGHIERI, D. *A Divina Comédia* — Inferno, Canto IV, 130-133. In: _____. *A Divina Comédia*. Trad. Italo Eugenio Mauro. 4. ed. São Paulo: 34, 2017.

¹³²⁸ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, I, 1. In: _____. *Metafísica*: livro I e II. Trad. Vinzenzo Cocco. *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. Poética. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

e inútil e vão seria o nosso desejar], evidentemente tal fim será o bem, ou antes, o sumo bem.¹³²⁹

Pensando deste modo, se para as coisas que nós [seres humanos] fazemos existe um fim que desejamos por ele mesmo e tudo o mais é desejado no interesse desse fim e se é verdade que nem toda coisa desejamos com vistas em outra, tal fim será o “sumo bem”.¹³³⁰

Poder-se-á objetar ao que acabamos de dizer que a ciência cuja tarefa consiste em estudar o “fim último” do ser humano é a política.¹³³¹

[...] Ninguém duvidará de que o seu estudo pertença à arte mais prestigiosa e que mais verdadeiramente se pode chamar a arte mestra. Ora, a política mostra ser dessa natureza, pois é ela que determina quais as ciências que devem ser estudadas num Estado, quais são as que cada cidadão deve aprender, e até que ponto; e vemos que até as faculdades tidas em maior apreço, como a estratégia, a economia e a retórica, estão sujeitas a ela. Ora, como a política utiliza as demais ciências e, por outro lado, legisla sobre o que devemos e o que não devemos fazer, a finalidade dessa ciência deve abranger as das outras, de modo que essa finalidade será o bem humano. Com efeito, ainda que tal fim seja o mesmo tanto para o indivíduo como para o Estado, o deste último parece ser algo maior e mais completo, quer a atingir, quer a preservar. Embora valha bem a pena atingir esse fim para um indivíduo só, é mais belo e mais divino alcançá-lo para uma nação ou para as cidades-Estados [...].¹³³²

Evidentemente, Aristóteles não identifica ética com política. Na vida política, o ser humano só chega a alcançar o “fim último” — *eudaimonia* [o estado de ser habitado por um bom *daemon*, um bom gênio] — com outros seres humanos [humanos *como* ele], por seu esforço pessoal, mas também como membro de uma comunidade.¹³³³

Para Aristóteles, a *eudaimonia* é uma *atividade* [da alma].¹³³⁴

¹³²⁹ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, I, 2. In: _____. *Metafísica*: livro I e II. Trad. Vinzenzo Cocco. *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

¹³³⁰ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*; *Poética*. Trad. Leonel Vallandro, Gerd Bornheim e Eudoro de Souza. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

¹³³¹ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*; *Poética*. Trad. Leonel Vallandro, Gerd Bornheim e Eudoro de Souza. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

¹³³² ARISTÓTELES. EN, I, 2. In: _____. *Ética a Nicômaco*; *Poética*. Trad. Leonel Vallandro, Gerd Bornheim e Eudoro de Souza. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

¹³³³ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*; *Poética*. Trad. Leonel Vallandro, Gerd Bornheim e Eudoro de Souza. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

¹³³⁴ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*; *Poética*. Trad. Leonel Vallandro, Gerd Bornheim e Eudoro de Souza. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

[...] Se a função do homem é uma atividade da alma que segue ou que implica um princípio racional, e se dizemos que "um tal-e-tal" e "um bom tal-e-tal" têm uma função que é a mesma em espécie [por exemplo, um tocador de lira e um bom tocador de lira, e assim em todos os casos, sem maiores discriminações, sendo acrescentada ao nome da função a eminência com respeito à bondade — pois a função de um tocador de lira é tocar lira, e a de um bom tocador de lira é fazê-lo bem]; se realmente assim é [e afirmamos ser a função do homem uma certa espécie de vida, e esta vida uma atividade ou ações da alma que implicam um princípio racional; e acrescentamos que a função de um bom homem é uma boa e nobre realização das mesmas; e se qualquer ação é bem realizada quando está de acordo com a excelência que lhe é própria; se realmente assim é], o bem do homem nos aparece como uma atividade da alma em consonância com a virtude, e, se há mais de uma virtude, com a melhor e mais completa.¹³³⁵

Na comunidade política, o homem feliz vive bem e age bem. Nos escritos de Aristóteles, a felicidade é praticamente definida como uma espécie de “boa vida” e “boa ação”.¹³³⁶

Para que este fim da “vida boa” possa ser alcançado é necessário que os indivíduos — cidadãos — cultivem juntos o interesse comum:

[...] é preciso ajuntar "numa vida completa". Porquanto uma andorinha não faz verão, nem um dia tampouco; e da mesma forma um dia, ou um breve espaço de tempo, não faz um homem feliz e venturoso.¹³³⁷

Por esta via, Aristóteles distancia-se de seu mestre Platão, que não sacrifica a felicidade do indivíduo pela felicidade da *pólis*.

Nos escritos de Edith Stein, a *massa* é o tipo de convivência mais elementar da vida política, que desvela a seguinte peculiaridade:

[...] os indivíduos que formam parte dela influenciam-se reciprocamente, sem saber nada da influência que exercem ou que experienciam, e sem vivenciar que seu comportamento, que essa influência recíproca pode fazer que seja *homogêneo*, seja *comum* [...].¹³³⁸

¹³³⁵ ARISTÓTELES. EN, I, 7. In: _____. *Ética a Nicômaco; Poética*. Trad. Leonel Vallandro, Gerd Bornheim e Eudoro de Souza. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

¹³³⁶ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco; Poética*. Trad. Leonel Vallandro, Gerd Bornheim e Eudoro de Souza. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

¹³³⁷ ARISTÓTELES. EN, I, 7. In: _____. *Ética a Nicômaco; Poética*. Trad. Leonel Vallandro, Gerd Bornheim e Eudoro de Souza. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

¹³³⁸ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, pp. 527-528:

Na vida associativa, a massa existe unicamente enquanto os indivíduos que a constituem encontram-se efetivamente em contato, vindo a dissolver-se quando esse contato cessa. Não encontramos na massa nenhuma organização que persista mais do que o estar juntos. Tampouco existe alguma forma de estar juntos desligada dos indivíduos e que venha a ser objetiva. Tais formas objetivas — as instituições estatais em sentido amplo — encontram-se onde quer que falamos de Estados. No entanto, a massa não pode ser considerada como a forma típica da convivência no Estado — o que não exclui que, dentro de um Estado, os indivíduos se agrupem frequentemente para constituir uma massa.¹³³⁹

Nas reflexões de Edith Stein, “[...] não se poderá compreender, de modo algum, desta maneira a estrutura do Estado”.¹³⁴⁰

No século XXI, a teologia latino-americana da libertação opta por abordar o Estado — estrutura social — como pessoa [jurídica], que possui soberania — *conditio sine qua non* —, povo e território. Para fins de abarcá-lo como um fenômeno onto-teológico-político, a indicação de Edith Stein é: “[...] temos que buscar seu lugar no reino do espírito [...]”.¹³⁴¹

Pelo contrário, os escritos de Edith Stein não desvelaram nenhuma função espiritual na massa. Na *comunidade* [*Gemeinschaft*], deparamo-nos com um ser especificamente fundado no espírito e caracterizado por aquilo que falta à massa: que os indivíduos vivam nela em comum, uns com os outros no sentido estrito do termo. Na vida em comunidade, nenhum indivíduo é absorvido — como acontece com os indivíduos que vivem em

[...] los individuos que forman parte de ella influyan recíprocamente, sin saber nada de la influencia que ejercen o que experimentan, y sin vivenciar que su comportamiento, que esa influencia recíproca puede hacer que sea homogéneo, sea común [...]. [Tradução livre].

¹³³⁹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁴⁰ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, pp. 527-528:

“[...] no se podrá comprender en modo alguno de esta manera la estructura del Estado”. [Tradução livre].

¹³⁴¹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, pp. 527-528:

“[...] tenemos que buscar su lugar en el reino del espíritu”. [Tradução livre].

massa — em sua própria vivência, senão que os outros lhe são dados como companheiros de sua vida — e o indivíduo sente que pertence a uma comunidade que, por sua parte, é o sujeito de uma vida própria.¹³⁴²

Na vida comunitária, constituem-se formas estáveis, cuja realização pode ser assumida sucessivamente por diversos indivíduos. Temos aqui uma organização distinta dos indivíduos mesmos, que salta aos nossos olhos, sob diversas olhadas, mais próxima da condição do Estado. No entanto, antes de enveredarmos pela questão de saber se o Estado é um caso particular da organização da comunidade — e antes de indicar o que o distingue da forma de outras organizações comunitárias — consideramos o terceiro tipo essencial de sociedade: a *sociedade* [*Gesellschaft*].¹³⁴³

Nas palavras de Edith Stein:

[...] O peculiar da sociedade o vemos em que, em contraste com a comunidade, os indivíduos são *objetos* uns para os outros, e não sujeitos que vivam juntos como na comunidade. Isto há que tomá-lo, evidentemente, *cum grano salis*, por quanto não se trata simplesmente de objetos, senão de sujeitos objetivados, e de onde esta objetivação pressupõe o simples tomar como o sujeito próprio da atitude comunitária [...].¹³⁴⁴

No fenômeno da intersubjetividade, a sociedade desvela-se como uma variante racional da comunidade. Por si mesmo, o que se produz na convivência ingênua, isso mesmo é suscitado na vida social, por atos deliberados claramente conscientes.¹³⁴⁵ Mas a questão que nos inquieta é: em qual forma de sociedade incluiríamos a organização estatal?

¹³⁴² STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁴³ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁴⁴ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, pp. 528-529:

[...] Lo peculiar de la sociedad lo vemos en que, en contraste con la comunidad, los individuos son *objetos* los unos con los otros, y non sujetos que vivan juntos como en la comunidad. Esto hay que tomarlo evidentemente *cum grano salis*, por cuanto no se trata simplemente de objetos, sino de objetos objetivados, y donde esta objetivação presupone el simple tomar como el sujeto propio de la actitude comunitaria. [Tradução livre].

¹³⁴⁵ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

Partindo dos escritos de Edith Stein, se aceitamos — como a doutrina sobre o Estado dominante na Europa — a tese *contratualista* que considera que o Estado tem como fundamento um “contrato social” estabelecido entre indivíduos, que se convertem em cidadãos do mesmo, já encontramos uma resposta para nossa questão, que se revela a favor da sociedade: porque se admite uma origem puramente racional do Estado — uma criação do mesmo em virtude de um ato livre.¹³⁴⁶ Não obstante,

[...] quando um povo conquistador se funde em um povo submetido em uma entidade estatal — como aconteceu em todos os Estados germânico-românicos — não se pode e nem se deve falar de contrato entre elementos heterogêneos que se integram em um novo conjunto político. Por razão da superioridade, que pode compreender-se como uma simples relação de comunidade para comunidade, os vencedores assumem o papel de guia, arrogando-se todos os direitos e todas as funções que lhes satisfazem, sem que nenhum ato formal de submissão tenha sido efetuado pelos submetidos, e sem uma adoção formal de poder, como o tem exigido a formação de uma sociedade [...].¹³⁴⁷

No caso concreto, outros direitos e funções são deixados aos subjugados, de um modo também completamente ingênuo, sem chegar à claridade racional sobre a linha de separação nem a estabelecer como direito em atos voluntários. Por via de costumes, com a mesma “ingenuidade”, pode-se assumir formas jurídicas existentes e disposições estatais que se convertem deste modo em componentes da formação estatal em desenvolvimento. Por outra parte, é possível que intervenham considerações racionais e acordos livres ou decretos unilaterais. Para a criação e o desenvolvimento do Estado, esses atos livres só têm

¹³⁴⁶ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁴⁷ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 529:

[...] cuando un pueblo conquistador se funde con un pueblo sometido en una entidad estatal — como sucedió en todos los Estados germánico-românicos — no se puede ni se debe hablar de contrato entre elementos heterogêneos que se integran en un nuevo conjunto político. Por razón de la superioridad, que puede comprenderse como una simple relación de comunidad con comunidad, los vencedores asumen el papel de guía y se arrogan todos los derechos y todas las funciones que les complacen, sin que ningún acto formal de sumisión haya sido efectuado por los sometidos, y sin una adopción formal de poder, como lo hubiera exigido la formación de una sociedad. [Tradução livre].

significação se respeitam as relações comunitárias existentes e se contentam com sancioná-las.¹³⁴⁸

No estudo do Estado em Edith Stein, constatamos o que segue: os Estados podem ter na sua base uma sociedade ou uma comunidade — e “[...] só em um grau mais superior do desenvolvimento estatal trata-se de uma organização social, isto é, o contrário do que ensina a teoria contratualista, entendida como hipótese acerca da origem do Estado”.¹³⁴⁹

Na investigação do Estado na contemporaneidade, indagamo-nos sobre a possibilidade de os indivíduos viverem no Estado sem entrarem em relação recíproca. Esta possibilidade não tem sentido em Edith Stein, a não ser que rompamos com a concepção que vê no Estado uma forma de convivência. Nos escritos de Edith Stein, constatamos que o Estado — abordado do ponto de vista onto-teológico-político — reclama para si constituir-se sobre a base de uma comunidade estatal: “[...] da comunidade dos indivíduos que vivem no Estado [...]”.¹³⁵⁰

Na história pessoal — Historiobiografia — e nos escritos de Edith Stein, colhemos um exemplo peculiar de *vivência comunitária de integração*, em circunstâncias concretas do Estado:

[...] Em nosso hospital havia representantes de todas as nações da monarquia austro-húngara: alemães, tchecos, eslovacos, eslovenos, poloneses, rutenos, húngaros, romenos, italianos. Ciganos também não eram raros, sem contar, às vezes, russos, ou turcos. Para que os médicos pudessem comunicar-se com os doentes, havia um pequeno manual que continha, em nove línguas, as perguntas e as respostas necessárias. Logo me familiarizei com o manual. Certa vez, quando me dirigia para a nossa pequena cozinha, ouvi doutor Pick, que se encontrava junto ao leito de um doente bem longe, dizer para Irmã Emma:

¹³⁴⁸ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁴⁹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 530:

“[...] sólo en un grado superior de desarrollo estatal se trata de una organización social, es decir, lo contrario de lo que enseña la teoría contratualista, entendida como hipótesis acerca del origen del Estado”. [Tradução livre].

¹³⁵⁰ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 530:

“[...] de la comunidad de los individuos que viven en el Estado”. [Tradução livre].

“Vocês querem ver, com certeza ela sabe”. Depois ele me chamou, gritando pela sala: “Irmã Edith, como se fala *transpirar* em húngaro?”. Respondi-lhe sem interromper meu trabalho [...].¹³⁵¹

Por ocasião da Primeira Guerra Mundial, Edith Stein interrompeu os seus estudos universitários — voluntariamente — para servir como enfermeira da Cruz Vermelha, que culminou na narrativa supracitada. No caso concreto desta experiência de Edith Stein, percebemos que:

Se passamos do encontro isolado à convivência duradoura, o externo e o universal quase sempre retrocedem mais e mais atrás o interno e pessoal. A relação se faz mais expressa. Paulatinamente, vai-se convertendo em um estar com o outro durador e que se dá por suposto, quiça também em um estar junto ao outro ou com o outro em diferentes formas de comunidade. Na ideia que nos formamos dele ir entrando cada vez mais na “história” do homem, de seu “destino”, e em relação com isso uma consciência da recíproca responsabilidade. A vida do homem é uma *vida em comunidade* e um *processo reciprocamente condicionado*.¹³⁵²

5.1.1

SOBERANIA [CONDITIO SINE QUA NOM]

[...] O Estado não é nem uma pessoa individual nem uma associação de pessoas; não pode ser chamado à existência por um ato de associação realizado entre várias pessoas. A fundação do Estado é um ato que não tem sentido senão enquanto ato do Estado. Claro que esse ato de fundação não pode realizar-se senão na forma de que uma pessoa ou um corpo de pessoas aceitem chegar a ser um órgão do Estado. Porque é verdade que só pessoas ou associações de pessoas podem realizar atos. Há que observar o duplo caráter destes “representantes do Estado”. São, por um lado, pessoas que por si mesmas realiza atos; e são, por outro lado, órgãos do Estado que atuam em nome dele mesmo. Não podem atribuir-se a si mesmos a qualidade de

¹³⁵¹ STEIN, E. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 432.

¹³⁵² STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Föllrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, pp. 593-594.

Si pasamos del encuentro aislado a la convivencia duradera, lo externo y lo universal casi siempre retroceden más y más tras lo interno y personal. La relación se hace más expresa. Se va convirtiendo paulatinamente en un estar uno con otro duradero y que se da por supuesto, quizá también en un estar junto al otro o contra el otro en diferentes formas de comunidad. En la idea que nos formamos de él va entrando cada vez más de la “historia” del hombre, de su “destino”, y en relación con ello una conciencia de la recíproca responsabilidad. La vida del hombre es una *vida en comunidad* y un *proceso reciprocamente condicionado*. [Tradução livre].

representantes. O Estado é o que os reveste com essa função [...].¹³⁵³

Na estrutura ôntica do Estado, evidenciamos que a soberania — *conditio sine qua non* — desempenha um papel análogo ao da liberdade na estrutura da pessoa individual. No escrito intitulado *Uma Investigação sobre o Estado* [*Eine Untersuchung über den Staat*, 1925], Edith Stein reflete que uma pessoa é livre na medida em que realiza atos espontâneos e em que governa a si mesma. Esta liberdade é inseparável da personalidade. No mesmo sentido, a soberania é liberdade, com uma única diferença: “[...] o que se governa a si mesmo é aqui um todo social, e cujos atos são modificados em consequência [...]”.¹³⁵⁴

Nos escritos de Edith Stein, a soberania está para o Estado do mesmo modo que a liberdade está para o indivíduo, como fonte de atos espontâneos — como personalidade. Por este motivo, consideramos o Estado em Edith Stein como uma pessoa — o que não podemos afirmar a respeito do povo, que constitui uma comunidade de pessoas.¹³⁵⁵

[...] Quando um Estado é privado de sua soberania e submetido às disposições e ordens de outro Estado, então perde seu caráter de Estado, do mesmo modo que um indivíduo que, privado de sua espontaneidade, permanece acorrentado à vontade de outro, perdendo sua personalidade.¹³⁵⁶

¹³⁵³ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 557:

[...] El Estado no es ni una persona individual ni una asociación de personas; no puede ser llamado a la existencia por un acto de asociación realizado entre varias personas. La fundación del Estado es un acto que no tiene sentido sino en cuando acto del Estado. Claro que ese acto de fundación no puede realizarse sino en la forma de que una persona o un cuerpo de personas acepten llegar a ser un órgano del Estado. Porque sigue siendo verdad el que sólo personas o asociaciones de personas pueden realizar actos. Hay que observar el doble carácter de estos “representantes del Estado”. Son, por un lado, personas que por sí mismas realizan actos; y son, por otro lado, órganos del Estado que actúan en nombre del mismo. No pueden atribuirse a sí mismos la calidad de representantes; el Estado es el que los reviste con esa función [...]. [Tradução livre].

¹³⁵⁴ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 571:

“[...] lo que se gobierna a sí mismo es aquí un todo social, y cuyos actos son modificados en consecuencia [...]”. [Tradução livre].

¹³⁵⁵ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁵⁶ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 571:

Nas reflexões de Edith Stein, o paralelismo entre liberdade pessoal e soberania estatal permite compreender porque existe a inclinação a considerar o Estado — e não o povo — como “pessoa”, apesar de que o povo pode parecer mais próximo da personalidade individual. Para Edith Stein, o povo — de acordo com sua consistência essencial — é uma comunidade de pessoas e pode realizar atos livres.¹³⁵⁷

[...] A vida de um povo se desenvolve em grande parte em forma de tomada de posições e de ações impulsivas. A vida do Estado está incluída plenamente no âmbito da liberdade; se realiza exaustivamente em atos livres. Onde quer que nos encontramos com o Estado, ele se apresenta a nós sempre em atos livres, e por este mesmo fato se apresenta a nós como uma unidade acumulada; da mesma maneira que, pelo contrário, a pessoa individual atesta melhor a originalidade da unidade pessoal por seu querer e seu atuar e por qualquer outro comportamento no qual manifeste seu império sobre si mesma, que quando se abandona a circunstâncias, a tendências, a reações *etc.*, que com muita frequência correm perigo de ser díspares e divergentes.¹³⁵⁸

Na investigação do Estado em Edith Stein, tudo isto reverbera a impossibilidade de fechar o Estado em si mesmo — e a necessidade de reconhecer na sua estrutura ôntica um fundamento diferente dele mesmo. Para Edith Stein, assim como uma pessoa individual não pode exclusivamente querer e atuar — porque é necessário que receba impulsos

[...] Cuando un Estado es privado de su soberanía y queda sometido a las disposiciones y órdenes de otro Estado, entonces pierde su carácter de Estado, de la misma manera que un individuo que, privado de su espontaneidad, queda encadenado a la voluntad de otro, pierde su personalidad. [Tradução livre].

¹³⁵⁷ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁵⁸ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 571:

[...] La vida de un pueblo se desarrolla en gran parte en forma de toma de posiciones y de acciones impulsivas. La vida del Estado está incluída plenamente en él ámbito de la libertad; se realiza exaustivamente en actos libres. Allá donde nos encontramos con el Estado, él se nos presenta siempre en actos libres, y por este mismo hecho se nos presenta como una unidad acumulada; de la misma manera que, por lo demás, la persona individual atestigua mejor la originalidad de la unidad personal por su querer y su actuar y por cualquier otro comportamiento en el que manifieste su imperio sobre sí misma, que cuando se abandona a circunstancias, a tendencias, a reacciones, *etc.*, que con mucha frecuencia corren peligro de ser díspares y divergentes. [Tradução livre].

para isso — assim também os atos do Estado não são concebíveis sem a atividade complexa da vida social que lhes dá conteúdo e orientação.¹³⁵⁹

Na vida política, as comunidades se distinguem, inicialmente, pelo número de indivíduos que as compõem. Por conseguinte, de acordo com os modos em que essas comunidades estejam ancoradas nos indivíduos que constituem seu fundamento. Por fim, conforme as relações que mantêm com as outras comunidades, que podem pertencer à mesma ordem ou estar coordenadas ou subordinadas a elas.¹³⁶⁰

[...] Existem comunidades que ocupam o nível inferior, no sentido de que não podem conter outras e não se baseiam em nenhuma outra comunidade: são a família, entendida no sentido mais estrito, e a relação de amizade [...].¹³⁶¹

Nas reflexões de Edith Stein, identificamos que essas pequenas comunidades podem ser englobadas em comunidades maiores — o clã, o povo, a comunidade religiosa *etc.* — ou, eventualmente, podem estar seccionadas por elas. Para Edith Stein, podem acontecer casos que a comunidade de menor amplitude seja tributária, em seu desenvolvimento, da estrutura da comunidade que a engloba.¹³⁶² Não obstante, “[...] esta influência não altera em nada seu caráter como família ou como vínculo de amizade. Para este caráter pouco importa — por princípio — o que se inscreva ou não em conjuntos mais amplos”.¹³⁶³

¹³⁵⁹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁶⁰ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁶¹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 531:

[...] Hay comunidades que ocupan el nivel inferior, en el sentido de que no pueden contener a otras y de que no se basan en ninguna otra comunidad: son la familia, entendida en el sentido más estricto, y la relación de amistad [...]. [Tradução livre].

¹³⁶² STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁶³ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 531:

Por outra parte, identificamos nos escritos de Edith Stein — como o polo oposto a estas comunidades estreitas — a comunidade universal, que reúne todos os indivíduos espirituais. Para Edith Stein, todas as comunidades particulares se integram na comunidade universal, enquanto que ela mesma não está dominada por nenhuma outra:

[...] Sua organização depende do gênero e do número das comunidades integradas e das múltiplas relações recíprocas que as vinculam. Embora a conscientização de pertencer a essa comunidade abrangente possa ser mais ou menos desenvolvida de acordo com o espírito das comunidades mais estreitas e a qualidade dos indivíduos que formam parte delas, e a forma de posição frente a ela pode ser diferente [...].¹³⁶⁴

Não obstante, abstraindo dessas variações, essa comunidade suprema existe, estejam integradas nela ou não outras comunidades:

[...] existe em cada comunidade mais estreita como o fundamento da mesma; e existe para além de todas as comunidades mais estreitas como a ampliação potencial das mesmas que pode atualizar-se a qualquer momento.¹³⁶⁵

Nos escritos de Edith Stein, demo-nos conta de que a comunidade estatal está situada entre estes dois extremos: compreende outras comunidades e está compreendida em outras. Não obstante, enquanto que as comunidades supracitas não perdiam nada de seu caráter específico por influência das comunidades que estavam superordenadas ou subordinadas

“[...] esta influencia no altera en nada su carácter como familia o como vínculo de amistad. Para este carácter poco importa — por principio — el que se inscriba o no en conjuntos más amplios”. [Tradução livre].

¹³⁶⁴ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 531:

[...] Su organización depende del género y del número de las comunidades integradas y de las múltiples relaciones recíprocas que las vinculan. En tanto que la conciencia de pertenecer a esa comunidad englobante puede estar más o menos desarrollada conforme al espíritu de las comunidades más estrechas y la cualidad de los individuos que forman parte de ellas, y la forma de posición frente a ella puede ser diferente [...]. [Tradução livre].

¹³⁶⁵ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 531:

[...] existe en cada comunidad más estrecha como en el fundamento de la misma. Y existe más allá de todas las comunidades más estrechas como la ampliación potencial de las mismas que puede actualizarse en cualquier momento. [Tradução livre].

a elas, aqui há um limite de condicionamento por outras comunidades que não poderiam ser transferidas se o caráter de Estado não fosse abolido.¹³⁶⁶

Na pena de Aristóteles, existe estatalidade onde:

[...] homens que vivem em comum tendo em vista a auto-suficiência, homens que são livres e iguais, quer proporcionalmente, que aritmeticamente, de modo que entre os que não preenchem esta condição não existe justiça política, mas justiça num sentido especial e por analogia.¹³⁶⁷

Nos escritos de Aristóteles, interessou-nos a definição de autosuficiência [*autarkia*]. Este conceito aristotélico aponta na mesma direção em que nós buscamos o específico da comunidade estatal. Esta não se deixa determinar de modo puramente interno pela relação recíproca dos indivíduos pertencentes a ela, mas que é próprio dela que até fora deve estar delimitada e protegida para que em si seja determinada. Na ótica de Edith Stein, a noção de *autarquia* de Aristóteles tem seu equivalente mais preciso no conceito moderno de *soberania*, mesmo que as duas ideias não coincidam inteiramente.¹³⁶⁸

O Estado deve ser seu próprio dono; nenhum poder exterior — seja um indivíduo ou uma comunidade supraordenada, coordenada ou subordinada — ha de prescriber-lhe as formas de sua vida estatal. Quando de dois Estados — portanto, duas entidades comunitárias originalmente coordenadas — vem um deles a interferir na organização do outro e a impor-lhe leis [seja valendo-se de uma superioridade militar ou econômica ou de qualquer outra maneira], o segundo perde sua soberania e, por isso mesmo, sua qualidade de Estado [...].¹³⁶⁹

¹³⁶⁶ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* (Etapa fenomenológica: 1915-1920). vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 531:

“La comunidad estatal se sitúa entre estos dos extremos. Comprende a otras comunidades y a su vez está comprendida en otras [...]”. [Tradução livre].

¹³⁶⁷ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, Livro V. In: _____. *Metafísica: livro 1 e 2*. Trad. Vincenzo Cocco. *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. Poética. Trad. Eudoro de Souza. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

¹³⁶⁸ ARISTÓTELES. *Metafísica: livro 1 e 2*. Trad. Vincenzo Cocco. *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. Poética. Trad. Eudoro de Souza. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

¹³⁶⁹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 532:

El Estado debe ser su propio dueño; ningún poder exterior — sea un individuo o una comunidad supraordenada, coordinada o subordinada — ha de prescriberle las formas de su vida estatal. Cuando de dos Estados — por tanto, dos entidades comunitarias originalmente coordenadas — viene uno de ellos a inmiscuirse en la organización del otro y a [6] imponerle leyes [sea valiéndose de una

Destarte, suponhamos que a comunidade que engloba todos os espíritos fora organizada de tal maneira que não reconheceria às comunidades englobadas por ela o direito a legislar por sua própria autoridade. No caso concreto, não se pode falar de formação de Estados, ou bem todos os Estados particulares seriam aniquilados em benefício de um Estado universal.¹³⁷⁰ Por conseguinte, Edith Stein diz:

[...] Imaginemos, finalmente, que comunidades incorporadas ao Estado [associações de famílias, partidos, corporações profissionais etc.] tiveram a possibilidade de demolir por si mesmas a organização do Estado e de remodelá-la de acordo com sua própria autoridade. Então o Estado seria dissolvido no seu interior e substituído pela *anarquia* [...].¹³⁷¹

Nos escritos de Edith Stein, estas últimas circunstâncias nos ofertam mais luz sobre a soberania e sobre sua importância constituída para o Estado. Pertence, inevitavelmente, ao Estado que suas ações e suas leis tenham sua fonte nele mesmo, e não em alguma outra comunidade que esteja por debaixo, ao lado ou sobre ele; que, por princípio, todo o direito em vigor em seu campo de jurisdição se derive dele e que todos os atos do conjunto devam ter nele mesmo seu ponto de partida.¹³⁷²

Por sua natureza mesma,

[...] o Estado tem em si um *poder que o representa em sua totalidade*. Tal poder é o autor de sua organização e de todas suas transformações, e que vela para que essas formas estatais sejam respeitadas por todos os indivíduos que, de algum modo, tenham relação com dito Estado. Diz-se que a essência do Estado é o *poder*; agora vemos qual é o sentido positivo desta afirmação, da qual tantas vezes se tem feito um uso indevido.

superioridad militar o económica o de cualquier otra manera], el segundo pierde su soberanía y, por ello mismo, su cualidad de Estado [...]. [Tradução livre].

¹³⁷⁰ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁷¹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 532:

[...] Imaginémonos, finalmente, que comunidades incorporadas al Estado [asociaciones de familias, partidos, corporaciones profesionales, etc.] tuvieran la posibilidad de derribar por sí mismas la organización del Estado y de remodelarla según su propia autoridad. Entonces el Estado quedaría disuelto desde dentro y sustituido por la *anarquía* [...]. [Tradução livre].

¹³⁷² STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

Trata-se de uma afirmação verdadeira, enquanto se entenda por “poder” a capacidade de manter a autonomia do Estado [...].¹³⁷³

Para Edith Stein, é indiferente — no que toca à integridade do Estado como tal — o fato de que esse poder postulado como representativo do Estado em sua totalidade seja possuído por um indivíduo só, por um povo em sua totalidade ou por uma representação do povo, e que as diferentes funções que o caracteriza — legislativa e executiva — encontrem-se reunidas em uma só mão ou estejam separadas.¹³⁷⁴

Na opinião de Edith Stein, no caso de preferência por um determinado regime político, essa eleição não foi procedida à luz de um claro conhecimento do que é a estrutura ôntica do Estado, senão que se fez por preferência do Estado ideal. Não obstante, semelhante Estado ideal, por outra parte, não pode ser construído livremente, senão que o sentido e a possibilidade do mesmo são só visíveis sobre a base do conhecimento do que é um Estado em geral.¹³⁷⁵

Isto posto, restou-nos examinar em que sentido o Estado — ou o poder estatal que o representa — é o autor último de todas suas ações, assim como do conjunto do direito em vigor:

[...] Com relação ao primeiro ponto, isso significa que o Estado tem o poder de vincular-se ao escopo de seu domínio. E significa, por outra parte, que ele não está submetido a nenhum outro poder. Pode dar, às pessoas que pertencem a seu âmbito de domínio, a ordem de fazer tal coisa ou tal outra, enquanto pessoa singular ou em nome do Estado. E “pode”, isto é,

¹³⁷³ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 533:

[...] el Estado tiene en sí un *poder que lo representa en su totalidad*, que es el autor de su organización y de todas sus transformaciones, y que vela para que esas formas estatales sean respetadas por todos los individuos que, de alguna manera, tengan relación con dicho Estado. Se dice que la esencia del Estado es el *poder*; ahora vemos cuál es el sentido positivo de esta afirmación, de la cuál tantas veces se ha hecho un uso indebido. Es una afirmación verdadera, mientras se entienda por “poder” la capacidad de mantener la autonomía del Estado [...]. [Tradução livre].

¹³⁷⁴ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁷⁵ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

corresponde-lhe o direito, e nessa medida o poder de obrigar e a iniciativa jurídica estão vinculadas entre si [...].¹³⁷⁶

De acordo com Edith Stein, o Estado pode aceitar empreender algo que lhe encarregaram os particulares ou as associações submetidas à sua autoridade, inclusive por encargo de outros Estados. Todavia, o faz em virtude de uma livre decisão, e ninguém tem o direito de exigir-lhe, a não ser que tenha sido autorizado para isso pelo Estado mesmo, que deste modo se obriga a si mesmo. O encarregar-se de tais obrigações particulares não diminui em nada a soberania do Estado. Pelo contrário, se o Estado reconheceria um poder de obrigar-lhe que fora superior a ele mesmo, então teria abandonado a sua soberania e isto significaria, por si mesmo, a autodestruição do Estado. De modo análogo, pode existir no Estado numerosas disposições jurídicas que não decorrem do Estado, mas que unicamente se encontram em vigor enquanto o Estado as tolera.¹³⁷⁷

Para Edith Stein, o Estado pode revogar quaisquer dessas disposições e assumir todas as organizações que se encontram dentro do campo de sua jurisdição. Não obstante, se o Estado não o faz, permite-se que no terreno de sua autoridade tenha vigência um direito que não tenha sido instituído por ele mesmo, e se acaso reconhece expressamente às associações de direito público — e inclusive indivíduos — o direito de legislar é uma autolimitação, mas não uma superação de sua soberania.¹³⁷⁸

Pela humanidade das palavras, vale realçar:

[...] Existe igualmente uma autolimitação quando o Estado reconhece o denominado *direito de gentes*, isto é, quando, em

¹³⁷⁶ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 533:

[...] En lo que respecta al primer punto, esto quiere decir que el Estado tiene el poder de obligar dentro del ámbito de su dominio. Y significa, por otra parte, que él no está sometido a ningún otro poder. Puede dar, a las personas que pertenecen a su ámbito de dominio, la orden de hacer tal cosa o tal otra, en cuanto persona singular o en nombre del Estado. Y “puede”, esto es, le corresponde el derecho, y en esa medida el poder de obligar y la iniciativa jurídica están vinculados entre sí [...]. [Tradução livre].

¹³⁷⁷ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁷⁸ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

suas relações com outros Estados, ele se obriga a respeitar certas formas [...].¹³⁷⁹

No caso concreto, não identificamos perda de soberania, senão quando o poder estatal, o órgão de autoconfiguração, é diminuído por uma vontade distinta da vontade do Estado. Para Edith Stein, desde o instante em que se estabeleceu por cima dos Estados atualmente existentes um poder que, por sua própria iniciativa, limitara a capacidade dos Estados para autoconfigurar-se, estes permaneceriam despojados de sua soberania. Não obstante, então desapareceriam do mesmo modo enquanto Estados particulares, e permaneceriam englobados na organização de um Estado universal.¹³⁸⁰ Por este motivo, Edith Stein escreve:

[...] O estabelecimento de um poder estatal é um ato pelo qual este poder se estabelece a si mesmo. Que satisfaça a exigência fundada nesta autoposição, a saber, que dentro do âmbito abarcado por ela só pode valer o direito estabelecido e sancionado por ela, e o Estado comece a existir de fato, isto depende de se este é reconhecido pelos indivíduos em questão e não é impugnado. Que este reconhecimento ou esta aceitação seja imediata, ou que tenha que utilizar meios próprios para persuadir os indivíduos, isso é indiferente [...].¹³⁸¹

Na vida política, todos os poderes estatais recorreram a algum meio para se estabelecerem e se manterem. Por princípio, a natureza dos meios não tem importância neste caso. De acordo com Edith Stein, quando entre duas grandes comunidades tais como um Império e um Estado membro, uma delas gerencia ela mesma parte de seus próprios assuntos, mas quanto ao resto depende da iniciativa da outra, perguntar-se-á qual das

¹³⁷⁹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 534:

[...] Existe igualmente una autolimitación cuando el Estado reconoce el denominado *derecho de gentes*, es decir, cuando, en sus relaciones con otros Estados, él se obliga a respetar ciertas formas [...]. [Tradução livre].

¹³⁸⁰ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁸¹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 534:

[...] El establecimiento de un poder estatal es un acto por el cual este poder se establece a sí mismo. Que satisfaga la exigencia fundada en esta autoposición, a saber, que dentro del ámbito abarcado por ella sólo puede valer el derecho establecido y sancionado por ella, y el Estado comience a existir de hecho, esto depende de si éste es reconocido por los individuos en cuestión y no es impugnado. Que este reconocimiento o esta aceptación sea inmediata, o que haya que utilizar medios propios para persuadir a los individuos, eso es indiferente [...]. [Tradução livre].

duas é um Estado soberano. Na opinião de Edith Stein, o critério que decide é a vontade da que dependa a delimitação.¹³⁸²

No caso concreto de um Estado incumbir voluntariamente a outra comunidade o uso de parte de seus direitos e de sua autoridade em sua esfera de poder — e isto o tem feito de modo que ele mesmo pode por si ampliar, restringir ou inclusive anular completamente esse encargo, não podendo se fazer nada disso sem sua colaboração —, então continua sendo um Estado soberano.¹³⁸³ Para Edith Stein:

[...] Não se converte em parte dessa comunidade, e a esfera de domínio desta última não se estende sobre seu território. Tal comunidade deve possuir um território próprio se tiver que ser reconhecida como um Estado em geral. Pelo contrário, se um Estado tiver renunciado a parte de suas funções [já seja tácita ou expressamente], de tal modo que este Estado não tem já a possibilidade de recuperá-las, e que é assunto do outro o que lhe foi transferido, então o Estado em questão deixou de existir. Talvez tenha posto fim a si mesmo. Passou sua esfera de domínio a outras mãos [...].¹³⁸⁴

Na esfera política, o fato de que a essa comunidade — antes organizada estatalmente — resta-lhe uma parte de suas funções não muda absolutamente em nada a situação. Na opinião de Edith Stein, se os dois fatores encarregados das funções estatais de uma esfera de domínio não podem modificar a distribuição destas funções, senão de comum acordo; do mesmo modo que haviam procedido em comum a sua organização, logo a questão de saber quem é o portador da soberania é particularmente

¹³⁸² STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁸³ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁸⁴ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 535:

[...] No se convierte en parte de esa comunidad, y la esfera de dominio de esta última no extiende sobre el terreno. Esa comunidad debe poseer un terreno propio si ha de ser reconocida como Estado en general. Por el contrario, si un Estado ha renunciado a parte de sus funciones [ya sea tácita o expresamente], de tal forma que ese Estado no tiene y a la posibilidad de recuperarlas, y que es asunto del otro lo que le queda transferido, entonces el Estado en cuestión ha dejado de existir. Tal vez se haya puesto fin a sí mismo. Su esfera de dominio ha pasado a otras manos [...]. [Tradução livre].

difícil. Não podemos considerar cada um desses fatores como soberano, nem podemos atribuir a soberania a um só dos dois.¹³⁸⁵

Para poder falar mais concretamente, Edith Stein cita o Império alemão e seus Estados membros. Na interpretação de Edith Stein, se nenhum deles tem o direito de modificar unilateralmente as competências reconhecidas, então nenhum deles é tampouco um Estado soberano.¹³⁸⁶

Não obstante, se os distintos Estados membros foram soberanos, e se tiveram despojado a favor do Império de certas funções em virtude de seu próprio direito, então o Império deveria considerar-se como o mandatário desses Estados — e não como um Estado. Por outra parte, se fora o Império que decidira a destruição das funções, então ele seria o Estado, e os denominados Estados membros seriam comunidades dotadas de funções estatais. Se tão só o Império e os Estados membros em comum podem modificar a distribuição das competências, então o Império articulado, de certo modo, é o portador da soberania.¹³⁸⁷

Na opinião de Edith Stein, existe no caso concreto uma vinculação interna, comparável à de um Estado que declara que sua Constituição é imutável. Há uma diferença perceptível entre os dois casos. Num dos casos, um Estado existente se determina a si mesmo. No outro caso, um Estado nasce de outro e no ato de nascer mesmo se vincula: chega à existência com esta vinculação.¹³⁸⁸

No momento de seu nascimento, o Império há absorvido a Estados que abdicaram de sua soberania em favor dele. Indubitavelmente, não abdicaram, senão, de parte de suas competências, e esta abdição foi a

¹³⁸⁵ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁸⁶ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁸⁷ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁸⁸ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

condição de possibilidade do estabelecimento do Império. Externamente, a soberania é clara e indubitável, mas o portador dessa soberania, em sua complexidade, é um *incredibile quoddam et monstro símile*, como Pufendorf chamava o antigo Império da Alemanha. Evidentemente, esta monstruosidade é uma incitação a romper o contrato, sendo que mediante essa ruptura poderia constituir-se um poder estatal “mais normal”: um Império que não estivera já ligado a uma determinada estrutura, ou bem o reestabelecimento dos antigos Estados.¹³⁸⁹ Para Edith Stein:

Quando dois poderes estatais diferentes, postos por eles mesmos, pretendem a mesma esfera de domínio — o que sucederia se, por exemplo, o Império e os Estados membros quisessem ser, cada um por si, um Estado soberano —, então a situação se encontra indecisa, porque o cumprimento de uma pretensão exclui o da outra. Aquela pretensão à qual se dobram os fatos mostrará com isso sua condição de Estado. Enquanto dure a situação conflitiva e nenhum poder chegue a se impor, a esfera do domínio combatida não pode denominar-se Estado.¹³⁹⁰

Nos escritos de Edith Stein, identificamos que a existência do Estado reclama para si um poder estatal que seja constituído por si mesmo e reconhecido: que possua meios para impor seu reconhecimento e penalizar as transgressões de seu direito. Por soberania designamos essa característica do poder estatal de ser ele mesmo único e legítimo para dispor de sua esfera de domínio — e de restringir esse direito para que não se beneficie dele outros poderes.¹³⁹¹

Nas reflexões de Edith Stein, revela-se inadmissível a teoria que defende a soberania como um atributo do poder estatal: um atributo que

¹³⁸⁹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁹⁰ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 536:

Cuando dos poderes estatales diferentes, puestos por ellos mismos, pretenden la misma esfera de dominio — lo que sucedería si, por ejemplo, el Império y los Estados miembros quisieran ser, cada uno de per sí, un Estado soberano —, entonces la situación se halla indecisa, porque el cumplimiento de una pretensión excluye el de la otra. Aquella pretensión a la que se dobleguen los hechos mostrará con ello su condición de Estado. Mientras dure la situación conflictiva y ningún poder llegue a imponerse, la esfera de dominio controvertida no puede denominarse Estado. [Tradução livre].

¹³⁹¹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

poderia corresponder-lhe ou não. Para Edith Stein, não tem sentido falar de Estados não soberanos. Tratar-se-ia, então, de uma expressão para descrever uma comunidade que um Estado transferiu ou delegou parte de suas funções, e que pode ter sido antes um Estado.¹³⁹²

[...] Por relação de equivalência entendemos que o Estado é a única comunidade que pode ter como característica essencial a soberania. Outras comunidades *podem* ter a liberdade de configura-se a si mesma [por exemplo, a Igreja], porém não são afetadas em seu caráter específico quando se lhes quita essa liberdade [por exemplo, quando o Estado remove a Igreja]. Podemos afirmar igualmente: as relações que se fundam na essência dessas comunidades *permitem* desde já ser sancionadas por leis [por exemplo, mediante um direito positivo], porém não o *exigem*. E com a indiferença a respeito de qualquer regulamentação de direito positivo resulta a indiferença no que diz respeito à questão de saber se a legalidade, além de onde exista, deve sua origem à comunidade mesma cuja vida ela regulamenta ou a um poder exterior.¹³⁹³

No século XX, por caminhos diferentes das concepções que prevaleciam na literatura da ciência política, teorias do Estado e direito público de sua época, a concepção de soberania apresentado por Edith Stein expressa um Estado muito forte, reafirmando os vínculos com as doutrinas políticas clássicas.¹³⁹⁴ Nos escritos de Edith Stein, Frederico II — da Prússia — é citado expressamente, com admiração:

[...] Uma formação social que foi de forma tão excelente Estado como a antiga Prússia não podia fundamentar-se na unidade de um “povo prussiano”; e o sentido da responsabilidade para o Estado, da que demonstrou seu portador mais insígne, Frederico o Grande, não se baseava em nenhum sentimento nacional. Contudo pode existir aqui conexões, e nos parece normal e saudável que assim seja. O Estado que arrasta indivíduos a sua

¹³⁹² STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁹³ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 537:

[...] Por relación de equivalencia entendemos que el Estado es la única comunidad que puede tener como característica esencial la soberanía. Otras comunidades *pueden* tener la libertad de configurarse a sí mismas [por ejemplo, la Iglesia], pero non quedan afectadas en su carácter específico cuando se les quita esa libertad [por ejemplo, cuando el Estado se la quita a la Iglesia]. Podemos afirmar igualmente: las relaciones que se fundan en la esencia de esas comunidades *permiten* desde luego ser sancionadas por leyes [por ejemplo, mediante un derecho positivo], pero no lo *exigen*. Y con la indiferencia respecto de cualquier reglamentación de derecho positivo resulta la indiferencia con respecto a la cuestión de saber si la legalidad, allá donde exista, debe su origen a la comunidad misma cuya vida ella reglamenta, o a un poder exterior. [Tradução livre].

¹³⁹⁴ MENDES, E. S. *A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico da vida associada*. 2013. 227 f. Dissertação [Mestrado em Teologia], Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.

órbita — seja que eles se dediquem a ele livremente ou que se vejam constringidos a fazê-lo —, sem ser uma organização de um ou mais povos com certa personalidade, causa sempre a impressão de ser algo estranho: algo assim como uma máquina que, para começar a funcionar e para seguir funcionando, exige vidas humanas, mas que ele mesmo não tem vida em si, e que permanece indiferente à vida sobre a qual se arroga direitos. O Estado não tem alma e não tem produtividade psíquica. E, portanto, parece admirável — e desordenado em certo sentido, embora tal coisa seja indispensável — que alguém se consagre ao Estado.¹³⁹⁵

5.1.2

POVO

Para além do *em-si* e *para-si* do desvelado, eis a nudez humana, mais exterior que o fora do mundo — das paisagens, coisas e instituições — a nudez que brada sua estranheza ao mundo, sua solidão, a morte dissimulada no seu ser — ela brada, no aparecer, a vergonha de sua miséria escondida, brada *com a morte na alma*; a nudez humana interpela-me — interpela o eu que sou — interpela-me por sua fraqueza, sem proteção e sem defesa, por sua nudez; mas interpela-me também por estranha autoridade, imperativa e desarmada, palavra de Deus e verbo no rosto humano. Rosto, já linguagem antes das palavras, linguagem original do rosto humano despojado da postura que ele se dá — ou que suporta — sob nomes próprios, títulos e gêneros do mundo. Linguagem original, já súplica, já, precisamente como tal, miséria, para o em-si do ser, já mendicidade; mas também já imperativo que do mortal, do próximo me fez responder, apesar da minha própria morte, mensagem da difícil santidade, do sacrifício; origem do valor e do bem, ideia da ordem humana na ordem dada ao humano. Linguagem do inaudível, linguagem do inaudito, linguagem do não-dito. Escritura!¹³⁹⁶

Nos escritos de Edith Stein, a equivalência entre estatalidade e soberania permitiu-nos estabelecer uma separação entre a “comunidade

¹³⁹⁵ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 550:

[...] Una formación social que fue de forma tan excelente Estado como la antigua Prusia no podía fundamentarse en la unidad de un “pueblo prusiano”; y el sentido de la responsabilidad hacia el Estado, de la que dio muestras su portador más insigne, Federico el Grande, no se basaba en ningún sentimiento nacional. Con todo pueden existir aquí conexiones, y nos parece normal y saludable el que así sea. El Estado que arrastra individuos a su órbita — sea que ellos se dediquen a él libremente o que se vean constreñidos a hacerlo —, sin ser una organización de una o más pueblos con cierta personalidad, causa siempre la impresión de ser algo extraño: algo así como una máquina que, para comenzar a funcionar y para seguir funcionando, exige vidas humanas, pero que él mismo no tiene vida en sí, y que permanece indiferente a la vida sobre la que se arroga derechos. El Estado no tiene alma y no tiene productividad psíquica. Y por lo tanto parece admirable — y desmesurado en cierto sentido, aunque tal cosa sea indispensable - el que uno se consagre al Estado. [Tradução livre].

¹³⁹⁶ LÉVINAS, E. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Trad. Pergentino Pivatto [Coord.], Evaldo Antônio Kuiava, José Nedel, Luiz Pedro Wagner e Marcelo Luiz Plizolli. 2. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2005, pp. 282-283.

do Estado” e a “comunidade do povo”, as quais são consideradas, na maioria das vezes, como vinculadas entre si, ou até mesmo idênticas. Para Edith Stein, são separáveis, inicialmente, no sentido de que o povo pode vir a subsistir mesmo com desaparecimento da soberania: o desaparecimento do Estado mesmo. Na opinião de Edith Stein, o povo pode conservar as particularidades de sua vida comunitária, até no caso extremo de que um poder externo lhe prive da possibilidade de viver de acordo com leis próprias.¹³⁹⁷ Historicamente,

[...] os Estados modernos [...] nasceram quando uma comunidade de um povo ou de vários povos se tornou uma comunidade estatal, uma organização política e jurídica comum a todos. Quando a comunidade estatal deixa de existir, pode acontecer, então, que venha a faltar o próprio Estado. Por exemplo, desde o século 18, a Chechênia não quer fazer parte de um Estado que lhe foi imposto, antes o Império Russo e depois a União Soviética. Está ocorrendo, portanto, a fragmentação de um Estado unitário, e a dificuldade de manter unidos aqueles vários Estados. No caso da Chechênia, os habitantes dizem “Nosso povo não quer fazer parte da comunidade estatal russa, queremos ser independentes”. Eles querem ter suas leis, seu território, construir um Estado separado. Nesse caso, a comunidade de povo que pertenceu à Rússia ou à União Soviética não existe mais e aconteceu uma ruptura [...].¹³⁹⁸

Para os fins de nossa investigação do Estado, indagamo-nos se, politicamente, uma comunidade estatal pode vir a perdurar, inclusive a suprimir-se na comunidade popular.¹³⁹⁹

Nas reflexões de Edith Stein, isto pode ter um duplo sentido:

1º] O Estado terá que se basear em uma comunidade popular homogênea, ou poderemos imaginar um Estado que compreenda várias unidades populares que estejam ilhadas e delimitadas entre si?

¹³⁹⁷ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹³⁹⁸ ALES BELLO, A. *Introdução à Fenomenologia*. Trad. Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru [SP]: EDUSC, 2006, pp. 80-81.

¹³⁹⁹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

2º] Será possível que um Estado não se baseie em nenhuma comunidade popular?¹⁴⁰⁰

No caso da primeira indagação, podemos respondê-la — sob a perspectiva de *Uma Investigação sobre o Estado* [*Eine Untersuchung über den Staat*, 1925] — do seguinte modo: um Estado não existe em função de um só e único povo. Na interpretação de Edith Stein, o Estado nacional ou popular é uma variante especial de Estado, mas não é o Estado por antonomásia. Para Edith Stein, o que é perfeitamente possível que um conjunto de povos esteja federados e unidos por um poder representativo de um todo estatal que os englobe e que — de modo uniforme ou diferenciado — regule a vida desses povos de acordo com certas orientações, sem que por isso fira a identidade dos mesmos.¹⁴⁰¹

No caso da segunda pergunta, os escritos de Edith Stein nos apontaram a seguinte resposta: se o Estado em geral exige como fundamento uma comunidade de um povo.¹⁴⁰²

Na vida política, os indivíduos que compõem o Estado constituem uma comunidade. Num sentido muito próximo de Edith Stein, Aristóteles afirma que a *φιλία* [filía] — mais do que a justiça — mantém unidos os Estados:

[...] A amizade também parece manter unidos os Estados, e dir-se-ia que os legisladores têm mais amor à amizade do que à justiça, pois aquilo a que visam acima de tudo é à unanimidade, que tem pontos de semelhança com a amizade; e repelem o facciosismo como se fosse o seu maior inimigo. E quando os homens são amigos não necessitam de justiça, ao passo que os justos necessitam também da amizade; e considera-se que a mais genuína forma de justiça é uma espécie de amizade.¹⁴⁰³

¹⁴⁰⁰ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 538:

1º] El Estado ¿tendrá que basarse en una comunidad popular homogénea, o poderemos imaginarnos un Estado que comprenda varias unidades populares que estén aisladas y delimitadas entre sí?

2º] ¿Será posible que un Estado no se base en ninguna comunidad popular? [Tradução livre].

¹⁴⁰¹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴⁰² STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴⁰³ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, VIII, I. In: _____. *Ética a Nicômaco; Poética*. Trad. Leonel Vallandro, Gerd Bornheim e Eudoro de Souza. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

Destarte, a significação de *φιλία* no contexto a que pertence essa passagem do texto aristotélico é muito imprecisa. Não obstante, uma significação fundamental em Edith Stein é a de consciência comunitária: “[...] alguma classe de vínculo comunitário unirá os indivíduos dentro do conjunto do Estado privado do fundamento popular [...]”.¹⁴⁰⁴

Nas reflexões de Edith Stein, este vínculo não deve ser considerado como elemento constitutivo do Estado como tal: não está exigido necessariamente por sua estrutura ôntica; só reclama um conjunto de pessoas como requerível para a existência do Estado — e que se estabeleça um determinado tipo de relações entre as pessoas e o todo estatal —, mas deixa em aberto como as pessoas queiram estar entre si.¹⁴⁰⁵

Martha Nussbaum posiciona-se contra a ideia de que Aristóteles tenha compartilhado com uma vida isolada para o filósofo, porque essa ideia vai de encontro com a concepção aristotélica de que as relações sociopolíticas como a *φιλία* são componentes valiosos e essenciais para que o homem tenha uma “vida boa”.¹⁴⁰⁶

Magistralmente, Aristóteles — “[...] mestre de todo homem de saber [...]”¹⁴⁰⁷ — diz que a arte de administrar uma casa [*oikonomiké*] e a de administrar uma *pólis* diferem entre si não apenas na medida em que a casa e a *pólis* também se diferem, mas ainda o fato de a administração da *pólis* envolver muitos governantes e de a administração doméstica depender de um só governante. De acordo com o Estagirita, “[...] a origem

¹⁴⁰⁴ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 539:

“[...] alguna clase de vínculo comunitario unirá a los individuos dentro del conjunto del Estado privado del fundamento popular [...]”. [Tradução livre].

¹⁴⁰⁵ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴⁰⁶ NUSSBAUM, M. *La fragilidad del bien: fortuna y ética en la tragedia y la filosofía griega*. Trad. Antonio Ballesteros. Madrid: Visor, 1995.

¹⁴⁰⁷ ALIGHIERI, D. *A Divina Comédia — Inferno, Canto IV, 130*. In: _____. *A Divina Comédia — Inferno*. Trad. Italo Eugenio Mauro. 4. ed. São Paulo: 34, 2017.

da administração da casa é anterior à administração da *pólis*; e o mesmo se diga da sua função, pois a casa é uma parte da *pólis* [...]”.¹⁴⁰⁸

Nas sábias palavras de Aristóteles:

“[...] A *pólis* resulta, por conseguinte, de um agregado constituído por casas, terras e bens que seja autossuficiente e capaz de garantir o bem-estar. Essa realidade afigura-se evidente, pois, quando as pessoas não se mostram capazes de atingir esse objetivo, a comunidade acaba por dissolver-se. De resto, é por esse motivo que os homens vivem em sociedade; a razão pela qual cada coisa existe e foi criada representa a essência de si mesma [...]”.¹⁴⁰⁹

Não é a estrutura ôntica do Estado, mas a estrutura das pessoas espirituais que nos permite explicar que uma entidade estatal específica se sustenta sobre o fundamentos de uma comunidade existente e que, por outro lado, relaciona-se com um vínculo comunitário com as pessoas abarcadas por ele. Na vida política, essas relações comunitárias são necessárias para assegurar a existência do Estado. Para os fins de nossa investigação do Estado, interessa-nos o fato de que a comunidade estatal não é a comunidade de um povo.¹⁴¹⁰

Nos escritos de Edith Stein, o povo se distingue das comunidades mais estreitas — família, círculo de amigos *etc.* — pelo fato de que ali o fundamento da comunidade o constitui indivíduos completamente determinados, vinculados com toda personalidade à vida da comunidade e que entram em contato pessoal uns com os outros. Por família entende Edith Stein a comunidade de vida atual fundamentada na comunidade conjugal ou na consanguinidade; por círculo de amigos, a comunidade de vida atual de duas ou mais pessoas às quais não une senão uma atração mútua que radica nas qualidades pessoais de cada uma. Não se trata de nenhuma objeção contra estas determinações de família ou do grupo de

¹⁴⁰⁸ ARISTÓTELES. *Econômicos*, Livro I, 1. In: _____. *Econômicos*. Trad. Delfim F. Leão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

¹⁴⁰⁹ ARISTÓTELES. *Econômicos*, Livro I, 1. In: _____. *Econômicos*. Trad. Delfim F. Leão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

¹⁴¹⁰ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

amigos o fato de se afirmar a realidade inegável de que nem os membros da família nem os amigos se entendem sempre perfeitamente.¹⁴¹¹

De acordo com Edith Stein, a comunidade popular se constitui de outro modo, em todos estes pontos; abarca uma multiplicidade aberta de indivíduos, o que torna propriamente impossível um contato pessoal entre todas as pessoas que constituem dita comunidade. Pode acolher novos indivíduos sem levar em conta suas particularidades pessoais, sem pretensão de ocupar-se com toda vida pessoal dos indivíduos. Não obstante, ainda que cada vida individual pessoal desfruta nela de um espaço de jogo relativamente grande, os laços que a vinculam ao povo não são menos sólidos que os laços — mais tensionados — que existem nas comunidades mais estreitas.¹⁴¹²

Na existência do Estado, a comunidade ampla deve conservar, desde o princípio, tudo o que constitui a comunidade como tal: é preciso que circule uma corrente de vida, da qual participem todos os membros. Por conseguinte, reclama Edith Stein a existência — pelo menos numa parte de seus membros — de uma consciência comunitária que abarque intencionalmente toda multiplicidade aberta dos indivíduos associados. De acordo com Edith Stein, a falta de contatos pessoais entre os membros deve ser compensada por uma comunicação contínua de solidariedade entre os elementos separados no tempo e no espaço. Sendo assim, cada membro da comunidade popular deve levar o selo de seu pertencimento a esse povo: se não em sua consciência de pertença, se ao menos representando o tipo de seu povo. Por fim, como toda comunidade, o povo se distingue por um tipo que confere certos “acentos” à estrutura pessoal de seus membros e constitui um caráter de povo homogêneo.¹⁴¹³

¹⁴¹¹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴¹² STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴¹³ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

Na perspectiva de Edith Stein, a isto se acrescenta uma particularidade que corresponde especificamente ao povo a distinção de outras comunidades: uma comunidade com a amplitude e a plasticidade de um povo só se pode tomá-la como comunidade de povo só — e somente só — se de seu espírito nasce uma cultura própria, determinada por seu caráter específico. Pensando deste modo, cada cultura — isto é, cada cosmos, unitário em si e delimitado até fora, de bens espirituais — remete a um centro espiritual que constitui sua origem, sendo que esse centro é uma comunidade criativa, cuja peculiaridade anímica específica repercute e se reflete através de todas suas produções.¹⁴¹⁴

Para Edith Stein, a comunidade que se encontra detrás de um cosmos cultural pode englobar por princípio mais elementos que um só povo.¹⁴¹⁵

[...] Um “círculo cultural” pode compreender uma série de povos simultaneamente ou no transcurso dos tempos. Assim mesmo, comunidades mais estreitas — por exemplo, uma classe social ou um grupo familiar — podem constituir seu próprio “microcosmos cultural”. Sem dúvida, só uma comunidade popular tem *por essência* que ser criadora de cultura.¹⁴¹⁶

Por conseguinte, Edith Stein escreve:

[...] A comunidade que corresponde a um círculo cultural pode quicá reduzir-se a que os povos que se encontram associados nela troquem seus bens culturais [ou os transmitam ao longo do tempo] e os consumem em comum, se constituir jamais uma unidade produtiva autônoma. Da mesma maneira, a comunidade mais reduzida não é afetada em sua substância, se não faz mais que participar na cultura ambiente, sem enriquecê-la, ou se não colabora com ela senão em qualidade de parte de um todo mais

¹⁴¹⁴ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴¹⁵ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴¹⁶ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 541:

[...] Un “círculo cultural” puede comprender una serie de pueblos simultáneamente o en el transcurso de los tiempos. Asimismo, comunidades más estrechas — por ejemplo, una clase social o un grupo familiar — pueden constituir su propio “microcosmos cultural”. Sin embargo, solamente una comunidad popular tiene *por esencia* que ser creadora de cultura [...]. [Tradução livre].

amplo, e não como uma unidade autônoma. Só o caráter do povo caduca com a extinção da força criadora espiritual.¹⁴¹⁷

Na nossa investigação do Estado, podemos identificar nesta autonomia cultural — por meio da qual se especifica um povo — um curioso reflexo da soberania como especificidade do Estado, que constitui o fundamento material dessa autonomia formal.¹⁴¹⁸

De acordo com Edith Stein, isto realça as relações entre o povo e o Estado: o povo — enquanto personalidade dotada de criatividade própria — exige uma organização que lhe assegure poder viver de acordo com uma legalidade própria. O Estado — como formação social que tem na plenitude de seu poder seu princípio de organização — exige uma criatividade capaz de dar um conteúdo e uma orientação a sua potência de organização, e lhe confere uma legitimidade interna.¹⁴¹⁹

Edith Stein — retornando à questão de saber se um Estado necessita de um povo como fundamento — responde:

[...] podemos imaginar uma formação estatal à qual lhe faltasse esse fundamento e na qual a “Loyalität” [no sentido em que a entende *Kjellén*] — isto é, o ter em comum direitos e deveres a respeito do todo estatal — foi o único vínculo entre os membros pertencentes a ele; porém, a semelhante estrutura lhe faltaria, por assim dizer, uma justificação interna de sua existência; teria sempre o caráter do novo e do efêmero. Uma vontade política imperiosa o poderia, talvez, mantê-lo unido por um certo tempo, porém não um peso específico próprio.¹⁴²⁰

¹⁴¹⁷ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 541:

[...] La comunidad que corresponde a un círculo cultural puede quizá reducirse a que los pueblos que se hallan asociados en ella intercambian sus bienes culturales [o se los transmiten a lo largo del tiempo] y los consumen en común, sin constituir jamás una unidad productiva autónoma. De la misma manera, la comunidad más reducida no queda afectada en su substancia, si no hace más que participar en la cultura ambiente, sin enriquecerla, o si no colabora en ella sino en cualidad de parte de un todo más amplio, y no como una unidad autónoma. Sólo el carácter de pueblo caduca con la extinción de la fuerza creadora espiritual. [Tradução livre].

¹⁴¹⁸ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴¹⁹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴²⁰ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 542:

[...] podemos imaginarnos una formación estatal a la que le faltase ese fundamento y en la cual la “Loyalität” [en el sentido en que la entiende *Kjellén*] — es decir, el tener en común derechos y

Nos escritos de Edith Stein, a possibilidade de reunir vários povos num todo estatal não é abolida por uma personalidade própria de cada uma das comunidades populares. Para Edith Stein, não se exige de cada uma delas que aspire a uma forma estatal adequada só a ela, senão só a uma organização estatal que leve em conta a legalidade interna delas. Tão só quando a legalidade do Estado e a personalidade do povo se opõem que se manifesta o perigo de que um dos dois ou inclusive os dois pereçam. Isto pode suceder não só a um povo homogêneo, senão também a um conjunto de povos quando deles recebe privilégios à custa dos demais. Por esta via, chegamos à relação entre povo e nação.¹⁴²¹

Edith Stein, posicionando-se sobre o pensamento de Kjellén — que considera as nações como grandes indivíduos de ideosincrasia característica que se testemunha no tipo pessoal de seus membros, no idioma nacional, na opinião pública *etc.* — reflete que, pelo contrário, o povo não lhe parece estar ligado senão pelos vínculos da lealdade. Esta classe de distinção dificilmente poderia se impor. Porque, se a comunidade de um povo se resumira na reciprocidade dos direitos e dos deveres, então tal coisa seria um efeito do Estado.¹⁴²²

Na interpretação de Edith Stein, a diferença entre povo e nação consiste no seguinte: a consciência coletiva que é própria do povo chega a ser na nação uma consciência reflexiva. Paralelamente, além da nação constitui uma imagem de sua peculiaridade específica, sendo que esta peculiaridade é cultivada; enquanto o povo simplesmente a tem e a faz

deberes respecto al todo estatal — fuera el único vínculo entre los miembros pertenecientes a él; pero, a semejante estructura le faltaría, por así decir, una justificación interna de su existencia; tendría siempre el carácter de lo nuevo e de lo efímero. Una voluntad política imperiosa lo podría tal vez mantener unido un cierto tiempo, pero no un peso específico propio. [Tradução livre].

¹⁴²¹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴²² STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

valer em toda sua vida e em suas obras sem ser consciente disso, e por isso sem acentuá-la nem realçá-la de algum modo.¹⁴²³

Na pena de Edith Stein, uma autêntica nacionalidade não é possível senão sobre o fundo do ser do povo. Não é inerente a um povo senão quando este tem alcançado certa maturidade, igual que um indivíduo não chega a conhecer a si mesmo senão no transcurso de sua vida, sem que por ele possamos dizer que antes dessa tomada de consciência de si o indivíduo não teria nenhuma singularidade pessoal.¹⁴²⁴

O Estado exige como fundamento é uma comunidade popular, e não uma nacionalidade. O desenvolvimento da nacionalidade não tem interesse para o Estado, salvo na medida em que fora inquietante para a solidificação do ser do povo e, portanto, fora perigoso para o equilíbrio do Estado mesmo, o fato de que o sentimento nacional não se manifeste em um dado momento, ou de que certas circunstâncias — por exemplo, o perigo de ver-se paralisado o livre desenvolvimento do povo — não favoreça o despertar desse sentimento nacional.¹⁴²⁵

Nas reflexões de Edith Stein, opinião de Kjellén sobre das relações entre Estado e nação apresenta outros aspectos discutíveis:

[...] A nação — pensa ele — não alcança sua verdadeira vitalidade espiritual senão quando se unifica formando um Estado, enquanto que o Estado, por sua parte, exige receber como conteúdo a ‘essência natural da nação’ [...].¹⁴²⁶

¹⁴²³ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴²⁴ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴²⁵ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 543:

Lo que el Estado exige como fundamento es una comunidad popular, y no una nacionalidad. El desarrollo hacia la nacionalidad no tiene interés para el Estado sino en la medida en que fuera inquietante para la solidez del ser del pueblo y, por tanto, fuera peligroso para el equilibrio del Estado mismo, el hecho de que el sentimiento nacional no se manifieste en un momento dado, o de que ciertas circunstancias —por ejemplo, el peligro de verse paralizado el libre desarrollo ser del pueblo— no favorezca el despertar de ese sentimiento nacional. [Tradução livre].

¹⁴²⁶ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 543:

“[...] La nación — piensa él — no alcanza su verdadera vitalidad espiritual sino cuando se unifica formando un Estado, mientras que el Estado, por su parte, exige recibir como contenido ‘la esencia natural de la nación’ [...]”. [Tradução livre].

Para Edith Stein, não se pode pôr aqui sobre o prato da balança os termos “natureza” e “espírito”, uma vez que Kjellén não disse em que sentido os entende. Não obstante, se os toma a sério e em sentido rigoroso, não é possível contrapor Estado e nação, como natureza e espírito. Toda comunidade — tanto povo como nação — é de natureza espiritual. Na concepção de Edith Stein, o povo tem um fundamento natural e, por este fato, o tem igualmente o Estado. Não obstante, “[...] enquanto é comunidade, não é ‘natureza’ e não necessita tampouco do Estado para receber um conteúdo espiritual [...]”.¹⁴²⁷

5.1.3

TERRITÓRIO

[...] os sinos do "Rorate Coeli" e os cânticos do advento, despertam no coração uma santa saudade; para quem está unido à fonte inesgotável da santa liturgia, o grande profeta da encarnação diariamente bate à porta com suas poderosas palavras de advertências e promessas: "Céus, gotejai lá de cima, e que as nuvens chovam o justo! O Senhor já está perto! Vinde adoremo-Lo! Vem Senhor, não tardeis mais! - Jerusalém, regozijai com grande alegria, pois o teu Salvador vem a ti". De 17 a 24 de dezembro, as grandes Antífonas do "Ó" conclamam para o Magnificat [Ó Sabedoria, Ó Adonai, Ó Raiz de Jessé, Ó Chave de Davi, Ó Sol Nascente, Ó Rei dos Reis, Ó Emanuel], de forma mais saudosa e enérgica: "Vinde, para nos libertar." E, sempre mais promissora, ecoa: "Veja, tudo se completou" [no último domingo do Advento]; e, finalmente: "Hoje sabereis que o Senhor virá e amanhã contemplareis a sua glória".¹⁴²⁸

Historicamente, a definição de Estado de Georg Jellinek — filósofo do direito e juiz alemão — indica como fator constitutivo do Estado “a parte da superfície terrestre” com a qual ele se vincula. Nos escritos de Edith Stein, a questão pertence à problemática dos fundamentos naturais do Estado. Edith Stein identifica que a condição do país e do povo se encontram em estreita relação: uma relação que deve ser diluída. Parece

¹⁴²⁷ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 544:

“[...] en cuanto es comunidad, no es ‘naturaleza’ y no necesita tampoco al Estado para recibir un contenido espiritual [...]”. [Tradução livre].

¹⁴²⁸ STEIN, E. *O Mistério do Natal*. Trad. Hermano José Cürten. Bauru [SP]: EDUSC, 1999b, pp. 11-12.

que a “natureza” de um país exerce influência sobre os seus habitantes; e no que se refere à importância numérica da população e ao caráter do povo, a natureza levanta certas exigências que devem ser cumpridas para que um Estado possa existir num determinado território.¹⁴²⁹

Nas reflexões de Edith Stein, o fato de que os Estados — delineados no projeto da Modernidade — possuem um território fixo e manifestem em todas suas estruturas a influência desse território, faz com que não seja supérfluo o estudo da presente questão. Tal questão deve ser respondida em sentido negativo. Edith Stein observa, inicialmente, que a possibilidade de que um Estado tenha simplesmente seu fundamento em pessoas espirituais não deve ser descartada.¹⁴³⁰ Para Edith Stein:

Poderíamos imaginar-nos um reino de espíritos perfeitamente organizado, cujas formas de vida firmemente estabelecidas procederam da perfeição de seu próprio poder. Poderíamos encontrar ali todas as formas possíveis de Estados. Não obstante, sua eficácia não se estenda ao espaço — coisa que, por princípio, não pode ser excluída —, essas formas estão livres de toda relação com o espaço e, por este fato, com qualquer parte do espaço. E inclusive se se adentraram em certo modo no espaço, por exemplo, influenciando no curso dos acontecimentos de um planeta, não é preciso que se vinculem com esse corpo espacial, porque dispõem do inatacável e invisível domínio de autoridade pelo qual se estende sua atividade ao mundo visível, da mesma maneira que um Estado visível pode estender sua atividade a lugares que não pertençam à sua esfera de autoridade [por exemplo, na forma de relações comerciais].¹⁴³¹

Na concepção de Edith Stein, a coisa se revela de modo diferente quando as pessoas que constituem o fundamento do Estado possuem uma configuração de alguma índole. Para Edith Stein, os indivíduos com uma configuração corporal se encontram situados, necessariamente, em um espaço que seja adequado para sua configuração. Caso venha a constituir um Estado, então esse Estado deve ter como âmbito de autoridade

¹⁴²⁹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴³⁰ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴³¹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

semelhante espaço vital, sem o qual ele não seria capaz de garantir a livre organização da vida dos cidadãos, e estaria ameaçado constantemente de cair na dependência de uma vontade estrangeira, o que esbarraria na perda de sua soberania e, desse modo, de seu caráter de Estado.¹⁴³²

Para Edith Stein, não é necessário que o Estado desdobre sempre sua autoridade sobre o mesmo território. O Estado não tem necessidade de mais que do um espaço vital suficiente para seus cidadãos, que pode estar constituído por partes mutantes da superfície terrestre.¹⁴³³

Duas coisas, no entanto, devem ser assinaladas:

1] Tem que haver suficiente espaço que não esteja ocupado por outros poderes; enquanto uma tribo nômade se vê diante da necessidade de assentar-se no território de outro Estado, passa a depender deste, o qual a priva em princípio da possibilidade de constituir um Estado próprio [a não ser que chegue a desalojar o Estado ali existente, e a substituí-lo por seu próprio Estado]. 2] Quando um povo organizado como Estado se instala em um *território*, então a formação estatal concreta leva a marca do país. Mas se esse povo abandona o país e se assenta em outro *território* distinto, então o caráter da formação concreta pode transformar-se até o ponto de que não poderemos mais falar de que se trata do mesmo Estado, senão que haverá que dizer: o Estado antigo desapareceu, e já nasceu um novo Estado.¹⁴³⁴

Nas reflexões de Edith Stein, identificamos que o fato de que uma formação estatal não chegue a sobreviver ao abandono de seu território

¹⁴³² STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴³³ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴³⁴ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 612:

1] Tiene que haber suficiente espacio que no esté ocupado por otros poderes; en cuanto una tribu nómada se ve en la necesidad de asentarse en el territorio de otro Estado, pasa a depender de éste, lo cual la priva en principio de la posibilidad de constituir un Estado propio [a no ser que llegue a desalojar al Estado allí existente, y a sustituirlo por su propio Estado]. 2] Cuando un pueblo organizado como Estado se ha instalado en un territorium, entonces la formación estatal concreta lleva la marca del país. Pero si ese pueblo abandona el país y se asienta en otro territorium distinto, entonces el carácter de la formación concreta puede transformarse hasta el punto de que no podamos hablar ya de que se trata del mismo Estado, sino que habrá que decir: el Estado antiguo ha desaparecido, y ha nacido un Estado nuevo. [Tradução livre].

não prova, todavia, que o Estado enquanto tal esteja vinculado necessariamente a um determinado território.¹⁴³⁵

Posto que o vínculo entre o Estado e o território é, essencialmente, a consequência da configuração corporal das pessoas individuais que o compõem, sentimos a necessidade de compreender o conjunto de suas relações possíveis no âmbito do Estado. Para Edith Stein, o Estado necessita do país à medida que os cidadãos têm necessidade dele. Da natureza particular dessas necessidades depende o que podemos tratar de deduzir acerca das particularidades de tal país.¹⁴³⁶

Magistralmente, Edith Stein escreve:

[...] Imaginemos pessoas com corpos de espectros, isto é, qualificados de modo puramente visual, sem estrutura material; então o que esses espectros exigiriam de sua esfera de domínio espacial seria unicamente magnitude e luminosidade suficientes para que sua aparência visível pudesse se despregar sem impedimentos [...].¹⁴³⁷

Pelo contrário, no caso concreto de pessoas humanas, dotadas de corpos materiais, determinadas a extrair seus recursos vitais do mundo material, identificamos a necessidade de que o âmbito de autoridade do Estado possua certa consistência material. O Estado deve possuir — em quantidade suficiente — os recursos materiais dos quais tem necessidade as pessoas individuais. Pelo menos, deve possuir os recursos que

¹⁴³⁵ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, pp. 612-613:

“[...] el hecho de que una formación estatal no llegue a sobrevivir al abandono de su *territorium* no prueba todavía que el Estado, en cuanto tal, esté vinculado necesariamente a un *territorium* determinado”. [Tradução livre].

¹⁴³⁶ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, pp. 612-613:

“[...] el hecho de que una formación estatal no llegue a sobrevivir al abandono de su *territorium* no prueba todavía que el Estado, en cuanto tal, esté vinculado necesariamente a un *territorium* determinado”. [Tradução livre].

¹⁴³⁷ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 613:

[...] Imaginémonos personas con cuerpos de espectros, es decir, cualificados de manera puramente visual, sin estructura material; entonces lo que esos espectros exigieran de su esfera de dominio espacial sería únicamente magnitud y luminosidad suficientes para que su apariencia visible pudiera desplegarse sin impedimentos [...]. [Tradução livre].

permitam o mínimo necessário para a existência das pessoas individuais. Justifica-se, então, “o lugar da economia” na estrutura do Estado.¹⁴³⁸

No seu sentido originário, a economia é a organização encaminhada a satisfazer as necessidades do Estado, sendo que aí se manifesta a dependência recíproca entre o país e seus habitantes. Na concepção de Edith Stein, se as matérias primas de uma região não bastam para satisfazer as necessidades, deve-se, então, abrir diversos caminhos para remediar essa deficiência.¹⁴³⁹

Nos escritos de Edith Stein, três caminhos são indicados:

1] Pode-se buscar meios para transformar as matérias existentes no país nos produtos necessários para o consumo humano. 2] Pode-se adquirir novos países que contenham em quantidade suficiente as matérias que fazem falta. 3] Pode-se importar de outros países os produtos de que se sente necessidade [...].¹⁴⁴⁰

Na opinião de Edith Stein, o terceiro caminho pode conduzir a uma dependência dificilmente compatível com a independência do Estado, já que o intercâmbio não se baseia numa demanda recíproca. De acordo com Edith Stein, o fato de ter que escolher um desses caminhos é um constrangimento que a natureza do país impõe aos habitantes. Expressando-nos com maior precisão: a condição do país determina de modo fundamental as orientações da atividade de seus habitantes.¹⁴⁴¹

¹⁴³⁸ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴³⁹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴⁴⁰ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 613:

1] Se puede buscar medios para transformar las materias existentes en el país en los productos necesarios para el consumo humano. 2] Se puede adquirir nuevos países que contengan en cantidad suficiente las materias que hacen falta. 3] Se puede importar de otros países los productos de que se tiene necesidad [...]. [Tradução livre].

¹⁴⁴¹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

Para Edith Stein, qual dos diversos caminhos possíveis se escolha, isso não dependerá da natureza do país, mas sim das disposições particulares dos homens.¹⁴⁴² No dizer de Edith Stein:

[...] A força física os disponibilizará para a conquista; a inteligência e a laboriosidade os disponibilizará para a exploração o mais racional possível dos produtos do país, e certa mobilidade de espírito e certo dom de adaptarem-se os impulsionarão ao comércio exterior. Outras particularidades, que temos considerado, todavia [como a situação costeira do país ou, em contraste com isso, o estar incomunicado com outros países], poderão contribuir para que se oriente a atividade em uma direção ou em outra, impulsando o desenvolvimento de um tipo ou de outro dentro do marco das possibilidades de desenvolvimento. No caso de que as condições da natureza sejam equivalentes, as qualidades pessoais serão as que constituam a diferença. Quanto a saber se estas dependem, por sua vez, do país, isto já é outra questão. Esta dependência não teria em todo caso a forma de uma motivação; não poderia tratar-se senão de uma relação de causalidade. Seria concebível que, por razão da constituição material do corpo — o qual, por sua parte, está constituído por elementos tomados do mundo material no qual cresce —, se exerça uma influência sobre as disposições psíquicas dos homens. Poderíamos falar, então, em certo sentido, do caráter de ser “produto da natureza”[...].¹⁴⁴³

Nos escritos de Edith Stein, existe a possibilidade de uma influência espiritual da natureza sobre os indivíduos que vivem nela: em virtude do efeito que a paisagem, com tudo o que a caracteriza — ambiente de tristeza ou de encanto — exerce sobre a mentalidade das pessoas humanas. Para exemplificar, Edith Stein cita um país que, por sua natureza física, deveria estimular seus habitantes à máxima atividade, porque exige grandes

¹⁴⁴² STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴⁴³ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 614:

[...] La fuerza física los dispondrá para la conquista; la inteligencia y la laboriosidad los dispondrá para la explotación lo más racional posible de los productos del país, y cierta movilidad de espíritu y cierto don de adaptarse los impulsarán al comercio exterior. Otras particularidades, que no hemos considerado todavía [como la situación costera del país o, en contraste con ello, el estar incomunicado con otros países] podrán contribuir a que se oriente la actividad en una dirección o en otra, e impulsarán el desarrollar un tipo o otro dentro del marco de las posibilidades de desarrollo. En el caso de que las condiciones de la naturaleza sean equivalentes, las cualidades personales serán las que constituyan la diferencia. En cuanto a saber si éstas dependen a su vez del país, eso es ya otra cuestión. Esta dependencia no tendría en todo caso la forma de una motivación; no podría tratarse sino de una relación de causalidad. Sería concebible que, por razón de la constitución material del cuerpo — el cual, por su parte, está constituido por elementos tomados del mundo material en el cual crece —, se ejerza una influencia sobre las disposiciones psíquicas de los hombres. Podríamos hablar entonces, en cierto sentido, de que el carácter de ser “producto de la naturaleza” [...]. [Tradução livre].

esforços para retirar dele o necessário para o sustento, por seu caráter, exerça sobre eles uma influência inibidora que lhes impeça de constituir uma organização adequada, enquanto que um colonizador empreendedor colocaria em marcha, sem muito esforço, tal organização.¹⁴⁴⁴

Para Edith Stein, a transformação do solo — por meio de irrigações, plantações etc. —, assim como todas as demais instituições humanas encaminhadas ao aproveitamento das matérias existentes para a satisfação das necessidades, submete o país à influência de seus habitantes. Edith Stein pensa ser possível que o país seja transformado até o ponto de que deixe de ser natureza pura. Por este motivo, a ciência que tem por objetivo o estudo dos países da terra — a geografia — não é em pleno sentido da palavra uma ciência natural; considera a terra, tal como a encontra previamente, como cenário do acontecer histórico e vê nela todas as pegadas que a história foi deixando.¹⁴⁴⁵

Na opinião de Edith Stein, o território de um Estado — do mesmo modo que a população do mesmo — não deve ser considerado como um fundamento natural. Para Edith Stein, os dois são objetualidades mistas nas quais participam a natureza e o espírito — e tão só uma visão abstrata pode desligar o que é devido à natureza e pode captá-lo mediante os métodos das ciências naturais.¹⁴⁴⁶

Na existência do Estado, a economia forma parte dos âmbitos que o Estado — de acordo com as circunstâncias — pode organizar ao seu modo ou pode deixá-la à mercê da atividade das pessoas individuais ou de associações privadas. Na interpretação de Edith Stein, para além de onde o Estado aparece como ator no desenvolvimento econômico, então haverá

¹⁴⁴⁴ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴⁴⁵ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴⁴⁶ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

que afirmar que o Estado configura, ele mesmo, o território, dentro dos limites que lhe impõem as circunstâncias naturais.¹⁴⁴⁷

Na opinião de Edith Stein, um país está submetido a múltiplas transformações quando diversos povos e diferentes Estados se sucedem na ocupação do território, do mesmo modo que um povo que ocupa sucessivamente vários territórios muda de caráter. Todavia, no caso de que a economia permaneça à mercê da iniciativa privada, o Estado conserva a prerrogativa de regulamentá-la; e ainda que o Estado não participe como sujeito na vida econômica, sem dúvida, lhe imporá ou negará certas formas, legislando sobre a atividade econômica. “[...] Sempre há um *território* que “naturalmente” pertence ao Estado, ainda nos casos nos quais este não seja, de direito ou de fato, seu proprietário [...]”.¹⁴⁴⁸

Partindo dessa harmonia preestabelecida, o Estado trate de apropriar-se deste território. Evidentemente, a extensão desse território se mede pela amplitude das necessidades do Estado.¹⁴⁴⁹

[...] Se um território, inclusive explorado ao máximo das possibilidades de transformação e utilização das matérias existentes, não basta para satisfazer as necessidades de seus habitantes, então haverá que pensar em ampliá-lo, se se quer evitar que o Estado venha a cair na servidão [...].¹⁴⁵⁰

Existe outro princípio a mais de delimitação: o que procede da “individualidade geográfica”. Geograficamente, o mundo se subdivide em uma série de continentes e de países que constituem unidades fechadas

¹⁴⁴⁷ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴⁴⁸ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 615:

“[...] Siempre hay un territorium que “naturalmente” pertenece al Estado, [87] aun en los casos en que éste no sea, de derecho o de hecho, su propietario [...]”. [Tradução livre].

¹⁴⁴⁹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴⁵⁰ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 615:

[...] Si un territorio, incluso explotado al máximo de las posibilidades de transformación y utilización de las materias existentes, no basta para satisfacer las necesidades de los habitantes, entonces habrá que pensar en agrandarlo, si quiere evitarse que el Estado caiga en la servidumbre [...]. [Tradução livre].

em si mesmas. No caso concreto da fronteira de um Estado cruzar e sobrepassar tal individualidade geográfica, surgirá, de um lado e de outro, o desejo de restabelecer a unidade quebrada — de transformar a unidade natural em unidade nacional. Podemos indagar, então, se a unidade geográfica coincide com o âmbito de necessidades fechado em si mesmo, isto é, unificado pela capacidade de satisfazer em todas as direções as necessidades de seus habitantes.¹⁴⁵¹

[...] Ainda que a individualidade geográfica não constitua uma unidade senão unicamente enquanto a seu aspecto exterior, sem ter em conta para nada as necessidades humanas, essa individualidade seguiria sendo um motivo que desempenhara um papel na delimitação do território nacional; e sua ruptura representaria um fator de intranquilidade e um perigo para os Estados interessados. Temos aí uma situação análoga à importância do povo como fundamento do Estado. Um Estado pode abarcar várias individualidades geográficas, o mesmo que pode abarcar vários povos; e todos eles podem viver ali em paz. Porém, o Estado pode romper também a unidade de um povo ou a de um país; ao renunciar a seu fundamento natural, cria sempre “irredentismos”, e desta maneira suscita ameaças para sua própria existência.¹⁴⁵²

Portanto, a unidade de um país e a unidade de um povo estão relacionadas entre si. Para sermos mais exatos: o caráter de um país influencia o caráter de seus habitantes.¹⁴⁵³

¹⁴⁵¹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴⁵² STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 616:

[...] Aunque la individualidad geográfica no constituya una unidad sino únicamente en cuanto a su aspecto exterior, sin tener en cuenta para nada las necesidades humanas, esa individualidad seguiría siendo un motivo que desempeñara un papel en la delimitación del territorio nacional; y su ruptura representaría un factor de intranquilidad y un peligro para los Estados interesados. Tenemos ahí una situación análoga a la importancia del pueblo como fundamento del Estado. Un Estado puede abarcar varias individualidades geográficas, o mismo que puede abarcar varios pueblos; y todos ellos pueden vivir allí en paz. Pero el Estado puede romper también la unidad de un pueblo o la de un país; al renunciar a su fundamento natural, crea siempre “irredentismos”, y de esta manera suscita amenazas para su propia existencia. [Tradução livre].

¹⁴⁵³ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

Destarte, cria-se um tipo pessoal que nos dias de hoje talvez possamos designá-lo com o termo “etnia”.¹⁴⁵⁴

Magistralmente, Edith Stein escreve:

[...] quando os representantes de um tipo étnico vivem em comunidade, e quando essa comunidade é o suficientemente extensa para encontrar-se ativa como “personalidade” cultural criativa, então teremos um *povo* nascido do solo do país [...].¹⁴⁵⁵

Na vida política — intersubjetiva — nada exige que cada unidade territorial seja portadora de um povo. Existem pessoas individuais — sujeitos geográficos — de diferentes dimensões, cada qual com a sua singularidade [estampada no rosto]. As menores não oferecem espaço suficiente para a comunidade tão extensa como é um povo. Na interpretação de Edith Stein, a comunidade que cresce em seu solo é só a “tribo” — e necessita-se de várias tribos para constituir, eventualmente por fusão, a unidade de um povo.¹⁴⁵⁶

Nos escritos de Edith Stein, identificamos que existem indivíduos geográficos — subdivididos em uma série de indivíduos parciais — com dimensões existenciais tão extensas, que vários povos podem desenvolver-se neles. Existe uma unidade que reúne esses povos; uma unidade que, enquanto se trate da unidade de um tipo, cai por terra o conceito de raça. Politicamente, “[...] se se forma também uma comunidade espiritual que abarca as comunidades mais estreitas, então poderemos falar de uma esfera cultural fundamentada na unidade étnica [...]”.¹⁴⁵⁷

¹⁴⁵⁴ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴⁵⁵ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 616:

[...] Cuando los representantes de un tipo racial viven en comunidad, y cuando esa comunidad es lo suficientemente extensa para hallarse activa como “personalidad” cultural creativa, entonces tendremos un *pueblo* nacido del suelo del país [...]. [Tradução livre].

¹⁴⁵⁶ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴⁵⁷ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, pp. 616-617:

Nos escritos de Edith Stein, o Estado pode ser comparado a uma pessoa individual. Na visão orgânica do Estado, identificamos os aspectos espiritual [soberania] e psíquico [povo]. Por fim, percebemos que a corporeidade do Estado reside no seu vínculo com o território, de modo que que o Estado reclama para sua existência uma terra, assim como um indivíduo carece de um corpo vivente [*Leibgestalt*].¹⁴⁵⁸

Michel Henry — na sua obra *Encarnação: uma filosofia da carne* [*Incarnation: une philosophie de la chair*, 2000] — escreve:

[...] *No limo da terra, há somente corpos, nenhuma carne. Algo como a carne só pode advir e nos advém do Verbo. Dele — e dele unicamente — vêm e se explicam todos os caracteres de uma carne — o fato antes de tudo, o pequeno fato de que ela é sempre a carne de alguém, a minha, por exemplo, de modo que carrega em si um “eu” mergulhado nela, e que não tem tempo de se separar dela, assim como não pode se separar de si mesmo —, e essa carne não é divisível ou “cortável”, não sendo composta de partículas nem de átomos, mas de prazeres e de sofrimentos, de fome e de sede, de desejo e de fadiga, de força e de alegria: tantas impressões vividas, nenhuma das quais jamais foi encontrada mediante a escavação do solo, mediante o cavamento de suas camadas de barro [...].*¹⁴⁵⁹

No ano de 1985, Frei João Evangelista do Monte Marciano, OFM Cap. — no relatório endereçado ao Arcebispado da Bahia sobre Antonio Conselheiro e seu sequito no Arraial dos Canudos — escreve: “[...] é a terra da promessa, onde corre um rio de leite e são de cuscuz de milho as barrancas.”¹⁴⁶⁰ Por conseguinte, expressa-se:

Quem tiver bens, disponha delles e entregue o producto da venda ao bom *Conselheiro*, não reservando para si mais do que

[...] Si se forma además una comunidad espiritual que abarca a las comunidades más estrechas, entonces podremos hablar de una esfera cultural fundamentada en la unidad racial [...]. [Tradução livre].

¹⁴⁵⁸ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴⁵⁹ HENRY, M. *Encarnação: uma filosofia da carne*. Trad. Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2013, p. 31.

¹⁴⁶⁰ MARCIANO, J. E. de. M., Frei. *Relatório apresentado pelo Revd. Frei João Evangelista de Monte Marciano ao Arcebispado da Bahia sobre Antonio Conselheiro e seu séquito no Arraial de Canudos*, 1895. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1987, p. 5. Disponível em: <file:///D:/CEB%20130%20-%20Relatório%20apresentado%20pelo%20Revd.%20Frei%20João%20Evangelista%20de%20Monte%20Marciano%20ao%20Arcebispado%20da%20Bahia%20sobre%20Antonio%20Conselheiro%20e%20seu%20sequito%20no%20Arraial%20de%20Canudos%20-%201895.pdf>. Acesso em: 14 de setembro de 2019.

um vintém em cada cem mil reis. Se possuir imagens, traga-as para o santuario commum.¹⁴⁶¹

No século XXI, a teologia como reflexão crítica da práxis histórica nos possibilita ver que o que Educlides da Cunha — em *Os sertões: campanha de Canudos, 1902* — identificou como “os ingênuos contos sertanejos [...]”¹⁴⁶² é *escritura sagrada*, da vida real de pessoas vivas.

Nas palavras do próprio Euclides da Cunha: “[...] lá tinham ido, muitos, alimentando esperanças singulares [...]”.¹⁴⁶³ Portanto, “[...] não te aproximes daqui; tira as sandálias dos pés porque o lugar em que estás é uma terra santa”.¹⁴⁶⁴ Para nós — do ser-tão — é o “Bello Monte”!¹⁴⁶⁵

No Êxodo, “[...] ‘lahweh, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó [...]”¹⁴⁶⁶ revela-nos: “[...] desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel [...]”.¹⁴⁶⁷

Historicamente, identificamos que a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas — ONU aprovou em 1947 — numa votação majoritária — a criação de um “Estado judeu” e de um “Estado árabe” no território que levava anteriormente o nome de Palestina/Eretz Israel.¹⁴⁶⁸ Evidentemente, estamos a falar da questão que envolve a história pessoal de Edith Stein — e de milhões de judeus na

¹⁴⁶¹ MARCIANO, J. E. de. M., Frei. *Relatorio apresentado pelo Revd. Frei João Evangelista de Monte Marciano ao Arcebispo da Bahia sobre Antonio Conselheiro e seu séquito no Arraial de Canudos, 1895*. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1987, p. 5. Disponível em: <file:///D:/CEB%20130%20-%20Relatório%20apresentado%20pelo%20Revd.%20Frei%20João%20Evangelista%20de%20Monte%20Marciano%20ao%20Arcebispo%20da%20Bahia%20sobre%20Antonio%20Conselheiro%20e%20seu%20sequito%20no%20Arraial%20de%20Canudos%20-%201895.pdf>. Acesso em: 14 de setembro de 2019.

¹⁴⁶² CUNHA, E. da. *Os Sertões: Campanha de Canudos — Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão*. São Paulo: Ática, 1998, p. 169.

¹⁴⁶³ CUNHA, E. da. *Os Sertões: Campanha de Canudos — Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão*. São Paulo: Ática, 1998, p. 169.

¹⁴⁶⁴ BÍBLIA, V. T. Êxodo. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 3, vers. 5.

¹⁴⁶⁵ CONSELHEIRO, A. *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso senhor Jesus Cristo, para a salvação dos homens*. São Paulo: É Realizações, 2017, p. 32.

¹⁴⁶⁶ BÍBLIA, V. T. Êxodo. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 3, vers. 16.

¹⁴⁶⁷ BÍBLIA, V. T. Êxodo. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 3, vers. 8.

¹⁴⁶⁸ GRESH, A. *Israël, Palestine: vérités sur un conflit*. Paris: Fayard, 2001.

contemporaneidade. Porém, o problema — onto-teológico-político — do sionismo “[...] é uma questão que podemos deixar de lado por ora [...]”.¹⁴⁶⁹

Na história pessoal — Historiobiografia — e nos escritos de Edith Stein, identificamos que “[...] a fé é fé em Deus [...]”.¹⁴⁷⁰ Evidentemente, na teologia latino-americana da libertação estamos a falar:

[...] Da fé no mistério infinito, indizível, que chamamos Deus; da fé em que esse mistério infinito nos aproximou infinitamente, enquanto *nosso* mistério, em autocomunicação com Jesus Cristo e sua graça, inclusive onde nada se sabe e pensa que se precipita no tenebroso abismo do vazio e da nulidade; da fé que a comunidade legítima daqueles que para a salvação do mundo inteiro confessam em Cristo essa proximidade de Deus segundo sua graça é a Igreja católica, apostólica e romana [...].¹⁴⁷¹

5.2

O ESTADO COMO PORTADOR DA HISTÓRIA

O grito de dor como o “Tenho fome!” exige uma resposta peremptória. A resposta que traz como obrigação a responsabilidade: ser responsável ou tomar a seu cargo aquele que clama e a sua dor. Nessa responsabilidade se fundamenta a religião autêntica e o culto, e o traumatismo que sofre aquele que se arrisca pelo Outro que clama é no sistema a *glória do infinito*. “Tenho fome!” é a revelação de que o suco gástrico molesta ou sensibiliza as paredes internas do estômago. Esse ácido que produz dor é o apetite; o “desejo” de comer. Este desejo carnal, corporal, material é já o desejo do Reino dos Céus em sua significação mais real: é a insatisfação que exige ser saciada. Quando se trata da fome de um povo, habitual, a fome da pobreza, é o *lugar donde* surge a palavra não-ideológica. Esse é o carnalismo ou adequado materialismo que Jesus coloca como critério supremo do Juízo: “Tive fome e me deste de comer”.¹⁴⁷²

¹⁴⁶⁹ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. In: _____. *Ética a Nicômaco; Poética*. Trad. Leonel Vallandro, Gerd Bornheim e Eudoro de Souza. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

¹⁴⁷⁰ STEIN, E. *Naturaleza, Libertad y Gracia* [1921]. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 120.

¹⁴⁷¹ RAHNER, K. *Escritos de teología V*. Trad. Jesús Aguirre. 2. ed. Madrid: Cristiandad, 2003, p. 15:

[...] De la fe en el misterio infinito, indecible, que llamamos Dios; de la fe en que ese misterio infinito se nos ha acercado infinitamente, en cuanto *nuestro* misterio, en autocomunicación absoluta en Jesucristo y su gracia, incluso allí donde nada se sabe y uno piensa que se precipita en el tenebroso abismo del vacío y de la nulidad; de la fe en que la comunidad legítima de aquellos, que para la salvación del mundo entero confiesan en Cristo esa cercanía de Dios según su gracia, es la Iglesia católica, apostólica y romana [...]. [Tradução livre].

¹⁴⁷² DUSSEL, H. *Teologia da Libertação: Um panorama de seu Desenvolvimento*. Trad. Francisco da Rocha Filho. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1999, p. 10.

Edith Stein, partindo de estudos e pesquisas em Johann Gottlieb Fichte e Georg Wilhelm Friedrich Hegel, expõe a seguinte concepção desses filósofos idealistas: o Estado — como instrumento da moralidade e da liberdade — “[...] é o portador do acontecer histórico [...]”,¹⁴⁷³ porque o conteúdo da história consiste na realização da ideia moral. Edith Stein, apesar de não reconhecer nas suas reflexões que o sentido do Estado consista em proteger a liberdade do indivíduo — e que a liberdade do indivíduo tenha necessidade do Estado — não refutada a concepção dos filósofos supracitados. Para Edith Stein, resta-nos perguntar, inicialmente, que posição adotar diante de tal definição do conteúdo da história.¹⁴⁷⁴

Pode-se conceber a história como um processo de desenvolvimento espiritual. No entanto, não é a liberdade o que nele se desenvolve; porque a liberdade — no sentido *stricto* que Edith Stein dá a esta palavra — não é nada que possa desdobrar-se ou desenvolver-se. Edith Stein expõe, então, que a liberdade não pode mais do que existir ou não existir — e pode haver concretamente um momento em que ela comece a existir. Pensando deste modo, não podemos falar de um desenvolvimento da liberdade, senão em sentido próprio: enquanto é possível que a liberdade frente ao simples ser levado avança até conseguir o domínio. Na existência do Estado, não é a liberdade que se desenvolve, mas seu portador: a pessoa individual ou a comunidade estatal.¹⁴⁷⁵

Hegel vai nesta mesma direção quando fala de um desenvolvimento do espírito até a consciência de sua liberdade. Por enquanto, deixamos em suspenso a questão de saber se esse momento puramente formal — que

¹⁴⁷³ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 644:

“[...] es el portador del acontecer histórico [...]”. [Tradução livre].

¹⁴⁷⁴ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴⁷⁵ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

quer que o espírito ou a pessoa seja dona de si mesma — basta para determinar o conteúdo da história.¹⁴⁷⁶

Para chegar a integrar o Estado, faz-se necessário recorrer a um elemento intermediário, que Edith Stein o encontra em Fichte: o despertar do indivíduo à liberdade é possível unicamente na comunidade; não o é para o homem isolado. Do ponto de vista Edith Stein, basta que cada um se recolha e reflita — interiormente — para que logre a posse de sua liberdade, que está nele e que só necessita ser possuída. Porque algo assim não será possível senão tratando-se de pessoas conscientes livres, e não no caso de matéria inerte: isso é algo que não se explica racionalmente, mas que resulta num fato indiscutível.¹⁴⁷⁷

Nos escritos de Edith Stein, a comunidade estatal é de fundamental importância para que o indivíduo possa despertar-se à liberdade. Do mesmo modo, o Estado é indispensável para que essa possibilidade se converta em realidade e para que a ameaça procedente de outros indivíduos não o impeça do exercício de sua liberdade.¹⁴⁷⁸

Edith Stein não discute que exista de fato tal relação. Porém, não admite que nisto se resumam o conteúdo da história, a finalidade do Estado e sua importância para a história. Para estabelecer a vinculação, necessita-se aqui de uma elucidação mais precisa do que deve ser entendido por “ideia moral”. Nos escritos de Edith Stein, a ideia moral não significa o mesmo que a liberdade. Evidentemente, a livre decisão tem uma relevância moral, mas não pode caracterizar-se sem mais como algo que possua um valor positivo ou negativo. Esta polaridade corresponde ao valor moral, o mesmo que a qualquer outro valor; e da decisão a este respeito não depende da liberdade, senão dos motivos nos quais a liberdade se baseia,

¹⁴⁷⁶ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴⁷⁷ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴⁷⁸ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

e do que se escolha com a liberdade, a saber: de que seja algo que encerre um valor ou não. Para Edith Stein, “[...] quando vincula-se a história com a ‘ideia moral’, vê-se obrigado a recorrer aos *valores materiais* [...]”.¹⁴⁷⁹

Pensando deste modo, o desenvolvimento até a moralidade não significa simplesmente o despertar-se à liberdade, mas a formação da sensibilidade até os valores de toda índole e o progresso no uso da liberdade para a realização de valores. Nas reflexões de Edith Stein, o desvelar da cultura é conteúdo fundamental da história: um resultado ao qual se chega também quando se observa a corrente da história e quando não se parte de uma meta concebida. Edith Stein expõe que não terá sentido semelhante meta para uma consideração da filosofia da história, a não ser ao passo em que corresponda a uma tendência que se perceba no curso do acontecer histórico.¹⁴⁸⁰

No seio da sociedade latino-americana contemporânea, se concebemos a história como o transcurso da vida do espírito, no qual se despertam as culturas, então aparecem — sob uma luz nova — as conexões entre a história, a comunidade e o Estado. Nos escritos de Edith Stein, se recordarmos as anteriores exposições sobre o *povo como personalidade criadora da cultura* e sua exigência de receber uma organização estatal, então cai por terra as especulações de orientação individualista sobre a finalidade do Estado e o conteúdo da história. Edith Stein indaga: “[...] Que função desempenha o indivíduo na história? E inversamente, que significação tem a história para o indivíduo? [...]”.¹⁴⁸¹

¹⁴⁷⁹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, pp. 645-646:

“[...] cuando se vincula la historia con la ‘ideia moral’, uno se ve obligado a recorrer a los *valores materiales* [...]”. [Tradução livre].

¹⁴⁸⁰ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴⁸¹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 646:

“[...] ¿Qué función desempeña el individuo en la historia? E inversamente ¿qué significación tiene la historia para el individuo? [...]”. [Tradução livre].

Nos escritos de Edith Stein, estas questões não são abordadas. Edith Stein, em primeiro lugar, rechaça como um prejuízo que o sentido da história deva ser compreendido a partir do indivíduo.¹⁴⁸²

Com o descobrimento das conexões entre o Estado e a cultura cai por si mesma a questão, tão debatida, acerca da prioridade da história política ou da história cultural, um debate que apaixonou tanto os historiadores das últimas décadas. Uma Historiografia que prescindia do desenvolvimento cultural é tão impossível como o é o fazer caso omissos dos Estados [...].¹⁴⁸³

Pode-se compreender — e justificar — certo predomínio do fator estatal na prática da historiografia, porque os Estados não são unicamente estruturas históricas junto a outras, senão que são, às vezes, pontos de orientação que nos permitem situar-nos em meio à grande diversidade dos fenômenos históricos. No século XXI, se desejamos recorrer — ainda que em parte — às correntes dos acontecimentos culturais, far-se-á útil começarmos por interessar-nos por estudos e pesquisas dos Estados, porque estes são centros graças aos quais delimita-se com precisão um terreno — compreendido por Edith Stein como uma esfera espiritual e não só como um mero país — que pode assim ser captado.¹⁴⁸⁴

Do ponto de vista de Edith Stein, a origem e a decadência de um Estado e cada período de seu desenvolvimento são, concomitantemente, um índice que aponta uma época da vida cultural. Na vivência intersubjetiva, quando surge um novo Estado, de duas coisas, uma: ou um sinal de que um terreno cultural — fechado em si mesmo — deu a si mesmo uma formação exterior, o qual remete ao desenvolvimento cultural que impulsionou a chegar a esse resultado e dirige a atenção às consequências

¹⁴⁸² STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴⁸³ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, P. 646:

Con el descubrimiento de las conexiones entre el Estado y la cultura, cae por sí misma la cuestión, tan debatida, acerca de la prioridad de la historia política o de la historia cultural, un debate que apasionó tanto a los historiadores de las últimas décadas. Una historiografía que prescindiera del desarrollo cultural es tan imposible como lo es el hacer caso omiso de los Estados [...]. [Tradução livre].

¹⁴⁸⁴ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

desse acontecimento para o desenvolvimento futuro, ou mostra o desmembramento de um terreno cultural que até então havia sido uniforme ou a soldagem de diferentes terrenos culturais.¹⁴⁸⁵

Na opinião de Edith Stein, carece de averiguação que desenvolvimento tornou possível tal intervenção exterior e que conseqüências se desprendem dele. Na América Latina, uma descrição da história que ignorasse estas conexões e que se contentara em descobrir os acontecimentos da formação dos Estados enquanto tais não aportaria mais do que matérias primas e não poderia pretender o valor de ser um trabalho concluinte: um trabalho que expusera, exaustivamente, o sentido do acontecer histórico.¹⁴⁸⁶ No que diz respeito à questão da importância histórica do Estado, Edith Stein expõe:

[...] Unilateralmente, nem a consideração do desenvolvimento histórico como tal, nem a consideração do Estado permitem ver que o Estado deva ser compreendido como um instrumento para uma realização do objetivo final da história. De acordo com sua ideia, o Estado nada tem a ver com a história. Isto significa dizer que não forma parte de sua ideia ser um fator histórico [...].¹⁴⁸⁷

Para Edith Stein, é concebível um Estado desprovido de toda relação com o contexto histórico. Por outra parte, a história não depende — em princípio — do Estado. Podemos imaginar um acontecimento histórico no qual nenhum Estado desempenhara papel algum; estaria sustentado por indivíduos e por comunidades sem organização estatal. Na verdade, esta separação não muda em nada o fato de que o Estado — em virtude do que é segundo sua ideia — possa ser perfeitamente o portador do acontecer histórico: pelo fato de que ele tem a liberdade de submeter toda vida espiritual à sua direção, o Estado entra em relação com tudo o que tem

¹⁴⁸⁵ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴⁸⁶ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴⁸⁷ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 647:

[...] Unilateralmente ni la consideración del desarrollo histórico como tal ni la consideración del Estado permiten ver que el Estado deba comprenderse como un instrumento para una realización del objetivo final de la historia. Según su idea, el Estado nada tiene que ver con la historia. Esto quiere decir que no forma parte de su idea el ser un factor histórico [...]. [Tradução livre].

relevância histórica e adquire significado para tudo. E sua importância efetiva é tal para a história que podemos dominá-la cientificamente do modo mais fácil abandonando-a enquanto história do Estado.¹⁴⁸⁸

Por outra parte, os Estados empíricos — por razão de sua origem fáctica — são formações históricas que nascem da corrente do desenvolvimento histórico, do mesmo modo que se encontram nesse devir e aparecem como centros de atividade. O Estado, enquanto centro de atividade, torna possível, em grande parte, o que caracterizamos no presente estudo como sentido da história: a realização de valores.¹⁴⁸⁹

Politicamente, as relações entre Estado e direito têm sua razão de ser exclusivamente na soberania — radicada em indivíduos concretos [singulares] —, de onde emerge o seu poder de legislar e de proteger, legislando tanto para os cidadãos como para o direito mesmo. Na investigação do Estado, dentre outros muitos elementos que Edith Stein analisa, cobra especial interesse as questões dedicadas à gênese e ao fundamento do Estado, assim como os limites do poder estatal. Partindo das reflexões escavadas nos escritos de Edith Stein, rechaçamos a concepção de que seja o Estado que crie a liberdade da pessoa humana.¹⁴⁹⁰

Para Edith Stein, a função do Estado é a de proteger e favorecer a liberdade dos indivíduos, facilitando as relações sociais. Nos indivíduos Edith Stein identifica a moralidade de um Estado. Por este motivo, a fortaleza e o valor ético da sociedade contemporânea dependerá da atuação dos seus indivíduos. Edith Stein põe nas mãos dos indivíduos a

¹⁴⁸⁸ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴⁸⁹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴⁹⁰ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

existência do Estado — e não ao revés. Evidentemente, de um Estado consciente e livre, democrático de direito.¹⁴⁹¹

Por fim, “[...] não quero faca nem queijo.

Quero a fome.”¹⁴⁹²

5.3

ESTADO, EDUCAÇÃO E RELIGIÕES

Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.
Não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.
Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,
ela falou comigo:
‘Coitado, até essa hora no serviço pesado’.
Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água [quente].
Não me falou em amor.
Essa palavra de luxo.¹⁴⁹³

Na semana da Páscoa de 1932, Edith Stein deu duas conferências em Munique [Alemanha] — intituladas *A arte materna da educação* [*Mütterliche Erziehungskunst*] — na Rádio Bávara. Partindo do método fenomenológico, Edith Stein refletiu sobre o caminho que ela propõe para a educação das crianças, da primeira infância à idade escolar.

No dia 1 de abril de 1932, às 15h15min., Edith Stein falou sobre os primeiros anos da infância no programa “Hora da mulher”:

[...] Com que direito pode uma mulher, que não é mãe, atrever-se a falar para mães sobre a arte da educação materna? Quiça vocês pensem que os estudos de psicologia e pedagogia lhe dão direito a isso. E isso é certo. Estes estudos, si se praticam de um modo correto, podem informar-nos sobre aquilo que só o “instinto maternal” não consegue. De todos os modos será sempre proveitoso se as questões das quais fala a ciência surgem da vida, e se somos capazes de distinguir a conexão entre as afirmações da ciência e os fatos da vida. E, assim, parece-me que, para ganhar sua confiança, é quase mais importante que o estudo científico o fato de eu ter vivido lembranças de infância ricas e estreitamente relacionadas; também o fato de que vi crescer muitas crianças em círculos de

¹⁴⁹¹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920], vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁴⁹² PRADO, A. Tempo. In: _____. *O coração disparado*. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 31.

¹⁴⁹³ PRADO, A. Ensino. In: _____. *Bagagem*. 19. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2003, p. 118.

familiares e conhecidos e na escola, e que pude observar durante longo período seu desenvolvimento, e que muitos deles depositaram em mim a sua confiança.¹⁴⁹⁴

Naturalmente, nenhum poder pode ser comparado — em sua importância — com a influência da mãe, em matéria do caráter e destino do ser humano.¹⁴⁹⁵ No tear da vida,

[...] se encontramos pessoas que caminham aberta, direta e livremente, e que transmitem luz e calor, então podemos afirmar quase com segurança que tiveram uma infância soleada e que o sol dessa infância foi um são amor materno. Se encontramos pessoas tristes e retraídas ou que mostram desvios ou deformação de caráter, pode-se concluir, com não pouca probabilidade, que em sua juventude faltou ou se perdeu algo, e quase sempre se vê logo que falhou, senão *exclusivamente*, ao menos *também* por parte da mãe [...].¹⁴⁹⁶

Para Edith Stein, é algo misterioso a relação entre mãe e filho. Por vias intelectivas, nunca poderá o entendimento compreender totalmente como acontece que um novo “organismo” desenvolva-se no “organismo” materno. Do mesmo modo, padece de explicação o fenômeno de que

¹⁴⁹⁴ STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933].* vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 374:

¿Con qué derecho puede una mujer, que no es madre, atreverse a hablar a madres sobre el arte de la educación materna? Quizás ustedes piensen que los estudios de psicología y pedagogía le dan derecho a ello. Y eso es cierto. Estos estudios, si se practican de un modo correcto, pueden informarnos sobre aquello que el solo “instinto material” no consigue. De todos modos será siempre provechoso si las cuestiones de los que habla la ciencia surgen de la vida, y si somos capaces de distinguir la conexión entre las afirmaciones de la ciencia y los hechos de la vida. Y así me parece que para ganar su confianza, es casi más importante que el estudio científico el hecho de que yo conservo desde antiguo unos vivos y ricos recuerdos de la infancia muy relacionados; también el hecho de que he visto crecer a muchos niños en círculos de familiares y conocidos y en la escuela, y que pude seguir durante largo período su desarrollo, y que muchos de ellos me regalaron su confianza. [Tradução livre].

¹⁴⁹⁵ STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933].* vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

¹⁴⁹⁶ STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933].* vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, pp. 374-375:

[...] si encontramos personas que caminan abierta, directa y libremente, y que transmiten luz y calor, entonces podemos afirmar casi con seguridad que tuvieron una infancia soleada y que el sol de esa infancia fue un sano amor materno. Si encontramos a personas tristes y retraídas o que muestran desviaciones o deformaciones del carácter, se puede concluir, con no poca probabilidad, que en su juventud faltó o se perdió algo, y casi siempre se ve luego que se ha fallado, si no *exclusivamente*, al menos *también* por parte de la madre [...]. [Tradução livre].

depois da separação entre mãe e filho, por ocasião do nascimento, permanece um laço invisível — uma força que a mãe pode sentir o que necessita a criança, o que a ameaça, o que lhe sucede —, um maravilho talento para conseguir o necessário e repelir o daninho e uma disposição de sacrifício até a morte. Por este motivo, é insubstituível. Na concepção de Edith Stein, uma criança da qual se arrebatou a mãe — ou cuja mãe não é a “autêntica mãe” — não desenvolver-se-á nunca como aquela que cresce sob a custódia do autêntico amor materno.¹⁴⁹⁷

No mês de abril de 1942, Olga Benário — judia militante comunista alemã —, um dia antes da sua morte na câmara de gás, despedindo-se do seu esposo Luís Carlos Prestes e da filha bebê Anita Leocádia, que, tendo nascido na prisão, fora entregue a uma organização humanitária, escreveu do campo de concentração de Ravensbrück [Alemanha]:

[...] É totalmente impossível para mim imaginar, filha querida, que não voltarei a ver-te, que nunca mais voltarei a estreitar-te em meus braços ansiosos. Quisera poder pentear-te, fazer-te as tranças — ah, não, elas foram cortadas. Mas te fica melhor o cabelo solto, um pouco desalinhado. Antes de tudo, vou fazer-te forte. Deves andar de sandálias ou descalça, correr ao ar livre comigo. Sua avó, em princípio, não estará muito de acordo com isso, mas logo nos entenderemos muito bem. Deves respeitá-la e querê-la por toda a tua vida, como o teu pai e eu fizemos. Todas as manhãs faremos ginástica... Vês? Já volto a sonhar, como tantas noites, e esqueço que esta é a minha despedida. E agora, quando penso nisto de novo, a ideia de que nunca mais poderei estreitar teu corpinho cálido é para mim como a morte.¹⁴⁹⁸

E, mais adiante, Olga Benário escreve:

Querida Anita, meu querido marido, meu Garoto: choro debaixo das mantas para que ninguém me ouça, pois parece que hoje as forças não conseguem alcançar-me para suportar algo tão terrível. É precisamente por isso que esforço-me para despedir-me de vocês agora, para não ter que fazê-lo nas últimas e difíceis horas. Depois desta noite, quero viver para este futuro tão breve que me resta. De ti aprendi, querido, o quanto significa a força da vontade, especialmente se emanda de fontes como

¹⁴⁹⁷ STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

¹⁴⁹⁸ BENÁRIO, O. Esta é a minha despedida: de Olga Benário para Luís Carlos Prestes e Anita Leocádia — abr. 1942. In: RODRIGUES, S. [org.]. *Cartas brasileiras: correspondências históricas, políticas, célebres, hilárias e inesquecíveis que marcaram o país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 125.

as nossas. Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo. Prometo-te agora, ao despedir-me, que até o último instante não terão porque se envergonhar de mim. Quero que me entendam bem: preparar-me para a morte não significa que me renda, mas sim saber fazer-lhe frente quando ela chegar. Mas, no entanto, podem ainda contecer tantas coisas... Até o último momento manter-me-ei firme e com vontade de viver. Agora vou dormir para ser mais forte amanhã. Beijos pela última vez.¹⁴⁹⁹

No Estado Novo [Brasil], Olga Benário — naquele que é considerado o mais convarde crime de Estado — fora oferecida numa bandeja ao Estado nazista, grávida, depois do fracasso da Intentora Comunista.

Nos escritos de Edith Stein, a união natural entre a mãe e o filho revela-se como o primeiro e mais importante fundamento do poder que outorgamos à influência da mãe; como segundo, a ductilidade da jovem alma nos primeiros anos de vida.¹⁵⁰⁰

[...] Muito antes do que opina o psicólogo laico, a alma da criança recebe suas primeiras impressões que podem permanecer gravadas e ser determinantes para toda a vida [...].¹⁵⁰¹

Para o estudo do Estado, interessa-nos que do “poder” da mãe surgem “obrigação” e “responsabilidade”. Da mãe — mais do que de nenhuma outra pessoa — vai depender o que o filho venha a ser: como desenvolve-se o caráter da criança e se será feliz ou infeliz.¹⁵⁰²

[...] Minha mãe sempre foi uma patriota alemã. Casou-se em 1871, a música de seu casamento foi tirada do texto *Es braust ein Ruf wie Donnerhall* [Estronda um grito como um trovão], e

¹⁴⁹⁹ BENÁRIO, O. Esta é a minha despedida: de Olga Benário para Luís Carlos Prestes e Anita Leocádia — abr. 1942. In: RODRIGUES, S. [org.]. *Cartas brasileiras: correspondências históricas, políticas, célebres, hilárias e inesquecíveis que marcaram o país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 125.

¹⁵⁰⁰ STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

¹⁵⁰¹ STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 375:

[...] Mucho antes de lo que opina el psicólogo laico, el alma del niño recibe sus primeras impresiones que pueden quedar grabadas y ser determinantes para toda la vida [...]. [Tradução livre].

¹⁵⁰² STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

não admitia, nem admite ainda hoje, ser contestada na sua germanidade.¹⁵⁰³

Na opinião de Edith Stein, a primeira obrigação que corresponde à mãe é a de “ter que estar para seu filho”: sempre que as condições de vida permitam de algum modo, o que não se tenha que fazer representar por outra que nunca poderá substituí-la completamente. De acordo com Edith Stein, “estar-para-a-criança” não implicar “estar-sempre-com-ela”. Nos casos da mãe ter que se ausentar da criança, por motivos profissionais, de saúde *etc.*, deve-se ter o devido cuidado “a quem” confiar a criança, para não expô-la aos danos de alguém sem consciência ou insensato.¹⁵⁰⁴

Na experiência da “autêntica mãe”, o autêntico amor materno — no qual a criança floresce como planta exposta ao suave calor do sol — é “consciente de que não está aí para ela”: nem como brinquedo para preencher o tempo vazio, nem para silenciar seu desejo de ternura, nem para satisfazer sua vontade e ambição. No seio da “autêntica mãe”, a criança revela o seu rosto de criatura de Deus, chamada por Ele à existência para participar da comunidade estatal e da humanidade.¹⁵⁰⁵

Na pedagogia de Edith Stein, escavamos os princípios essenciais da educação: o conjunto da arte da educação tem que ser regido pelo “amor”, percebido em toda medida tomada, sem dar lugar ao “temor”. Na práxis político-pedagógica, o meio mais eficaz da educação revelado nos escritos de Edith Stein não é a palavra doutrinante, mas o “exemplo vivo” sem o qual toda palavra carece de valor. Para Edith Stein, uma “autêntica mãe”

¹⁵⁰³ STEIN, E. Memórias de minha mãe. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 50.

¹⁵⁰⁴ STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

¹⁵⁰⁵ STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

deverá — antes do início da etapa escolar — conduzir a criança a uma correta relação com os homens e com Deus.¹⁵⁰⁶

De acordo com Edith Stein, os fundamentos de toda vida comum humana são “confiança” e consideração”. Logo cedo, surgem no espírito da criança as perguntas pelos mistérios da vida; um sem fim de “porquês” até que não lhe conduza à fonte necessária de todo ser e de toda verdade, onde toda pergunta encontra seu repouso.¹⁵⁰⁷

No caso da mãe crente, Edith Stein recomenda-lhe que leve a criança a conhecer o Pai celeste o quanto antes, pois:

[...] Sabe que não tem o poder de proteger seu filho de todos os perigos do corpo e da alma, que antes ou depois surgirão. Ela sabe também que não estará sempre ao lado do seu filho. Por este motivo ela tem que ensiná-lo, logo que ele seja capaz de entender, a colocar-se nas mãos de Deus, a buscar nEle consolo e ajuda e a ver nEle o critério de seu agir. Se ela consegue isto, pode ficar tranquila sobre o futuro de seu filho.¹⁵⁰⁸

No dia 3 de abril de 1932, Edith Stein refletindo sobre as crianças durante a idade escolar, pronuncia as seguintes palavras:

Quando uma mãe leva a criança pela primeira vez para a escola tem que ter clara a ideia de que para os dois começa uma nova etapa na vida. Um mundo totalmente novo se abre diante da criança. Entra em um círculo de companheiros da mesma idade. No lugar da mãe surge, durante umas quantas horas do dia, outra “grande pessoa”, que lhe quer guiar e formar e à qual tem que se acomodar. Cada dia e cada hora uma grande quantidade

¹⁵⁰⁶ STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933].* vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

¹⁵⁰⁷ STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933].* vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

¹⁵⁰⁸ STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933].* vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 380:

[...] Sabe que no tiene el poder de proteger a su hijo de todos los peligros del cuerpo y del alma que antes o después surgirán. Ella sabe también que ella no siempre va a estar a su lado. Por eso ella tiene que enseñarle, tan pronto como él sea capaz de entender, a ponerse en las manos de Dios, a buscar en Él consuelo y ayuda y a ver en él el criterio de su obrar. Si ella consigue esto, puede estar tranquila sobre el futuro de su hijo [...]. [Tradução livre].

de novas impressões e estímulos se acumulam na jovem alma e têm que ser assimiladas.¹⁵⁰⁹

Pedagogicamente, a criança — em idade escolar — não está somente nas mãos da mãe. Não obstante, se a mãe inculcou no filho os fundamentos para um posterior desenvolvimento e trabalho educativo, então deve-se pensar que ela preparará com todo cuidado o passo da criança para a educação formal, apresentando-lhe a intuição escolar como algo belo sobre o qual pode alegrar-se. No entanto, os pais — poucos preocupados e reflexivos — tendem a usar a escola e os mestres como ameaça, produzindo na criança temor e receio.¹⁵¹⁰

Edith Stein — sobre sua história pessoal — escreve:

[...] Quando os dias eram bons, podíamos brincar no depósito de madeira. Era um paraíso para as crianças, e nós nos reuníamos lá quando não estávamos na escola [não somente nós, os filhos, mas também as outras crianças de nossa casa, os amigos de escola e os filhos dos parentes]. Minha mãe dava a regra: “Obedecer e não perturbar! Para além disso, vocês podem fazer o que quiserem!” Com muita alegria, fizeram uma gangorra, colocando uma tábua sobre um cavalete de madeira: uma criança se sentava numa extremidade e rapidamente estava no alto. Ficávamos brincando horas a fio, sem nos cansar dessa brincadeira. Também brincávamos de esconde-esconde entre as numerosas pilhas de tábuas, umas mais baixas e outras mais altas. Dentro do depósito ficavam as tábuas ou pranchas sensíveis às intempéries. Elas eram empilhadas de modo a formar verdadeiros andaimes, o que exigia escadas para alcançar o topo, que era escuro. Nessa penumbra era possível se enconder, sonhar e contar histórias [...].¹⁵¹¹

¹⁵⁰⁹ STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 380:

Quando la madre lleva al niño por primera vez a la escuela tiene que tener clara la idea de que para los dos comienza una nueva etapa en la vida. Ante el niño se abre un mundo totalmente nuevo. Entra en un círculo de compañeros de la misma edad. En el lugar de la madre surge, durante unas cuantas horas al día, otra “gran persona”, que le quiere guiar y formar y a la que se tiene que acomodar. Cada día y cada hora una gran cantidad de nuevas impresiones y estímulos se agolpan en la joven alma y tienen que ser asimiladas. [Tradução livre].

¹⁵¹⁰ STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

¹⁵¹¹ STEIN, E. Memórias de minha mãe. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 61.

Edith Stein reflete — assombrosamente — sobre o descuido na eleição da escola, por parte dos pais e responsáveis: matriculam-se as crianças sem nenhuma preocupação de antes conhecerem o espírito e o método com que a educação e as aulas são levadas a cabo — e sem saberem a que tipo de pessoas os filhos são confiados. Dito em poucas palavras: irresponsavelmente, os pais e responsáveis ignoram a proposta político-pedagógica da instituição escolar.¹⁵¹² Politicamente, a educação — formal e informal — não é neutra:

[...] A educação é um ato político. Não há prática educativa indiferente a valores. Ela não pode ser indiferente a um certo projeto, desejo ou sonho de sociedade. Ninguém é educador por simples acaso. Ninguém forma por formar. Há objetivos e finalidades, que fazem com que a prática educativa transborde dela mesma [...].¹⁵¹³

Na conferência do dia 3 de abril de 1932, Edith Stein refletiu sobre o surgimento de uma “nova escola”, fruto de acaloradas lutas de reforma — uma escola nascida de um autêntico amor pelas crianças, de uma séria vontade de educadores e de um elevado idealismo, organizada de diversos modos. De acordo com Edith Stein, os educadores de todo tipo — da educação infantil ao ensino superior —, os teóricos e práticos e os especialistas da administração educativa prepararam e empreenderam a reforma, levando-a a cabo. Não obstante, desapareceu — lamentavelmente — a participação dos pais e responsáveis.¹⁵¹⁴

Sócio-historicamente, a escola cidadã seguiu atuando ao modo do Estado autoritário — “[...] a educação segundo o princípio: o silêncio é a primeira obrigação do cidadão [...]”.¹⁵¹⁵

¹⁵¹² STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

¹⁵¹³ FREIRE, P. *Entrevista: “a educação é um ato político”*. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/1357/3/FPF_OPF_07_015.pdf>. Acesso em 04 de agosto de 2018.

¹⁵¹⁴ STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

¹⁵¹⁵ STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier

O Estado — contratualista — colocou sua mão [pesada] sobre a escola: dirige-a, assume uma grande parte dos custos de manutenção e obriga à assistência. Os súditos devem matricular os seus filhos na escola — e nada mais. Na presente conferência, Edith Stein menciona o “Estado democrático”, que possibilita a todo cidadão — inclusive as mulheres — a participação da configuração do sistema educativo.¹⁵¹⁶

“[...] Minha mãe costumava dizer que, para ela, cada filho era um enigma singular [...]”.¹⁵¹⁷ Este é o caminho e a função da mãe:

[...] cada vez mais retrair-se, não querer fazer valer a própria pessoa, senão mirar até a meta: que a criança chegue a ser o que Deus quer dela. No início, se dá à criança tudo em suas mãos, e cada vez mais se lhe emancipa e antes ou depois chega o dia em que exteriormente tem que dar-lhe tudo, quase como um segundo nascimento, uma separação espiritual, que pode ser muito mais doloroso do que o primeiro. Não ajuda em nada por resistência. Quanto mais se engane a mãe em manter o filho para si e retê-lo, com maior segurança e definitivamente o perderá, inclusive ainda que lhe pudesse levar a que exteriormente permanecesse com ela. Quanto mais disposta esteja a devolvê-lo nas mãos [7v] de quem lhe deu, tanto mais seguro pode esperar que lhe será novamente ofertado em sentido novo, elevado e santo.¹⁵¹⁸

Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 381:

[...] La educación según el principio: el silencio es la primera obligación del ciudadano [...]. [Tradução livre].

¹⁵¹⁶ STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

¹⁵¹⁷ STEIN, E. Memórias de minha mãe. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 46.

¹⁵¹⁸ STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 386:

[...] cada vez más retraerse, no querer hacer valer la propia persona, sino mirar hacia la meta: que el niño llegue a ser lo que Dios quiere de él. Al inicio se le da al niño totalmente en sus manos, y cada vez más se le emancipa y antes o después llega el día en que exteriormente tiene que darlo totalmente, casi como un segundo nacimiento, una separación espiritual, que puede ser mucho más doloroso que el primero. No ayuda para nada el poner resistencia. Cuanto más se engañe la madre en mantener al hijo para sí y retenerlo, con mayor seguridad y definitivamente lo perderá, incluso aunque le pudiese llevar a que exteriormente permaneciese con ella. Cuanto más dispuesta esté a devolverlo en la manos [7v] de quien se lo ha dado, tanto más seguro puede esperar que le será nuevamente regalado en un sentido nuevo, elevado y santo. [Tradução livre].

Nos escritos de Edith Stein, a primazia da esfera religiosa diante das demais e a obediência — absoluta — exigida por ela dos mandamentos da Lei de Deus revelam-se incompatíveis com a obediência incondicional que o Estado exige de suas ordens. Nas relações tecidas entre religião e modernidade não podemos negar que toda pessoa humana está submetida, primordialmente, ao Soberano supremo — e nenhuma relação de senhorio terrestre pode modificar esta situação. No Estado,

[...] se o crente recebe uma ordem de Deus — seja diretamente, na oração ou por meio do representante divino na terra —, o crente tem a obrigação de obedecer, siendo indiferente que para isso tenha que atuar ou não contra a vontade do Estado.¹⁵¹⁹

Na vida política, delineada em circunstâncias concretas da existência do Estado, Sigmund Freud aponta duas exigências de poder, que se excluem mutuamente. Na vivência intersubjetiva do Estado, o maior crime-pecado é não ter amado, “[...] *ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito [...]*”¹⁵²⁰ e “[...] *o teu próximo como a ti mesmo*”.¹⁵²¹ Na tradição judaico-cristã, “desses dois mandamentos dependem toda Lei e os Profetas”.¹⁵²²

Sigmund Freud, em *O mal-estar na civilização*, escreve:

[...] O povo de Israel se considerava o favorito de Deus, e, quando o grande Pai fez cair um infortúnio após o outro em cima deste seu povo, ele não perdeu a confiança nessa relação nem duvidou do poder da justiça de Deus, mas produziu os profetas, que lhe repreenderam a pecaminosidade, e a partir de sua consciência de culpa forjou os preceitos tão severos de sua religião sacerdotal [...].¹⁵²³

¹⁵¹⁹ STEIN, E. Una Investigación Sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 648:

Si el creyente recibe una orden de Dios — ya sea directamente, en la oración, o por medio del representante divino en la tierra —, el creyente tiene obligación de obedecer, siendo indiferente el que para ello tenga que actuar o no en contra de la voluntad del Estado. [Tradução livre].

¹⁵²⁰ BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 22, vers. 37.

¹⁵²¹ BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 22, vers. 39.

¹⁵²² BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 22, vers. 40.

¹⁵²³ FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011, p. 73.

Para Sigmund Freud, é notável como o primitivo se conduz diferentemente. No caso de ser vítima do infortúnio, não atribui a si a culpa, mas sim ao fetiche, que não cumpriu as obrigações — e bate nele, em vez de castigar a si mesmo.¹⁵²⁴

Na concepção de Edith Stein, é compreensível que o Estado desconfie das pessoas religiosas, sobretudo da personificação visível e permanente dessa pretensão de poder que desafia sua soberania — a Igreja — e que algumas vezes reaja frente à Igreja com hostilidade. Podemos compreender que entre os crentes surja constantemente a ideia de considerar o Estado como o Anticristo. Edith Stein não aponta nos seus escritos nenhuma solução para conflito baseado na particularidade das esferas estatal e religiosa. Tão só é possível uma solução de avença. Por um lado, a palavra de Deus afirma: “[...] ‘Dai, pois, o que é de César a César, e o que é de Deus, a Deus’”.¹⁵²⁵

Em vista do exposto, o Estado e a obediência de suas leis são realidades queridas por Deus ou — pelo menos — permitidas por Ele. Na vida política, o que se pede da pessoa humana é só um reconhecimento condicional da soberania estatal. Este reconhecimento não exclui que se dê a Deus, o que é de Deus. Para Edith Stein, se o Estado faz disso a norma de sua vida, existe já a base para uma coexistência sem atritos entre o Estado soberano e a esfera religiosa ou a Igreja.¹⁵²⁶

Nos escritos de Edith Stein, esta solução de avença revela-se concebível em formas concretas diferentes. No caso concreto de Estado teocrático, os crentes consideram a ordem estatal como instituição divina. Quando um povo vive toda sua vida na presença de Deus, quando se esforça com temor por deixar-se guiar pela vontade divina em todos os passos que dá, e crê que essa vontade lhe é transmitida pela boca de seus

¹⁵²⁴ FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

¹⁵²⁵ BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 22, vers. 21.

¹⁵²⁶ STEIN, E. Una Investigación Sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos [Etapa fenomenológica: 1915-1920]*. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

sacerdotes, então é completamente normal que esse povo trate de organizar seu Estado de acordo com as instruções dadas pela vontade divina, e que veja nos sacerdotes os possuidores do poder estatal ou lhes conceda de algum modo uma participação na direção do Estado.¹⁵²⁷

Para Edith Stein, o Estado não se situa acima de outras instituições e modos de vida. De modo singular, o matrimônio e a vida familiar, as relações de servidão, com os bens animados ou inanimados, a preocupação por satisfazer as necessidades primordiais da vida, tudo isto encontra-se submetido à Lei de Deus. Poder-se-á falar de uma posição especial do Estado tão somente à medida que o Soberano divino do universo utilize o Estado como instrumento para dirigir a comunidade congregada nele e os indivíduos que constituem parte dele. Não se admite que neste caso se conserve a forma de Estado. Por si mesma, esta formação não estaria regida, mas por um poder exterior. Esta concepção não faz justiça à situação real. Deus, ao escolher um povo como sua esfera de domínio e ao dar-lhe uma organização estatal, cria um Estado cuja vontade não é diferente da sua.¹⁵²⁸

Deus mesmo exerce o poder do Estado. Não obstante, atua de modo diferente de um soberano humano que represente o Estado e execute as intenções do mesmo. Nas reflexões de Edith Stein, o Estado mesmo deve ser concebido de tal modo que seus atos — apesar de não serem regidos por ordens divinas — harmonizar-se-ão com a vontade divina. Deus dá ao “povo eleito” por Ele um Estado que governe e decida de acordo com seu Espírito, a tal ponto que os representantes do Estado devam considerar-se executores da vontade divina. No Estado teocrático, se o cumprimento da vontade divina é o que possibilita a existência do Estado, então seu próprio sentido lhe prescreve o que suas leis e suas ações concordam com esses

¹⁵²⁷ STEIN, E. Una Investigación Sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁵²⁸ STEIN, E. Una Investigación Sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

mandamentos divinos. Na opinião de Edith Stein, o domínio divino e a soberania do Estado não se acham em oposição mútua.¹⁵²⁹

Edith Stein pergunta — em *Uma investigação sobre o Estado* —, depois de designar a teocracia como uma possível forma de Estado:

[...] a ideia de governo de Deus sobre o mundo não obriga a conceber desta maneira todo Estado? Não força a considerar a todo possuidor de um poder estatal como um mero representante do Soberano supremo? [...].¹⁵³⁰

Para Edith Stein, se assim fosse então isso seria um simples fato, o que não está ligado à ideia do Estado. Não se poderia compreender senão a partir da ideia de governo divino do mundo — e não a partir da estrutura do Estado. Porque se nada pode acontecer no mundo sem o beneplácito divino, então um governo terreno independente de Deus seria inconcebível. Chegaríamos assim à surpreendente conclusão de que o Estado, que segundo sua ideia parece estar ameaçado em sua existência pela esfera religiosa não pode existir na realidade senão sustentado por essa esfera religiosa. Quanto a saber que forma deveriam ter os Estados, se deveriam ter unicamente um só possuidor do poder estatal ou vários, e de que maneira deveriam ser distribuídas as funções do Estado, então vemos outra vez que nada disso pode deduzir-se partindo da ideia da teocracia.¹⁵³¹

Partindo deste ponto de vista, toda forma de Estado que se mostra empiricamente deveria ser aceita como querida por Deus. Pelo contrário, se se aceita que o sistema dos Estados da terra subsiste em virtude de seu próprio direito, brota daí uma possível discrepância entre o mandamento estatal e o mandamento de Deus, divergência que não pode caber

¹⁵²⁹ STEIN, E. Una Investigación Sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁵³⁰ STEIN, E. Una Investigación Sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 650:

[...] la idea del gobierno de Dios sobre el mundo ¿no obliga a concebir de esta manera a todo Estado? ¿No fuerza a considerar a todo poseedor de un poder estatal como un mero representante del Soberano supremo? [...]. [Tradução livre].

¹⁵³¹ STEIN, E. Una Investigación Sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

absolutamente na outra concepção. Edith Stein aponta novos problemas a propósito das possíveis relações entre ambos os mandamentos:

Existe, primeiramente — como para toda outra esfera de valores — a possibilidade de um conflito, no indivíduo, entre o que o Estado exige dele e o que o indivíduo reconhece como a vontade de Deus. Se o indivíduo que se encontra em tal conflito se decide — o que corresponde sem sombra de dúvida a ordem hierárquica dos valores — segundo sua própria convicção religiosa, então está atuando com isso como inimigo do Estado: ao negar-se a submeter-se ao mandamento do Estado está fazendo que se estremeça a existência do mesmo.¹⁵³²

Em vista do exposto, levanta-se a questão acerca da postura que o Estado deva adotar diante desta situação. Edith Stein sugere como uma medida prudente não prescrever nada aos cidadãos contra o qual possa surgir neles vigorosos motivos para oporem-se. Posto que a existência do Estado depende de que sejam obedecidas suas próprias “disposições”, o Estado deve evitar, na medida do possível, dar às suas disposições um conteúdo que possa suscitar poderosas resistências.¹⁵³³

No século XXI, os interesses vitais do Estado podem exigir dele que imponha aos seus cidadãos exigências mais duras. No dilema em que o Estado veja que sua existência está ameaçada pelas duas partes, então ele deverá perguntar-se de onde se encontre verossimilmente o maior perigo, e finalmente deverá pensar se é capaz de sair, de um outro modo, dessa situação difícil. Prescindindo de tais situações, os chefes de Estado adotam um comportamento prejudicial para o Estado quando — pelo

¹⁵³² STEIN, E. Una Investigación Sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 650:

Existe, primeramente — como para toda otra esfera de valores — la posibilidad de un conflicto, en el individuo, entre lo que el Estado exige de él y lo que el individuo reconoce como la voluntad de Dios. Si el individuo que se halla en tal conflicto se decide — lo que corresponde sin duda alguna al orden jerárquico de los valores — según su propia convicción religiosa, entonces está actuando con ello como enemigo del Estado: al negarse a someterse al mandamiento del Estado, está haciendo que se estremezca la existencia del mismo. [Tradução livre].

¹⁵³³ STEIN, E. Una Investigación Sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

conteúdo de suas prescrições — convertem em hostis aquelas forças que deveriam ser suas aliadas: os impulsos anímicos dos indivíduos.¹⁵³⁴

Prescindindo deste preceito de prudência, a linha de conduta possível para o Estado faz um cidadão que negue a obedecer-lhe por motivos religiosos, tendo em conta como possível medida, a pergunta sobre se os representantes do Estado podem reconhecer o conflito como justificado ou não justificado em si mesmo. Na opinião de Edith Stein, se as pessoas humanas responsáveis, depois de um exame profundo dos motivos decisivos, vêem que se trata de um extravio de sentimento religioso, então poder-se-ia pensar que poderiam ter o direito de manter em pé seu mandamento, apesar da oposição. No entanto, esta não seria a melhor solução — ou, pelo menos, não seria a melhor solução em uma situação especial de apuro.¹⁵³⁵ De fato,

[...] o problema diante do qual nos encontramos agora é puramente ético, e pode expressar-se de modo geral. Num comportamento que se adote com respeito a uma pessoa, inclusive um suposto valor que parece estar ameaçado por esse comportamento merece ser levado em conta? [...].¹⁵³⁶

Para encontrar a resposta adequada, faz-se necessário ver claramente que com esse suposto valor podem verdadeiramente encontrar-se vinculados “valores” ou “desvalores”. Para Edith Stein, um “desvalor” está ligado sempre a uma decisão que favoreça um valor inferior, mesmo nos casos concretos de que o valor que se sacrifique a ele não seja mais do que um valor supostamente superior. Pelo poder de coação estatal, quando uma pessoa humana se vê induzida a tal decisão que favorece um

¹⁵³⁴ STEIN, E. Una Investigación Sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁵³⁵ STEIN, E. Una Investigación Sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁵³⁶ STEIN, E. Una Investigación Sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 651:

[...] El problema ante el cual nos hallamos ahora es puramente ético, y puede expresarse en forma general. En el comportamiento que se adopte con respecto a una persona, incluso un supuesto valor que parece estar amenazado por ese comportamiento, ¿merece ser tenido en cuenta? [...]. [Tradução livre].

valor negativo, então a aplicação do poder de coação estatal deve considerar-se também como de valor negativo.¹⁵³⁷

Nos casos de conflitos, pode ser necessário fazer passar de novo esta decisão a segundo plano. De modo geral, não se pode exigir mais do que uma coisa: que este ponto de vista seja levado em conta na reflexão ética. Não nos resta dúvida de que o comportamento do Estado seria eticamente irreponsável se conseguir eliminar o presumido engano que exista nos indivíduos com respeito aos valores, e com isso conseguir aportar uma solução ao conflito existente no interior das pessoas humanas. Se não é capaz de alcançá-lo, então uma saída possível é a de dispensar os indivíduos que possuam tais motivos do cumprimento dos correspondentes preceitos. Semelhante dispensa é uma daquelas autolimitações do Estado das que se tem falado em várias ocasiões: permite prevenir uma violação da soberania mediante a desobediência dos cidadãos.¹⁵³⁸

De acordo com Edith Stein, se o número dessas autolimitações do poder estatal cresce até o ponto de que o Estado não possa mais conseguir o que é necessário para sua própria conservação, então isso equivale a uma auto-disolução. Se isto é dever seu, não pode decidir-se no geral, mas em cada caso concreto. De todos os modos, poder-se-ia dizer: um Estado que exista tal abismo entre os governantes e os governados, que estes últimos consideram como excessivo para o ditado de sua consciência moral tudo o que lhe exija em interesse do Estado seria um Estado que haveria perdido o fundamento de sua existência, revelando-se impossível restaurar tal fundamento mediante a aplicação de medidas de coação.¹⁵³⁹

Por conseguinte, Edith Stein pergunta: “[...] o que acontece quando não se trata de um suposto valor, mas sim de um valor verdadeiramente

¹⁵³⁷ STEIN, E. Una Investigación Sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁵³⁸ STEIN, E. Una Investigación Sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁵³⁹ STEIN, E. Una Investigación Sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

existente, ou de um valor que não resulta suspeito para o poder do Estado? [...]”.¹⁵⁴⁰ Edith Stein diz, então, que não se trata de livrar alguns cidadãos de um conflito, dispensando-os de um preceito, senão se trata de saber se ao Estado está permitido ditar um preceito que colida com valores religiosos reconhecidos por seus representantes.¹⁵⁴¹

Posiciona-se, então, Edith Stein:

[...] Uma lei estatal que limitara o culto divino ou que pusera impedimentos aos pastores de almas para o cumprimento de sua atividade pastoral seria condenável, indubitavelmente, e o Estado que a promulgara desacreditar-se-ia a si mesmo. E esta exigência que se faz ao Estado de que respeite os valores religiosos não está suspenso, ainda que pareça que com ela ponha-se em perigo alguns interesses vitais do Estado. Assim como ao indivíduo, em semelhante caso, não lhe resta outra saída do que a de por sua vida nas mãos de Deus, da mesma maneira ao Estado não pode ser reconhecido como um direito moral de se afirmar na luta contra os valores religiosos.¹⁵⁴²

Por conseguinte, Edith Stein questiona se compete ao Estado fomentar positivamente a vida religiosa. Edith Stein pensa que as possibilidades de tal fomento são limitadas, porque a vida religiosa se desenvolve numa esfera na qual por meio da lei e de uma intervenção arbitrária não pode criar-se, tampouco destruir-se nada. Não nos resta dúvida, então, de que a lei, que neste campo não é creativa, pode liberar forças criativas ou também pode impedir seu desenvolvimento. Por esta

¹⁵⁴⁰ STEIN, E. Una Investigación Sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 652:

“[...] ¿qué sucede, cuando no se trata de un supuesto valor, sino de un valor verdaderamente existente, o de un valor que no resulta sospechoso para el poder del Estado? [...]”. [Tradução livre].

¹⁵⁴¹ STEIN, E. Una Investigación Sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 652:

“[...] ¿qué sucede, cuando no se trata de un supuesto valor, sino de un valor verdaderamente existente, o de un valor que no resulta sospechoso para el poder del Estado? [...]”. [Tradução livre].

¹⁵⁴² STEIN, E. Una Investigación Sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, pp. 652-653:

[...] Una ley estatal que limitara el culto divino o que pusiera impedimentos a los pastores de almas para el cumplimiento de su actividad pastoral, sería condenable sin duda alguna, y el Estado que la promulgara se desacreditaría a sí mismo. Y esta exigencia que se hace al Estado de que respete los valores religiosos no queda suspendida, aunque parezca que con ella se ponen en peligro algunos intereses vitales del Estado. Así como al individuo, en semejante caso, no le queda otra salida que la de poner su vida en manos de Dios, de la misma manera al Estado no se le puede reconocer como un derecho moral el afirmarse a sí mismo en la lucha contra valores religiosos. [Tradução livre].

via, ao adotar disposições que abram para certos indivíduos a possibilidade de entrar em contato com a esfera religiosa, cria “ocasiões” para o surgimento de uma nova vida religiosa: ocasiões das quais o indivíduo não dispõe por si mesmo.¹⁵⁴³

Nos escritos de Edith Stein, vimos que o Estado não pode ser portador de valores religiosos próprios, porque os valores religiosos pertencem a uma esfera pessoal que lhe falta o Estado. O Estado não tem alma — e não a tem porque o Estado não se ancora na alma das pessoas humanas que lhe pertencem. Não o entendamos erroneamente: há uma dedicação ao Estado, que é assunto próprio da alma. Para Edith Stein, o mesmo acontece com todos os demais motivos que impulsionam o indivíduo a reconhecer o Estado ou a não reconhecê-lo. Estes motivos constituem unicamente o fundamento do qual depende a existência do Estado. São indiferentes em relação com o que o Estado é enquanto tal, por isso pertencer à esfera da liberdade.¹⁵⁴⁴

Nas reflexões de Edith Stein, a pessoa humana não desempenha um papel nisso tudo, exceto como um sujeito livre — e não como um ser anímico. Por este motivo, o indivíduo que vive no Estado pode ser santo ou não sê-lo, e o mesmo acontece com a comunidade cuja vida o Estado regula, mas não acontece isto com o Estado mesmo.¹⁵⁴⁵

[...] O Estado necessita de uma pessoa ou de um corpo de pessoas para expressar-se, e necessita de um âmbito de pessoas para ser escutado e para existir. O Estado não pode realizar atos senão quando há pessoas que o “represente”, que os faça *por ele*. Porém, tais atos não têm sentido senão

¹⁵⁴³ STEIN, E. Una Investigación Sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 652:

“[...] ¿qué sucede, cuando no se trata de un supuesto valor, sino de un valor verdaderamente existente, o de un valor que no resulta sospechoso para el poder del Estado? [...]”. [Tradução livre].

¹⁵⁴⁴ STEIN, E. Una Investigación Sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 652:

“[...] ¿qué sucede, cuando no se trata de un supuesto valor, sino de un valor verdaderamente existente, o de un valor que no resulta sospechoso para el poder del Estado? [...]”. [Tradução livre].

¹⁵⁴⁵ STEIN, E. Una Investigación Sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 652:

“[...] ¿qué sucede, cuando no se trata de un supuesto valor, sino de un valor verdaderamente existente, o de un valor que no resulta sospechoso para el poder del Estado? [...]”. [Tradução livre].

enquanto são atos do Estado, e não enquanto são atos de pessoas ou de corporações que não estejam caracterizadas como “órgãos do Estado”. O Estado se encontra inescapavelmente estruturado como um poder estatal e um âmbito de autoridade. Para tudo o que é *órgão* do Estado, isto é, para tudo o que atua “em nome” do Estado, é essencial o ter função representativa, isto é, o representar à totalidade do Estado. Pelo contrário, tudo o que pertence ao âmbito da autoridade é certamente *membro* do Estado e está incluído nele, porém não é um órgão no qual a totalidade se encontre presente.¹⁵⁴⁶

Para fins de ilustrarmos a *busca de sentido último* da pessoa humana, desvelada na experiência dos primórdios da América Latina, elegemos uma “árvore” ancestral — pintada há 10.000 ou 15.000 mil anos nas paredes de cavernas espalhadas pelas encostas do Parque Nacional Serra da Capivara [Estado do Piauí — Brasil] — que põe em cena “[...] um grupo formado por dez pessoas, talvez homens e mulheres, dança ao redor da árvore com os braços erguidos [...]”¹⁵⁴⁷.

Historicamente, a “cena da árvore” do Estado do Piauí [Brasil] remete o homem latino-americano à sua mais antiga imagem religiosa, a mais sublime, a mãe de todas: a representação de um ritual realizado em torno de uma árvore sagrada, prova incontestável do alto nível de espiritualidade-religiosidade dos seres humanos que o criaram. Na opinião de Roberto Gambini, essa árvore pode fazer parte de um “mito da criação”, como aqueles que nos chegaram sobre a árvore do Jardim do Éden, as árvores do Rig Veda e dos Upanishads, o tronco enorme usado por Vishnu para

¹⁵⁴⁶ STEIN, E. Una Investigación Sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, pp. 556-557:

El Estado necesita una persona o un cuerpo de personas para expresarse, y necesita un ámbito de personas para ser escuchado y para existir. El Estado no puede realizar actos sino cuando haya personas que lo “representen”, que los hagan *por él*. Pero tales actos no tiene sentido sino en cuanto son actos del Estado, y no en cuanto son actos de personas o de corporaciones que no estén caracterizadas como “órganos del Estado”. El Estado se halla ineludiblemente estructurado como un poder estatal y un ámbito de autoridad. Para todo lo que es *órgano* del Estado, es decir, para todo lo que actúa “en nombre” de Estado, es esencial el tener función representativa, es decir, el representar a la totalidad del Estado. Por el contrario, todo lo que pertenece al ámbito de la autoridad, es ciertamente *miembro* del Estado e está incluído em él, pero no es un órgano en el que la totalidad se halle presente. [Tradução livre].

¹⁵⁴⁷ GAMBINI, R. Alma na pedra. In: CALLIA, M.; OLIVEIRA, M. F. de. [orgs.]. *Terra Brasilis: pré-história e arqueologia da psique*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 247.

revolver o oceano, a Árvore da Vida, a Yggdrasil dos nórdicos, a árvore da Cabala, a árvore do Ramo de Ouro, o Eixo do Mundo.¹⁵⁴⁸

O Piauí é uma terra do norte castigada pelo sol, contrastando com a úmida e verde Amazônia vizinha. Entre os Estados brasileiros, é o menos desenvolvido, com os maiores índices de pobreza. Ainda é muito precário o conhecimento sobre suas condições geográficas pré-históricas, mas mesmo antes do surgimento [ou penetração] da agricultura, quando o alimento devia ser coletado onde quer que se encontrasse, as grandes árvores nessa época existentes eram sem dúvida fonte de vida, devido a seus frutos, sementes, seiva, lenha, abrigo, sombra, colmeias, além dos pássaros, insetos e animais de pequeno porte que atraíam e abrigavam.¹⁵⁴⁹

Por Amazônia entendemos um todo plurinacional integrado, um grande bioma partilhado por nove países: Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Guiana Francesa.¹⁵⁵⁰

Na exortação apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia*, o Papa Francisco revela ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade:

Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja ouvida e sua dignidade promovida.

Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana.

Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a sedutora beleza natural que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas.

Sonho com comunidades cristãs capazes de se dedicar e encarnar de tal modo na Amazônia, que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos.¹⁵⁵¹

Na arte rupestre, uma pintura como essa — com seres humanos prestando reverência a uma árvore — sugere que as árvores eram consideradas entidades “consagradas”, ligadas à preservação — se não origem — da vida como um todo, por parte dessa gente outrora retratada pelos jesuítas [europeus] e outros viajantes como semi-animais

¹⁵⁴⁸ GAMBINI, R. Alma na pedra. In: CALLIA, M.; OLIVEIRA, M. F. de. [orgs.]. *Terra Brasilis: pré-história e arqueologia da psique*. São Paulo: Paulus, 2006.

¹⁵⁴⁹ GAMBINI, R. Alma na pedra. In: CALLIA, M.; OLIVEIRA, M. F. de. [orgs.]. *Terra Brasilis: pré-história e arqueologia da psique*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 248.

¹⁵⁵⁰ FRANCISCO, P. *Querida Amazônia: Exortação Apostólica Pós-sinodal ao Povo de Deus e a Todas as Pessoas de Boa Vontade*. São Paulo: Paulus, 2020, n. 5.

¹⁵⁵¹ FRANCISCO, P. *Querida Amazônia: Exortação Apostólica Pós-sinodal ao Povo de Deus e a Todas as Pessoas de Boa Vontade*. São Paulo: Paulus, 2020, n. 7.

desprovidos de sensibilidade e incapazes de conceber, nomear ou representar Deus. No século XXI, a imagem dessa árvore ancestral reverbera quando os jornais informam que nos últimos dez anos 1.000.000.000 de árvores foi destruída na floresta amazônica. Enfileiradas, formariam um anel que daria três voltas ao redor da Terra.¹⁵⁵²

Nos nossos dias, a pintura rupestre supracitada revela que as árvores são um dos apogeu da Criação, nossas irmãs e companheiras, nosso alterego — nossa alma gêmea.¹⁵⁵³ Na práxis pedagógica,

[...] é indispensável prestar uma atenção especial às comunidades aborígenes com as suas tradições culturais. Não são apenas uma minoria entre outras, mas devem tornar-se os principais interlocutores, especialmente quando se avança com grandes projectos que afectam os seus espaços. Com efeito, para eles, a terra não é um bem económico, mas dom gratuito de Deus e dos antepassados que nela descansam, um espaço sagrado com o qual precisam de interagir para manter a sua identidade e os seus valores. Eles, quando permanecem nos seus territórios, são quem melhor os cuida. Em várias partes do mundo, porém, são objecto de pressões para que abandonem suas terras e as deixem livres para projectos extractivos e agropecuários que não prestam atenção à degradação da natureza e da cultura.¹⁵⁵⁴

Nas reflexões entre Estado, educação e religiões, a estreita interação mútua impede o hiato entre a razão e a ação, entre o pensar e o sentir, entre o conhecer e o viver, entre a profissão e o serviço. Para o Papa Francisco, o conhecimento deve sentir-se sempre ao serviço da vida e confrontar-se com ela para continuar a progredir. Por este motivo, a comunidade educativa não se pode reduzir a aulas e bibliotecas, mas deve tender, continuamente, à participação. Tal diálogo só pode ser realizado a partir de uma episteme capaz de assumir uma lógica plural, com raízes fincadas na interdisciplinaridade e na interdependência do saber.¹⁵⁵⁵

¹⁵⁵² GAMBINI, R. Alma na pedra. In: CALLIA, M.; OLIVEIRA, M. F. de. [orgs.]. *Terra Brasilis: pré-história e arqueologia da psique*. São Paulo: Paulus, 2006.

¹⁵⁵³ GAMBINI, R. Alma na pedra. In: CALLIA, M.; OLIVEIRA, M. F. de. [orgs.]. *Terra Brasilis: pré-história e arqueologia da psique*. São Paulo: Paulus, 2006.

¹⁵⁵⁴ FRANCISCO, P. Carta Encíclica *Laudato si'*, 146. In: _____. *Carta Encíclica Laudato si': sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.

¹⁵⁵⁵ FRANCISCO, P. *Discurso do Santo Padre*. Santiago: PUC Chile, 2018. <file:///E:/Discurso%20do%20Papa%20Francisco%20na%20PUC%20Chile.pdf>. Acesso em 09/08/2018.

Por fim, no *que-fazer* da teologia latino-americana, não nos esqueçamos, pois, de que

[...] a vida é um caminho comunitário onde as tarefas e as responsabilidades se dividem e compartilham em função do bem comum. Não há espaço para a ideia de indivíduo separado da comunidade ou de seu território [...].¹⁵⁵⁶

5.4

A VIDA ÍNTIMA DE EDITH STEIN

“Minha alma engrandece o Senhor,
e meu espírito *exulta em Deus em meu Salvador*,
porque *olhou para a humilhação de sua serva*.
Sim! Doravante as gerações todas
me chamarão de bem-aventurada,
pois o Todo-poderoso fez grandes coisas
em meu favor.
Seu nome é santo
e sua *misericórdia perdura de geração em geração*,
para aqueles que o temem.
Agiu com a força de seu braço,
dispersou os homens de coração *orgulhoso*.
Depôs poderosos de seus tronos,
e a humildes exaltou.
Cumulou de bens a famintos
e despediu ricos de mãos vazias.
Socorreu Israel, seu servo,
lembrado de sua misericórdia
— conforme prometera a nossos pais —
em favor de Abraão e de sua descendência, para sempre!”¹⁵⁵⁷

No estudo do Estado, pesquisar a história pessoal de Edith Stein — do lugar da “experiência cristã de Deus” — pode parecer um anacronismo aos olhos de uma época que se proclama pós-teísta — “pós-ideológica”¹⁵⁵⁸, pós-conceitual [pós-Hegel] — e na qual o problema de Deus perde, aparentemente, sua especificidade teológica e admite apenas uma formulação que se crê “honesta” quando articulada em termos etnológicos, sociológicos, psicológicos e políticos. Pode parecer ainda um desafio ao *veredicto* que parece aceito sem discussão em amplas áreas da cultura

¹⁵⁵⁶ FRANCISCO, P. *Querida Amazônia: Exortação Apostólica Pós-sinodal ao Povo de Deus e a Todas as Pessoas de Boa Vontade*. São Paulo: Paulus, 2020, n. 20.

¹⁵⁵⁷ BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 1, vers. 46-55.

¹⁵⁵⁸ ŽIŽEK, S. O cristianismo contra o sagrado. In: ŽIŽEK, S.; GUNJEVIĆ, B. *O sofrimento de Deus: inversões do Apocalipse*. Trd. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

contemporânea e de acordo com o qual a experiência de Deus não pode ser, senão, a persistência ou a sobrevivência de uma ilusão.¹⁵⁵⁹

No limiar do século XXI, a ilusão de Deus seria a última, entre todas as grandes ilusões que abrigaram inicialmente o homem em face de uma natureza misteriosa e hostil, que ainda resiste tenazmente. No entanto, ilusão que se decompõe e torna irrespirável o mundo da cultura moderna. “[...] remover o cadáver de Deus, eis a empresa que tomam para si os grandes construtores da cultura pós-teísta, um Marx, um Nietzsche, um Freud [...]”¹⁵⁶⁰ — um Ludwig Feuerbach.

Nunca como hoje, exatamente em face da tentação do vazio — o vazio cultural de Deus nas “teologias” da secularização e o vazio espiritual de Deus nas “contra-teologias” da sacralização — parece tão importante para a lucidez e o vigor da vida cristã definir a experiência de Deus como a experiência de uma plenitude. Trata-se de um risco que pode fazer-nos estremecer diante da gigantesca e fantástica operação da negação de Deus — dissimulada, sutil e agressiva — que invade toda nossa cultura e, por conseguinte, todas as fibras de nosso ser que nela e por ela subsiste. Trata-se do risco essencial da fé que busca a inteligência.¹⁵⁶¹

No caso do teólogo latino-americano, se não dispõe a corrê-lo é porque nele mesmo a negação de Deus terminou sua tarefa: ele já não crê em Deus, mesmo que continue a oferecer em espetáculo ao mundo o alarido de suas “teologias”.¹⁵⁶²

“[...] Experiência de Deus como experiência de uma plenitude ou de um sentido radical: eis o risco a correr sem atenuações [...]”.¹⁵⁶³ Não se

¹⁵⁵⁹ LIMA VAZ, H. C. A experiência de Deus. In: BETTO, F. *et al. Experimentar Deus hoje*. 2. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1976.

¹⁵⁶⁰ LIMA VAZ, H. C. A experiência de Deus. In: BETTO, F. *et al. Experimentar Deus hoje*. 2. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1976, p. 74.

¹⁵⁶¹ LIMA VAZ, H. C. A experiência de Deus. In: BETTO, F. *et al. Experimentar Deus hoje*. 2. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1976.

¹⁵⁶² LIMA VAZ, H. C. A experiência de Deus. In: BETTO, F. *et al. Experimentar Deus hoje*. 2. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1976.

¹⁵⁶³ LIMA VAZ, H. C. A experiência de Deus. In: BETTO, F. *et al. Experimentar Deus hoje*. 2. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1976, p. 75.

trata de uma plenitude que nos submerge e nos esmaga, mas de uma plenitude que é sentido último da existência: que nos liberta e ilumina.¹⁵⁶⁴

[...] “Saulo ergueu-se do chão. Mas, embora tivesse os olhos abertos, não via nada.”

A mim me parece que essas palavrinhas têm quatro sentidos. Um sentido é: quando ele se levantou do chão, nada via com os olhos abertos, e esse nada era Deus; ver Deus ele chama, pois, de nada. O outro sentido: quando ele se levantou, não via nada a não ser Deus. O terceiro: em todas as coisas, ele não via nada a não ser Deus. O quarto: quando via Deus, via todas as coisas como sendo nada.¹⁵⁶⁵

“[...] Viver — não é? — é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é o que é o viver, mesmo. O sertão me produz, depois me engoliu, depois me cuspiu do quente da boca [...]”.¹⁵⁶⁶ Para o “ser finito”, a experiência de Deus como experiência de uma plenitude ou de um sentido radical: eis o risco a correr sem atenuações. Não se trata de uma plenitude que nos submerge e nos esmaga, mas de uma plenitude que é sentido último da existência: que nos liberta e ilumina. No “viver perigoso”, tal como se manifesta — na carne¹⁵⁶⁷ — em circunstâncias concretas do Estado, “[...] precisamos dizer sem equívocos que buscamos uma experiência de Deus na sua Verdade [...]”.¹⁵⁶⁸

Na história pessoal de Edith Stein, vimos que sem a verdade experiencial de Deus, nossa vida andarás errando entre muitos deuses e muitos senhores: mas serão ídolos ou imagens enganosas da Verdade que perdemos.¹⁵⁶⁹ Por “experiência cristã de Deus” entendemos a experiência da presença do Sentido radical numa existência historicamente dada — a existência de Jesus Cristo — e na palavra da Revelação que é totalmente

¹⁵⁶⁴ LIMA VAZ, H. C. A experiência de Deus. In: BETTO, F. *et al. Experimentar Deus hoje*. 2. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1976.

¹⁵⁶⁵ ECKHART, M. *Sobre o desprendimento e outros textos*. Alfred J. Keller. São Paulo: Martins Fontes, 2004, Sermão 71.

¹⁵⁶⁶ ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 474.

¹⁵⁶⁷ HENRY M. *Incarnation: une philosophie de la chair*. Paris: Seuil, 2000.

¹⁵⁶⁸ LIMA VAZ, H. C. A experiência de Deus. In: BETTO, F. *et al. Experimentar Deus hoje*. 2. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1976, p. 75.

¹⁵⁶⁹ LIMA VAZ, H. C. A experiência de Deus. In: BETTO, F. *et al. Experimentar Deus hoje*. 2. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1976.

condicionada por essa existência histórica na medida em que dela procede e a ela se refere. Nas palavras de Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz:

A experiência cristã de Deus é, portanto, a experiência da fé em Jesus Cristo como objetivo de fé [*credo in Dominum nostrum Iesum Christum*] é, rigorosamente, *teo-logizar*. É traduzir na nossa linguagem e no nosso discurso a presença de Deus em Jesus Cristo [...].¹⁵⁷⁰

Do ponto de vista teológico, a experiência cristã de Deus se desenvolve no terreno da linguagem — da lógica — da Encarnação na totalidade dos seus momentos, cujo sentido pleno se manifesta na Ressurreição. Essencialmente, trata-se de uma experiência de fé, não de uma experiência religiosa como experiência de Sagrado.¹⁵⁷¹

Tudo começa na palavra. Desde a criação das coisas e dos seres. E nós nos distinguimos pelo uso que dela fazemos. O homem é a sua linguagem. Palavras aproximam ou separam. Por palavras, senso e sensibilidade se medem, definem e estimulam. O próprio pensamento é a palavra escondida.¹⁵⁷²

Inserimo-nos no mundo humano é com palavras e atos. Para Hannah Arendt, essa inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato simples do nosso aparecimento físico original. Não nos é imposta pela necessidade, como o trabalho; tampouco desencadeada pela utilidade, como a obra. Hannah Arendt reflete que ela pode ser estimulada pela presença de outros, a cuja companhia possamos desejar nos juntar, mas nunca é condicionada por eles; seu impulso surge do começo que veio ao mundo quando nascemos e ao qual respondemos quando começamos algo novo por nossa própria iniciativa.¹⁵⁷³

¹⁵⁷⁰ LIMA VAZ, H. C. de. A experiência de Deus. In: BETTO, F. *et al. Experimentar Deus hoje*. 2. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1976, p. 88.

¹⁵⁷¹ LIMA VAZ, H. C. de. A experiência de Deus. In: BETTO, F. *et al. Experimentar Deus hoje*. 2. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1976.

¹⁵⁷² ROSA, V. G. *Relembramentos: João Guimarães Rosa, meu pai*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 85.

¹⁵⁷³ ARENDT, H. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

Não se pode — discursivamente — exprimir a intimidade da pessoa humana¹⁵⁷⁴ — “[...] o eu consciente e livre [...]”¹⁵⁷⁵, que possui um corpo vivente [*Leibgestalt*], uma *psique* [*Seele*] e um espírito [*Geist*].¹⁵⁷⁶ Edith Stein não era uma principiante na “ciência da cruz” — “[...] uma verdade já aceita, uma teologia da cruz: verdade viva, real e eficaz, comparável a uma semente que, quando lançada na alma, deita raízes [...]”¹⁵⁷⁷ Na história pessoal de Edith Stein, optamos por escavar como se pode estabelecer uma “ciência da cruz” em circunstâncias concretas do Estado.

Na vida de Edith Stein, deve-se levar em conta uma terceira circunstância: ela foi uma artista por natureza. Portanto, devemos levar em consideração a sua objetividade própria de artista.¹⁵⁷⁸

[...] Dificilmente haverá um artista que não sinta o desejo de produzir a imagem de Cristo, pregado na cruz ou a carregá-la. O Crucificado exige, entretanto, do artista, algo mais do que a simples imagem. Requer de cada homem a imitação: isto quer dizer que o artista deve também transformar-se em Cristo, a ponto de carregar a cruz e de ser, como ele, nela pregado. A obra exterior do artista pode se tornar uma barreira para a sua transformação interior, o que não deveria acontecer. Pelo contrário, a obra exterior poderá servir à formação interior do artista, pois a imagem interna irá se aperfeiçoando à medida da perfeição da imagem externa. Se não houver nenhuma influência desfavorável, a configuração externa da imagem tornar-se-á configuração interna, norma de conduta que induzirá à imitação de Cristo. A obra externa, produto do esforço do próprio artista, poderá servir-lhe de estímulo para a transformação interna, à semelhança do Representado.¹⁵⁷⁹

Na experiência cristã de Deus, o Sentido radical não apenas se manifesta através de uma realidade e da sua expressão. Identifica-se com

¹⁵⁷⁴ BATAILLE, G. *Teoria da religião*: seguida de um esquema de história das religiões. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

¹⁵⁷⁵ STEIN, E. *Essere finito e essere eterno*: per una elevazione al senso dell'essere. Trad. Ângela Ales Bello. Roma: Città Nuova, 1999, p. 397:

“[...] l'lu cosciente e libero [...]” [Tradução livre].

¹⁵⁷⁶ STEIN, E. *Ser Finito e Ser Eterno*: Ensayo de una Ascensión al Sentido del Ser. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos* — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

¹⁵⁷⁷ STEIN, E. *A ciência da cruz*: estudo sobre São João da Cruz. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 11.

¹⁵⁷⁸ STEIN, E. *A ciência da cruz*: estudo sobre São João da Cruz. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

¹⁵⁷⁹ STEIN, E. *A ciência da cruz*: estudo sobre São João da Cruz. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 14.

ela, particulariza-se absolutamente nela. Para o artista, exprimir na sua própria linguagem — num ato de suprema liberdade — essa linguagem paradoxal na qual o Revelador se revela — a linguagem mesma da Revelação — eis a essência do ato de fé.¹⁵⁸⁰

Existe um ponto — íntimo — no espaço da alma no qual o *eu* encontra o seu lugar próprio; o lugar da paz, que este deve buscar até que o tenha encontrado e ao qual sempre deve retornar se o abandonou. Na alma, este é o ponto mais íntimo, do qual a pessoa humana pode tomar decisões em plena consciência, empenhar-se por qualquer coisa, sacrificar-se e doar-se a si mesmo.¹⁵⁸¹

Eis, pois, o que expressa a “Santa Madre”:

Não encontro outra coisa com que comparar a grande formosura de uma alma e sua grande capacidade. De fato, a nossa inteligência — por aguda que seja — mal chega a compreendê-la, assim como não pode chegar a compreender a Deus; pois Ele mesmo disse que nos criou à Sua imagem e semelhança.¹⁵⁸²

Edith Stein — no seu escrito fundamental, intitulado *Ser finito e ser eterno*: ensaio de uma ascensão ao sentido do ser [1936]¹⁵⁸³ — usa o termo “castelo interior” referindo-se à principal obra mística de sua mãe Santa Teresa de Jesus, dizendo como suas explicações sobre a estrutura da alma humana conectam com este escrito da “Santa Madre”. Propõe-se, então, a afrontar a tentativa puramente teórica de indagar na constituição graduada dos seres as notas específicas do ser humano, na qual entra a definição da alma como centro de todo esse edifício físico-psíquico-espiritual que chamamos de “homem”. Não obstante, Edith Stein revela que é impossível

¹⁵⁸⁰ LIMA VAZ, H. C. de. A experiência de Deus. In: BETTO, F. et al. *Experimentar Deus hoje*. 2. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1976.

¹⁵⁸¹ STEIN, E. *Il problema dell'empatia*. Trad. E. Costantini e E. S. Costantini. Roma: Studium, 1985.

¹⁵⁸² TERESA DE JESUS, S. Primeiras Moradas 1, 1. In: _____. *Obras Completas*: Teresa de Jesus. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves, Marcos Marcionilo e Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 2002.

¹⁵⁸³ STEIN, E. *Ser Finito e Ser Eterno: Ensayo de una Ascensión al Sentido del Ser*. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

oferecer um quadro preciso da alma — nem que seja de modo deficiente — sem chegar a dizer o que compõe sua vida íntima.¹⁵⁸⁴

Por esta via,

[...] a fé não é para mim, em absoluto, nada irracional, isto é, algo que não tenha nada a ver com a verdade e com a falsidade. Pelo contrário, a fé é um caminho que nos endereça à verdade, e, por certo, um caminho em primeiro lugar até verdades que de outro modo permaneceriam ocultas para nós, e em segundo lugar o caminho *mais seguro* até à verdade, porque não há maior certeza do que a certeza da fé, mais ainda: não existe para o homem que se encontra in statu viae, nenhum conhecimento que possua uma certeza igual à que é própria da fé, ainda que seja uma certeza não intuída [...].¹⁵⁸⁵

Edith Stein parte das experiências fundamentais sobre os testemunhos dos grandes místicos da vida de oração. “[...] Para mim, a oração mental não é, senão, tratar de amizade — estando muitas vezes tratando a sós — com quem sabemos que nos ama [...]”.¹⁵⁸⁶

Historicamente, o escrito teresiano intitulado *Moradas do castelo interior*¹⁵⁸⁷ revela-se insuperável: seja pela riqueza da experiência interior de Santa Teresa de Jesus, que quando escreveu esta obra já tinha chegado ao mais alto grau de vida mística; seja por sua extraordinária capacidade de expressar, em termos inteligíveis, suas vivências interiores, até tornar claro e evidente o inefável, e deixá-lo marcado com o selo da

¹⁵⁸⁴ STEIN, E. Ser Finito e Ser Eterno: Ensayo de una Ascensión al Sentido del Ser. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

¹⁵⁸⁵ STEIN, E. ¿Que és Filosofía? Un Diálogo entre Edmund Husserl y Tomás de Aquino. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 172:

[...] La fe no es para mí, en absoluto, nada irracional, es decir, algo que no tenga nada que ver con la verdad y con la falsedad. Todo lo contrario, la fe es un camino hacia la verdad, y, por cierto, un camino en primer lugar hacia verdades que de otra manera quedarían ocultas para nosotros, y en segundo lugar el camino *más seguro* hacia la verdad, porque no hay mayor certeza que la de la fe, más aún: no existe para el hombre que se encuentra in statu viae, ningún conocimiento que posea una certeza igual a la que es propia de la fe, aunque es una certeza no intuible [...]. [Tradução livre].

¹⁵⁸⁶ TERESA DE JESUS, S. Livro da Vida 8,5. In: _____. *Obras Completas: Teresa de Jesus*. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves, Marcos Marcionilo e Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 2002.

¹⁵⁸⁷ TERESA DE ÁVILA, S. *Moradas do castelo interior*. Trad. Manuel de Lucena. 260. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

mais alta veracidade; seja pela força que faz compreender sua conexão interior e ofertar à humanidade uma acabada obra de arte mística.¹⁵⁸⁸

No *Castelo interior*, Edith Stein diz que o objetivo da “Santa Madre” é religioso-prático. Teresa de Jesus recebeu de seus confessores o encargo de escrever sobre suas experiências de oração, e cumpre pensando que o escrito serviria unicamente às suas filhas carmelitas. Portanto, escreve com o desejo de ajudá-las na oração e animá-las no caminho da perfeição; com a esperança de tornar compreensível o que muitas delas, quiçá, já haviam experimentado — pois a “Santa Madre” sabia que nos seus mosteiros não eram raras as graças místicas — e desse modo quer livrá-las das ânsias e confusões que ela mesma havia tido de que combater por falta de um bom diretor espiritual.¹⁵⁸⁹

Santa Teresa de Jesus — em *Moradas do castelo interior* — fala com plena liberdade como uma mãe que se dirige às suas filhas. Intercala exortações. Incita-as a louvarem a Deus pelas maravilhas que Ele realiza nas almas. Introduce, com frequência, reflexões ocasionais, para preveni-las contra certos perigos. Por acreditar que não é possível entender os eventos que acontecem no interior do homem sem antes esclarecer para si mesma em que consiste exatamente esse mundo interior, ocorreu-lhe a feliz imagem de um “castelo interior” com muitas moradas e aposentos:

[...] O *corpo*, descreve-o como o *muro que cerca o castelo*. Os sentidos e potências espirituais [memória, entendimento e vontade], às vezes como vassalos, às vezes como sentinelas, ou, então, simplesmente como moradores do castelo. A alma, com seus numerosos aposentos, se assemelha ao céu, no qual “há muitas moradas”. E, “se bem o consideramos, irmãs, não é outra coisa a alma do justo senão um paraíso onde, diz, Ele tem seus deleites”. As moradas, não se deve imaginá-las em fila, uma atrás da outra... “mas coloquem os olhos no centro, que é a peça onde está o rei, e considerem como um palmito, que, para chegar ao que é de comer há muitas cascas que envolvem todo o saboroso. Assim, aqui, ao redor desta peça, estão muitas; em cima, o mesmo. Porque as coisas da alma sempre se não de considerar com plenitude, amplitude e grandeza, pois não

¹⁵⁸⁸ STEIN, E. Apêndice I: O Castelo Interior. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁵⁸⁹ STEIN, E. Apêndice I: O Castelo Interior. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

umentam nada nela, que é capaz de muito mais do que poderemos considerar...”¹⁵⁹⁰

De acordo com a “Santa Madre”:

Fora do mundo das muralhas que rodeiam o castelo, estende-se o mundo exterior; na instância mais interior habita Deus. Entre esses dois [que, como é óbvio, não hão de se entender espacialmente], acham-se as seis moradas que circundam a mais interior [a sétima]. Mas os moradores que andam por fora ou que param junto ao muro de perto não sabem nada do interior do castelo. Coisa essa realmente estranha; é uma situação patológica, que alguém não conheça sua própria casa. Mas, de fato, há muitas almas assim, “... tão doentes e ligadas a coisas exteriores que não há remédio nem parece que podem entrar em si; porque já se acostumaram a tratar sempre com os vermes e animais que estão em volta do castelo, que quase se tornaram como eles...”. Assim, essas almas desaprenderam a rezar. E, no entanto, “a porta para entrar nesse castelo é a oração e a meditação”. Pois, para que a oração mereça tal nome, é preciso tomar cuidado “com quem fala e o que pede e quem pede a quem”.¹⁵⁹¹

Para Edith Stein, a alma, como “castelo interior”, tal como a descreve Santa Teresa de Jesus, não é puntiforme como o “eu puro”, senão que é um “espaço” — um castelo com muitas moradas — de onde o eu pode mover-se livremente saindo ou retirando-se mais ao interior. Não é um “espaço vazio”, ainda que possa penetrar ali uma plenitude, e deva inclusive estar ali acolhida se ela quer desenvolver sua própria vida. A alma nutre-se dos conteúdos que assimila espiritualmente *por experiência*, do mesmo modo que o corpo vive dos materiais que transforma. Esta imagem nos mostra claramente que não se trata só de preencher um espaço vazio; a alma que assimila é um ente de uma essência [*ουσία*] particular que assume à sua maneira e assimila o que há recebido.¹⁵⁹²

Edith Stein diz, então, que a essência da alma com suas qualidades e suas faculdades se abre na experiência vivida e assimila o que necessita para vir a ser o que deve ser. Esta essência com seu modo de ser dá ao

¹⁵⁹⁰ STEIN, E. Apêndice I: O Castelo Interior. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, pp. 546-547.

¹⁵⁹¹ STEIN, E. Apêndice I: O Castelo Interior. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 547.

¹⁵⁹² STEIN, E. Apêndice I: O Castelo Interior. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

corpo e a toda atividade espiritual e pessoal, seu rosto próprio, e brota dele de uma maneira inconsciente e involuntária.¹⁵⁹³

No céu — este “cantinho de Deus” — há muitas moradas. De acordo com a “Santa Madre”, nas “primeiras moradas” — porta do castelo — a alma experiencia o *conhecimento de si mesmo*. Não se pode erguer os olhos a Deus sem ser conscientes da própria pequenez. Mutuamente, o conhecimento de Deus e o conhecimento próprio se sustentam. Pelo próprio conhecimento, o “ser finito” inicia o trato de amizade com o “ser eterno” [Deus]: oração. Por isso, nunca é supérfluo, nem sequer quando se chegou às moradas internas. Nas primeiras moradas, a alma está ainda tão entrelaçada nas coisas deste mundo que não pode refletir sobre si mesma, sem pensar, às vezes, nas coisas que a tem imobilizado. Por este motivo, a luz se obscurece para a alma — que não nota a presença de Deus, nem se quer quando fala com Ele, e rapidamente é empurrada para fora.¹⁵⁹⁴

Poeticamente, a “Santa Madre” expressa:

*Alma, buscar-te-ás em Mim,
E a Mim buscar-me-ás em ti.*

De tal sorte pôde o amor,
Alma, em mim te retratar,
Que nenhum sábio pintor
Soubera com tal primor
Tua imagem estampar.

Foste por amor criada,
Bonita e formosa, e assim
Em meu coração pintada,
Se te perderes, amada,
Alma, buscar-te-ás em Mim.

Porque sei que te acharás
Em meu peito retratada,
Tão ao vivo debuxada,
Que, em te olhando, folgarás
Vendo-te tão bem pintada.

E se acaso não souberes
Em que lugar me escondi,
Não busques aqui e ali,
Mas, se me encontrar quiseres,
A Mim, buscar-me-ás em ti.

¹⁵⁹³ STEIN, E. Ser Finito e Ser Eterno: Ensayo de una Ascensión al Sentido del Ser. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

¹⁵⁹⁴ STEIN, E. Apêndice I: O Castelo Interior. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

Sim, porque és meu aposento,
 És minha casa e morada;
 E assim chamo, no momento
 Em que de teu pensamento
 Encontro a porta cerrada.

Buscar-me em ti, não por fora...
 Para me achares ali,
 Chama-me, que, a qualquer hora,
 A ti verei sem demora,
 E a Mim buscar-me-ás em ti.¹⁵⁹⁵

Nas “segundas moradas”, a alma já percebe certas “*chamadas de Deus*” — que não se tratam de vozes interiores, que se façam sentir na alma mesma, senão de clamores que lhe vem de fora e que a alma percebe como uma mensagem de Deus: como as palavras de uma homilia, ou passagens de um livro que pareceriam ditos ou escritos precisamente para ela, enfermidades e outros “casos providenciais”. Não obstante, a alma vive ainda em e com o mundo. Edith Stein, então, interroga: “[...] que coisa pode mover esse homem totalmente “exteriorizado”, a entrar pela porta da oração, quando ainda não percebe tais chamadas? [...]”.¹⁵⁹⁶

Nada te turbe,
 Nada de espante,
 Pois tudo passa
 Só Deus não muda.
 Tudo a paciência
 Por fim alcança.
 Quem a Deus tenha,
 Nada lhe falta,
 Pois só Deus basta.¹⁵⁹⁷

No *Castelo interior*, a “Santa Madre” deixa sem resposta esta pergunta. Porém, Edith Stein suspeita de que Santa Teresa de Jesus encontre óbvio para a pessoa humana que, por sua educação religiosa, esteja já habituada a rezar em certos momentos e, por outra parte, esteja suficientemente instruída nas verdades da fé para pensar em Deus quando reza. Nas segundas moradas o pecado ainda cerca a alma, o que exige da

¹⁵⁹⁵ TERESA DE JESUS, S. Poesias, VIII: Buscando a Deus. In: _____. *Obras Completas*: Teresa de Jesus. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves, Marcos Marcionilo e Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 2002.

¹⁵⁹⁶ STEIN, E. Apêndice I: O Castelo Interior. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 548.

¹⁵⁹⁷ TERESA DE JESUS, S. Eficácia da Paciência, IX. In: _____. *Obras Completas*: Teresa de Jesus. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves, Marcos Marcionilo e Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 2002.

mesma que lute constantemente. No que diz respeito ao comportamento humano, Edith Stein observa nos escritos da “Santa Madre” a persistência de dinamismos desordenados, a necessidade de ancorar-se numa opção radical e progressiva sensibilidade na escuta da palavra de Deus.¹⁵⁹⁸

Nas “terceiras moradas”, encontram-se as almas que acolheram de coração as “chamadas de Deus”, esforçando-se constantemente em ordenar sua própria vida conforme a vontade de Deus: guardam-se com cuidado de todo pecado, inclusive dos veniais; dedicam-se com regularidade à oração, às práticas de penitência e às boas obras. De acordo com Edith Stein, quando essas almas são provadas com duras provas, estas servem para demonstrar-lhes que estão fortemente apegadas aos bens da terra. Por outra parte, se, por sua boa vontade, são frequentemente agraciadas com consolações, estas consistem em sentimentos totalmente naturais: lágrimas de arrependimento, devoções sensíveis na oração, satisfação pelas obras boas realizadas.¹⁵⁹⁹

[...] Vós, filhas, dizendo e fazendo palavras e obras, como na verdade parece que fazemos nós, os religiosos; contudo, por vezes não só oferecemos a jóia como a pomos em Sua mão, mas voltamos a tomá-la. De repente, somos generosos e, depois, tão avaros que seria melhor termos refletido um pouco mais antes de dá-la.¹⁶⁰⁰

Nas reflexões de Edith Stein, o exposto até aqui indica o caminho natural e normal da alma até si mesma e até Deus. Edith Stein não diz com isso que até este ponto não entre em jogo o sobrenatural. De modo contrário, qualquer impulso que mova a alma a entrar em si mesma, encaminhando-a até Deus, deve ser visto como efeito da graça, ainda quando proceda de fatos e motivos naturais. No entanto, até este ponto o

¹⁵⁹⁸ STEIN, E. Apêndice I: O Castelo Interior. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁵⁹⁹ STEIN, E. Apêndice I: O Castelo Interior. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁶⁰⁰ TERESA DE JESUS, S. Caminho de Perfeição, 32,8. In: _____. *Obras Completas*: Teresa de Jesus. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves, Marcos Marcionilo e Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 2002.

que a alma conhece de Deus e das próprias relações com Ele, procedem da fé — e a fé vem do ouvido.¹⁶⁰¹

Nas “quartas moradas”, em vez dos contentamentos que procedem da natureza da alma e da ajuda de Deus sobrevêm os gostos que principiam em Deus e vêm à nossa natureza — “oração de quietude”, por brotar sem nenhum esforço próprio. Nas quartas moradas, brota a fonte interior — passagem à experiência mística; mas a sorvos, intermitentemente: momentos de lucidez infusa [recolhimento da mente] e de amor místico-passivo [quietude da vontade].¹⁶⁰²

Ó Senhor, tende em conta o muito que sofremos neste caminho por falta de instrução! E o mal é que, como não pensamos ser preciso mais do que pensar em Vós, nem sabemos perguntar aos que têm instrução, nem consideramos que haja necessidade de perguntar. Experimentamos terríveis sofrimentos por não nos entendermos. E chegamos a pensar que é grande culpa o que, longe de ser mau, é bom. Daqui provêm as aflições de muitas pessoas voltadas para a oração, ao menos das que são pouco esclarecidas. Elas se queixam de sofrimentos interiores, tornam-se melancólicas, perdem a saúde e até abandonam a oração por completo, desconhecendo que há um mundo interior em nós.¹⁶⁰³

Por fim, a “Santa Madre” escreve:

[...] Estendi-me muito nesta morada por ser nela que, segundo creio, entra o maior número de almas. E, como também entra o natural juntamente com o sobrenatural, o demônio pode causar mais prejuízo. Isso porque nas moradas restantes, o Senhor não lhe dá tanto lugar. Que Ele seja para sempre louvado! Amém.¹⁶⁰⁴

Nas “quintas moradas”, morre o bicho-da-seda. Do seu casulo sai uma pequena mariposa, assim como ocorre com a nossa alma:

Morra, morra esse verme, tal como o da seda quando acaba de realizar a obra para a qual foi criado! E comprovareis como vemos a Deus e nos vemos tão introduzidas em Sua grandeza como a lagartinha em seu casulo. Atentai, contudo: quando digo

¹⁶⁰¹ STEIN, E. Apêndice I: O Castelo Interior. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁶⁰² STEIN, E. Apêndice I: O Castelo Interior. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁶⁰³ TERESA DE JESUS, S. Quartas Moradas, 1,9. In: _____. *Obras Completas: Teresa de Jesus*. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves, Marcos Marcionilo e Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 2002.

¹⁶⁰⁴ TERESA DE JESUS, S. Quartas Moradas, 3,14. In: _____. *Obras Completas: Teresa de Jesus*. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves, Marcos Marcionilo e Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 2002.

que vemos a Deus, refiro-me ao modo como Ele se faz sentir nesse tipo de união.¹⁶⁰⁵

Por conseguinte, a “Santa Madre” diz:

[...] Quando está nesta oração — e bem morta está para o mundo —, e dela sai uma borboleta branca. Ó grandeza de Deus! Quão transformada sai a alma daqui, depois de ter estado imersa na grandeza de Deus e tão unida a Ele [...].¹⁶⁰⁶

Evidencia-se aqui o renascimento da alma em Jesus Cristo. Manifesta-se, assim, um estado de união por conformidade de vontades, manifestada especialmente no amor ao próximo. Na união, Deus marca a alma com seu selo.¹⁶⁰⁷ Dito pela “Santa Madre”: “[...] Vedes aqui, irmãs, o que o nosso Deus faz para que essa alma já se tenha por Sua: dá-lhe do que tem, que foi o que o Seu Filho teve nesta vida [...]”.¹⁶⁰⁸

Na perspectiva da “Santa Madre”, existem dois caminhos para a união com Deus: uma vida fadigosa com o próprio esforço, certo não sem a ajuda da graça, e o ser levado até o alto, com grande economia de trabalho pessoal, mas em cuja preparação e realização se lhe exige muitíssimo da vontade. Para as almas que Deus conduz pelo caminho das graças místicas, a oração de união é só preparação para um grau mais alto: o “noivado espiritual”, que tem lugar nas “sextas moradas”.¹⁶⁰⁹ “Parece-me que a união não chega ao noivado espiritual [...]”.¹⁶¹⁰

Na oração da união,

[...] é como se passa no mundo quando duas pessoas vão se casar: procuram ver se há harmonia de temperamentos e se um

¹⁶⁰⁵ TERESA DE JESUS, S. Quintas Moradas, 2,6. In: _____. *Obras Completas*: Teresa de Jesus. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves, Marcos Marcionilo e Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 2002.

¹⁶⁰⁶ TERESA DE JESUS, S. Quintas Moradas, 2,7. In: _____. *Obras Completas*: Teresa de Jesus. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves, Marcos Marcionilo e Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 2002.

¹⁶⁰⁷ STEIN, E. Apêndice I: O Castelo Interior. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁶⁰⁸ TERESA DE JESUS, S. Quintas Moradas, 2,13. In: _____. *Obras Completas*: Teresa de Jesus. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves, Marcos Marcionilo e Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 2002.

¹⁶⁰⁹ STEIN, E. Apêndice I: O Castelo Interior. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁶¹⁰ TERESA DE ÁVILA, S. Quintas Moradas 4,4. In: _____. *Obras Completas*: Teresa de Jesus. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves, Marcos Marcionilo e Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 2002.

e outro desejam o matrimônio. Por fim, marcam um encontro, para maior satisfação de ambos.

Assim é aqui. Pressupõe-se que o contrato já está feito, a alma, bem informada das vantagens da aliança e determinada a fazer em tudo a vontade do Esposo, de todas as maneiras que a Este aprouver. Sua Majestade — como quem bem entende se de fato as coisas se passam assim — está contente com ela e concede-lhe a graça de querer conhecê-Lo melhor. Como dizem, concede-lhe que se vejam e se encontrem. Aproxima-a de Si.

Podemos dizer que é assim, porque assim se passa, ainda que num curtíssimo espaço de tempo. Aí já não há dar e tomar, mas a visão secreta a alma tem Daquele a Quem há de tomar por Esposo. Pelos sentidos e faculdades, não entenderia em mil anos, de nenhuma maneira, o que aqui entende em átimo. Sendo tal o Esposo, basta a Sua visão para que a alma se torne mais digna do enlace, de dar-Lhe a sua mão, como dizem.

Com efeito, a alma fica tão enamorada que tudo faz para que não se rompa esse divino noivado. Mas, se se descuidar e colocar sua afeição em coisa que não seja Ele, a alma perderá tudo. E é imensa a perda, como imensas são as graças que Ele vai concedendo; é muito maior do que se pode avaliar.¹⁶¹¹

Nas “sextas moradas”, a alma aspira à união estável e duradoura com Deus, a ser concedida por Ele só nas “sétimas moradas”. Na história pessoal de Edith Stein, percebemos que nas sextas moradas a alma é provada com os mais intensos sofrimentos, externos e internos: violentos tormentos interiores, que poderiam comparar-se unicamente com as provas dos condenados e às quais só Deus pode pôr fim.¹⁶¹²

De acordo com a “Santa Madre”,

[...] não há outro remédio nessa tempestade senão aguardar a misericórdia de Deus, que de repente, só com uma palavra Sua, ou por meio de uma ocasião que se apresente, tira tudo tão depressa que nem parece ter havido uma sombra naquela alma, de tal maneira fica ela cheia de sol e de muito maior consolação.

E como quem escapou de uma batalha perigosa e conseguiu a vitória, ela fica louvando a Nosso Senhor, já que foi Ele quem pelejou pelo triunfo. Com efeito, a alma reconhece com clareza que não lutou, pois todas as armas com que podia defender-se parecem a ela estar nas mãos do seu adversário. Assim, conhece verdadeiramente a sua miséria e sabe o pouquíssimo eu podemos por nós mesmos, se o Senhor nos desamparar.¹⁶¹³

¹⁶¹¹ TERESA DE ÁVILA, S. Quintas Moradas 4,4. In: _____. *Obras Completas*: Teresa de Jesus. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves, Marcos Marcionilo e Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 2002.

¹⁶¹² STEIN, E. Apêndice I: O Castelo Interior. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁶¹³ TERESA DE ÁVILA, S. Sextas Moradas 1,10. In: _____. *Obras Completas*: Teresa de Jesus. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves, Marcos Marcionilo e Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 2002.

Desvela-se aqui o crisol do amor. Trata-se de um período extático e de tensão escatológica, de um novo modo de sentir os pecados, a presença de Jesus Cristo, e, por fim, o sponsal místico.¹⁶¹⁴

Quando Nosso Senhor é servido, compadece-se de tudo o que essa alma padece e já padeceu ansiando por Sua presença e amor. Assim, tendo-a já tomado espiritualmente por esposa, antes de consumir o matrimônio sobrenatural, põe-na em Sua morada, que é a sétima.¹⁶¹⁵

Nas “sétimas moradas”, Deus quer já tirar as escamas dos olhos da alma, para que veja e entenda algo da graça que lhe é concedida. Introduzida a alma nesta morada, mediante visão intelectual se lhe mostra, por certa espécie de representação da verdade, a Santíssima Trindade — Deus em três Pessoas: primeiro lhe vem ao espírito uma inflamação que se assemelha a uma nuvem de enorme claridade. Ela vê nitidamente a distinção das divinas Pessoas. Por uma notícia admirável que lhe é infundida, entende com certeza absoluta serem as três uma substância, um poder, um saber, um só Deus. O que acreditamos por fé é entendido ali pela alma por vista, se assim o podemos dizer, embora não seja vista dos olhos do corpo nem da alma, por não se tratar de uma visão imaginária.¹⁶¹⁶ Comunicam-lhe todas três Pessoas, falam-lhe e lhe dão a entender aquelas palavras que diz o Evangelho que disse o Senhor: “[...] Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada”.¹⁶¹⁷

Esta “divina Companhia” jamais abandona a alma:

Perceba-se que o fato de a alma trazer em si essa presença não se passa de modo tão perfeito, isto é, tão claro como quando se lhe manifesta na primeira vez, ou em algumas outras nas quais apraz a Deus fazer-lhe esse favor. Se assim não fosse, a alma

¹⁶¹⁴ STEIN, E. Apêndice I: O Castelo Interior. In: _____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁶¹⁵ TERESA DE ÁVILA, S. 7 Moradas 1,3. In: _____. *Obras Completas*: Teresa de Jesus. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves, Marcos Marcionilo e Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 2002.

¹⁶¹⁶ STEIN, E. Ser Finito e Ser Eterno: Ensayo de una Ascensión al Sentido del Ser. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

¹⁶¹⁷ BÍBLIA, N. T. João. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 14, vers. 23.

não poderia ocupar-se de qualquer outra coisa, nem mesmo viver com as demais pessoas.

Mas, embora não seja com essa luz tão clara, a alma não deixa de perceber que está na companhia do Senhor. Digamos agora que se assemelhe à situação de uma pessoa que, estando com outras num aposento mais claro, visse fechadas as janelas e ficasse às escuras. Até voltar a luz, ela deixaria de ver as outras pessoas; nem por isso, no entanto, desconheceria que elas se encontram ali.¹⁶¹⁸

Mediante essa admirável companhia, a Divina Majestade quer aqui dispor a alma para coisas mais inefáveis, ajudando-a para em tudo avançar no caminho de perfeição e perder o temor que, às vezes, sentia quando recebia outras graças. Edith Stein diz, então, que este “ser finito”, de fato, progrediu em tudo. Por mais sofrimentos e perturbações que tivesse, parecia que o essencial de sua alma jamais se apartava daquele aposento, e como se a alma mesma estivesse dividida em duas, como Marta, quando se queixou de Maria.¹⁶¹⁹

[...] Por isso, eu dizia que, tendo em vista certas coisas experimentadas em nosso interior, se percebe haver diferença, de certa maneira — e muito conhecida — entre a alma e o espírito. Embora não passes de uma única realidade, vê-se entre eles uma divisão muito sutil que os leva às vezes a agir diferentemente um do outro, de acordo com o sabor que o Senhor lhes confere.¹⁶²⁰

Na “Santa Madre”, o “matrimônio” esteve precedido por uma visão imaginária de Sua sacratíssima Humanidade:

[...] o Senhor se apresentou quando ela acabava de comungar. Ele se mostrou em forma de grande resplendor, formosura e majestade, como depois de ressuscitado, e lhe disse *que já era tempo de tomar como seus os interesses divinos, enquanto Ele cuidaria dos interesses dela*. Falou ainda outras palavras, que são mais para sentir do que para dizer.¹⁶²¹

De acordo com Edith Stein, o matrimônio mesmo tem lugar no centro muito interior da alma, que deve ser onde está o “ser eterno”. Na concepção de Edith Stein, em tudo que foi dito até aqui, parece que vai por meio dos

¹⁶¹⁸ TERESA DE ÁVILA, S. 7 Moradas 1,9. In: _____. *Moradas do castelo interior*. Trad. Manuel de Lucena. 260. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

¹⁶¹⁹ TERESA DE ÁVILA, S. 7 Moradas 1,10. In: _____. *Moradas do castelo interior*. Trad. Manuel de Lucena. 260. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

¹⁶²⁰ TERESA DE ÁVILA, S. 7 Moradas 1,11. In: _____. *Moradas do castelo interior*. Trad. Manuel de Lucena. 260. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

¹⁶²¹ TERESA DE ÁVILA, S. 7 Moradas 2,1. In: _____. *Moradas do castelo interior*. Trad. Manuel de Lucena. 260. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

sentidos e potências, e este aparecimento da Humanidade do Senhor assim deve ser. Não obstante, o que passa na união do matrimônio espiritual é muito diferente: aparece o Senhor neste centro da alma sem visão imaginária, mas intelectual, embora mais delicada que as ditas, como apareceu aos Apóstolos sem entrar pela porta, quando disse: *Pax vobis!*¹⁶²² — “[...] A paz esteja convosco!”.¹⁶²³

Edith Stein diz que é um segredo tão grande e uma recompensa tão elevada o que comunica Deus ali na alma em um instante, bem como o grandiosíssimo deleite que sente a alma, que não há nada a que se possa comparar, mas a que quer o Senhor manifestar por aquele momento a glória que há no céu, por mais elevada maneira que por nenhuma visão nem gosto espiritual. Não se pode dizer mais de que — tanto quanto é possível entender — a alma forma como que uma unidade com Deus. Por ser também espírito, Sua Majestade deseja mostrar o Seu amor por nós, dando a entender a algumas pessoas até onde chega esse sentimento, para que louvemos Sua grandeza. De tal modo quis Ele unir-se à criatura que, tal como os que não se pode afastar, não deixa partar-se dela.¹⁶²⁴

Por esta via, a corrente que se comunica a alma, desdobra-se desde o mais íntimo de si às potências. Nos seus escritos, diz Teresa de Jesus que assim como não poderíamos ser atingidos por um jato de água desprovido de um manancial, assim também se entende com clareza que há no interior da alma Alguém que lança estas setas e dá vida a essa vida. Um sol de onde provém uma grande luz, enviada do interior da alma às faculdades. Ela não sai desse centro nem perde a paz. Não nos resta dúvida de que o próprio Senhor que a deu aos apóstolos, quando estavam juntos, é poderoso para dá-la também a ela.¹⁶²⁵ Mas esta paz não pode ser entendida como se a alma estivesse já segura de sua salvação e de não

¹⁶²² TERESA DE ÁVILA, S. 7 Moradas 2,3. In: _____. *Moradas do castelo interior*. Trad. Manuel de Lucena. 260. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

¹⁶²³ BÍBLIA, N. T. Lucas. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 24, vers. 36.

¹⁶²⁴ TERESA DE ÁVILA, S. 7 Moradas 2,3. In: _____. *Moradas do castelo interior*. Trad. Manuel de Lucena. 260. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

¹⁶²⁵ TERESA DE ÁVILA, S. 7 Moradas 2,6. In: _____. *Moradas do castelo interior*. Trad. Manuel de Lucena. 260. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

tornar a cair.¹⁶²⁶ Ela mesma não se tem por segura, senão que anda com muito mais temor que antes, evitando qualquer pequena ofensa a Deus, e com grandes desejos de O servir.¹⁶²⁷

Nas “sétimas moradas”, o primeiro efeito do matrimônio é um esquecimento de si, a ponto de verdadeiramente parecer que já não existe. Está tão inteiramente transformada que não se reconhece mais, nem se lembra de que para ela haverá céu, vida ou honra. Dedicase por completo a promover unicamente a glória de Deus. “[...] Parece que as palavras que Sua Majestade lhe disse — que zelasse pelas coisas Dele, pois Ele zelaria pelas suas — tiveram sobre ela o efeito de obras [...]”.¹⁶²⁸

Por conseguinte, diz Teresa de Jesus que o segundo efeito é um grande desejo de padecer, mas não de modo a inquietá-la, como costumava. De fato, é tão imensurável o desejo que fica nessas almas de que se faça nelas a vontade de Deus que têm por bom tudo o que Sua Majestade faz. E se antes desejava a morte, pois agora é tão grande o desejo que tem de servi-Lo, louvá-Lo e beneficiar alguma alma, que não só não desejam mais morrer como prefere viver muitos anos padecendo grandíssimos tormentos, para que o Senhor seja louvado por elas, mesmo que seja em coisas muito pequenas.¹⁶²⁹

Nas “sétimas moradas”, os desejos dessas almas já não se dirigem a deleites e gostos espirituais. Elas trazem consigo o próprio Senhor, sendo Sua Majestade Quem agora vive. Evidentemente, a Sua vida não foi senão um contínuo tormento; assim Ele faz que seja também a nossa, pelo menos no que se refere aos desejos. Deus leva em conta a nossa fraqueza, ainda que nos comunique muito da sua força quando vê que ela é necessária. Percebe-se nessas pessoas um grande desapego de tudo e com grande desejo de estar sempre a sós, ou ocupadas em algo que possa beneficiar

¹⁶²⁶ TERESA DE ÁVILA, S. 7 Moradas 2,9. In: _____. *Moradas do castelo interior*. Trad. Manuel de Lucena. 260. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

¹⁶²⁷ TERESA DE ÁVILA, S. 7 Moradas 2,9. In: _____. *Moradas do castelo interior*. Trad. Manuel de Lucena. 260. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

¹⁶²⁸ TERESA DE ÁVILA, S. 7 Moradas 3,2. In: _____. *Moradas do castelo interior*. Trad. Manuel de Lucena. 260. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

¹⁶²⁹ TERESA DE ÁVILA, S. 7 Moradas 3,6. In: _____. *Moradas do castelo interior*. Trad. Manuel de Lucena. 260. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

alguma alma. Não as acompanham nem aridez nem sofrimentos interiores, mas apenas a lembrança de Nosso Senhor, e tal ternura para com Ele que desejariam dedicar todo o tempo aos seus louvores; e quando se descuidam, o próprio Senhor as desperta. Trata-se de algo que nem procede do pensamento, nem da memória, nem coisa que se possa entender que a alma faça nada de sua parte.¹⁶³⁰

[...] Passa-se com tanta quietude e silêncio tudo que o Senhor ensina e comunica que me leva a pensar na edificação do templo de Salomão, durante a qual não se devia ouvir o mínimo de ruído. Assim, neste templo de Deus, nesta Sua morada, só Ele e a alma se regozijam em grandíssimo silêncio.

O intelecto não precisa agir nem indagar nada. O Senhor que o criou quer sossegá-lo aqui, permitindo apenas que espreite por uma pequena fresta o que se passa [...].¹⁶³¹

Por consequência, os êxtases cessam quase inteiramente. Na existência humana de Edith Stein, isto é o que se deixa entender do que Santa Teresa de Jesus vê como fim de todo esse caminho de graça: um fim que não consiste só na divinização das almas, mas que todas as graças devem servir para fortalecer nossa fraqueza, para que possamos imitar a Jesus Cristo nos grandes sofrimentos¹⁶³² e trabalhar sem descanso pelo Reino de Deus. “[...] Pois isto é a oração, filhas minhas; para isto serve este matrimônio espiritual: para fazer nascer obras, sempre obras!”¹⁶³³

Edith Stein descreve, então, a sua experiência pessoal:

Meu próprio ser, tal como o conheço e tal como me conheço nele, é nulo; eu não existo por mim mesma e por mim mesma nada sou; em cada momento me encontro frente a este nada e, momento após momento, preciso de ser reinvestida com o dom do ser. E, sem dúvida, este ser vazio ou nulo é *ser*, e por isso em todos os momentos estou em contato com a plenitude do ser. Como dissemos antes, a nulidade e a fugacidade, tal como as encontramos em nós mesmos, nos revelam a *ideia* do ser verdadeiro, do ser eterno e imutável [...].

[...] A futilidade e a fugacidade de seu próprio ser se manifestam ao eu quando este se apropria do seu próprio ser *refletindo* e

¹⁶³⁰ TERESA DE ÁVILA, S. 7 Moradas 3,8. In: _____. *Moradas do castelo interior*. Trad. Manuel de Lucena. 260. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

¹⁶³¹ TERESA DE ÁVILA, S. 7 Moradas 3,11. In: _____. *Moradas do castelo interior*. Trad. Manuel de Lucena. 260. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

¹⁶³² TERESA DE ÁVILA, S. 7 Moradas 4,4. In: _____. *Moradas do castelo interior*. Trad. Manuel de Lucena. 260. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

¹⁶³³ TERESA DE ÁVILA, S. 7 Moradas 4,6. In: _____. *Moradas do castelo interior*. Trad. Manuel de Lucena. 260. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

quando procura encontrar seu fundamento. Alcança-o antes de todo pensamento e análise retrospectiva de sua vida pela *angústia*, que acompanha o homem não redimido ao longo da vida por meio de diferentes disfarces, como o medo frente a isto ou aquilo, mas, no fim das contas, a angústia que experimenta diante de seu próprio não-ser “o coloca diante do nada”.

Então, em meu ser eu me encontro com outro ser que não é o meu, senão que é o sustento e o fundamento de meu ser que não possui em si mesmo fundamento. Posso chegar por duas vias a esse fundamento que encontro dentro de mim mesmo com fins de conhecer o *ser eterno*. A primeira é a *da fé*: se Deus se revela como “o ente”, como “criador” e como “conservador”, e se o Salvador disse: “Aquele que crer no filho tem a vida eterna”, estas são respostas claras à questão enigmática que concerne ao meu próprio ser. E se Deus me disse pela boca do profeta que me é mais fiel do que meu pai e minha mãe e que Ele é o amor mesmo, reconheço quão “razoável” é minha confiança no braço que me sustenta e como toda angústia de cair no nada é insensata, enquanto eu não me desprenda por mi mesmo do braço do protetor.¹⁶³⁴

Na experiência cristã de Deus, quem adentrar esse pequeno céu da alma onde encontra-se Aquele que nos criou — “[...] a fonte de todo ser e de toda verdade, onde toda pergunta encontra seu repouso [...]”¹⁶³⁵ — e acostumar-se a não olhar e nem estar onde os sentidos exteriores distraem seguirá um excelente caminho, vindo a beber da água da fonte, num

¹⁶³⁴ STEIN, E. Ser Finito y Ser Eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, pp. 664-666:

Mi ser, tal como yo lo encuentro y tal como yo me encuentro en él, es un ser nulo; yo no existo por mí mismo y por mí mismo nada soy, me encuentro a cada instante ante la nada y tengo que recibir el don del ser momento tras momento. Y sin embargo, este ser vano o nulo es *ser* y por eso toco a cada instante la plenitud del ser. Hemos dicho antes que el devenir y el pasar, tal como lo encontramos en nosotros, nos revelan la *idea* del ser verdadero, del ser eterno e inmutable [...].

[...] La futilidad y la fugacidad de su propio ser se le manifiestan al yo cuando se apodera de su propio ser reflexionando y cuando trata de llegar al fundamento. Lo alcanza antes de toda consideración y análisis retrospectivos de su vida por la *angustia* que acompaña a través de la vida al hombre no librado bajo diferentes disfarces, como el miedo ante esto o aquello, pero, a fin de cuentas, la angustia que experimenta delante de su propio no-ser “lo coloca delante de la nada”.

En mi ser yo no me encuentro entonces com otro ser que no es el mío, sino que es el sostén y el fundamento de mi ser que no posee en sí mismo ni sostén ni fundamento. Puedo llegar por dos vías a ese fundamento que encuentro dentro de mí mismo a fin de conocer al *ser eterno*. La primera es la *de la fe*: si Dios se revela como “el ente”, como “creador” y “conservador”, y si el Salvador dice: “Aquel que cree en el hijo tiene la vida eterna”, éstas son respuestas claras a la cuestión enigmática que concierne a mi propio ser. Y si Dios me dice por la boca del profeta que me es más fiel que mi padre y mi madre y que Él es el amor mismo, reconozco cuán “razonable” es mi confianza en el brazo que me sostiene y como toda angustia de caer en la nada es insensata, mientras yo no me desprenda por mí mismo del brazo protector. [Tradução livre].

¹⁶³⁵ STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003: “[...] La fuente de todo ser y de toda verdad, donde toda pregunta encuentra su reposo [...]”. [Tradução livre].

percurso de pouquíssimo tempo. Dito por Teresa de Jesus: “[...] é como quem viaja num navio e, com algum vento favorável, chega ao fim da jornada em poucos dias, ao passo que quem vai por terra demora mais”.¹⁶³⁶

No “castelo interior” — cantinho de Deus — escreve Santa Teresa de Jesus que há muitas moradas; umas no alto, outras embaixo, outras dos lados. No centro — no meio de todas — está a principal, onde se passam as coisas mais íntimas entre Deus e a alma. Para quem deseja adentrá-lo, a porta é a *oração*: um trato [íntimo] de amizade com Deus. Para quem deseja compreendê-lo, a ciência é a *ciência da cruz*: “[...] uma verdade já aceita, real e eficaz, comparável a uma semente que, quando lançada na alma, deita raízes, dando-lhe características especiais e determinando-lhe a conduta. Ela brilha e transparece nas atitudes [...]”.¹⁶³⁷

Por último, adverte-nos a “Santa Madre”:

Não deveis julgar que se dispõem umas a seguir às outras, como que de enfiada: ponde os olhos no centro, que é a sala ou palácio habitado pelo rei, e imaginai um palmito em que para chegarmos ao saboroso fruto, que é de comer, temos de tirar as inúmeras cascas que por completo o envolvem [...].¹⁶³⁸

Na tarde de 02 de agosto de 1942 — às 17:00h —, dois oficiais da Gestapo apresentam-se ao locutório do Carmelo de Echt [Holanda]. Na esperança de tratar-se de informações sobre os papéis da Suíça [visto nos passaportes], a Madre Priora convocou Edith Stein a dirigir-se ao locutório. No locutório, Edith Stein — Ir. Tresa Benedita da Cruz, OCD — sauda valentemente a Gestapo: — “Louvado seja Jesus Cristo!”. Não lhes deram tempo para nada. Depois de 5 [cinco] minutos, Edith Stein — olhando para sua irmã Rosa, assustada, que chorava — disse-lhe: “Ven, Rosa, vamos sacrificar-nos pela salvação de nosso Povo”¹⁶³⁹.

¹⁶³⁶ TERESA DE JESUS, S. Caminho de Perfeição 28,5. In: _____. *Obras Completas*: Teresa de Jesus. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves, Marcos Marcionilo e Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 2002.

¹⁶³⁷ STEIN, E. *A ciência da cruz*. estudo sobre São João da Cruz. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 11.

¹⁶³⁸ TERESA DE ÁVILA, S. 1 Moradas, 2-8. In: _____. *Moradas do castelo interior*. Trad. Manuel de Lucena. 260. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

¹⁶³⁹ MUÑOZ, F. G. *Beneticta de la Cruz*. Edith Stein, signo de contraticción. Madriz: San Pablo, 2007, p. 261:

“Ven, Rosa, vamos a inmolarnos por la salvación de nuestro Pueblo”. [Tradução livre].

[...] Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. Por quarenta dias e quarenta noites esteve jejuando. Depois teve fome. Então, aproximando-se o tentador, disse-lhe: “Se é Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães”. Mas Jesus respondeu: “Está escrito:

*Não só de pão vive o homem,
mas de toda palavra que sai da boca de Deus*”.¹⁶⁴⁰

Na rua do Carmelo de Echt, um carro parado, com outras vítimas do nazismo. Edith Stein e Rosa Stein são obrigadas a subir no carro, dando os primeiros passos das estações de sua particular *Via Crucis*. “[...] [o trem] la servir para levar duas mulheres para longe, para sempre [...]”.¹⁶⁴¹ Escute-se: levá-las-ia para a “sétima morada” — “matrimônio espiritual”¹⁶⁴². “[...] ‘Se és Filho de Deus, atira-te para baixo, porque está escrito: *Ele dará ordem a seus anjos a teu respeito, e eles te tomarão pelas mãos, para que não tropeces em nenhuma pedra*’”.¹⁶⁴³

“[...] ‘*Não tentarás o Senhor teu Deus*’”.¹⁶⁴⁴ De 02 a 04 de agosto de 1942 foram deportadas para Amersfoort. De 04 a 07 de agosto de 1942, foram trasladadas para Westerbork. Padre Bromberg — frade dominicano que sobreviveu ao holocausto —, testemunha:

No dia 02 de agosto todos os judeus católicos da Holanda são detidos — um total de 244 pessoas — e deportados para o campo de Amersfoort. O condutor do carro de assalto de onde se encontrava a irmã Teresa Benedita, tendo se equivocado de caminho, chegou por último campo, quando já tinha anoitecido. O alojamento ao qual estavam destinados já estavam repleto de presos. Não se podia descansar porque os policiais alemães passavam lista continuamente. As sete religiosas formavam um grupo, uma pequena comunidade: rezavam juntas o Breviário e o rosário... A irmã Teresa Benedita da Cruz era considerada por elas uma superiora, porque se notava nela uma força sobrenatural.

¹⁶⁴⁰ BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 4, vers. 1-4.

¹⁶⁴¹ ROSA, J. G. Sorôco, sua mãe, sua filha e A Terceira Margem do Rio. In: _____. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967, p. 15.

¹⁶⁴² STEIN, E. Ser Finito e Ser Eterno: Ensayo de una Ascensión al Sentido del Ser. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 1127:

“[...] Matrimonio espiritual [...]”. [Tradução livre].

¹⁶⁴³ BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 4, vers. 6.

¹⁶⁴⁴ BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 4, vers. 7.

No campo houve uma confusão e um estado de angústia e aflição indescritíveis: a irmã Teresa Benedita seguiu limpando, lavando e cuidando das crianças, porque suas mães estavam apáticas; cuidava de todos levando consolo. Em voz baixa conta as crueldades padecida por outros presos, calando-se do que ela mesma havia padecido.

Na noite de 03 a 04 de agosto os presos foram transferidos de Amersfoort ao campo de Westerbork. Naquela ocasião um dos agentes perguntou para a irmã Teresa Benedita da Cruz, que já tinha sido gopeada com um fusil, sua religião. Ela contestou com orgulho que era católica. O oficial lhe disse então: “Que nada. Tu és uma maldita judia”. Depois separaram os homens das mulheres, os maridos de suas esposas, as mães dos filhos, proibindo-lhes comunicar-se.¹⁶⁴⁵

“[...] ‘Que nada. Tu és uma maldita judia’ [...]”¹⁶⁴⁶ Escute-se: O dito oficial do Estado “[...] ‘[...] Tu és uma maldita judia’ [...]”¹⁶⁴⁷ revela a metáfora dos extremos de um Estado que no seu fundamento não abarca a pessoa humana — o eu consciente e livre — em suas dimensões corpórea vivente, psíquica e espiritual. Por outro lado e de modo não convergente, no campo de concentração de Westerbork, um funcionário holandês — o Simão Cirineu — revela um testemunho impressionante:

No inferno de Westerbork ela vivia e rezava como uma santa... Disse-me em uma conversa: “O mundo está feito de contrastes, porém estes desaparecerão no final; só restará a caridade. Como poderia ser de outra maneira?”. Falava com segurança

¹⁶⁴⁵ MUÑOZ, F. G. *Benetica de la Cruz*. Edith Stein, signo de contraticción. Madriz: San Pablo, 2007, pp. 261-262:

El 2 de agosto todos los judíos católicos de Holanda son arrestados — en total 244 personas — y deportados al campo de Amersfoort. El conductor del carro de asalto donde se encontraba la hermana Teresa Benedicta, habiéndose equivocado de camino, llegó el último al campo, cuando ya se hacía de noche. El barracón al que estaban destinados estaba ya repleto de presos. No se podía descansar porque los policías alemanes pasaban lista continuamente. Las siete religiosas formaban un grupo, una pesqueña comunidad: rezaban juntas, diciendo el Breviario y rezando el rosario... La hermana Teresa Benedicta de la Cruz era considerada por ellas una superiora, porque se notaba en ella una fuerza sobrenatural.

En el campo hay una confusión y una desolación indescritibles: la hermana Teresa Benedicta sigue limpiando, lavando y peinando a los niños, porque sus madres se han vuelto apáticas; cuida de todos llevando consuelo. En voz baja cuenta las crueldades padecidas por los otros presos, callándose lo que misma ha padecido.

La noche del 3 al 4 de agosto los presos son transferidos de Amersfoort al campo de Westerbork. En aquella ocasión uno de los agentes preguntó a la hermana Teresa Benedicta, que ya había sido golpeada con el fusil, su religión. Ella contestó con orgullo que era católica. El oficial le dijo entonces: “De eso, dana. Eres una maldita judía”. Después separaron a los hombres de las mujeres, a los maridos de sus esposas, a las madres de sus hijos, prohibiéndoles comunicarse. [Tradução livre].

¹⁶⁴⁶ MUÑOZ, F. G. *Benetica de la Cruz*. Edith Stein, signo de contraticción. Madriz: San Pablo, 2007, pp. 261-262:

“[...] ‘De eso, dana. Eres una maldita judía’ [...]”. [Tradução livre].

¹⁶⁴⁷ MUÑOZ, F. G. *Benetica de la Cruz*. Edith Stein, signo de contraticción. Madriz: San Pablo, 2007, pp. 261-262:

“[...] ‘[...] Eres una maldita judía’ [...]”. [Tradução livre].

humilde, e suscitava comoção em quem a escutava. Uma conversa com ela... era como uma viagem a outro mundo. Naquele momento Westerbork não existia. Em outra ocasião me disse: “Nunca tinha imaginado que os homens pudessem ser assim e ... que meus irmãos tivessem que sofrer tanto”. Quando ficou certo que teria que ser levada a outro lugar, perguntei-lhe se podia ajuda-la e [tentar liberá-la] ... sorriu-me e me contestou que não. Que não havia razão para fazer-lhe um favor especial a ela e a seu grupo. Que não era justo tomar partido do fato de ter sido batizada. Se não pudera participar do destino dos demais, desperdiçaria sua vida. “Não, nunca”, contestei. Assim se dirigiu até o trem rezando na companhia de sua irmã Rosa. Posso ser testemunha de seu sorriso, da força invencível que a acompanhou até Auschwitz.¹⁶⁴⁸

“[...] ‘Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares’”. Aí Jesus lhe disse: ‘Vai-te Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás e a ele só prestarás culto’. [...] O diabo o deixou [...]”.¹⁶⁴⁹ No dia 09 de agosto de 1942, o comboio chegou a Auschwitz. Privadas de humanidade — apelada no rosto velado —, 464 pessoas são destinadas a “trabalhos” forçados. Por ser judia, Edith Stein [Irmã Teresa Benedita da Cruz, OCD], juntamente com a sua irmã Rosa Stein — e 523 judeus dos Países Baixos —, são enviados nus à primeira câmara de gás, a da “casa branca”.¹⁶⁵⁰ Não obstante, “[...] os anjos de Deus aproximaram-se a servi-lo[a]”.¹⁶⁵¹

¹⁶⁴⁸ MUÑOZ, F. G. *Beneticta de la Cruz*. Edith Stein, signo de contraticción. Madriz: San Pablo, 2007, p. 265:

En el infierno de Westerbork ella vivía y rezaba como una santa... Me dijo en una conversación: “El mundo está hecho de contrastes, pero estos al final desaparecerán; sólo quedará la caridad. ¿Como podría ser de otra manera?”. Hablaba con seguridad humilde, y suscitaba conmoción en quien la escuchaba. Una conversación con ella ... era como un viaje a otro mundo. En aquel momento Westerbork no existía. En otra ocasión me dijo: “Nunca hubiera imaginado que los hombres pudieron ser así y ... que mis hermanos tuviesen que sufrir tanto”. Cuando fue seguro que tenía que ser llevada a otro lugar, le pregunté si podía ayudarla e [intentar liberarla] ... me sonrió y me contestó que no. Que no había razón para hacerle un favor especial a ella y a su grupo. Que no era justo sacar partido del hecho de haber sido bautizada. Si no pudiera participar del destino de los demás, desperdiçaria su vida”. “No, nunca”, contesté. Así se dirigió hasta el tren rezando junto a su hermana Rosa. Puedo ser testigo de su sonrisa, de la fuerza invencible que la acompañó hasta Auschwitz. [Tradução livre].

¹⁶⁴⁹ BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 4, vers. 9-11.

¹⁶⁵⁰ JOÃO PAULO II, P. 2ª Homilia — Festa da Canonização — 1998. In: _____. *Em nome de Deus... Em nome da Igreja... Em nome da Humanidade*. Bauru [SP]: EDUSC, 1998.

¹⁶⁵¹ BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 4, vers. 11.

No teatro, Gabriel Cacho dramatiza: “[Rosa] ‘Vamos, Edith! Despe-te...’ [Edith] Sim, Rosa. Agora mesmo...’.¹⁶⁵² Na poesia, Cecília Meireles expressa: “solidão, solidão, e amor completo”.¹⁶⁵³

Na região Nordeste do Brasil, re-clama a poesia do sertanejo “mais afortunado de todos fios de Adão”¹⁶⁵⁴ — Patativa do Assaré:

Na sua pequena boca
Eu vi os laibo tremendo
E, naquela afrição lôca,
Ela também conhecendo
Que a vida tava no fim,
Foi regalando pra mim
Os tristes oinho seu,
Fez um esforço ai, ai, ai,
E disse: “abença, papai!”
Fechô os oio e morreu.¹⁶⁵⁵

Existencialmente, um “olhar eterno de sempre e nunca”.¹⁶⁵⁶ Na história pessoal de Edith Stein, percebemos que a mesma “[...] não aceitou passivamente o *sofrimento e a morte*, mas uniu-os conscientemente ao *sacrifício expiatório do nosso Salvador Jesus Cristo* [...]”.¹⁶⁵⁷ Era-lhe marco essencial seguir o Cristo no caminho da cruz, participar de sua cruz — eis a vida das monjas carmelitas descalças.¹⁶⁵⁸

No *Castelo interior*,

[...] a união é como duas velas de cera tão apertadas que já só vemos uma chama, ou como se o pavio, a chama e a cera fossem uma só coisa; mas depois é possível separar uma vela da outra — ei-las de novo duas — bem como o pavio da cera. Ao passo que aqui é como chuva caindo num rio ou numa fonte onde tudo se torna a mesma água e ninguém jamais poderá dividi-la ou separá-la, nem saber qual a do rio, qual a do céu; ou como um regato entrando no mar, de onde já não sairá, ou como

¹⁶⁵² CACHO, G. *Edith Stein na câmara de gás*. Trad. Manuel Bandeira. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1965, p. 99.

¹⁶⁵³ MEIRELES, C. *Solombra*. 2. ed. São Paulo: Global, 2013, p. 29.

¹⁶⁵⁴ ASSARÉ, P. *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*. 17. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2014, p. 38.

¹⁶⁵⁵ ASSARÉ, P. *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*. 17. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2014, p. 42.

¹⁶⁵⁶ MEIRELES, C. *Solombra*. 2. ed. São Paulo: Global, 2013, p. 35.

¹⁶⁵⁷ JOÃO PAULO II, P. 1ª Homilia — Festa da Beatificação — 1987. In: _____. *Em nome de Deus... Em nome da Igreja... Em nome da Humanidade*. Bauru [SP]: EDUSC, 1998, p. 21.

¹⁶⁵⁸ STEIN, E. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

muita luz vinda a uma sala por duas janelas abertas, que embora chegue dividida logo toda se torna uma só.¹⁶⁵⁹

Na Holanda, a Gazeta Oficial, em seu número de 16 de fevereiro de 1950, com uma nota do Ministério da Justiça, anunciava a morte de Edith Stein: “N. 44.074, Edith Teresa Hedwig Stein, nascida em 12 de outubro de 1891 em Breslau, de Echt, morta no dia 9 de agosto de 1942”.¹⁶⁶⁰ “Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a morte corporal, à qual nenhum homem vivente pode escapar”.¹⁶⁶¹ Na condição de judia carmelitana, Edith Stein escreve: “[...] A união nupcial da alma com Deus é o fim para o qual a alma foi criada, e é uma união adquirida pelo preço da cruz, realizada na cruz e selada, para todo o sempre, com a cruz.”¹⁶⁶²

Platão — em *Fédon* — representa Sócrates dizendo que a ocupação filosófica consiste em preparar-se para morrer e em estar morto:

[...] — A vós, entretanto, que sois meus juízes, devo agora prestar-vos contas, expor as razões pelas quais considero que o homem que realmente consagrou sua vida à filosofia é senhor de legítima convicção no momento da morte, possui esperança de ir encontrar para si, no além, excelentes bens quando estiver morto! [...].¹⁶⁶³

No dia 11 de outubro de 1998, por ocasião da *Homilia da cerimônia de canonização de Edith Stein*, o Papa João Paulo II apelou:

Por amor de Deus e do homem, lanço de novo um premente brado: nunca mais se repita uma semelhante iniciativa criminosa para nenhum grupo étnico, povo e raça, em qualquer recanto da terra! É um brado que dirijo a todos os homens e mulheres de boa vontade; a todos aqueles que crêem no Deus eterno e justo; a todos aqueles que se sentem unidos em Cristo, Verbo de Deus encarnado. Aqui, todos nós devemos ser solidários: é a dignidade humana que está em jogo. Só existe uma única família humana. É isto que a nova Santa afirmou com grande insistência: “O nosso amor pelo próximo - escrevia - é a medida

¹⁶⁵⁹ TERESA DE ÁVILA, S. 7 Moradas, 2,4. In: _____. *Moradas do castelo interior*. Trad. Manuel de Lucena. 260. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

¹⁶⁶⁰ GARCIA, J. T. & SCIADINI, P. *Edith Stein: Holocausto para seu povo*. São Paulo: Loyola, 1987, p. 11.

¹⁶⁶¹ FRANCISCO DE ASSIS, S. Cântico das Criaturas, 12. In: _____. *Fontes Franciscanas I: Escritos — Biografias — Documentos*. 2. ed. Braga, 1994.

¹⁶⁶² STEIN. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 220.

¹⁶⁶³ PLATÃO. *Fédon*, 64 a. In: _____. *Diálogos: O Banquete — Fédon — Sofista — Político*. Trad. José Cavalcante de Souza [O Banquete], Jorge Paleikat e João Cruz Costa [Fédon, Sofista e Político]. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1972. Disponível em: <<http://geha.paginas.ufsc.br/files/2016/03/Plat%C3%A3o-cole%C3%A7%C3%A3o-os-pensadores-1973.pdf>>. Acesso em 09/08/2018.

do nosso amor a Deus. Para os cristãos - e não só para eles - ninguém é 'estrangeiro'. O amor de Cristo não conhece fronteiras".¹⁶⁶⁴

"[...] Muita coisa importante falta nome".¹⁶⁶⁵ "[...] Mire veja"¹⁶⁶⁶: "A vida do homem se realiza entre calar e falar: o silêncio e a palavra [...]"¹⁶⁶⁷ — "E eu sei?"¹⁶⁶⁸ [Resposta de uma prisioneira da Guerra de Canudos a cada pergunta do General Arthur Oscar]. Mistério, profundo: "[...] É proibido dizer o nome da vida. E eu quase o disse [...]"¹⁶⁶⁹

Toda obra intelectual começa pelo êxtase; só depois se exerce o talento do arranjador, a técnica dos encadeamentos, das relações e da construção: "O intelectual não é filho de si mesmo; ele é filho da Ideia, da Verdade, do Verbo criador e animador imanente a sua criação [...]"¹⁶⁷⁰ Para Edith Stein, pode-se falar de *verdade* quando um espírito cognoscente conhece um ente.¹⁶⁷¹

Na história pessoal — Historiobiografia — de Edith Stein evidenciamos uma extraordinária visão de conjunto, capaz de levar em conta o particular sempre orientada para o universal.¹⁶⁷²

[...] O amor de Cristo foi o fogo que ardeu a vida de Teresa Benedita da Cruz. Antes ainda de se dar conta, ela foi completamente arrebatada por ele. No início, o seu ideal foi a liberdade. Durante muito tempo, Edith Stein viveu a experiência da busca. A sua mente não se cansou de investigar e o seu

¹⁶⁶⁴ JOÃO PAULO II, P. *Homilia do Papa João Paulo II na cerimônia de canonização de Edith Stein*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf_jp-ii_hom_11101998_stein.html>. Acesso em 09 de agosto de 2018.

¹⁶⁶⁵ ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 99.

¹⁶⁶⁶ ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 31.

¹⁶⁶⁷ GUARDINI, R. *Una ética para nuestro tiempo: reflexiones sobre formas de vida Cristiana*. Buenos Aires: LUMEN, 1994, p. 237:

"La vida del hombre se realiza entre callar y hablar: el silencio y la palabra [...]" [Tradução nossa].

¹⁶⁶⁸ MELO, A. da C. Belo Monte. In: _____, FERNANDES, R. de. [org.]. *O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões*. São Paulo: Geração, 2002, p. 129.

¹⁶⁶⁹ LISPECTOR, C. *A paixão segundo G. H.*: romance. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 16.

¹⁶⁷⁰ SERTILLANGES, A.-D. *A Vida Intelectual: seu espírito, suas condições, seus métodos*. Trad. Lília Lendon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2010, p. 12.

¹⁶⁷¹ STEIN, E. Conocimiento, verdad, ser. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

¹⁶⁷² MENDES, E. S. *A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico da vida associada*. 2013. 227f. Dissertação [Mestrado em Teologia], Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.

coração de esperar. Percorreu o árduo caminho da filosofia com ardor apaixonado e no fim foi premiada: conquistou a verdade; antes, foi por ela conquistada. De fato, descobriu que a verdade tinha um nome: Jesus Cristo, e a partir daquele momento o Verbo encarnado foi tudo para ela. Olhando como Carmelita para este período da sua vida, escreveu a uma Beneditina: “Quem procura a verdade, consciente ou inconscientemente, procura a Deus”. Embora a sua mãe a tenha educado na religião hebraica, aos 14 anos de idade Edith Stein, “consciente e propositadamente desacostumou-se da oração”. Só queria contar consigo mesma, preocupada em afirmar a própria liberdade nas opções de vida. No fim do longo caminho, foi-lhe dado chegar a uma surpreendente conclusão: só quem se une ao amor de Cristo se torna verdadeiramente livre.¹⁶⁷³

Na Paideia [παιδεία] do Ocidente,

o homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, dizíamos ainda recentemente a um grupo de leigos, ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas”.¹⁶⁷⁴

No dizer de Antoine de Saint-Exupéry, “[...] só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos [...]”.¹⁶⁷⁵ Escute-se: “— Foi o tempo que perdeste com tua rosa que a fez tão importante”.¹⁶⁷⁶

Na pena de Aristóteles, “[...] a felicidade [*eudaimonía*] é o sumo bem [...]”.¹⁶⁷⁷ No acontecer — e tecer — da história da humanidade, “— os homens esqueceram essa verdade [...] — Mas tu não deves esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas [...]”.¹⁶⁷⁸

Teus dons infinitos vêm a mim
apenas sobre estas minhas mãos
tão pequenas,
passa o tempo, continuas derramando,
e sempre há lugar a preencher.¹⁶⁷⁹

¹⁶⁷³ JOÃO PAULO II, P. *Em nome de Deus... Em nome da Igreja... Em nome da Humanidade*. Bauru [SP]: EDUSC, 1998, pp. 31-32.

¹⁶⁷⁴ PAULO VI. Discurso aos Membros do Consilium de Laicis [em 2 de outubro de 1974]. In: *Ata Apostólica Sedes*, [AAS], 66 [1974], p. 568.

¹⁶⁷⁵ SAINT-EXUPÉRY, A. *O Pequeno Príncipe*. Trad. Dom Marcos Barbosa. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009, p. 70.

¹⁶⁷⁶ SAINT-EXUPÉRY, A. *O Pequeno Príncipe*. Trad. Dom Marcos Barbosa. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009, p. 72.

¹⁶⁷⁷ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, I, 7. In: _____. *Metafísica*: livro I e II. Trad. Vinzenzo Cocco. *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. Poética. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

¹⁶⁷⁸ SAINT-EXUPÉRY, A. *O Pequeno Príncipe*. Trad. Dom Marcos Barbosa. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009, p. 702.

¹⁶⁷⁹ TAGORE, R. *Poesia mística*: lírica breve. São Paulo: Paulus, 2003, p. 15.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao cair da tarde, ele pôs-se à mesa com os Doze e, enquanto comiam, disse-lhes: “Em verdade vos digo que um de vós me entregará”. Eles, muito entristecidos, puseram-se — um por um — a perguntar-lhe: “Acaso sou eu, Senhor?”. Ele respondeu: “O que comigo põe a mão no prato, esse me entregará. Com efeito, o Filho do Homem vai, conforme está escrito a seu respeito, mas ai daquele homem por quem o Filho do Homem for entregue! Melhor seria para aquele homem não ter nascido!” Então Judas, seu traidor, perguntou: “Porventura sou eu, Rabi?” Jesus respondeu-lhe: “Tu o disseste”.

Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo-o abençoado, partiu-o e, distribuindo-o aos discípulos, disse: “Tomai e comei, isto é o meu corpo”. Depois, tomou um cálice e, dando graças, deu-o a eles dizendo: “Bebei dele todos, pois isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que é derramado por muitos para remissão dos pecados. Eu vos digo: Não beberei mais deste fruto da videira até o dia em que convosco beberei o vinho novo no Reino do meu Pai”.¹⁶⁸⁰

No seio do mundo, “[...] o que merece relevância é o fato de a vida [política] jamais ser puro fato, mas uma narrativa construída — conscientemente ou não [...]”.¹⁶⁸¹ Na narrativa — e através dela — a existência existe.¹⁶⁸² Tal condição fenomenológico-existencial, reconduziu-nos a algo que soa de modo bastante próximo e ancestral: “[...] no princípio era o Verbo [λόγος] [...]”.¹⁶⁸³ “Ouve, ó Israel [...]”:¹⁶⁸⁴ “é amor que eu quero e não sacrifícios, conhecimento de Deus mais do que holocaustos”.¹⁶⁸⁵

“[...] ‘Senhor, quando foi que te vimos com fome e te alimentamos, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos forasteiro e te recolhemos ou nú e te vestimos? Quando foi que te vimos doente ou preso e fomos te ver?’ [...]”.¹⁶⁸⁶

Historicamente, a civilização ocidental moderna — no intento de livrar-se da inospitalidade do mundo — voltou-se para a construção de um

¹⁶⁸⁰ BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 26, vers. 20-29.

¹⁶⁸¹ CRITELLI, D. *História pessoal e sentido da vida: historiobiografia*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2016, p. 55.

¹⁶⁸² CRITELLI, D. *História pessoal e sentido da vida: historiobiografia*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2016, p. 55.

¹⁶⁸³ BÍBLIA, N. T. 1 João. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 1, vers. 1.

¹⁶⁸⁴ BÍBLIA, V. T. 1 Deuteronômio. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 6, vers. 4.

¹⁶⁸⁵ BÍBLIA, V. T. Oséias. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 6, vers. 6.

¹⁶⁸⁶ BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 25, vers. 37-39.

modo peculiar de saber e de ser no mundo. Pela criação da representação, habitamos o mundo calculando-o, controlando-o: “[...] o comportamento das massas, a opinião pública [...]”.¹⁶⁸⁷ Dulce Mara Criteelli reflete que não apenas controlamos fenômenos da natureza, mas criamos fenômenos que não seriam possíveis sob as determinações e leis da natureza.¹⁶⁸⁸

Paulo Freire — no escrito intitulado *Pedagogia do Oprimido* — escreve, magistralmente:

Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos como problema. Descubrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao se intalarem na quase, senão trágica, descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas.¹⁶⁸⁹

“Por mais intransmissível que fossem os humanos, eles sempre tentavam se comunicar através de gestos, de gaguejos, de palavras malditas e malditas [...]”.¹⁶⁹⁰ Perguntamo-nos, então, intrigados: como *nós* — teólogos latino-americanos e caribenhos — devemos conceber e fazer teologia na contemporaneidade, sob o enfoque de Edith Stein?

No século XXI, a teologia latino-americana deve falar de um obscurecimento de Deus e de uma crise de fé, refletida na crise da civilização ocidental, que contribuiu para a crise de igreja.¹⁶⁹¹

[...] Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar — é todos contra os acasos. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois no fim dá certo. Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma! Porque existe dôr. E a vida do homem está presa encantoadada — erra rumo, dá em aleijões como esses, dos meninos sem pernas e braços. Dôr não dói até em criancinhas e

¹⁶⁸⁷ CRITELLI, D. M. *Análítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC; Brasiliense, 1996, p. 21.

¹⁶⁸⁸ CRITELLI, D. M. *Análítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC; Brasiliense, 1996.

¹⁶⁸⁹ FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 66. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018, p. 39.

¹⁶⁹⁰ LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem, ou O Livro dos prazeres*. 18. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991, p. 43.

¹⁶⁹¹ KASPER, W. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo [RS]: UNISINOS, 2012.

bichos, e nos doidos — não dói sem precisar de se ter razão nem conhecimento? E as pessoas não nascem sempre? Ah, medo tenho não é de ver morte, mas de ver nascimento. Medo mistério. O senhor não vê? O que não é Deus, é estado do demônio. Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver — a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo. O inferno é um sem-fim que nem não se pode ver. Mas a gente quer Céu é porque quer um fim: mas um fim com depois dele a gente tudo vendo. Se eu estou falando às flautas, o senhor me corte. Meu modo é este. Nasci para não ter homem igual em meus gostos. O que eu invejo é sua instrução do senhor...¹⁶⁹²

No cotidiano, o vulgo quando fala de Deus, identifica-o — de imediato — com a religião, o que é compreensível. Na teologia latino-americana, a questão de Deus não se restringe às identificações religiosas: ela é uma questão antropológica, por isso mesmo sempre presente em todas as pessoas, povos e culturas. Trata-se *da questão primeira do sentido último da existência humana*, a partir da qual erguem-se todas as outras.¹⁶⁹³ “[...] Mas a vida não é entendível [...]”.¹⁶⁹⁴

[...] Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. E, outra coisa: o diabo, é às brutas; mas Deus é traiçoeiro! Ah, uma beleza de traiçoeiro — dá gosto! A força dele, quando quer — moço! — me dá o medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho — assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza [...].¹⁶⁹⁵

Na *vivência de fé* — “[...] no sentido real desta palavra, a fé, portanto, da decisão pessoal da transformadora força do coração e não de uma convenção burguesa e de supostos sociais [...]”¹⁶⁹⁶ — o indivíduo experimenta a Deus — intimamente — na sua relação com Ele, e experimenta a si mesmo na sua relação com Deus. Para Jürgen Moltmann, se o indivíduo experimenta a Deus deste modo, então experimentará

¹⁶⁹² ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 76.

¹⁶⁹³ AMADO, J. P. Entre Deus e Darwin: contenda ou desenvolvimento? A respeito dos desafios que o pensamento evolucionista apresenta para a compreensão de Deus e vice-versa. In: RUBIO, A. G. & AMADO, J. P. *Fé cristã e o pensamento evolucionista: aproximações teológico-pastoriais a um tema desafiador*. São Paulo: Paulus, 2012.

¹⁶⁹⁴ ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 156.

¹⁶⁹⁵ ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 39.

¹⁶⁹⁶ RAHNER, K. *Escritos de teología V*. Trad. Jesús Aguirre. 2. ed. Madrid: Cristiandad, 2003, p. 15:

“[...] en el sentido real de esta palabra, la fe, por tanto, de la decisión personal, de la transformadora fuerza del corazón y no de una convención burguesa y de supuestos sociales [...]”. [Tradução livre].

também como Deus o tem experimentado e ainda experimenta. Por experiência de Deus, entendemos não apenas a experiência de Deus do indivíduo, mas também a experiência de Deus com ele, singularmente considerado: “[...] Deus experimenta o homem de modo diverso de como o homem experimenta a Deus [...]”¹⁶⁹⁷ — Deus o experimenta ao seu modo divino.¹⁶⁹⁸

Pela fé, quando o ser humano experimenta como Deus o experimentou e ainda experimenta, Deus para ele deixa de ser a causa abstrata do mundo — a origem desconhecida do seu sentimento de total dependência — e ocupa o Seu lugar de “Deus vivo”.¹⁶⁹⁹

[...] Quanto mais entende a experiência de Deus, tanto mais profundamente se lhe revela o mistério da *paixão de Deus*. Reconhecerá então na história do mundo a história do *sofrimento divino*. Nos instantes da mais profunda revelação de Deus há sempre um sofrimento: o clamor dos cativos no Egito, o grito de extorção de Jesus na Cruz, os supírios por liberdade de toda criação oprimida. Se o homem sentir a paixão infinita do amor de Deus, que aí se manifesta, então perceberá o *mistério de Deus uno e trino*. Deus sofre conosco, Deus sofre em nós, Deus sofre por nós: essa experiência de Deus revela o Deus trinitário. Tal experiência é trinitária, e só pode ser entendida como tal [...].¹⁷⁰⁰

No ano de 2009, o Papa Bento XVI, por ocasião da Festa da Santíssima Trindade, enfatizou no seu discurso — proferido na Praça de São Pedro [Roma] — que a Trindade é *relação*:

Hoje contemplamos a Santíssima Trindade, tal como Jesus a deu a conhecer a nós. Ele nos revelou que Deus é amor “não na unidade de uma só pessoa, mas na Trindade de uma só substância” [Prefácio da Missa da Santíssima Trindade]: é Criador e Pai misericordioso; é Filho unigênito, eterna Sabedoria encarnada, morto e ressuscitado por nós; por último, é Espírito Santo que move tudo, o cosmos e a história, até a plena recapitulação final. Três pessoas que são um só Deus, pois o Pai é amor, o Filho é amor, o Espírito é amor. Deus é todo amor e só amor, amor puríssimo, infinito e eterno. Não vive em uma esplêndida solidão; pelo contrário, é fonte inesgotável de vida

¹⁶⁹⁷ MOLTMANN, J. *Trindade e Reino de Deus*: uma contribuição para a teologia. Trad. Ivo Martinazzo. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2011, pp. 19-20.

¹⁶⁹⁸ MOLTMANN, J. *Trindade e Reino de Deus*: uma contribuição para a teologia. Trad. Ivo Martinazzo. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2011.

¹⁶⁹⁹ MOLTMANN, J. *Trindade e Reino de Deus*: uma contribuição para a teologia. Trad. Ivo Martinazzo. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2011.

¹⁷⁰⁰ MOLTMANN, J. *Trindade e Reino de Deus*: uma contribuição para a teologia. Trad. Ivo Martinazzo. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2011, p. 20.

que incessantemente se entrega e comunica. Podemos intuir isso, de certa forma, ao observar tanto o macrouniverso — nossa terra, os planetas, as estrelas, as galáxias — como o microuniverso — as células, os átomos, as partículas elementares. Em tudo o que existe, encontra-se impresso, em certo sentido, o “nome” da Santíssima Trindade, pois todo o ser, até as últimas partículas, é ser em relação, e deste modo se transluz o Deus-relação; transluz-se, em última instância, o Amor criador. Tudo procede do amor, tende ao amor e se move empurrado pelo amor, naturalmente, segundo diferentes níveis de consciência e de liberdade. [...] A prova mais forte de que estamos feitos à imagem da Trindade é esta: só o amor nos faz felizes, pois vivemos em relação, e vivemos para amar e para ser amados. Utilizando uma analogia sugerida pela biologia, diríamos que o ser humano tem no próprio “genoma” um profundo selo da Trindade, do Deus-Amor.¹⁷⁰¹

Na teologia como reflexão crítica da práxis histórica do Estado, o homem — concreto — que vê, julga e age tem Deus na retaguarda e o mundo diante de si. Para ele, o mundo desvela-se como o campo de sua missão, do anúncio do Evangelho — seguido de denúncias das injustiças sociais —, do amor ao próximo, da libertação dos oprimidos:

[...] O futuro é o campo aberto das possibilidades. A ele compete também fazer a escolha das possibilidades, realizando umas e rejeitando outras. Ele pensa no movimento que se dá de Deus para o mundo e ele próprio figura esse movimento. Empenha-se na ação de fazer da possibilidade uma realidade, e ele mesmo é o seu agente. Tanto faz se se trata de teologia ética, teologia política ou teologia revolucionária; é sempre *teologia da ação*. Nela prevalece a práxis sobre a reflexão e a teoria [...].¹⁷⁰²

Do ponto de vista onto-teológico-político, a história pessoal e os escritos de Edith Stein desvelam no cenário latino-americano e caribenho que o ser humano do século XXI sente a nostalgia e a necessidade urgente de beber desta água de vida: a comunidade estatal, jorrada no deserto que lhe há tocado a viver para poder sobreviver com liberdade e dignidade; quiçá, escapar da submissão — e da “servidão voluntária”¹⁷⁰³ — da fixação e estagnação estéril e mortal dos odres velhos.¹⁷⁰⁴ “[...] Deus deixou. Deus

¹⁷⁰¹ BENTO XVI, P. **Bento XVI**: amor explica mistério da Trindade — intervenção por ocasião do Ângelus. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/bento-xvi-amor-explica-misterio-da-trindade/>>. Acesso em 04 de março de 2019.

¹⁷⁰² MOLTMANN, J. *Trindade e Reino de Deus*: uma contribuição para a teologia. Trad. Ivo Martinazzo. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2011, p. 22.

¹⁷⁰³ LA BOÉTIE, E. de. *Discurso sobre a servidão voluntária*. Trad. Evelyn Tesche. São Paulo: Edipro, 2017.

¹⁷⁰⁴ TORRADEFLOT, F. *Diversidad y libertad espiritual: desafíos actuales y análisis comparativo de clásicos universales de la sabiduría espiritual*. Ávila: CITEs — Universidad de la Mística; Burgos: Grupo Editorial Fonte, 2016.

é urgente sem pressa. O sertão é dele. Eh! — o que o senhor quer indagar, eu sei [...]. Eh. Do Demo? [...]”.¹⁷⁰⁵ “[...] Nonada [...]”.¹⁷⁰⁶

No cenário da vida política, descortina-se — intersubjetivamente — uma “mudança de época”.¹⁷⁰⁷ Por “mudança de época”, diagnosticamos:

[...] o fato de que as balizas norteadoras de etapas históricas anteriores, algumas até bem recentes, já não são capazes de responder às questões mais importantes do ser humano, quer em nível individual, quer em nível universal [...].¹⁷⁰⁸

Politicamente, a teologia latino-americana — “com os olhos fixos naquele que é o iniciador e consumidor da fé, Jesus, que, em vez da alegria que lhe foi proposta, sofreu a cruz, desprezando a vergonha, e se assentou à direita do trono de Deus”¹⁷⁰⁹ — deve atualizar-se constantemente, para não incorrer no erro de ressuscitar valores caducos na sociedade contemporânea. Leonardo Boff diz que “viver a fé em Jesus Cristo Libertador supõe um compromisso com a libertação histórica dos oprimidos”.¹⁷¹⁰ No século XX — depois de Auschwitz [e outras calamidades que se abateram sobre o mundo contemporâneo] —, vimos “[...] que um mundo todo vivo tem a força de um Inferno”.¹⁷¹¹

Não vos deixem enganar: a história contemporânea vem dando sinais — visíveis a olho nu — de que o ser humano não foi criado por decreto [divino].¹⁷¹² “[...] Quem sou eu? Perguntou-se em grande perigo. E o cheiro do jasmineiro respondeu: eu sou o meu perfume”.¹⁷¹³

¹⁷⁰⁵ ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 519.

¹⁷⁰⁶ ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 76.

¹⁷⁰⁷ AMADO, J. P. Entre Deus e Darwin: contenda ou desenvolvimento? A respeito dos desafios que o pensamento evolucionista apresenta para a compreensão de Deus e vice-versa. In: RUBIO, A. G. & AMADO, J. P. *Fé cristã e o pensamento evolucionista: aproximações teológico-pastoriais a um tema desafiador*. São Paulo: Paulus, 2012.

¹⁷⁰⁸ AMADO, J. P. Entre Deus e Darwin: contenda ou desenvolvimento? A respeito dos desafios que o pensamento evolucionista apresenta para a compreensão de Deus e vice-versa. In: RUBIO, A. G. & AMADO, J. P. *Fé cristã e o pensamento evolucionista: aproximações teológico-pastoriais a um tema desafiador*. São Paulo: Paulus, 2012, p. 84.

¹⁷⁰⁹ BÍBLIA, N. T. Hebreus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 12, vers. 2.

¹⁷¹⁰ BOFF, L. *Jesus Cristo Libertador*. 21. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2012, p. 13.

¹⁷¹¹ LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.: romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 23.

¹⁷¹² AMADO, J. *Tieta do Agreste*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

¹⁷¹³ LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem, ou O Livro dos prazeres*. 18. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991, p. 165.

Na antropologia de Edith Stein, vimos que o ser humano é um ser corporal vivo-anímico-espiritual, que não se compreende senão como um ser espiritual, capaz de sair de si, vivenciar um tu — pelo mundo afora — e transcender-se.¹⁷¹⁴ Na existência humana, este transcender-se é algo fundamental para o desenvolvimento de seu ser, do conhecimento do mundo, do outro — via de acesso ao Outro — e de si mesmo.¹⁷¹⁵

[...] Mas também sabia de uma coisa: quando estivesse mais pronta, passaria de si para os outros, o seu caminho era os outros. Quando pudesse sentir plenamente o outro estaria salvo e pensaria: eis o meu porto de chegada.

Mas antes precisava tocar em si própria, antes precisava tocar no mundo.¹⁷¹⁶

Na ótica de Edith Stein, o exercício da entropatia — capacidade de empatizar — é *conditio sine qua non* para que o ser humano [eu] reconheça o outro [tu] como sujeito da experiência, e não como mero objeto.¹⁷¹⁷

[...] Pegou uma com as duas mãos, e a pele era redonda e lisa. A pele da batata era parda, e fina como a de uma criança recém-nascida. Se bem que, ao manuseá-la, sentisse nos dedos a quase insensível existência interior de pequenos brotos, invisíveis a olho nu. Aquela batata era muito bonita. Não quis comprá-la porque não queria vê-la emurchecer em casa e muito menos cozinhá-la.

A batata nasce dentro da terra.

E isso era a alegria que ela aprendeu na hora: a batata nasce dentro da terra. E dentro da batata, se a pele é tirada, ela é mais branca do que uma maçã descascada.¹⁷¹⁸

Por conseguinte, Clarice Lispector escreve:

Depois de examiná-la, de revirá-la, de ver como nunca vira a sua redondez e sua cor escarlate — então devagar, deu-lhe uma mordida.

¹⁷¹⁴ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁷¹⁵ FERMÍN, F. J. S. Edith Stein e a fenomenologia. In: STEIN, E. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005

¹⁷¹⁶ LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem, ou O Livro dos prazeres*. 18. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991, pp. 144-145.

¹⁷¹⁷ FERMÍN, F. J. S. Edith Stein e a fenomenologia. In: STEIN, E. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005

¹⁷¹⁸ LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem, ou O Livro dos prazeres*. 18. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991, p. 67.

E, oh Deus, como se fosse a maçã proibida do paraíso, mas que ela agora já conhecesse o bem, e não só o mal como antes. Ao contrário de Eva, ao morder a maçã entrava no paraíso.¹⁷¹⁹

Pouco depois, expressa:

As descobertas naquele estado eram indizíveis e incomunicáveis. Ela se manteve sentada, quieta, silenciosa. Era como uma anunciação. Não sendo porém precedida pelos anjos que, supunha ela, antecediam a graça dos santos. Mas era como se o anjo da vida viesse anunciar-lhe o mundo.¹⁷²⁰

No século XXI, a teologia latino-americana não deve se esquecer de que a mais importante dimensão teológica de libertação — revelada no rosto acolhedor de Deus — é a *inclusão* dos “mal-aventurados” no seio da humanidade, afastando deles a vergonha, a humilhação e a culpa. Jesus disse: “[...] quando eu for elevado da terra, atrairei todos a mim”.¹⁷²¹

Tudo isso serve para dizer que

o tipo de vida que se cria ao redor de Jesus não admite excluídos. Os que não têm lugar na sociedade descobrem que no projeto de Deus, feito visível em Jesus, há lugar para eles [...]. O perdão de Jesus é o poder de derrubar aquilo que exclui as pessoas.¹⁷²²

Na sociedade contemporânea, Jesus não vem para reforçar as barreiras — “[...] *nem mesmo com as pessoas mais degradadas e moralmente estigmatizadas [...]*”¹⁷²³ —, mas para derrubá-las.¹⁷²⁴ “Ide, pois, e aprendei o que significa: *Misericórdia quero, e não sacrifício [holocausto]*. Com efeito, eu não vim chamar os justos, mas pecadores”.¹⁷²⁵

Foi nesse estado sonho-deslumbrante que ela sonhou vendo que a fruta do mundo era dela. Ou se não era, que acabara de tocá-la. Era uma fruta enorme, escarlate e pesada que ficava suspensa no espaço escuro, brilhando de uma quase luz de

¹⁷¹⁹ LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem, ou O Livro dos prazeres*. 18. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991, p. 154.

¹⁷²⁰ LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem, ou O Livro dos prazeres*. 18. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991, p. 156.

¹⁷²¹ BÍBLIA, N. T. João. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 12, vers. 32.

¹⁷²² PALLARES, J. C. *Um pobre chamado Jesus: releitura do evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 21.

¹⁷²³ WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 8. ed. São Leopoldo [RS]: Sinodal, 2016, p. 373.

¹⁷²⁴ PALLARES, J. C. *Um pobre chamado Jesus: releitura do evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 21.

¹⁷²⁵ BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 9, vers. 13.

ouro. E que no ar mesmo ela encostava a boca na fruta e conseguia mordê-la, deixando-a no entanto inteira, tremeluzindo no espaço. Pois assim era com Ulisses: eles se haviam possuído além do que parecia ser possível e permitido, e no entanto ele e ela estavam inteiros. A fruta estava inteira, sim, embora dentro da boca sentisse como coisa viva a comida da terra. Era a terra santa porque era a única em que um ser humano podia ao amar dizer: eu sou tua e tu és meu, e nós é um.¹⁷²⁶

Para dizer a sua palavra, a teologia latino-americana deve considerar que a violência dos opressores — que os faz também desumanizados — não instaura uma outra vocação: a do ser menos.¹⁷²⁷

Manuel Bandeira — em “Tragédia brasileira” — expressa:

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade,

Conheceu Maria Elvira na Lapa — prostituída, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo quanto ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranhou logo um namorado.

Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro, uma facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bonsucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos...

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.¹⁷²⁸

No dizer de Albert Camus, proclamado que não crê em nada — e tendo declarado que tudo é absurdo — o sujeito [cognoscente], moderno, não pode duvidar de sua própria proclamação, restando-lhe acreditar em seu protesto. No âmbito da experiência absurda, a primeira e única evidência que lhe é dada é a revolta. Privado de qualquer conhecimento —

¹⁷²⁶ LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem, ou O Livro dos prazeres*. 18. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991, p. 175.

¹⁷²⁷ FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 66. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

¹⁷²⁸ BANDEIRA, M. *Testamento de Pasárgada*: antologia poética. 3. ed. São Paulo: Global, 2014, p. 178.

impelido a matar ou a consentir que se mate — ele só dispõe dessa evidência, que é reforçada pelo dilaceramento em que o mesmo se encontra. Historicamente, vimos que a revolta nasce do espetáculo da desrazão diante de uma condição injusta e incompreensível.¹⁷²⁹

No plano da evidência, a arte e a revolta só morrerão como a morte do último homem. Mas não se pode esquecer de que Prometeu — portador do fogo — anunciava o reino do revoltado perdoado.¹⁷³⁰

Paulo Freire reflete que

[...] como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar a sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealisticamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade de ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos — libertar-se a si e aos opressores [...].¹⁷³¹

No ano de 1935, época na qual as feridas abertas na Primeira Guerra Mundial não estavam ainda cicatrizadas e os germes que levariam à deflagração da Segunda Guerra Mundial estavam eclodindo, Sigmund Freud escreveu — em inglês — uma carta que tornar-se-ia não apenas um documento sócio-histórico, que nos põe a par de algo sobre como um célebre médico — psicanalista — europeu e uma anônima mãe americana concebiam a homossexualidade no entreguerras, mas também um poderoso instrumento de luta, principalmente em tempos obscurantistas. No Estado brasileiro, oitenta anos mais tarde, a referida carta circularia nas redes sociais na infame disputa não apenas teórica, mas também jurídica em torno da assim chamada “cura gay”.¹⁷³² Para Sigmund Freud:

[...] A homossexualidade certamente não é uma vantagem, tampouco é algo de que se envergonhar, não é nenhum vício, nenhuma degradação, não pode ser classificada como doença; nós a consideramos uma variação da função sexual produzida por uma detenção no desenvolvimento sexual. Muitos indivíduos

¹⁷²⁹ CAMUS, A. *O homem revoltado*. Trad. Valerie Rumjanek. 11. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2017.

¹⁷³⁰ CAMUS, A. *O homem revoltado*. Trad. Valerie Rumjanek. 11. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2017.

¹⁷³¹ FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 66. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018, p. 41.

¹⁷³² IANNINI, G. [org.]. Os destinos de uma carta são muitos. In: _____. *Caro Dr. Freud: respostas do século XXI a uma carta sobre homossexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

altamente respeitáveis, tanto da antiguidade quanto de tempos modernos, foram homossexuais, vários dos maiores entre eles [Platão, Michelangelo, Leonardo da Vinci etc.]. É uma grande injustiça, e também uma crueldade, perseguir a homossexualidade como se ela fosse um crime [...].¹⁷³³

Todo ser humano é inestimável. Todos — todos nós — somos parte da família de Deus.¹⁷³⁴ No século XXI, discriminar o indivíduo por sua singularidade é um crime contra a humanidade, a ser considerado pelo Estado.¹⁷³⁵ Machado de Assis menciona que “[...] a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas [...]”.¹⁷³⁶

Deixa-se descoberto — em tempos de “mudança de época” — o caráter obsoleto de certos alicerces, mas abrem espaço para novos referenciais, capazes de dialogar com os novos desafios da contemporaneidade. Na teologia latino-americana, descortina-se um momento histórico em que é preciso trabalhar pelo surgimento de novos referenciais: mestres. Para Joel Portela Amado, são períodos concomitantemente desconcertantes, mas profundamente férteis.¹⁷³⁷

No século XXI, uma das condições da teologia como reflexão crítica da práxis histórica é poder falar do seu objeto a partir de dentro dos mais variados contextos, perpassando espaços, tempos e culturas.¹⁷³⁸ Na história pessoal e nos escritos de Edith Stein, o caminho apontado para a comunidade estatal na contemporaneidade é a harmonia: mesa farta, sobre a qual deve-se partir e compartilhar o pão, sem hiatos [de espaço, tempo e pensamento]. Para a América Latina e Caribe, revela-se um

¹⁷³³ FREUD, S. Carta sobre homossexualidade. In: IANNINI, G. [org.] *Caro Dr. Freud: respostas do século XXI a uma carta sobre homossexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 28.

¹⁷³⁴ TUTU, D. *Deus não é cristão e outras provocações*. Trad. Lilian Jenkino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012.

¹⁷³⁵ VATTEL, E. de. *O direito das gentes*. Trad. Vicente Marotta Rangel. Brasília: UnB, 2004.

¹⁷³⁶ ASSIS, M. de. *O Alienista*. In: _____. *Obra Completa*. Vol. II, Conto e Teatro. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, p. 254.

¹⁷³⁷ AMADO, J. P. Entre Deus e Darwin: contenda ou desenvolvimento? A respeito dos desafios que o pensamento evolucionista apresenta para a compreensão de Deus e vice-versa. In: RUBIO, A. G. & AMADO, J. P. *Fé cristã e o pensamento evolucionista: aproximações teológico-pastoriais a um tema desafiador*. São Paulo: Paulus, 2012.

¹⁷³⁸ AMADO, J. P. Entre Deus e Darwin: contenda ou desenvolvimento? A respeito dos desafios que o pensamento evolucionista apresenta para a compreensão de Deus e vice-versa. In: RUBIO, A. G. & AMADO, J. P. *Fé cristã e o pensamento evolucionista: aproximações teológico-pastoriais a um tema desafiador*. São Paulo: Paulus, 2012.

desafio novo essa condição, que se impõe não só à teologia latino-americana da libertação em si mesma — como intelecção da fé —, mas à própria fé — “[...] estando sempre prontos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pede”.¹⁷³⁹

Quando a Princesa Europa foi raptada por Zeus disfarçado de touro, o pai dela, Agenor, Rei de Tiro, mandou os seus filhos procurarem a irmã desaparecida. Um deles, Cadmon, navegou até Rhodes, desembarcou na Trácia e saiu a explorar as terras que mais tarde assumiriam o nome de sua infeliz irmã. Em Delfos, perguntou ao Oráculo sobre o paradeiro dela. Quanto a esse aspecto específico, a Pitonisa, fiel ao seu costume, foi evasiva — mas concedeu a Cadmon um conselho prático: “Você vai encontrá-la. É melhor arranjar uma vaca, segui-la e forçá-la a ir em frente, sem descansar. No lugar em que ela cair exausta, construa uma cidade”. Foi assim, segundo a história, que Tebas foi fundada [e também — permita-me observar — foi logo após o ocorrido que teve início uma cadeia de eventos que forneceu a Eurípedes e Sófocles os fios com os quais eles teceram a ideia europeia de lei, permitindo que Édipo praticasse o que seria o arcabouço comum para o caráter, os tormentos e os dramas existenciais dos europeus] [...].¹⁷⁴⁰

No século XXI, sentimos que a teologia latino-americana da libertação — como reflexão crítica da práxis histórica — não pode ser constituída sem uma investigação rigorosa da questão da existência do Estado. Navegar na *pro-cura* de si mesma — como na lição de Cadmon — é construir-se, desde um outro lugar: América Latina e Caribe.

Para Jürgen Moltmann,

[...] a igreja e a teologia cristã só serão relevantes para os problemas do mundo moderno quando elas manifestarem o “cerne duro” de sua identidade no Cristo crucificado e, por meio dele mesmo, sejam questionadas junto com a sociedade na qual existem. A crítica política e ideológica que vem de fora pode obrigar igreja e teologia a manifestar a sua identidade e impedir que elas se escondam da história e do presente atrás de máscaras. A fé, igreja e a teologia devem mostrar no que acreditam, o que esperam do homem de Nazaré crucificado sob Pôncio Pilatos, e quais consequências práticas elas esperam disso. O próprio Cristo crucificado é o desafio da teologia cristã e da igreja que ousa tomar o seu nome para si.¹⁷⁴¹

¹⁷³⁹ BÍBLIA, N. T. Primeira Epístola de São Pedro. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 3, vers. 15.

¹⁷⁴⁰ BAUMAN, Z. *Europa: uma aventura inacabada*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 7.

¹⁷⁴¹ MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado — A cruz de Cristo como base e crítica para uma teologia cristã*. Trad. Juliano Borges de Melo. Santo André, SP: Academia Cristã, 2014, p. 19.

No Programa de Pós-graduação [*Stricto Sensu*] em Teologia: Teologia Sistemático-pastoral — PPG Teologia do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio, essa inquietação — angústia ontológica [ou existencial] — abriu-nos um leque de possibilidades em religião e modernidade, dentre as quais optamos por inscrever nas pesquisas e produções científicas de teologia latino-americana do século XXI “*O Estado em Edith Stein: uma reflexão onto-teológico-política da ‘comunidade estatal’ na contemporaneidade*”.

“Iahweh Deus disse: Não é bom que o homem esteja só [...]”.¹⁷⁴² Na Música Popular Brasileira — MPB, uma bela canção de Maria Bethânia Veloso — voz essencialmente recôncava, provinda de Santo Amaro da Purificação [Estado da Bahia — Brasil] —, reza: “É como diz João Cabral de Melo Neto “[...] um galo sozinho não tece uma manhã [...]”.¹⁷⁴³ Na sua constituição originária, este trabalho traz as marcas de muitas mãos.

Na língua e cultura espanhola, vale realçar a contribuição dos tradutores das *Obras Completas* [I, II, III, IV e V] de Edith Stein: Alberto Pérez, OCD; Carlos Díaz; Constantino Ruiz-Garrido, OCD.; Ezequiel García Rojo, OCD; Francisco Javier Sancho Fermín, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga; José Luis Caballero Bono; José Mardomingo e Julen Urkiza. Pela excelência da obra, não podemos deixar passar despercebido um escrito filosófico fundamental de Alasdair MacIntyre: *Edith Stein: un prólogo filosófico*, 1913 — 1922, traduzido da língua e cultura inglesa.¹⁷⁴⁴

Na língua e cultura portuguesa, declaramos dignos de nota os relevantes trabalhos sobre Edith Stein de Maria Anna Nabuco [precursora], Manuel Bandeira e Hermann Baaken. Por conseguinte, destacamos os seguintes nomes [próprios]: Frei Gabriel Hamberg, O. Carm., Frei Patrício Sciadini, OCD, Ir. Jacinta Turolo Garcia [USC], Angela Ales Bello [PUL], Dom João Carlos Petrini [UCSal], Maria Clara Lucchetti Bingemer [PUC-

¹⁷⁴² BÍBLIA, V. T. Gênese. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 2, vers. 18.

¹⁷⁴³ MELO NETO, J. C. de. *Morte e vida severina e outros poemas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 345.

¹⁷⁴⁴ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico*, 1913 — 1922. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008.

Rio], Paulo Fernando Carneiro de Andrade [PUC-Rio], Everaldo dos Santos Mendes [ISTEIN], Pe. Luís Carlos de Carvalho Silva, Juvenal Savian Filho [UNIFESP], Miguel Mahfoud [UFMG], Marina Massimi [USP], Pe. Marcio Luiz Ferndandes [PUCPR], Clélia Peretti [PUCPR] e *todas* as pessoas que se dedicam à difusão do conhecimento de Edith Stein no Brasil.

No que toca à questão da comunidade, revisitamos ainda a pesquisa e produção científica de renomados pesquisadores contemporâneos, a saber: Hannah Arendt, Zygmunt Bauman e Martin Buber. Historicamente, Martin Buber militou em favor de um Estado judeu e árabe na Palestina, sustentando que “[...] representar a nação consistia em figurar a cadeia biológica das gerações ancestrais até o presente e em sentir a comunidade de sangue através de um passado sem fim [...]”.¹⁷⁴⁵

Na história pessoal — Historiobiografia — e nos escritos de Edith Stein [Santa Teresa Benedita da Cruz], escavamos uma “mestra” para a vida política — autêntica — da América Latina — um “mundo mundo vasto mundo”.¹⁷⁴⁶ Edith Stein — patrimônio sócio-histórico-singular da humanidade — consagrou a sua vida à busca da verdade, o que resultou numa “ciência da cruz”: uma “teologia da cruz”.¹⁷⁴⁷

Na investigação do Estado, optamos por delinear a pesquisa e produção dos saberes de Edith Stein em categorias: a) Historiobiografia e cartas [1916 — 1942]; b) Fenomenologia [1915 — 1920]; c) Pensamento cristão [1921 — 1936]; d) Antropologia e pedagogia [1926 — 1933]; e) Teologia e espiritualidade: mística [1938 — 1942]. No cenário latino-americano, identificamos um marco histórico fundamental: a tradução das *Obras Completas* [I, II, III, IV e V] de Edith Stein para a língua e cultura espanhola. Na língua e cultura portuguesa, a investigação do Estado em

¹⁷⁴⁵ SAND, S. *A invenção do povo judeu*. da Bíblia ao sionismo. Trad. Eveline Bouteiller. São Paulo: Benvirá, 2011, p. 465.

¹⁷⁴⁶ ANDRADE, C. D. Poema de sete faces. In: _____. *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 19.

¹⁷⁴⁷ STEIN, E. Ciencia de la Cruz. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

Edith Stein revelou-se incipiente, principalmente no ensino, pesquisa e extensão das universidades de confissão católica.

Na última semana do mês de fevereiro de 2020, a “Parroquia de Nuestra Señora del Buen Suceso” — Madrid [Espanha] — acolheu a apresentação de um novo volume — inédito — das *Obras Completas* da Edith Stein, organizado por Milagros Muñoz Arranz — membro da Associação Alemã de Edith Stein —, que reúne mais de 500 páginas, em língua e cultura alemã. Trata-se de traduções de escritos espirituais, conteúdos de aulas, atas de reuniões do círculo de Filosofia de Gotinga e de escritos sobre política — de modo singular, sobre a politização das mulheres —, datados do ano de 1919.¹⁷⁴⁸

Para a teologia latino-americana, revelam-se dignas de nota as preleções de Edith Stein pelos místicos espanhóis e pelo Carmelo: Traduções de São João da Cruz, Santa Teresa de Jesus, Beata Maria da Encarnação [Madame Acarie] — “mãe do Carmelo na França” — e do frade carmelita Juan de San Sansón, chamado por Jacques Maritain de “carmelita místico São João da Cruz francês” e um dos maiores místicos que a França ofertou à Igreja.¹⁷⁴⁹

Precisamente, a novidade da publicação dessas mais de 500 laudas reside no fato de que o contato de Edith Stein com a “Santa Madre” [Santa Teresa de Jesus] não data — como, tradicionalmente, pensava a comunidade de pesquisadores steinianos até 2020 — de 1921, quando a mesma se deparou com o *Livro da vida*,¹⁷⁵⁰ leitura que desencadeou a sua conversão. Esta experiência deve ser situada no final de 1918.

Frei Ulrich — frade carmelita — encontrou o conteúdo de um curso de Filosofia que Edith Stein seguiu em 1918, no qual aparecem

¹⁷⁴⁸ DÍAZ-MAYORDOMO, J. L. V. *Se presentan en Madrid escritos inéditos de Edith Stein*: “una mujer supermoderna”. Disponível em: <<https://alfayomega.es/199939/se-presentan-en-madrid-escritos-ineditos-de-edith-stein-una-mujer-supermoderna>>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2020.

¹⁷⁴⁹ DÍAZ-MAYORDOMO, J. L. V. *Se presentan en Madrid escritos inéditos de Edith Stein*: “una mujer supermoderna”. Disponível em: <<https://alfayomega.es/199939/se-presentan-en-madrid-escritos-ineditos-de-edith-stein-una-mujer-supermoderna>>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2020.

¹⁷⁵⁰ TERESA DE JESUS, S. *Livro da Vida*. In: _____. *Obras Completas*: Teresa de Jesus. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves, Marcos Marcionilo e Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 2002.

mencionados os místicos espanhóis do Carmelo, que tanto influenciaram aquela que logo seria Santa Teresa Benedita da Cruz.¹⁷⁵¹

Não nos deparamos nos escritos de Edith Stein com nenhuma afirmação de no *Livro da vida*¹⁷⁵² encontrou a verdade, mas que

[...] desde o verão de 1921, quando caiu em minhas mãos o livro da *Vida* de nossa Santa Teresa e minha longa procura pela verdadeira fé chegou ao fim. Quando fui batizada no Ano Novo de 1922, já sei que era a preparação para entrar na ordem carmelita [...].¹⁷⁵³

Teresia Renata Posselt — em “*Edith Stein: una gran mujer de nuestro siglo*” [1998] — colocou na boca de Edith Stein a seguinte exclamação, depois da leitura da autobiografia de Santa Teresa D’Ávila: *Isto é a Verdade!*¹⁷⁵⁴

É sabido que Edith Stein traduziu um artigo do jesuíta Gustav Engelbert Close sobre a questão dos judeus à luz do anunciado nas Sagradas Escrituras, que sustenta que o homem é judeu — e que judeu também era Jesus Cristo. Juan Luis Vázquez Díaz-Mayordomo diz que o novo volume dos escritos steinianos traz ainda outros documentos: expedientes acadêmicos, lembretes de tomada de hábito e de profissão perpétua, cartas, uma lista de pessoas detidas pela Gestapo na qual aparece o nome Edith Stein, o registro de sua morte no livro das mojas carmelitas, documentos do Batismo e da Confirmação de Edith Stein.¹⁷⁵⁵

Historicamente, identificamos que o primeiro escrito sobre Edith Stein no Brasil ocorreu da pena de Maria Anna Nabuco, em 1955: *Edith*

¹⁷⁵¹ DÍAZ-MAYORDOMO, J. L. V. *Se presentan en Madrid escritos inéditos de Edith Stein*: “una mujer supermoderna”. Disponível em: <<https://alfayomega.es/199939/se-presentan-en-madrid-escritos-ineditos-de-edith-stein-una-mujer-supermoderna>>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2020.

¹⁷⁵² TERESA DE JESUS, S. *Livro da Vida*. In: _____. *Obras Completas*: Teresa de Jesus. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves, Marcos Marcionilo e Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 2002.

¹⁷⁵³ STEIN, E. Como cheguei ao Carmelo de Colônia. In: _____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018, p. 543.

¹⁷⁵⁴ POSSELT, T. R. *Edith Stein: una gran mujer de nuestro siglo*. Burgos, 1998.

¹⁷⁵⁵ DÍAZ-MAYORDOMO, J. L. V. *Se presentan en Madrid escritos inéditos de Edith Stein*: “una mujer supermoderna”. Disponível em: <<https://alfayomega.es/199939/se-presentan-en-madrid-escritos-ineditos-de-edith-stein-una-mujer-supermoderna>>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2020.

Stein: convertida, carmelita, mártir.¹⁷⁵⁶ No ano de 1965, Manuel Bandeira — poeta brasileiro — traduziu *Edith Stein na câmara de gás*, uma peça de teatro do escritor argentino Gabriel Cacho.¹⁷⁵⁷ Houve um longo período de silêncio steiniano, quebrado por Hermann Baaken, com a tradução de *Na força da cruz*, de Waltraud Herbstrith, em 1984.¹⁷⁵⁸ Mas a questão fundamental é: “[...] no meio do caminho tinha uma pedra”.¹⁷⁵⁹

No caso concreto do Brasil — único Estado de língua e cultura portuguesa da América Latina — não podemos deixar de realçar três acontecimentos que incidiram diretamente na pesquisa e produção científica em Edith Stein: o golpe de Estado de 1964, a constituição da teologia como ciência — e seus desdobramentos na criação de programas de pós-graduação, convalidação de cursos livres de teologia e a criação de cursos de graduação [bacharelado] — e o golpe de Estado de 2016.

O “[...] golpe de Estado [...]”¹⁷⁶⁰ de 31 de março de 1964 culminou na trágica Ditadura Militar: 1964 — 1985. No Estado brasileiro, desde o golpe militar de 1964, com Marechal Humberto de Alencar Castello Branco,

[...] ocorreram posteriormente muitos outros [1971 na Bolívia com Hugo Bánzer; em 1973 dissolução do Congresso no Uruguai, o golpe de Estado no Chile com Pinochet; em 1975 há uma mudança de orientação com Morales Bermúdez no Peru, em 1976 Rodríguez Lara no Equador, e Videla comanda o golpe de Estado na Argentina etc.]. Há então o império da “Segurança Nacional — com repressão exercida contra o povo e contra a Igreja, em especial sua corrente profética, até culminar com o martírio de milhares de leigos e sacerdotes. A teologia da libertação é reprimida, com o beneplácido de muitos na Igreja — e até bispos — especialmente no Cone Sul [lugar de sua origem mais criativa]: no Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia e Chile muitas pessoas foram violentamente reprimidas [a teologia da libertação era motivo de prisão, tortura e morte]. [...]”¹⁷⁶¹

¹⁷⁵⁶ NABUCO, M. A. *Edith Stein: convertida, carmelita, mártir*. Petrópolis [RJ]/São Paulo: Vozes, 1955.

¹⁷⁵⁷ CACHO, G. *Edith Stein na câmara de gás*. Trad. Manuel Bandeira. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1965.

¹⁷⁵⁸ HERBSTTRITH, W. *Na força da cruz*. Trad. Hermann Baaken. São Paulo: Nova Cidade, 1984.

¹⁷⁵⁹ ANDRADE, C. D. de. *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 237.

¹⁷⁶⁰ JINKINGS, I. Apresentação: o golpe que tem vergonha de ser chamado de golpe. In: JINKINGS, I. [Et al]. [Org]. *Por que gritamos golpe?* Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 11.

¹⁷⁶¹ DUSSEL, H. *Teologia da Libertação: Um panorama de seu Desenvolvimento*. Trad. Francisco da Rocha Filho. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1999, p. 80.

No Brasil de 1964, denominou-se o engodo de “revolução”.¹⁷⁶² Houve um ininterrupto silêncio em torno da difusão do modo de conceber e de fazer filosofia — e teologia — de Edith Stein: de 1965 a 1984.

PAI, AFASTA DE MIM ESSE CÁLICE
PAI, AFASTA DE MIM ESSE CÁLICE
PAI, AFASTA DE MIM ESSE CÁLICE
DE VINHO TINTO DE SANGUE¹⁷⁶³

No que tange à constituição da teologia como ciência no Estado brasileiro, identificamos como marco histórico o credenciamento do Programa de Pós-graduação [*Stricto Sensu*] em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo — UMESP, em 1990, junto ao Ministério da Educação — MEC.¹⁷⁶⁴ No caso dos Programas de Pós-graduação [*Stricto Sensu*] em Teologia, as instituições de ensino superior tiveram de aguardar a promulgação da *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*,¹⁷⁶⁵ da *Portaria Ministerial 2.264, de 19 de dezembro de 1997*,¹⁷⁶⁶ e da *Portaria 1.418, de 23 de dezembro de 1998*.¹⁷⁶⁷

No ano de 1998, o Ministério de Educação — MEC reconheceu os diplomas dos Programas de Pós-graduação [*Stricto Sensu*] em Ciências da Religião expedidos pela Universidade Metodista de São Paulo — UMESP [mestrado e doutorado] e pela Universidade Federal de Juiz de Fora — UFJF [mestrado]. Por conseguinte, reconheceu-se os diplomas dos Programas de Pós-graduação [*Stricto Sensu*] em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio [mestrado e doutorado], da Escola Superior de Teologia — EST [mestrado e doutorado],

¹⁷⁶² JINKINGS, I. Apresentação: o golpe que tem vergonha de ser chamado de golpe. In: JINKINGS, I. [Et al]. [Org]. *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 11.

¹⁷⁶³ BUARQUE, C.; GIL, G. *Cálice*. Disponível em: <<https://twitter.com/ArquivoBrasil/status/479229905339953152>>. Acesso em: 14 de junho de 2019.

¹⁷⁶⁴ BRASIL. *Portaria 1.418, de 23 de dezembro de 1998*. Disponível em: <<https://capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/avaliacao-n/2342014-PortariaMEC-n-1418-1998.pdf>>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

¹⁷⁶⁵ BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

¹⁷⁶⁶ BRASIL. *Portaria Ministerial 2.264, de 19 de dezembro de 1997*. Disponível em: <<https://capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/avaliacao-n/2342014-Portaria-MEC-n-2264-1997.pdf>>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

¹⁷⁶⁷ BRASIL. *Portaria 1.418, de 23 de dezembro de 1998*. Disponível em: <<https://capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/avaliacao-n/2342014-PortariaMEC-n-1418-1998.pdf>>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul — PUC/RS [mestrado] e do Centro de Ensino Superior — CES [mestrado].¹⁷⁶⁸

No que diz respeito à graduação em teologia, inicialmente, o Conselho Nacional de Educação — CNE aprovou o *Parecer CNE/CES n.º 0063, de 19 de fevereiro de 2004*, para fins de aproveitamento de estudos de “cursos livres”, ofertados por Seminários Maiores, Faculdades Teológicas.¹⁷⁶⁹ Neste cenário, o *Parecer CNE/CES n.º 118/2009, de 6 de maio de 2009*,¹⁷⁷⁰ referiu-se exclusivamente aos cursos de “Bacharelado em Teologia”, reexaminado pelo *Parecer CNE/CES n.º 51, de 9 de março de 2010*.¹⁷⁷¹ No ano de 2016, a *Resolução CNE/CES n.º 4, de 16 de setembro de 2016*, instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais — DCNs para o curso de graduação em Teologia.¹⁷⁷²

No ano de 2004, a Angela Ales Bello — a convite de Ir. Jacinta Turolo Garcia — ministrou um curso na Universidade Sagrado Coração — USC, no Município de Bauru — Estado de São Paulo [Brasil] — que culminou na publicação do livro *Introdução à Fenomenologia*, pela EDUSC.¹⁷⁷³

Na Argentina [Santa Fe de la Vera Cruz], a Facultad de Filosofía [que tem Santa Teresa Benedita da Cruz como patrona] da Universidad Católica de Santa Fe — UCSF promoveu em 2010 o seguinte encontro filosófico com Angela Ales Bello: *El estudio de las relaciones entre la*

¹⁷⁶⁸ ANDRADE, P. F. C. de. O reconhecimento da teologia como saber universitário: tensões e articulações entre as dimensões confessional e profissional. In: SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D. [orgs.]. *Teologia pública: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 28.

¹⁷⁶⁹ BRASIL. *Parecer CNE/CES n.º 0063, de 19 de fevereiro de 2004*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pces0063_04.pdf>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

¹⁷⁷⁰ BRASIL. *Parecer CNE/CES n.º 118/2009, de 6 de maio de 2009*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pces118_09.pdf>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

¹⁷⁷¹ BRASIL. *Parecer CNE/CES n.º 51, de 9 de março de 2010*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5272-pces051-10&category_slug=maio-2010-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

¹⁷⁷² BRASIL. *Resolução CNE/CES n.º 4, de 16 de setembro de 2016*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=48421-rces004-16-pdf&category_slug=setembro-2016-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

¹⁷⁷³ ALES BELLO, A. *Introdução à Fenomenologia*. Trad. Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006.

Psicología y la Fenomenología em Edith Stein, organizado por Aníbal Fornari [UCSF] e Pe. Marcio Luiz Fernandes [PPGT/PUCPR].¹⁷⁷⁴

No cenário latino-americano, a Pontificia Universidad Católica de Chile — PUC do Chile criou o Centro de Estudios Interdisciplinarios Edith Stein [2004] e vem se empenhando na difusão do conhecimento de Edith Stein, com a promoção de simpósios [nacionais e internacionais] e a criação da *Steiniana: Revista de Estudios Interdisciplinarios*.¹⁷⁷⁵

No ano de 2013, Everaldo dos Santos Mendes defendeu — com “distinção e louvor” — a primeira dissertação de mestrado sobre o Estado em Edith Stein, catalogada no Brasil, junto ao Programa de Pós-graduação em Teologia: Teologia Sistemático-pastoral — PPGT da Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, intitulada “*A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico-político da vida associada*”, sob orientação de Pe. Marcio Luiz Fernandes.¹⁷⁷⁶

No dia 12 de maio de 2016, “[...] golpe de Estado [...]”¹⁷⁷⁷: Dilma Viana Rousseff — legitimamente eleita Presidente[a] da República — foi *impeachmentada* por um processo político baseado em leituras elásticas da Constituição Federal [1988] e artimanhas jurídicas de diversas matizes, que froçaram mostrar como lícito “[...] o conluio do judiciário com um Parlamento

¹⁷⁷⁴ UNIVERSIDAD CATÓLICA DE SANTA FE — UCSF. *El estudio de las relaciones entre la Psicología y la Fenomenología em Edith Stein*. Disponível em: <<http://noticias-ucsf.blogspot.com/2010/10/encuentros-filosoficos-con-angela-ales.html>>. Acesso em 24 de junho de 2018.

¹⁷⁷⁵ PONTIFICIA UNIVERSIDAD CATÓLICA DE CHILE — PUC DO CHILE. *Steiniana: Revista de Estudios Interdisciplinarios*. Disponível em: <<http://revistasteiniana.uc.cl/es/>>. Acesso em 24 de junho de 2018.

¹⁷⁷⁶ MENDES, E. S. *A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico da vida associada*. 2013. 227 f. Dissertação [Mestrado em Teologia], Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.

¹⁷⁷⁷ JINKINGS, I. Apresentação: o golpe que tem vergonha de ser chamado de golpe. In: JINKINGS, I. [Et al]. [Org]. *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 11.

em sua maior parte corrupto e uma mídia corporativa a serviço das elites financeiras [...]”.¹⁷⁷⁸ Na verdade, “o Brasil vive um golpe de Estado”.¹⁷⁷⁹

Destarte, todo o rito democrático foi seguido, de acordo com a alegação dos usurpadores.¹⁷⁸⁰ Magistralmente, Marilena Chauí — referindo-se ao governo deposto — reflete:

Estudos, pesquisas e análises mostraram que houve uma mudança profunda na composição da sociedade brasileira, graças aos programas governamentais de transferência de renda, inclusão social e erradicação da pobreza, à política econômica de emprego e de elevação do salário mínimo, à recuperação de parte dos direitos sociais das classes populares [sobretudo relativos a alimentação, saúde, educação e moradia], à articulação entre esses programas e o princípio do desenvolvimento sustentável e aos primeiros passos de uma reforma agrária que permita às populações do campo não recorrer à migração forçada em direção aos centros urbanos. Os programas sociais determinaram mudanças profundas nos costumes [particularmente no que se refere às mulheres e aos jovens], operando transformações no plano da cultura, isto é, dos valores simbólicos.¹⁷⁸¹

Ciro Gomes — o candidato derrotado que “lavou as mãos” por ocasião do 2º turno das eleições presidenciais de 2018 — pensa que

um breve resgate histórico da democracia brasileira nos assombra quando percebemos que no pós-guerra somente três presidentes democraticamente eleitos [Juscelino Kubitschek, Fernando Henrique Cardoso e Luís Inácio Lula da Silva] terminaram seus mandatos. Ou seja, no Brasil, a regra é o golpe e o autoritarismo.¹⁷⁸²

Pois não é ditado: “[...] *o diabo na rua, no meio do rendemunho...*”? Para os fins da reflexão do Estado em Edith Stein, os “golpes são a parte

¹⁷⁷⁸ JINKINGS, I. Apresentação: o golpe que tem vergonha de ser chamado de golpe. In: JINKINGS, I. [Et al]. [Org]. *Por que gritamos golpe?* Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 12.

¹⁷⁷⁹ JINKINGS, I. Apresentação: o golpe que tem vergonha de ser chamado de golpe. In: JINKINGS, I. [Et al]. [Org]. *Por que gritamos golpe?* Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 11.

¹⁷⁸⁰ JINKINGS, I. Apresentação: o golpe que tem vergonha de ser chamado de golpe. In: JINKINGS, I. [Et al]. [Org]. *Por que gritamos golpe?* Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 11.

¹⁷⁸¹ CHAÚÍ, M. A nova classe trabalhadora brasileira e a ascensão do conservadorismo. In: JINKINGS, I. [Et al]. [Org]. *Por que gritamos golpe?* Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 15.

¹⁷⁸² GOMES, C. Por que o golpe acontece? In: JINKINGS, I. [Et al]. [Org]. *Por que gritamos golpe?* Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 11.

mais violenta de *lutas*, que são muito maiores do que eles [...]”.¹⁷⁸³ Tais golpes de Estado interferiram no processo de desenvolvimento das ciências humanas — *ciências do espírito* — na República Federativa do Brasil e, por extensão, contribuíram — se não, a mola propulsora — para a subvalorização dos saberes de Edith Stein. Na linha da experiência pessoal, “[...] nunca me esquecerei desse acontecimento”.¹⁷⁸⁴

Na opinião de Alasdair MacIntyre, uma das razões pelas quais os escritos de Edith Stein têm sido subvalorizados pode ser:

[...] o fato de que sua relevância só pode ser compreendida adequadamente à luz do contexto filosófico; em primeiro lugar como uma série de contribuições à investigação fenomenológica, e em segundo lugar ao tomismo e à Neoescolástica. Também como uma resposta particular à situação da filosofia alemã nas primeiras quatro décadas do século XX. Atender a esta perspectiva implica entender algo do passeio da filosofia alemã a partir do século XIX, assim como as respostas que os precursores e contemporâneos de Edith Stein deram a essa situação [...].¹⁷⁸⁵

No século XXI, eis algo — fruto de nosso trabalho — que não admite mais passar despercebido no seio das universidades “católicas”:

[...] Edith Stein sofre uma notável desvantagem em relação a outros filósofos acadêmicos americanos e europeus contemporâneos: ter sido canonizada. Entre os prejuízos da maior parte dos filósofos encontramos não só a crença de que uma coisa é o critério pelo qual se pode considerar um filósofo bom filósofo e outra muito distinta o critério ao qual se atem a Igreja Católica para canonizar uma pessoa — coisa que é certa —; além do mais, é lugar comum considerar que a santidade, a não ser que alguém tenha morrido há muito tempo, exclui de si mesmo o mérito filosófico. Todavia, já é bastante difícil convencer estes filósofos de que se interessem por Edith Stein, mas convencer-lhes de que se interessem por santa Teresa

¹⁷⁸³ ALLI, L. É golpe e estamos em luta! In: JINKINGS, I. [Et al]. [Org]. *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 165.

¹⁷⁸⁴ ANDRADE, C. D. de. *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 237.

¹⁷⁸⁵ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008, p. 9:

[...] el hecho de que su relevancia sólo puede comprenderse adecuadamente a la luz del contexto filosófico; en primer lugar como una serie de contribuciones a la investigación fenomenológica, y en segundo lugar al tomismo y a la Neoescolástica. También como una respuesta particular a la situación de la filosofía alemana en las primeras cuatro décadas del siglo XX. Atender a esta perspectiva implica entender algo del recorrido de la filosofía alemana a partir del siglo XIX, así como las respuestas que los precursores e contemporáneos de Edith Stein dieron a esa situación [...]. [Tradução livre].

Benedita da Cruz, carmelita descalça, é muito mais complicado.¹⁷⁸⁶

Nos escritos de Edith Stein, evidenciamos uma antropologia teológica fundamental, capaz de apreender o “ser finito” numa relação íntima com o “ser eterno”, a quem se endereça. Edith Stein — empaticamente — dirige-se ao ser humano como pessoa: “[...] o eu consciente e livre [...]”,¹⁷⁸⁷ concreto, que possui um corpo-vivente [*Leibgestalt*], uma psique [*Seele*] e um espírito [*Geist*].¹⁷⁸⁸

Por “eu”, entendemos o ente cujo ser é a vida [não a vida no sentido da configuração de matéria, mas enquanto desenvolvimento do eu em um ser que surge de si mesmo] e que, nesse ser, é consciente de si mesmo [na forma inferior de sentir sensível indistinto ou na esfera mais alta da consciência desperta]. O eu não é idêntico à alma e tampouco ao corpo vivo. “Habita” no corpo vivo e na alma, encontra-se presente em cada ponto em que sente algo presente e vivo; ainda que tenha sua “sede” mais própria em um ponto determinado do corpo e em determinado “lugar” da alma, e visto que “seu” corpo e “sua” alma lhe pertencem, por isso lhe confere o nome de “eu” ao homem inteiro [...].¹⁷⁸⁹

Na concepção de Edith Stein, o “eu” é “livre” porque é “dono de seus atos”, porque determina — a partir de si mesmo — sua vida, sob a forma de “atos livres [uma decisão, a realização voluntária de uma ação, a inclinação expressa em um pensamento “que eleva”, a ruptura consciente de uma sequência de pensamentos, um perguntar, um rogar, consentir, prometer, ordenar, obedecer *etc.*].¹⁷⁹⁰

¹⁷⁸⁶ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico*, 1913 — 1922. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008, p. 10:

[...] Edith Stein sufre una notable desventaja respectos a otros filósofos académicos americanos y europeos contemporáneos: haber sido canonizada. Entre los prejuicios de la mayor parte de los filósofos encontramos no sólo la creencia de que una cosa es el criterio por el que se puede considerar a un filósofo buen filósofo y otra muy distinta el criterio al que se atiene la Iglesia Católica para canonizar una persona — cosa que es cierta —; además, es lugar común considerar que la santidad, a no ser que uno haya muerto hace mucho tiempo, excluye de por sí el mérito filosófico. Ya es bastante difícil convencer a estos filósofos de que se interesen por Edith Stein, pero convencerles de que se interesen por santa Teresa Benecdita de la Cruz, carmelita descalza, es mucho más complicado todavía. [Tradução livre].

¹⁷⁸⁷ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 398.

¹⁷⁸⁸ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁷⁸⁹ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, pp. 396-397.

¹⁷⁹⁰ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

Para Edith Stein, ao passo que o ser humano é espírito — de acordo com sua essência [ουσία] — sai de si mesmo com sua “vida espiritual” e entra num mundo que se lhe abre, sem perder nada de si mesmo. “Exala” não só sua essência — como todo produto real — de um modo espiritual, expressando-se ele mesmo de forma inconsciente, mas atua pessoal e espiritualmente. Nas reflexões de Edith Stein, *à medida que* a alma humana se eleva em sua vida espiritual por cima de si mesma. Não obstante, o espírito humano está condicionado pelo que lhe é superior e inferior: está imerso em um produto material que ele anima e forma em vista de sua configuração de corpo vivente [*Leibgestalt*].¹⁷⁹¹

Do ponto de vista fenomenológico-existencial, a pessoa humana leva e engloba “seu” corpo vivente e “sua” alma, mas é — concomitantemente — suportada e englobada por eles. Na existência humana, a vida espiritual se eleva de um fundo obscuro, sobe como uma chama de vela brilhante, mas nutrida por uma matéria que não brilha. Na verdade, ela brilha sem ser absolutamente luz: “[...] o espírito humano é visível para si mesmo, mas não é de todo transparente; pode iluminar outra coisa sem atravessá-la inteiramente [...]”.¹⁷⁹²

Pela excelência das palavras, vale realçar:

[...] ele conhece por sua própria luz interior sua vida presente e, em grande parte, o que era antes sua vida presente, mas o passado comporta lacunas, e o porvir não pode ser previsto com probabilidade segura, mas parcialmente, em grande parte é indeterminado e incerto, ainda que também seja perceptível nessa indeterminação e nessa incerteza; origem e meta são absolutamente incessíveis [...]. E a vida presente imediatamente certa é o cumprimento fugaz de um instante que cai rapidamente e logo se nos escapa por completo. Toda vida consciente não se identifica com “meu ser” [...].¹⁷⁹³

Destarte, parece-se com uma superfície iluminada por cima de uma profundidade sombria, que se manifesta através dessa superfície. Na

¹⁷⁹¹ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁷⁹² STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 388.

¹⁷⁹³ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 388.

existência do Estado, se queremos compreender o ser pessoa humana, devemos falar de penetrar nessa profundidade sombria.¹⁷⁹⁴

Nos escritos de Edith Stein, identificamos que o indivíduo é “portador” [*träger*] da vida do Estado.¹⁷⁹⁵ Não obstante, o Estado

[...] não é a finalidade da sua vida; isto vale também para o monarca, que se apresenta como um servidor do Estado, e não usa do Estado para os seus interesses como faz o déspota. Ao longo desta linha de investigação, é possível aprofundar o sentido das diversas formas de organização estatal já discutidas na filosofia grega e em particular naquela platônico-aristotélica: a aristocracia, a democracia e as suas formas degenerativas como: a oligarquia e demagogia.¹⁷⁹⁶

Notadamente, Edith Stein aborda a pessoa humana como totalidade e organicidade, tornando-se emblemática para compreender a “personalidade” das organizações de nível superior, nas quais a pessoa não perde a própria individualidade, mas pode afirmá-la e ampliá-la.¹⁷⁹⁷

Nos escritos de Edith Stein, o que é investigado é substancialmente a relação indivíduo-associação humana e o que emerge — por meio de uma análise minuciosa e não condicionada a nenhum pressuposto — é precisamente a posição paradigmática do indivíduo. É evidente, pois, que a pessoa humana, mesmo não vivendo de modo isolado, representa um “microcosmos aberto”, e nesta abertura encontramos um dos traços fundamentais desta investigação: o fato de não absolutizar nem a particularidade nem o todo, sabendo dosar a presença e a importância do indivíduo em um contexto mais amplo.¹⁷⁹⁸

Partindo deste ponto de vista, identificamos que *nós* — seres humanos [singulares] — vivemos de modo individual, mas ligados à

¹⁷⁹⁴ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁷⁹⁵ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁷⁹⁶ ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000, p. 177.

¹⁷⁹⁷ ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000.

¹⁷⁹⁸ ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000.

estrutura universal. Por meio do ato *sui generis* da “entropatia” [*Einfühlung*] vivenciamos o “eu”, o “tu” — via de acesso ao “Ele” — e o “nós”.

No dizer de Edith Stein, “na base de toda controvérsia sobre a empatia subjaz um pressuposto tácito: estão dados sujeitos alheios e suas vivências [...]”.¹⁷⁹⁹ Por “entropatia” [*Einfühlung*], colhemos em *Sobre el Problema de la Empatía* [*Zum Problem der Einfühlung*, 1917], sem a intenção de aprisioná-la num esclarecimento de conceito: *um tipo fundamental de atos nos quais o vivenciar alheio é apreendido — um experimentar [erfahre] a experiência alheia*.¹⁸⁰⁰ Para os fins da nossa investigação do Estado em Edith Stein, pomos a vista no ser humano — com um olhar não estreitado e nem perturbado — para levá-lo a que fale ele mesmo da experiência que o “eu” faz do “tu” — “entropatia” [*Einfühlung*], sob a perspectiva da teologia latino-americana da libertação.

De acordo com Frederick Herzog, a teologia da libertação anda quando ouvimos os pobres diante de Deus.¹⁸⁰¹ Não se trata de uma “teologia metafísica”. Trata-se de uma reflexão, a partir do Evangelho e das experiências de pessoas humanas — “encarnadas”¹⁸⁰² — comprometidas com o processo de libertação neste subcontinente de opressão e espoliação que é a América Latina.¹⁸⁰³

Não se trata de elaborar uma ideologia justificadora de posições já tomadas, nem de busca febril de segurança ante os radicais questionamentos dirigidos à fé, nem de forjar uma teologia da qual se “deduza” uma ação política. Trata-se de deixar-nos julgar pela palavra do Senhor, de pensar nossa fé, de plenificar nosso amor e de dar razão de nossa esperança a partir do interior de um compromisso que ser quer mais radical, total e eficaz. Trata-se de retomar os grandes temas da vida cristã numa mudança de radical perspectiva e dentro da nova problemática levantada

¹⁷⁹⁹ STEIN, E. Sobre el Problema de la Empatía. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 79:

“en la base de toda controversia sobre la empatía subyace un presupuesto tácito: nos están dados sujetos ajenos y sus vivencias [...]”. [Tradução livre].

¹⁸⁰⁰ STEIN, E. Sobre el Problema de la Empatía. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁸⁰¹ HERZOG, F. *God-Walk: liberation shaping dogmatics*. Maryknoll, NY: Orbis, 1988.

¹⁸⁰² HENRY, M. *Encarnação: uma filosofia da carne*. Trad. Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2013.

¹⁸⁰³ GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação: perspectivas*. Trad. Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva e Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2000.

por esse compromisso. Isto é o que busca a chamada “teologia da libertação”.¹⁸⁰⁴

No Evangelho de Mateus, lê-se: “[...] as raposas têm tocas e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça”.¹⁸⁰⁵ No início do novo milênio, os pobres não são apenas indivíduos e grupos, mas também Estados e continentes. Dom Hélder Câmara denuncia que a razão desta pobreza que leva milhões de criaturas filhas de Deus à miséria e até a uma condição desumana são as injustiças sociais, que têm sua causa na política internacional do comércio.¹⁸⁰⁶

Vendo ele as multidões, subiu à montanha. Ao sentar-se, aproximaram-se dele os seus discípulos. E pôs-se a falar e os ensinava, dizendo:
 “Felizes os pobres de espírito,
 porque deles é o Reino dos Céus.
 Felizes os *mansos*
 porque *herdarão a terra*.
 Felizes os *afritos*,
 Porque serão consolados.
 Felizes os que têm fome
 e sede de justiça,
 porque serão saciados.
 Felizes os misericordiosos,
 porque alcançarão misericórdia.
 Felizes os *puros no coração*,
 Porque verão a Deus.
 Felizes os que promovem a paz,
 Porque serão chamados filhos de Deus.
 Felizes os que são perseguidos
 por causa da justiça,
 porque deles é o Reino dos Céus.
 Felizes sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim.
 Alegrai-vos e regozijai-vos, porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois foi assim que perseguiram os profetas, que vieram antes de vós.”¹⁸⁰⁷

Para que os cristãos — e não-cristãos — possam viver em comunidade [*Gemeinschaft*] — e, quiçá, em comunidade estatal — a nossa insistência reside na ideia de que o grande desafio vem da necessidade de

¹⁸⁰⁴ GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação: perspectivas*. Trad. Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva e Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2000, pp. 51-52.

¹⁸⁰⁵ BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 8, vers. 20.

¹⁸⁰⁶ CÂMARA, D. H. A eucaristia, exigência da justiça social. In: BOSELLI, G. *O sentido espiritual da liturgia*. Trad. Monjas Carmelitas Descalças do Mosteiro Santa Teresa de São Paulo. Brasília: CNBB, 2014.

¹⁸⁰⁷ BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 5, vers. 1-11.

manter — simultaneamente — a universalidade do amor de Deus e sua predileção pelos últimos da história. Misericordiosamente, o significado bíblico da pobreza constitui uma das pedras angulares — e primeiras — da teologia latino-americana da libertação.¹⁸⁰⁸

O gênero humano nunca dispôs de tantas riquezas, possibilidades e poder econômico. No entanto, ainda uma parte considerável dos habitantes da terra padece de fome e miséria e inúmeros são analfabetos. Os homens nunca tiveram um sentido da liberdade tão agudo como hoje, mas ao mesmo tempo aparecem novas formas de escravidão social e psíquica. Enquanto o mundo percebe tão vivamente sua unidade e mútua dependência de todos numa necessária solidariedade, e ei-lo, contudo, gravemente dividido em partidos opostos por forças que lutam entre si. Com efeito, agudas dissensões políticas, sociais, econômicas, raciais e ideológicas ainda continuam. E nem falta o perigo de uma guerra capaz de destruir tudo até o fim. Enquanto aumenta a comunicação de ideias, as próprias palavras, que exprimem conceitos de grande importância, revestem-se de sentidos bastante diversos segundo a variedade de ideologias. Enfim, procura-se com afã uma organização temporal mais perfeita, sem que o crescimento espiritual progrida ao mesmo tempo.¹⁸⁰⁹

Medellín [1968] — no documento da *Pobreza da Igreja* — distingue: a) a *pobreza como carência dos bens* deste mundo como um mal em si — não desejado por Deus; b) a *pobreza espiritual* como disponibilidade à vontade de Deus; c) a *pobreza como compromisso* com os pobres, simultânea ao protesto contra a situação que sofrem.¹⁸¹⁰

Na América Latina, elegeu-se, então, um tema central para a teologia: “[...] a *opção preferencial pelo pobre* [...]”.¹⁸¹¹

Na difícil década de 70, essa perspectiva deu lugar a muitas experiências na Igreja latino-americana e às consequentes reflexões teológicas. No processo foram-se cunhando expressões com as quais se buscava traduzir o compromisso

¹⁸⁰⁸ GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação: perspectivas*. Trad. Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva e Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2000.

¹⁸⁰⁹ CONCÍLIO VATICANO II. GS, 4. In: _____. *Compêndio do Vaticano II: Constituições. Decretos. Declarações*. 29. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2000.

¹⁸¹⁰ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. II — *Medellín* — 1968. In: _____. *Documentos do CELAM: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2004.

¹⁸¹¹ GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação: perspectivas*. Trad. Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva e Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 23.

com os pobres e oprimidos. Isto é patente em Puebla, que recolhe a fórmula da opção preferencial pelo pobre [...].¹⁸¹²

No ano de 1971, Dom Helder Câmara — uma voz profética latino-americana — indaga:

Quando a eucaristia é recebida no momento da morte é chamada de viático: é o companheiro para a grande viagem que tem início. Contudo, como denominar a Eucaristia recebida para viver e fazer viver a justiça? [...]¹⁸¹³

Na América Latina, permanecemos — em pleno descortinar do século XXI — perseguidores, mas perseguidores vergonhosos:¹⁸¹⁴

“Eu vou conta uma história
Que eu não sei como comece,
Pruquê meu coração chora,
A dô no meu peito cresce,
Omenta o meu sofrimento
E fico uvindo o lamento
De minha arma dilurida,
Pois é bem triste a sentença,
De quem perdeu na insistença
O que mais amou na vida.

Já tou véio, acabrunhado,
Mas inriba deste chão,
Fui o mais afurtunado
De todos fios de Adão.
Dentro da minha pobreza,
Eu tinha grande riqueza:
Era uma querida fia,
Porém morreu muito nova.
Foi sacudida na cova
Com seis ano e doze dia.

Morreu na sua inocença
Aquele anjo incantadô,
Que foi na sua insistença,
A cura da minha dô
E a vida do meu vivê.
Eu beijava, com prazê,
Todo dia, demenhã,
Sua face pura e bela.
Era Ana o nome dela,
Mas, eu chamava Nanã.

Naná tinha mais primô
De que as mais bonita joia,
Mais linda do que as fulô
De um tá de Jardim de Tróia

¹⁸¹² GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação: perspectivas*. Trad. Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva e Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 23.

¹⁸¹³ CÂMERA, H. A eucaristia, exigência de justiça social. In: BOSELLI, G. *Liturgia e amor pelos pobres*. In: _____. *O sentido espiritual da liturgia*. Trad. Monjas Carmelitas Descalças do Mosteiro Santa Teresa de São Paulo. Brasília: CNBB, 2014, p. 184.

¹⁸¹⁴ GIRARD, R. *O bode expiatório*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.

Que fala o dotô Conrado.
 Seu cabelo cachiado,
 Preto da cô de viludo.
 Nanã era meu tesôro,
 Meu diamante, meu ôro,
 Meu anjo, meu céu, meu tudo.

Pelo terrêro corria,
 Sempre sirrindo e cantando,
 Era lutrida e sadia,
 Pois, mesmo se alimentando
 Com feijão, mio e farinha,
 Era gorda, bem gordinha
 Minha querida Nanã,
 Tão gorda que reluzia.
 O seu corpo parecia
 Uma banana-maçã.

Todo dia, todo dia,
 Quando eu vortava da roça,
 Na mais compreta alegria,
 Dentro da minha paioça
 Minha Nanã eu achava.
 Por isso, eu não invejava
 Riqueza nem posição
 Dos grande deste país,
 Pois eu era o mais feliz
 De todos fio de Adão.

Mas, neste mundo de Cristo,
 Pobre não pode gozá.
 Eu, quando me lembro disto,
 Dá vontade de chorá.
 Quando há seca no sertão,
 Ao pobre farta feijão,
 Farinha, mio e arrôis.
 Foi isso que aconteceu:
 A minha fia morreu,
 Na seca de trinta e dois.

Vendo que não tinha inverno,
 O meu patrão, um tirano,
 Sem temê Deus nem o inferno,
 Me dexou no desengano,
 Sem nada mais me arranjà.
 Teve que se alimentá,
 Minha querida Nanã,
 No mais penoso matrato,
 Comendo caça do mato
 E goma de mucunã.

E com as braba comida,
 Aquela pobre inocente
 Foi mudando a sua vida,
 Foi ficando deferente.
 Não sirria nem brincava,
 Bem pôco se alimentava
 E inquanto a sua gordura
 No corpo diminuía,
 No meu coração crescia
 A minha grande tortura.

Quando ela via o angu,

Todo dia demenhã,
Ou mesmo o rôxo beju
Da goma da mucunã,
Sem a comida querê,
Oiava pro dicumê,
Depois oiava pra mim
E o meu coração doía,
Quando Nanã me dizia:
Papai, ô comida ruim!

Se passava o dia intêro
E a coitada não comia,
Não brincava no terrêro
Nem cantava de alegria,
Pois a farta de alimento
Acaba o contentamento,
Tudo destrói e consome.
Não saía da tipoia
A minha adorada joia,
Infraquecida de fome.

Daqueles oio tão lindo
Eu via a luz se apagando
E tudo diminuindo.
Quando eu tava reparando
Os oinho da criança,
Vinha na minha lembrança
Um candiêro vazio
Com uma tochinha acesa
Representando a tristeza
Bem na ponta do pavio.

E, numa noite de agosto,
Noite escura e sem luá,
Eu vi crescê meu desgosto,
Eu vi crescê meu pená.
Naquela noite, a criança
Se achava sem esperança.
E quando vêi o rompê
Da linda e risonha orora,
Fartava bem pôcas hora
Pra minha Nanã morrê.

Por ali ninguém chegou,
Ninguém reparou nem viu
Aquela cena de horrô
Que o rico nunca assistiu,
Só eu e minha muié,
Que ainda cheia de fé
Rezava pro Pai Eterno,
Dando suspiro maguado
Com o seu rosto moiado
Das água do amô materno.

E, enquanto nós assistia
A morte da pequenina,
Na manhã daquele dia,
Veio um bando de campina,
De canaro e sabiá
E começaro a cantá
Um hino santificado,
Na copa de um cajuêro
Que havia bem no terrêro

Do meu rancho esburacado.

Aqueles passo cantava,
Em lovô da despedida,
Vendo que Nanã dexava
As misera desta vida.
Pois não havia ricurso,
Já tava fugindo os purso.
Naquele estado misquinho,
la apressando o cansaço,
Seguido pelo compasso
Das musga dos passarinho.

Na sua pequena boca
Eu vi os laibo tremendo
E, naquela afrição lôca,
Ela também conhecendo
Que a vida tava no fim,
Foi regalando pra mim
Os tristes oinho seu,
Fez um esforço ai, ai, ai,
E disse: “abença, papai!”
Fechô os oio e morreu.

Enquanto finalizava
Seu momento derradêro,
Lá fora os passo cantava,
Na copa do cajuêro.
Em vez de gemido e chôro,
As ave cantava em coro.
Era o bendito prefeito
Da morte de meu anjinho.
Nunca mais os passarinho
Cantaro daquele jeito.

Nanã foi, naquele dia,
A Jesus mostrá seu riso
E omentá mais a quantia
Dos anjo do Paraíso.
Na minha maginação,
Caço e não acho expressão
Pra dizê como é que fico.
Pensando naquele adeus
E a curpa não é de Deus,
A curpa é dos home rico.

Morreu no maió matrato
Meu amô lindo e mimoso.
Meu patrão, aquele ingrato,
Foi o maió criminoso,
Foi o maió assarsino.
O meu anjo pequenino
Foi sacudido no fundo
Do mais pobre cimitero
E eu hoje me considero
O mais pobre deste mundo.

Saluçando, pensativo,
Sem consolo e sem assunto,
Eu sinto que inda tou vivo,
Mas meu jeito é de defunto.
Invorvido na tristeza,
No meu rancho de pobreza,

Toda vez que eu vou rezá,
Com meus juêio no chão,
Peço em minhas oração:
Naná, venha me buscá!”¹⁸¹⁵

Nise da Silveira diz que — naturalmente — os homens de ciência nunca escutam os poetas.¹⁸¹⁶ É sabido que não foi por acaso que, pessoalmente, Carl Gustav Jung a orientou — por ocasião do Congresso Intenacional de Psiquiatria — Zurique [Suiça], 1957 — a estudar mitologia, para poder entender os desenhos de seus clientes [“doentes”].¹⁸¹⁷

Para entender a questão da fome na Améria Latina [e seus desdobramentos bio-psico-sociais], ocorreu-nos a ideia de revisitar o mito de Crispim — o Cabeça de Cuia — no Estado do Piauí [Brasil]:

... Diz a lenda que Crispim era um jovem, órfão de pai e pescador. Saía pra pescar todos os dias para se alimentar junto com sua velha mãe. Certa vez, aconteceu de não conseguir pescar um peixe durante todo um dia e, chegando tarde a sua casa, cansado e muito faminto, procurou pela mãe e por comida. Como nos outros dias ela serviu pra ele um caldo ralo com osso de boi. Zangado e desapontado com a sua realidade, Crispim joga o caldo contra a mãe, ferindo a cabeça fatalmente com o osso. No leito de morte, sua mãe lhe castiga com o triste fim. “Tu hás de se transformar num horrível monstro do rio e tua cabeça vai crescer tanto quanto uma cuia. O teu destino só irá mudar quando setes marias virgens tu tragar!”. Com medo e decepcionado consigo próprio, Crispim se joga no fundo do rio e, silenciando-se juntamente com seu segredo fúnebre, nunca mais foi visto como tal, pois desde então foi encantado e eternizado na figura de um solitário monstro do rio, até hoje conhecido como o “Cabeça de Cuia”, que sempre emerge das águas do rio nas noites de sexta-feira, quando aparece a lua cheia.¹⁸¹⁸

Historiograficamente, o mito do “Cabeça de Cuia” revela o rosto humano da personagem Crispim — um jovem órfão de pai e pescador, trabalhador — que, existencialmente zangado e desapontado com a sua de *fome*, atira um caldo ralo com osso de boi contra a sua própria mãe, vindo a matá-la. Por conseguinte, Crispim — amedrontado e decepcionado

¹⁸¹⁵ ASSARÉ, P. “A morte de Nanã”. In: _____. *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*. 17. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2014, pp. 38-43.

¹⁸¹⁶ SILVEIRA, N. da. *Imagens do inconsciente*. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2015.

¹⁸¹⁷ BEZERRA, E. Nise da Silveira — Uma bella traversata. In: _____. *A trinca do Curvelo: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

¹⁸¹⁸ MAFRA, P. *O silêncio e o segredo do cabeça de cuia: violência contra gays, homofobia e militância LGBT no vale do Rio Guaribas*. Curitiba: Appris, 2015, p. 13.

consigo próprio — assume, sozinho [isentando o Estado], a culpa de sua realidade social, atirando-se no fundo do Rio Poti e, por fim, silenciando-se com o seu segredo fúnebre. Para René Girard:

A cada vez que um testemunho oral ou escrito relata violências direta ou indiretamente coletivas, nós nos perguntamos se ele igualmente relata: 1] a descrição de uma crise social e cultural, ou seja, de uma indiferenciação generalizada — primeiro estereótipo, 2] crimes “indiferenciadores” — segundo estereótipo, 3] se os autores mencionados desses crimes possuem marcas de seleção vitimária, marcas paradoxais de indiferenciação — terceiro estereótipo. Há um quarto estereótipo, que é a própria violência [...].¹⁸¹⁹

Do ponto de vista de René Girard, a justaposição de vários estereótipos num só documento culmina na perseguição. No entanto, não é necessário que os estereótipos estejam todos presentes. Três deles bastam, e frequentemente até dois. Tal sentença nos leva a afirmar que: a] as violências são reais; b] a crise é real; c] as vítimas são escolhidas não por causa dos crimes que lhes são atribuídos, mas por suas marcas vitimárias, de tudo aquilo que leva a crer na sua afinidade culpável com a crise; d] o sentido da operação é o de lançar sobre as vítimas a responsabilidade desta crise e de agir sobre ela destruindo tais vítimas ou expulsando-as da comunidade que elas “poluem”.¹⁸²⁰

René Girard diz, então, que:

A partir do momento em que estamos diante de um texto percebido como histórico, sabemos que apenas o comportamento persecutório, apreendido pela mentalidade persecutória, pode operar a reunião dos estereótipos que figuram em muitos mitos. Os perseguidores acreditam escolher sua vítima por causa de crimes que lhes são atribuídos e que dela fazem, a seu ver, a responsável pelos desastres aos quais eles reagem por meio da perseguição. Na realidade, são os critérios persecutórios que os determinam e eles no-los transmitem fielmente, não porque eles queiram nos informar, mas porque não suspeitam de seu valor revelador.¹⁸²¹

De acordo com René Girard, quanto mais um indivíduo possuir marcas vitimárias, maior a probabilidade de atrair o raio sobre a própria cabeça. Na verdade, o bode expiatório supõe sempre a ilusão persecutória.

¹⁸¹⁹ GIRARD, R. *O bode expiatório*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004, p. 33.

¹⁸²⁰ GIRARD, R. *O bode expiatório*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.

¹⁸²¹ GIRARD, R. *O bode expiatório*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004, p. 37.

Piamente, os carrascos crêem na culpabilidade de suas vítimas.¹⁸²² Não obstante, “[...] Deus se derrama em todas as criaturas, e mesmo assim permanece intocado por todas elas [...]”.¹⁸²³

Na homilia da Igreja de St. Martin in the Field na Trafalgar Square [Londres — Inglaterra], por ocasião de um encontro de líderes mundiais da Igreja Episcopal Anglicana depois da queda do muro de Berlim e do fim da Guerra Fria que evidencia as escrituras cristãs como base de sua abordagem, Desmond Tutu disse:

Decerto é bom saber que Deus [na tradição cristão] criou a todos [não só os cristãos] à sua imagem e semelhança, em nós investindo valor infinito, e que foi com toda humanidade que Deus estabeleceu a aliança, retratada pela aliança com Noé quando Deus prometeu que não tornaria a destruir sua criação com água. Decerto podemos celebrar que a palavra eterna, o Logos de Deus, a todas ilumina — não só os cristãos, mas todos os que nascem neste mundo; que aquilo que chamamos Espírito de Deus não é patrimônio cristão, pois o Espírito de Deus já existia muito antes de existirem cristãos, inspirando e alimentando homens e mulheres no caminho da santidade, levando a humanidade à fruição, trazendo à tona tudo que de melhor há em todos nós.¹⁸²⁴

Rudolf von Ihering — em *A luta pelo direito* — escreve que o fim do direito é a paz e o meio para atingi-lo é a luta:

Todo direito existente no mundo foi conquistado mediante a luta. Os mais importantes postulados do direito tiveram que ser primeiramente extraídos do combate contra seus oponentes e todo direito — o direito de um povo bem como aquele de um indivíduo — pressupõe uma disposição contínua para a luta rumo à sua afirmação. O direito não constitui um simples conceito — é força viva. Eis a razão porque vemos Justiça segurando numa mão a balança por meio da qual o direito é pesado e na outra a espada por meio da qual o direito é defendido [...].¹⁸²⁵

Na existência do Estado, a espada sem a balança é força bruta, ao passo que a balança sem a espada é a impotência do direito. Não nos

¹⁸²² GIRARD, R. *O bode expiatório*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.

¹⁸²³ ECKHART, M. *Sermões alemães*: sermões 61 a 105. v. 2. Trad. Enio Paulo Giachini. Bragança Paulista [SP]: USF; Petrópolis [RJ]: Vozes, 2008, Sermão 71.

¹⁸²⁴ TUTU, D. *Deus não é cristão e outras provocações*. Trad. Lilian Jenkino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012, p. 27.

¹⁸²⁵ IHERING, R.. Trad. Edson Bini. Bauru [SP]: EDIPRO, 2001, p. 25.

esqueçamos, pois, do que disse Aristóteles: “[...] a justiça é a base da sociedade. Chama-se julgamento a aplicação do que é justo [...]”.¹⁸²⁶

Na teologia como reflexão crítica da práxis histórica, completam-se mutuamente, e somente é possível que exista o autêntico Estado Democrático de Direito se a Justiça souber banir a espada tão destramente quanto sabe manusear a balança.¹⁸²⁷ Na concepção da teóloga latino-americana brasileira Profa. Dra. Maria Clara Lucchetti Bingemer, numa cultura onde reina a injustiça, a experiência mística ensina a não querer estar do lado dos vencedores, mas dos vencidos, solidarizando-se com as vítimas da injustiça, partilhando sua condição e sofrendo a mesma injustiça na própria carne — empaticamente.¹⁸²⁸

Nas relações entre Estado e direito, Edith Stein reflete que para entrar em vigor como direito, o direito necessita de um sujeito legislador, cabendo ao Estado a tarefa específica de legislar. Para Edith Stein, a missão própria do Estado consiste na realização do direito. Por “direito” entendemos não só a *forma* do direito, mas sim os puros comportamentos de direito realizados *materialmente*.¹⁸²⁹ Pode-se dizer, então, que:

[...] Do Estado depende o que é justo em si seja reconhecido — na esfera de seus domínios — como direito em vigor. Segundo que o direito positivo seja um “direito justo” ou não, isto é, segundo que coincida ou não com o direito puro, poderemos determinar se o Estado é “justo” ou não.¹⁸³⁰

Nos escritos de Edith Stein, a ideia de justiça está relacionada com o direito puro. Onde quer que se exerça o direito puro, ali reina a justiça.

¹⁸²⁶ ARISTÓTELES. I, I, § 11. In: _____. *A política*. Trad. Nestor Silveira Chaves. 2. ed. Bauru [SP]: EDIPRO, 2009.

¹⁸²⁷ IHERING, R. *A luta pelo direito*. Trad. Edson Bini. Bauru [SP]: EDIPRO, 2001.

¹⁸²⁸ BINGEMER, M. C. L. *O mistério e o mundo: paixão por Deus em tempos de descrença*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

¹⁸²⁹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁸³⁰ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 630:

[...] Del Estado depende el que lo que es justo en sí, sea reconocido — en la esfera de sus domínios — como derecho en vigor. Según que el derecho positivo sea un “derecho justo” o no, es decir, según que coincida o no com el derecho puro, poderemos determinar si el Estado es “justo” o no [...]. [Tradução livre].

De acordo com Edith Stein, a justiça é um predicado de valor que, por um lado, pode atribuir-se a um ordenamento jurídico em vigor e que expressa sua conformidade com o direito puro, e que, por outro lado, corresponde aos sujeitos que colaboram na realização desse ordenamento jurídico, estabelecendo-o ou reconhecendo-o e submetendo-se a ele. Por esta via, conceber-se-ia, a ausência de infrações contra o direito puro, mesmo não havendo nenhum Estado para promulgá-lo.¹⁸³¹

Na concepção de Edith Stein, para a realização do direito não carece de Estado, a não ser que os indivíduos não conheçam as disposições legais ou não tenham a vontade de ajustar sua conduta a elas. Por este motivo, o Estado não é *condicio sine qua non* para a realização da justiça. Não obstante, a noção de Estado de Edith Stein não exclui que o direito positivo estabelecido por um determinado Estado se distancie do direito puro e venha a ser “injusto”. Não nos resta dúvida, então, de que é impropriedade conferir ao Estado a realização da justiça como a tarefa que lhe corresponde conforme sua ideia própria.¹⁸³²

Para Edith Stein, Martin Heidegger — na sua obra de relevo intitulada *Ser e Tempo* [*Sein und Zeit*, 1927] — sob o título de *Dasein* quer captar o ser do homem.¹⁸³³ Edith Stein diz “[...] ‘o homem’, pois o *Dasein* é denominado com muita frequência um ‘ente’, sem que ente como ‘algo que é’ possa ser confrontado com o ser [...]”.¹⁸³⁴

Para “[...] os quatro ventos dos quatro cantos dos céus [...]”¹⁸³⁵, Martin Heidegger declara que a “essência” do homem é a “existência”.¹⁸³⁶ Por

¹⁸³¹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁸³² STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁸³³ HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas, SP: UNICAMP; Petrópolis [RJ]: Vozes, 2012.

¹⁸³⁴ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 594.

¹⁸³⁵ BÍBLIA, N. T. Jeremias. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 49, vers. 36.

¹⁸³⁶ HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas, SP: UNICAMP; Petrópolis [RJ]: Vozes, 2012.

existência, Edith Stein identifica o ser de um ente para o que do que se trata em seu ser é de seu ser: o ser do homem [*Dasein*] em sua peculiaridade em relação a outros modos de ser.¹⁸³⁷

[...] Isso não significa senão que se reivindica para o homem algo que segundo a *philosophia perennis* está reservado só a Deus: a coincidência de essência e ser. Contudo, não se coloca o homem claramente no lugar de Deus; por "*Dasein*" não se compreende o ser simplesmente, mas um especial modo de ser frente ao que estão outros modos de ser: o ser do que há e o ser algo que está à mão, também outra coisa mais, à qual ocasionalmente se alude de forma fugaz, mas que não se expõe com mais detalhe. O homem sim é concebido como um pequeno Deus na medida em que o ser do homem se reivindica como um ser destacado em relação a qualquer outro e como o único ser do que cabe esperar esclarecimento sobre o sentimento do ser. De Deus só se fala ocasionalmente em observações marginais e de forma excludente: o ser divino como algo que poderia ter algum tido de importância para esclarecer o sentido do ser se deixa completamente de lado.¹⁸³⁸

Para os fins de nossa investigação do Estado em Edith Stein, convincente é a exposição do "*Dasein cotidiano*": do ser-no-mundo, do tratar preocupado com as coisas, do ser-com outros, realizada por Martin Heidegger em *Ser e Tempo* [*Sein und Zeit*, 1927].¹⁸³⁹

Edith Stein concorda com Martin Heidegger que a vida humana "de imediato e na maior parte das ocasiões" — antes de que o ser próprio e autêntico faça eclosão — é "co-vida" com outros e em formas transmitidas: uma ideia sobre a qual Max *Scheler* já havia se debruçado.¹⁸⁴⁰

Edith Stein — partindo de uma reflexão sobre a distinção entre "si mesmo do si" e "si mesmo autêntico" — atreve-se a dizer:

[...] o que Heidegger quer reproduzir com o "si mesmo" é o *ser-pessoa* do homem. E o que faz com que o ser-pessoa se destaque em relação a tudo o mais que pertence ao ser do

¹⁸³⁷ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁸³⁸ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, pp. 594-595.

¹⁸³⁹ HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas, SP: UNICAMP; Petrópolis [RJ]: Vozes, 2012.

¹⁸⁴⁰ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

homem é que a pessoa é como tal portadora de todos os demais “existenciais”.¹⁸⁴¹

Para ir ao fundo da questão, Edith Stein reflete que numa comunidade linguística o “se” possui um sentido geral: designa um círculo indeterminado de pessoas ao qual o falante se sabe pertencente.¹⁸⁴²

Nos escritos de Edith Stein, “se” significa:

1. um grupo determinado ou um círculo indeterminado de indivíduos, no caso extremo todas as pessoas para as quais algo rege como fato geral, ou que estão sob uma regra geral de conduta;
2. o indivíduo na medida em que está sob a lei geral ou se sabe como tal.¹⁸⁴³

Para lançar luz sobre este abismo, Edith Stein — partindo de exemplos como os que dá o próprio Martin Heidegger em *Ser e Tempo* [*Sein und Zeit*, 1927] — reflete: “[...] o ‘se’ prescreve o que ‘se’ tem que ter lido [...]”.¹⁸⁴⁴ Para Edith Stein, “se” se refere aqui — duplamente — a quem prescreve e a quem se vê afetado pela prescrição.¹⁸⁴⁵

[...] Os que “têm” que ter lido este ou aquele livro são os pertencentes a determinado estrato social dentro de certo âmbito cultural: os povos “selvagens” não necessitam fazê-los, nossos camponeses, na medida em que continuem vivendo conforme seu estado e não reivindicarem educação urbana, tampouco, mas o “europeu culto” sim. Aí existe, além disso, todo tipo de graus: há coisas que se exige ao mesmo tempo do professor, do estudante e da senhora da boa sociedade, outras estão limitadas a um círculo de especialistas [...].¹⁸⁴⁶

No caso concreto do Estado, identificamos autoridades e súditos, mas sem estabelecer, determinar e delimitar com exatidão jurídica, quem pertence às primeiras e quem pertence aos segundos. Na perspectiva de Edith Stein, tanto em um quanto em outro sentido o “se” não é — atendendo

¹⁸⁴¹ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 598.

¹⁸⁴² STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁸⁴³ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 599.

¹⁸⁴⁴ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 599.

¹⁸⁴⁵ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁸⁴⁶ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 599.

a seu ser — algo que exista fora das pessoas individuais e junto a elas, nem um autêntico si mesmo; designa uma comunidade e os membros que pertencem a ela como tais. Na visão de Edith Stein, os que “marcam a pauta” pertencem à comunidade ampla, mas, concomitantemente, formam uma comunidade mais estreita entre eles.¹⁸⁴⁷

Por conseguinte, Edith Stein reflete:

[...] O indivíduo foge — isso ouvimos — de seu mais próprio autêntico ser, que é solitário e responsável, para a comunidade, e descarrega sua responsabilidade na comunidade, na mais bem estreita ou na mais bem ampla. Aí só cabe falar de uma “fuga”, tomando esse termo em um sentido restrito, uma vez que o indivíduo tenha despertado para seu ser autêntico e para a consciência de sua responsabilidade [...].¹⁸⁴⁸

Para essa colocação, é decisivo o pensamento de Edith Stein: o primeiro *Dasein* no qual o homem se encontra a si mesmo — “lançado” — não é, de modo algum, o solitário, mas o comunitário: o “ser-com”.¹⁸⁴⁹

Nos escritos de Edith Stein, o homem — atendendo a seu ser — desvela-se, originariamente, indivíduo e ser comunitário [pessoa]. Não obstante, cronologicamente, a vida individual consciente do ser humano começa mais tarde do que a vida comunitária.¹⁸⁵⁰

Magistralmente, Edith Stein expõe:

[...] Faz com os demais e imita o que vê os demais fazerem, é guiado por isso e encontra suporte nisso. E isso é totalmente correto, enquanto não se exija dele outra coisa. Precisa de uma chamada ao ser mais próprio e mais autêntico. Quando se percebe e se compreende essa chamada e não se lhe presta atenção, e só então, é quando começa a fuga do próprio ser e da própria responsabilidade. E só então o ser-com se converte em um ser “inautêntico”; talvez seria melhor ainda dizer: em um ser “não genuíno”. O ser-com como tal não é não genuíno.¹⁸⁵¹

¹⁸⁴⁷ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁸⁴⁸ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 600.

¹⁸⁴⁹ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁸⁵⁰ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁸⁵¹ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 600.

Na vivência intersubjetiva, a pessoa humana está tão chamada a ser comunitária como a ser indivíduo, mas a fim poder ser as duas coisas do modo tão peculiar dela — “desde o mais íntimo” — tem que começar saindo do grupo de acompanhamento em que vive e tem que viver imediatamente. Por sua vez, seu ser mais próprio carece da preparação pelo “ser-com”, assim como deve ser dirigente e fecundo para outros.¹⁸⁵² Na concepção de Edith Stein, o meio mais eficaz da educação não é a palavra doutrinante, mas o “exemplo vivo” — sem o qual toda palavra mendiga valor.¹⁸⁵³

[...] É inevitável passar por alto isso quando não se quer aceitar a *evolução* como o traço essencial do ser do homem, e é *inevitável* prescindir da evolução quando se nega ao homem uma essência diferente de seu existir e cujo desdobramento no tempo seja seu existir.¹⁸⁵⁴

Na existência do Estado, se se reconhece que o indivíduo necessita do suporte da comunidade estatal — “absolutamente”, até o despertar de seu “ser mais próprio” — e que numa comunidade estatal existem “espíritos dirigentes”, que deixam sua marca nos modos de vida desta e as determinam, já não cabe conceber o “se” como um modo decaído do si mesmo e como absolutamente nada mais. Não designa pessoa alguma no sentido próprio da palavra, mas uma pluralidade de pessoas que estão em uma comunidade estatal e com seu existir se inserem nos modos de tal comunidade estatal.¹⁸⁵⁵

Na vivência intersubjetiva, o despertar do indivíduo para seu “ser mais próprio” acende nele sua responsabilidade. Podemos falar — à luz dos escritos de Edith Stein — de uma responsabilidade da comunidade estatal, distinta da responsabilidade dos indivíduos. Não obstante, levam-a os membros da comunidade estatal por esta última, e, por certo, em

¹⁸⁵² STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁸⁵³ STEIN, E. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

¹⁸⁵⁴ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 600.

¹⁸⁵⁵ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

diferente medida: levam-na todos os que despertaram para a vida própria, mas os “guias” mais que todos os outros. Na comunidade estatal, existem pessoas que estão mais capacitadas — de acordo com as suas competências e habilidades — do que outras para julgar o que pode contribuir para uma autêntica formação do espírito. Tais pessoas levam a esse respeito uma responsabilidade maior — e é inteiramente adequado que os menos capazes de juízo se deixam guiar por elas.¹⁸⁵⁶

[...] Na apelação ao “se” há um resto de compreensão de que toda comunidade tem que preservar um tesouro de sabedoria herdada, a que o indivíduo não chega com seu pequeno âmbito de experiência e seu modesto círculo de intelecção própria e a que não poderia renunciar sem grandes danos [...].¹⁸⁵⁷

Para Edith Stein, o “decair” reside no fato de que os que “marcam a pauta” frequentemente não são os que estão chamados a fazê-lo, com base em seu conhecimento da matéria de que se trata — e em que emitem de modo irresponsável seu juízo sem estar chamados a isso. Por outra parte, a massa se promete de modo irresponsável ao juízo de pessoas não chamadas a julgar e se deixa levar como num andador no qual é exigível uma conduta independente e sob a própria responsabilidade.¹⁸⁵⁸

[...] Estamos nesses casos diante de uma fuga do *Dasein* próprio e autêntico. Que a fuga seja possível é algo que se funda no próprio ser do homem [também podemos dizer tranquilamente: na essência do homem]: em que sua vida abrange uma pleora de modos de conduta possíveis e em que sua liberdade lhe subtrair-se ou entregar-se a eles por escolha, fixar sua localização aqui ou lá. Mas funda-se também na vinculação natural das pessoas entre si, no impulso a “colaborar” e a “fazer-se valer”: no impulso dos “fortes” a forçar outros a que os sigam, no impulso dos “fracos” a se adaptarem e a garantirem seu lugar operando “ao gosto dos outros” [...].¹⁸⁵⁹

Edith Stein — refletindo sobre a questão do “decair” [“não ser”] em *Ser e Tempo* [*Sein und Zeit*, 1927] de Martin Heidegger — expressa que nem a vida em comunidade como tal e nem o deixar-se guiar como tal são

¹⁸⁵⁶ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁸⁵⁷ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 601.

¹⁸⁵⁸ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁸⁵⁹ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, pp. 601-602.

decaimento, mas fazer indiscriminadamente o que fazem os outros à custa da vida própria à qual se está chamado e não ouvindo o “apelo da consciência”. “[...] Na medida em que o *Dasein* decaiu não há vida individual genuína nem vida comunitária genuína [...]”.¹⁸⁶⁰

Edith Stein é seca e concisa: de um estado degenerado não pode sair — de acordo com a ordem natural — um estado mais perfeito.¹⁸⁶¹

[...] Todo decair pressupõe uma queda também em sentido temporal: não necessariamente no existir do indivíduo, mais sim como acontecimento histórico sob cujas repercussões está o indivíduo. Daí não cabe derivar o tipo específico de queda que conhecemos pela Revolução. Mas está-nos permitindo dizer que a doutrina eclesial do pecado original é a solução do enigma resultante da exposição heideggeriana da existência decaída.¹⁸⁶²

No século XXI, a concepção — tripartida — de pessoa humana de Edith Stein exerce um papel fundamental na pesquisa e produção científica em teologia latino-americana, de modo especial no que toca à questão do fundamento onto-teológico-político do Estado. Trata-se de uma antropologia teológica que apreende a complexidade do ser humano tanto no sentido subjetivo quanto no intersubjetivo. Por este motivo, insistimos, pois, na atualidade de Edith Stein para a teologia como reflexão crítica da práxis histórica do Estado, cujo fio condutor gira em torno da pessoa humana — “ser finito”. Hoje em dia, Edith Stein oferece uma base teológica sólida e uma visão antropológica suficientemente ampla e profunda, capaz de construir uma teoria consistente para o fundamento do Estado, a partir da experiência da pessoa humana concreta.¹⁸⁶³

¹⁸⁶⁰ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, pp. 601-602.

¹⁸⁶¹ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁸⁶² STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, pp. 602-603.

¹⁸⁶³ MENDES, E. S. *A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico da vida associada*. 2013. 227 f. Dissertação [Mestrado em Teologia], Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.

Magistralmente, Edith Stein mostra — ou melhor, confirma — uma extraordinária visão de conjunto, capaz de levar em conta o particular sempre orientado ao universal.¹⁸⁶⁴

E como ficou chato ser moderno.
Agora serei eterno.
Eterno! Eterno!
O Padre Eterno,
a vida eterna,
o fogo eterno.¹⁸⁶⁵

No estudo de 1922, *Contribuições à Fundamentação Filosófica da Psicologia e das Ciências do Espírito* [*Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften*], a partir da segunda investigação: *Indivíduo e Comunidade* [*Individuum und Gemeinschaft*], Edith Stein — fundamentando-se na pesquisa e produção científica de Ferdinand Tönnies, Edmund Husserl, Georg Simmel e Max Scheler — distingue três modos de vida associativa: massa [que forma os membros de uma multidão], sociedade [*Gesellschaft*] e comunidade [*Gemeinschaft*].¹⁸⁶⁶

Nas reflexões de Edith Stein, o primeiro modo de vida associativa analisado é a massa, formada por indivíduos que sentem e atuam em relação como os demais por contágio.¹⁸⁶⁷

Por suposição, não exercitem nem seu poder de decisão como sujeitos livres e nem seu poder de pensamento:

[...] o tipo de associação mais elementar, e vimos que era característica sua que os indivíduos que formam parte dela se influenciem reciprocamente, sem saber de nada da influência que exercem ou que experimentam, e sem vivenciar que seu comportamento, que essa influência recíproca poder fazer que seja *homogêneo*, seja *comum*. A massa existe unicamente enquanto os indivíduos que a compõem se encontram

¹⁸⁶⁴ MENDES, E. S. *A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico da vida associada*. 2013. 227 f. Dissertação [Mestrado em Teologia], Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.

¹⁸⁶⁵ ANDRADE, C. D. de. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992, p. 256.

¹⁸⁶⁶ STEIN, E. *Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu*. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁸⁶⁷ STEIN, E. *Una investigación sobre el Estado*. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

efetivamente em contato, vindo a dissolver-se quando esse contato cessa [...].¹⁸⁶⁸

Na existência do Estado, o que se transmite de um indivíduo para outro por contágio não são só impulsos e sentimentos, mas também ideias. Edith Stein dá como exemplo de uma transmissão patógena de ideias a da expansão do bolchevismo a partir de 1918.¹⁸⁶⁹

Partindo da oposição que Ferdinand Tönnies faz entre comunidade [*Gemeinschaft*] e sociedade [*Gesellschaft*], Edith Stein analisa *Contribuições à Fundamentação Filosófica da Psicologia e das Ciências do Espírito* [*Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften*] — estudo segundo: *Indivíduo e Comunidade* [*Individuum und Gemeinschaft*] — em que sentido os indivíduos participam destes modos de vida associativa.¹⁸⁷⁰ Ferdinand Tönnies — em *Comunidade e Sociedade* [*Gemeinschaft und Gesellschaft*, 1887] — concebe a comunidade [*Gemeinschaft*] a modo de organismo vivo e a sociedade [*Gesellschaft*] como agregado e artefato mecânico.¹⁸⁷¹

Por comunidade [*Gemeinschaft*], captamos na história pessoal e nos escritos de Edith Stein: uma união de pessoas humanas — fundada na vivência entropática — consideradas singularmente, de modo que o “eu” descobre o “tu” e constituem o “nós”.

¹⁸⁶⁸ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, pp. 527-528:

[...] al tipo de asociación más elemental, y vimos que era característica suya el que los individuos que forman parte de ella influyan recíprocamente, sin saber nada de la influencia que ejercen o que experimentan, y sin vivenciar que su comportamiento, que esa influencia recíproca puede hacer que sea *homogéneo*, sea *común*. La masa existe únicamente mientras los individuos que la componen se hallan efectivamente en contacto, y se disuelve en cuanto ese contacto cesa [...]. [Tradução livre].

¹⁸⁶⁹ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁸⁷⁰ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁸⁷¹ TÖNNIES, F. *Comunidad y sociedad*. Trad. José Rovira Armengol. Buenos Aires: Losada, S. A., 1947.

De acordo com Edith Stein, não existe nenhuma formação social real que se apresente em estado puro como massa, sociedade [*Gesellschaft*] ou comunidade [*Gemeinschaft*].¹⁸⁷²

Existem, pelo menos, dois modos de vida associativa nas quais as relações sociais próprias da sociedade [*Gesellschaft*] necessitam de inspirar-se e de apoiar-se nas relações próprias da comunidade [*Gemeinschaft*]. Na vivência intersubjetiva, os indivíduos se unem em formas de associação próprias da sociedade [*Gesellschaft*] para perseguir os seus próprios objetivos, tratando uns aos outros como instrumento para alcançar os fins da associação. Não nos resta dúvida, então, de que interferem nessas novas relações os hábitos de convivência social, o que não lhes permite tratá-los unicamente como meios, uma vez que no curso de seu trabalho em comum surgem maiores simpatias que motivam que os outros sejam tratados com modos próprios da comunidade [*Gemeinschaft*] e não da sociedade [*Gesellschaft*].¹⁸⁷³

Para Edith Stein, o mesmo fenômeno acontece nas relações da comunidade [*Gemeinschaft*] que se apoiam em elementos temporais da sociedade [*Gesellschaft*].¹⁸⁷⁴

No escrito *Indivíduo e Comunidade* [*Individuum und Gemeinschaft*], Edith Stein — vai mais além das pesquisas realizadas por Ferdinand Tönnies, superando-o no seguinte ponto: existe uma série de grupos humanos que não podem ser encaixados unilateralmente nem em uma nem em outra categoria de vida associada.¹⁸⁷⁵

¹⁸⁷² STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁸⁷³ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁸⁷⁴ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁸⁷⁵ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920].

Nos escritos de Edith Stein, dentre os modos de vida associativa analisados, identificamos na comunidade [*Gemeinschaft*] a predominância de vínculos corporais, psíquicos e espirituais.

Por conseguinte, a preocupação com a pessoa humana e com a realidade que a envolve leva Edith Stein a afrontar diretamente o problema do Estado em *Uma Investigação sobre o Estado* [*Eine Untersuchung über den Staat*] — texto filosófico escrito, possivelmente, entre os anos de 1920 e 1921, com publicação tardia, no *Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung*, em 1925 —, fruto também de sua preocupação antropológica e política.¹⁸⁷⁶

Para os fins da presente reflexão crítica do Estado, interessou-nos ver algo mais na Historiobiografia e nos escritos de Edith Stein: saber em qual modo de vida associativa podemos incluir o Estado. De acordo com Edith Stein, não se trata de uma disjuntiva. No plano político, se nosso ponto de partida é — como a doutrina sobre o Estado dominante na Europa na época de Edith Stein — a tese “contratualista”, encontramos uma resposta imediata para nossa questão, que se revela a favor da sociedade: porque admite-se uma origem puramente racional do Estado, uma criação do mesmo em virtude de um ato livre.¹⁸⁷⁷

Para Edith Stein, esta teoria passa por altos fenômenos claramente visíveis relativos à formação e à vida do Estado, mas que não têm lugar no esquema contratualista. Na vida política, quando um povo conquistador se funde em um povo submetido em uma entidade estatal — fenômeno que se revela em todos os Estados germânico-românicos — não se pode e nem

vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁸⁷⁶ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁸⁷⁷ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

se deve falar de “contrato social” entre elementos heterogêneos que se integram em um novo conjunto político.¹⁸⁷⁸

Por razão da superioridade, os vencedores assumem o papel de guia e se arrogam todos os direitos e todas as funções que lhes satisfazem, sem que nenhum ato formal de submissão tenha sido efetuado pelos submetidos, e sem uma adoção formal de poder, como o tem exigido a formação de uma sociedade. Edith Stein pontua que outros direitos e funções os deixam subjugados, de um modo também completamente ingênuo, sem chegar à claridade racional sobre a linha de separação nem estabelecê-la como direito em atos voluntários. Por via de costumes, com a mesma ingenuidade se pode assumir formas jurídicas existentes e disposições estatais que se convertem deste modo em componentes da formação estatal em desenvolvimento.¹⁸⁷⁹

Por outra parte, podem intervir considerações racionais, acordos livres ou decretos unilaterais. No processo de criação e desenvolvimento do Estado, esses atos livres só têm significado nos casos em que respeitem as relações comunitárias existentes, contentando por sancioná-las. Nos escritos de Edith Stein, identificamos que os Estados podem ter uma base social ou comunitária.¹⁸⁸⁰ Martin Buber reflete que

[...] o Estado não surge de um querer, e a Comunidade, ao menos as não-primitivas, tanto quanto podemos conceber as primeiras comunidades — não é o resultado da vontade. Uma comunidade pode emergir graças à vontade, mas vontade para um centro, para Deus. Na verdade, desejar a comunidade quer dizer perdê-la.¹⁸⁸¹

Historicamente, desde que a cultura toda transformou-se em civilização societária e estatal, a própria cultura, nesta sua forma

¹⁸⁷⁸ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁸⁷⁹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁸⁸⁰ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁸⁸¹ BUBER, M. *Sobre comunidade*. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 71.

transformada, chega ao fim; a não ser que suas sementes esparsas permaneçam vivas e a essência e as ideias de comunidade sejam realimentadas e se desenvolvam, secretamente, no seio da cultura.¹⁸⁸²

As civilizações desabam
 Por impulsão...
 Depois,
 como um filme passando às avessas
 elas se erguem em câmera lenta do chão.
 Não há de ser nada...
 Os arqueólogos esperam, pacientemente,
 A sua ocasião!¹⁸⁸³

Na opinião de Eric Hobsbawm, a palavra comunidade nunca foi utilizada tão indiscriminadamente quanto nas décadas em que as comunidades no sentido sociológico se tornaram difíceis de serem encontradas na vida real.¹⁸⁸⁴ Homens e mulheres procuram grupos de que possam fazer parte, com certeza e para sempre, num mundo em que tudo o mais se desloca e muda, em que nada mais é certo.¹⁸⁸⁵ Exatamente quando a comunidade entra em colapso, inventa-se a identidade.¹⁸⁸⁶ Pode-se dizer que a “comunidade” do evangelho comunitário [*community of the communitarian gospel*] não é comunidade [*Gemeinschaft*] preestabelecida e seguramente fundada na teoria social — e formulada como “lei da história” por Ferdinand Tönnies —, mas um criptônimo para a “identidade” zelosamente buscada mas nunca encontrada.¹⁸⁸⁷

No século XXI, comunidade [*Gemeinschaft*] significa multiplicidade de pessoas, de modo que sempre seja possível para qualquer um que ela pertença estabelecer relações autênticas, totais, sem finalidades, de modo que exista relação entre todos os membros. Para Martin Buber, o que importa são as centelhas, o acontecimento verdadeiro. Não obstante, o estatuto, a estrutura desta multiplicidade de pessoas deve ser tal que nada reprima este tipo de relações entre estas pessoas ou que torne essas

¹⁸⁸² TÖNNIES, F. *Comunidad y sociedad*. Buenos Aires: Losada, 1947.

¹⁸⁸³ QUINTANA, M. *A cor do invisível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 87.

¹⁸⁸⁴ HOBBSAWM, E. J. *The Age of Extremes*. Londres: Michael Joseph, 1994.

¹⁸⁸⁵ HOBBSAWM, E. J. The cult of identity politics. *New Left Review* 217, 1998.

¹⁸⁸⁶ YOUNG, J. *The Exclusive Society*. Londres: Sage, 1999.

¹⁸⁸⁷ BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

relações impossíveis. Tal relação deve ser imediata: os homens se encontram mutuamente na ação mútua, sem que algo de pessoal ou objetivo se interponha entre eles.¹⁸⁸⁸

Para sermos mais exatos, Edith Stein discorda das teorias que consideram as associações humanas uma simples agregação de indivíduos. Posiciona-se contra uma interpretação contratualista — descortinada no projeto da modernidade — do Estado, sustentando que na base do Estado encontrar-se-á uma comunidade [*Gemeinschaft*] ou uma sociedade [*Gesellschaft*]. Não admite — sob a perspectiva idealista — uma espécie de dialética do espírito que vê na constituição do Estado a realização do indivíduo e das associações humanas inferiores a ele.¹⁸⁸⁹

De acordo com Angela Ales Bello, nos termos das doutrinas políticas, a teoria do Estado de Edith Stein

[...] se aproxima a uma espécie de liberalismo, revisado em alguns pontos importantes que concernem à superação do conceito de indivíduo naquele de pessoa — é por esta razão que a sua concepção pode ser considerada personalista — e a natureza orgânica das associações humanas; todavia, ela aceita do liberalismo a convicção do papel não absolutamente abrangente e totalizando do Estado.¹⁸⁹⁰

Nos escritos de Edith Stein, partindo da análise das comunidades mais restritas — como a família e os laços de amizade — e remontando para as *comunidades mais complexas* — como a tribo, o povo e os diversos tipos de associações, comunidades religiosas *etc.* — podemos chegar à comunidade de todos os indivíduos como comunidade espiritual.¹⁸⁹¹

[...] Entre os dois pólos, o das comunidades mais limitadas e aquele da comunidade espiritual que abrange a todos, situa-se o Estado, a comunidade estatal que se estende até onde se encontra a autarquia em sentido aristotélico, ou seja, a soberania, a ser entendida no sentido de que as formas da vida

¹⁸⁸⁸ BUBER, M. *Sobre comunidade*. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1987.

¹⁸⁸⁹ ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000.

¹⁸⁹⁰ ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000, p. 173.

¹⁸⁹¹ ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000.

estatal não devem ser determinadas por nenhuma força externa.¹⁸⁹²

Do ponto de vista de Angela Ales Bello, se tal concepção da soberania — *conditio sine qua non* — do Estado parece aproximar a posição de Edith Stein àquela de Georg Wilhelm Friedrich Hegel, para o qual a soberania não é do povo, como sustentara Jean-Jacques Rousseau, mas do Estado, a função não totalmente abrangente do Estado explica os seus limites, apesar de assegurar a sua validade. Por este motivo, a sua ideia é equidistante quer da visão de um Estado universal que abrange toda a comunidade humana enquanto comunidade espiritual, quer da anarquia que se instaura quando as comunidades mais limitadas — famílias, partidos políticos, organizações profissionais etc. — tomam o predomínio.¹⁸⁹³

Nas suas intenções, a análise realizada por Edith Stein

[...] deveria prescindir das questões referentes à divisão dos poderes, legislativo e executivo, ou a representação, confiada a um ou mais cidadãos, pois, o objetivo em sentido fenomenológico é estabelecer qual deve ser a estrutura ôntica do Estado e não tratar da formação do Estado ideal. Tal questão, porém, não tem uma importância secundária, pois contribui para elucidar o tipo de investigação que é realizada aqui, reafirmando em que consiste o ponto de vista fenomenológico e, ao mostrar a aplicação de uma análise essencial, permite a distinção entre momento ideal e essência do conceito de Estado; de fato, para confirmar isso, a Autora sustenta que o âmbito ôntico que ela aponta pode ser o pressuposto cognitivo para o sentido e a possibilidade de um Estado ideal, na medida em que se descreve o que é o Estado em si mesmo.¹⁸⁹⁴

Edith Stein diz que na vida em sociedade cada pessoa humana encontra-se absolutamente “solitária” — uma “mônoda” sem janelas. Na vida em comunidade, reina nas relações humanas a solidariedade.¹⁸⁹⁵

Na existência do Estado — na maioria das vezes — dão-se formas mixtas destes dois tipos fundamentais de vida associativa. Para Edith Stein,

¹⁸⁹² ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000, pp. 173-174.

¹⁸⁹³ ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000.

¹⁸⁹⁴ ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000, pp. 173-174.

¹⁸⁹⁵ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos [Etapa fenomenológica: 1915-1920]*. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

uma sociedade que por princípio seja unicamente sociedade e que não constitua também até certo ponto uma comunidade é inconcebível. No caso do “homem social”, Edith Stein cita como exemplo um demagogo, que deseja submeter uma multidão aos seus próprios fins pessoais:

[...] Ele observa as pessoas humanas como um navegante observa o vento e as ondas, com os quais há de contar, ou como o toureiro observa um touro, com fins de descobrir seus pontos fracos. E toda conduta dessa pessoa estará determinada de acordo com um plano orientado aos efeitos que quer conseguir, em contraposição ao homem comunitário, que se dá “ingenuamente”, sem levar em conta os efeitos de seu modo de comportar-se em público, e que recebe ingenuamente impressões, sem efetuar observações [...].¹⁸⁹⁶

Posto que o objeto do “homem social” é a subjetividade, Edith Stein nos endereça ao conhecimento do “homem comunitário”. Para se aproximar tanto da interioridade alheia, que pode conhecer dela tudo o que seja necessário para seus próprios fins, ele terá que entregar-se a ela. Na experiência de vida comunitária, não é possível converter o sujeito em objeto, sem primeiro aceitá-lo simplesmente como sujeito. Não se pode conhecer os meios com os quais se pode causar impressão na multidão sem estar familiarizado com a vida interior dessas pessoas humanas, tal como pode ser alcançado unicamente mediante uma entrega ingênua.¹⁸⁹⁷

Edith Stein diz, então, que

[...] o observador distingue-se de quem vive ingenuamente com os outros porque ele utiliza racionalmente tudo o que a vida comunitária lhe oferece; essa pessoa passa do vivenciar ingênuo à atitude cognoscitiva; converte a interioridade alheia

¹⁸⁹⁶ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 344:

[...] Él los observa como el navegante observa el viento y las olas, con lo que ha de contar, o como el torero observa al toro, tratando de descubrir sus puntos flacos. Y toda la conducta de esa persona estará determinada según un plan orientado a los efectos que quiera conseguir, en contraposición al hombre comunitario, que se da “ingenuamente”, sin tener en cuenta los efectos de su manera de comportarse en público, y que recibe ingenuamente impresiones, sin efectuar observaciones [...]. [Tradução livre].

¹⁸⁹⁷ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

em objeto, em vez de “reagir” imediatamente frente a ela utilizando o conhecimento para fins de sua própria atuação.¹⁸⁹⁸

Nos escritos de Edith Stein, o fato associativo está substancialmente ligado a uma visão personalista que, uma vez descoberta em nível individual, é, por conseguinte, re-descoberta nos laços intersubjetivos ou interpessoais. De acordo com Angela Ales Bello, uma segunda característica que emerge da análise refere-se à capacidade de levar em consideração e de justificar a dimensão da entidade fatural em todos os seus momentos positivos e negativos e, concomitantemente, as indicações éticas de um dever ser que nunca é abstrato, mas se apresenta como uma possibilidade — uma orientação ideal. Por um lado, o tipo de análise perante o qual nos encontramos nos escritos de Edith Stein está conectado com as investigações de Max Scheler e, por outro, com as de seu mestre espiritual Edmund Husserl.¹⁸⁹⁹

Nos escritos de Edith Stein, tais pensadores não só são frequentemente citados, mas a problemática de fundo e a impostação da sua pesquisa nos remetem aos estudos desses pensadores. Angela Ales Bello diz, então, que o elemento novo e pessoal manifesta-se na atenção particular dirigida à totalidade que, no entanto, não deve ser entendida em sentido idealista. Com efeito, apesar de o fenômeno associativo, como veremos, ser fundamentalmente ligado ao espírito, tal espírito não é interpretado em sentido objetivo-metafísico.¹⁹⁰⁰

Por Estado, identificamos nos Edith Stein uma formação social na qual encontram-se pessoas livres, de tal modo que:

¹⁸⁹⁸ STEIN, E. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 345:

[...] El observador se distingue de quien vive ingenuamente con los otros, porque aquél utiliza racionalmente todo lo que la vida comunitaria le ofrece; esa persona pasa del vivenciar ingenuo a la actitude cognoscitiva; convierte a la interioridad ajena en objeto, en vez de “reaccionar” inmediatamente frente ante ella, y utiliza el conocimiento para los fins de su propia actuación. [Tradução livre].

¹⁸⁹⁹ ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000.

¹⁹⁰⁰ ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000.

[...] uma ou várias delas [e, no caso limite, todas] dominem sobre as outras em nome de todo o conjunto [e nesse caso limite, o âmbito do domínio está constituído pelas pessoas mesmas que exercem também o domínio, mas só enquanto não têm função de representação].¹⁹⁰¹

No campo da autoridade do Estado, além das pessoas que estão integradas a ele, pertencem todas as objetividades que desempenham um papel na vida do Estado, na medida em que estas sejam vulneráveis por meio de atos livres. Politicamente, a atividade governamental do Estado é exercida por meio de ordenanças — através das quais ele obriga que atuem as pessoas sobre as quais exercem autoridade — e de disposições que determinam o que deve considerar-se legais. Para Edith Stein, esta atividade é só autoritativa e o Estado só é um Estado na medida em que tem seu ponto de origem no seguinte: “[...] o Estado não pode estar submetido a nenhuma outra autoridade, senão que deve ser soberano”.¹⁹⁰²

De acordo com Edith Stein, a vida do Estado se esgota em sua atividade autoritativa. Na sua constituição originária, a existência de um Estado reclama para si a atuação de pessoas que assumam as representações do mesmo, e que se reconheça àquelas pessoas, às quais o Estado lhes solicite a pretensão de governar.¹⁹⁰³

[...] O Estado necessita de uma pessoa ou de um corpo de pessoas para expressar-se, e necessita de um âmbito de pessoas para ser escutado e para existir. O Estado não pode realizar atos senão quando há pessoas que o “represente”, que os faça *por ele*. Não obstante, tais atos não têm sentido senão enquanto são atos do Estado, e não enquanto são atos de pessoas ou de corporações que não estejam caracterizadas como “órgãos do Estado”. O Estado se encontra inescapavelmente estruturado como um poder estatal e um

¹⁹⁰¹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 593:

[...] una o varias de ellas [y, en el caso límite, todas] dominen sobre las otras en nombre de todo el conjunto [en ese caso límite, el ámbito del dominio está constituido por las personas mismas que ejercen también el dominio, pero sólo en cuanto no tienen función de representación] [...]. [Tradução livre].

¹⁹⁰² STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 953:

“[...] el Estado no puede estar sometido a ninguna otra autoridad, sino que ha de ser soberano [...]”. [Tradução livre].

¹⁹⁰³ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

âmbito de autoridade. Para tudo o que é *órgão* do Estado, isto é, para tudo o que atua “em nome” do Estado, é essencial o ter função representativa, isto é, o representar à totalidade do Estado. Pelo contrário, tudo o que pertence ao âmbito da autoridade é certamente *membro* do Estado e está incluído nele, porém não é um órgão no qual a totalidade se encontre presente.¹⁹⁰⁴

De acordo com o seu próprio sentido, nada obriga o Estado a colocar-se a serviço da lei moral — a ser um reino ético.¹⁹⁰⁵

[...] O reino de Satanás pode ser tão perfeitamente um Estado como o reino de Deus. A única questão é saber como este ou aquele espírito pode apoderar-se do conteúdo das disposições do Estado, e imprimir assim seu selo característico no conjunto da formação estatal concreta, se o Estado, enquanto tal, não o prescreve ou não possui absolutamente nenhum órgão para isso.¹⁹⁰⁶

O Estado — por permanecer na esfera da liberdade — é inacabado em si mesmo, carecendo de receber de outras pessoas os motivos que o orientem para a atividade estatal.¹⁹⁰⁷

Na existência do Estado, a motivação efetua-se nas pessoas concretas que o representam. Para Edith Stein, o que os representantes do Estado fazem — em virtude dos motivos experimentados por eles [não pelo

¹⁹⁰⁴ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, pp. 556-557:

El Estado necesita una persona o un cuerpo de personas para expresarse, y necesita un ámbito de personas para ser escuchado y para existir. El Estado no puede realizar actos sino cuando haya personas que lo “representen”, que los hagan *por él*. Pero tales actos no tiene sentido sino en cuanto son actos del Estado, y no en cuanto son actos de personas o de corporaciones que no estén caracterizadas como “órganos del Estado”. El Estado se halla ineludiblemente estructurado como un poder estatal y un ámbito de autoridad. Para todo lo que es *órgano* del Estado, es decir, para todo lo que actúa “en nombre” de Estado, es esencial el tener función representativa, es decir, el representar a la totalidad del Estado. Por el contrario, todo lo que pertenece al ámbito de la autoridad, es ciertamente *miembro* del Estado e está incluido en él, pero no es un órgano en el que la totalidad se halle presente. [Tradução livre].

¹⁹⁰⁵ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁹⁰⁶ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 594:

[...] El reino de Satanás puede ser tan perfectamente un Estado como el reino de Dios. La única cuestión es saber cómo este o aquel “espíritu” puede apoderarse del contenido de las disposiciones del Estado, e imprimir así su sello característico en el conjunto de la formación estatal concreta, si el Estado, en cuanto tal, no lo prescribe o no posee absolutamente ningún órgano para ello. [Tradução livre].

¹⁹⁰⁷ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

Estado mesmo] — deve considerar-se como atividade do Estado, se se ajusta ao sentido do Estado.¹⁹⁰⁸

Para Edith Stein, se é contrário ao sentido do Estado, então não se trata, senão, de aparentes atos de Estado. Podem ocorrer casos nos quais os representantes do Estado realizam — eventualmente de boa fé — um ato de representação para o qual não estão autorizados.¹⁹⁰⁹

[...] Isto significa sempre certo perigo para o Estado. É, em primeiro lugar, um *síntoma* de que no Estado há algo que não vai bem; e isso pode ser, concomitantemente, a *causa* de ulteriores transtornos. Tal coisa se apresenta na vida de cada Estado, e cada Estado pode suportar toda uma série de tais solavancos. Não obstante, se estes se acumulam, então terminam por minar a existência do Estado. Isto não se aplica unicamente aos atos que designamos *permitidos* pelo sentido do Estado. Porém, isto não significa todavia que devemos reconhecê-los como atos autenticamente estatais [...].¹⁹¹⁰

Na opinião de Edith Stein, quando um governo, em matéria de educação, adota medidas que não estão a serviço do Estado sem que sejam-lhe prejudiciais, então vemos que tal governo utiliza-se do Estado para fins que lhes são estranhos. Trata-se de uma aplicação do direito de representação que ultrapassa o âmbito ao qual esse direito deve ser aplicado correspondentemente. Por não ser vulnerado por isso, o Estado pode aceitar que se utilize deste modo, ainda que no que concerne ao Estado não sejam atos seus no sentido *stricto* da palavra.¹⁹¹¹

¹⁹⁰⁸ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁹⁰⁹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁹¹⁰ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 595:

[...] Esto significa siempre cierto peligro para el Estado. Es, en primer lugar, un *síntoma* de que en el Estado hay algo que no va bien; y eso puede ser al mismo tiempo la *causa* de ulteriores trastornos. Tal cosa se presenta en la vida de cada Estado, y cada Estado puede soportar toda una serie de tales sacudidas. Pero, si éstas se acumulan, entonces terminan por minar la existencia del Estado. Esto no se aplica únicamente a los actos que designamos como *permitidos* por el sentido del Estado. Pero ello no significa todavía que debemos reconocerlos como actos auténticamente estatales [...]. [Tradução livre].

¹⁹¹¹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

Nas reflexões de Edith Stein, esta restrição dos atos ao que prescreve o sentido do Estado não contradiz com o estabelecido: o Estado pode assumir o controle da direção de todas as empresas que se desenvolvem em seu âmbito, porque nenhuma ação permanece excluída da categoria dos atos que se ajustam ao sentido do Estado. Pode resultar em interesse do Estado o que a juventude se adeque, de certo modo, para que aprenda a inserir-se corretamente na comunidade estatal. O Estado pode velar pelo bem-estar material dos cidadãos para reforçar a tendência dos mesmos a submeterem-se à autoridade estatal, ou também com mira à própria independência econômica do Estado.¹⁹¹²

Para os fins de nossa investigação do Estado, interrogamo-nos sobre como certo “espírito” pode apoderar-se do conteúdo dos atos estatais. Nas reflexões de Edith Stein, identificamos que pode ser conforme o sentido do Estado que sua “política” respire certo espírito: pareça obedecer a certo tipo de motivação. Para Edith Stein, este espírito corresponderá sempre ao *ethos* do povo que constitui o âmbito da autoridade do Estado. Numa palavra: governar contra esse *ethos* equivale a cortar as raízes da existência do Estado.¹⁹¹³

[...] Quando a política se distancia do que prescreve o sentido do Estado — isto é, quando se compõe de atos pseudoestatais — então, dessa política fala-se unicamente do Espírito que anima os representantes do Estado. Ao exercer sua influência sobre eles, então, alguém de fora do Estado pode utilizar-se do Estado, colocando-o a serviço de seus próprios fins, e este pode ser tanto Deus como Satanás.¹⁹¹⁴

¹⁹¹² STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁹¹³ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁹¹⁴ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 596:

[...] Cuando la política se aleja de lo que prescribe el sentido del Estado — es decir, cuando se compone de actos pseudoestatales —, entonces desde esa política habla únicamente el Espíritu que anima a los representantes del Estado. Al ejercer su influencia sobre ellos, entonces uno de fuera del Estado puede utilizar también al Estado para ponerlo al servicio de sus propios fines, y éste puede ser tanto Dios como Satanás. [Tradução livre].

Na história pessoal — Historiobiografia — e nos escritos de Edith Stein, abordamos o Estado — estrutura social — como pessoa, que possui soberania [espírito], território [corpo] e povo [psique]. Nas reflexões de Edith Stein, dentre os modos de vida associativa examinados, o único que se revelou capaz de abarcar a pessoa — singular — na sua totalidade existencial foi a comunidade [*Gemeinschaft*]. Por intuição empírica, sentimos que o Estado pode constituir-se sobre o fundamento — onto-teológico-político — da “comunidade estatal”: “[...] a comunidade dos indivíduos que vivem no Estado [...]”,¹⁹¹⁵ que reclama para si ser abarcada no projeto — de Deus — da humanidade. Na perspectiva da teologia latino-americana, constitui *conditio sine qua non* da comunidade estatal partir e compartilhar “o pão nosso de cada dia [...]”.¹⁹¹⁶

No seio do mundo, a Igreja terrena pode ser com o gesto inaugural da fração do pão — pão partido e compartilhado — a comunidade espiritual que abarca a comunidade estatal e toda a humanidade, singularmente considerada, na contemporaneidade.

No século XXI, é decisiva a voz profética — ecoada da teologia latino-americana — de Dom Hélder Câmara:

[...] Não tenhamos ilusões: o mundo conhece muito bem o escândalo. São cristãos, aos menos de origem, aqueles vinte por cento da humanidade que têm em suas mãos os oitenta por cento dos recursos da terra. Que fizemos da Eucaristia? Como conciliá-la com a injustiça, filha do egoísmo?¹⁹¹⁷

¹⁹¹⁵ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 530:

“[...] de la comunidad de los individuos que viven en el Estado”. [Tradução livre].

¹⁹¹⁶ BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 6, vers. 11.

¹⁹¹⁷ CÂMERA, H. A eucaristia, exigência de justiça social. In: BOSELLI, G. Liturgia e amor pelos pobres. In: _____. *O sentido espiritual da liturgia*. Trad. Monjas Carmelitas Descalças do Mosteiro Santa Teresa de São Paulo. Brasília: CNBB, 2014, p. 184.

Para Edmund Husserl, se suprimirmos a consciência, então suprimimos o mundo.¹⁹¹⁸ Patativa do Assaré — “[...] o poeta do ‘sertão sofredor’ [...]”¹⁹¹⁹ — lamenta em “A morte de Nanã”:

Mas, neste mundo de Cristo.
 Pobre não pode gozá.
 Eu, quando me lembro disto,
 Dá vontade de chorá,
 Quando há seca no sertão,
 Ao pobre farta feijão,
 Farinha, mio e arrôis.
 Foi isso o que aconteceu:
 A minha fia morreu,
 Na seca de trinta e dois.¹⁹²⁰

Nas reflexões de Edith Stein, quando se diz que a Divina Providência atribui ao Estado uma missão particular na história da humanidade, isso não é absolutamente excluído pela ideia do Estado. Não devemos imaginar que esta missão tenha sido inscrita por Deus na ideia do Estado. Edith Stein pensa que é possível unicamente que Deus descubra que o Estado, tal como este se ajuste à Sua ideia, possa servir para realizar os designios divinos. Deus pode intervir na criação e atuação de Estados que respondam às suas intenções divinas no mundo.¹⁹²¹

Edith Stein assegura dois modos nos quais o Estado se encontra a serviço dos desígnios da Providência:

Sempre que o Estado atua segundo seu próprio sentido, favorece igualmente aos fins divinos, e *deve* favorecê-los para manter-se ele mesmo [...]. Outra possibilidade seria a de que os representantes do Estado utilizam sua posição dominante para impor os mandamentos divinos no âmbito de sua autoridade. Então não seria o Estado mesmo o que estivera a serviço dos fins divinos, mas que dar-se-ia unicamente o fato de que o Estado existe, e de que alguém poderá servir-se da autoridade do Estado para realizar fins extra-estatais.¹⁹²²

¹⁹¹⁸ HUSSERL, E. *Ideias Relativas a una Fenomenología Pura y una Filosofía Fenomenológica*. Trad. José Gaos. 2. ed. México; Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1962.

¹⁹¹⁹ ALENCAR, F. S. de. Apresentação. In: ASSARÉ, P. do. *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*. 17. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2014, p. 10.

¹⁹²⁰ ASSARÉ, P. “a MOTE DE Nanã”. In: _____. *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*. 17. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2014, pp. 39-40.

¹⁹²¹ STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos [Etapa fenomenológica: 1915-1920]*. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

¹⁹²² STEIN, E. Una investigación sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos [Etapa fenomenológica: 1915-1920]*. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 596:

Nos escritos de Edith Stein, a Igreja terrestre — do mesmo modo que o Estado — constitui uma formação social, fundada e organizada juridicamente, regida por um “chefe”: Deus.¹⁹²³

Na perspectiva da teologia latino-americana, a Igreja terrestre está fundada sobre a liberdade das pessoas que formam parte dela. Nas reflexões de Edith Stein, é necessário agregar um legislador [uma pessoa ou uma pluralidade de pessoas] que estabeleça seus direitos: que crie — em virtude de sua vontade livre — uma regra de vida. Para Edith Stein, é necessário “estabelecer” um “direito eterno”: um direito independente de todo livre arbítrio, para que este direito possa realizar-se num Estado ou numa formação análoga ao Estado.¹⁹²⁴

Por conseguinte, Edith Stein agrega os “portadores” dessa ordem, que velam pela observância da lei. Por fim, os súditos, postos sob a ordem da lei e que se subtraem a ela em virtude de sua própria liberdade.¹⁹²⁵

[...] Tudo isso se encontra realizado na Igreja militante: tem Deus como chefe e legislador [encarnou-se de maneira visível em seu representante mais alto sobre a terra, assim como nos bispos aos quais corresponde uma parte do poder legislativo], o clero em suas diferentes posições, como seus órgãos de execução; o povo da Igreja ou os “leigos” como súditos [...].¹⁹²⁶

Nos escritos de Edith Stein, a essência da Igreja não se reduz a essa estrutura jurídica — não constitui sequer seu próprio núcleo essencial. Edith Stein admite a concepção paulina do Cristo: “cabeça e corpo vivo”.¹⁹²⁷

[...] Siempre que el Estado actúa según su propio sentido, favorece igualmente a los fines divinos, y debe favorecerlos para mantenerse él mismo [...]. Otra posibilidad sería la de que los representantes del Estado utilicen su posición dominante para imponer los mandamientos divinos en el ámbito de su autoridad. Entonces no sería el Estado mismo el que estuviera al servicio de los fines divinos, sino que se daría únicamente el hecho de que el Estado existe, y de que uno puede servirse de su autoridad para realizar fines extraestatales. [Tradução livre].

¹⁹²³ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁹²⁴ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁹²⁵ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁹²⁶ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 432.

¹⁹²⁷ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

Nas reflexões de Edith Stein, a Igreja não se revela uma instituição arbitrária, artificial, configurada de fora, mas um todo vivo. De um modo análogo ao que acontece no Estado, a comunidade do povo submetida a um crescimento vivo é o primeiro, a forma e a ordem do Estado são o elemento acrescentado, a conclusão exterior e a confirmação voluntária do que se desenvolveu naturalmente.¹⁹²⁸

Podemos dizer em síntese, à luz da história pessoal — Historiobiografia — e dos escritos de Edith Stein, que

[...] a vida que flui ininterruptamente nesse todo vivo não é a vida natural de cada homem e das comunidades humanas que pertencem a ele. É a vida nova da *graça*, que anima a Igreja e que se comunica a seus membros. Sem a vida da graça, não há Igreja. Mas a graça é uma vida *divina* participada: de sua cabeça divina flui na Igreja toda sua vida. É o mesmo Cristo que lhe dá a vida e dita a lei que a rege [...].¹⁹²⁹

Nas reflexões de Edith Stein, todas as “leis” e “instituições” servem para comunicar, conservar e restaurar a vida divina.¹⁹³⁰ No Código de Direito Canônico, promulgado pelo Papa João Paulo II dia 25 de janeiro de 1983, lê-se no último cânon: “[...] tendo diante dos olhos a salvação das almas que, na Igreja, deve ser sempre a lei suprema”.¹⁹³¹ Na teologia latino-americana, pondo a vista na pessoa humana concreta, singularmente abraçada em circunstâncias concretas da existência do Estado.

Para Edith Stein, na medida em que as “pedras vivas” da Igreja — e do Estado — são pessoas humanas, sua construção leva em conta as disposições da natureza humana. Por este motivo, “[...] a Cabeça [...]”¹⁹³² da Igreja é — concomitantemente — Deus e homem. Cristo derrama — por meio da natureza humana — a vida divina que possui, dirige-se aos

¹⁹²⁸ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁹²⁹ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 432.

¹⁹³⁰ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁹³¹ VATICANO. Cân. 1752. In: _____. *Código de Direito Canônico*. Trad. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

¹⁹³² BÍBLIA, N. T. Efésios. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 4, vers. 15.

homens com palavras humanas e dispõe dos meios para comunicar a vida divina de tal modo que toma o caminho do corpo para chegar à alma.¹⁹³³

Michel Henry — em *Palavras de Cristo* — escreve:

Segundo a teologia cristã [...], a natureza de Cristo é dupla, humana e divina ao mesmo tempo. Na medida em que Cristo é a Encarnação do Verbo de Deus, é esse Verbo — e, portanto, Deus mesmo — que habita n'Ele [...].¹⁹³⁴

Hoje em dia, educadores do mundo todo evidenciaram que a educação, para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais — harmônicos entre si — que ao longo de toda vida, serão de algum modo para cada indivíduo [singular], os pilares do conhecimento:

[...] *aprender a conhecer*, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente *aprender a ser*, via essencial que integra as três precedentes [...].¹⁹³⁵

Nos escritos de Edith Stein, reverbera-se o que disse Gilles Lipovetsky: a verdadeira sabedoria é fruto da reflexão, do diálogo e do encontro generoso entre as pessoas humanas.¹⁹³⁶

Na existência do Estado, a educação deve ser concebida como a preparação para o sentido de comunidade [*Gemeinschaft*], na vida pessoal e com a vida pessoal, introduzido a partir desta vida naquilo que existe na sociedade contemporânea. Tais reflexões evidenciam o exposto pelo pensamento de Martin Buber, no qual “[...] a educação para a comunidade não pode ser teórica, ou em termos mais claros, a educação para a comunidade só pode ocorrer através da comunidade [...]”.¹⁹³⁷

¹⁹³³ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

¹⁹³⁴ HENRY, M. *Palavras de Cristo*. Trad. Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 7.

¹⁹³⁵ DELORS, J. *Educação: um tesouro a descobrir*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003, pp. 89-90.

¹⁹³⁶ LIPOVETSKY, G. *De la ligereza: hacia una civilización de lo ligero*. Trad. Antonio-Prometeo Moya. Barcelona: Anagrama, 2016. <http://www.elboomeran.com/upload/ficheros/obras/001344_de_la_ligereza.pdf>. Acesso em 09/08/2018.

¹⁹³⁷ BUBER, M. *Sobre comunidade*. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1987, pp. 89-90.

Na sociedade contemporânea — “líquida”¹⁹³⁸ ou “volátil”¹⁹³⁹ — vão desaparecendo os pontos de referência a partir dos quais se possam construir — individual e socialmente — as pessoas humanas. De acordo com o Papa Francisco, parece que hoje a “nuvem” seja o novo ponto de encontro, caracterizado pela falta de estabilidade, já que tudo se volatiliza e, conseqüentemente, perde consistência.¹⁹⁴⁰

Na vida política,

[...] tal falta de consistência poderia ser uma das razões para a perda de consciência do espaço público. Um espaço que exige um mínimo de transcendência sobre os interesses privados [viver mais e melhor] para construir sobre bases que revelem aquela dimensão tão importante da nossa vida que é o “nós”. Sem esta consciência, mas sobretudo sem este sentimento e, por conseguinte, sem esta experiência é, e será, muito difícil construir a nação. Neste caso, pareceria que a única coisa importante e válida fosse o que diz respeito ao indivíduo e, tudo o que ficasse fora desta jurisdição, torna-se-ia obsoleto. Semelhante cultura perdeu a memória, perdeu os vínculos que sustentam e tornam possível a vida. Sem o “nós” dum povo, dum família, dum nação e, ao mesmo tempo, sem o “nós” do futuro, dos filhos e do amanhã; sem o “nós” dum cidade que “me” transcenda e seja mais rica do que os interesses individuais, a vida será não só cada vez mais fragmentada, mas também mais conflituosa e violenta.¹⁹⁴¹

Nas relações entre Estado, educação e religião, no momento em que as Igrejas cristãs perdem o privilégio que lhes pertenceu até então de alimentar e gerir o campo da experiência religiosa ou o domínio do Sagrado a vida cristã — historicamente delineada, politicamente, em circunstâncias concretas do Estado — se vê forçada a refletir sobre a estrutura autêntica da experiência de Deus e sobre a originalidade da forma *cristã* dessa experiência, como experiência de fé.¹⁹⁴² Hoje em dia,

¹⁹³⁸ BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

¹⁹³⁹ LIPOVETSKY, G. *De la ligereza: hacia una civilización de lo ligero*. Trad. Antonio-Prometeo Moya. Barcelona: Anagrama, 2016. <http://www.elboomeran.com/upload/ficheros/obras/001344_de_la_ligereza.pdf>. Acesso em 09/08/2018.

¹⁹⁴⁰ FRANCISCO, P. *Discurso do Santo Padre*. Santiago: PUC Chile, 2018. <<file:///E:/Discurso%20do%20Papa%20Francisco%20na%20PUC%20Chile.pdf>>. Acesso em 09/08/2018.

¹⁹⁴¹ FRANCISCO, P. *Discurso do Santo Padre*. Santiago: PUC Chile, 2018, p. 3. <<file:///E:/Discurso%20do%20Papa%20Francisco%20na%20PUC%20Chile.pdf>>. Acesso em 09/08/2018.

¹⁹⁴² LIMA VAZ, H. C. A experiência de Deus. In: BETTO, F. *et al. Experimentar Deus hoje*. 2. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1976.

[...] estabelecer uma relação necessária entre a experiência humana de Deus como experiência do Sentido radical e a experiência cristã de Deus como experiência da sua Presença na linguagem da fé em Jesus Cristo: eis, a nosso ver, um dos problemas mais decisivos que se apresentam à vida espiritual do cristão no mundo de hoje, mundo dividido e confuso entre a razão operacional das ciências e das técnicas e a extraordinária proliferação de novos modos de experiência do Sagrado — de experiência religiosa — que irrompem vigorosamente à margem das enormes clareiras que a razão vai abrindo nos mistérios do universo e do homem.¹⁹⁴³

Para a teologia do século XXI, como reflexão crítica da práxis histórica do Estado, a vida íntima — um “castelo interior” — de Edith Stein revelou um ser consciente:

[...] Todo homem começa conhecer-se por sua simples vida desperta e sem fazer de si um objeto, e sem esforçar-se em observar-se nem analisar-se, nem conhecer-se a si mesmo. A consciência originária se faz, em primeiro lugar, “autopercepção” ou “percepção interna” [...] quando o eu sai da experiência originária e faz dela um objeto [...].¹⁹⁴⁴

Na história pessoal — Historiobiografia — de Edith Stein, identificamos que o “eu” — um ser desperto, cujo olho espiritual enxerga para o interior e para o exterior — pode assumir compreendendo tudo o que vai ao encontro dele, responder em uma liberdade pessoal, de tal ou qual maneira. Nas sábias palavras de Edith Stein, “[...] *pode-o e porque o pode*, o ser humano é uma pessoa espiritual, *suporte* de sua vida no sentido eminente e pessoal ‘ter em mão’ [...]”.¹⁹⁴⁵

No século XX, Edith Stein levantou questões cruciais — fundamentais para teologia latino-americana do século XXI — que ainda não foram adequadamente refletidas, e para as quais já existiam movimentos e posições filosóficas de grande influência, tanto na Alemanha como noutros lugares do mundo: a fenomenologia de Edmund Husserl, as posições

¹⁹⁴³ LIMA VAZ, H. C. A experiência de Deus. In: BETTO, F. *et al. Experimentar Deus hoje*. 2. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1976, pp. 88-89.

¹⁹⁴⁴ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 398.

¹⁹⁴⁵ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, pp. 393-394.

adotadas por Martin Heidegger em *Ser e Tempo* [*Sein und Zeit*, 1927] e o tomismo das décadas de 1920 e 1930.¹⁹⁴⁶

[...] Stein não foi a única que levantou ditas questões, e a importância de sua obra quiçá seja mais clara ao comparar tanto sua vida como suas investigações com as de alguns de seus contemporâneos, incluindo pensadores tão diversos como Frank Rosenzweig, Gyorgy Lukács, Roman Ingarden e Hans Lipps. O progresso filosófico de Stein pode trazer-se parcialmente comparando suas conclusões com as de seus contemporâneos, frequentemente muito diferentes [...].¹⁹⁴⁷

Na investigação do Estado em Edith Stein, um primeiro passo fundamental foi descobrir história dos períodos pelos quais passaram sua vida e seu pensamento, por sugestão de Alasdair MacIntyre. No itinerário acadêmico-intelectual de Edith Stein, o resultado final de seu “labor, trabalho e ação” é um projeto — simbolicamente — inacabado, não só devido à sua morte em Auschwitz-Birkenau, mas porque não nos deixou muito mais do que uma série de respostas e problemas de índole filosófica, teológica e pastoral. Por suposto, seus problemas — como todos os problemas desta natureza — prespõem tomadas de posição e conclusões às quais chegou. Não obstante, “[...] o fundamental das conclusões é fazer-nos conscientes do caráter inevitável dos problemas [...]”.¹⁹⁴⁸

No dia 10 de agosto de 2011, por ocasião da *Audiência geral*: o homem em oração — os “oásis” do espírito, o Papa Bento XVI, depois de refletir sobre o silêncio e a beleza da comunidade monástica — beleza simples e austera — referiu-se a Edith Stein como uma

¹⁹⁴⁶ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico*, 1913 — 1922. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008.

¹⁹⁴⁷ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico*, 1913 — 1922. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008, p. 25:

[...] Stein no fue la única que planteó dichas cuestiones, y la importancia de su obra quizá sea más clara al comparar tanto su vida como sus investigaciones con las de algunos de sus contemporáneos, incluyendo a pensadores tan diversos como Frank Rosenzweig, Gyorgy Lukács, Roman Ingarden y Hans Lipps. El progreso filosófico de Stein puede trazarse parcialmente comparando sus conclusiones con las de sus contemporáneos, a menudo muy diferentes [...]. [Tradução livre].

¹⁹⁴⁸ MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico*, 1913 — 1922. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008, p. 25:

[...] lo fundamental de las conclusiones es hacernos conscientes del carácter ineludible de los problemas [...]. [Tradução livre].

[...] das figuras de Santos que nos evocam a importância de dirigir o olhar para as 'coisas do céu', como Santa Edith Stein, Teresa Benedita da Cruz, co-Padroeira da Europa [...].¹⁹⁴⁹

Na experiência cristã de Deus de Edith Stein, entendida como a experiência de uma presença do Sentido radical em uma existência historicamente dada — a existência de Jesus Cristo — e na palavra da Revelação, totalmente condicionada por essa existência sócio-histórica, uma vez que dela procede e a ela se refere,¹⁹⁵⁰ identificamos que o “interior mais íntimo” da pessoa humana é também o “mais espiritual”, o mais distante da matéria, o que move a alma em sua profundidade:

[...] Se isso nos parece maravilhoso, devemos dar-nos conta da outra “maravilha” [em cuja relação se apresenta aqui], de *que todo o material está construído pelo espírito*. O que não significa somente que todo o mundo material é criado pelo espírito divino, mas que cada *elaboração material está cheia de espírito*. Cada um leva sua forma em si enquanto coisa da natureza formada de dentro, ou, então, torna-se de uma obra humana realizada de fora e que, por sua configuração, converteu-se em um suporte de um sentido [...].¹⁹⁵¹

Edith Stein — intimamente — não experienciou a si mesma como um ente abstrato [*Dasein*]. Deixou-se “ser finita” — de um modo singularíssimo —, endereçando-se ao “ser eterno” como uma unidade de corpo-vivente [*Leibgestalt*], *psique* [*Seele*] e espírito [*Geist*].¹⁹⁵²

No itinerário acadêmico-intelectual de Edith Stein, a investigação do sentido do ser reconduziu-a ao ser que é o autor e o arquétipo de todo ser finito. “[...] Ele se revela a nós como o ser em pessoa e, mais ainda, como o ser em três pessoas [...]”.¹⁹⁵³

¹⁹⁴⁹ BENTO XVI, P. *Audiência geral: o homem em oração — os “oásis” do espírito*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110810.pdf>. Acesso em: 22 de novembro de 2018.

¹⁹⁵⁰ LIMA VAZ, H. C. A experiência de Deus. In: BETTO, F. *et al. Experimentar Deus hoje*. 2. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1976.

¹⁹⁵¹ STEIN, E. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaira Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 400.

¹⁹⁵² STEIN, E. *Ser Finito e Ser Eterno: Ensayo de una Ascensión al Sentido del Ser*. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

¹⁹⁵³ STEIN, E. *Ser Finito e Ser Eterno: Ensayo de una Ascensión al Sentido del Ser*. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007, p. 951:

Existencialmente, o que mais preocupou Edith Stein foi definir a possibilidade da mútua comunicação entre os seres humanos: o modo com o qual se estabelece a comunidade [*Gemeinschaft*].¹⁹⁵⁴

Para Edith Stein, este fenômeno significava muito mais do que uma preocupação teórico-conceitual. Pertencer a uma comunidade [*Gemeinschaft*] era uma necessidade pessoal de Edith Stein, algo que afetava vitalmente a sua identidade.¹⁹⁵⁵

Se eu conversasse com Deus
Iria lhe perguntar:
Por que é que sofremos tanto
Quando se chega pra cá?
Perguntaria também
Como é que ele é feito
Que não dorme, que não come
E assim vive satisfeito.
Por que é que ele não fez
A gente do mesmo jeito?

Por que existem uns felizes
E outros que sofrem tanto?

Nascemos do mesmo jeito,
Vivemos no mesmo canto.
Quem foi temperar o choro
E acabou salgando o pranto?¹⁹⁵⁶

Na sua obra de relevo, intitulada *Teologia da Libertação*: perspectivas [*Teología de la Liberación*, 1972], Gustavo Gutiérrez diz:

Na teologia da libertação, consideramos que a via para discorrer racionalmente sobre Deus encontra-se *dentro de uma rota* mais ampla e desafiante: a do seguimento de Jesus. Falar de Deus supõe viver em profundidade nossa condição de discípulos. Daquele que disse precisamente ser o Caminho [cf. Jo 14,6]. Isto levou-nos a sustentar que, em última instância, o método [o caminho] do discurso sobre Deus é nossa espiritualidade. Significa que a distinção entre dois momentos no que-fazer teológico não é apenas uma questão acadêmica; é antes de tudo questão de estilo de vida. Uma maneira de viver a fé. Estar inserido na vida do nosso povo, compartilhar seus sofrimentos e alegrias, seus interesses e combates, bem como sua fé e sua

“[...] Él se revela a nosotros como el ser en persona y más aún, como el ser en tres personas [...]”. [Tradução livre].

¹⁹⁵⁴ MENDES, E. S. *A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico da vida associada*. 2013. 227 f. Dissertação [Mestrado em Teologia], Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.

¹⁹⁵⁵ MENDES, E. S. *A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico da vida associada*. 2013. 227 f. Dissertação [Mestrado em Teologia], Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.

¹⁹⁵⁶ BARROS, L. G. *Por que Existem o Mal e o Sofrimento Humano?* Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/cordel/5275586>>. Acesso em: 14 de setembro de 2016.

esperança vividas na comunidade cristã não é formalidade necessária para fazer teologia, é condição para ser cristão. Por isso se alimenta uma reflexão que quer dá a razão do Deus da vida em um contexto de morte injusta ou prematura desde a raiz.¹⁹⁵⁷

“Ir dando a vida até morrer”.¹⁹⁵⁸ Hoje em dia, a história pessoal de Edith Stein — desvelada nos seus ditos e feitos — vista sob a perspectiva da teologia latino-americana da libertação, esperança-nos.

Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles.

Não se lembrava de Fabiano. Tinha havido um desastre, mas Baleia não atribuía a esse desastre a impotência em que se achava nem percebia que estava livre de responsabilidades. Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras: àquela hora cheiros de suçuarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar, as moitas afastadas. Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritó onde sinhá Vitória guardava o cachimbo.

Uma noite de inverno, gelada e nevoenta, cercava a criaturinha. Silêncio completo, nenhum sinal de vida nos arredores. O galo velho não cantava no poleiro, nem Fabiano roncava na cama de varas. Estes sons não interessavam Baleia, mas quando o galo batia as asas e Fabiano se virava, emanações familiares revelavam-lhe a presença deles. Agora parecia que a fazenda se tinha despovoado.

[...]

Baleia respirava depressa, a boca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha sucedido. O estrondo, a pancada que recebera no quarto e a viagem difícil do barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se no seu espírito.

Baleia encostava a cabecinha fadigada na pedra. A pedra estava fria, certamente Sinhá Vitória tinha deixado o fogo apagar-se muito cedo.

Baleia queria dormir. Acordar feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolaria com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.¹⁹⁵⁹

Nas *Cartas*: Heloísa [1937], colhemos essa bela declaração — fenomenológico-existencial — de Graciliano Ramos sobre Baleia:

¹⁹⁵⁷ GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação*: perspectivas. Trad. Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva e Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 32.

¹⁹⁵⁸ MEIRELES, C. *Solombra*. 2. ed. São Paulo: Global, 2013, p. 25.

¹⁹⁵⁹ RAMOS, G. *Vidas Secas*. 94. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2004, p. 91.

[...] O meu bicho morre desejando acordar num mundo cheio de preás. Exatamente o que todos nós desejamos. [...] No fundo, todos somos como a minha cachorra Baleia e esperamos preás [...].¹⁹⁶⁰

Frida Kahlo, na sua última tela, em cujo pano de fundo expressa um céu azul brilhante, dividido em duas metades — uma mais clara, outra mais escura — pinta melancias inteiras, cortadas ao meio, divididas em quatro partes, esculpidas, aos pedaços. Melancia é a fruta mais desejada do México. Hayden Herrera observa que a pintora mexicana executa as pinceladas com muito mais controle do que outras naturezas-mortas tardias; a composição das formas é solidamente definida.¹⁹⁶¹

[...] É como se Frida tivesse reunido e concentrado toda a vitalidade que lhe restava a fim de pintar essa última declaração de *alegría*. Fatiados e cortados, os pedaços de fruta reconhecem a iminência da morte, mas sua saborosa polpa vermelha celebra a plenitude e inteireza da vida. Oito dias antes de morrer, quando suas horas finais enegreciam de calamidade, Frida Kahlo mergulhou o pincel em tinta vermelho-sangue e inscreveu seu nome, a data e o local de execução da tela — “Coyoacán, México” — ao longo da polpa carmesim da fatia em primeiro plano. Depois, em letras maiúsculas, escreveu sua derradeira saudação à vida: VIVA LA VIDA!¹⁹⁶²

No século XIX, os nossos antepassados [sertanejos] — os “mal-aventurados” — tinham consciência plena de que Antonio Vicente Mendes Maciel — Antonio Conselheiro — não era Moisés. Posto de outra forma, o nosso povo — no “fim do mundo” — ouviu a voz de lahweh:

[...] “Eu vi, eu vi a misericórdia do meu povo que está no Egito. Ouvei seu grito por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel, o lugar dos cananeus, dos heteus, dos amoreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuseus. Agora, o grito dos israelitas chegou até mim, e também vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo. Vai, pois, e eu te enviarei ao Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os israelitas”.¹⁹⁶³

¹⁹⁶⁰ RAMOS, G. Cartas: Heloísa [1937]. In: _____. *Vidas Secas*. 94. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2004, p. 129.

¹⁹⁶¹ HERRERA, H. *Frida: a biografia*. Trad. Renato Marques. São Paulo: Globo, 2011.

¹⁹⁶² HERRERA, H. *Frida: a biografia*. Trad. Renato Marques. São Paulo: Globo, 2011, p. 531.

¹⁹⁶³ BÍBLIA, V. T. Êxodo. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 3, vers. 7-10.

Nos sertões do Estado da Bahia — Terra de Santa Cruz —, surge o Belo Monte [Canudos]: “[...] a terra da promessa, onde corre um rio de leite e são de cuscuzeiro de milho as barrancas”.¹⁹⁶⁴

Na "guerra do fim do mundo",¹⁹⁶⁵ Timóteo — o sineiro — morreu como um herói: tocando o sino, despedaçado junto aos pedaços da torre da igreja velha da comunidade de Belo Monte, finalmente abatida:

Ao escurecer, o sineiro ia infalivelmente cumprir o seu encargo [...] num estoicismo sublime desafiava todo o exército, indiferente à fuzilaria e ao canhoneio [...]. Mas numa tarde sucumbiu aquele herói. À hora competente, surgiu ele na torre, empunhando a corda do sino. Aquela, já combalida e quase oscilante por um bombardeio de duas horas, ainda prometia alguns momentos de equilíbrio [...]. Soou a quinta badalada e, ao vibrar a última, dois disparos fizeram-sea um tempo e duas granadas juntas chocaram-se contra o pedaço incólume da torre, que ruiu com grande estrondo, descendo a cúpula bruscamente com o sino, esmagando, pulverizando Timóteo [...] com era natural, nunca mais, soldados e jagunços ouviram as ave-marias em saudação ao Belo Monte.¹⁹⁶⁶

No século XIX, a existência de dois Brasis, inteiramente distintos e incompatíveis: o Brasil das elites urbanas e o Brasil dos miseráveis olvidados [“mal-aventurados”], culminou no holocausto do Belo Monte, praticado pelo Estado. Para executar o genocídio dos “mal-aventurados”, a classe dominante — apoderando-se do poder do Estado — utilizou o “Aparelho Repressivo do Estado” [governo, serviço civil, polícia, tribunais, forças armadas, prisões *etc.*] e o “Aparelho Ideológico do Estado” [sistema legal, Igreja Católica, política, arte *etc.*].¹⁹⁶⁷ Na "guerra do fim do mundo"¹⁹⁶⁸ [1896 — 1897] os números não são consensuais entre os historiadores, mas estima-se — entre homens, mulheres e crianças — cerca de 35 mil

¹⁹⁶⁴ CUNHA, E. da. *Os Sertões: Campanha de Canudos — Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão*. São Paulo: Ática, 1998, p.169.

¹⁹⁶⁵ VARGAS LLOSA, M. *A Guerra do Fim do Mundo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

¹⁹⁶⁶ BENÍCIO, M. “O Rei dos Jagunços: crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos”. In: AZEVEDO, S. M. *O Rei dos Jagunços de Manoel Benício: entre a ficção e a história*. São Paulo: EDUSP, 2003, pp. 204-205.

¹⁹⁶⁷ ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos de Estado: Nota sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado [AIE]*. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

¹⁹⁶⁸ VARGAS LLOSA, M. *A Guerra do Fim do Mundo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

mortos, dos quais pelo menos 500 seriam índios pertencentes à etnia Kiriri, o que resultou na destruição da comunidade do Belo Monte.¹⁹⁶⁹

No Belo Monte, silenciam-se — sobre Antonio Conselheiro e seu povo [finados] — estas tão familiares palavras do Pe. Manuel José Gonçalves Couto, contidas na *Missão Abreviada* [1868]:

Considera, christão, que Jesus Christo não quiz estar um só momento sem soffrer e padecer por teu amor; apenas foi concebido, logo lhes apresentaram todos os tormentos da sua Paixão; e desde então começou a soffrer tudo o que mais tarde havia de padecer... Assim como no mar se reúnem todas as águas, assim em Jesus Christo se reuniram tôdas as dores; e na verdade, quem olhar para o sagrado corpo de Jesus Christo, não verá senão chagas; quem entrar no seu coração desolado, não achará senão amarguras, que o fazem soffrer as agonias da morte. Foram tão grandes os desejos que ele teve de padecer e morrer por nosso amor, que na véspera da sua Paixão disse para os seus discípulos: “Eu tenho desejado ardentemente comer convosco esta Paschoa”; como se dissera: Sabei que esta noite, em que começa a minha Paixão, é o tempo da minha vida pelo qual eu mais tenho suspirado; é agora que por meus soffrimentos e morte cruel vos farei conhecer o quanto vos amo; por este meio vos obrigarei também a amar-me com o maior excesso [...].¹⁹⁷⁰

No século XXI, a teologia latino-americana da libertação entende que o Belo Monte carece de ser abordado — de modo singular — com outros instrumentos e perspectivas [livres de preconceitos].

Pe. Antonio Vieira, S. J. — “o imperador da língua portuguesa” [Fernando Pessoa] — no “Sermão pelo Bom Sucesso das Armas” reflete:

Não sei se tendes reparado que o primeiro homem que morreu neste mundo fosse Abel. A morte é de fé que entrou no mundo em castigo do pecado: *Per peccatum mors* [Rom. 5, 12], diz S. Paulo. Suposto isto, parece que o primeiro morto havia de ser o primeiro pecador, e não o primeiro inocente. Pois se Abel era o primeiro inocente e Adão o primeiro pecador: por que não quis Deus que fosse o primeiro morto Adão, senão Abel? a razão foi, diz S. Basílio de Selêucia, porque na injustiça, com que a morte se introduziu no mundo, traçava Deus a vitória, com que a havia de lançar dele. O fim para que Deus veio ao mundo foi vencer a morte: se a morte se introduzia por Adão fazia guerra justa aos homens: pois por isso dispôs Deus que a morte começasse tiranicamente pela inocência de Abel, para que sendo da parte

¹⁹⁶⁹ LIMA, R. E. 120 anos após fim da guerra de Canudos participação indígena no conflito ainda é menosprezada. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 27 de outubro de 2017. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,120-anos-apos-fim-da-guerra-de-canudos-participacao-indigena-no-conflito-ainda-e-menosprezada,70002062930>>. Acesso em 27 de outubro de 2017.

¹⁹⁷⁰ COUTO, M. J. G. Meditação 20ª: da Paixão de Jesus Christo. In: _____. *Missão Abreviada*. 6. ed. Porto: Typographia de Sebastião José Pereira, 1868, p. 120.

da morte injusta a guerra, ficasse da parte de Cristo segura a vitória. Tão certa é a vitória na justiça da causa, que o mesmo Deus parece que não podia vencer a morte, se ela nos fizera guerra justa [...].¹⁹⁷¹

Jesus Cristo — crucificado — morreu clamando: “[..] ‘*Eloi, Eloi, lamá sabachtáni*’ que, traduzido, significa: “*Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?*”.¹⁹⁷² Na teologia latino-americana, vale realçar o clamor do poeta — mineiro — Carlos Drummond de Andrade:

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
e sabias que eu era fraco.¹⁹⁷³

“[...] ‘Dei’stá’ [...]”,¹⁹⁷⁴ a esperança é o patrimônio [maior-único] dos pobres [oprimidos], “[...] da gente menos gente de quantos nasceram no mundo [...]”¹⁹⁷⁵ — “O Amor que move o Sol e as mais estrelas”.¹⁹⁷⁶

Baleia queria dormir. Acordar feliz, num mundo cheio de preás. E lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolaria com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.¹⁹⁷⁷

“Durmo e desdurmo”. Do outro lado de mim, lá para trás de onde jazo, o silêncio da casa toca no infinito [...].¹⁹⁷⁸ Portanto, “[...] vou-me embora pra Pasárgada [...]”.¹⁹⁷⁹ Por sorte, Franz Kafka recorda-nos —

¹⁹⁷¹ VIEIRA, A. Sermão pelo Bom Sucesso de Nossas Armas, V. In: _____. *Sermões*: Padre Antônio Vieira. Tomo 2. São Paulo: Hedra, 2014.

¹⁹⁷² BÍBLIA, N. T. Marcos. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 15, vers. 33-34.

¹⁹⁷³ ANDRADE, C. D. Poema de sete faces. In: _____. *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 19.

¹⁹⁷⁴ ROSA, J. G. *Grande sertão*: Veredas. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 361.

¹⁹⁷⁵ VIEIRA, A. Sermão da Epifania, IV. In: _____. *Sermões*: Padre Antônio Vieira. São Paulo: Hedra, 2014.

¹⁹⁷⁶ ALIGHIERI, D. *A Divina Comédia* — Paraíso, Canto XXXIII, 145. In: _____. *A Divina Comédia*. Trad. Italo Eugenio Mauro. 4. ed. São Paulo: 34, 2017.

¹⁹⁷⁷ RAMOS, G. *Vidas Secas*. 94. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2004, p. 91.

¹⁹⁷⁸ PESSOA, F. *Livro do Desassossego*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/vo000008.pdf>>. Acesso em 17 de setembro de 2015, p. 68.

¹⁹⁷⁹ BANDERIA, M. *Testamento de Pasárgada*. 3. ed. São Paulo: Global, 2014, p. 32.

teólogos latino-americanos *in statu viae* — de que, de fato, “[...] esta viagem é realmente imensa”.¹⁹⁸⁰ No Cântico dos Cânticos, lê-se:

Eu dormia,
Mas meu coração velava
e ouvi o meu amado que batia:
“Abre, minha irmã, minha amada,
pomba minha sem defeito!
Tenho a cabeça molhada,
meus cabelos gotejam de orvalho!”¹⁹⁸¹

No dizer de Karl Rahner, “as supremas possibilidades não passam de ser promessa” [...].¹⁹⁸² Nossa palavra — enraizada no chão da América Latina e do Caribe — é mais do que um pensamento: é um pensamento encarnado.¹⁹⁸³ Nós pensamos — como uma criança que *espera por algo* pergunta para a sua mãe: “— Mamãe, agora já é amanhã?” — que em religião e modernidade está lançada a semente de uma reflexão crítica do Estado na contemporaneidade, sob o enfoque de Edith Stein.

[...] Eis que o semeador saiu para semear. E ao semear, uma parte da semente caiu à beira do caminho e as aves vieram e a comeram. Outra parte caiu em lugares pedregosos, onde não havia muita terra. Logo brotou, porque a terra era pouco profunda. Mas, logo surgiu o sol, queimou-se e, por não ter raiz, secou. Outra ainda caiu entre os espinhos. Os espinhos cresceram e a abafaram. Outra parte, finalmente, caiu em terra boa e produziu fruto, uma cem, outra sessenta e outra trinta. Quem tem ouvidos, ouça!”¹⁹⁸⁴

No século XXI, a investigação “*O Estado em Edith Stein: uma reflexão onto-teológico-política da ‘comunidade estatal’ na contemporaneidade*” — talhada e esculpida sob a perspectiva da teologia latino-americana da libertação — intenciona: “[...] fazer nascer obras,

¹⁹⁸⁰ KAFKA, F. A Partida. In: _____. *Narrativas do espólio*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 141.

¹⁹⁸¹ BÍBLIA, V. T. Cântico dos Cânticos. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 5, vers. 2.

¹⁹⁸² RAHNER, K. *Escritos de teología III*. Trad. J. Molina, L. Ortega, A. P. Sánchez Pascual, E. Lator, PP. L. Maldonado, J. Blajot, S.J., A. Álvarez Bolado, S. J. e Jesús Aguirre. 2. ed. Madrid: Cristiandad, 2002, p. 307:

“Las supremas posibilidades no pasan de ser promesa [...]”. [Tradução livre].

¹⁹⁸³ RAHNER, K. *Escritos de teología III*. Trad. J. Molina, L. Ortega, A. P. Sánchez Pascual, E. Lator, PP. L. Maldonado, J. Blajot, S.J., A. Álvarez Bolado, S. J. e Jesús Aguirre. 2. ed. Madrid: Cristiandad, 2002.

¹⁹⁸⁴ BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 13, vers. 3-9.

sempre obras!”.¹⁹⁸⁵ Insistimos, pois, em que *soberania* — *condicio sine qua non* — está para o Estado assim como a *liberdade* está para a pessoa humana, singularmente considerados. Historicamente, o pecado mais terrível é não ter amado os indivíduos, *como eles são*.

Se a ti, vizinho Deus, eu incomodo às vezes

com rude batimento no meio da noite,
é que quando em quando te ouço respirar
e sei que estás sozinho no salão.
E, se careces de algo, lá não há ninguém
que te ofereça um gole às mãos tateantes...
Sempre atento estou eu: ao menor sinal teu
eu estou muito perto.

Só existe entre nós uma fina parede,
por acaso: se houvesse, por acaso,
de tua boca ou da minha algum chamado,
ele se desfaria
sem alarde ou ruído.

De imagens tuas ela é toda feita:
imagens que em tua frente se põem — nomes.
E, tão logo se acende em mim a luz
com que te reconhece a profundidade minha,
ela some como um reflexo na moldura.

E meus sentidos, que em pouco se debilitam,
desligados de ti — ficam sem pátria.¹⁹⁸⁶

“O Verbo de Deus se fez *homem* [...]”.¹⁹⁸⁷ Neste campo, é como diz Gustavo Gutiérrez: “[...] é longa a estrada a ser percorrida [...]”.¹⁹⁸⁸

Quero fugir ao mistério
Para onde fugirei?
Ele é a vida e a morte
Ó Dor, aonde me irei?¹⁹⁸⁹

Escute-se: “[...] somos mortais, morremos [...]”.¹⁹⁹⁰ Magistralmente, interroga-nos Desmond Tutu: “[...] Hitler pensava que tinha muito poder.

¹⁹⁸⁵ TERESA DE ÁVILA, S. 7 Moradas 4,6. In: _____. *Moradas do castelo interior*. Trad. Manuel de Lucena. 260. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

¹⁹⁸⁶ RILKE, R. M. *O livro de horas*. Trad. Geir Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993, p. 20.

¹⁹⁸⁷ RAHNER, K. *Escritos de teologia IV*. Trad. J. Molina, L. Ortega, A. P. Sánchez Pascual, E. Lator, PP. L. Maldonado, J. Blajot, S.J., A. Álvarez Bolado, S. J. e Jesús Aguirre. 2. ed. Madrid: Cristiandad, 2002, p. 133:

“El Verbo de Dios se ha hecho *hombre* [...]”. [Tradução livre].

¹⁹⁸⁸ GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação: perspectivas*. Trad. Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva e Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 19.

¹⁹⁸⁹ PESSOA, F. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998, p. 423.

¹⁹⁹⁰ CATARINA DE SENA, S. Carta 3, 4. In: _____. *Cartas completas*. Trad. Frei João Alves Basílio, O. P. São Paulo: Paulus, 2016.

Onde está Hitler agora? [...]”.¹⁹⁹¹ Por conseguinte, indaga-nos: “[...] Mussolini achava que tinha muito poder. Onde ele está hoje? [...]”.¹⁹⁹²

Nossa Senhora dos Aflitos!

Creio no Espírito Santo,
na Santa Igreja católica,
na comunhão dos santos,
na ressurreição da carne,
na vida eterna.
Amém.¹⁹⁹³

Nestes últimos momentos, acudiu-nos Adélia Prado com estas palavras — “[...] que são mais para sentir do que para dizer”:¹⁹⁹⁴

Um trem-de-ferro é uma coisa mecânica,
Mas atravessa a noite, a madrugada, o dia
Atravessou minha vida,
Virou só sentimento.¹⁹⁹⁵

Existimos, logo pensamos [aliviados]:

Ai de mim! Da filosofia,
Medicina, jurisprudência,
E, mísero eu! da teologia,
O estudo fiz, com máxima insistência.
Pobre simplório, aqui estou eu.
E sábio como dantes sou!
De doutor tenho o nome e mestre em artes,
E levo dez anos por estas partes,
Pra cá e lá, aqui ou acolá, sem diretriz,
Os meus discípulos pelo nariz.
E vejo-o, não sabemos nada!¹⁹⁹⁶

O mais que isto
É Jesus Cristo,
Que não sabia nada de finanças
Nem consta que tivesse biblioteca...¹⁹⁹⁷

¹⁹⁹¹ TUTU, D. *Deus não é cristão e outras provocações*. Trad. Lilian Jenkino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012, p. 97.

¹⁹⁹² TUTU, D. *Deus não é cristão e outras provocações*. Trad. Lilian Jenkino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012, p. 97.

¹⁹⁹³ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 9. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes; São Paulo: Ave-Maria, Loyola, Paulinas, Paulus, 1993, CIC 184.

¹⁹⁹⁴ TERESA DE ÁVILA, S. 7 *Moradas*, 2,1. In: _____. *Moradas do castelo interior*. Trad. Manuel de Lucena. 260. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

¹⁹⁹⁵ PRADO, A. Explicação de poesia sem ninguém pedir. In: _____. *Bagagem*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2003, p. 48.

¹⁹⁹⁶ Cf. GOETHE, J. W. von. Noite. In: _____. **Fausto**: uma tragédia — Primeira parte. Trad. Jenny Klabin Segall. 6. ed. São Paulo: 34, 2016, p. 62.

¹⁹⁹⁷ PESSOA, F. *Eu[s]*: pequena antologia. São Paulo: Pá de Palavra, 2015, p. 17.

REFERÊNCIAS

A FENOMENOLOGIA de Edith Stein: o Homem como coisa material e o organismo vivo. DVD 2. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005, 2 DVDs. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

A FENOMENOLOGIA de Edith Stein: a alma animal e o homem. DVD único. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

A SÉTIMA morada: Santa Edith Stein. Direção: Marta Meszaros. Produção: Paulinas Comep. São Paulo: Paulinas, 2006, 1 DVD.

ADORNO, T. W. *Educação e Emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

AGOSTINHO, S. *Confissões*. 11. ed. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1992, X, 27.

_____. *A Trindade*. Trad. Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1995.

AGUIAR, N. [org.]. *Mostra do redescobrimento: carta de Pero Vaz de Caminha — letter from Pero Vaz de Caminha*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo/Associação Brasil 500 Anos, 2000.

ALBUQUERQUE JR, D. M. de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4. ed. Recife: FJN; Massangana; São Paulo: Cortez, 2009.

ALEMANHA. *Die Verfassung des Deutschen Reichs ["Weimarer Reichsverfassung"]*. Disponível em: <<http://www.documentarchiv.de/wr/wrv.html>>. Acesso em 14 de agosto de 2018.

ALENCAR, F. S. de. Apresentação. In: ASSARÉ, P. do. *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*. 17. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2014.

ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru [SP]: EDUSC, 2000.

_____. *Edith Stein: A paixão pela verdade*. Curitiba: Juruá, 2014.

_____. *Introdução à Fenomenologia*. Trad. Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru [SP]: EDUSC, 2006.

_____. *Edith Stein: a paixão pela verdade*. Trad. José J. Queiroz. Curitiba: Juruá, 2014.

_____. *Pessoa e comunidade: comentários — psicologia e ciências do espírito*. Trad. Ir. Jacinta Turolo Garcia. Belo Horizonte: Artesã, 2015.

_____. *Edmund Husserl: pensar Deus, crer em Deus*. Trad. Aparecida Turolo Garcia e Márcio Luiz Fernandes. São Paulo: Paulus, 2016.

_____. *Introdução à Fenomenologia*. Trad. Ir. Aparecida [Jacinta] Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Belo Horizonte: Spes, 2017.

ALES BELO, A.; BARREIRA, C.; SAVIAN FILHO, J. [orgs.]. *Empatia: Edmund Husserl e Edith Stein: Apresentações Didáticas*. São Paulo: Loyola, 2014.

ALES BELLO, A. & PEZZELLA, A. M. *Edith Stein: comunità e mondo della vita — società, diritto, religione*. Città del Vaticano: Lateran University Press, 2008.

ALFIERE, F. *Pessoa humana e singularidade em Edith Stein: uma nova fundação da antropologia filosófica*. Trad. Clio Francesca Tricarico. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. *A presença de Duns Escoto no pensamento de Edith Stein*. Trad. Juvenal Savian Filho e Clio Francesca Tricarico. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ALIGHIERI, D. *A Divina Comédia — Inferno*. Trad. Italo Eugenio Mauro. 4. ed. São Paulo: 34, 2017.

_____. *A Divina Comédia — Purgatório*. Trad. Italo Eugenio Mauro. 4. ed. São Paulo: 34, 2017.

_____. *A Divina Comédia — Paraíso*. Trad. Italo Eugenio Mauro. 4. ed. São Paulo: 34, 2017.

ALLI, L. É golpe e estamos em luta! In: JINKINGS, I. [Et al]. [Org]. *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2016.

ALMEIDA, E. *Assim como Nossos Pais? Possibilidades de Reinvenção nas Relações de Conjugalidade*. 2016. 386 f. Tese [Doutorado em Psicologia]. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC Minas, Belo Horizonte [MG], 2016.

ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos de Estado: Nota sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado [AIE]*. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

ALVES, C. O Navio Negreiro. In: _____. *O Navio Negreiro e Vozes d'África*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2013.

_____. Vozes d'África. In: _____. *O Navio Negreiro e Vozes d'África*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2013.

ALVES, V. H. [Et al]. *Cuidado ético do outro: contribuições de Edith Stein e Max Scheler*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v22n2/pt_1414-8145-ean-22-02-e20170382.pdf>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

AMADO, J. *Tieta do Agreste*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria — romance baiano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

AMADO, J. P. Entre Deus e Darwin: contenda ou desenvolvimento? A respeito dos desafios que o pensamento evolucionista apresenta para a compreensão de Deus e vice-versa. In: RUBIO, A. G. & AMADO, J. P. *Fé*

cristã e o pensamento evolucionista: aproximações teológico-pastoriais a um tema desafiador. São Paulo: Paulus, 2012.

ANDRADE, C. D. de. José. In: _____. *Poesia Completa & Prosa.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.

_____. *Antologia poética.* São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. Mulher eleitora. In: _____. *Boitempo: esquecer para lembrar.* São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ANDRADE, P. F. C. de. *Capitalismo e socialismo: diálogo entre a doutrina social da Igreja e a teologia da libertação.* São Paulo: Loyola, 1993.

_____. O reconhecimento da teologia como saber universitário: tensões e articulações entre as dimensões confessional e profissional. In: SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D. [orgs.]. *Teologia pública: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica.* São Paulo: Paulinas, 2011.

ANTROPOLOGIA e clínica a partir da ética: a dimensão suprapessoal da pessoa — o registro comunitário. Aula 1 — DVD 1 — A vida em comunidade. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2007, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

ANTROPOLOGIA e clínica a partir da ética: a dimensão suprapessoal da pessoa — o registro comunitário. Aula 1 — DVD 2 — A vida em comunidade. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2007, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

ANTROPOLOGIA e clínica a partir da ética: a dimensão suprapessoal da pessoa — o registro comunitário. Aula 2 — DVD único — Tipos, comunidade e associação. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2007, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

ANTROPOLOGIA e clínica a partir da ética: a dimensão suprapessoal da pessoa — o registro comunitário. Aula 3 — DVD único — O povo como comunidade. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2007, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

ANTROPOLOGIA e clínica a partir da ética: a dimensão suprapessoal da pessoa — o registro comunitário. Aula 4 — DVD único — Caráter do povo e experiência de valor. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2007, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

ANTROPOLOGIA e clínica a partir da ética: a dimensão suprapessoal da pessoa — o registro comunitário. Aula 5 — DVD 1 — Síntese do percurso de Edith Stein e conclusões. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2007, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

ANTROPOLOGIA e clínica a partir da ética: a dimensão suprapessoal da pessoa — o registro comunitário. Aula 5 — DVD 2 — Síntese do percurso

de Edith Stein e conclusões. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2007, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

ANTÚNEZ, A. E. A. A corporeidade na fenomenologia de Edith Stein. In: LANGE, E. S. N.; TARDIVO, L. S. P. C. [org.]. *Corpo, alteridade e sintoma: diversidade e compreensão*. São Paulo: Vetor, 2011.

ARAYA GÓMEZ, G. *Crónica del I Simposio sobre Edith Stein “Hacia la pregunta por la mujer”*. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/tv/v51n1-2/art12.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

ARBEX, D. *Holocausto Brasileiro: Genocídio — 60 mil mortos no maior hospício do Brasil*. São Paulo: Geração, 2013.

ARENDT, H. *Origens do totalitarismo: anti-semitismo, instrumento de poder — uma análise estética*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Documentário, 1975.

_____. *The Life of Mind*. Nova York: Harcourt; Brace; Jovanovich, 1978.

_____. *Homens em tempos sombrios*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Responsabilidade e julgamento*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. *A vida do espírito*. Trad. Cesar Augusto de Almeida, Antônio Abranches e Helena Martins. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

ARISTÓTELES. *Metafísica: Livros I e II*. Trad. Vincenzo Cocco. *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. *Ética a Nicômaco; Poética*. Trad. Leonel Vallandro, Gerd Bornheim e Eudoro de Souza. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

_____. *Metafísica*. Trad. Giovanni Reale e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *A Constituição dos Atenienses*. Trad. Delfim Ferreira Leão. Lisboa: Calouste Gulbekian, 2003.

_____. *De anima: Livros I, II e III*. Trad. Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: 34, 2006.

_____. *A política*. Trad. Nestor Silveira Chaves. 2. ed. Bauru [SP]: EDIPRO, 2009.

_____. *A Política*. Trad. Nestor Silveira. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.

_____. *Econômicos*. Trad. Delfim F. Leão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

ARROYO, L. *Pero Vaz de Caminha: Carta a El Rey D. Manuel*. São Paulo: Dominus, 1963.

ASSARÉ, P. *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*. 17. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2014.

ASSIS, M. de. *O Alienista*. In: _____. *Obra Completa*. Vol. II, Conto e Teatro. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.

AZEREDO, J. *A concepção de ser finito e ser eterno de Edith Stein*. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Centro Universitário de Brusque — UNIFEBE, Brusque [SC], 2005.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Trad. Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BALLESTEROS, J. C. P. *Aristóteles y la Comunidad Política*. Santa Fe: Universidad Católica de Santa Fe, 2011.

BANDEIRA, M. Gabriel Cacho. In: CACHO, G. *Edith Stein na câmara de gás*. Trad. Manuel Bandeira. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1965.

_____. Dedicatória. In: CACHO, G. *Edith Stein na câmara de gás*. Trad. Manuel Bandeira. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1965.

_____. O bicho. In: _____. *Belo belo*. São Paulo: Global, 2014.

_____. *Estrela da vida inteira*. 20. ed. Rio Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

_____. *Testamento de Pasárgada*. 3. ed. São Paulo: Global, 2014.

_____. *Estrela da manhã*. 3. ed. São Paulo: Global, 2012.

BARCELOS, D. A. *Edith Stein: da fenomenologia à mística*. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Universidade Federal de São João Del Rey — UFSJ, São João Del Rey [MG], 2009.

BAREA, R. *O Tema da Empatia em Edith Stein*. 2015. 117f. Dissertação [Mestrado em Filosofia]. Universidade Federal de Santa Maria — UFSM, Santa Maria [RS], 2015.

BARRETO, L. *O conhecimento da cruz em Edith Stein*. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Faculdade São Luiz, Brusque [SC], 2003.

BARROS, M. *Dom Helder Câmara: profeta para os nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2011.

BARROW, J. & TIPLER, F. *The Anthropic Cosmological Principle*. Oxford: Clarendon Press, 1986.

BARROS, L. G. *Por que existem o mal e o sofrimento humano?* Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/cordel/5275586>>. Acesso em: 14 de setembro de 2016.

BARTH, K. *God Here and Now*. New York: Routledge, 2003.

BATAILLE, G. *Teoria da religião*: seguida de um esquema de história das religiões. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BASTOS, D. M. *O pensamento filosófico de Edith Stein*: a presença da mulher na filosofia. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Centro Universitário Salesiano — UNISAL, Lorena [SP], 2009.

BAUMAN, Z. *Modernidade e Holocausto*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *Comunidade*: a busca por segurança no mundo atual. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *Europa*: uma aventura inacabada. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BAVARESCO, G. *A concepção de espírito em Edith Stein*: um estudo a partir da obra *Der Aufbau der menschlichen Person*. Trabalho de Conclusão de Curso, Departamento de Filosofia, Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 2013.

BEJAS, A.; SPITZLEI, S. Catálogo y descripción de los archivos que guardan y publican las obras de Edith Stein. In: STEIN, E. *Los caminos del silencio interior*. Trad. Andrés Bejas e Sabine Spitzlei. 5. ed. Buenos Aires, 2007.

BENÍCIO, M. “O Rei dos Jagunços: crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos”. In: AZEVEDO, S. M. *O Rei dos Jagunços de Manoel Benício*: entre a ficção e a história. São Paulo: EDUSP, 2003.

_____. *O Rei dos Jagunços*: crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos, documentada e comentada por Manuel Benício, ex-correspondente do *Jornal do Commercio* junto às forças legais contra Antônio Conselheiro. Rio de Janeiro: Tipografia do *Jornal do Comercio*, 1899.

BENTO XVI, P. *Audiência geral*: o homem em oração – os “oásis” do espírito. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110810.pdf>. Acesso em: 22 de novembro de 2018.

_____. **Bento XVI**: amor explica mistério da Trindade — intervenção por ocasião do Ângelus. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/bento-xvi-amor-explica-misterio-da-trindade/>>. Acesso em 04 de março de 2019.

BERRÍOS, F. *Eucaristía y praxis cristiana*: reflexiones en diálogo con Edith Stein. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/tv/v59n3/0717-6295-tv-59-03-0329.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

_____. ANTONIO CALCAGNO [ED.], *Edith Stein*: Women, Social-political philosophy, Theology, Metaphysics and Public History. *New Approaches and Applications*. Boston Studies in Philosophy, Religion and Public Life, Volume 4, Springer, Heidelberg-New York-Dordrecht-London 2016.

Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/tv/v57n3/art05.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

_____. *El yo como "espíritu" [Geist] en la antropología de Edith Stein y de Karl Rahner*. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/tv/v58n1/art05.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

_____. *Iglesia, sacramento y celebración pública a la luz de la teoría del Estado de Edith Stein*. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0049-34492017000300339&lang=pt>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

BERKOUWER, G. C. *A pessoa de Jesus*. Trad. A. Zimmermans e P. G. Hollanders. 2. ed. Sao Paulo: ASTE, 2011.

BETTO, F. *Ofício de escrever*. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.

BEZERRA, E. *A trinca do Curvelo: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008.

BICUDO, M. A. V. *Edith Stein e a psicologia — teoria e pesquisa*. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicodrama/v22n1/n1a15.pdf>>. Acesso em: 22 de novembro de 2018.

BICUDO, M. A. V. & ESPÓSITO, V. H. C. [org.]. *Pesquisa qualitativa em educação*. 2. ed. Piracicaba, SP: UNIMEP, 1997.

BILAC, O. *Poesia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1959.

BINGEMER, M. C. Prefácio. In: AQUINO, M. P. *Nosso clamor pela vida: teologia latino-americana a partir da perspectiva da mulher*. Tard. Rodrigo Contrera. São Paulo: Paulinas, 1996.

_____. Edith Stein: profetisa do amor inclusivo. In: BINGEMER, M. C. L.; YUNES, E. [Orgs]. *Profetas e profecias*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Teologia latino-americana: raízes e ramos*. Trad. Suzana Regina Moreira. Petrópolis [RJ]: Vozes; Rio de Janeiro, RJ: PUC-Rio, 2017.

_____. *Um rosto para Deus?* São Paulo: Paulus, 2005.

BOBBIO, N. *Estado, governo, sociedade: fragmentos de um dicionário político*. Trad. Marco Aurélio Nogueira. 20. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2017.

BÖCKENFÖRDE, E. W. *Staat und Gesellschaft*. Wissenschaftliche Buchgesellschaft: Darmstadt, 1976.

BOFF, C. *Teoria do método teológico*. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1998.

_____. *Teoria do método teológico: versão didática*. 6. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2014.

BOFF, L. *O Destino do Homem e do Mundo: ensaio sobre a vocação humana*. 6. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1982.

_____. *Jesus Cristo Libertador*. 21. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2012.

BOAL, A. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

BONHOEFFER, D. *A comunhão dos santos: uma investigação dogmática sobre a sociologia da igreja*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo [RS]: Sinodal; EST, 2017.

BRANDSMA, T. Interrogatório. In: DÖLLE, C. *O caminho e Tito Brandsma: prisioneiro no tempo de Hitler*. Trad. Gabriel Haamberg. Belo Horizonte: O Lutador, 2014.

BRASIL. *Constituição de 1891*. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1824-1899/constituicao-35081-24-fevereiro-1891-532699-publicacaooriginal-15017-pl.html>>. Acesso em 02 de julho de 2018.

_____. *Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931*. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 24 de outubro de 2018.

_____. *Decreto nº 19.852, de 11 de abril de 1931*. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19852-11-abril-1931-510363-republicacao-85622-pe.html>>. Acesso em 24 de outubro de 2018.

_____. *Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932*. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21076-24-fevereiro-1932-507583-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 02 de julho de 2018.

_____. *Decreto nº 5.513, de 4 de abril de 1935*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000083&pid=S0104-5970201200020001700003&lng=pt>. Acesso em 24 de outubro de 2018.

_____. *Lei nº 452, de 5 de julho de 1937*. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-452-5-julho-1937-398060-norma-pl.html>>. Acesso em 24 de outubro de 2018.

_____. *Decreto-Lei nº 1.063, de 20 de janeiro de 1939*. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1063-20-janeiro-1939-349215-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 24 de outubro de 2018.

_____. *Decreto-lei n.º 2.848, de 7 de dezembro de 1940*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm>. Acesso em 18 de novembro de 2018.

_____. *Decreto 8.681, de 15 de janeiro de 1946*. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8681-15-janeiro-1946-416552-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

_____. *Decreto-Lei nº 9.632, de 22 de agosto de 1946*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del9632.htm>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

_____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº. 4.024*. Brasília, DF: MEC, 1961.

_____. *Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971*. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em 14 de novembro de 2018.

_____. *Constituição Brasileira [1988]. Constituição da República Federativa do Brasil*: Promulgada em 05 de outubro de 1988. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

_____. *Portaria Ministerial 2.264, de 19 de dezembro de 1997*. Disponível em: <<https://capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/avaliacao-n/2342014-Portaria-MEC-n-2264-1997.pdf>>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

_____. *Portaria 1.418, de 23 de dezembro de 1998*. Disponível em: <<https://capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/avaliacao-n/2342014-PortariaMEC-n-1418-1998.pdf>>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

_____. *Parecer CNE/CES nº 241, de 15 de março de 1999*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1999/pces241_99.pdf>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

_____. *Parecer CNE/CES nº 505, de 19 de maio de 1999*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1999/pces505_99.pdf>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

_____. *Parecer CNE/CES n.º 0063, de 19 de fevereiro de 2004*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pces0063_04.pdf>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

_____. *Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm>. Acesso em 14 de novembro de 2018.

_____. *Parecer CNE/CES nº 118/2009, de 6 de maio de 2009*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pces118_09.pdf>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

_____. *Parecer CNE/CES nº 51, de 9 de março de 2010*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5272-pces051-10&category_slug=maio-2010-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

_____. *Resolução CNE/CES nº 4, de 16 de setembro de 2016*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=48421-rces004-16-pdf&category_slug=setembro-2016-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

BRASIL, A. *Os que bebem como os cães*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1975.

BRENTANO, F. *Religion und Philosophie*. Bern: A. Francke, 1954.

BROCH, H. *The guiltless*. Trad. Ralph Manheim. Londres: Quartet, 1990.

BOTERO, Á. U. *Palabrerío y empatía*. Sobre Memoria por correspondencia de Emma Reyes. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/ef/n54/0121-3628-ef-54-00009.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

BUARQUE, C.; GIL, G. *Cálice*. Disponível em: <<https://twitter.com/ArquivoBrasil/status/479229905339953152>>. Acesso em: 14 de junho de 2019.

BUBER, M. *Sobre comunidade*. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. *Eclipse de Dios*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

_____. *Eu e tu*. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Cortez & Moraes, 1977.

_____. *Imagens do bem e do mal*. Trad. Editora Vozes LTDA. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1992.

BUSSOLOTI, M. A. F. M. [org.]. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

CABALLERO BONO, J. L. *En torno a la hermenéutica blanca de Ser y Tiempo en Edith Stein*. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/veritas/n27/art05.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

_____. *Ejes transversales del pensamiento de Edith Stein*. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/tv/v51n1-2/art03.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

CACHO, G. *Edith Stein na câmara de gás*. Trad. Manuel Bandeira. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1965.

CALLIA, M. Terra Brasilis: pré-história e arqueologia da psique. In: CALLIA, M.; OLIVEIRA, M. F. de. [orgs.]. *Terra Brasilis: pré-história e arqueologia da psique*. São Paulo: Paulus, 2006.

CÂMARA, D. H. A eucaristia, exigência da justiça social. In: BOSELLI, G. *O sentido espiritual da liturgia*. Trad. Monjas Carmelitas Descalças do Mosteiro Santa Teresa de São Paulo. Brasília: CNBB, 2014.

CAMINHA, P. V. de. *Carta de Pêro Vaz de Caminha*: Terra de Vera Cruz [Brasil], 1 de maio de 1500. Portugal: Torre do Tombo, Gavetas, gaveta 8, mç. 2, doc. 8.

CAMPOS, N. *O Método Fenomenológico na Psicologia*. 96f. Tese de Concurso apresentada à Cátedra, Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, 1945.

CAMUNS, A. *O mito de Sísifo*. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2004.

_____. *O homem revoltado*. Trad. Valerie Rumjanek. 11. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2017.

_____. *O avesso e o direito*. Trad. Valerie Rumjanek. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

CANÁRIO, E. *Os mal-aventurados de Belo Monte*. Salvador: ACB, 2005.

CAPES. *Catálogo de Teses e Dissertações*. Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>>. Acesso em 14 de novembro de 2018.

CARDOSO, C. de R. D. *Contribuições de Edith Stein para a Epistemologia das Ciências e para a Psicologia Científica*. 2012. 152 f. Dissertação [Mestrado em Psicologia]. Universidade de São Paulo — USP, Ribeirão Preto, 2012.

CARDOSO, C. L.; SILVA, N. H. L. P. da. *Contribuições da fenomenologia de Edith Stein para a atuação do psicólogo nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família [NASF]*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v16n2/05.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

CARMO, J. R. *A empatia em Edith Stein como fundamento de uma ética da vida coletiva*. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Universidade Católica de Petrópolis — UCP, Petrópolis [RJ], 2013.

CARNEIRO, S. F. B. *Vivência Comunitária em Edith Stein. Kairós*. Disponível em: <<http://www.catolicadefortaleza.edu.br/wp-content/uploads/2013/12/08-Suzana-Filizola-Viv%C3%Aancia-comunit%C3%A1ria-em-Edith-Stein-ok-pags.-271-a-288.pdf>>. Acesso em: 04 de setembro de 2016.

CARNEIRO, S. F. B. *A Formação Humana em Contexto de Violência: Uma Compreensão Clínica a partir da Fenomenologia de Edith Stein*. 2016. 318 f. Tese [Doutorado em Psicologia Clínica]. Universidade de São Paulo — USP, São Paulo [SP], 2016.

CARTOLANO, M. T. P. *Filosofia no ensino de 2º grau*. São Paulo: Cortez, 1985.

CARVALHO, R. S. T. de. *Análise sobre a visão de Edith Stein e Paulo Freire sobre a mulher educadora*. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Pedagogia, Faculdade Bandeirantes — FABAN, Ribeirão Preto [SP], 2010.

CASALDÁLIGA, P. *Antologia retirante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CASARA, R. R. R. *Estado pós-democrático: neo-obscuratismo e gestão dos indesejáveis*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CATARINA DE SENA, S. *Cartas completas*. Trad. Frei João Alves Basílio, O. P. São Paulo: Paulus, 2016.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 9. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes; São Paulo: Ave-Maria, Loyola, Paulinas, Paulus, 1993.

CAVALIERI, E. *Via a-teia para Deus e a ética teleológica a partir de Edmund Husserl*. Vitória: EDUFES, 2013.

CHAMBERLAIN, H. S. *Foundations of the Nineteenth Century*. New York: Howard Fertig, 1968.

CHARDIN, P. T. de. *O fenômeno humano*. Trad. José Luiz Archanjo. São Paulo: Cultrix, 2006.

CHAUÍ, M. A nova classe trabalhadora brasileira e a ascensão do conservadorismo. In: JINKINGS, I. [Et al]. [Org]. *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2016.

CHRISTIAN, F. *Edith Stein: Judia, Ateia e Monja*. Bauru [SP]: EDUSC, 2001.

CHAUÍ, M. de. S. Vida e Obra. HUSSERL, E. *Investigações Lógicas: Sexta Investigação [Elementos de uma Elucidação Fenomenológica do Conhecimento]*. Trad. Zeljko Loparic e Andréa Maria Altino de Campos Loparic. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

COARACY, V. *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.

COELHO JUNIOR, A. G. *As especificidades da comunidade religiosa: pessoa e comunidade na Obra de Edith Stein*. 2006. 167 f. Dissertação [Mestrado em Psicologia]. Universidade Federal de Minas Gerais — UFMG, Belo Horizonte [MG], 2006.

_____. *Autenticidade e corporeidade na obra de Edith Stein*. 2018. 252 f. Tese [Doutorado em Psicologia]. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo — USP, Ribeirão Preto [SP], 2018.

COELHO JÚNIOR, A. G.; BARREIRA, C. R. A. *Formação da personalidade autêntica e corporeidade à luz de Edith Stein*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v29n3/1678-5177-pusp-29-03-345.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

COLLINS, F. S. *A linguagem de Deus*. 4. ed. São Paulo: Gente, 2007.

COLOMBO, C. *Documento 9, Diários da primeira viagem à América, outubro a dezembro de 1492*.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática Lumen Gentium: sobre a Igreja. In: _____. *Compêndio do Vaticano II: Constituições. Decretos. Declarações*. 29. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2000.

_____. Constituição Dogmática “Dei Verbum” sobre a revelação divina. In: _____. *Compêndio do Vaticano II: Constituições. Decretos. Declarações*. 29. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2000.

_____. Constituição Pastoral “Gaudium et Spes” sobre a Igreja no mundo de hoje. In: _____. *Compêndio do Vaticano II: Constituições. Decretos. Declarações*. 29. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2000.

_____. Constituição Pastoral “Sacrosanctum Concilium” sobre a sagrada liturgia. In: _____. *Compêndio do Vaticano II: Constituições. Decretos. Declarações*. 29. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2000.

_____. Decreto “Orientalium Ecclesiarum” sobre as igrejas orientais católicas. In: _____. *Compêndio do Vaticano II: Constituições. Decretos. Declarações*. 29. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2000.

_____. Decreto “Unitatis Redintegratio” sobre o ecumenismo. In: _____. *Compêndio do Vaticano II: Constituições. Decretos. Declarações*. 29. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2000.

_____. Decreto “Ad Gentes” sobre a atividade missionária da Igreja. In: _____. *Compêndio do Vaticano II: Constituições. Decretos. Declarações*. 29. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2000.

_____. Decreto “Christus Dominus” sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja. In: _____. *Compêndio do Vaticano II: Constituições. Decretos. Declarações*. 29. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2000.

_____. Decreto “Presbyterorum Ordinis” sobre o ministério e a vida dos presbíteros. In: _____. *Compêndio do Vaticano II: Constituições. Decretos. Declarações*. 29. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2000.

_____. Decreto “Perfectae Caritatis” sobre a atualização dos religiosos. In: _____. *Compêndio do Vaticano II: Constituições. Decretos. Declarações*. 29. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2000.

_____. Decreto “Optatam Totius” sobre a formação sacerdotal. In: _____. *Compêndio do Vaticano II: Constituições. Decretos. Declarações*. 29. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2000.

_____. Decreto “Apostolicam Actuositatem” sobre o apostolado dos leigos. In: _____. *Compêndio do Vaticano II: Constituições. Decretos. Declarações*. 29. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2000.

_____. Decreto “Inter Verifica” sobre os meios de comunicação social. In: _____. *Compêndio do Vaticano II: Constituições. Decretos. Declarações*. 29. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2000.

_____. Declaração “Gravissimum Educationis” sobre a educação cristã. In: _____. *Compêndio do Vaticano II: Constituições. Decretos. Declarações*. 29. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2000.

_____. Declaração “Dignitatis Humanae” sobre a liberdade religiosa. In: _____. *Compêndio do Vaticano II: Constituições. Decretos. Declarações*. 29. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2000.

_____. Declaração “Nostra Aetate” sobre as relações da igreja com as religiões não-cristãs. In: _____. *Compêndio do Vaticano II: Constituições. Decretos. Declarações*. 29. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2000.

CONSELHEIRO, A. V. M. M. *O santo evangelho de Jesus Cristo segundo São Matheus [e outro manuscritos]*. Bello Monte: 24 de maio de 1895.

_____. *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso senhor Jesus Cristo, para a salvação dos homens*. São Paulo: É Realizações, 2017.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documentos do CELAM: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano: Evangelização no presente e no futuro da América Latina: Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 1986.

_____. *Conferencias Generales del Episcopado Latinoamericano*. Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo. Santafé de Bogotá: CELAM, 1994.

_____. *Documento de Aparecida: Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe [13-31 de maio de 2007]*. Brasília: CNBB; São Paulo: Palinas; Paulus, 2008.

COTTEN, J.-P. *Dictionnaire des phislosofes*. Paris: PUF, 1984.

COULANGES, F. de. *La citè antique*. Paris: Hachette, 1920.

_____. *A cidade antiga: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma*. Trad. Jonas Camargo Leite e Eduardo Fonseca. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

COUTO, M. J. G. *Missão Abreviada*. 6. ed. Porto: Typographia de Sebastião José Pereira, 1868, p. 120.

CRESPO, M. *Aspectos fundamentales del método de Edith Stein*. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/tv/v51n1-2/art04.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

CRITELLI, D. M. *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC; Brasiliense, 1996.

_____. *História pessoal e sentido da vida: historiobiografia*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2016.

CUNHA, E. da. *Os Sertões: Campanha de Canudos — Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão*. São Paulo: Ática, 1998.

DALABENETA, E. *Ontologia Teorrelacional: fundamentos da experiência de Deus na relação com o mundo e com o outro na vida de Edith Stein*. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Faculdade São Luiz, Brusque [SC], 2002.

_____. *O Pensamento Litúrgico de Edith Stein: Contexto — Conceito — Contribuição*. 2013. 121 f. Dissertação [Mestrado em Teologia]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — PUC/SP, São Paulo [SP], 2013.

DALDOCE JÚNIOR, D. O. *O problema da empatia em Edith Stein*. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Faculdade São Luiz, Brusque [SC], 2008.

DELORS, J. *Educação: um tesouro a descobrir*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.

DEMARCHI, L. *A Concepção sobre Ser Humano para o Discente do Curso de Administração: Aproximações com a Fenomenologia de Edith Stein*.

2013. 123 f. Dissertação [Mestrado em Administração]. Universidade Metodista de São Paulo — UMESP, São Bernardo do Campo [SP], 2013.

DI PIERRO, E. G. Mis derechos y los derechos del otro. Réplica a Luis Niel. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/rfoi/v8n13/2395-8936-rfoi-8-13-00033.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

DIAZ L., M. P. *La mujer nace y se hace: una interpretación de la propuesta de Edith Stein*. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0049-34492006000200014&lang=pt>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

_____. *La mujer, expresión de humanidad*. Una propuesta de identidad en el pensamiento de Edith Stein. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/tv/v45n1/art04.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

DÍAZ-MAYORDOMO, J. L. V. *Se presentan en Madrid escritos inéditos de Edith Stein: “una mujer supermoderna”*. Disponível em: <<https://alfayomega.es/199939/se-presentan-en-madrid-escritos-ineditos-de-edith-stein-una-mujer-supermoderna>>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2020.

DONOSO-SABANDO, C. A. *La empatía en la relación médico-paciente como manifestación del respeto por la dignidad de la persona*. Una aportación de Edith Stein. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/pebi/v18n2/v18n2a08.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

DOSTOIÉVSKI, F. *O idiota*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: 34, 2015.

DRUMONT, E. *La Francia judía*. Disponível em: <<https://archive.org/details/LaFranciaJudiaPdf/page/n51>>. Acesso em 14 de novembro 2018.

DUARTE-PLON, L.; MEIRELES, C. *Um homem torturado: nos passos de frei Tito de Alencar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

DUMAS, J.-L. *Histoire de la pensée: philosophies et philosophes*. Paris: Tallandier, 1990.

DUQUE, B. J. *Vida de Edith Stein*: Santa Tresa Benedita de la Cruz. Madrid: San Pablo, 1999.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. Trad. Paulo Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DUSSEL, H. *Teologia da Libertação: um panorama de seu Desenvolvimento*. Trad. Francisco da Rocha Filho. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1999.

ECKHART, M. *Sermões alemães: sermões 61 a 105*. v. 2. Trad. Enio Paulo Giachini. Bragança Paulista [SP]: USF; Petrópolis [RJ]: Vozes, 2008.

ECO, H. *Como se faz uma tese*. Trad. Gilson Cesar de Souza. 24. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

EDITH STEIN — a estrutura da pessoa humana: epistemologia. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005, 2 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

EDITH STEIN: uma vida polifacética. Direção: Maria Clara Lucchetti Bingemer. Produção: Pia Sociedade de São Paulo. São Paulo: Paulus, s/d, 1 DVD. [Coleção Místicos Contemporâneos].

ENGELS, F. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*: Trabalho relacionado com as investigações de L. H. Morgan. Trad. Leandro Konder. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

ROTTERDAM, E. de. *Elogio da Loucura*. Trad. Paulo M. de Oliveira. São Paulo: EDIPRO, 2015.

ESTEVES, B. *Os seixos da discórdia*. Disponível em: <<https://arqueologiaeprehistoria.com/2014/01/10/os-seixos-da-discordia-materia-da-revista-piaui/>>. Acesso em 09 de agosto de 2017.

ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 1 — DVD duplo — Corpo, Imagem e Hilética — Corporeidade e Transcendência na Clínica Contemporânea. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 2 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 2 — DVD duplo — Uma clínica e uma pedagogia a partir de Edith Stein — Porque estudar Edith Stein. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 2 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 3 — DVD duplo — Uma clínica e uma pedagogia a partir de Edith Stein — Implicações para a prática clínica, pedagógica e para as ciências humanas. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 2 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 4 — DVD duplo — Conhecimento, espírito e amor — os eixos principais da condição humana. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 2 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 5 — DVD duplo — Edith Stein — a estrutura da pessoa humana: epistemologia. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 2 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 6 — DVD triplo — A fenomenologia de Edith Stein: o Homem como coisa material e organismo vivo. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos

da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 3 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 7 — DVD triplo — A fenomenologia de Edith Stein: a alma animal e o Homem. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 3 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 8 — DVD triplo — Liberdade: fundamento do humano — Teoria das espécies: a antropologia subjacente. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 3 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 9 — DVD triplo — Liberdade: fundamento do humano — A questão da decisão no Homem. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 3 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 10 — DVD quádruplo — O Ser Humano: corpo, psique e espírito — A alma como forma e como espírito. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 4 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 11 — DVD quádruplo — O Ser Humano: corpo, psique e espírito — O vértice hilético: o sentido contido na materialidade. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 4 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 12 — DVD duplo — Sentidos especificamente humanos — O sentido háptico e o sentido hilético. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 2 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

ESTRUTURA DA PESSOA humana: estudo em Edith Stein. Aula 13 — DVD duplo — A dimensão do espírito no ser humano — Apreensão do sentido originário inerente às coisas e ao Outro. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2005/2006, 2 DVDs. [Série: Contribuições dos grandes místicos para a prática clínica].

ETERNO Judeu, O. Direção: Fritz Hippler. Terra Film, 1940. [62 min].

FABRETTI, V. *Edith Stein: uma vida por amor*. Tard. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

FARIAS, M. R. *A Empatia como Condição de Possibilidade para o Agir Ético*. 2013. 97 f. Dissertação [Mestrado em Filosofia]. Universidade Estadual do Ceará — UECE, Fortaleza [CE], 2013.

FARIAS, V. *Heidegger e o nazismo: moral e política*. Trad. Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FAUSTINO, N. G. *Santidade e humanização: contribuições de Edith Stein para a compreensão e vivência da santidade cristã hoje*. Iniciação científica. Departamento de Teologia, Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/CNPq, 2009.

FÁVERO, M. de L. A. *Universidade e poder*. 2. ed. Brasília: Plano, 2000.

FEATHERS, J.; KIPNIS, R; PILÓ, L; ARROYO, M. & COBLENTZ, D. How old is Luzia? Luminescence dating and stratigraphic integrity at Lapa Vermelha, Lagoa Santa, Brazil. *Geoarchaeology*, 25 [4], 2010.

FERREIRA, D. S. *Empatia: uma história intelectual de Edith Stein 1891-1942*. 2018. 154 f. Dissertação [Mestrado em História]. Instituto Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto — UFOP, Ouro Preto [MG], 2018.

FERNANDES, M. L. *As vivências de imigrantes e de seus descendentes: análise fenomenológica das cartas*. 2007. 200 f. Tese [Doutorado em Psicologia]. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo — USP, Ribeirão Preto [SP], 2007.

_____. *As reflexões de Conrad-Martius e Edith Stein sobre as Ciências Humanas e as Ciências da Natureza*. In: SANCHES, M. A. [org.]. *Criação e Evolução: Diálogo entre Teologia e Biologia*. São Paulo: Ave Maria, 2013.

FEUERBACH, L. *Preleções sobre a essência da religião*. Trad. José da Silva Brandão. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2009.

_____. *A essência do cristianismo*. Trad. José da Silva Brandão. 4. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2013.

FLACH, J. A. *Edith Stein: Judia, Católica, Filósofa*. Canoas, RS: Salles, 2006.

FORTE, B. *Nos caminhos do Uno: metafísica e teologia*. Trad. Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2005.

FRANCA, L. *O método pedagógico dos jesuítas*. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

FRANCISCO DE ASSIS, S. *Cântico das Criaturas*, 12. In: _____. *Fontes Franciscanas I: Escritos — Biografias — Documentos*. 2. ed. Braga, 1994.

FRANCISCO, P. *Lettera Enciclica Laudato si'*: sulla cura della casa comune. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/it/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em 27 de junho de 2015.

_____. *Carta Encíclica Laudato si'*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. *Querida Amazônia: Exortação Apostólica Pós-sinodal ao Povo de Deus e a Todas as Pessoas de Boa Vontade*. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANK, A. *O Diário de Anne Frank*. Trad. Alves Calado. 45. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

_____. Carta sobre homossexualidade. In: IANNINI, G. [org.]. *Caro Dr. Freud: respostas do século XXI a uma carta sobre homossexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FREIRE, A. M. A. *Paulo Freire: uma história de vida*. 2. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2017.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 66. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 57. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

_____. *Pedagogia da tolerância*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

_____. De falar ao educando a falar a ele e com ele: de ouvir o educando a ser ouvido por ele. In: _____. *Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar*. 23. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

_____. *Entrevista: “a educação é um ato político”*. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/1357/3/FPF_OPF_07_015.pdf>. Acesso em 04 de agosto de 2018.

FREIRE, P; SHOR, I. *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FROMENT-MEURICE, M. *Sartre et l'existentialisme*. Paris: Les Intégrales de Philo, 1984.

FURIATTI FILHO, M. A. *Concepção de homem em Edith Stein*. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC Minas, Belo Horizonte [MG], 2000.

GAMBINI, R. *Espelho Índio — a formação da alma brasileira*. São Paulo: Axis Mundi/Terceiro Nome, 2000.

GAMBINI, R. Alma na pedra. In: CALLIA, M.; OLIVEIRA, M. F. de. [orgs.]. *Terra Brasilis: pré-história e arqueologia da psique*. São Paulo: Paulus, 2006.

GARCIA, J. T. *Edith Stein e a formação da pessoa humana*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1988.

_____. *Santa Edith Stein: Da Universidade aos altares*. Bauru [SP]: EDUSC, 1998.

GARCIA, J. T. & SCIADINI, P. *Edith Stein: Holocausto para seu povo*. São Paulo: Loyola, 1987.

GARCIA, J. T.; FERNANDES, M. & GOTO, T. A. Sabedoria Repartida. Ciência e arte de uma filósofa educadora. In: BACCARINI, E; D'AMBRA, M.; MANGANARO, P. & PEZZELLA, A. M.. *Persona, Logos, Relazione: Uma fenomenologia plural, scritti in onore de Angela Ales Bello*. Roma: Città Nuova, 2011.

GIBELATO, R. E. *A abertura do ser humano à transcendência segundo Edith Stein*. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Faculdade São Luiz, Brusque [SC], 2010.

GIRARD, R. *O bode expiatório*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.

GOBINEAU, J. A. *Ensayo sobre la desigualdad de las razas humanas*. Trad. Francisca Susanna. Barcelona: Apolo, 1937.

GOETHE, J. W. von. *Fausto: uma tragédia — Primeira parte*. Trad. Jenny Klabin Segall. 6. ed. São Paulo: 34, 2016.

GOMES, C. Por que o golpe acontece? In: JINKINGS, I. [Et al]. [Org]. *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2016.

GOTO, N. B. G. *O sentido da escola na formação humana: legado pedagógico de Edith Stein*. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC Minas, Belo Horizonte [MG], 2009.

GOTO, T. A.; GARCIA, J. T. *A presença do pensamento de Edith Stein no Brasil: do começo até os anos de 2012*. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologica/assets/2016/6.pdf>>. Acesso em: 14 de setembro de 2016.

GOULART, J. Entrevista concedida à Repùblica — Zagreb, 28 de abril de 1967. In: GOULART, J. V. *Jango e eu: memórias de um exílio sem volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

_____. Carta 1 — De Jango ao Jornal do Brasil. In: GOULART, J. V. *Jango e eu: memórias de um exílio sem volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

_____. Carta 2 — Ao Jornal do Brasil. In: GOULART, J. V. *Jango e eu: memórias de um exílio sem volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

_____. Carta 3 — De Jango ao presidente Kennedy em razão da crise dos mísseis. In: GOULART, J. V. *Jango e eu: memórias de um exílio sem volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

GOULART, J. V. *Jango e eu: memórias de um exílio sem volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

_____. Caderno 12 [1932] [excertos]: apontamentos e notas para um conjunto de ensaios sobre a história dos intelectuais. In: MONASTA, A. *Antonio Gramsci*. Trad. Paulo Nosella. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010.

_____. *Cadernos do cárcere*. Vol. 2. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRESH, A. *Israël, Palestine: vérités sur un conflit*. Paris: Fayard, 2001.

GRUPPI, L. *Tudo começou com Maquiavel*. Porto Alegre: L&PM, 1980.

GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação: Perspectivas*. Trad. Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva e Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2000.

HAUGHT, J. F. *Deus após Darwin: uma teologia evolucionista*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

HEIDEGGER, M. *Sobre o humanismo*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

_____. *A origem da obra de arte*. Trad. Maria da Conceição Costa. Lisboa: 70, 2000.

_____. *A caminho da linguagem*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis [RJ]: Vozes; Bragança Paulista [SP]: USF, 2003.

_____. *Beiträge zur Philosophie [Vom Ereignis]*. 3. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2003.

_____. *Ser e tempo*. Parte I. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 12. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes; Bragança Paulista [SP]: USF, 2002.

_____. *Ser e tempo*. Parte II. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 10. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes; Bragança Paulista [SP]: USF, 2002.

_____. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge Eduardo Rivera Cruchaga. 2. ed. Madrid: Trotta, 2009.

_____. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas, SP: UNICAMP; Petrópolis [RJ]: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, M., & BOSS, M. [org.]. *Seminários de Zollikon*. Petrópolis [RJ]: Vozes; Bragança Paulista [SP]: Universitária São Francisco, 2009.

HENRIQUES, M. C. Prefácio: Hitler e os Alemães — Uma breve meditação. In: VOEGELIN, E. *Hitler e os Alemães*. Trad. Elpídio Mário Dantas Fonseca. São Paulo: É Realizações, 2008.

HENRY, M. *Incarnation: une philosophie de la chair*. Paris: Seuil, 2000.

_____. *Fenomenologia materiale*. Trad. Edmondo De Liguori e Maria Lorella Iacarelli. Milano: Guerini E Associati, 2005.

_____. *Ver o invisível: Sobre Kandinsky*. Trad. Marcelo Rouanet. São Paulo: É Realizações, 2012.

_____. *Encarnação: uma filosofia da carne*. Trad. Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2013.

_____. *Palavras de Cristo*. Trad. Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2014.

_____. *Eu sou a Verdade: por uma filosofia do cristianismo*. Trad. Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2015.

HERBSTTRITH, W. *Na força da cruz*. Trad. Hermann Baaken. São Paulo: Nova Cidade, 1984.

_____. *Edith Stein: a loucura da cruz*. Paris: Éditions du Signe, 1997.

_____. *Edith Stein: a biography*. San Francisco: Harper and Row, 1985.

HERRERA, H. *Frida: a biografia*. Trad. Renato Marques. São Paulo: Globo, 2011.

HERZOG, F. *God-Walk: Liberation shaping dogmatics*. Maryknoll, NY: Orbis, 1988.

HINKELAMMERT, F. *Mercado versus direitos humanos*. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2014.

HITLER, A. *Minha luta*. Trad. Klaus Von Puschen. São Paulo: Centauro, 2001.

HJELMSLEV, L. T. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. José Teixeira Coelho Netto. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

HOBBS, T. *Leviatã: ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. Trad. Daniel Moreira Miranda. São Paulo: EDIPRO, 2015.

HOBBSAWM, E. J. *A era das revoluções: 1789-1848*. Trad. Maria Tereza Teixeira e Marcos Penchel. 38. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2017.

_____. *A era do capital: 1848-1875*. Trad. Luciano Costa Neto. 25. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2016.

_____. *A era dos impérios: 1875-1914*. Trad. Siene Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. 21. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2016.

_____. *A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *The Age of Extremes*. Londres: Michael Joseph, 1994.

_____. *Nações e Nacionalismo: desde 1780*. Trad. Marcia Cella Pacil e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. *Mundos do trabalho*. Trad. Waldea Barcellos e Sandra Bedran. 6. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. *Bandidos*. Trad. Donaldson M. Garschagen. 5. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. *Tempos fraturados*. Trad. Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. The cult of identity politics. *New Left Review* 217, 1998.

HOMERO. *Ilíada*. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

_____. *Odisseia*. Trad. Jaime Bruna. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

- _____. *Odisseia*. Trad. Trajano Vieira. 3. ed. São Paulo: 34, 2014.
- HOORNAERT, E. *Os anjos de Canudos: Uma revisão histórica*. 3. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1998.
- HÜHNE, L. M. Profetas do amor. In: BINGEMER, M. C. L.; YUNES, E. [Orgs]. *Profetas e profecias*. São Paulo: Loyola, 2002.
- HUISMAN, D. *História do existencialismo*. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru [SP]: EDUSC, 2001.
- HUSSERL, E. *Ideias relativas a una fenomenología pura y una filosofía fenomenológica*. Trad. José Gaos. 2. ed. México; Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1962.
- _____. *Investigaciones Lógicas*. Trad. M. Garcia Morente e J. Gaos. Madri: Revista de Occidente, 1967.
- _____. *Philosophie der Arithmetik*. Mit ergänzenden Texten [1890-1901]. Hrsg. von Lothar Eley. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1970.
- _____. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Trad. Urbano Zilles. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- _____. *Meditações cartesianas*. Trad. Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.
- _____. Dictamen de Edmund Husserl sobre la tesis de Edith Stein. In: STEIN, E. *Obras completas, I: escritos autobiográficos y cartas*. Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002.
- _____. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Trad. Márcio Suzuki. 6. ed. Sao Paulo: Ideias & Letras, 2006.
- _____. *Meditações cartesianas e conferências de Paris: de acordo com o texto de Husserliana I*. Trad. Pedro M. S. Alves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- _____. *Investigações Lógicas: investigação para a fenomenologia e a teoria do conhecimento*. Trad. Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- _____. *A ideia da fenomenologia*. Trad. Artur Morão. Lisboa: 70, 2018.
- _____. *Europa: crise e renovação — a crise da humanidade europeia e a filosofia*. Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Lisboa: Centro de Filosofia Universitas Olisiponesis, s/d.
- IANNINI, G. [org.]. Os destinos de uma carta são muitos. In: _____. *Caro Dr. Freud: respostas do século XXI a uma carta sobre homossexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- IHERING, R. *A luta pelo direito*. Trad. Edson Bini. Bauru [SP]: EDIPRO, 2001.
- INFANTE DEL ROSAL, F. *Ficción en la idea de empatía de Edith Stein*. Disponível em:

<<http://www.scielo.org.co/pdf/idval/v62n153/v62n153a07.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

JINKINGS, I. Apresentação: o golpe que tem vergonha de ser chamado de golpe. In: JINKINGS, I. [Et al]. [Org]. *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2016.

JOÃO DA CRUZ, S. *Obras completas*. 7. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2002.

JOÃO PAULO II, P. *Em nome de Deus... Em nome da Igreja... Em nome da Humanidade*. Bauru [SP]: EDUSC, 1998.

_____. 1ª Homilia — Festa da Beatificação — 1987. In: _____. *Em nome de Deus... Em nome da Igreja... Em nome da Humanidade*. Bauru [SP]: EDUSC, 1998.

_____. 2ª Homilia — Festa da Canonização — 1998. In: _____. *Em nome de Deus... Em nome da Igreja... Em nome da Humanidade*. Bauru [SP]: EDUSC, 1998.

_____. Proclamação: Co-Padroeira da Europa. In: SCIADINI, P. *Edith Stein*. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *Homilia do Papa João Paulo II na cerimônia de canonização de Edith Stein*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf_jp-ii_hom_11101998_stein.html>.

Acesso em 09 de agosto de 2018.

_____. *Carta do Papa João Paulo II aos bispos da Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1986/documents/hf_jp-ii_let_19860409_conf-episcopale-brasile.html>. Acesso em 24 de novembro de 2018.

_____. *Carta Encíclica Laborem Exercens do Sumo Pontífice João Paulo II aos veneráveis irmãos no episcopado aos sacerdotes às famílias religiosas aos filhos e filhas da Igreja e a todos os homens de boa vontade sobre o trabalho humano no 90º aniversário da Rerum Novarum*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091981_laborem-exercens.html>. Acesso em 24 de novembro de 2018.

_____. *Carta Encíclica Sollicitudo Rei Socialis do Sumo Pontífice João Paulo II pelo vigésimo aniversário da Encíclica Populorum Progressio*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html>. Acesso em 24 de novembro de 2018.

_____. *Carta Encíclica Centesimus Annus do Sumo Pontífice João Paulo II aos veneráveis irmãos no episcopado ao clero às famílias religiosas aos fiéis da Igreja católica e a todos os homens de boa vontade no centenário da Rerum Novarum*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html>. Acesso em 24 de novembro de 2018.

JOÃO XXIII, P. Mensagem de 11 de setembro de 1962. In: ALBERIGO, A. G. *Giovanni XXIII: profezia nella fedeltà*. Querigniana: Brescia, 1978.

_____. *Carta Encíclica Mater et Magistra de Sua santidade João XXIII aos veneráveis irmãos patriarcas, primazes, arcebispos, bispos e outros ordinários do lugar, em paz e comunhão com a Sé Apostólica, bem como a todo o clero e fiéis do orbe católico sobre a recente evolução da questão social à luz da doutrina cristã*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html>. Acesso em 24 de novembro de 2018.

_____. *Carta Encíclica Pacem in Terris do Sumo Pontífice Papa João XXIII aos veneráveis irmãos patriarcas, primazes, arcebispos, bispos e outros ordinários do lugar em paz e comunhão com a Sé Apostólica ao clero e fiéis de todo o orbe, bem como a todas as pessoas de boa vontade a paz de todos os povos na base da verdade, justiça, caridade e liberdade*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html>. Acesso em 24 de novembro de 2018.

_____. *Carta do Papa João Paulo II aos Artistas*. Disponível em: <<http://www.pastoralfamiliamt.com/vaticano-cartas-enciclicas/>>. Acesso em 27 de dezembro de 2018.

JOSAPHAT, C. *Bartolomeu de Las Casas: Espiritualidade contemplativa e militante*. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. *Tomás de Aquino e Paulo Freire: Pioneiros da inteligência, mestres geniais da educação nas viradas da história*. São Paulo: Paulus, 2016.

_____. Deus na fala e no sertão de Guimarães Rosa. In: _____. *Falar de Deus e com Deus: caminhos e descaminhos das religiões hoje*. São Paulo: Paulus, 2004.

JUAN DE LA CRUZ, S. Subida del Monte Carmelo. In: _____. *Obras Completas*. Madrid, BAC, 1982.

_____. Noche Oscura. In: _____. *Obras Completas*. Madrid, BAC, 1982.

_____. *Cântico Espiritual: resposta às angústias do homem de hoje*. Trad. Ana Paula Coutinho. São Paulo: Paulinas, 1980.

_____. *Chama Viva de Amor: a festa do Espírito Santo*. São Paulo: Loyola; São Roque, SP: Edições Carmelitanas, 1999.

KASPER, W. *A Igreja Católica: Essência, realidade e missão*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo [RS]: UNISINOS, 2012.

KAFKA, F. *Narrativas do espólio*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KAWA, E. *Edith Stein: A Abençoada pela Cruz*. Trad. Edson Gil. São Paulo: Quadrante, 1999.

KLEIN, M. *Psicanálise da Criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

KRAUS, K. *Os últimos dias da humanidade*. Trad. António Sousa Ribeiro. Lisboa: Antígona, 2003.

- _____. *Aforismos*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: Arquipélago, 2010.
- _____. Prefácio. In: TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO. *Os últimos dias da humanidade*: dá a impressão de que um aprendiz de feiticeiro se aproveitou da ausência do mestre. Mas em vez de água, há sangue. Disponível em: <<http://www.tnsj.pt/home/media/pdf/Manual%20de%20Leitura%20%C3%9Altimos%20Dias%20final.pdf>>. Acesso em 24 de novembro de 2018.
- KUSANO, M. B. *A Antropologia de Edith Stein: Entre Deus e a Filosofia*. 2009. 120 f. Dissertação [Mestrado em Ciências da Religião]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — PUC/SP, São Paulo [SP], 2009.
- _____. *A Antropologia de Edith Stein: Entre deus e a Filosofia*. São Paulo: Ideia & Letras, 2014.
- LAUFER, A. *A Experiência Religiosa do Ser Humano: Evidências em Carl Gustav Jung e Edith Stein*. 2013. 160 f. Dissertação [Mestrado em Teologia]. Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.
- LA BOÉTIE, E. de. *Discurso sobre a servidão voluntária*. Trad. Evelyn Tesche. São Paulo: Edipro, 2017.
- LEÃO XIII, P. *Carta Encíclica “Rerum Novarum” do Sumo Pontífice Papa Leão XIII a todos os nossos veneráveis irmãos, os patriarcas, primazes, arcebispos e bispos do orbe católico, em graça e comunhão com a Sé Apostólica sobre a condição dos operários*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html>. Acesso em 24 de novembro de 2018.
- LEITE, C. *A vida e a obra de Edith Stein* — Santa Teresa Benedita da Cruz — à luz de Sören Kierkegaard. Monografia [Especialização]. Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro — IFEN, Rio de Janeiro [RJ], 2008.
- LEITE, S. *Suma histórica da companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa: Resumo da História, 1965.
- LENZ-MÉDOC, P. L'idée de l'Etat chez Edith Stein. In: *Revue Les Études Philosophiques*, n. 11, 1956.
- LEONE XII, P. *Encíclica Etsi iam Diu*. Disponível em: <<https://w2.vatican.va/content/leo-xii/it/documents/breve-etsi-iam-diu-24-settembre-1824.html>>. Acesso em 14 de agosto de 2016.
- LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi Dei Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- LÉVINAS, E. *Totalidade e Infinito: Ensaio sobre a exterioridade*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.
- _____. *Humanismo do Outro Homem*. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1993.
- _____. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Trad. Pergentino Pivatto [Coord.] et al. 2. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2005.
- LIMA, R. E. 120 anos após fim da guerra de Canudos participação indígena no conflito ainda é menosprezada. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 27 de

outubro de 2017. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,120-anos-apos-fim-da-guerra-de-canudos-participacao-indigena-no-conflito-ainda-e-menosprezada,70002062930>>. Acesso em 27 de outubro de 2017.

LIMA VAZ, H. C. de. A experiência de Deus. In: BETTO, F. et al. *Experientar Deus hoje*. 2. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1976.

_____. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

LIPOVETSKY, G. *De la ligeireza: hacia una civilización de lo ligero*. Trad. Antonio-Prometeo Moya. Barcelona: Anagrama, 2016. <http://www.elboomeran.com/upload/ficheros/obras/001344_de_la_ligerez_a.pdf>. Acesso em 09/08/2018.

LISPECTOR, C. *A Paixão Segundo G. H.*: Romance. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

_____. *Uma aprendizagem, ou O Livro dos prazeres*. 18. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

LOBO, L. F. *Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

LOPES, M. As quatro famílias que decidiram derrubar um governo democrático. In: JINKINGS, I. [Et al]. [Org]. *Por que gritamos golpe?* Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

LUTERO, M. *Magnificat: o louvor de Maria. Aparecida* [SP]: Santuário; São Leopoldo [RS]: Sinodal, 2015.

LUTHER, M. On the Jews and Their Lies. In: _____. *Luther's Works*: Minneapolis: Fortress Press, 1971.

MAC DOWELL, J. A. O confronto de Edith Stein com o pensamento do primeiro Heidegger. In: MAHFOUD, M.; SAVIAN FILHO, J. [orgs.]. *Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia, educação*. São Paulo: Paulus, 2017.

MACHIAVELLI, N. *O príncipe*. Trad. Lívio Xavier. São Paulo: Ediouro, 2005.

MACINTYRE, A. *Edith Stein: un prólogo filosófico, 1913 — 1922*. Trad. Feliciano Merino Escalera. Granada, Espanha: Nuevo Inicio, 2008.

MAFRA, P. *O silêncio e o segredo do cabeça de cuia: violência contra gays, homofobia e militância LGBT no vale do Rio Guaribas*. Curitiba: Appris, 2015.

MAGALDI, S. Prólogo. In: GOMES, D. *O pagador de promessas*. 63. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

MAGRÃO, S.; SÁ, L. C. Caçador de mim. In: NASCIMENTO, M. *Caçador de mim*. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/milton-nascimento/cacador-de-mim.html>>. Acesso em 14 de maio de 2018.

MAHFOUD, M. *Unidade da pessoa segundo Edith Stein: contribuições à educação para a nutrição*. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v19n4/v19n4a03.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

_____. Centro pessoal e núcleo comunitário segundo Edith Stein: indicações para estudo sobre família. In: MOREIRA, L.; CARVALHO, A. M. A. [org.]. *Família, subjetividade, vínculos*. São Paulo: Paulinas, 2007.

MAHFOUD, M.; MASSIMINI, M. [orgs.]. *Edith Stein e a Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013.

MAHFOUD, M.; SAVIAN FILHO, J. [orgs.]. *Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia, educação*. São Paulo: Paulus, 2017.

MANGANARO, P. *Edith Stein e o nazismo*. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a09/manganaro04.pdf>>. Acesso em 09 de agosto de 2017.

MANSO, M. de D. B. *História da Companhia de Jesus em Portugal: uma obra pioneira e indispensável para a compreensão da importância dos jesuítas na História de Portugal e do mundo*. Lisboa: Cais da História, 2016.

MARCEL, G. *Êtreetavoir*. Paris: Aubier-Montaigne, 1935.

MARCIANO, J. E. de M., Frei. *Relatório apresentado pelo Revd. Frei João Evangelista de Monte Marciano ao Arcebispo da Bahia sobre Antonio Conselheiro e seu séquito no Arraial de Canudos, 1895*. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1987, p. 5. Disponível em: <<file:///D:/CEB%20130%20-%20Relatório%20apresentado%20pelo%20Revd.%20Frei%20João%20Evangalista%20de%20Monte%20Marciano%20ao%20Arcebispo%20da%20Bahia%20sobre%20Antonio%20Conselheiro%20e%20seu%20sequito%20no%20Arraial%20de%20Canudos%20-%201895.pdf>>. Acesso em 14 de setembro de 2019.

MARRUS, M. R.; PAXTON, R. O. *Vichy France and the Jews*. Stanford: Stanford University Press, 1995.

MARTINA, G. *História da Igreja de Lutero aos nossos dias, III: a era do liberalismo*. Trad. Orlando Soares Moreira. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MARTINS, A. H. C. Da monstração fenomenológica à demonstração lógica [apresentando Edith Stein]. In: DREHER, L. H. [org.]. *A essência manifesta: a fenomenologia nos estudos interdisciplinares da religião*. Juiz de Fora: UFJF, 2003.

MARX, K. Teses sobre Feuerbach [1845]. In: MARX, K., ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Moraes, 1984.

_____. *A miséria da filosofia*. Trad. José Paulo Netto. São Paulo: Global, 1985.

_____. *O capital*. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. *Contribuição à crítica da economia política*. Trad. Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. *A questão judaica*. Trad. Artur Morão. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/marx_questao_judaica.pdf>. Acesso em 22 de novembro de 2018.

MARX, K. & ENGELS, F. *A sagrada família, ou, A crítica da crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes*. Trad. Marcelo Backes. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. *Manifesto do Partido Comunista: o tratado político mais influente da história*. Trad. Petê Rissatti. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

MATTOSO, K. M. de Q. *Ser escravo no Brasil: séculos XVI-XIX*. Trad. Sonia Furhmann. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2016.

MAZA, L. M. de la. *Sobre el espíritu en Hegel y Edith Stein*. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0049-34492015000200006&lang=pt>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

MAZZAROLO, I. *Primeira Carta aos Coríntios: Exegese e Comentário*. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2008.

MEANA, D. I. R. *Alasdair MacIntyre: Edith Stein. A philosophical prologue [1913-1922]*. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/trf/n31/0188-6649-trf-31-175.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

MEIRELES, C. *Romanceiro da inconfidência*. 13. ed. São Paulo: Global, 2015.

_____. *Solombra*. 2. ed. São Paulo: Global, 2013.

MEIS, A. *La experiencia originaria del ser humano en el mundo y su relevancia para el quehacer científico, según Causalidad Psíquica de Edith Stein*. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/veritas/n40/0718-9273-veritas-40-00161.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

_____. *La certeza simple de ser y su relevancia hoy según Edith Stein*. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-36492017000100113&lang=pt>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

_____. *Investigaciones en curso: La certeza de ser: Acercamiento histórico-sistemático a la encrucijada entre Tomás y Agustín en Edith Stein, «Potenz und Akt»*. Proyecto Fondecyt Regular 2015-2016. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/tv/v57n3/art08.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

_____. *Gracia desbordante y teología práctica, según Edith Stein, Die Seelenburg*. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/tv/v54n1/art05.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

_____. *Edith Stein y Tomás de Aquino: repercusión sobre la cuestión de la mujer*. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/tv/v51n1-2/art02.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

_____. *La cuestión de la especialidad de la mujer en Edith Stein [1891-1942]*. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/tv/v50n4/art04.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

MENDES, A. R. P. *Edith Stein e a busca pelo sentido do ser: o itinerário da existência rumo ao ser eterno*. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Instituto São Tomás de Aquino — ISTA, Belo Horizonte [MG], 2013.

MENDES, E. S. *A experiência poética de Edith Stein*. Iniciação científica. Faculdade Nossa Senhora de Lourdes — FNSL, Porto Seguro [BA], 2005.

_____. *A existência humana em Ser e Tempo de Martin Heidegger*. Monografia [Especialização]. Universidade Católica de Brasília — UCB, Brasília [DF], 2005.

_____. *O velamento e o des-velamento de Deus em Edith Stein: um estudo do período fenomenológico [1915 — 1920]*. Iniciação científica. Faculdade Nossa Senhora de Lourdes — FNSL, Porto Seguro [BA], 2006.

_____. *Psicologia clínica e biblioterapia: a esperança no conto Baleia de Graciliano Ramos*. 2006. 104 f. Monografia [Licenciatura em Letras: Português e Literaturas da Língua Portuguesa]. Faculdade Nossa Senhora de Lourdes — FNSL, Porto Seguro [BA], 2006.

_____. *A analítica do Dasein em Martin Heidegger*. Monografia [Especialização], Instituto de Filosofia, Arte e Cultura — IFAC, Universidade Federal de Ouro Preto — UFOP, Ouro Preto [MG], 2007.

_____. *A arte em “A origem da obra de arte” de Martin Heidegger*. Monografia [Especialização]. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul — PUC/RS, Porto Alegre [RS], 2008.

_____. *Teoria e método fenomenológico em Edith Stein*. Iniciação científica. Faculdade João Calvino — FJC, Barreiras [BA], 2008.

_____. *O problema do Estado em Edith Stein*. Iniciação científica. Faculdade João Calvino — FJC, Barreiras [BA], 2009.

_____. *A experiência cristã de Deus de Edith Stein*. Iniciação científica. Faculdade João Calvino — FJC, Barreiras [BA], 2010.

_____. *A noção de Estado de Edith Stein*. Monografia [Especialização]. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC Minas, Belo Horizonte [MG], 2010.

_____. *A noção de Estado de Edith Stein*. In: VV.AA. *Direito canônico: coletânea de artigos*. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC Minas, 2011.

_____. *A questão do Estado como portador do acontecer histórico em Edith Stein*. Monografia [Licenciatura em História]. Universidade Nova Iguaçu — UNIG, Nova Iguaçu [RJ], 2013.

_____. *A existência do Estado em Edith Stein: um estudo onto-teológico da vida associada*. 2013. 227 f. Dissertação [Mestrado em Teologia]. Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2013.

_____. *Introdução à Fenomenologia*. *Revista Pistis Praxis: Teologia Pastoral*, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 307-312, jan./jun. 2013.

_____. *A comunidade estatal em Edith Stein*. 2014. 65 f. Monografia [Bacharelado em Teologia]. Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio, Rio de Janeiro [RJ], 2014.

_____. *A questão do Estado como portador do acontecer histórico em Edith Stein*. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Universidade Iguazu — UNIG, Nova Iguaçu [RJ], 2013.

_____. Que é isto — A “comunidade estatal” em Edith Stein? Um estudo em Teologia e Direitos Humanos. In: *Revista Pistis & Praxis*, Teologia Pastoral, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 909-928, set./dez. 2014.

_____. *A trilogia da beleza: arte, arquitetura e educação em Bernardo de Claraval*. 2016. 100 f. Monografia [Licenciatura em Artes Visuais]. Faculdade Mozarteum de São Paulo — FAMOSP, São Paulo [SP], 2016.

MENDONÇA, A. W. *Anísio Teixeira e a universidade da educação*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

MENDONÇA, T. E. Madre Tereza de Calcutá e Edith Stein: duas mulheres, um mesmo amor. In: BINGEMER, M. C. L.; YUNES, E. [Orgs]. *Profetas e profecias*. São Paulo: Loyola, 2002.

MESTERS, C. Apresentação. In: DÖLLE, C. *O caminho e Tito Brandsma: prisioneiro no tempo de Hitler*. Trad. Gabriel Haamberg. Belo Horizonte: O Lutador, 2014.

MIRIBEL, E. *Edith Stein: Como o Ouro Purificado pelo Fogo*. Aparecida [SP]: Santuário, 2001.

MODERNO, J. R. C. *Edith Stein: Teoria Filosófica do Estado*. Carta Mensal. Brasília, v. 703, 2013.

_____. Teoria do Estado e Liberdade Econômica em Edith Stein. In: CARVALHO, P. B. *Derivação e Positivização no Direito Tributário*. São Paulo: Noeses, 2013.

MOLTMANN, J. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Trad. Ivo Martinazzo. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2011.

_____. *O Deus crucificado — A cruz de Cristo como base e crítica para uma teologia cristã*. Trad. Juliano Borges de Melo. Santo André, SP: Academia Cristã, 2014.

MONTESQUIEU, C. S. *O Espírito das Leis*. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MOOMAL, H. [Et al]. *Perceived discrimination and mental health disorders: The South African Stress and Health study*. Disponível em: <<http://www.scielo.org.za/pdf/samj/v99n5/a28v99n5.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

MORAES, J. C. *A cruz em Edith Stein*. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Teologia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia — FAJE, Belo Horizonte [MG], 2010.

MORAES, M. A. B. de. *O problema mente-corpo na Psicologia Fenomenológica de Edith Stein: implicações para uma fundamentação da*

- ciência psicológica. 2016. 213 f. Dissertação [Mestrado em Psicologia]. Universidade Federal de Uberlândia — UFU, Uberlândia [MG], 2016.
- MORENO, J. L. *Psicodrama*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1975.
- MOSSE, G. L. *The Crisis of German Ideology: intellectual origins of the Third Reich*. Nova York: Howard Fertig, 1998.
- MOURA, L. D. de. *Missão e marco referencial*. Disponível em: <<http://www.puc-rio.br/sobrepuc/historia/>>. Acesso em 14 de novembro de 2018.
- MÜLLER, G. L.; GUTIÉRREZ, G. *Ao lado dos pobres: teologia da libertação*. Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2014.
- MUÑOZ, F. G. *Beneticta de la Cruz: Edith Stein, signo de contraticción*. Madriz: San Pablo, 2007.
- NABUCO, M. A. *Edith Stein: convertida, carmelita, mártir*. Petrópolis [RJ]/São Paulo: Vozes, 1955.
- NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- NOAKES, J.; PRIDHAM, G. *Nazism 1919-1945: The Rise to Power 1919-1934*. Exeter: University of Exeter Press, 1991.
- NOGUEIRA, A. *Antônio Conselheiro e Canudos*. São Paulo: Nacional, 1978.
- NOVINSKY, I. W. *Edith Stein [1891 — 1942] em busca da verdade em tempos sombrios*. 2012. 262 f. Tese [Doutorado em História Social]. Universidade de São Paulo — USP, São Paulo [SP], 2012.
- NUNES, I. P. *A fenomenologia da corporeidade em Edith Stein: buscando contribuições para a educação física. Iniciação científica*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo — USP, Ribeirão Preto [SP], 2010.
- NUSSBAUM, M. *La fragilidad del bien: fortuna y ética en la tragedia y la filosofía griega*. Trad. Antonio Ballesteros. Madrid: Visor, 1995.
- OLIVEIRA, A. L. de. *O cuidado como uma ética: contribuições de Edith Stein e Donald Winnicott*. 2014. 107 f. Dissertação [Mestrado em Psicologia Clínica]. Universidade de São Paulo — USP, São Paulo [SP], 2014.
- OLIVEIRA, M. L. G. *Edith Stein e o Sentido da Vida*. Rio de Janeiro: Presença, 1989.
- OTTONI, G. P. *Uma análise ontológica da experiência de dor em atletas lesionados: contribuições da fenomenologia de Edith Stein à psicologia*. Iniciação científica. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo — USP, Ribeirão Preto [SP], 2013.
- PALLARES, J. C. *Um pobre chamado Jesus: releitura do evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1988.

PALUMBO, C. A. de; BERTOLINI, A. *Logos y poesía como acontecimientos del mundo y de la carne: Edith Stein y Christophe Lebreton*. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/frcn/v58n165/v58n165a07.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

_____. *La alegría como signo de la nupcialidad en tensión escatológica: Christophe Lebreton - Edith Stein*. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/veritas/n32/art02.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

PARISE, M. C. I. *As Colorações da Alma na Análise da Pessoa Humana Segundo Edith Stein*. 2014. Dissertação [Mestrado em Filosofia]. Universidade Federal de São Paulo — UNIFESP, Guarulhos [SP], 2014.

PASSOS, J. D. *Para o diálogo com a universidade*. São Paulo: Paulus, 2016.

PAULO III, P. *Sublimis Deus*, 1537. Disponível em: <www.papalencyclicals.net/Paul03/p3subli.htm>. Acesso em 14 de março de 2018.

PAULO VI. Discurso aos Membros do Consilium de Laicis [em 2 de outubro de 1974]. In: *Ata Apostólica Sedes*, [AAS], 66 [1974].

_____. *Carta Encíclica Populorum Progressio de Sua Santidade Papa Paulo VI aos bispos, sacerdotes, religiosos, fiéis e a todos os homens de boa vontade sobre o desenvolvimento dos povos*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html>. Acesso em 24 de novembro de 2018. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html>. Acesso em 24 de novembro de 2018.

PEDRA, J. A. *Edith Stein: Uma Santa em Auschwitz*. Curitiba: Rosário, 1998.

PERETTI, C. *Edith Stein e as questões de gênero: perspectiva fenomenológica e teológica*. 2009. 304 f. Tese [Doutorado em Teologia]. Escola Superior de Teologia — EST, São Leopoldo [RS], 2009.

_____. *Nas trilhas de Edith Stein: gênero em perspectiva fenomenológica e teológica*. Curitiba: Appris, 2019.

PERETTI, C. e DULLIUS, V. F. *A arte de educar por uma pedagogia empática em Edith Stein*. Curitiba: Prismas, 2018.

PÉREZ, E. V. M. *El concepto de empatía [Einführung] en Max Scheler y Edith Stein*. Sus alcances religiosos y políticos. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/veritas/n38/0718-9273-veritas-38-00077.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

PERROT, M. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Trad. Denise Bottmann. 7. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

PESSOA, F. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

_____. Palavras de Pórtico. In: _____. *O Eu profundo e os outros eus*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

_____. *Livro do desassossego*: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Quando fui outro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

_____. *Eu[s]*: pequena antologia. São Paulo: Pá de Palavra, 2015.

_____. *Livro do Desassossego*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/vo000008.pdf>>. Acesso em 17 de setembro de 2015.

_____. *Vida e obra de Alberto Caeiro*. São Paulo: Global, 2017.

_____. *Poemas Completos de Alberto Caeiro*. Disponível em: <<https://www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/06/Poemas-de-Alberto-Caeiro.pdf>>. Acesso em 04 de março de 2017.

PIO VII, P. *Encíclica Etsi longíssimo*. Disponível em: <<https://w2.vatican.va/content/pius-vii/it/documents/breve-etsi-longissimo-30-gennaio-1816.html>>. Acesso em: 14 de agosto de 2016.

PIO XI, P. *Carta Encíclica Quadragesimo Anno de Sua Santidade Papa Pio XI aos veneráveis irmãos, patriarcas, primazes, arcebispos, bispos e demais ordinários em paz e comunhão com a Sé Apostólica bem como a todos os fiéis do orbe católico sobre a restauração e aperfeiçoamento da ordem social em conformidade com a lei evangélica no XL aniversário da encíclica de Leão XIII “Rerum Novarum”*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html>. Acesso em 24 de novembro de 2018.

PIORNO, Y. *A mística na contemporaneidade*: Edith Stein. Iniciação científica. Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio, Rio de Janeiro [RJ], 2010.

PLATÃO. Fédon. In: _____. *Diálogos*: O Banquete — Fédon — Sofista — Político. Trad. José Cavalcante de Souza [O Banquete], Jorge Paleikat e João Cruz Costa [Fédon, Sofista e Político]. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1972. Disponível em: <<http://geha.paginas.ufsc.br/files/2016/03/Plat%C3%A3o-cole%C3%A7%C3%A3o-os-pensadores-1973.pdf>>. Acesso em 09/08/2018.

_____. *A República*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

_____. *Diálogos I*: Teeteto [ou do conhecimento], Sofista [ou do ser], Protágoras [ou sofistas]. Trad. Edson Bini. Bauru [SP]: EDIPRO, 2007.

_____. Apologia de Sócrates. In: _____. *Diálogos III*: Socráticos – Fedro [ou o belo]; Eutífron [ou da religiosidade]; Apologia de Sócrates; Críton [ou do dever]; Fédon [ou da alma]. Trad. Edson Bini. Bauru [SP]: EDIPRO, 2008.

_____. *As leis, ou da legislação e epinomis*. Trad. Trad. Edson Bini. 2. ed. Bauru [SP]: EDIPRO, 2010.

PLUTARCO. *Vidas paralelas*: Agesilao, Pompeyo, Alejandro, Gayo Julio César. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bk000480.pdf>>. Acesso em 04 de agosto de 2018.

PONTES, D. C. *A constituição do ser humano no pensamento fenomenológico de Edith Stein*. Iniciação científica. Departamento de Filosofia, Universidade Federal de São João Del Rey — UFSJ, São João Del Rey [MG], 2012.

_____. *A empatia como condição e possibilidade de conhecimento do sujeito psicofísico em Edith Stein*. Iniciação científica. Departamento de Filosofia, São João Del Rey, Universidade Federal de São João Del Rey, 2013.

PONZILALACQUA, M. H. P. Intersubjetividade e direito no século XXI: a contribuição de Simone Weil e Edith Stein. In: FURLAN, V. C. P. [org.]. *Sujeito no direito: história e perspectivas para o século XXI*. Curitiba: CRV, 2013.

PRADO, A. *Poesia reunida*. São Paulo: Sicialiano, 1991.

_____. *A duração do dia*. 2. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2003.

_____. *Bagagem*. 19. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2003.

_____. *O coração disparado*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. *Terra de Santa Cruz*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

PONTIFICIA UNIVERSIDAD CATÓLICA DE CHILE — PUC DO CHILE. *Steiniana*: Revista de Estudios Interdisciplinarios. Disponível em: <<http://revistasteiniana.uc.cl/es/>>. Acesso em 24 de junho de 2018.

QUADROS, E. M.; BARBOSA, I. G. S. *Soberania, Estado e direito na fenomenologia de Edith Stein*. Disponível em: <<https://eticaefilosofia.ufjf.emnuvens.com.br/eticaefilosofia/article/view/6>>. Acesso em 04 de dezembro de 2018.

QUILLICI NETO, A. O ensino da filosofia no período da reforma pombalina e suas consequências na formação cultural do homem brasileiro: breve reflexão. In: *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, SP, n.27, p.29–37, set. 2007.

QUINTANA, M. Baú de espantos. In: _____. *Antologia poética*. Porto _____. *A cor do invisível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

_____. *Apontamentos de história sobrenatural*. 4. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

RABELO, A. A. *A concepção de Deus na obra “Ser finito e ser eterno” de Edith Stein*. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Universidade de Caxias do Sul — UCS, Caxias do Sul [RS], 2013.

RAHNER, K. *Escritos de teología III*. Trad. J. Molina, L. Ortega, A. P. Sánchez Pascual, E. Lator, PP. L. Maldonado, J. Blajot, S.J., A. Álvarez Bolado, S. J. e Jesús Aguirre. 2. ed. Madrid: Cristiandad, 2002.

_____. *Escritos de teología IV*. Trad. J. Molina, L. Ortega, A. P. Sánchez Pascual, E. Lator, PP. L. Maldonado, J. Blajot, S.J., A. Álvarez Bolado, S. J. e Jesús Aguirre. 2. ed. Madrid: Cristiandad, 2002.

_____. *Escritos de teología V*. Trad. Jesús Aguirre. 2. ed. Madrid: Cristiandad, 2003.

_____. *Escritos de teología VI*. Madrid: Taurus, 1967.

RAMOS, G. *Vidas Secas*. 94. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2004.

_____. *Linhas tortas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. Trad. Alberto Costa. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

RAMOSE, M. B. *Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana*. Trad. Dirce Eleonora Nigro Solis, Rafael Medina Lopes e Roberta Ribeiro Cassiano. Disponível em: <http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE_MB.pdf>. Acesso em 14 de março de 2018.

REALE, M. *Teoria Tridimensional do Direito*. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

RENAULT, D. *Indústria, escravidão, sociedade: uma pesquisa historiográfica no Rio de Janeiro no século XIX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

REES, L. *O holocausto: uma nova história*. Trad. Luis Reys Gil. São Paulo: Vestígio, 2018.

REZENDE, S. *Ô seu Manoel, tenha compaixão*. In: _____. ARBEX, D. *Holocausto Brasileiro: Genocídio — 60 mil mortos no maior hospício do Brasil*. São Paulo: Geração, 2013.

RIBEIRO, D. *América Latina: a pátria grande*. Rio de Janeiro: Fundação Drcy Ribeiro, 2012.

RIBEIRO, M. *Os 200 anos do genial e ainda polêmico Richard Wagner*. Disponível em: <<http://miltonribeiro.sul21.com.br/2013/12/20/os-200-anos-do-genial-e-aindapolemico=richard-wagner/#more-36843>>. Acesso em 14 de agosto de 2018.

RICORDI, A. A. D. *Experiência Mística em Edith Stein: Da Fenomenologia à Ciência da Cruz*. 2016. 104 f. Dissertação [Mestrado em Teologia]. Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2016.

RILKE, R. M. *O livro de horas*. Trad. Geir Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

_____. *Sonetos a Orfeu; Elegias de Duíno*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. 4. ed. USF, 2005.

ROCHA, M. C. M. da. *O Sentido de Formação em Edith Stein: Fundamento Teórico para uma Educação Integral*. 2014. 154 f. Tese [Doutorado em Educação: Psicologia da Educação]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — PUC/SP, São Paulo [SP], 2014.

ROCHA, R. C. *A questão do ser individual em Tomás de Aquino e Edith Stein*. Iniciação científica. Departamento de Filosofia, Universidade Federal de Goiás — UFG, Goiânia [GO], 2013.

_____. *Método e Metafísica em Edith Stein: Via agostiniana e via aristotélica no procedimento investigativo de ascensão ao sentido do ser*. 2016. 90 f. Dissertação [Mestrado em Filosofia]. Universidade Federal de Goiás — UFG, Goiânia [GO], 2016.

RODRIGUES, S. [org.]. *Cartas brasileiras: correspondências históricas, políticas, célebres, hilárias e inesquecíveis que marcaram o país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ROMANO, R. C. V. G. O Estado sob uma Perspectiva Fenomenológica: uma Leitura de Edith Stein. *Cadernos da EMARF: Fenomenologia e Direito*. Rio de Janeiro, v. 2, out. 2009/mar. 2010.

ROSA, J. G. Sorôco, sua mãe, sua filha e A Terceira Margem do Rio. In: _____. *Primeiras histórias*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967.

_____. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. *Grande sertão: veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

ROSA, V. G. *Relembraimentos: João Guimarães Rosa, meu pai*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ROSSI, D. A. *Corporeidade na Especificidade Humana em Edith Stein*. 2016. 100 f. Dissertação [Mestrado em Teologia]. Pontifícia Universidade Católica do Paraná — PUCPR, Curitiba [PR], 2016.

ROTTERDAM, E. *Elogio da Loucura*. Trad. Paulo M. de Oliveira. São Paulo: EDIPRO, 2015.

ROUSSEFF, D. V. Leia a íntegra do discurso da vitória de Dilma Rousseff. *ZH Notícias*, 31/10/2010. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2010/10/leia-a-integra-do-discurso-da-vitoria-de-dilma-rousseff-3094452.html>>. Acesso em 24 de outubro de 2018.

_____. *Impeachment Dilma Rousseff: o pronunciamento de Dilma na íntegra*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/12/politica/1463066147_922654.html>. Acesso em 24 de outubro de 2018.

ROUSSEAU, J.-J. *O contrato social: princípios do direito político*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

RUBIO, A. G. A teologia da criação desafiada pela visão evolucionista da vida e do cosmo. In: RUBIO, A. G. & AMADO, J. P. *Fé cristã e o pensamento evolucionista: aproximações teológico-pastoriais a um tema desafiador*. São Paulo: Paulus, 2012.

RUBIO, A. G. & AMADO, J. P. [orgs.]. *Fé cristã e pensamento evolucionista: aproximações teológico-pastoriais a um tema desafiador*. São Paulo: Paulinas, 2012.

SAMUEL, P. S. *A formação da mulher na filosofia de Edith Stein*. Trabalho de Conclusão de Curso, Departamento de Filosofia, Curitiba, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2012.

SÁNCHEZ-MIGALLÓN, S. *Alasdair MACINTYRE, Edith Stein*. Un prólogo filosófico, 1913-1922. Trad.: Feliciano Merino, Nuevo Inicio, Cranada 2008, 328 pp., 22 x 15, ISBN 978-84-936102-3-4. Disponível em: <<http://dadun.unav.edu/bitstream/10171/11558/4/Edith%20Stein.%20Un%20pro%CC%81logo%20filoso%CC%81fico%2c%201913-1922.pdf>>. Acesso em 14 de agosto de 2018.

SAND, S. *A invenção do povo judeu: da Bíblia ao sionismo*. Trad. Eveline Bouteiller. São Paulo: Benvirá, 2011.

SANTANA, L. *Edith Stein: a construção do ser pessoa humana*. São Paulo: Ideia & Letras, 2016.

SANTANA, T. V. *A concepção de corporeidade em Edith Stein*. Trabalho de Conclusão de Curso, Departamento de Filosofia, Brusque, Faculdade São Luiz, 2008.

SANTOS, M. N. P. B. dos. *A mulher em Edith Stein*. 2014. 45 f. Monografia [Licenciatura em Pedagogia]. Departamento de Educação — Campus XIV — Universidade do Estado da Bahia — UNEB, Conceição do Coité [BA], 2014.

SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira: romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAVIAN FILHO, J. *O toque do inefável: Apontamentos sobre a experiência de Deus em Edith Stein*. Bauru: EDUSC, 2000.

_____. *Fé e razão: uma questão atual?* São Paulo: Loyola, 2005.

SAVIANI, D. *Pedagogia no Brasil: história e teoria*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SBERGA, A. A. *A formação da pessoa em Edith Stein: contribuição para a construção de itinerários educativos para crianças, adolescentes e jovens*. 2013. 303 f. Tese [Doutorado em Psicologia]. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo — USP, Ribeirão Preto [SP], 2013.

SBERGA, A. A. *A Formação da Pessoa Humana em Edith Stein: Um percurso de conhecimento no núcleo interior*. São Paulo: Paulus, 2014.

SCHELER, M. *Modelos e líderes*. Trad. Ireneu Martin. Curitiba: Champagnat, 1998.

_____. *Der Formalismus in der Ethik und die materielle Wertethik*. Gesammelte Werke; Band 2. Bonn: Bouvier, 2000.

SCHILLEBEECKX, E. *Jesus: a história de um vivente*. Trad. Frederico Stein. São Paulo: Paulus, 2008.

SCHMITZ, E. *Os jesuítas e a educação: a filosofia educacional da Companhia de Jesus*. São Leopoldo [RS]: UNISINOS, 1994.

SCIADINI, P. *Edith Stein: Perder para ganhar*. Fortaleza: Shalom, 1999.

_____. *Edith Stein Diz...* São Paulo: Loyola, 2004.

_____. *Edith Stein: Perder para Ganhar*. Fortaleza: Shalom, 2007.

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação, 1.º tomo*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DA SAÚDE PÚBLICA DE SÃO PAULO. *Decreto nº 6.283, de 25 de janeiro de 1934*. Disponível em: <<http://www.leginf.usp.br/?historica=decreto-n-o-6-283-de-25-de-janeiro-de-1934>>. Acesso em 24 de outubro de 2018.

_____. *Decreto Estadual nº 9.269, de 25 de junho de 1938*. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1938/decreto-9403-10.08.1938.html>>. Acesso em 24 de outubro de 2018.

SER FINITO e Ser Eterno: a contribuição da fenomenologia para a clínica contemporânea. Aula 1 — DVD 1 — Edith Stein, sua vida e seu aporte à filosofia, à pedagogia e à clínica. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2007, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

SER FINITO e Ser Eterno: a contribuição da fenomenologia para a clínica contemporânea. Aula 1 — DVD 2 — Edith Stein, sua vida e seu aporte à filosofia, à pedagogia e à clínica. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2007, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

SER FINITO e Ser Eterno: a contribuição da fenomenologia para a clínica contemporânea. Aula 2 — DVD 1 — Experiência vital e essência. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2003, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

SER FINITO e Ser Eterno: a contribuição da fenomenologia para a clínica contemporânea. Aula 2 — DVD 2 — Experiência vital e essência. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2003, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

SER FINITO e Ser Eterno: a contribuição da fenomenologia para a clínica contemporânea. Aula 3 — DVD 1 — Conhecimento pela razão e inteligência. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2007, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

SER FINITO e Ser Eterno: a contribuição da fenomenologia para a clínica contemporânea. Aula 3 — DVD 2 — Conhecimento pela razão e inteligência. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2007, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

SER FINITO e Ser Eterno: a contribuição da fenomenologia para a clínica contemporânea. Aula 4 — DVD 1 — Introdução ao conceito de eu sou.

Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2003, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

SER FINITO e Ser Eterno: a contribuição da fenomenologia para a clínica contemporânea. Aula 4 — DVD 2 — Introdução ao conceito de eu sou. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2003, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

SER FINITO e Ser Eterno: a contribuição da fenomenologia para a clínica contemporânea. Aula 5 — DVD único — Conceito de hiletica. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2003, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

SER FINITO e Ser Eterno: a contribuição da fenomenologia para a clínica contemporânea. Aula 6 — DVD único — Conceito de pessoa e comunidade. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2003, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

SER FINITO e Ser Eterno: a contribuição da fenomenologia para a clínica contemporânea. Aula 7 — DVD único — O eu sou e o EU SOU. Direção: Gilberto Safra. Produção: Laboratório de Estudos da Transicionalidade — LET [PUC/SP]. São Paulo: Sobornost, 2003, 1 DVD. [Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica].

SERTILLANGES, A.-D. *A vida intelectual: seu espírito, suas condições, seus métodos*. Trad. Lilia Lendon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2010.

SHAKESPEARE, W. *O mercador de Veneza*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

_____. *A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca*. Trad. Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

SILVA, A. B. & CECÉU. *Por debaixo dos panos*. Disponível em: <<http://clipvinil.blogspot.com/2011/07/raimundo-sodre-massa.html>>. Acesso em 14 de maio de 2018.

SILVA, A. M. B. da. *O Sentido da Pessoaalidade da Mulher em Edith Stein*. 2014 86 f. Dissertação [Mestrado Profissional em Teologia]. Escola Superior de Teologia — EST, São Leopoldo [RS], 2014.

SILVA, A. R. da; SILVA; J. M. S. da; CARMO, V. S. *A formação da pessoa humana em Edith Stein*. 2014. 59 f. Monografia [Licenciatura em Pedagogia]. Departamento de Educação — Campus XIV — Universidade do Estado da Bahia — UNEB, Conceição do Coité [BA], 2014.

SILVA, D. P. Uma leitura da obra “O problema da empatia” de Edith Stein. Iniciação científica. Departamento de Filosofia, Universidade Federal de São Paulo — UNIFESP, Guarulhos [SP], 2012.

SILVA, E. E. *Edith Stein: a formação humana e o significado do trabalho*. Monografia [Especialização]. Departamento de Filosofia, Universidade Federal de Pernambuco — UFPE, Recife [PE], 2010.

SILVA, J. A. da. *Curso de Direito Constitucional Positivo*. 38. ed. São Paulo: Malheiros, 2015.

SILVA, J. C. da. *A especificação da antropologia: entre Deus e a filosofia na obra de Edith Stein*. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Ciências da Religião, Faculdades Integradas Claretianas, Rio Claro [SP], 2008.

SILVA, L. C. de C. *A empatia e o diálogo judaico-cristão em Edith Stein*. 2013 205 f. Dissertação [Mestrado em Ciência da Religião]. Universidade Federal de Juiz de Fora — UFJF, Juiz de Fora [MG], 2013.

_____. *Edith Stein: fé e transformação social na obra “A Ciência da Cruz”*. 2018. 420 f. Tese [Doutorado em Teologia]. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio, Rio de Janeiro [RJ], 2018.

_____. *Edith Stein — João da Cruz: teologia e sociedade*. Belo Horizonte: Artesã, 2019.

SILVA, S. P. Exclusão e retorno do ensino da filosofia nas escolas públicas estaduais mineiras. In: *Revista de Educação e Filosofia*, vol. 11, n. 21-22, jan.-jun. e jul.-dez./1997.

SILVA, U. R. Intersubjetividade e empatia no olhar de Edith Stein. In: SILVA, U. R. [Et al]. *Gênero, arte e memória: ensaios interdisciplinares*. Pelotas: UFPEL, 2009.

SILVEIRA, J. *Na fogueira: memórias*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SILVEIRA, N. da. *Imagens do inconsciente*. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2015.

SOBRINO, J. *Onde está Deus? Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia*. Trad. Beatriz Neves da Fontoura. São Leopoldo [RS]: Sinodal, 2007.

SODRE, R. PORTUGAL, J. *A massa*. Disponível em: <<http://clipvinil.blogspot.com/2011/07/raimundo-sodre-massa.html>>. Acesso em 14 de maio de 2018.

SOLON, A. M. A Fenomenologia do Estado, Direito e Religião Segundo Edith Stein. *Ciências da Religião: História e Sociedade*. São Paulo, v. 4, n. 1, 2006.

_____. A Fenomenologia do Estado, Direito e Religião Segundo Edith Stein. *Ciências da Religião: História e Sociedade*. Disponível em: <http://www.sfjp.ifcs.uff.br/revista/downloads/a_fenomenologia_do_direito_de_edith_stein.pdf>. Acesso em: 04 de agosto de 2016.

_____. Estado, Direito e Religião no Pensamento de Edith Stein. In: VV. AA. *Direito, Ciência e Arte*. Campinas, SP: Edicamp, 2001.

SAINT-EXUPÉRY, A. *O Pequeno Príncipe*. Trad. Dom Marcos Barbosa. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

STEIN, E. Vida de una Familia Judia. In: _____. *Obras completas, I: escritos autobiográficos y cartas*. Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002.

_____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018.

_____. Cómo Llegué al Carmelo de Colonia. In: _____. *Obras completas, I: escritos autobiográficos y cartas*. Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002.

_____. Testamento. In: _____. *Obras completas, I: escritos autobiográficos y cartas*. Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002.

_____. Voto de hacer lo más Perfecto. In: _____. *Obras completas, I: escritos autobiográficos y cartas*. Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002.

_____. Curriculum Vitae. In: _____. *Obras completas, I: escritos autobiográficos y cartas*. Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002.

_____. Cartas. In: _____. *Obras completas, I: escritos autobiográficos y cartas*. Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002.

_____. Apéndices. In: _____. *Obras completas, I: escritos autobiográficos y cartas*. Trad. Jesús García Rojo, OCD; Ezequiel García Rojo, OCD; Fco. Javier Sancho Fermín, OCD; Constantino Ruiz-Garrido, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002.

_____. Sobre el Problema de la Empatía. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2*. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

_____. *Sobre el problema de la empatía*. Trad. José Luis Caballero Bono. Madrid: Trotta, 2004.

_____. *Sobre el problema de la empatía*. Trad. Alberto Pérez Monroy. Ciudad de México: Universidad Iberoamericana, 1995.

_____. *Il problema dell'empatia*. Trad. E. Costantini e E. S. Costantini. Roma: Studium, 1985.

_____. Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften. *Jahrbuch für Philosophie und*

phänomenologische Forschung, vol. V, Max Niemeyer Verlag, Tübingen, 1922.

_____. Contribuciones a la Fundamentación Filosófica de la Psicología y de las Ciencias del Espíritu. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

_____. *Psicologia e scienze dello spirito: contributi per una fondazione filosofica*. 2. ed. Presentazione di Angela Ales Bello, Trad. A. M. Pezella. Roma: Città Nuova, 1999.

_____. Una Investigación Sobre el Estado. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

_____. *Una ricerca sullo Stato*. 2. ed. Trad. Ângela Ales Bello. Roma: Città Nuova, 1999.

_____. Introducción a la Filosofía. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

_____. Prólogo [al escrito de Adolf Reinach "Sobre la esencia del movimiento"]. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

_____. Apéndices. In: _____. *Obras completas, II: escritos filosóficos* [Etapa fenomenológica: 1915-1920]. vol. 2. Trad. Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2005.

_____. Naturaleza, Libertad y Gracia [1921]. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

_____. Verdad — Espíritu — Palabra [1921]. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

_____. ¿Que és Fenomenología? In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

_____. ¿Que és Filosofía? Un Diálogo entre Edmund Husserl y Tomás de Aquino. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

_____. O Que é Filosofia? — Uma Conversa entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. *Scintilla: Revista de Filosofia e Mística Medieval*. Curitiba: Faculdade de Filosofia São Boaventura, v. 2, n. 2, jul/dez, 2005.

_____. La Fenomenología de Husserl y la Filosofía de Santo Tomás de Aquino: Ensayo de una Confrontación. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

_____. Acto y Potencia: Estudios Sobre una Filosofía del Ser. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

_____. La Significación de la Fenomenología para la Visión del Mundo. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

_____. Conocimiento, Verdad e Ser. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

_____. Prólogos. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

_____. La Fenomenología [Intervenciones de Edith Stein en la jornada de estudios de la sociedad tomista]. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

_____. Ser Finito e Ser Eterno: Ensayo de una Ascensión al Sentido del Ser. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

_____. *Essere finito e essere eterno: per una elevazione al senso dell'essere*. Trad. Ángela Ales Bello. Roma: Città Nuova, 1999.

_____. *Ser Finito y Ser Eterno*: ensayo de una ascensión al sentido del ser. Trad. Alberto Pérez Monroy. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

_____. *Ser finito e ser eterno*. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

_____. Apéndices. In: _____. *Obras Completas, III: Escritos Filosóficos — Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. Trad. Alberto Pérez, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. vol. 3. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007.

_____. Verdad y Claridad en la Enseñanza y en la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. El Valor Específico de la Mujer en su Significado para la Vida del Pueblo. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. Los Tipos de Psicología y su Significado para la Pedagogía. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. Sobre la Lucha por el Maestro Católico. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. La colaboración de los Centros Conventuales en la Formación Religiosa de la Juventud. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. Fundamentos Teóricos de la Labor Social de Formación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]*. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. Educación Eucarística. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. El Ethos de las Profesiones Femeninas. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. Sobre el Concepto de Formación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. Fundamentos de la Formación de la Mujer. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. El Intelecto y los Intelectuales. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. El Misterio de la Navidad. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. La Misión de la Mujer. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. *A Mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*. Bauru: EDUSC, 1999.

_____. Isabel de Hungría: Natural y sobrenatural en la formación de una figura de santa. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad.

Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. Vocación del Hombre y de la Mujer Según el Orden de la Naturaleza y de la Gracia. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. Configuración de la Vida en el Espíritu de Santa Isabel. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. Vida Cristiana de la Mujer. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. Maestras de Formación Universitaria y de Magisterio. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. Natural e Sobrenatural en el Fausto de Goethe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. El Arte Materno de la Educación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. Tiempos Difíciles y Formación. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. Misión de la Mujer Académica Católica. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. Tarea de la Mujer como Guía de la Juventud hacia la Iglesia. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. Formación de la Juventud a la Luz de la Fe Católica. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. Fundamentación Teórica de la Formación de la Mujer. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. Problemas de la Formación de la Mujer. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. Estructura de la Persona Humana. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. *La Struttura della Persona Umana*. Trad. Michele D'Ambra. Roma: Città Nuova, 2000.

_____. *La estructura de la persona humana*. Madrid: BAC, 2003.

_____. ¿Qué es el Hombre? La Antropología de la Doctrina Católica de la Fe. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. Recensiones. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. Apéndices. In: _____. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magisterio de vida cristiana, 1926-1933]. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follich de Aginaga. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

_____. Una Maestra en la Educación y en la Formación: Teresa de Jesús. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. El Castillo Interior. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. La Oración de la Iglesia. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. *A oração da Igreja*. Trad. Companhia das Virgens. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

_____. Caminos del Conocimiento de Dios. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. Ciencia de la Cruz. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. *A Ciência da Cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. El Misterio de la Natividad. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. *O Mistério do Natal*. Trad. Hermano José Cürten. Bauru [SP]: EDUSC, 2000.

_____. Amor con Amor: vida e obra de santa Teresa de Jesús. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933

— 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. Santa Teresa Margarita del Corazón de Jesús. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. Sobre la Historia y el Espíritu del Carmelo. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. 300 años del Carmelo de Colonia. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. Una Mujer Alemana y Gran Carmelita: Madre Francisca de los Infinitos Méritos de Jesús, OCD. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. Un Refordor Conventual: El P. Andrés de San Romualdo, OCD, 1819 — 1883. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. Un Instrumento Elegido de la Sabiduría Divina: Hna. María Amada de Jesús. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. Dichosos los Pobres en el Espítitu. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. Amor por la Cruz: algunos pensamientos con ocasión de la fiesta del Santo Padre Juan de la Cruz. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. Sancta Discretio. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. Exaltación de la Cruz. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. Vida Escondida y Epifanía. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. En Ocasión de la Profisión de la Hna. Miriam. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. Las Bodas del Cordero. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. En la Fiesta de la Epifanía de 1941. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. Elevación de la Cruz. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. Los Três Reyes Magos. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. Prelado Joshep Schwind. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. Necrología de la Hermana Inés. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. Exaltación de la Cruz. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. Piezas Teatrales. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. Poesías. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. Caderno de Notas Personales: ejercicios espirituales, poesías y notas bíblico-litúrgicas. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. Apéndices. In: _____. *Obras completas, V: escritos espirituales* [En el Carmelo Teresiano: 1933 — 1942]. vol. 5. Trad. Julen Urkiza e Francisco Javier Sancho, OCD. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

_____. *Los caminos del silencio interior*. Trad. Andrés Bejas e Sabine Spitzlei. 5. ed. Buenos Aires, 2007.

_____. *Teu coração deseja mais: reflexões e orações*. Trad. Enio Paulo Giachini. 2. ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 2014.

STRECK, L. L.; MORAIS, J. L. B. de. *Ciência Política & Teoria Geral do Estado*. 8. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2014.

STUART, M. Carta 004: Serei executada — de Maria Stuart para Henrique III da França, 8. fev. 1587. In: USHER, S. *Cartas extraordinárias: a correspondência inesquecível de pessoas notáveis*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SUÁREZ, L. G. *La presencia de Dios en el castillo interior: en torno a la complementariedad de la antropología mística de Santa Teresa de Jesús y la antropología fenomenológica de Edith Stein*. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/valencia/v11n21/2007-2538-valencia-11-21-127.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

SUASSUNA, A. Euclides da Cunha, Canudos e o Exército. In: _____. FERNANDES, R. de. [org.]. *O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões*. São Paulo: Geração, 2002.

SUE, E. *Le juif errant*. Paris: Robert Laffont, 1983.

SZALAY, M. *Edith Stein, Patron of Europe. Meditation on Philosophy as Testimony*. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/rfoi/v5n7/v5n7a8.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2018.

TAGORE, R. *Poesiamística: lírica breve*. São Paulo: Paulus, 2003.

TAVARES, B. Tradição popular e recriação no Auto da Compadecida. In: SUASSUNA, A. *Auto da Compadecida*. 36. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

TAVARES, O. *Canudos, cinquenta anos depois*. Salvador: Conselho Estadual de Cultura, 1993.

TAVARES, S. *O problema da empatia em Edith Stein*. Monografia de Especialização, Departamento de Filosofia, Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

TECGLLEN, E. H. No fastidien más. *El país digital*, 9 mar., 2000.

TERESA DE ÁVILA, S. *Moradas do castelo interior*. Trad. Manuel de Lucena. 260. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

TERESA DE JESUS, S. *Aspirações à Vida Eterna*. In: _____. *Obras Completas*: Teresa de Jesus. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves, Marcos Marcionilo e Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 2002.

_____. *Caminho de Perfeição*. In: _____. *Obras Completas*: Teresa de Jesus. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves, Marcos Marcionilo e Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 2002.

_____. *Castelo interior*. In: _____. *Obras Completas*: Teresa de Jesus. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves, Marcos Marcionilo e Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 2002.

_____. *Eficácia da Paciência, IX*. In: _____. *Obras Completas*: Teresa de Jesus. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves, Marcos Marcionilo e Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 2002.

_____. *Livro da Vida*. In: _____. *Obras Completas*: Teresa de Jesus. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves, Marcos Marcionilo e Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 2002.

_____. *Poesias*. In: _____. *Obras Completas*: Teresa de Jesus. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves, Marcos Marcionilo e Madre Maria José de Jesus. São Paulo: Carmelitanas; Loyola, 2002.

TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

TOMÁS DE AQUINO, S. *Suma contra os gentios, II*. Trad. Murílio José de Oliveira Camello. São Paulo: Loyola, 2015.

_____. *Suma teológica: teologia, Deus, trindade [Questões 1-43]*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2016.

TÖNNIES, F. *Comunidad y sociedad*. Trad. José Rovira Armengol. Buenos Aires: Losada, S. A., 1947.

_____. *Desarrollo de la cuestión social*. Trad. Manuel Reventós. 2. ed. Barcelona — Buenos Aires: Labor S.A., 1933.

TORRADEFLOT, F. *Diversidad y libertad espiritual: desafíos actuales y análisis comparativo de clásicos universales de la sabiduría espiritual*. Ávila: CITeS — Universidad de la Mística; Burgos: Grupo Editorial Fonte, 2016.

TRONCARELLI, M. C.; WÜKER, E.; KAHN, M. *Livro das Águas: índios do Xingu*. São Paulo: ISA, 2002.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Trad. Mário da Gama Kury. 4. ed. Brasília: Universidade de Brasília — UnB, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

TUROLLO, J. Edith Stein. In: BINGEMER, M. C.; PINHEIRO, M. R. [orgs.]. *Narrativas Místicas: Antologia de textos místicos da história do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2016.

TUTU, D. *Deus não é cristão e outras provocações*. Trad. Lilian Jenkino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012.

_____. *O livro do perdão: para curarmos a nós mesmos e o nosso mundo*. Trad. Heloisa Leal. Rio de Janeiro: Valentina, 2014.

UNIVERSIDAD CATÓLICA DE SANTA FE — UCSF. *El estudio de las relaciones entre la Psicología y la Fenomenología em Edith Stein*. Disponível em: < <http://noticias-ucsf.blogspot.com/2010/10/encuentros-filosoficos-con-angela-ales.html>>. Acesso em 24 de junho de 2018.

VALENTE, W. *Misticismo e Religião: Aspectos do sebastianismo nordestino*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco, 1963.

VARELLA, D. *Estação Carandiru*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VARGAS LLOSA, M. *A Guerra do Fim do Mundo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

VATTEL, E. de. *O direito das gentes*. Trad. Vicente Marotta Rangel. Brasília: UnB, 2004.

VATICANO. Cân. 1752. *Código de Direito Canônico*. Trad. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

VELADIANO, M. Teresa Benedita da Cruz — a judia cristã. In: VV.AA. *Mulheres à frente de seu tempo*. Trad. Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulus, 2017.

VIEIRA, A. Sermão da Epifania, IV. In: _____. *Sermões: Padre Antônio Vieira*. Tomo 1. São Paulo: Hedra, 2014.

_____. Sermão do Espírito Santo, VI. *Sermões: Padre Antônio Vieira*. Tomo 1. São Paulo: Hedra, 2014.

_____. Sermão de Santo Antônio, V. In: _____. *Sermões: Padre Antônio Vieira*. Tomo 2. São Paulo: Hedra, 2014.

_____. Sermão pelo Bom Sucesso de Nossas Armas, V. In: _____. *Sermões: Padre Antônio Vieira*. Tomo 2. São Paulo: Hedra, 2014.

_____. *Sermão do Espírito Santo*, VI. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000019pdf.pdf>>. Acesso em 09 de agosto de 2017.

VIEIRA, E. *A ditadura militar. 1964 — 1985 — momentos da República brasileira*. São Paulo: Cortez, 2014.

VIEIRA, F. R. F. *O desenrolar do pensamento filosófico de Edith Stein da universidade ao carmelo*. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Centro Universitário Assunção — UNIFAI, São Paulo [SP], 2001.

VIEIRA, M. S. *Investigações fenomenológicas em Edith Stein*. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Faculdade de São Bento da Bahia — FSBB, Salvador [BA], 2011.

VOEGELIN, E. World Empire and the Unity of Mankind. *International Affairs* 38, n. 2, 1962.

_____. The Origins of Totalitarianism. *The Review of Politics*, 15, n. 1, 1953.

VON DOHM, C. W. Concerning the Amelioration of the Civil Status of the Jews. In: MENDES-FLOHR, P; REINHARZ, J. *The Jews in the Modern World: a documentary history*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

ŽIŽEK, S. O cristianismo contra o sagrado. In: ŽIŽEK, S.; GUNJEVIĆ, B. *O sofrimento de Deus: inversões do Apocalipse*. Trd. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

WELCH, D. *Propaganda and the German Cinema: 1933-1945*. Oxford: Oxford University Press, 1985.

WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 8. ed. São Leopoldo [RS]: Sinodal, 2016.

WILLIAMS, R. A. *The American Indian in western legal thought*. Oxford: Oxford University Press, 1990.

WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Trad. Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

WOLFF, H. W. *Antropologia do Antigo Testamento*. Trad. Antônio Steffen, S. J. São Paulo: Loyola, 1983.

XAVIER, B. *A antropologia de Edith Stein*. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte [MG], 2001.

YOUNG, J. *The Exclusive Society*. Londres: Sage, 1999.

ZANINI, F. E. *A filosofia feminista de Edith Stein*. Trabalho de Conclusão de Curso — TCC. Departamento de Filosofia, Universidade Metodista de Piracicaba — UNIMEP, Piracicaba [SP], 2001.

ZWETSCH, R. E. *Vigília: Salmos para tempos de incerteza*. São Leopoldo: Sinodal, 1994.